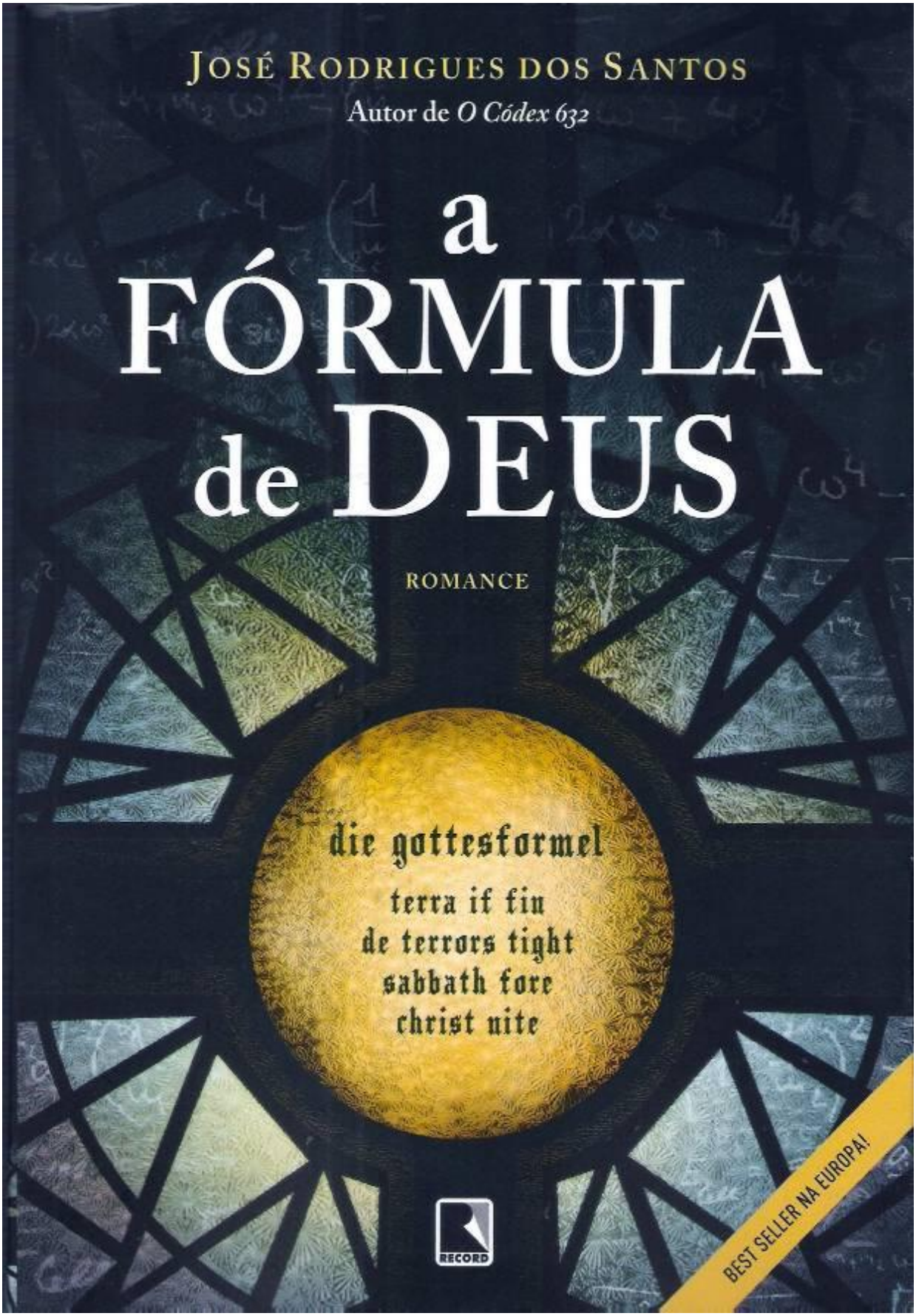


José Rodrigues dos Santos

A FÓRMULA DE DEUS



À Florbela

"Eu sou o Alfa e o Ômega,
o principio e o fim
aquele que é e que era,
e que há de vir,
o Todo-Poderoso."
APOCALIPSE, I, 8

Aviso

Todos os dados científicos aqui apresentados são verdadeiros.
Todas as teorias científicas aqui expostas são defendidas por físicos e matemáticos.

Prólogo

O homem dos óculos escuros riscou o fósforo e colou a chama violácea à ponta do cigarro. Aspirou forte e uma nuvem acinzentada ergueu-se do rosto, devagar, fantasmagórica. O homem percorreu a rua com o olhar azul e apreciou a placidez daquele recanto aprazível.

Fazia sol, os arbustos coloriam de verde os jardins mimosos, graciosas casas de madeira espreitavam a rua, as folhas tremelicavam sob a brisa leve da manhã; o ar ameno encheu-se de aroma e melodia, perfumado pela fragrância fresca das glicínias, embalado pelo estridular laborioso das cigarras na relva rasteira e pelo arrulhar meigo de um beija-flor. Uma gargalhada despreocupada juntou-se ao harmonioso concerto da natureza, era uma criança loira que guinchava de alegria e saltitava pelo passeio, puxando um colorido papagaio por uma corda.

Primavera em Princeton.

Um zumbido longínquo atraiu a atenção do homem dos óculos escuros. Esticou a cabeça e fixou os olhos no fundo da rua. Três motos da polícia emergiram do lado direito, encabeçando uma fila de carros que se aproximava a grande velocidade; o zumbido cresceu e transformou-se num ronco estrepitoso. O homem tirou o cigarro da boca e esmagou-o no cinzeiro sobre o parapeito da janela.

"Estão chegando", disse, voltando a cabeça para trás.

"Começo a gravar?", perguntou o outro, o dedo pousado sobre o botão de uma máquina com uma fita magnética.

"Sim, é melhor."

A fila de automóveis imobilizou-se com espalhafato diante da casa do outro lado da rua, uma moradia branca de dois pisos, com um alpendre dianteiro, desenhada em estilo revivalista grego; polícias fardados e outros à paisana assumiram o controlo do perímetro e um homem corpulento, evidentemente um guarda-costas, foi abrir a porta do Cadillac negro que estacionou diante da entrada da casa. Um homem de idade, de cabelos brancos sobre as orelhas e calvo no topo da cabeça, saiu do Cadillac e ajeitou o seu terno escuro.

"Já vejo o Ben Gurion", disse, da janela da casa oposta, o homem dos óculos escuros.

"E o nosso amigo? Já apareceu?", perguntou o homem do gravador, frustrado por não poder ir à janela observar a cena.

O dos óculos escuros desviou os olhos do Cadillac para a casa. A imagem familiar do homem de idade, ligeiramente curvado e os cabelos alvos penteados para trás, um farfalhudo bigode grisalho sob o nariz, emergiu da soleira da porta e desceu as escadas com um sorriso.

"Sim, ele já está ali."

As vozes dos dois homens a encontrarem-se nas escadas do jardim ressoou pelos altos-falantes dos gravadores.

"Shalom, senhor primeiro-ministro."

"Shalom, professor."

"Seja bem-vindo à minha humilde casinha. É um prazer ter aqui o famoso David Ben Gurion."

O governante riu-se.

"O senhor deve estar a brincar. O prazer é todo meu, sabe? Não é todos os dias que se vai a casa do grande Albert Einstein, não é verdade?"

O homem dos óculos olhou para o companheiro.

"Estás a gravar?”

O outro verificou as agulhas a oscilarem nos mostradores das máquinas.

"Sim. Não te preocupes.”

Lá à frente, Einstein e Ben Gurion posavam para os repórteres, que os iluminavam de flashes diante do tapete verde e lilás da glicínia que trepava pela varanda da casa. Como estava um magnífico dia primaveril, o cientista fez sinal de que era melhor permanecerem cá fora e apontou na direcção de umas cadeiras de madeira

colocadas sobre a relva úmida; sentaram-se ambos aí, os fotógrafos e operadores de câmara sempre a registarem o momento. Ao fim de alguns minutos, um guarda-costas abriu os braços e afastou a imprensa, deixando os dois homens a sós, entregues à conversa na doçura solarenga no jardim.

No gravador da casa em frente, as vozes continuavam a ser captadas e registadas.

"Está a correr bem a viagem, senhor primeiro-ministro?"

"Sim, tenho conseguido algum apoio e muitos donativos, graças a Deus. Agora a seguir vou a Filadélfia, onde espero obter mais dinheiro. Mas nunca é o suficiente, não é? A nossa jovem nação está rodeada de inimigos e precisa de toda a ajuda que puder obter." "Israel tem apenas três anos, senhor primeiro-ministro. É natural que haja dificuldades."

"Mas é preciso dinheiro para as superar, professor. Não basta a boa vontade."

Três homens de terno escuro irromperam pela porta da casa em frente, as pistolas agarradas pelas duas mãos e apontadas para os dois suspeitos que observavam a cena.

"Freeze!", berraram os homens armados. "FBI! Não se mexam! Levantem as mãos e não façam gestos bruscos!"

O homem dos óculos escuros e o do gravador ergueram os braços, mas sem aparentarem alarme. Os do FBI aproximaram-se, as pistolas sempre em riste, tensas e ameaçadoras.

"Deitem-se no chão!”

"Isso não é preciso", devolveu tranquilamente o dos óculos escuros.

"Deitem-se no chão, já disse", gritou o do FBI. "Não volto a repetir." "Tenham calma, rapazes", insistiu o dos óculos escuros. "Somos CIA." O do FBI franziu o sobrolho.

"Pode provar isso?"

"Posso. Se me deixar tirar a identificação do bolso."

"Tire-a. Mas devagar. Nada de gestos bruscos."

O homem dos óculos escuros baixou lentamente o braço direito, mergulhou-o no bolso do casaco e retirou um cartão, que exibiu ao do FBI. O cartão, com o selo circular da Central Intelligence Agency, identificava o homem dos óculos escuros como sendo Frank Bellamy, operacional de primeira classe. O agente do FBI fez sinal aos companheiros para baixarem as armas e olhou em redor, estudando a sala.

"O que está a OSS aqui a fazer?"

"Já não somos OSS, you prick. Somos CIA agora."

"Okay. O que está a CIA aqui a fazer?"

"Vocês não têm nada a ver com isso."

O do FBI cravou os olhos nos gravadores.

"A gravar a conversa do nosso gênio, é?"

"Vocês não têm nada a ver com isso."

"Vocês estão, por lei, proibidos de espiar cidadãos americanos. Sabem disso, não sabem?"

"O primeiro-ministro de Israel não é cidadão americano."

O homem do FBI ponderou a resposta. De fato, concluiu, o agente da agência rival tinha um bom álibi.

"Há anos que andamos a tentar fazer escutas ali ao nosso amigo", disse, olhando pela janela para a figura de Einstein. "Temos informações de que ele e a secretária, aquela cabra da Dukas, andam a passar segredos para os soviéticos. Mas o Hoover não nos deixa pôr os microfones, tem medo do que acontecerá se o geniozinho descobrir." Coçou a cabeça. "Pelos vistos, vocês tornearam esse problema."

Bellamy torceu os lábios finos, esboçando o que parecia ser o vestígio de um sorriso.

"Azar o vosso, serem do FBI." Apontou para a porta com a cabeça. "Agora desapareçam, vá. Deixem os big boys trabalhar."

O do FBI ergueu o canto do lábio, num gesto de desprezo.

"Sempre os mesmos merdas, hem?", grunhiu, antes de se voltar para a porta. "Fucking Nazis." Fez sinal aos seus dois companheiros. "Let's NO, guys."

Logo que os homens do FBI abandonaram a casa, Bellamy colou o nariz à janela e voltou a observar os dois judeus sentados à conversa no jardim da casa em frente.

"Ainda está a gravar, Bob?"

"Sim", disse o outro. "A conversa entrou agora numa fase crucial. Vou pôr mais alto."

Bob girou o botão do volume e as duas vozes encheram de novo a sala.

"... defesa de Israel", disse Ben Gurion, obviamente a concluir uma frase.

"Não sei se posso fazer isso", retorquiu Einstein.

"Não pode ou não quer, professor?"

Fez-se um curto silêncio.

"Eu sou pacifista, como sabe", recomeçou Einstein. "Acho que já existem demasiadas desgraças no mundo e que andamos a brincar com o fogo. Este é um poder que temos de respeitar e não sei se possuímos maturidade suficiente para lidar com ele."

"E, no entanto, foi o senhor quem convenceu Roosevelt a desenvolver a bomba."

"Foi diferente."

"Em quê?"

"A bomba era para combater Hitler. Mas, sabe, já me arrependi de ter convencido o presidente a fabricá-Ia."

“Ah, sim? E se os nazis a tivessem desenvolvido primeiro? O que aconteceria então?"

"Pois", concordou Einstein, hesitante. "Teria sido catastrófico, não é? Se calhar, e por muito que me custe, a construção da bomba foi mesmo um mal necessário."

"Então está-me a dar razão."

"Estou?"

"Está, pois. O que lhe peço pode voltar a ser um mal necessário para garantir a sobrevivência da nossa jovem nação. O que eu quero dizer é que o senhor já suspendeu o seu pacifismo quando da Segunda Guerra Mundial e fê-Io novamente para ajudar Israel a nascer. Preciso de saber se o pode voltar a fazer."

"Não sei."

Ben Gurion suspirou.

"Professor, a nossa jovem nação encontra-se em perigo de morte. O senhor sabe tão bem quanto eu que Israel está rodeada de inimigos e que precisa de um dissuasor eficaz, algo que faça os nossos inimigos recuarem. Caso contrário, o país será engolido ainda na infância. É por isso que eu lhe peço, que eu lhe rogo, que eu lhe imploro encarecidamente. Por favor, suspenda mais uma vez o seu pacifismo e ajude-nos nesta hora difícil."

"O problema não é só esse, senhor primeiro-ministro."

"Então?"

"O problema é que eu ando muito ocupado. Estou a tentar conceber uma teoria unificada dos campos, que englobe a gravidade e o eletromagnetismo. É um trabalho muito importante, talvez mesmo o mais..."

"Vá lá, professor", atalhou Ben Gurion. "Tenho a certeza de que o senhor percebe a prioridade do que lhe estou a dizer."

"Sem dúvida", admitiu o cientista. "Mas falta saber se o que o senhor me pede pode ser feito."

"E pode?"

Einstein hesitou.

"Talvez", disse por fim. "Não sei, terei de estudar ocaso."

"Faça isso, professor. Faça isso por nós, faça isso por Israel.“

Frank Bellamy escreveu apressadamente as suas notas e, quando terminou, deitou um novo olhar para as agulhas. Os ponteiros vermelhos tremelicavam no mostrador ao ritmo do som, o que significava que as palavras estavam todas a ser gravadas.

Bob permanecia atento ao que era dito, mas acabou por balançar a cabeça.

"Acho que temos o essencial", observou. "Paro a gravação?'“

"Não", disse Bellamy. "Continua a gravar."

"Mas eles já mudaram de tema."

"Não faz mal. Podem regressar à mesma questão daqui a um bocado.

Continua a gravar.”

"... várias vezes, eu não tenho uma imagem convencional de Deus, mas custa-me a acreditar que nada exista para além da matéria", disse Ben Gurion. "Não sei se me faço entender."

"Muito bem."

"Repare", insistiu o político. "O cérebro é feito de matéria, tal como uma mesa. Mas a mesa não pensa. O cérebro é parte de um organismo vivo, tal como as minhas

unhas, mas as minhas unhas não pensam. E o meu cérebro, se for separado do corpo, também não pensa. É o conjunto do corpo com a cabeça que permite pensar. O que me leva a levantar a possibilidade de o universo ser, todo ele, um corpo pensante. Não acha isso?"

"É possível."

"Sempre ouvi dizer que o senhor era ateu, professor, mas não acha..."

"Não, não sou ateu."

"Não é? O senhor é religioso?"

"Sim, sou. Pode dizer isso."

"Mas eu li algures que o senhor acha que a Bíblia está errada..."

Einstein riu-se.

"Pois acho."

"Então significa que não acredita em Deus."

"Significa que eu não acredito no Deus da Bíblia."

"Qual é a diferença?"

Ouviu-se um suspiro.

"Sabe, na minha infância eu era um menino muito religioso. Mas, aos doze anos, comecei a ler livros científicos, daqueles popularuchos, não sei se conhece... "

"Sim..."

"... e cheguei à conclusão de que a maior parte das histórias da Bíblia não passavam de narrativas míticas. Deixei de ser um crente quase de um dia para o outro. Pus-me a pensar bem no assunto e apercebi-me de que a idéia de um Deus pessoal é um bocado ingênua, infantil até."

"Por quê?"

"Porque se trata de um conceito antropomórfico, uma fantasia criada pelo homem para tentar influenciar o seu destino e buscar consolo nas horas difíceis. Como nós não podemos interferir com a natureza, criamos esta idéia de que ela é gerida por um Deus benevolente e paternalista que nos ouve e que nos guia. É uma idéia muito reconfortante, não lhe parece? Criamos a ilusão de que, se rezarmos muito, conseguiremos que Ele controle a natureza e satisfaça os nossos desejos, assim por artes mágicas. Quando as coisas correm mal, e como não compreendemos que um Deus tão benevolente o tenha permitido, dizemos que isso deve obedecer a um qualquer desígnio misterioso e ficamos assim mais confortados. Ora, isso não faz sentido, não lhe parece?"

"Não acredita que Deus se preocupe conosco?"

"Repare, senhor primeiro-ministro, nós somos uma de entre milhões de espécies que ocupam o terceiro planeta de uma estrela periférica de uma galáxia mediana com milhares de milhões de estrelas, e essa galáxia é, ela própria, uma de entre milhares de milhões de galáxias que existem no universo. Como quer que eu acredite num Deus que se dá ao trabalho de, nesta imensidão de proporções inimagináveis, se preocupar com cada um de nós?"

"Bem, a Bíblia diz que Ele é bom e é onipotente. Se é onipotente, pode fazer tudo, incluindo preocupar-se com o universo e com cada um de nós, não é?"

Einstein bateu com a palma da mão no joelho.

"Ele é bom e onipotente, é? Ora aí está uma idéia absurda! Se Ele é de fato bom e onipotente, como pretende a Bíblia, por que razão permite a existência do mal? Por que razão deixou que ocorresse o Holocausto, por exemplo? Se for a ver bem, os dois conceitos são contraditórios, não são? Se Deus é bom, não pode ser onipotente, uma vez que não consegue acabar com o mal. Se Ele é onipotente, não pode ser bom, uma vez que permite a existência do mal. Um conceito exclui o outro. Qual é o que prefere?"

"Uh... talvez o conceito de que Deus é bom, acho.“

“Mas esse conceito tem muitos problemas, já reparou? Se ler a Bíblia com atenção, irá reparar que ela não transmite a imagem de um Deus benévolo, mas antes de um Deus ciumento, um Deus que exige fidelidade cega, um Deus que causa temor, um Deus que pune e sacrifica, um Deus capaz de dizer a Abraão para matar o filho só para ter a certeza de que o patriarca Lhe era fiel. Pois se Ele é onisciente, não sabia já que Abraão Lhe era fiel? Para que, sendo Ele bom, esse teste tão cruel? Portanto, não pode ser bom."

Ben Gurion soltou uma gargalhada.

"Já me apanhou, professor", exclamou. "Está bem, Deus não é necessariamente bom. Mas, sendo Ele o criador do universo, é pelo menos onipotente, não?"

"Será? Se assim é, por que razão pune Ele as suas criaturas se tudo é Sua criação? Não estará a puni-Ias por coisas de que é Ele, afinal de contas, o exclusivo responsável? Ao julgar as suas criaturas, não estará Ele a julgar-se a si próprio? Na minha opinião, e para ser franco, só a Sua inexistência O poderá desculpar." Fez uma pausa. "Aliás, se formos a ver bem, nem sequer a onipotência é possível, trata-se de um conceito, também ele, cheio de irresolúveis contradições lógicas."

"Como assim?"

"Há um paradoxo que explica a impossibilidade da onipotência e que pode ser formulado da seguinte maneira: se Deus é onipotente, pode criar uma pedra que seja tão pesada que nem Ele próprio a consegue levantar." Einstein arqueou as sobrancelhas. "Está a ver? É justamente aqui que radica a contradição. Se Deus não conseguir levantar a pedra, Ele não é onipotente. Se conseguir, Ele também não é onipotente porque não foi capaz de criar uma pedra que não conseguisse levantar." Sorriu. "Conclusão, não existe um Deus onipotente, isso é uma fantasia do homem em busca de conforto e também de uma explicação para o que não entende."

"Então não acredita em Deus."

"Não acredito no Deus pessoal da Bíblia, não."

"Acha que não há nada para além da matéria, é?"

"Não, claro que há. Tem de haver algo por detrás da energia e da matéria."

"Afinal, professor, acredita ou não acredita?"

"Não acredito no Deus da Bíblia, já lhe disse."

"Então acredita em quê?"

"Acredito no Deus de Espinosa, que se revela na ordem harmoniosa daquilo que existe. Admiro a beleza e a lógica simples do universo, creio num Deus que se revela no universo, num Deus que...“

Frank Bellamy rolou os olhos, enfadado, e abanou a cabeça.

"Jesus Christ!", resmungou. "Não acredito no que estou a ouvir."

Bob remexeu-se na sua cadeira, junto aos gravadores.

"Olha para o lado positivo da coisa", disse. "Já reparaste, Frank, que estamos a escutar o maior gênio da história da humanidade a revelar o que pensa sobre Deus? Quantas pessoas não pagariam para ouvir isto?"

"Isto não é show business, Bob. Estamos a falar da segurança nacional e precisamos de ouvir mais do que já ouvimos sobre o pedido que Ben Gurion lhe fez. Se Israel tiver a bomba atômica, Bob, quanto tempo achas que teremos de esperar até que toda a gente a tenha também? Uh?"

"Tens razão. Desculpa."

"É imperativo que obtenhamos mais pormenores."

"Tens razão. É melhor ouvirmos a conversa. “

"... de Espinosa."

Fez-se um longo silêncio.

Foi Ben Gurion o primeiro a rompê-Io.

"Professor, acha que será possível provar a existência de Deus?"

"Não, não acho, senhor primeiro-ministro. Não é possível provar a existência de Deus, da mesma maneira que não é possível provar a sua não-existência. Nós apenas temos a capacidade de sentir o misterioso, de experimentar a sensação de deslumbramento pelo maravilhoso esquema que se exprime no universo."

Fez-se uma nova pausa.

"E por que não tenta o senhor provar a existência ou inexistência de Deus?"

"Não me parece que isso seja possível, já lhe disse."

"Se fosse possível, qual seria o caminho?"

Silêncio.

Foi agora a vez de Einstein levar algum tempo a falar. O velho cientista girou o cabeça e contemplou toda a verdura que bordejava Mercer Street; contemplou-a com olhos de sábio, com olhos de garoto, com olhos de quem tem todo o tempo do mundo e não perdeu o dom de se maravilhar com a exuberância da natureza no seu encontro com a Primavera.

Respirou fundo.

“Raffiniert ist der Herrgott, aber boshaft ist er nicht", disse por fim.

Ben Gurion fez um ar intrigado.

"Was wollen Sie damit sagen?"

"Die Natur verbirgt ihr Geheimnis durch die Erhabenheit ihres Wesens, aber nicht durch List.“

Frank Bellamy desferiu um murro no parapeito da janela.

"Damn!", exclamou. "Agora puseram-se a falar em alemão!"

“O que estão eles a dizer?", perguntou Bob.

"Sei lá! Achas-me com cara de kraut?"

Bob parecia desconcertado.

"O que faço? Continuo a gravar?"

"Claro. Depois levamos a fita para a agência e algum fucking gênio irá traduzir isso." Esboçou um esgar de desprezo. "Com todos os nazis que lá temos agora, também não será assim tão difícil, não é?"

O agente encostou o nariz à janela e ali ficou, o vapor da respiração a abrir bafos úmidos no vidro, os olhos perdidos nos dois velhos sentados à conversa no outro lado da rua, pareciam dois irmãos, lado a lado, nas cadeiras do jardim do número 112 de Mercer Street.

I

O caos na rua revelava-se indescritivelmente desagradável. Automóveis de chapa amolgada, caminhões ruidosos e autocarros fumarentos apinhavam-se pelo alcatrão sujo e oleoso, estrebuchando com buzinares impacientes e roncos roucos e mal dispostos; o cheiro ácido do gasóleo queimado enchia o ar quente do final da manhã, uma gordurosa neblina de poluição pairava sobre os prédios degradados, havia algo de decadente naquele espetáculo de uma cidade antiga a tentar agarrar o futuro com o pior da modernidade.

Indeciso quanto ao rumo a tomar, o homem de cabelo castanho e olhos verdes cristalinos parou na escadaria do museu e estudou as suas opções. Diante de si estendia-se a grande rotunda da Midan Tahrir, para além da qual se multiplicavam os cafés. O problema é que a praça constituía o epicentro daquele caos rodoviário, o palco maior da sucata ambulante que se amontoava diante de si. Nem pensar em ir por ali. Olhou para a esquerda. A alternativa era meter pela Qasr EI-Nil e ir ao Groopi's comer uns doces e tomar um chá; mas tinha demasiada fome para isso, o apetite não seria aplacado por uns meros pastéis. A outra possibilidade era virar para a direita e seguir pela Corniche EI-Nil, onde se erguia o seu esplêndido hotel, com ótimos restaurantes e uma magnífica vista para o rio e para as pirâmides.

"É a sua primeira vez no Cairo?”

O homem de olhos verdes girou a cabeça para trás, procurando a voz feminina que o interpelara.

"Perdão?"

"É a sua primeira vez no Cairo?"

Uma mulher alta e de longos cabelos negros aproximou-se do homem;

vinha do interior do museu e ostentava um sorriso cativante. Tinha os olhos de um intrigante castanho-amarelado, os lábios grossos e sensuais pintados de escarlate, uns discretos brincos de rubis e um tailleur cinzento colado ao corpo, saltos altos negros realçavam-lhe as curvas perfeitas e as pernas longas de modelo.

Uma beleza exótica.

"Uh... não", gaguejou o homem. "Já aqui vim muitas vezes."

A mulher estendeu a mão.

"Muito prazer", sorriu. "O meu nome é Ariana. Ariana Pakravan."

"Como está?" Apertaram as mãos e Ariana riu-se baixinho.

"Não me vai dizer o seu nome?"

"Ah, desculpe. Chamo-me Tomás. Tomás Noronha."

"Como está, Thomas?"

"Tomás", corrigiu ele. "O acento é no a. Tomáaas."

"Tomás", repetiu ela, esforçando-se por imitar o sotaque.

"Isso. As árabes têm sempre uma certa dificuldade em pronunciar bem o meu nome."

"Hmm... e quem lhe disse que eu sou árabe?"

"Não é?"

"Por acaso, não. Sou iraniana."

"Ah", riu-se. "Não sabia que as iranianas eram assim tão bonitas."

O rosto de Ariana abriu-se num sorriso maravilhoso.

"Já vi que é um galanteador."

Tomás corou.

"Desculpe, saiu-me."

"Ah, não se incomode. Já Marco Polo dizia que as mulheres mais bonitas do mundo eram as iranianas." Pestanejou, sedutora. "Além disso, não há mulher que não goste de ouvir um bom galanteio, não é?"

O historiador analisou-lhe o tailleur pregado ao corpo.

"Mais você é toda moderna. Sendo do Iran, a terra dos ayatollahs, isso é surpreendente."

"Eu... uh... sou um caso especial." Ariana contemplou a desordem na Midan Tahrir. "Ouça, não tem fome?"

"Se não tenho fome? Puxa, era capaz de comer um boi!"

"Então venha daí, vou levá-Io a provar umas especialidades locais."

O táxi dirigiu-se para o Cairo islâmico, no Leste da cidade. À medida que o carro deambulava pela capital egípcia, as avenidas largas da Baixa foram sendo substituídas por um labirinto de ruelas estreitas, atafulhadas de movimento e formigando de vida; viam-se carroças e burros, transeuntes vestidos de galabiyya, vendedores ambulantes, bicicletas, homens a acenar com papiros, bancas de taamiyya, lojas de latões e cobres e couros e tapetes e tecidos e antiguidades acabadas de fazer, esplanadas com clientes a fumar sheeshas, no ar um aroma forte de comida frita e açafrão e curcuma e pimentão-de-cheiro.

O táxi largou-os à porta de um restaurante da Midan Hussein, uma praceta ajardinada à sombra de um esguio minarete.

"Aquela é a mais importante mesquita da cidade, o lugar mais sagrado do Cairo", indicou a iraniana, apontando para o edifício do outro lado da rua. "É a mesquita de Sayyidna al-Hussein."

Tomás apreciou o santuário.

"Ah, sim? O que tem ela assim de tão importante?"

"Dizem que está ali uma das mais sagradas relíquias do Islã, a cabeça de al-Hussein."

"E quem é esse?"

"Al-Hussein?", admirou-se Ariana. "Não sabe quem é al-Hussein? Meu Deus, é... é o neto do profeta Maomé. AI-Hussein é o homem que está na base da grande cisão do mundo islâmico. Sabe, o Islã está dividido entre os sunitas e os seguidores de al-Hussein, os xiitas, e aquela relíquia é muito importante para os xiitas."

"E você? O que é?"

"Eu sou iraniana."

"Mas é xiita ou é sunita?"

"Meu caro, no Irã somos quase todos xiitas."

"Portanto, esta é uma mesquita muito importante para si."

"Sim. Quando estou no Cairo, venho aqui rezar às sextas-feiras. Eu e milhares de outros fiéis, claro."

Tomás analisou a fachada.

"Gostava de a visitar."

"Não pode."

"Não? Por quê?"

"Esta mesquita é tão sagrada que apenas os muçulmanos estão autorizados a entrar lá dentro. Os infiéis ficam à porta."

"Ah, bom", exclamou Tomás, decepcionado. "E quem lhe disse que eu sou infiel?"

Ariana olhou-o de soslaio, incerta quanto ao sentido da sua pergunta.

"Não é?"

Tomás soltou uma gargalhada.

"Sou, sou", confirmou, ainda a rir. "Muito infiel." Fez um gesto na direção da porta do restaurante. "Por isso, é melhor irmos comer, não?"

O Abu Hussein ostentava um aspecto mais ocidentalizado do que a maioria dos restaurantes egípcios. Todas as mesas apresentavam toalhas imaculadamente lavadas e, pormenor importante naquela cidade, o ar condicionado funcionava a toda a força, enchendo o restaurante de uma frescura prazenteira.

Sentaram-se junto à janela, a mesquita claramente visível do outro lado, e Ariana fez um sinal ao empregado.

"Ya nadil!", chamou.

O homem, fardado de branco, aproximou-se.

"Nam?"

"Qa imatu taqam, min fadlik?"

"Nam."

O homem afastou-se e Tomás inclinou-se na mesa.

"Fala árabe, é?"

"Claro."

“É parecido com iraniano?"

"O parsi e o árabe são línguas totalmente diferentes, embora utilizem o mesmo alfabeto escrito e partilhem algumas palavras."

Tomás pareceu ficar desconcertado.

"Ah'" exclamou. "E o que lhe disse?"

"Nada de especial. Pedi-lhe para trazer o menu, só isso."

O homem reapareceu instantes depois com duas ementas na mão, que entregou a cada um dos clientes. Tomás olhou para a lista e abanou a cabeça.

"Não percebo nada disto."

Ariana espreitou por cima do seu menu.

''O que quer comer?"

"Escolha você. Estou nas suas mãos."

"Tem certeza?"

"Absoluta."

A iraniana analisou as ofertas e voltou a chamar o empregado, a quem fez o pedido. Apenas hesitou nas bebidas e viu-se forçada a consultar Tomás.

"Para beber, tem alguma preferência?"

"Sei lá. O que houver."

"Quer uma bebida alcoólica ou prefere outra coisa?"

"Pode-se beber álcool aqui?"

"No Egito? Claro que pode. Não sabia?"

"Sabia, pois. Estou-me a referir a este lugar, aqui em pleno Cairo islâmico, ao lado da mais sagrada mesquita da cidade. É permitido álcool nesta zona?"

"Não tem problema."

"Ah, bom. E quais são as opções?"

Ariana interrogou o empregado e traduziu a resposta.

"Têm cerveja e vinho egípcio."

"Vinho egípcio? Puxa, não sabia que eles faziam vinho. Olhe, vou experimentar."

A iraniana completou o pedido e o empregado afastou-se.

Uma voz pungente, emitida numa tonalidade melancólica, rasgou o ar;

era o muezzin que, do alto do grande minarete, lançava o adhan, chamando os fiéis à oração. O entoar melódico e ondulado de "Allah u akbar" prolongou-se sobre a cidade e Ariana observou pela janela a multidão que convergia para a mesquita.

"Quer ir rezar?", perguntou-lhe ele.

"Não, agora não." Tomás pegou num picle de legumes que servia de aperitivo sobre a mesa.

"Espero que a comida não me faça mal", disse ele, mirando o picle com ar desconfiado.

"Como assim?"

"Quando cá cheguei, anteontem, fui comer ao restaurante do hotel e apanhei logo uma diarréia."

''Ah, sim, isso às vezes acontece aos vossos frágeis intestinos europeus. É uma questão de você ter cuidado com o que come."

"Ter cuidado, como?"

"Olhe, evite as saladas e a fruta por descascar, por exemplo." Indicou o picle espetado no palito que Tomás tinha entre os dedos. "Os picles não lhe fazem mal nenhum, pode comer à vontade. Mas beba só água mineral, há garrafas à venda por toda a parte. E não vá a restaurantes baratuchos, daqueles que têm baratas a passear pela mesa. Se for a um desses, arrisca-se."

Tomás trincou o picle.

"Mas eu apanhei a diarréia a comer no restaurante do hotel, o que pensa você?"

"Mesmo os restaurantes mais caros podem ter problemas, nunca se sabe."

O empregado apareceu com uma enorme travessa cheia de pratos coloridos; depositou-os sobre a mesa e retirou-se, dizendo que ia buscar as bebidas. Tomás contemplou a variedade de opções e esfregou o queixo.

"O que é isto?"

Ariana apontou para um prato com comida vermelha e amarela.

"Isto é koshari, um prato típico do Egito. É feito de massa, arroz, lentilhas e molho de tomate, tudo coberto com cebola frita. Se quiser, pode pôr picante."

"E os outros?"

A iraniana indicou cada prato à vez.

“Estes pastéis são taamiyya." Procurou a palavra. "Feitos com favas." Pegou num pão achatado. "Este é o baladi. Pode barrá-lo com hummus em azeite, babaghanoush e fuul."

"O que é isso?"

“Hummus é... é molho de grão-de-bico. O fuul é um puré de favas com ervas e azeite e o outro é um molho de beringelas e tahini. Prove, é bom."

Tomás experimentou e, após um instante a ponderar o gosto, fez sinal de aprovação.

“É bom, é."

“Eu disse-lhe."

O empregado reapareceu com as bebidas. Depositou um copo de karkade frio diante de Ariana e encheu o copo de Tomás com o néctar vermelho-escuro de uma garrafa de tinto árabe. O cliente saboreou um trago e assentiu com a cabeça.

"É engraçado", comentou ele, logo que o empregado se afastou. "Já sei tanta coisa sobre si, mas você não sabe nada sobre mim, já viu? Só conhece o meu nome."

Ela ergueu as sobrancelhas e adotou uma expressão maliciosa.

"Está enganado."

"Estou?", admirou-se Tomás. "Mas eu ainda não lhe contei nada." "Nem precisa. Eu já me informei."

"Ah, sim?"

"Claro."

"Não acredito."

"Quer que eu lhe prove? Olhe, sei que você é português e é reputado como sendo um dos maiores peritos mundiais de criptanálise e línguas antigas. Dá aulas numa universidade de Lisboa e trabalha agora também como consultor da Fundação Gulbenkian, onde está a rever a tradução das inscrições em hieróglifos da arte egípcia e em escrita cuneiforme do baixo-relevo assírio existentes no museu da fundação." Falava como se estivesse a responder num exame. "Veio ao Cairo participar numa conferência sobre o templo de Karnak e aproveitou para estudar a possibilidade de adquirir para o Museu Calouste Gulbenkian uma estela do rei Narmer que se encontra guardada na cave do Museu Egípcio."

"Ena, você sabe muito. Estou impressionado..."

"Sei também que teve há seis anos uma tragédia pessoal e que se divorciou recentemente."

Tomás carregou as sobrancelhas, tentando avaliar a situação. Aquelas já eram informações da sua esfera da intimidade e sentiu algum desconforto por alguém lhe ter andado a vasculhar a vida.

"Como diabo sabe você isso tudo?"

"Meu caro professor, o senhor acha que eu sou uma das suas conquistas fáceis?" Ariana sorriu sem humor e abanou a cabeça. "Não. Eu estou aqui em trabalho e este nosso almoço é um almoço de negócios, percebeu?"

O português fez um ar desconcertado.

"Não, não estou a perceber."

"Pense um pouco, professor. Eu sou uma mulher muçulmana e, mais do que isso, como o senhor notou ainda há pouco, venho do país dos ayatollahs, onde a moral é, como sabe, muito estrita. Quantas mulheres iranianas acha o senhor que interpelam um europeu na rua e o convidam para almoçar, assim sem mais nem menos?"

"Bem... uh... realmente, não... não faço idéia."

"Nenhuma mulher faz isso no Irã, caro professor. Nenhuma. Se estamos os dois aqui sentados é porque temos um assunto para discutir."

"Temos?"

Ariana pousou os cotovelos na mesa e encarou Tomás nos olhos.

"Professor, como eu lhe disse, sei que está aqui no Cairo para a conferência e também com a idéia de adquirir uma antiguidade egípcia destinada ao Museu Gulbenkian. Mas eu trouxe-o a este sítio com a ideia de lhe propor um outro negócio." Inclinou o corpo e apanhou a carteira no chão, depositando-a sobre a mesa. "Aqui na minha carteira está a cópia de um manuscrito que se pode tornar a descoberta mais importante do século." Acariciou a carteira de leve. "Eu estou aqui por ordens do meu governo para lhe perguntar se quer trabalhar conosco na tradução deste documento."

Tomás manteve-se um instante a fitar a iraniana.

"Está a dizer que me quer contratar? É isso?"

"Sim, é isso."

"Vocês não têm tradutores próprios?"

Ariana sorriu.

"Digamos que esta é a sua área de especialidade."

"Línguas antigas?"

"Não exatamente."

“Então? Criptanálise?"

"Sim.”

Tomás esfregou o queixo.

“Hmm", murmurou. "Que manuscrito é esse?"

A iraniana endireitou-se, assumindo uma pose séria, quase protocolar.

“Antes de avançar na conversa, tenho uma condição prévia a colocar."

"Diga lá."

“Tudo o que vamos falar agora é confidencial. Você não pode revelar nada do conteúdo da nossa conversa a ninguém. Entendeu? A ninguém. Se não chegarmos a acordo, você também manterá o silêncio sobre tudo o que lhe vou dizer." Fitou-o nos olhos. "Fui clara?"

"Sim "

"Tem certeza?"

“Sim, fique descansada."

Ariana abriu a carteira e tirou um cartão e uma folha, que exibiu ao seu interlocutor.

"Este é o meu cartão de funcionária do Ministério da Ciência."

Tomás pegou no cartão. Estava escrito unicamente em parsi e ostentava uma fotografia de Ariana em trajes islâmicos.

"Sempre bonita, hem?"

A iraniana sorriu.

"E você? Sempre galanteador, não é?"

O historiador voltou a mirar o cartão.

"Não percebo nada do que está aqui escrito." Devolveu o documento com um gesto de indiferença. "No que me diz respeito, isto pode ser uma falsificação feita aí numa qualquer tipografia da esquina."

Ariana sorriu.

"A seu tempo verá que é tudo genuíno." Exibiu a folha. "Este é o documento do Ministério da Ciência a certificar a autenticidade do manuscrito em torno do qual queremos que você trabalhe."

O português analisou o documento e leu-o de ponta a ponta. A folha oficial, encabeçada pelo selo iraniano, apresentava-se datilografada em inglês. O documento estabelecia que Ariana Pakravan era a chefe do grupo de trabalho nomeado pelo Ministério da Ciência, Pesquisa e Tecnologia da República Islâmica do Irã para a decifração e autenticação do manuscrito designado Die Gottesformel. No fim, um rabisco azulado revelava uma assinatura ilegível, identificada por baixo como sendo de Bozorgmehr Shafaq, ministro da Ciência, Pesquisa e Tecnologia.

Tomás apontou para a designação do manuscrito.

"Die Gottesquê?"

"Die Gottesformel. É alemão."

"Que é alemão já eu percebi", riu-se ele. "Mas o que é isto?"

Ariana tirou mais uma folha da carteira, dobrada em quatro; a iraniana desdobrou-a e voltou-a para Tomás. Redigida em maiúsculas com uma letra de máquina de escrever estava a mesma expressão, DIE GOTTESFORMEL, um poema datilografado em baixo e uma assinatura sobre papel quadriculado.

"Esta é a fotocópia da primeira página do manuscrito em questão", explicou Ariana. "Como vê, trata-se do mesmo título mencionado pelo ministro Shafaq no documento que lhe apresentei." .

"Sim, Die Gottesformel", repetiu Tomás. "Mas o que é isto?"

"É um manuscrito elaborado por um dos maiores vultos da humanidade."

"Quem?", riu-se Tomás. "Jesus Cristo?"

"Já vi que é um brincalhão."

"Mas diga lá. Quem?"

Ariana arrancou um pedaço de pão, barrou-o com hummus e trincou-o, sempre com gestos deliberadamente lentos, como se quisesse acentuar o dramatismo da revelação.

"Albert Einstein."

Tomás analisou de novo a fotocópia, a curiosidade a crescer.

"Einstein, é? Hmm... interessante." Mirou Ariana. "Esta assinatura é mesmo a de Einstein?"

"Sim."

"É a letra dele?"

"Claro. Já efetuamos testes de caligrafia e confirmamos isso."

"E quando é que este texto foi publicado?"

"Nunca foi publicado."

"Como?"

"Nunca foi publicado."

"Nunca?"

"Não".

"Está-me a dizer que isto é inédito?"

"Sim".

O historiador emitiu um murmúrio apreciativo; a curiosidade ardia-lhe agora como fogo. Estudou mais uma vez a fotocópia, as letras do título, o poema e a assinatura de Einstein embaixo. Da folha, os olhos saltaram-lhe para a carteira de Ariana, ainda pousada sobre a mesa.

"Onde estão as restantes folhas?"

"Em Teerã."

"Pode-me arranjar cópias para as estudar?"

A iraniana sorriu.

"Não. Este é um documento altamente confidencial. Terá de ir a Teerã estudar o manuscrito." Inclinou a cabeça. "Que tal seguir diretamente para lá?"

Tomás soltou uma gargalhada e abriu a palma da mão para a frente, como um polícia a parar o trânsito.

"Calma, mais devagar. Primeiro, não tenho a certeza de poder fazer este trabalho. Afinal de contas, estou aqui em serviço pela Fundação Gulbenkian. Além disso, tenho outras obrigações em Lisboa, não é? Há as aulas na..."

"Cem mil euros", cortou Ariana, sem pestanejar. "Estamos preparados para lhe pagar cem mil euros."

O historiador hesitou.

"Cem mil euros?"

"Sim. E todas as despesas pagas."

"Por quanto tempo de trabalho?"

"O tempo que for necessário."

"Isso é quanto? Uma semana?"

"Um ou dois meses."

"Um ou dois meses?" Fez um ar pensativo. "Hmm... não sei se posso."

"Por quê? Pagam-lhe mais na Gulbenkian e na universidade, é?"

"Não, não é isso. O problema é que tenho compromissos... uh... enfim, não os posso desrespeitar assim sem mais nem menos, como deve compreender?"

Ariana inclinou-se na mesa e cravou-lhe os olhos cor de mel.

"Professor, cem mil euros é muito dinheiro. E nós pagamos-lhe cem mil euros por mês, mais despesas."

"Por mês, é?"

"Por mês", confirmou. "Se forem dois meses, serão duzentos mil, e assim sucessivamente."

Tomás considerou a oferta. Cem mil euros por mês dava mais de três mil por dia. Ou seja, ganharia num dia mais do que num mês na faculdade. Qual era a dúvida? O historiador sorriu e estendeu o braço sobre a mesa.

"Combinado."

Apertaram as mãos, selando o negócio.

"E seguimos já para Teerã", acrescentou ela.

"Bem... isso não pode ser", disse o historiador. "Tenho de ir ainda a Lisboa tratar de umas coisas."

"Temos urgência nos seus serviços, professor. Quem recebe um valor como o senhor vai receber, não pode andar a preocupar-se com outros assuntos marginais."

"Ouça, eu preciso de ir apresentar um relatório à Gulbenkian sobre a minha reunião no Museu Egípcio e, além disso, tenho de despachar umas questões pendentes na faculdade. Faltam-me quatro aulas para terminar o semestre e preciso de arranjar um assistente que as dê. Só depois estarei disponível para ir a Teerã."

A iraniana suspirou de impaciência.

"Então daqui a quanto tempo é que poderá ir?"

"Daqui a uma semana."

Ariana balançou a cabeça, considerando a situação.

"Hmm... está bem. Suponho que conseguiremos sobreviver até lá."

Tomás voltou a pegar na fotocópia, analisando de novo o título.

"Como é que este manuscrito veio parar às vossas mãos?"

"Isso não lhe posso revelar. É um assunto que não lhe diz respeito."

"Ah, bom. Mas presumo que me possa dizer qual o assunto versado por Einstein neste inédito, não é?"

Ariana suspirou e abanou a cabeça.

"Infelizmente, também não o posso esclarecer a esse respeito."

"Não me diga que isso é confidencial."

"Claro que é confidencial. Tudo sobre este projeto é confidencial, entendeu? Neste caso, no entanto, não lhe posso responder pela simples razão de que, por incrível que pareça, nem nós conseguimos perceber o que está lá Iá escrito".

"Como assim?" Tomás esboçou uma expressão de surpresa. "Qual é a dificuldade? Não têm ninguém que leia alemão?"

"O problema é que parte do documento não está redigida em alemão."

"Ah, não?"

"Não."

"Então?"

"Ouça, o que eu lhe estou a dizer requer total confidencialidade, entendeu?"

"Sim, já vimos isso, esteja descansada."

Ariana respirou fundo.

"Quase todo o documento encontra-se manuscrito em alemão pela mão do próprio Einstein. Mas um pequeno trecho, e por motivos que ainda não são inteiramente claros, apresenta-se cifrado. Os nossos criptanalistas andaram a volta deste excerto cifrado e concluíram que não conseguem quebrar a cifra porque esse excerto está escrito numa língua que não é o alemão nem o Inglês."

"Poderá ser o hebraico?"

A iraniana abanou a cabeça.

"Não, Einstein falava mal o hebraico. Aprendeu os rudimentos, mas estava longe de dominar a língua. Foi até por isso que evitou a instrução para o Bar-Mitzwa."

"Então que língua poderá ser essa?"

"Temos fortes razões para suspeitar de uma em particular."

"Qual?"

"O português."

Tomás abriu a boca, o rosto contraindo-se numa careta de absoluta incredulidade e perplexidade.

"Português?"

"Sim."

"Mas... mas Einstein falava português?"

"Claro que não", sorriu Ariana. "Temos motivos para crer que foi um colaborador seu, que falava português, quem redigiu e cifrou esse pequeno excerto."

"Mas por quê? Qual o objetivo?"

"Os motivos não são ainda muito claros. É possível que tenha a ver com a importância do texto."

Tomás esfregou os olhos como se tentasse parar um instante, ganhar tempo para estruturar os pensamentos e retirar algum sentido do que lhe era dito.

"Espere aí, espere aí", pediu. "Há uma coisa que eu não estou a compreender. Isto é ou não é um inédito de Einstein?"

"Claro que é."

"Está ou não redigido por Einstein?"

"Está quase todo rabiscado pela mão de Einstein, sim. Mas, por algum motivo que não é ainda totalmente claro, a parte essencial do texto foi escrita noutra língua e só então cifrada." Ariana falava devagar, como se procurasse assim ser melhor entendida. "Depois de analisar o excerto cifrado e considerar a história do manuscrito, os nossos criptanalistas concluíram que a língua original desse excerto é, com toda a probabilidade, o português."

Tomás balançou afirmativamente a cabeça, os olhos perdidos num ponto infinito.

"Ah", murmurou. "Daí que você tenha vindo falar comigo..."

"Sim."

Ariana abriu os braços, como quem expõe uma evidência. "Se o texto cifrado se encontra originalmente redigido em português, é óbvio que precisamos de um criptanalista português, não é?"

O historiador voltou a pegar na fotocópia da primeira página do manuscrito e examinou-a com atenção. Percorreu o título em maiúsculas, DIE GOTTESFORMEL, e analisou o poema datilografado por baixo. Pôs o dedo sobre os versos e olhou para Ariana.

“O que é isto?"

"É um poema qualquer." A iraniana ergueu uma sobrancelha. "Trata-se da única coisa escrita em inglês, para além de uma estranha referência antes da linha cifrada. Todo o resto está em alemão. O senhor não sabe alemão, pois não?"

Tomás riu-se.

“Minha cara, sei português, espanhol, inglês, francês, latim, grego e copta. Estou já avançado na aprendizagem do hebraico e do aramaico, mas, infelizmente, não domino ainda o alemão de forma adequada. Tenho umas luzes, apenas isso."

"Pois", disse ela. "Foi o que eu li quando o andei a investigar."

"Investigou-me muito, é?"

"Digamos que me informei sobre a pessoa que precisava de contratar."

O português passou uma derradeira vez os olhos pela fotocópia, a atenção regressando ao título.

"Die Gottesformel", leu. "O que é isto?"

"É o nome do manuscrito."

Tomás riu-se.

"Obrigado", exclamou, com uma expressão sarcástica nos olhos. "Até aí já eu cheguei. Mas não conheço esta expressão em alemão. O que quer isto dizer?"

"Die Gottesformel?"

"Sim."

Ariana pegou no copo, saboreou um trago de karkade e sentiu o gosto das folhas de hibisco adoçarem-lhe a língua. Pousou a infusão escura na mesa e fitou Tomás.

"A fórmula de Deus.“

II

O toque polifônico proveniente do bolso das calças anunciou a Tomás que alguém lhe ligava para o telemóvel. Meteu a mão no bolso e retirou o pequeno aparelho prateado; o ecrã registava a chamada de pais.

"Está lá?"

Uma voz familiar respondeu do outro lado, como se estivesse a um mero metro de distância.

"Está? Tomás?"

"Olá, mãe."

"Onde estás, filho? Já chegaste?"

"Sim, cheguei esta tarde."

"Correu tudo bem?"

"Sim."

"Ah, graças a Deus! Sempre que viajas fico em sobressalto."

"Oh, mãe, que disparate! Voar de avião é, hoje em dia, uma coisa perfeitamente normal. Olhe, é como ir de autocarro ou de comboio, só que mais rápido e mais cômodo."

"Mesmo assim, fico sempre em cuidados. Além do mais, foste para um país árabe, não é? Aquilo são todos uns malucos, passam a vida a fazer explodir coisas e a matar gente, é horrível. Tu não vês as notícias?"

"Ena, onde é que isso já vai!", riu-se o filho. "Aquilo não é assim tão mau, que diabo! Eles são até muito simpáticos e educados."

"Pois. Até rebentarem a próxima bomba."

Tomás suspirou, impaciente.

"Está bem, está bem", disse, nada interessado em alimentar aquela conversa. "O que é fato é que correu tudo bem e já estou de volta."

"Ainda bem."

"O pai, como vai?"

A mãe hesitou do outro lado da linha.

"O teu pai... uh... vai andando."

"Muito bem", devolveu Tomás, sem notar a hesitação. "E a mãe? Ainda anda a passear pela Internet?"

"Mais ou menos."

"Não me diga que anda a ver sites pornográficos", gracejou o filho.

"Oh, lá estás tu com as tuas palermices", protestou a mãe. Pigarreou. "Olha, Tomás, eu e o pai vamos amanhã a Lisboa."

"Vêm cá amanhã?"

"Sim."

"Então temos de ir almoçar."

"Pois temos. Nós vamos logo pela manhãzinha, "assim devagar, pelo que devemos chegar aí lá pelas onze, meio-dia."

"Então venham ter comigo à Gulbenkian. À uma da tarde."

"Uma da tarde na Gulbenkian? Combinado."

“E o que vêm cá fazer?"

A mãe voltou a hesitar do outro lado da linha.

"Depois falamos, filho", disse, por fim. "Depois falamos.“

O edifício geométrico de betão, desenhado com linhas abstratas espraiadas na horizontal, assemelhava-se a uma estrutura intemporal, emergindo da verdura como uma construção megalítica, uma enorme anta de traços retos assente no topo de uma elevação relvada. Calcorreando a rampa empedrada, Tomás mirou o edifício com a mesma sensação de encantamento de sempre, parecia-lhe uma acrópole dos tempos modernos, um monumento geométrico, uma composição metafísica, uma gigantesca rocha integrada num bosque como se dele sempre tivesse feito parte.

A Fundação Gulbenkian.

Entrou no átrio com a pasta na mão e escalou as amplas escadarias. Grandes vidros rasgavam as paredes sólidas, fundindo o edifício com o jardim, a estrutura artificial com a paisagem natural, o betão com as plantas. Passou pelo foyer do grande auditório e, após um delicado toque na porta, acedeu ao gabinete.

"Olá, Albertina, tudo bem?"

A secretária arquivava uns documentos no armário. Voltou a cabeça e sorriu.

"Bom dia, professor. Já chegou?"

"Como vê, já."

"Correu tudo bem?"

"Maravilha. O engenheiro Vital está?"

"O senhor engenheiro está numa reunião com o pessoal do museu. Só volta à tarde."

Tomás ficou indeciso.

"Bem... tenho aqui o relatório da viagem ao Cairo. Não sei o que faça.

Se calhar é melhor voltar à tarde, não é?"

Albertina sentou-se na secretária.

"Deixe-o cá", sugeriu. "Quando o senhor engenheiro vier, eu entrego-lhe. Se ele tiver algumas dúvidas entra depois em contato consigo, está bem?"

O historiador abriu a pasta e retirou umas folhas unidas por um agrafo no canto.

"Está certo", disse, entregando as folhas à secretária. "Aqui fica o relatório. Ele que me ligue, caso precise."

Tomás voltou-se para sair, mas Albertina travou-o.

"Ah, professor."

"Sim?"

"Ligou o Greg Sullivan, da embaixada americana. Pediu para lhe telefonar logo que possa."

O historiador regressou pelo mesmo caminho e foi para o seu gabinete, uma salinha no rés-do-chão habitualmente ocupada pelos consultores da fundação. Sentou-se na sua secretária e começou a trabalhar, preparando o esquema das aulas que lhe restavam no semestre.

A janela do gabinete abria-se para o jardim, onde as folhas e a relva ondulavam ao ritmo do vento, como num prado, as gotas da rega a resplandecer como jóias ao sol da manhã. Telefonou a um assistente e acertou os pormenores das aulas, comprometendo-se a deixar na faculdade os esquemas que agora ultimava. Depois, procurou na memória do telemóvel o número do adido cultural da embaixada americana e ligou-lhe.

"Sullivan here."

"Olá, Greg. Fala Tomás Noronha, da Gulbenkian."

"Hi, Tomás. Como está?"

O adido cultural americano falava português com um forte sotaque americano, muito nasalado.

"Tudo bem. E você?"

"Great. Então como foi o Cairo?"

"Normal. Acho que vamos fechar negócio para comprar a estela que fui inspecionar. A decisão cabe agora à administração, claro, mas o meu parecer é positivo e as condições parecem-me boas."

"Não sei o que vocês vêem de especial nessas velharias egípcias", riu-se o americano. "Parece-me que há coisas mais interessantes onde gastar o dinheiro."

"Você diz isso porque não é historiador."

"Talvez." Mudou de tom. "Tomás, eu pedi para você me ligar porque precisava que desse aqui um salto à embaixada."

"Ah, sim? O que se passa?"

"É um assunto que... enfim... não pode ser discutido ao telefone."

"Não me diga que já tem novidades daquela proposta que fizemos ao Getty Center. Será que eles, lá em Los Angeles, aprovaram..."

"Não, não é isso", atalhou Sullivan. "É uma coisa... diferente."

"Hmm", murmurou Tomás, esforçando-se por imaginar que assunto seria esse. Talvez uma qualquer novidade do Museu Hebraico, considerou. Desde que começara a aprender hebraico e aramaico que o adido cultural americano o desafiava

frequentemente a ir a Nova Iorque para ver o museu. "Está bem. Quando é que precisa que eu vá aí?"

"Esta tarde."

"Esta tarde? Eh pá, não sei se posso. Os meus pais vêm cá daqui a bocado e eu ainda tenho de passar pela faculdade."

"Tomás, tem de ser esta tarde."

"Mas por quê?"

"Chegou há pouco uma pessoa vinda da América. Voou para cá exclusivamente para falar consigo."

"Para falar comigo? Quem é?"

"Não lhe posso dizer ao telefone."

"Ah, vá lá."

"Não posso."

"É a Angelina Jolie?"

Sullivan riu-se.

"Gosh, você tem uma fixação na Angelina Jolie, não tem? É a segunda vez que me fala nela."

"É uma moça com uns atributos... uh... apreciáveis", comentou Tomás com um sorriso. "Mas se não é a Angelina Jolie, quem é?"

"Você vai ver."

"Ó Greg, eu tenho mais que fazer do que estar a aturar chatos, ouviu?

Diga lá quem é ou eu não ponho aí os pés."

O adido cultural hesitou do outro lado da linha.

"Okay, só lhe vou dar uma pista. Mas você tem de prometer vir cá às três da tarde."

"Quatro da tarde."

"Muito bem, quatro da tarde aqui na embaixada. Vem mesmo, não vem?"

"Fique descansado, Greg."

"Então está bem. Até logo."

"Espere", quase gritou Tomás. "Ainda não me deu a pista, caracas."

Sullivan soltou uma gargalhada.

"Damn! Estava com esperança de que você se esquecesse."

"Muito esperto, sim senhor. Então? Essa pista?"

"É confidencial, entendeu?"

"Sim, sim, está bem. Desembuche."

"Okay", assentiu o americano. Respirou fundo. "Então aqui vai a pista."

"Diga lá."

"Tomás, você já alguma vez ouviu falar da CIA?"

O historiador pensou ter ouvido mal.

"O quê?"

"Falamos às quatro. See you."

E desligou.

O relógio na parede assinalava o meio-dia e cinquenta quando alguém bateu à porta do gabinete. A maçaneta rodou e Tomás viu espreitar pela entrada um rosto familiar, era uma mulher de cabelos loiros encaracolados e grandes óculos sobre os olhos verdes cristalinos, os mesmos olhos que ele herdara.

"Posso?"

"Mãe", exclamou o historiador, erguendo-se. "Tudo bem?"

"Meu querido filhinho", disse ela, abraçando-o e beijando-o com fervor. "Como estás tu?"

Uma tosse cavada atrás dela revelou uma segunda figura.

"Olá, pai", cumprimentou Tomás, estendendo a mão com cerimônia.

"Então, rapaz? Como vai isso?"

Apertaram as mãos, algo desajeitados um diante do outro, como sempre acontecia quando se encontravam.

"Está tudo bem", disse Tomás.

"Quando é que arranjas uma mulher que trate de ti?", perguntou a mãe. "Já tens quarenta e dois anos e precisas de reconstituir a tua vida, filho."

"Ah, estou a pensar nisso."

"Tens de nos dar netinhos."

"Está bem, está bem."

"Não há hipóteses de tu e a Constança... enfim... vocês..."

"Não, não há", cortou Tomás. Olhou para o relógio, esforçando-se por mudar de conversa. "Vamos comer?"

A mãe hesitou.

"Uh... está bem, mas... mas é melhor, primeiro, conversarmos um pouco."

"Conversamos no restaurante." Esboçou um sinal com a cabeça. "Vamos. Eu já marquei a mesa e..."

"Temos de conversar aqui", interrompeu ela.

"Aqui?", estranhou o filho. "Mas por quê?"

"Porque precisamos de falar a sós, filho. Sem estranhos à volta."

Tomás fez uma expressão intrigada e fechou devagar a porta do gabinete. Puxou duas cadeiras, onde os pais se sentaram, e voltou para o seu lugar, por detrás da secretária.

"Então?", perguntou, olhando-os interrogativamente. "O que se passa?"

Os pais pareciam atrapalhados. A mãe olhou para o marido, indecisa, como se lhe pedisse para falar. Mas ele nada disse, o que a levou a tomar a iniciativa de o forçar.

"O teu pai tem uma coisa para te contar. "Voltou a olhar para o marido.

“Não é, Manel?"

O pai endireitou-se na cadeira e tossiu.

"Estou preocupado porque desapareceu um colega meu", disse, visivelmente pouco à vontade. "O Augusto..."

"Manel", cortou a mulher. "Não comeces a divagar."

"Não estou a divagar. O desaparecimento do Augusto deixou-me preocupado, o que queres?"

"Não viemos aqui para falar do Augusto."

Tomás olhou para um e para o outro.

"Quem é o Augusto?"

A mãe rolou os olhos, contrariada.

"É o professor Augusto Siza, um colega do teu pai lá na faculdade. Leciona física e desapareceu há duas semanas."

"Ah, sim?"

"Ó filho, esta história não interessa para nada. Nós viemos aqui por outro motivo." Mirou o marido. "Não é, Manel?"

Manuel Noronha baixou a cabeça e inspeccionou as unhas, já amareladas por tantos anos a dedilhar o tabaco. Sentado por detrás da sua secretária, Tomás analisou o pai. Mostrava-se quase careca, apenas resistiam à calvície uns cabelos brancos colados às orelhas e na nuca; as sobrancelhas, espessas e rebeldes, tornaram-se grisalhas e o rosto era chupado, talvez de mais, com os malares muito salientes, quase escondendo os pequenos olhos castanho-claros; e múltiplas rugas cortavam-lhe a face como cicatrizes. Vendo bem, o pai estava a ficar velho; velho e magro, com um corpo franzino e seco, quase lhe restavam só pele e ossos. TInha setenta anos e a idade começava a pesar-lhe, era incrível que ainda desse aulas de matemática na Universidade de Coimbra. Só a sua lucidez e brilhantismo o permitiam, mas teve ainda de obter uma autorização especial do reitor; caso contrário, há muito que estaria em casa a definhar.

"Manel", insistiu a mulher. ''Anda, vá lá. Olha que, se não contas tu, conto eu."

"Mas contar o quê?", perguntou Tomás, intrigado com todo aquele mistério.

"Eu conto", disse o pai.

O professor de matemática não era uma pessoa faladora. O filho habituou-se a vê-Io, ao longo dos anos, como uma figura distante, um homem silencioso, sempre de cigarro na mão, fechado no escritório do sótão, agarrado a um lápis ou a um giz, escondido da vida, uma espécie de eremita da abstração; o seu mundo eram as teorias de Cantor, a geometria de Euclides, os teoremas de Fermat e Gödel, os fractais de Mandelbrot, os sistemas de Lorenz, o império dos números. Vivia por entre uma nuvem de fumo de equações e tabaco, mergulhado num universo irreal, longe dos homens, em reclusão ascética, quase ignorando a família; era um escravo da nicotina e dos algarismos e das fórmulas e das funções e das teorias de conjunto e das probabilidades e da simetria e do pi e do fi e de tudo o que dizia respeito a tudo. A tudo.

Exceto à vida.

"Fui ao médico", anunciou Manuel Noronha, como se aquilo fosse tudo o que tinha a dizer.

Fez-se silêncio.

"Sim?", encorajou o filho.

O velho professor, percebendo que dele se esperava que continuasse a falar, remexeu-se na cadeira.

"Comecei a tossir há já algum tempo, faz dois ou três anos." Tossiu duas vezes, como que a exemplificar. "Primeiro achei que era constipação, depois alergia. O problema é que a tosse se agravou e eu fui perdendo o apetite. Emagreci e passei a sentir-me fraco. O Augusto tinha-me, nessa altura, pedido para confirmar umas equações e eu atribuí esse cansaço e esse emagrecimento ao excesso de trabalho." Pôs a mão no peito. "Depois comecei a assobiar enquanto respirava." Respirou fundo, deixando ouvir-se um sibilo que Ihe crescia do tórax. "A tua mãe mandou-me ir ao médico ver o que era, mas não liguei. Vieram-me então umas dores de cabeça muito fortes e umas dores nos ossos. Achei que era do trabalho, mas a tua mãe fartou-se de me zurzir os ouvidos e lá marcou consulta no doutor Gouveia."

"O teu pai parece um bicho-do-mato, sabes como ele é", observou a mãe. "Quase que tive de o arrastar até à clínica."

Tomás permaneceu calado. Não estava a gostar do rumo que a conversa tomava, antecipou-lhe a conclusão lógica e percebeu que o pai devia ter um problema de saúde.

"O doutor Gouveia mandou-me fazer uns exames", disse Manuel Noronha. "Tirei sangue e fiz umas radiografias. O médico viu os resultados e mandou-me efetuar também um TAC. Depois chamou-nos ao gabinete, a mim e à tua mãe, e revelou ter detectado umas manchas nos pulmões e um aumento dos gânglios linfáticos. Disse que era preciso fazer-me ainda uma biópsia, para examinar uma amostra ao microscópio e ver o que aquilo era. Marcaram-me uma broncoscopia, destinada a extrair-me um fragmento do tecido pulmonar."

"Puf!", desabafou a mãe, com o seu característico rolar de olhos. "A broncoscopia foi uma tourada."

"Então não havia de ser?", perguntou o pai, lançando-lhe um olhar ressentido. "Queria-te ver no meu lugar, hã? Havia de ser bonito." Mirou o filho, como se procurasse um aliado. "Eles meteram-me um tubinho pelo nariz e o tubinho desceu pela garganta até aos pulmões." Indicou com o dedo todo o trajeto da sonda. "Tive imensa dificuldade em respirar durante este exame, foi uma coisa horrível." .

"E o que revelou o exame?", quis saber Tomás, impaciente por chegar à conclusão da história.

"Bem, eles lá foram examinar a amostra extraída da mancha do meu pulmão e dos gânglios linfátlcos. Dias mais tarde, o doutor Gouveia voltou a chamar-nos para uma nova reunião. Depois de uma grande conversa, lá disse que eu tinha... uh..." Olhou para a mulher. "Ó Graça, tu é que decoras essas coisas. Como é que ele disse?"

"Nunca mais me esqueci", observou Graça Noronha. "Chamou-lhe uma proliferação descontrolada de células do revestimento epitelial da mucosa dos brônquios e alvéolos dos pulmões."

Tomás manteve os olhos cravados na mãe, depois voltou-os para o pai e de novo para a mãe.

"O que diabo quer isso dizer?"

Manuel Noronha suspirou, o sibilo ouvindo-se nitidamente a emergir-lhe do peito.

"Tenho um cancro, Tomás."

O filho ouviu-o e tentou processar a informação na sua mente, mas sentiu-se anestesiado, sem reação.

"Um cancro? Como assim, um cancro?"

"Tenho um cancro do pulmão." Voltou a respirar fundo. "Primeiro, não acreditei. Achei que alguém tinha trocado os exames, pondo o meu nome no exame de outra pessoa. Saí do consultório e fui procurar outro médico, o doutor Assis, que me fez novos testes e depois veio com uma grande conversa de que eu tinha um problema chato e precisava de ser tratado, mas não disse o que era." A mulher inclinou-se na cadeira.

"O doutor Assis telefonou-me depois e pediu para falar comigo", disse Graça. "Quando lá cheguei ele revelou-me o que o doutor Gouveia já me tinha dito. Disse que o teu pai tinha o... enfim, esta doença, mas não sabia se lhe havia de dizer."

O matemático fez um gesto de resignação.

"De modo que lá me convenci e voltei para o doutor Gouveia. Ele explicou-me que o meu problema se chama... uh, tem um nome esquisito, carcinoma-qualquer-coisa. Chamam-lhe cancro do pulmão sem pequenas células."

"A culpa é do tabaco", resmungou a mulher. "O doutor Gouveia disse que quase noventa por cento dos cancros do pulmão são causados pelos cigarros. Ora, o teu pai fumava que nem uma chaminé!" Ergueu o dedo, à laia de sermão. "Eu bem lhe disse várias vezes, ó Manel, tu vê lá se..."

"Mãe, espere um bocado", interrompeu Tomás, abalado com a notícia.

Olhou para o pai. "Isso tem tratamento, não tem?"

Quase em resposta, Manuel Noronha tossiu.

"O doutor Gouveia disse que há várias coisas que se fazem para combater esse problema. Há a cirurgia, para remover o carcinoma, e há ainda a quimioterapia e a radioterapia."

"E qual é que vai fazer?"

Fez-se um curto silêncio.

"No meu caso", disse o pai enfim, "há duas complicações que, segundo o doutor Gouveia, são muito comuns neste tipo de cancro."

"Que complicações?"

"O meu cancro foi detectado um pouco tarde. Parece que, no cancro do pulmão, isso acontece em setenta e cinco por cento dos casos. Diagnóstico tardio." Tossiu novamente. "A segunda complicação deriva da primeira. Como a doença demorou a ser identificada e está agora bastante avançada, ela espalhou-se por outras partes do corpo. São metástases. Apareceram-me metástases nos ossos e no cérebro, e o doutor Gouveia diz que é natural que venham a aparecer também no fígado."

Tomás sentiu-se paralisado, os olhos cravados no pai.

"Meu Deus", exclamou. "E qual o tratamento?"

"A cirurgia está fora de questão. Os tumores já alastraram, pelo que o meu caso é inoperável. A quimioterapia também não é opção, uma vez que ela só é eficaz no caso do cancro de células pequenas. Eu tenho o das células que não são pequenas, o qual, ao que parece, é até o tipo de cancro de pulmão mais frequente."

"Se não pode operar nem fazer quimioterapia, o que vai fazer?"

"Radioterapia."

"E isso vai curá-Io?"

"O doutor Gouveia diz que tenho boas hipóteses, que nesta idade a evolução da doença não é muito rápida e que eu tenho de lidar com isto como se fosse uma doença crônica."

"Ah."

"Mas eu estive a ler muita coisa e não sei se ele foi totalmente sincero comigo."

A mulher agitou-se no seu lugar, incomodada com esta observação.

"Que disparate!", protestou. "Claro que foi sincero!"

O matemático olhou para a mulher.

"Ó Graça, não vamos discutir outra vez, pois não?"

Graça olhou para o filho, como se buscasse um aliado.

"Já viste isto? Agora anda com a mania que vai morrer!"

"Não é isso", argumentou o marido. "Eu estive a ler umas coisas e percebi que o objetivo da radioterapia não é a cura, mas o mero retardar da evolução da doença."

"Retardar?", perguntou o filho. "Como assim, retardar?"

"Retardar. Tornar a evolução mais lenta."

"Quanto tempo?"

"Sei lá! No meu caso pode ser um mês, pode ser um ano, não faço ideia." Vidrou o olhar. "Espero que sejam vinte", disse. "Mas pode ser só um mês, não sei."

Tomás sentiu o mundo fugir-lhe por baixo dos pés.

"Um mês?"

"Ai Jesus, que mania!", protestou Graça. "Lá está o teu pai a dramatizar tudo..."

O velho professor de matemática teve um ataque de tosse. Recompôs-se com dificuldade, respirou fundo e fixou os úmidos olhos castanhos no verde vítreo do filho.

"Tomás, eu estou a morrer."

III

A segurança à entrada do perímetro da embaixada dos Estados Unidos, um edifício encaixado num recanto verde de Sete Rios, parecia assumir proporções ridículas. Tomás Noronha passou por dois cordões de guardas e foi revistado duas vezes, tendo atravessado um complicadíssimo sistema de detecção de metais e metido o olho numa pequena máquina de tecnologia biométrica concebida para identificar suspeitos pelo reconhecimento da íris; até um espelho os seguranças colocaram por baixo do seu Volkswagen azul, na tentativa de localizarem qualquer eventual explosivo plantado no automóvel. Desde o 11 de Setembro que as medidas de proteção à entrada da embaixada tinham sofrido uma escalada, mas nada o preparara para isto; havia muito tempo que não visitava o local e jamais imaginara que o acesso ao perímetro diplomático se tivesse transformado em tal prova de múltiplos obstáculos.

O sorriso luminoso de Greg Sullivan acolheu-o à porta da embaixada. O adido cultural era um homem de trinta anos, alto, loiro e de olhos azuis, muito arranjadinho

e aprumado, de gestos tranquilos e com um certo ar de mórmon. O americano conduziu-o pelos corredores da embaixada e introduziu-o numa sala luminosa, a larga janela aberta para um jardim solarengo. Um rapaz de camisa branca e gravata vermelha encontrava-se sentado na longa mesa da sala, a atenção mergulhada num lap-top aberto sobre o mogno, e ergueu-se quando Sullivan entrou com o seu convidado.

"Don", anunciou. "This is professor Tomás Noronha."

"Howdy!"

Cumprimentaram-se os dois.

"Este é Don Snyder", disse, sempre em inglês, apresentando o rapaz, cuja face muito pálida contrastava com o seu cabelo preto e liso.

Sentaram-se os três, com o adido cultural ainda a conduzir as operações como se fosse um rotinado mestre-de-cerimônias. Sullivan falava alto, mas tinha o olhar preso em Tomás, tornando evidente que as suas palavras se destinavam exclusivamente ao português.

"Esta conversa não está a ocorrer. Tudo o que aqui for dito é informação reservada e permanecerá entre nós." Inclinou a cabeça na direção do convidado. "Compreendido?"

"Sim."

Sullivan esfregou as mãos.

"Muito bem", exclamou. Virou-se para o rapaz engravatado de cabelo preto. "Don, se calhar é melhor começar."

"Okay", assentiu Don, puxando as mangas da camisa para cima. "Mister Norona, tal como..."

"Noronha", corrigiu Tomás.

"Norona?"

"Esqueça", riu-se o historiador, apercebendo-se de que o americano jamais conseguiria pronunciar corretamente o seu apelido. "Chame-me Tom."

"Ah, Tom!", repetiu o rapaz do cabelo preto, satisfeito por encontrar um nome mais familiar.

"Muito bem, Tom. Tal como o Greg disse, o meu nome é Don Snyder. O que ele não lhe revelou é que eu trabalho para a CIA em Langley, onde sou analista de contraterrorismo, integrado num gabinete pertencente ao Directorate of Operations, uma das quatro direções da agência."

"Operações, é? Assim como o... James Bond?"

Snyder e Sullivan riram-se.

"Sim, é no Directorate of Operations que trabalham os 007 americanos", assentiu Don. "Embora eu não seja propriamente um deles. O meu trabalho, receio bem, não tem tanta graça quanto as aventuras do meu parceiro fictício do MI6. Raramente tenho raparigas bonitas à minha volta e, na maior parte das vezes, as minhas tarefas não passam de coisas de rotina, sem graça nenhuma. O Directorate of Operations é uma direção cuja responsabilidade principal radica na recolha clandestina de informação, muitas vezes com recurso a HUMINT, ou seja, human intelligence, fontes humanas que utilizam técnicas encobertas."

"Espiões, quer você dizer."

"Essa palavra é um pouco... como hei-de dizer?... um pouco amadora. Preferimos chamar-lhes human intelligence, ou fontes humanas de recolha clandestina de informação." Pôs a mão no peito. "De qualquer modo, eu não sou uma dessas fontes. O meu trabalho resume-se à análise de informação sobre atividades terroristas." Ergueu uma sobrancelha. "E foi isso que me trouxe a Lisboa."

Tomás sorriu.

"Terrorismo? Em Lisboa? Ora aí estão duas palavras que não combinam. Não há terrorismo em Lisboa."

Sullivan interveio.

"Ó Tomás, não é bem assim", riu-se. "Você já conduziu nas ruas desta cidade?"

"Ah, pois", concordou o português. "Há por aí malta que, ao volante, é mais perigosa do que o Bin Laden, lá isso é verdade."

Desconcertado com as gargalhadas dos dois, Don Snyder esboçou um sorriso cortês.

"Deixe-me só concluir a minha apresentação", pediu.

"Desculpe", retorquiu Tomás. "Faça o favor."

O americano digitou teclas do seu lap-top.

"Fui chamado na semana passada a Lisboa por causa de um acontecimento aparentemente inconsequente." Voltou o ecrã do computador para Tomás, exibindo o rosto sorridente de um septuagenário de bigode e pêra grisalha, uns óculos muito graduados nos olhos escuros. "Conhece este homem?"

Tomás analisou o rosto e abanou a cabeça.

"Não."

"Chama-se Augusto Siza e é um famoso professor catedrático português, o maior físico do país."

Tomás abriu a boca, reconhecendo o nome.

"Ah", exclamou. "É o colega do meu pai."

"Colega do seu pai?", admirou-se Don.

"Sim. Não foi esse que desapareceu?"

"Foi. Há três semanas."

"Pois, o meu pai ainda hoje me falou nisso."

"O seu pai conhece-o?"

"Sim, são colegas na Universidade de Coimbra. O meu pai leciona matemática e o professor Siza tem uma cátedra de física na mesma faculdade."

"I see."

"Mas o que se passou com ele?"

"Bem, o professor Siza desapareceu sem deixar rasto. Um dia estavam os alunos na faculdade à espera que ele viesse para lhes dar uma aula e o professor não pôs lá os pés. No dia seguinte era aguardado numa reunião da Comissão Científica e voltou a não aparecer. Ligaram-lhe várias vezes para o telemóvel e nunca ninguém atendeu.

Apesar de ser um homem de idade, é considerado uma pessoa enérgica e muito lúcida, o que lhe permitiu continuar a lecionar para lá da idade limite. Como é viúvo e vive sozinho, porque a filha já está casada, os seus colegas pensaram que ele se teria ausentado por algum motivo. Acabou por ser o colaborador do professor que, dirigindo-se a casa dele para uma reunião há muito aprazada, entrou na habitação e verificou que não estava lá ninguém. Mas encontrou o escritório dele muito desarrumado, com papéis espalhados pelo chão e pastas abertas por toda a parte, de modo que achou tudo muito estranho e chamou a polícia. Foi lá a vossa polícia de investigação, a... uh... Ju... Jucidária, e..."

"Judiciária."

"Esses tipos", exclamou Don, reconhecendo o nome. "Essa polícia recolheu algumas amostras, incluindo de cabelos, e levou-as para análise laboratorial. Quando vieram os resultados, os inspetores da polícia colocaram os dados no computador de cadastro, que tem ligações à Interpol." Digitou mais umas teclas do lap-top. "O resultado foi surpreendente." Um novo rosto apareceu no ecrã, era um homem moreno, de rosto cheio e barba rala negra. "Reconhece este indivíduo?"

Tomás estudou-lhe as linhas da cara, tinha um certo ar de árabe.

"Não."

"Chama-se Aziz al-Mutaqi e trabalha para uma unidade intitulada Al-Muqawama al-Islamiyya.

Já ouviu falar nela?"

"Uh... não."

"É a seção militar do Partido de Deus. Conhece o Partido de Deus?"

"Também não", confessou Tomás, sentindo-se um completo ignorante.

"Em árabe, Partido de Deus diz-se Hibz Allah. Soa-lhe familiar?"

O português encolheu-se na cadeira e abanou mais uma vez a cabeça, quase triste por não saber nada de nada.

"Não."

"Hibz Allah. Os libaneses, claro, têm um sotaque muito próprio, não é? Em vez de dizerem Hibz Allah, dizem Hezb'llah. A CNN diz Hezbollah."

"Ah! Hezbollahl", exclamou Tomás, aliviado. "Já ouvi, claro!"

"Nas notícias, presumo."

"Sim, nas notícias."

"E sabe o que é o Hezbollah?"

"Não são os tipos do Líbano que estiveram em guerra com Israel?

Don Snyder sorriu.

"Muito resumidamente, é isso, sim", concordou. "O Hezbollah é uma organização islâmica xiita que nasceu no Líbano em 1982, aglomerando vários grupos formados para resistir à ocupação israelita do Sul do país. Tem laços com o Hamas e a Jihad Islâmica, e houve até sugestões de ligações à Al-Qaeda." Abanou a cabeça e baixou o tom da voz, como se fizesse um aparte. "Confesso que não acredito nisso, sabe? A Al-Qaeda é uma organização sunita cuja ideologia vaabita exclui ostensivamente os xiitas. Os tipos do Bin Laden chegam ao ponto de considerar os xiitas infiéis, veja lá. Ora, isso inviabiliza qualquer aliança entre os dois, não lhe parece?" Dedilhou mais teclas do computador portátil, fazendo aparecer imagens de destruição no ecrã. "De

qualquer modo, o Hezbollah esteve por detrás de vários sequestros de ocidentais e atentados no Ocidente, atos mais do que suficientes para levarem os Estados Unidos e a União Européia a declará-lo uma organização terrorista. O próprio Conselho de Segurança das Nações Unidas emitiu uma resolução, a resolução 1.559, a exigir a dissolução do braço armado do Hezbollah."

Tomás afagou o queixo.

"E o que tem o Hezbollah a ver com o professor Siza?"

O americano balançou afirmativamente a cabeça.

"Ora aí está a pergunta que os inspetores da Ju... uh... da vossa polícia fizeram", disse Don. "O que estavam os cabelos de um homem procurado pela Interpol por ligações ao Hezbollah a fazer no escritório do professor Siza, em Coimbra?"

A pergunta ficou a pairar na sala.

"Qual é a resposta?"

O americano encolheu os ombros.

"Não sei. O que sei é que a vossa polícia entrou imediatamente em contato com o serviço português de informações, o SIS, e estes falaram com o Greg, que fez um telefonema para Langley."

Tomás olhou para Greg Sullivan e, como se tivesse acabado de ser iluminado, apercebeu-se da verdade. O seu amigo Greg, o americano tranquilo que tantas vezes lhe telefonava para falar do Museu Hebraico e ajudar nas negociações com o Getty Center ou o Lincoln Center, estava tão interessado em cultura quanto ele, Tomás, se interessava por baseball ou pelos filmes de Arnold Schwarznegger. Ou seja, nada. Greg não era um homem de cultura; era um agente da CIA que operava em Lisboa sob a capa de adido cultural. Esta súbita tomada de consciência fê-lo olhar para o americano com outros olhos, mas fê-lo sobretudo perceber quão traiçoeiras são as aparências, quão fácil é enganar um ingênuo bem-intencionado como ele próprio.

Apercebendo-se de que fitava o "adido cultural" com ar embasbacado, o português estremeceu, como se acabasse de despertar, e voltou-se de novo para Don.

"O Greg falou consigo, é?"

"Não", negou Don. "O Greg falou com o meu subdiretor do Directorate of Operations. O meu subdiretor falou com o meu chefe, o responsável pelo gabinete de análise de contraterrorismo, e o meu chefe mandou-me vir aqui a Lisboa."

Tomás esboçou uma careta, intrigado.

"Muito bem", disse, balançando a cabeça como um professor a aprovar o trabalho de um aluno aplicado. "E agora diga-me uma coisa, Don. O que estou eu aqui a fazer?"

O americano de cabelos pretos sorriu.

"Não faço a mínima ideia. Fui instruído para lhe explicar os parâmetros da minha missão e foi isso o que acabei de fazer."

O português voltou-se para o "adido cultural".

"Greg, o que tenho eu a ver com isto?"

Sullivan consultou o relógio.

"Acho que não me cabe a mim responder", disse.

"Então cabe a quem?"

"Uh...", hesitou. "Ele deve estar a chegar."

"Ele, quem?"

"Já o vai conhecer."

IV

O vulto emergiu de uma porta lateral, na sombra, e aproximou-se devagar da mesa de mogno. Tomás e os dois americanos quase se assustaram quando o viram aparecer do nada, como se fosse um espectro, uma figura fantasmagórica que inesperadamente se materializara na sala.

Era um homem alto e bem constituído, de olhar azul glacial, luminoso, tinha o cabelo grisalho cortado à militar e vestia um terno cinzento-escuro; aparentava uns setenta anos, mas permanecia corpulento, um rochedo tão vivido quanto aquelas rugas que lhe saíam dos cantos dos olhos, traços que lhe riscavam de idade o rosto duro e impenetrável. O desconhecido demorou-se na penumbra, sempre imóvel, sinistro até, os olhos azuis contraídos, como se analisasse a situação, como se estudasse Tomás. Deteve-se um instante mais, até puxar enfim a cadeira, inclinar-se para a frente e assumir o seu lugar na mesa de mogno, os olhos frios cintilantes cravados no português.

"Good afternoon, mister Bellamy", cumprimentou Sullivan com um tom de respeito que não passou despercebido a Tomás.

"Hello Greg", disse o homem, a voz baixa e rouca, sem desviar os olhos de Tomás. Todo o seu corpo transmitia poder. Poder e ameaça e agressão latente. "Não me vais apresentar o teu amigo?"

Sullivan obedeceu de pronto.

"Tomás, este é mister Bellamy."

"Como está?"

"Hello Tomás", cumprimentou o recém-chegado, pronunciando o nome de Tomás com um sotaque surpreendentemente correto. "Obrigado por ter vindo."

Sullivan inclinou-se sobre o ouvido do português.

"Foi mister Bellamy que chegou esta manhã a Lisboa", apressou-se a acrescentar, num sussurro respeitoso. "Ele veio de propósito de Langley para..."

"Obrigado, Greg", atalhou Bellamy. "O show é agora meu."

"Yes, mister Bellamy."

O americano do olhar sinistro permaneceu um longo momento com a cadeira puxada para trás, na penumbra da sala, sempre com a atenção presa em Tomás. Tinha uma respiração profunda, quase arfante naquele silêncio pesado; impunha uma presença que suscitava desconforto, temor até. O historiador sentiu gotas de suor brotarem-lhe do topo da testa e tentou sorrir, mas o recém-chegado manteve o rosto fechado, de uma frieza polar, cruel, os olhos contraídos a estudarem o português, a tirarem-lhe as medidas, a avaliarem o homem que tinha diante de si.

Ao fim de alguns minutos, que pareceram uma infinidade a todos os que se encontravam na sala, o desconhecido dos olhos azuis gelados puxou a cadeira para a frente, saindo da penumbra e submetendo-se à luz, apoiou os cotovelos sobre a mesa e revolveu os lábios finos.

"O meu nome é Frank Bellamy e sou o responsável por uma das quatro direções da CIA. Ali o Don é analista do Directorate of Operations. Eu sou o chefe do Directorate of Science and Technology. O nosso trabalho no DS&T é pesquisar, conceber e instalar tecnologias inovadoras de apoio às missões de recolha de informação. Temos satélites que são capazes de ver uma matrícula no Afeganistão como se estivéssemos a meio metro de distância. Temos sistemas de intercepção de mensagens que nos permitem, por exemplo, ler os e-mails que o senhor enviou esta manhã para o Museu Egípcio no Cairo ou verificar os sites pornográficos que ali o Don consultou ontem à noite no seu quarto de hotel." O rosto pálido de Don Snyder enrubesceu de vergonha, ao ponto de o jovem analista americano se ver forçado a baixar a cabeça. "Em suma, não há uma rã neste planeta que seja capaz de dar um peido sem que nós saibamos, se assim o quisermos." Deixou os seus olhos hipnóticos penetrarem em Tomás. "Percebeu o nosso poder?"

O português balançou afirmativamente a cabeça, impressionado com aquela apresentação.

"Sim."

Frank Bellamy recostou-se na sua cadeira.

"Good." Olhou pela janela para a relva fresca que resplandecia no jardim. "Quando a Segunda Guerra Mundial começou, eu era um jovem e promissor estudante de física na Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque. Quando ela terminou, eu estava a trabalhar em Los Alamos, uma terríola perdida no topo de uma colina árida do Novo México." Bellamy falava devagar, pronunciando muito bem as palavras e respeitando pausas compridas. "O nome Projecto Manhattan diz-lhe alguma coisa?"

"Não foi aí que fizeram a primeira bomba atômica?"

Os lábios finos do americano reviraram-se no que de mais parecido com um sorriso ele era capaz de esboçar.

"Você é um fucking gênio", exclamou, com uma ponta de sarcasmo. Ergueu três dedos.

"Fizemos três bombas em 1945. A primeira foi um engenho experimental que explodiu em Alamogordo. Seguiram-se Little Boy, lançada sobre Hiroxima, e Fat Man, atirada sobre Nagasáqui." Abriu as mãos. "Bang, a guerra acabou." Congelou um instante, como que a reviver acontecimentos passados. "Um ano depois, o Projeto Manhattan foi dissolvido. Muitos cientistas continuaram a trabalhar em projetos secretos, mas eu não. Vi-me, de repente, sem emprego. Até que um cientista meu amigo me chamou a atenção para o National Security Act, assinado em 1947 pelo presidente Truman a criar uma agência de informações. A anterior agência, a OSS, tinha sido extinta no final da guerra, mas os receios da expansão do comunismo e as atividades do KGB levaram a América a tomar consciência de que não podia permanecer de braços cruzados. A nova agência chamava-se CIA e eu fui recrutado para a área científica." Voltou a curvar os lábios finos, no que parecia ser uma tentativa de sorriso. "O senhor tem diante de si, portanto, um dos fundadores da agência." O rosto readquiriu o semblante frio anterior. "Poderá agora parecer que a área da ciência seria das menores preocupações da CIA naquela época, mas era exatamente o contrário. A América vivia com o pavor de que a União Soviética desenvolvesse armas atômicas e a CIA empenhou-se nessa questão de três formas." De novo os três dedos. "Em primeiro lugar, vigiando os soviéticos. Em segundo lugar, recrutando cérebros estrangeiros, incluindo nazis. E, em terceiro lugar, vigiando os nossos próprios cientistas. Apesar dos nossos esforços, porém, a União Soviética fez explodir a sua primeira bomba atômica em 1949, criando um clima de paranóia entre

nós. Começou a caça às bruxas, devido à suspeita de que tinham sido os nossos cientistas a passar o segredo para Moscovo." Pela primeira vez, Bellamy desviou os olhos de Tomás e voltou-se para Sullivan. "Greg, arranja-me um café?"

O "adido cultural" ergueu-se de um salto, parecia um soldado que acabara de escutar a ordem do general.

"Right away, mister Bellamy", disse, saindo da sala.

O olhar azul de Frank Bellamy regressou a Tomás.

"Na Primavera de 1951, o então primeiro-ministro de Israel, David Ben Gurion, veio à América recolher fundos para a sua jovem nação, nascida apenas três anos antes. Como sempre acontece nestes casos, estudamos o programa da visita e houve uma coisa que despertou a nossa atenção. Ben Gurion tinha marcado um encontro com Albert Einstein em Princeton. O meu chefe achou que deveríamos vigiar esse encontro e mandou-me, a mim e a um operacional encarregado de sistemas de gravação áudio, montar a escuta da conversa entre os dois." Consultou um pequeno bloco de notas depositado diante de si. "O encontro ocorreu no dia 15 de Maio de 1951, na casa de Einstein, em 112 Mercer Street, Princeton. Tal como o meu chefe previra, Ben Gurion pediu-lhe de facto que concebesse uma bomba atómica para Israel. Ele queria uma bomba de fabrico fácil, tão fácil que um país com escassos recursos fosse capaz de a desenvolver rapidamente e às escondidas."

"E Einstein?", perguntou Tomás, atrevendo-se pela primeira vez a interromper o seu intimidante interlocutor. "Aceitou essa encomenda?"

"O nosso geniozinho resistiu pouco." Voltou a consultar as notas. "Sabemos que começou a trabalhar no pedido de Ben Gurion logo no mês seguinte e ainda o fazia em 1954, um ano antes de morrer." Levantou os olhos do bloco. "Professor Noronha, sabe qual é a energia libertada por uma bomba atômica?"

"A energia nuclear?"

"Sim. Sabe que energia é essa?"

"Suponho que tenha a ver com os átomos, não é?"

"Tudo no universo tem a ver com os átomos, caro professor", declarou Bellamy de modo seco. “Eu pergunto-lhe se tem a noção do que é esta energia?"

Tomás quase se riu.

"Não faço a mínima idéia."

Greg Sullivan regressou à sala com uma bandeja e depositou quatro pequenas chávenas fumegantes na mesa, juntamente com um pratinho repleto de sacos de açúcar. O homem da CIA pegou na sua chávena e, sem adoçar o café, bebeu um trago.

"O universo é constituído por partículas fundamentais", disse, após pousar a chávena. "Pensava-se inicialmente que essas partículas eram os átomos, de tal modo que lhes chamaram átomos. Átomo é a palavra grega que significa indivisível. Só que, com o tempo, os físicos foram-se apercebendo de que era possível dividir o indivisível." Aproximou o polegar do indicador, expressando algo minúsculo. "Descobriu-se que havia partículas ainda mais pequenas, designadamente o protão e o neutrão, que se juntam no núcleo do átomo, e o electrão, que o orbita como se fosse um planeta, só que incrivelmente veloz." Imitou com o indicador o gesto do electrão a circular em torno da chávena pousada na mesa. "Imagine que éramos capazes de encolher Lisboa até às dimensões de um átomo. Se o fizéssemos, um núcleo ficaria do tamanho de, por exemplo, uma das vossas bolas de futebol, colocada no centro da cidade. Nesse caso, um electrão seria um berlinde espalhado por um raio de trinta quilómetros em torno

desse centro, capaz de dar quarenta mil voltas em torno da bola de futebol em apenas um segundo."

"Puxa."

"Isto é só para que tenha a noção de quão vazio e pequeno é um átomo."

Tomás deu três toques na mesa.

"Então se os átomos são assim tão vazios", disse o português, "por que razão, quando eu toco nesta mesa, a minha mão bate nela e não a atravessa?"

"Bem, isso deve-se às forças elétricas de repulsão entre os electrões e a uma coisa que chamamos o Princípio de Exclusão de Pauli, que prevê que dois átomos não podem ocupar o mesmo estado."

"Ah."

"O que nos leva à questão das forças existentes no universo." Bellamy voltou a erguer os dedos, mas desta vez foram quatro. "Todas as partículas interagem entre si através de quatro forças. Quatro. A força da gravidade, a força eletromagnética, a força forte e a força fraca. A força da gravidade, por exemplo, é a mais fraca de todas, mas o seu raio de ação é infinito." Repetiu o gesto da circulação orbital à volta da chávena. "Aqui na Terra sentimos a atracção da força de gravidade do Sol e até do centro da galáxia, em torno da qual giramos. Depois há a força eletromagnética, que é a junção da força elétrica com a força magnética. O que se passa é que a força elétrica faz com que cargas opostas se atraiam e cargas semelhantes se afastem." Bateu com o dedo na mesa. "E é aqui que está o problema. Os físicos aperceberam-se de que os protões têm carga positiva. Mas a força elétrica determina que cargas semelhantes se repelem, não é? Ora, se os protões têm cargas semelhantes, pois são todos positivos, obrigatoriamente têm de se repelir. Foram feitas as contas e descobriu-se que, se se ampliassem os protões para o tamanho de uma bola de futebol, mesmo que se cobrissem os protões com a mais forte liga metálica que se conhece, a força elétrica repulsiva entre eles era tão forte que essa liga metálica seria destruída como se fosse papel higiênico." Ergueu o sobrolho. "E para que veja quão forte é a força elétrica que repele os protões uns dos outros." Fechou o punho. "E, no entanto, apesar de toda esta força repulsiva, os protões mantêm-se unidos no núcleo. Porquê? Que força existe que é ainda mais forte do que a poderosa força elétrica?" Fez uma pausa dramática. "Os físicos puseram-se a estudar o problema e descobriram que existia uma força desconhecida. Chamaram-lhe força nuclear forte. É uma força tão grande, tão grande, que é capaz de manter os protões unidos no núcleo." Cerrou o punho com força, como se a mão fosse a energia que mantinha o núcleo coeso. "Na verdade, a força forte é cerca de cem vezes mais forte do que a força eletromagnética. Se os protões fossem dois comboios a afastarem-se um do outro a alta velocidade, a força forte seria suficientemente forte para os manter juntos, para os impedir de se afastarem. É isso a força forte." Ergueu um dedo, como quem faz um aviso. "Mas, apesar de toda a sua tremenda força, a força forte tem um raio de ação muito curto, menos que o tamanho de um núcleo atômico. Se um protão conseguir sair do núcleo, então deixa de estar sob a influência da força forte e submete-se apenas à influência das restantes forças. Entendeu isto?"

"Sim."

"Good boy." Bellamy considerou por momentos o modo como explicaria o passo seguinte. Voltou a cabeça para a janela e observou o Sol prestes a esconder-se para lá dos edifícios recortados no horizonte. "Repare no Sol. Por que razão ele brilha e irradia calor?"

"São explosões nucleares, não é?"

"Parecem, claro. Na verdade não são explosões, mas movimentos de um plasma cuja origem última se encontra em reações nucleares que ocorrem no núcleo. Sabe o que quer dizer reações nucleares?"

Tomás encolheu os ombros.

"Uh... sinceramente, não sei."

"Os físicos estudaram o problema e descobriram que, sob determinadas condições, era possível libertar a energia da força forte que se encontra no núcleo dos átomos. Consegue-se isso através de dois processos, a cisão e a fusão do núcleo. Ao partir-se um núcleo ou ao fundirem-se dois núcleos, a tremenda energia da força forte que une o núcleo é libertada. Devido à ação dos neutrões, os outros núcleos próximos vão também sendo quebrados, soltando ainda mais energia da força forte e provocando assim uma reação em cadeia. Ora, você já viu quão brutalmente forte é esta força forte, não viu? Agora imagine o que acontece quando a sua energia é libertada em grande quantidade."

"Há uma explosão?"

"Há uma libertação da energia dos núcleos dos átomos, onde está a força forte. Chamamos-lhe, por isso, uma reacção nuclear."

Tomás abriu a boca.

"Ah!", exclamou. "Já entendi."

O americano voltou a contemplar a esfera alaranjada que se deitava sobre os telhados cor de tijolo de Lisboa.

"É isso o que se passa no Sol. A fusão nuclear. Os núcleos dos átomos vão sendo fundidos, libertando-se assim a energia da força forte." Os olhos azuis regressaram aos verdes de Tomás. "Sempre se pensou que isto era algo só produzível pela natureza. Mas em 1934 houve um cientista italiano com quem trabalhei em Los Alamos, chamado Enrico Fermi, que bombardeou urânio com neutrões. A análise dessa experiência permitiu descobrir que o bombardeamento produziu elementos mais leves do que o urânio. Mas como era isso possível? A conclusão foi a de que o bombardeamento quebrara o núcleo do urânio, ou, por outras palavras, provocara a sua cisão, permitindo assim a formação de outros elementos. Percebeu-se deste modo que era possível libertar artificialmente a energia da força forte, não através da fusão dos núcleos, como acontece no Sol, mas através da sua cisão."

"E é isso a bomba atômica."

"Nem mais. No fundo, a bomba atômica consiste na libertação em cadeia da energia da força forte através da cisão do núcleo dos átomos. Em Hiroxima foi usado o urânio para obter esse efeito, em Nagasáqui recorremos ao plutônio. Só mais tarde a bomba de hidrogênio pôs fim ao recurso à cisão dos núcleos, passando antes a usar a fusão dos núcleos, como acontece no interior do Sol."

Frank Bellamy calou-se, recostou-se de novo na cadeira e engoliu todo o café que lhe restava na

chávena. Depois cruzou os dedos das mãos e descontraiu. Parecia ter terminado a sua exposição, o que deixou Tomás algo confuso. O silêncio prolongou-se por uns trinta segundos, tornando-se primeiro desconfortável, depois verdadeiramente insustentável.

"Foi para me contar isso que veio a Lisboa falar comigo?", perguntou o historiador por fim, desconcertado.

"Sim", assentiu o americano glacial, a voz rouca sempre pausada. "Mas isto é apenas uma introdução. Como chefe do Directorate of Science and Technology da CIA, uma das minhas preocupações é vigiar a não-proliferação de tecnologia nuclear. Há vários países do Terceiro Mundo que estão a desenvolver esta tecnologia e, em alguns casos, isso deixa-nos francamente preocupados. O Iraque de Saddam Hussein, por exemplo, tentou fazê-lo, mas os israelitas arrasaram as suas instalações. Neste momento, no entanto, a nossa atenção está voltada para outro país." Retirou um pequeno mapa do bloco de notas e assinalou um ponto. "Este aqui."

Tomás inclinou-se sobre a mesa e observou o ponto assinalado.

"O Irã?"

O homem da CIA assentiu com a cabeça.

"O projeto nuclear iraniano começou no tempo do Xá, quando Teerã tentou instalar um reator nuclear em Bushehr, com a assistência de cientistas alemães. A Revolução Islâmica, em 1979, levou os alemães a suspenderem o projecto, e os ayatollahs, depois de um período em que se opuseram a toda e qualquer modernização do país, decidiram recorrer à ajuda russa para terminar a construção do reator. Só que, entretanto, a Rússia aproximou-se dos Estados Unidos e foi possível convencer os russos a suspenderem o fornecimento de lasers que poderiam ser usados para enriquecer o urânio do seu estado natural para o estado de uso militar. Também a China foi persuadida a suspender a cooperação neste domínio e as coisas pareciam controladas. Mas, no final de 2002, esta ilusão desfez-se. Verificou-se nessa altura que, bem pelo contrário, a situação estava, na realidade, descontrolada." Analisou de novo o mapa. "Descobrimos duas coisas muito perturbadoras." Pôs o dedo num ponto do mapa a sul de Teerã. "A primeira foi que os iranianos construíram aqui em Natanz, em segredo, instalações destinadas a enriquecer urânio com recurso a centrifugadoras de alta velocidade. Se forem ampliadas, estas instalações poderão produzir urânio enriquecido em quantidades suficientes para fabricar uma bomba atómica do estilo de Hiroxima." O

dedo deslizou para outro ponto do mapa, mais a oeste. "A segunda descoberta foi a da construção de instalações aqui em Arak para a produção de água pesada, uma água com deutério usada nos reatores concebidos para criarem plutônio, o material da bomba de Nagasáqui. Ora, a água pesada não é necessária nas instalações nucleares que os russos estão a construir para os iranianos em Bushehr. Se não é necessária para aí, é necessária para quê? Estas instalações de Arak sugerem que existem outras instalações não declaradas, o que consideramos muito inquietante."

"Mas não poderão vocês estar a fazer uma tempestade num copo de água?", perguntou Tomás. "Neste caso, seria um copo de água pesada, claro." Sorriu com o trocadilho. "Afinal de contas, pode ser tudo para uso pacífico da energia nuclear..."

Frank Bellamy olhou-o com desagrado, olhou-o como alguém olha para um idiota.

"Uso pacífico?" Os olhos azuis quase cintilaram, pareciam lâminas frias. "O uso pacífico da energia atômica, caro professor, resume-se à construção de centrais para produção de eletricidade. Ora, o Irã é o maior produtor mundial de gás natural e o quarto maior produtor mundial de petróleo. Por que motivo precisam os iranianos de produzir eletricidade por meios nucleares se o podem fazer de modo muito mais barato e rápido com recurso às suas enormes reservas de gás natural ou de combustíveis fósseis? E, já agora, por que razão andam os iranianos a construir centrais nucleares às escondidas? Para que precisam eles de produzir água pesada, uma substância só necessária para a criação de plutônio?" Fez uma pausa, deixando as perguntas pairarem no ar. "Meu caro professor, não sejamos ingênuos. O programa nuclear

pacífico do Irã não passa de uma fachada, uma capa que esconde a construção de instalações destinadas a apoiar o verdadeiro objetivo de todo este exercício: o programa iraniano de armamento nuclear." Manteve os olhos presos em Tomás. "Percebeu?"

Tomás parecia um aluno bem-comportado, quase aterrorizado diante de um professor maldisposto.

"Sim, sim, percebi."

"A questão é descobrir onde foi o Irã buscar a tecnologia que lhe permitiu chegar já tão longe?" Ergueu dois dedos. "Há duas hipóteses. A primeira é a Coréia do Norte, que obteve do Paquistão informações sobre como enriquecer urânio através de centrifugadoras. Sabemos que a Coréia do Norte vendeu mísseis No-Dong ao Irã e é possível que, no mesmo pacote, tenha vendido a tecnologia nuclear de origem paquistanesa. A segunda hipótese é a do Paquistão ter feito diretamente essa venda. Apesar de se tratar de um país supostamente pró-americano, muitos governantes e militares paquistaneses partilham com os iranianos uma visão islâmica fundamentalista do mundo e não é difícil imaginar que lhes tenham dado uma ajudinha às escondidas."

Tomás consultou discretamente o relógio. Eram seis e dez. Já ali se encontrava havia mais de duas horas e começava a sentir-se cansado.

"Desculpe, mas já se vai fazendo tarde", disse, meio a medo. "Pode-me explicar o motivo pelo qual precisa de mim?"

O homem da CIA tamborilou os dedos no mogno polido da mesa.

"Claro que posso", disse, muito baixinho. Olhou para Don Snyder. Durante toda a exposição, o analista permaneceu sempre muito calado, quase invisível. "Don, já falaste aqui ao nosso amigo sobre o Aziz al-Mutaqi?"

"Yes, mister Bellamy."

Sempre o mesmo tom deferente.

"Já lhe explicaste que o Aziz é um operacional da Al-Muqawama al-Islamiyya?"

“Yes, mister Bellamy."

"E explicaste-lhe que a Al-Muqawama al-Islamiyya é o braço armado do Hezbollah?"

"Yes, mister Bellamy."

"E explicaste-lhe quem é o principal financiador do Hezbollah?"

"No, mister Bellamy."

Um leve cintilar perpassou-lhe no olhar azul.

"Ah!", exclamou. "Não lhe explicaste isso."

"No, mister Bellamy."

O homem da expressão glacial voltou a sua atenção para Tomás.

"O senhor não sabe ainda quem financia o Hezbollah?"

"Eu?", perguntou o português. "Não."

"Diz-lhe, Don."

"É o Irã, mister Bellamy."

Tomás considerou, por momentos, esta nova informação e as respectivas repercussões.

"O Irã, é?", repetiu o português. "E isso significa o quê?"

Bellamy voltou a dirigir-se a Snyder, mas sempre sem tirar os olhos do historiador.

"Don, falaste-lhe no professor Siza?"

"Yes, mister Bellamy."

"Disseste-lhe onde esteve o professor Siza a estudar quando era novo?"

"No, mister Bellamy."

"Então diz-lhe."

"Esteve a estagiar no Institute for Advanced Study, mister Bellamy."

Bellamy dirigiu-se agora a Tomás.

"Percebeu?"

"Uh... não."

"Don, onde se localizava o instituto onde o professor Siza estagiou?"

"Princeton, mister Bellamy."

"E qual o maior cientista que lá trabalhava?"

"Albert Einstein, mister Bellamy."

O homem da CIA ergueu o sobrolho na direção de Tomás.

"Percebeu agora?"

O português passou a mão pelo queixo, avaliando as implicações de todos estes novos dados.

"Estou a ver", disse. "Mas o que significa isso tudo?"

Frank Bellamy respirou pesadamente.

"Significa que há aqui um conjunto de fucking boas perguntas para fazer." Ergueu o polegar esquerdo. "Primeira pergunta, o que estão os cabelos do Aziz al-Mutaqi a fazer no escritório da casa do maior físico existente em Portugal?" Levantou o indicador. "Segunda pergunta, onde está o professor Siza, que estagiou em Princeton no mesmo instituto onde trabalhava Einstein?" Agora o dedo do meio. "Terceira pergunta, por que motivo uma organização como o Hezbollah precisa de raptar este físico em particular?" O dedo seguinte. "Quarta pergunta, o que sabe o professor Siza sobre a encomenda feita por Ben Gurion a Einstein para conceber uma arma nuclear de fabrico simples e barato?" O dedo mindinho. "Quinta pergunta, será que o Irã está a usar o Hezbollah para encontrar uma nova forma de desenvolver armas nucleares?"

Tomás remexeu-se no seu assento.

"Suspeito que o senhor já tem respostas para todas essas perguntas."

"Você é um fucking gênio", devolveu Bellamy, sem mexer um músculo do rosto.

O português ficou a aguardar o ato seguinte, mas nada aconteceu. Frank Bellamy permaneceu de olhos espetados em si, sem emitir qualquer palavra, apenas deixando ouvir a respiração arfada. Greg Sullivan tinha a atenção colada à madeira da mesa, fingindo-se absorvido com algo de importante que ali decorria; e Don Snyder aguardava ordens, o lap-top ainda aberto.

"Bem... se já tem as respostas", gaguejou Tomás, "uh... quaisquer que elas sejam, o que... uh... o que espera de mim?"

O homem do olhar gelado demorou a responder.

"Mostra-lhe a miúda, Don", acabou por murmurar.

Snyder dedilhou apressadamente o teclado do computador.

"Está aqui, mister Bellamy", disse, voltando o ecrã para o outro lado da mesa.

"Reconhece esta senhora?", perguntou Bellamy a Tomás.

O historiador espreitou o ecrã e viu a bela mulher dos cabelos negros e olhos castanho-amarelados.

"Ariana", exclamou. Mirou Bellamy. "Não me diga que ela está metida nisto..."

O homem do olhar azul virou-se para o rapaz do lap-top.

"Don, explica aqui ao nosso amigo quem é essa senhora."

Snyder consultou a ficha colocada ao lado da imagem no ecrã.

"Ariana Pakravan, nascida em 1966 em Isfahan, Irã, filha de Sanjar Pakravan, um dos cientistas iranianos originalmente envolvidos no projeto de Bushehr. Ariana estava em Paris a estudar num colégio quando eclodiu a Revolução Islâmica. Doutorou-se em física nuclear na Sorbonne e casou com o químico francês, Jean-Marc Ducasse, de quem se divorciou em 1992. Não tem filhos. Regressou ao seu país em 1995 e foi colocada no Ministério da Ciência diretamente sob as ordens do ministro Bozorgmehr Shafaq."

"Exatamente o que ela me disse", apressou-se Tomás a adiantar, feliz por não ter sido enganado.

Frank Bellamy pestanejou.

"Ela contou-lhe tudo isso?"

O historiador riu-se.

"Não, claro que não. Mas o pouco que me contou bate certo com esse... enfim... com esse currículo."

"Ela contou-lhe que trabalha no Ministério da Ciência?"

"Sim, contou."

"E contou-lhe que é uma deusa na cama?"

Foi a vez de Tomás pestanejar.

"Perdão?"

"Ela contou-lhe que é uma deusa na cama?"

"Uh... receio que a conversa não tenha chegado a esse ponto", gaguejou, atrapalhado. Hesitou. "E é?"

Bellamy manteve o rosto imóvel durante alguns segundos, mas um ligeiro movimento no canto dos lábios traiu o que parecia ser o princípio de um sorriso.

"O ex-marido disse-nos que sim."

Tomás riu-se.

"Afinal, ela não me contou tudo."

O homem da CIA não devolveu a gargalhada. Comprimiu os lábios e estreitou os olhos frios.

"O que lhe queria ela?"

"Oh, nada de especial. Contratou-me para a ajudar a decifrar um documento antigo."

"Um documento antigo? Que documento antigo?"

"Um inédito de... uh... Einstein."

Logo no instante em que pronunciou o nome do célebre cientista, Tomás arregalou os olhos. Que coincidência, pensou. Um documento de Einstein. Mas, cogitou de imediato, seria mesmo coincidência? Que ligação teria isso com o resto?

"E você aceitou?"

"Hã?"

"E você aceitou?"

"Aceitei o quê?"

Bellamy fez um estalido impaciente com a língua.

"Aceitou decifrar o documento?"

"Uh... sim, sim. Eles pagam bem."

"Pagam quanto?"

"Cem mil euros por mês."

"Isso é uma merda."

"É mais do que eu ganho num ano a trabalhar na faculdade."

"Nós damos-lhe esse dinheiro e você trabalha para nós."

Tomás olhou-o, confuso.

"Trabalho para quem?"

"Para nós. A CIA."

"Para fazer o quê?"

"Para ir a Teerã ver esse documento."

"Só isso?"

"E mais umas coisinhas que depois lhe explicaremos."

"Que coisinhas?"

"Depois lhe explicaremos."

O português sorriu e abanou a cabeça.

"Não, isso não funciona assim", disse. "Eu não sou o James Bond, sou um historiador perito em criptanálise e línguas antigas. Não vou fazer coisas para a CIA."

"Vai, sim."

"Não, não vou."

Frank Bellamy debruçou-se sobre a mesa, os olhos cruéis cravados em Tomás como adagas, os lábios contorcendo-se de fúria congelada, a voz rouca carregada de entoações ameaçadoras, de insinuações sinistras.

"Meu caro professor Tomás Noronha, deixe-me pôr as coisas deste modo", rosnou baixinho. "Se não aceitar a proposta que lhe estou a fazer, o senhor vai ter a vida muito dificultada." Ergueu uma sobrancelha. "Aliás, arrisca-se mesmo a não ter vida, se é que me faço entender." Os cantos da boca dobraram-se no seu habitual esboço de sorriso. "Mas, se aceitar, irão acontecer quatro coisas. A primeira é que vai ganhar os seus míseros duzentos mil euros por mês, cem mil pagos por nós e os outros cem mil pelos iranianos. A segunda é que talvez ajude a encontrar o pobre desgraçado do professor Siza, coitado, cuja filha anda muito chorosa porque não sabe por onde pára o paizinho querido. A terceira é que talvez consiga salvar o mundo do pesadelo das armas nucleares nas mãos dos terroristas. E a quarta, possivelmente a mais importante para si, é que, sim, haverá um futuro na sua vida." Voltou a recostar-se na cadeira. "Entendeu?"

O historiador devolveu-lhe o olhar. Sentia-se furioso por ter sido assim ameaçado e mais furioso ainda porque não tinha escapatória, aquele homem diante de si dispunha de imenso poder e vontade suficiente para o usar como lhe conviesse.

"Entendeu?", perguntou Bellamy novamente.

Tomás acenou devagar com a cabeça.

"Sim."

"Você é um fucking gênio."

"Fuck you", devolveu o português de imediato.

O americano riu-se pela primeira vez. O corpo contraiu-se-lhe com as gargalhadas, parecia soluçar, e só se acalmou um minuto depois, quando o riso se transformou numa tosse persistente. Controlou a tosse e, após uma pausa para retomar a respiração normal, já com o rosto regressado ao seu semblante habitual, embora a face se mantivesse congestionada, mirou Tomás.

"Você tem big balls, professor. Gosto disso." Fez um gesto com a mão na direção de Sullivan e Snyder, que tudo observavam num silêncio sepulcral. "Não há muita gente que se vire para mim e me diga fuck you. Nem o presidente." Apontou o dedo a Tomás e rugiu, subitamente ameaçador. "Não se atreva a voltar a fazê-lo, ouviu?"

"Hmm."

"Ouviu?"

"Sim, já percebi."

O americano coçou a testa.

"Muito bem", suspirou, sempre muito controlado. "Há pouco não acabei de lhe contar a história da encomenda feita por Ben Gurion a Einstein. Quer ouvir o resto?"

"Se faz questão nisso..."

"Einstein começou a conceber a nova bomba atômica no mês seguinte ao encontro com Ben Gurion. Mantenha presente que a idéia era desenhar uma bomba que Israel pudesse depois fabricar rapidamente, com meios escassos e às escondidas. Sabemos hoje que Einstein trabalhou neste projeto durante pelo menos três anos, até 1954, e é possível que ainda trabalhasse no documento em 1955, quando morreu. Sabe-se pouco sobre o que o nosso geniozinho fez. Um cientista que com ele trabalhou, e que nos dava informações regulares, revelou que Einstein lhe dissera ter em mãos a fórmula da maior explosão jamais vista, uma coisa tão grande que, segundo o nosso informador, Einstein se mostrava... uh... siderado com o que tinha descoberto." Adotou o ar de quem faz um esforço de memória, como se tivesse sido

assaltado por uma dúvida. "Sim, é isso", disse enfim. "Siderado. Essa foi a expressão que o nosso informador usou. Siderado."

"E não sabem onde pára esse documento?"

"O documento desapareceu e Einstein levou o segredo para a cova. Mas é possível que ele o tenha confiado a alguém. Diz-se que Einstein se tornou amigo de um jovem físico que foi estagiar para o Institute for Advanced Study e que foi com esse jovem físico que..."

"O professor Siza!"

"Você é um fucking gênio, não há dúvida", confirmou Bellamy. "O professor Siza, nem mais. O mesmo que desapareceu há três semanas. O mesmo que tem um apartamento onde foram encontrados cabelos de Aziz al-Mutaqi, o perigoso operacional do Hezbollah. O mesmo Hezbollah que é o movimento terrorista financiado pelo Irã. O mesmo Irã que está a tentar por todos os meios desenvolver armas nucleares às escondidas."

"Meu Deus."

"Está a entender agora por que motivo queríamos tanto conversar consigo?"

"Sim."

"Falta dizer-lhe uma coisa que nos foi revelada pelo nosso informador,"

"Qual informador?"

"O amigo de Einstein, o homem a quem o nosso geniozinho falou sobre o projeto que Ben Gurion lhe encomendou."

"Ah, sim."

"O nosso informador disse-nos que Einstein tinha até um nome de código para o seu projeto."

Tomás sentiu o coração disparar.

"Que nome?"

Frank Bellamy respirou fundo.

"Die Gottesformel. A fórmula de Deus."

V

O casario pitoresco, de paredes brancas e telhados cor de tijolo, amontoava-se do outro lado do Mondego, erguendo-se por entre as copas dos plátanos, abraçado por uma muralha velha. Os largos e altivos edifícios da universidade coroavam a cidade, a bela torre sineira elevando-se acima de tudo, parecia um farol cravado no topo de um promontório, o ponto de referência para onde todos se voltavam.

O sol mimava Coimbra.

O carro passou pelo Parque do Choupalinho, o plácido lençol do rio a refletir o velho burgo na margem esquerda como um espelho. Agarrado ao volante, Tomás contemplou a urbe na outra banda e não pôde deixar de pensar que, se havia sítio onde se sentia bem, era ali, em Coimbra. Misturava-se naquelas ruas o velho com o novo, a tradição com a inovação, o fado com o rock, o romantismo com o cubismo, a fé

com o conhecimento. Nas artérias arejadas e por entre casas cheias de luz circulava uma importante comunidade estudantil, rapazes e raparigas de livros debaixo dos braços e a ilusão do futuro a bailar-lhes nos olhos, eternos clientes da principal indústria da cidade, a universidade.

Tomás cruzou o Mondego pela Ponte de Santa Clara e entrou no Largo da Portagem, que contornou até meter pela esquerda. Estacionou num espaço parqueado da marginal, junto à estação, e palmilhou o emaranhado labiríntico da Baixinha até chegar à Rua Ferreira Borges, a grande artéria animada por inúmeras lojas, cafés, pastelarias e boutiques, acabando por desembocar na pitoresca Praça do Comércio.

Meteu por um estreito arruamento lateral e entrou num edifício de três andares, servido por um velho elevador com porta gradeada e cheiro a bafio. Carregou no botão e, após uma curta viagem aos solavancos, saiu no segundo andar.

"Tomás", disse a mãe à porta, abrindo-lhe os braços. "Ainda bem que chegaste. Credo, já estava em cuidados."

Abraçaram-se.

"Ah, sim? Porquê?"

"Ora, porquê! Por causa da estrada, por que haveria de ser?"

"O que tem a estrada?"

"São esses malucos todos, filho. Tu não ouves as notícias? Ainda ontem ocorreu um acidente horrível na auto-estrada, ali perto de Santarém. Veio um maluco desembestado a toda a velocidade e bateu num carro que seguia tranquilamente na sua vida. Ia lá dentro uma família e morreu-lhes o bebê, coitadinho."

"Oh, mãe, se eu tivesse medo de tudo nem sequer saía de casa."

"Ah, mas mesmo estar em casa é perigoso, sabias?"

Tomás riu-se.

"Estar em casa é perigoso? Desde quando?"

"Foi o que eu vi nas notícias. Dizem as estatísticas que é em casa que ocorre a maior parte dos acidentes, fica sabendo."

"Pudera! É em casa que as pessoas passam a maior parte do tempo..."

"Ai, só te digo, filhinho", bufou a mãe, juntando as mãos como numa prece. "Viver está pela hora da morte. Pela hora da morte!"

Tomás tirou o casaco e pendurou-o no bengaleiro.

"Pois, está bem", disse, querendo arrumar ali a conversa. "O pai?"

"Está a descansar, coitadinho. Acordou com dores de cabeça e tomou uma coisa muito forte, de maneira que só daqui a uma ou duas horas é que vai acordar." Fez um gesto em direção à cozinha. "Entra, entra. Estou a preparar o almoço."

Tomás sentou-se na copa, cansado da viagem.

"Como é que ele tem passado?"

"O teu pai?" Abanou a cabeça. "Nada bem, o pobrezito. Tem dores, sente-se fraco, anda deprimido..."

"Mas a radioterapia vai resultar, não vai?"

Graça fixou os olhos no filho.

"Apesar da depressão, ele tem esperança nisso, não é?" Suspirou. "Mas o doutor Gouveia disse-me que a radioterapia está apenas a atrasar o processo, mais nada."

Tomás baixou os olhos.

"Acha que ele vai mesmo morrer?"

A mãe susteve a respiração, ponderando o que deveria ou conseguiria responder.

"Vai", acabou ela por dizer num sussurro. "Eu vou-lhe dizendo que não, que é preciso lutar, que há sempre solução. Mas o doutor Gouveia já me disse para não ter ilusões e aproveitar bem o tempo que resta."

"E ele sabe disso?"

"Quer dizer, o teu pai não é parvo, pois não? Sabe que tem uma doença muito grave e esse fato não lhe foi escondido. Mas procuramos sempre manter viva a esperança."

"Como é que ele está a reagir?"

"Tem dias. Primeiro, achou que era tudo um grande engano, que tinham trocado as análises, que..."

"Sim, ele contou."

"Bem, depois lá aceitou. Mas as suas reações variam de dia para dia, às vezes quase de hora para hora até. Numas alturas fica muito deprimido, diz que vai morrer e que não quer morrer. É quando o consolo mais. Mas depois tem momentos em que fala como se tivesse apenas uma gripe, quase contradizendo tudo o que disse uma hora antes. É capaz de fazer projetos sobre viagens... uh... sei lá, fala em ir ao Brasil, ou planeja um safari em Moçambique, coisas assim. O doutor Gouveia diz que se deve deixá-lo sonhar acordado, isso faz-lhe bem, ajuda-o a sair da depressão. E eu, para falar com franqueza, também acho."

Tomás fez um estalido contrariado com a língua.

"Que chatice, isto."

Graça suspirou de novo.

"Ah, é horrível." Abanou a cabeça, como que a sacudir maus pensamentos. "Mas chega de tristezas." Decidiu mudar de assunto. Girou a cabeça, procurando a mala do filho, e não encontrou nada. "Olha lá, tu não dormes cá?"

"Não, mãe. Preciso de voltar esta noite para Lisboa."

"Já? Mas porquê?"

"Tenho um vôo amanhã de manhã."

A senhora pôs as mãos na cara.

"Ai, minha nossa! Um vôo! Vais andar de avião outra vez?"

"Vou, pois. É o meu trabalho."

"Ai, Virgem Santíssima! Já estou arreliada. Sempre que viajas fico toda nervosa, pareço uma galinha diante do cutelo."

"Não fique, não é caso para isso."

"E onde vais tu, Tomás?"

"Vou apanhar um vôo para Frankfurt e fazer a ligação até Teerã."

"Teerã? Mas isso não é na Arábia?"

"É no Irã."

"No Irã? Mas o que vais tu fazer naquela terra de malucos, Santo Deus? Não sabes que eles são uns fanáticos e odeiam estrangeiros?"

"Que exagero!"

"A sério! Ainda noutro dia vi nas notícias. Esses árabes passam a vida a queimar bandeiras americanas e a..."

"Não são árabes, são iranianos."

"Ora! São árabes, como os iraquianos e os argelinos."

"Não, não são. São muçulmanos, mas não são árabes. Os árabes são semitas, os iranianos são arianos."

"Mais razão me estás a dar! Se são arianos, são nazis!"

Tomás esboçou uma careta desesperada.

"Que confusão!", exclamou. "Não é nada disso! Diz-se arianos quando nos referimos aos povos indo-europeus, como os indianos, os turcos, os iranianos e os europeus. Já os árabes são semitas, tal como os judeus."

"Não interessa. Árabes ou nazis, aquilo é tudo a mesma gente, passam o dia de joelhos virados para Meca ou a fazer explodir bombas por toda a parte."

"Que exagero!"

"Que exagero, não. Eu sei do que estou a falar."

"Mas já lá foi alguma vez, para dizer isso assim com tanta autoridade?"

"Não preciso. Eu sei muito bem o que vai por aquelas terras."

"Ah, sim? E como sabe isso?"

A mãe parou diante da cozinha, fitou-o nos olhos e pôs as mãos na cintura.

"Ora, vi nas notícias."

O arroz-doce já ia no fim quando Tomás ouviu o pai a tossir. Instantes mais tarde, a porta do quarto abriu-se e Manuel Noronha, de roupão e aspecto desgrenhado, espreitou para a copa.

"Olá, Tomás. Estás bom?"

O filho levantou-se.

"Olá, pai. Como vai isso?"

O velho professor de matemática fez uma careta indecisa.

"Mais ou menos."

Sentou-se na mesa da copa e a mulher, que arrumava a louça, olhou-o afetuosamente.

"Queres comer alguma coisa, Manel?"

"Só uma sopinha."

Graça encheu um prato de sopa quente e colocou-o diante do marido.

"Ora aqui está. Mais alguma coisa?"

"Não, isto chega", disse Manuel, abrindo a gaveta dos talheres para tirar uma colher. "Não tenho muita fome."

"Bem, se quiseres, há um bifinho no frigorífico. É só fritar." Saiu da cozinha e vestiu um casaco. "Vou aproveitar para dar ali um saltinho à Igreja de São Bartolomeu. Portem-se bem, hã?"

"Até já, mãe."

Graça Noronha saiu do apartamento, deixando pai e filho a sós. Tomás não tinha a certeza de gostar da idéia, afinal de contas sempre foi mais próximo da mãe, mulher faladora e carinhosa, do que do pai, um homem calado, circunspecto, que vivia fechado no seu escritório, entregue ao mundo dos números e das equações, alheio à família e a tudo o resto.

Silêncio.

Um mutismo desconfortável assentou no apartamento, apenas rompido pelo tilintar da colher no prato de sopa e pelo ocasional schlurp que Manuel Noronha emitia ao engolir a comida. Tomás fez-lhe algumas perguntas sobre o seu colega desaparecido, Augusto Siza, mas o pai somente conhecia o que já era do domínio público. Apenas revelou que o assunto estava a deixar toda a gente perturbada na faculdade, ao ponto de o colaborador do professor ter durante uns tempos evitado sair de casa, a não ser para pedir um ou outro favor, como solicitar que lhe fossem buscar comida à mercearia ou guardar uma coisa em qualquer sítio.

A conversa sobre o professor Siza depressa se esgotou e o problema é que Tomás não sabia sobre o que deveriam agora falar; na verdade não se lembrava de alguma vez ter tido uma conversa de jeito com o pai. Mas precisava de preencher o silêncio e começou a contar-lhe a visita ao Cairo e os pormenores da estela que foi inspecionar no Museu Egípcio. O pai ouviu-o sem nada dizer, por vezes murmurando apenas o seu assentimento aqui ou ali, mas tornava-se evidente que não seguia as palavras com atenção, a mente divagava algures, talvez no destino que a doença lhe traçava, talvez no horizonte de abstração por onde frequentemente se perdia.

Voltou o silêncio.

Tomás já não sabia sobre o que tagarelar. Ficou a observar o pai, a sua tez pálida e enrugada, o rosto chupado, o corpo frágil e envelhecido. O pai caminhava a passos largos para a morte e a triste verdade é que, mesmo assim, Tomás não conseguia manter uma conversa com ele.

"Como se sente o pai?"

Manuel Noronha suspendeu a colher no ar e olhou para o filho.

"Tenho medo", disse simplesmente.

Tomás abriu a boca, prestes a perguntar-lhe de que é que tinha medo, mas calou-se a tempo, tão evidente era a resposta. Foi porém nesse instante, no preciso momento em que calou a pergunta que lhe assomara à boca, que percebeu que algo de diferente tinha acontecido com aquela resposta; o pai de algum modo abrira uma janela dentro de si, pela primeira vez dissera-lhe o que sentia sobre alguma coisa. Foi como se, naquele exato segundo, se tivesse processado uma qualquer transformação, como se uma racha se tivesse aberto na muralha que os dividia, como se uma ponte se tivesse erguido sobre um rio intransponível, como se a barreira entre pai e filho se tivesse tornado infinitamente mais pequena. O grande homem, o gênio da matemática que vivia cercado de equações e logaritmos e fórmulas e teoremas, descera à terra e tocara no filho.

"Eu compreendo", limitou-se Tomás a dizer.

O pai abanou a cabeça.

"Não, filho. Não compreendes." Meteu finalmente a colher à boca. "Vivemos a vida como se ela fosse eterna, como se a morte fosse algo que só acontece aos outros e apenas nos está reservada ao fim de muito tempo, tanto tempo que nem merece a pena pensarmos nisso. Para nós, a morte não passa de uma abstração. No entretanto, eu preocupo-me com as minhas aulas e as minhas pesquisas, a tua mãe preocupa-se com a igreja e com as pessoas que vê a sofrerem no noticiário ou na novela, tu preocupas-te com o teu salário e com a mulher que já não tens e com papiros e estelas e outras relíquias cheias de irrelevâncias." Olhou, pela janela da cozinha, para os clientes de uma esplanada, lá em baixo, na Praça do Comércio. "Sabes, as pessoas passam pela vida como sonâmbulas, preocupam-se com o que não é importante, querem ter dinheiro e notoriedade, invejam os outros e esmifram-se por coisas que não valem a pena. Levam vidas sem sentido. Limitam-se a dormir, a comer e a inventar problemas que as mantenham ocupadas. Privilegiam o acessório e esquecem o essencial." Abanou a cabeça. "Mas o problema é que a morte não é uma abstração. Em boa verdade, ela está já aqui ao virar da esquina. Um dia, estamos nós muito bem a deambular pela rua da vida como sonâmbulos, vem um médico e diz-nos: você pode morrer. E é nesse instante, quando de repente o pesadelo se torna insuportável, que finalmente despertamos."

"O pai despertou?"

Manuel levantou-se da mesa, colocou o prato vazio no lavatório e abriu a torneira, passando o prato pela água.

"Sim, despertei", disse. Fechou a torneira e voltou a sentar-se na mesa da copa. "Despertei para, se calhar, viver os meus derradeiros instantes." Olhou para o lavatório. "Despertei para ver a vida escoar-se como a água que desaparece por aquele ralo." Tossiu. "Às vezes sinto uma raiva muito grande com o que me está a acontecer. Ponho-me a perguntar a mim mesmo: porquê eu? Com tanta gente que há por aí, tanta gente que não anda cá a fazer nada, por que razão me havia de acontecer isto a mim?" Passou a mão pela cara. "Olha, noutro dia ia a caminho do hospital e cruzei-me com o Chico da Pinga. Lembras-te dele?"

"Quem?"

"O Chico da Pinga."

"Uh... não, acho que não conheço..."

"Conheces, pois. É aquele velho que passa o dia nos copos e que às vezes vemos por aí aos ziguezagues, todo borracho, com umas roupas muito porcas e andrajosas."

"Ah, sim! Já sei quem é, lembro-me de o ver quando era miúdo. Ele ainda é vivo?"

"Vivo? O homem está são que nem um pêro! Anda sempre bêbado como um cacho, não faz nem nunca fez nada na vida, cheira mal, escarra no chão e bate na mulher... enfim, um vadio, um... um inútil! Pois, olha, cruzei-me com ele e pensei: mas por que raio não foi ele a ficar doente? Mas que Deus é este que me dá uma doença tão grave a mim e deixa um mandrião desta categoria à solta, com saúde para dar e vender?" Arregalou os olhos. "Quando penso nisso, até me irrito!"

"O pai não pode ver as coisas assim..."

"Mas é uma injustiça! Eu sei que não posso encarar as coisas deste modo, que chega a ser imoral desejar que o nosso mal se transfira para os outros, mas, enfim, quando me vejo assim neste estado e olho para a saúde que respira um tipo como o Chico da Pinga, desculpa lá mas não consigo deixar de me sentir zangado!"

"Eu percebo."

"Por outro lado, tenho consciência de que não devo permitir que este sentimento de revolta tome conta de mim." Tossiu. "Sinto que o meu tempo é agora precioso, percebes? Tenho de o aproveitar para me redirecionar, para rever as minhas prioridades, para dar importância ao que realmente tem importância, para esquecer o que é irrelevante e fazer as pazes comigo e com o mundo." Fez um gesto vago. "Passei demasiado tempo fechado em mim mesmo, ignorando a tua mãe, ignorando-te a ti, ignorando a tua mulher e a tua filha, de costas voltadas para tudo, exceto para a matemática que me apaixona. Agora que sei que posso morrer, sinto que passei pela vida como se estivesse anestesiado, como se dormisse, como se, na realidade, não a tivesse vivido. E isso também me revolta. Como pude ser assim tão estúpido?" Diminuiu o tom de voz, quase sussurrando. "É por isso que quero usar o pouco tempo que talvez me resta para fazer o que não fiz em tanto tempo. Quero viver a vida, abraçar o que é realmente importante, reconciliar-me com o mundo." Baixou a cabeça e olhou para o peito. "Mas não sei se isto que tenho dentro de mim me vai deixar."

Tomás não sabia o que dizer. Nunca ouvira o pai refletir sobre a vida e sobre a forma como a vivera, sobre os erros que cometera, sobre as pessoas que devia ter amado e das quais se escondera. No fundo, o pai falava-lhe da sua relação consigo, falava-lhe das brincadeiras que nunca tiveram, das histórias que não lhe lera na cama, dos pontapés na bola que não trocaram, de tudo o que não partilharam. Era também a sua relação com o filho que o pai agora indiretamente questionava. Ficou, por isso, sem saber como lhe responder; sentiu apenas um enorme e pungente desejo de ter uma segunda oportunidade, de na próxima vida ser filho daquele pai e de aquele pai ser um verdadeiro pai para o filho. Sim, como seria bom ter uma segunda oportunidade.

"Talvez tenha mais tempo do que pensa", ouviu-se a dizer. "Talvez o nosso corpo morra, mas a alma sobreviva e o pai possa, numa reencarnação, corrigir os erros desta vida. O pai acredita nisso?"

"Em quê? Na reencarnação?"

"Sim. Acredita nisso?"

Manuel Noronha fez um sorriso triste.

"Gostaria de acreditar, claro. Quem é que, estando na minha posição, não gostaria de acreditar em tal coisa? A sobrevivência da alma. A possibilidade de ela reencarnar mais tarde em alguém e eu poder voltar a viver. Que idéia tão bonita." Abanou a cabeça. "Mas eu sou um homem de ciência e tenho o dever de não me deixar iludir."

"O que quer dizer com isso? Acha que não é possível a alma sobreviver?"

"Mas o que é isso da alma?"

"E... sei lá... é uma força vital, é um espírito que nos anima."

O velho matemático ficou a mirar o filho por um momento.

"Escuta, Tomás", disse. "Olha para mim. O que vês?"

"Uh... vejo o pai."

"Vês um corpo."

"Sim."

"É o meu corpo. Refiro-me a ele como se dissesse: é a minha televisão, é o meu carro, é a minha caneta. Neste caso, é o meu corpo. E algo que é meu, é uma propriedade minha." Encostou a palma da mão ao peito. "Mas se eu digo, o corpo é meu, o que eu estou a dizer é que eu não sou o corpo. O corpo é meu, não sou eu.

Então, o que sou eu?" Colou o dedo à testa. "Eu sou os meus pensamentos, a minha experiência, os meus sentimentos. Isso sou eu. Eu sou uma consciência. Mas agora repara. Será que a minha consciência, este eu que sou eu, é a alma?"

"Uh... sim, suponho que sim."

"O problema é que este eu que sou eu é produto de substâncias químicas que me circulam pelo corpo, de transmissões elétricas entre neurônios, de heranças genéticas codificadas no meu ADN, de um sem-número de condicionalismos exteriores e intrínsecos que moldam este eu que sou eu. O meu cérebro é uma complexa máquina eletroquímica que funciona como um computador e a minha consciência, esta noção que eu tenho da minha existência, é uma espécie de programa. Percebes? De uma certa forma, e literalmente, os miolos são o hardware, a consciência o software. O que levanta naturalmente questões interessantes. Será que um computador tem alma? Se o ser humano é um computador muito complexo, será que ele próprio tem alma? Se todo o circuito morrer, a alma sobrevive? Sobrevive onde? Em que sítio?"

"Bem... uh... ergue-se do corpo e vai... uh... vai..."

"Vai para o céu?"

"Não, vai... sei lá, vai para uma outra dimensão."

"Mas de que é feita essa alma que se ergue do corpo? De átomos?"

"Não, acho que não. Deve ser uma substância incorpórea."

"Não tem átomos?"

"Julgo que não. É um... uh... um espírito."

"Bem, isso leva-me a formular uma outra pergunta", observou o matemático. "Será que, um dia, no futuro, a minha alma se lembra desta minha existência?"

"Sim, dizem que sim."

"Mas isso não faz sentido, pois não?"

"Por que não?"

"Repara, Tomás. Como é que nós organizamos a nossa consciência? Como é que eu sei que sou eu, que sou um professor de Matemática, que sou teu pai e marido da tua mãe? Que nasci em Castelo Branco e que já estou quase careca? Como é que eu sei tudo sobre mim?"

"O pai conhece-se por causa do que viveu, do que fez e do que disse, do que ouviu e viu e aprendeu."

"Exato. Eu sei que sou eu porque tenho memória de mim mesmo, de tudo o que me aconteceu, mesmo o que aconteceu há apenas um segundo. Eu sou a memória de mim mesmo. E onde se localiza essa memória?"

"No cérebro, claro."

"Nem mais. A minha memória encontra-se localizada no cérebro, armazenada em células. Essas células fazem parte do meu corpo. E é aqui que está a questão. Quando o meu corpo morre, as células da memória deixam de ser alimentadas por oxigênio e morrem também. Apaga-se assim toda a minha memória, a lembrança do que eu sou. Se assim é, como raio pode a alma lembrar-se da minha vida? Se a alma não tem átomos, não pode ter células da memória, não é? Por outro lado, as células onde a memória da minha vida se encontrava gravada já morreram. Nessas condições, como é que a alma se lembra do que quer que seja? Não achas tudo isso um pouco sem sentido?"

"Mas o pai fala como se nós fôssemos todos umas máquinas, uns computadores." Abriu as mãos, como quem expõe uma evidência. "Eu tenho uma novidade para lhe dar. Nós não somos computadores, somos gente, somos seres vivos."

"Ah, sim? E qual é a diferença entre os dois?"

"Bem, nós pensamos, sentimos, vivemos. Os computadores não."

"E tens a certeza de que somos mesmo diferentes?"

"Então não somos, pai? Os seres vivos são biológicos, os computadores não passam de circuitos."

Manuel Noronha ergueu o rosto para cima, como se estivesse a falar para Alguém.

"E tirou este rapaz um doutoramento numa universidade..."

Tomás hesitou.

"Por que diz isso? Eu disse algum disparate?"

"O que disseste, filho, é o que qualquer biólogo diria, fica descansado. Mas, se perguntares a um biólogo o que é a vida, ele vai-te responder mais ou menos assim: a vida é um conjunto de processos complexos baseados no átomo de carbono." Ergueu o indicador. "Atenção. Mesmo o mais lírico dos biólogos reconhece, no entanto, que a expressão-chave desta definição não é átomo de carbono, mas processos complexos. É verdade que todos os seres vivos que conhecemos são constituídos por átomos de carbono, mas não é isso verdadeiramente o que é estruturante para a definição da vida. Há bioquímicos que admitem que as primeiras formas de vida na Terra não foram baseadas nos átomos de carbono, mas nos cristais. Os átomos são apenas a matéria que torna a vida possível. Não interessa se é o átomo A ou o átomo B. Imagina que eu tenho o átomo A na cabeça e que, por algum motivo, ele é substituído pelo átomo B. Será que eu deixo de ser eu só por esse motivo?" Abanou a cabeça. "Não me parece. O que faz com que eu seja eu é um padrão, uma estrutura de informação. Ou seja, não são os átomos, é a forma como os átomos se organizam." Tossiu. "Sabes de onde é que vem a vida?"

"Vem de onde?"

"Vem da matéria."

"Ora, grande novidade!"

"Não estás a perceber onde é que eu quero chegar." Bateu com o dedo na mesa. "Os átomos que estão no meu corpo são exatamente iguais aos átomos que estão nesta mesa ou numa qualquer galáxia distante. Eles são todos iguais. A diferença está na forma como eles se organizam. O que é que achas que organiza os átomos de modo a formarem células vivas?"

"Uh... não sei."

"Será uma força vital? Será um espírito? Será Deus?"

"Se calhar..."

"Não, filho", disse, abanando a cabeça. "O que organiza os átomos de modo a formarem células vivas são as leis da física. É essa a questão central. Repara, como pode um conjunto de átomos inanimados formar um sistema vivo? A resposta está na existência de leis de complexidade. Todos os estudos mostram que os sistemas se organizam espontaneamente, de modo a criarem sempre estruturas cada vez mais complexas, em obediência a leis da física e exprimindo-se por equações matemáticas. Houve até um físico que ganhou o Prêmio Nobel por demonstrar que as equações

matemáticas por detrás das reações químicas inorgânicas são semelhantes às equações que regem os padrões de comportamento simples de sistemas biológicos avançados. Ou seja, os organismos vivos são, na verdade, o produto de uma incrível complexificação dos sistemas inorgânicos. E essa complexificação não resulta da atividade de uma qualquer força vital, mas da organização espontânea da matéria. Uma molécula, por exemplo, pode ser constituída por um milhão de átomos

ligados de uma forma muito específica e complicada, e a sua atividade é controlada por estruturas químicas tão complexas que se assemelham a uma cidade. Entendes onde eu quero chegar?"

"Hmm... sim."

"O segredo da vida não está nos átomos que constituem a molécula, está na sua estrutura, na sua organização complexa. Essa estrutura existe porque obedece a leis de organização espontânea da matéria. E, da mesma maneira que a vida é o produto da complexificação da matéria inerte, a consciência é o produto da complexificação da vida. A complexidade da organização é que é a questão-chave, não é a matéria." Abriu uma gaveta e pegou num livro de receitas, que abriu, exibindo o interior. "Estás a ver estas letras? Estão impressas com que cor de tinta?"

"Preta."

"Imagina que, em vez de tinta preta, o tipógrafo utilizava tinta roxa." Fechou o livro e acenou com ele. "Será que a mensagem deste livro deixaria de ser a mesma?"

"Claro que não."

"É evidente que não. O que faz a identidade deste livro não é a cor da tinta das letras, é uma estrutura de informação. Não importa que a tinta seja preta ou roxa, importa é o conteúdo informativo do livro, a sua estrutura. Posso ler um Guerra e Paz impresso com fonte Times New Roman e outro Guerra e Paz de uma editora diferente impresso com fonte Arial, mas o livro será sempre o mesmo. É, em qualquer circunstância, o Guerra e Paz de Leo Tolstoi. Pelo contrário, se tiver um Guerra e Paz e um Anna Karenina impressos com a mesma fonte, por exemplo Times New Roman, isso não fará com que os dois livros se tornem a mesma coisa, pois não? O que é estruturante, pois, não é a fonte nem a cor da tinta das letras, é a estrutura do texto, a sua semântica, a sua organização. O mesmo se passa com a vida. Não importa se a vida é baseada no átomo de carbono ou em cristais ou em qualquer outra coisa. O que faz a vida é uma estrutura de informação, é uma semântica, é uma organização complexa. Eu chamo-me Manuel e sou professor de Matemática. Podem-me tirar o átomo A e meter o átomo B no corpo, mas, desde que esta informação seja preservada, desde que esta estrutura se mantenha intacta, eu continuo a ser eu. Podem-me mudar todos os átomos e substituí-los por outros, que eu continuo a ser eu. Aliás, já está provado que, ao longo da vida, vamos mesmo mudando quase todos os átomos. E, no entanto, eu continuo a ser eu. Peguem no Benfica e mudem-lhe todos os jogadores. Mas o Benfica permanece, continua a ser o Benfica, independentemente de jogar este ou aquele jogador. O que faz o Benfica não são os jogadores A ou B, é um conceito, é uma semântica, é uma estrutura de informação. O mesmo se passa com a vida. Não interessa qual o átomo que, num dado momento, preenche a estrutura. O que interessa é a estrutura em si. Desde que os átomos viabilizem a estrutura de informação que define a minha identidade e as funções dos meus órgãos, a vida é possível. Entendeste?"

"Sim."

"A vida é uma muito complexa estrutura de informação e todas as suas atividades envolvem processamento de informação." Tossiu. "Esta definição, no

entanto, tem uma profunda consequência. É que, se o que constitui a vida é um padrão, uma semântica, uma estrutura de informação que se desenvolve e interage com o mundo em redor, nós, feitas as contas, somos uma espécie de programa. A matéria é o hardware, a nossa consciência é o software." Encostou o dedo à testa. "Nós somos um muito complexo e avançado programa de computador."

"E qual é o programa desse... uh... computador?"

"A sobrevivência dos genes. Há biólogos que definiram o ser humano como uma máquina de sobrevivência, uma espécie de robô programado cegamente para preservar os genes. Eu sei que, assim postas as coisas, parece chocante, mas é isso que nós somos. Computadores programados para preservar genes."

"Por essa definição, um computador é um ser vivo."

"Sem dúvida. É um ser vivo que não é construído por átomos de carbono."

"Mas isso não é possível!"

"Por que não?"

"Porque um computador limita-se a reagir a um programa pré-definido."

"Que é o que fazem todos os seres vivos baseados nos átomos de carbono", devolveu o pai. "O teu problema é que um computador é uma máquina que funciona na base do estímulo-resposta programada, não é?"

"Uh... sim."

"E o cão de Pavlov? Não funciona na base do estímulo-resposta programada? E uma formiga? E uma planta? E um gafanhoto?"

"Bem... sim, mas é... diferente."

"Não é nada diferente. Se conhecermos o programa do gafanhoto, se soubermos o que o atrai e o repele, o que o motiva e o que o assusta, poderemos prever todo o seu comportamento. Os gafanhotos têm programas relativamente simples. Se acontecer X, eles reagem de maneira A. Se acontecer Y, eles reagem de maneira B. Exatamente como uma máquina concebida por nós."

"Mas os gafanhotos são máquinas naturais. Os computadores são máquinas artificiais."

Manuel olhou em redor da cozinha, à procura de uma idéia. A sua atenção fixou-se na janela, numa árvore erguida no passeio em frente, para onde um pardal esvoaçou.

"Olha ali para as aves. Os ninhos que eles constroem nas árvores são naturais ou artificiais?"

"São naturais, claro."

"Então tudo o que o homem faz também é natural. Nós, que temos um conceito antropocêntrico da natureza, é que dividimos tudo entre coisas naturais e coisas artificiais, sendo que definimos que as artificiais são as feitas pelos homens e as naturais feitas pela natureza, pelas plantas e pelos animais. Mas isso é uma convenção humana. A verdade é que, se o homem é um animal, tal como as aves, então é uma criatura natural, certo?"

"Sim."

"Sendo uma criatura natural, tudo o que ele faz é natural. Logo, as suas criações são naturais, da mesma maneira que o ninho feito pelas aves é uma coisa natural." Tossiu. "O que eu quero dizer é que tudo na natureza é natural. Se o homem é um

produto da natureza, então tudo o que ele faz também é natural. Apenas por uma convenção de linguagem se estabeleceu que os objetos que ele cria são artificiais, quando, na verdade, são tão naturais quanto os objetos que as aves criam. Logo, sendo criações de um animal natural, os computadores, tais como os ninhos, são naturais."

"Mas não têm inteligência."

"Nem as aves ou os gafanhotos têm." Fez uma careta. "Ou melhor, as aves, os gafanhotos e os computadores têm inteligência. O que eles não têm é a nossa inteligência. Mas, por exemplo, no caso dos computadores, nada garante que, daqui a cem anos, eles não venham a ter uma inteligência igual ou superior à nossa. E, se atingirem o nosso grau de inteligência, podes estar certo de que desenvolverão emoções e sentimentos e tornar-se-ão conscientes."

"Isso não acredito."

"Que possam ter emoções e tornarem-se conscientes?"

"Sim. Não acredito nisso."

Manuel Noronha foi assaltado por um súbito ataque de tosse, uma tosse tão cavada que parecia quase expulsar os pulmões pela boca. O filho ajudou-o a recompor-se, oferecendo-lhe água e procurando acalmá-lo. Quando o ataque morreu, Tomás olhou para o pai com ar apreensivo.

"O pai está bem?"

"Sim."

"Quer ir deitar-se um pouco? Se calhar é..."

"Eu estou bem, deixa estar", atalhou o velho matemático.

"Veja lá."

"Eu estou bem, eu estou bem", insistiu, recuperando o fôlego. "Onde é que íamos?"

"Oh, não interessa."

"Não, não. Eu quero explicar-te isto, é importante."

Tomás hesitou e fez um esforço de memória.

"Uh... dizia-lhe eu que não acredito que os computadores possam ter emoções e consciência."

"Ah, sim", exclamou Manuel, recuperando o fio do raciocínio. "Achas que os computadores não podem ter emoções, não é?"

"É. Nem emoções nem consciência."

"Pois estás muito enganado." Inspirou fundo, normalizando a respiração. "Sabes, as emoções e a consciência resultam de se atingir um determinado grau de inteligência. Ora, o que é a inteligência? Hã?"

"A inteligência é a capacidade de fazer raciocínios complexos, acho eu."

"Exato. Ou seja, a inteligência é uma forma de elevada complexidade. E não é preciso atingir-se o grau da inteligência humana para se criar a consciência. Por exemplo, os cães são muito menos inteligentes do que os homens, mas, se perguntares ao dono de um cão se o seu cão tem emoções e consciência das coisas, ele dir-te-á, sem hesitar, que sim. O cão tem emoções e consciência. Logo, as emoções e a

consciência são mecanismos que emergem a partir de um determinado grau de complexidade de inteligência."

"Portanto, o pai acha que os computadores, se atingirem esse grau de complexidade, tornar-se-ão emotivos e conscientes?"

"Sem dúvida."

"Custa-me a acreditar nisso."

"Custa-te a ti e custa à maior parte das pessoas que não está dentro do problema. A idéia de máquinas possuírem consciência parece chocante ao comum dos mortais. E, no entanto, a maior parte dos cientistas que lida com este problema acredita ser possível tornar consciente uma mente simulada."

"Mas o pai acha que é mesmo possível tornar um computador inteligente? Acha que é possível que ele pense por si só?"

"Claro que é. Aliás, os computadores já são inteligentes. São mais inteligentes do que uma minhoca, por exemplo." Ergueu o dedo. "Não são é tão inteligentes como os seres humanos, mas são mais inteligentes do que uma minhoca. Ora, o que é que separa a inteligência do ser humano da inteligência da minhoca? A complexidade. O nosso cérebro é muito mais complexo do que o da minhoca. Obedece aos mesmos princípios, ambos têm sinapses e ligações, só que o cérebro humano é incomensuravelmente mais complexo do que o da minhoca." Bateu na parte lateral da cabeça. "Tu sabes o que é um cérebro?"

"É o que temos cá dentro do crânio."

"Um cérebro é uma massa orgânica que funciona exatamente como um circuito eléctrico. Em vez de ter fios, tem neurônios, em vez de ter chips, tem miolos, mas é precisamente a mesma coisa. O seu funcionamento é determinista. As células nervosas disparam um impulso elétrico em direcção ao braço com uma determinada ordem, segundo um padrão de correntes elétricas pré-definidas. Um diferente padrão produziria a emissão de um diferente impulso. Exatamente como um computador. O que eu quero dizer é que, se nós conseguirmos tornar o cérebro do computador muito mais complexo do que é atualmente, poderemos pô-lo a funcionar ao nosso nível."

"E é possível torná-los tão inteligentes quanto os seres humanos?"

"Em teoria, nada o impede. Repara, os computadores já batem os seres humanos na velocidade de cálculo. Onde eles apresentam enormes deficiências é na criatividade. Um dos pais dos computadores, um inglês chamado Alan Turing, estabeleceu que, no dia em que conseguirmos manter com um computador uma conversa exatamente igual à que teríamos com qualquer outro ser humano, então é porque o computador pensa, é porque o computador tem uma inteligência ao nosso nível."

Tomás adptou uma expressão cética.

"Mas isso é mesmo possível?"

"Bem... uh... é verdade que, durante muito tempo, os cientistas acharam que não, devido a um complicado problema matemático." Tossiu. "Sabes, nós, os matemáticos, sempre acreditamos que Deus é um matemático e que o universo está estruturado segundo equações matemáticas. Essas equações, por mais complexas que pareçam, são todas elas resolúveis. Se não se consegue resolver uma equação, isso não se deve ao fato de ela ser irresolúvel, mas às limitações do intelecto humano em resolvê-la."

"Não estou a ver onde quer chegar..."

"Já vais perceber", prometeu o pai. "A questão dos computadores poderem ou não adquirir consciência está ligada a um dos problemas da matemática, a questão dos paradoxos autoreferenciais. Por exemplo, repara no que eu vou dizer. Eu só digo mentiras. Notas aqui alguma anomalia?"

"Em quê?"

"Nesta frase que eu acabei de formular. Eu só digo mentiras."

Tomás soltou uma gargalhada.

"É uma grande verdade."

O pai olhou-o com ar condescendente.

"Ora aí está. Se é verdade que eu só digo mentiras, então, tendo dito uma verdade, eu não digo só mentiras. Se a frase é verdadeira, ela própria contém uma contradição dentro de si." Agitou as sobrancelhas, satisfeito consigo próprio. "Durante muito tempo, pensou-se que este era um mero problema semântico, resultante das limitações da língua humana. Mas, quando este enunciado foi transposto para uma formulação matemática, a contradição manteve-se. Os matemáticos passaram muito tempo a tentar resolver o problema, sempre na convicção de que ele era resolúvel. Essa ilusão foi desfeita em 1931 por um matemático chamado Kurt Gódel, que formulou dois teoremas,

chamados da Incompletude. Os teoremas da Incompletude são considerados um dos maiores feitos intelectuais do século XX e deixaram os matemáticos em estado de choque." Hesitou. "É um pouco complicado explicar em que consistem estes teoremas, mas é importante que fiques com..."

"Tente."

"Tento o quê? Explicar os teoremas da Incompletude?"

"Sim."

"Não é fácil", disse, abanando a cabeça. Encheu o peito de ar, como se procurasse ganhar coragem. "A questão essencial é que Gódel provou que não existe nenhum procedimento geral que demonstre a coerência da matemática. Há afirmações que são verdadeiras, mas não são demonstráveis dentro do sistema. Esta descoberta teve profundas consequências, ao revelar as limitações da matemática, expondo assim uma sutileza desconhecida na arquitetura do universo."

"Mas o que tem isso a ver com os computadores?"

"É muito simples. Os teoremas de Gódel sugerem que, por mais sofisticados que sejam, os computadores vão sempre enfrentar limitações. Apesar de não conseguir mostrar a coerência de um sistema matemático, o ser humano consegue perceber que muitas afirmações dentro do sistema são verdadeiras. Mas o computador, colocado perante tal contradição irresolúvel, bloqueará. Logo, os computadores jamais serão capazes de igualar os seres humanos."

"Ah, já percebi", exclamou Tomás. Fez um ar satisfeito. "Então o pai está-me a dar razão..."

"Não necessariamente", disse o velho matemático. "A grande questão é que nós podemos apresentar ao computador uma fórmula que sabemos ser verdadeira, mas que o computador não pode provar que é verdadeira. É verdade. Mas também é verdade que o computador nos pode fazer o mesmo. A fórmula só não é demonstrável para quem está a trabalhar dentro do sistema, entendes? Quem estiver fora do sistema consegue provar a fórmula. Isso é válido para um computador como para um

ser humano. Conclusão: é possível um computador ser tão ou mais inteligente quanto as pessoas."

Tomás suspirou.

"Tudo isso para provar o quê?"

"Tudo isso para te provar que não passamos de computadores muito sofisticados. Achas que os computadores podem vir a ter alma?"

"Que eu saiba, não."

"Então, se nós somos computadores muito sofisticados, também não podemos ter. A nossa consciência, as nossas emoções, tudo o que sentimos é resultado da sofisticação da nossa estrutura. Quando morrermos, os chips da nossa memória e da nossa inteligência irão desaparecer e nós apagamo-nos." Respirou fundo e encostou-se na cadeira. "A alma, meu querido filho, não passa de uma invenção, de uma maravilhosa ilusão criada pelo nosso ardente desejo de escaparmos à inevitabilidade da morte."

VI

Os olhos quentes de Ariana Pakravan esperavam por Tomás junto à saída dos passageiros, no terminal do velho Aeroporto Internacional Mehrabad. Por momentos, porém, o recém-chegado sentiu-se desorientado, procurando por entre a multidão de chador negros ou coloridos o rosto familiar que teimava em não lhe aparecer; e foi só quando Ariana se chegou ao pé de si e lhe tocou no braço que o historiador se deu por encontrado. Mas Tomás teve dificuldades em reconhecer a sua anfitriã nos trajos islâmicos que envergava e não pôde deixar de se sentir chocado com a diferença entre aquela mulher de véu verde e a sofisticada iraniana com quem almoçara no Cairo apenas uma semana antes.

"Salam, professor", saudou a voz sensual, dando-lhe as boas-vindas. "Kbosk amadin!"

"Olá, Ariana. Como está?"

O português ficou na expectativa, não sabia se devia inclinar-se para a beijar nas duas faces ou se haveria uma outra qualquer forma de saudação mais adequada naquela terra de tão radicais costumes. A iraniana resolveu-lhe o problema, estendendo-lhe a mão.

"Teve um bom vôo?"

"Ótimo", disse Tomás. Rolou os olhos. "Ia desmaiando sempre que vinha a turbulência, claro. Mas, tirando isso, correu tudo bem."

Ariana riu-se.

"Tem medo de voar, é?"

"Medo não, só tenho... uh... receio." Fez uma careta. "Passo a vida a gozar com a minha mãe por ela ter medo de viagens, mas a verdade é que sou como ela, não é? Herdei-lhe o gene."

A iraniana inspecionou-o, espreitando para o saco que ele trazia ao ombro e verificando se não vinha atrás nenhum carregador com mais malas.

"Não traz mais bagagem?"

"Não. Eu viajo sempre leve."

"Então está bem. Vamos andando."

A mulher conduziu-o para uma fila à saída do aeroporto, na berma do passeio. O recém-chegado olhou para a frente e viu automóveis cor de laranja a recolherem passageiros.

"Vamos de táxi?" bim.

"Não tem carro?"

"Professor, estamos no Irã", disse, sempre num tom jovial. "As mulheres a conduzir não são aqui lá muito bem-vistas."

"Puxa."

Acomodaram-se no assento traseiro do táxi, um Paykan a cair de velho, e Ariana inclinou-se para o motorista.

"Lotfan, man o bebarin be botei Simorgh."

"Bale."

Tomás só percebeu a palavra hotel.

"Que hotel é?"

"É o Simorgh", explicou Ariana. "O melhor de todos."

O taxista voltou a cabeça para trás.

"Darbast mikhayin?"

"Bale", retorquiu a mulher.

Tomás mostrou-se curioso.

"O que quer ele?"

"Estava a perguntar se queríamos o táxi só para nós."

"O táxi só para nós? Não entendo..."

"É um costume iraniano. Os táxis, apesar de já estarem ocupados com passageiros, param pelo caminho para recolherem ainda mais passageiros. Se quisermos ficar com o táxi só para nós teremos de pagar a diferença entre o valor que pagaremos e o que pagariam outros passageiros que o motorista terá agora de perder."

"Ah. O que lhe respondeu?"

"Disse-lhe que sim", afirmou a iraniana. "Queremos o táxi só para nós."

Ariana tirou o véu e, como um farol que tudo encandeia, a perfeição das suas linhas de rosto iluminou os olhos do português. Tomás já não se lembrava de quão bela era aquela mulher, com os seus lábios sensuais, os olhos cor de caramelo, a tez láctea, a expressão exótica. O professor forçou-se a virar a cara para lá da janela, preocupado em não permanecer especado a admirar-lhe a face bonita.

Teerã girava em torno de si, as ruas apinhadas de automóveis, as casas espraiando-se para lá do horizonte; a cidade era uma floresta de cimento, feia, desordenada, cinzenta, coberta por uma neblina suja e gordurosa que pairava no ar como um espectro pardacento. Um vulto alvo e resplandecente, como um firme floco de nuvens iluminado pelo sol, planava sobre a neblina sebácea, atraindo o olhar interrogativo do recém-chegado.

"É a estrela Polar de Teerã", explicou Ariana.

"Estrela Polar?"

A iraniana sorriu, divertida.

"Sim, é como chamamos às montanhas Alborz." Mirou a cordilheira distante. "Elas estendem-se por todo o norte da cidade, sempre cobertas de neve, mesmo no Verão. Quando nos sentimos desorientados, procuramo-las por cima das casas e, ao ver aqueles picos nevados, sabemos que ali é o norte."

"Mas vêem-se tão mal..."

"É por causa do smog. A poluição nesta cidade é terrível, sabe? Pior do que o Cairo. Às vezes temos dificuldade em vê-las, apesar de as montanhas serem tão altas e se encontrarem ali tão perto."

"Lá altas parecem elas, sem dúvida."

"O pico mais elevado é o do monte Damavand, aquele à direita." Apontou. "Tem mais de cinco mil metros de altitude e, sempre que..."

"Cuidado!"

Um automóvel branco proveniente da direita apareceu disparado contra o táxi. Quando parecia que o choque seria inevitável, o táxi guinou para a esquerda, quase abalroando uma camioneta, que travou e buzinou desenfreadamente, e endireitou-se, escapando por uma fração de segundo à colisão.

"O que foi?", quis saber Ariana.

O português suspirou de alívio.

"Ufa! Escapamos por pouco."

A iraniana riu-se.

"Oh, não se preocupe. Isto é normal."

"Normal?"

"Sim. Mas é verdade que todos os estrangeiros, mesmo as pessoas habituadas ao tráfego caótico das cidades do Médio Oriente, ficam em pânico quando aqui chegam. Conduz-se um pouco rápido, é um fato, e os visitantes apanham todos os dias dois ou três sustos de morte. Mas nunca acontece nada, no último instante tudo se compõe, vai ver."

Tomás observou o trânsito compacto e célere, uma expressão apreensiva desenhada nos olhos.

"Você acha?", perguntou, a voz carregada de ceticismo.

"Não, não acho. Sei." Fez um sinal com as mãos. "Relaxe, vá."

Mas era impossível descontrair e o português, intranquilo, passou o resto da viagem mais atento àquele trânsito infernal. Em vinte minutos apercebeu-se de que ninguém fazia sinais para a esquerda nem para a direita quando virava, poucos eram os condutores que pareciam consultar o espelho retrovisor antes de mudarem de direção, mais raros os que usavam cintos de segurança; guiava-se a uma velocidade impossível e as buzinadelas e o chiar dos travões eram sons naturais e permanentes, um verdadeiro concerto sobre o alcatrão. O cúmulo ocorreu em plena auto-estrada, na Fazl ol-Lahnuri, quando viu um automóvel virar bruscamente em sentido proibido na faixa contrária e avançar algumas centenas de metros contra o trânsito, acabando por sair por um caminho de cabras.

Tal como Ariana previra, porém, chegaram sãos e salvos ao hotel. O Simorgh era um hotel luxuoso, de cinco estrelas e uma recepção requintada. A iraniana ajudou-o a fazer o check-in e despediu-se à porta do elevador.

"Descanse um pouco", recomendou. "Venho buscá-lo às seis da tarde para o levar a jantar."

O quarto apresentava-se finamente decorado. Depois de atirar o saco para o chão, Tomás foi à janela e contemplou Teerão; a cidade era dominada por prédios urbanos de mau gosto e elegantes minaretes que se elevavam acima do casario incolor. Ao fundo, como um gigante adormecido, estendia-se a presença protectora das montanhas Alborz, a neve a cintilar nos cumes como jóias de um colar exposto numa monumental vitrina.

Sentou-se na cama e consultou o folheto plastificado do Simorgh, enumerando os serviços de luxo para os clientes; os principais eram a banheira de hidromassagens, o ginásio e uma piscina, com horários rotativos para homens e mulheres. Inclinou-se e abriu a porta do minibar. Viam-se garrafas de água mineral e refrigerantes, incluindo Coca-Cola; mas o que verdadeiramente o alegrou foi a imagem de uma lata de cerveja da marca Delster, coberta por gotas de água gelada. Sem esperar mais, encetou a lata e engoliu a cerveja.

"Porra."

Quase vomitou o líquido; não sabia a cerveja, tinha antes o néctar da sidra. E, previsivelmente, não continha álcool.

O telefone tocou.

"Hello"', atendeu Tomás.

"Hello?", devolveu uma voz masculina do outro lado. "Professor Tomás Noronha?"

"Yes?"

"É um prazer estar no Irã?"

"Como?"

"É um prazer estar no Irã?"

"Ah", compreendeu Tomás. "Uh... venho fazer muitas compras."

"Very well", devolveu a voz, satisfeita por escutar aquela frase. "Vemo-nos amanhã?"

"Se eu puder, sim."

"Tenho bons tapetes para si."

"Sim, sim."

"A bom preço."

"Está bem."

"Estarei à sua espera."

Click.

Tomás ficou um longo momento com o telefone pendurado na mão, mirando o bocal, reconstituindo a conversa, relembrando cada palavra, interpretando a entoação das frases. O homem do outro lado da linha falara inglês com um forte sotaque local,

não havia dúvidas de que se tratava de um iraniano. Faz sentido, reflectiu o historiador, balouçando levemente a cabeça. Faz sentido. É lógico que o homem da CIA em Teerã teria de ser um iraniano.

Quando a porta do elevador se abriu e Tomás saiu para o lobby do hotel, já Ariana o aguardava, sentada num sofá, junto a um grande vaso, uma chávena de chay de ervas sobre a mesa. A iraniana vestia um hejab diferente, com umas calças largas a flutuarem-lhe nas pernas altas, uma maqna'e colorida sobre a cabeça e um manto de seda a cobrir-lhe o corpo curvilíneo.

"Vamos?"

Desta vez circularam por Teerã num carro com motorista, um homem calado, de cabelo curto e boné na cabeça. Ariana explicou que a avenida onde se situava o hotel, a Valiasr, se prolongava por vinte quilômetros, desde o sul pobre até ao início das Alborz, atravessando o abastado norte da cidade; a Valiasr constituía o eixo em torno do qual se erguera a moderna Teerão, o lugar dos cafés da moda, dos restaurantes de luxo e dos edifícios diplomáticos.

Levaram tempo a cruzar a urbe e a atingir o sopé das montanhas. O automóvel escalou a encosta rochosa e entrou num jardim paisagístico, protegido por árvores altas. Por detrás erguia-se a parede escarpada das Alborz, lá em baixo estendia-se o formigueiro barrento do casario de Teerão, à direita o sol adquiria o tom alaranjado do crepúsculo.

Estacionaram no jardim e Ariana levou Tomás a um edifício com enormes janelas e rodeado de varandas; era um restaurante turco. O estabelecimento tinha sido erguido num local privilegiado, dispondo de uma magnífica vista da cidade, que apreciaram por momentos; com o lusco-fusco a abater-se sobre o vale, porém, a brisa começou a soprar fria e não se detiveram mais tempo por ali.

Uma vez dentro do restaurante, sentaram-se à janela, Teerão a seus pés. A iraniana pediu uma mirza gbasemi vegetariana para si e recomendou ao seu convidado um broke, sugestão prontamente aceite, Tomás queria conhecer aquele prato de carne picada com batatas e vegetais.

"Não lhe faz confusão esse lenço na cabeça?", perguntou o português, enquanto esperavam pela comida.

"O hejab?"

"Sim. Não lhe faz confusão isso?"

"Não, é uma questão de hábito."

"Mas para quem estudou em Paris e se habituou aos costumes ocidentais, não deve ser fácil..."

Ariana esboçou uma expressão interrogativa.

"Como sabe você que eu estudei em Paris?"

Tomás arregalou os olhos, horrorizado. Tinha cometido um terrível erro. Lembrou-se que essa informação lhe foi dada por Don Snyder, algo que, como era evidente, não podia confessar.

"Uh... não sei", gaguejou. "Acho... uh... acho que me disseram isso na embaixada... uh... na vossa embaixada em Lisboa."

"Ah é?", admirou-se a iraniana. "Andam muito faladores, os nossos diplomatas."

O português forçou-se um sorriso.

"São... são simpáticos. Falei sobre si, sabe? E eles contaram-me isso."

A anfitriã suspirou.

"Pois, estudei em Paris."

"E por que veio para cá?"

"Porque as coisas não deram certo lá. Tive um casamento que não funcionou e, quando me divorciei, senti-me muito só. Por outro lado, tinha a minha família toda cá. Foi uma decisão difícil, nem calcula quanto. Eu estava totalmente europeizada, mas a aversão à solidão e as saudades da família acabaram por ser mais fortes e optei por voltar. Foi na altura em que os reformadores começaram a crescer, o país liberalizava-se e as coisas pareciam melhores para as mulheres. Fomos nós, as mulheres, mais os jovens, que colocamos o Khatami na presidência, sabia?" Fez um esforço de memória. "Isso foi, deixe cá ver, foi em... em 1997, dois anos depois de eu ter voltado. A coisa, a princípio, correu bem. Ouviram-se as primeiras vozes em defesa dos direitos das mulheres e houve algumas que até entraram no Majlis.'"

"O Majquê?"

"O Majlis, o nosso parlamento."

"Ah. As mulheres entraram no Parlamento, foi?"

"Sim, e não foi só isso, sabe? Graças aos reformistas, as solteiras conquistaram o direito de irem estudar para o estrangeiro e a idade legal do casamento para raparigas subiu dos nove para os treze anos. De modo que foi nessa altura que eu fui trabalhar para Isfahan, a minha terra natal." Esboçou uma careta. "O problema é que os conservadores retomaram o controlo do Majlis nas eleições de 2004 e... não sei, estamos agora a ver o que isto vai dar. Para já, fui transferida de Isfahan aqui para o Ministério da Ciência, em Teerã."

"O que estava a fazer em Isfahan?"

"Trabalhava numa central."

"Que tipo de central?"

"É uma coisa experimental. Não interessa."

"E foi agora transferida para Teerã?"

"No ano passado."

"Porquê?"

Ariana riu-se.

"Acho que alguns homens são muito tradicionalistas e ficam nervosos por terem uma mulher a trabalhar com eles."

"O seu marido deve ter ficado aborrecido com a transferência, não?"

"Não voltei a casar."

"Então ficou o seu namorado."

"Também não tenho namorado." Ergueu a sobrancelha. "Mas o que é isto? Está-me a testar, é?

Quer ver se eu estou disponível?"

O português soltou uma gargalhada.

"Não, claro que não." Hesitou. "Quer dizer... uh... sim."

"Sim, o quê?"

"Sim, estou a testá-la. Sim, quero saber se está disponível." Inclinou-se para a frente, os olhos a reluzir. "Está?"

Ariana corou.

"Professor, estamos no Irã. Há certos comportamentos que... que..."

"Não me chame professor, faz-me velho. Chame-me Tomás."

"Não posso. Tenho de cuidar das aparências."

"Como assim?"

"Não posso mostrar intimidade consigo. Na verdade, eu devia chamar-lhe agha professor."

"O que é isso?"

"Senhor professor."

"Então chame-me Tomás quando estivermos a sós e agha professor quando estiver alguém por perto. Combinado?"

Ariana abanou a cabeça.

"Não pode ser. Tenho de me dar ao respeito."

O historiador abriu as mãos, num gesto de desistência.

"Como queira", disse. "Mas, diga-me uma coisa. Como é que os iranianos vêem uma mulher como você, assim bela, ocidentalizada, divorciada, a viver sozinha?"

"Bem, eu só vivo sozinha aqui em Teerã. Em Isfahan estava em casa da minha família. Sabe

que, aqui, há o costume de a família viver toda junta. Irmãos, avós, netos, tudo debaixo do mesmo

tecto. Mesmo os filhos, quando casam, ainda ficam algum tempo a viver com os pais."

"Hmm-hmm", murmurou Tomás. "Mas não respondeu à minha pergunta. Como é que os seus compatriotas encaram o seu modo de vida?"

A iraniana respirou fundo.

"Não muito bem, como seria de esperar." Fez um ar pensativo. "Sabe, as mulheres aqui não têm muitos direitos. Quando veio a Revolução Islâmica, em 1979, as coisas mudaram muito. O hejab tornou-se obrigatório, a idade de casamento para raparigas foi fixada nos nove anos e as mulheres foram proibidas de aparecer em público com um homem que não fosse da sua família ou a viajar sem consentimento do marido ou do pai. O adultério pela mulher passou a ser punido com

apedrejamento até à morte, mesmo nos casos em que ela era violada, e até o uso incorreto do hejab passou a dar direito a vergastadas."

"Caramba", exclamou Tomás. "As mulheres começaram a ter vida difícil, hem?"

"Pode crer. Eu, na altura, estava em Paris, pelo que não passei por essas vergonhas todas. Mas ia acompanhando isto tudo à distância, não é? As minhas irmãs e as minhas primas foram-me pondo ao corrente dos novos tempos. E acredite que eu não teria vindo em 1995 se achasse que as coisas iriam ficar na mesma. Na altura estavam a emergir os reformadores, havia sinais de abertura e eu... enfim, resolvi arriscar."

"Você é muçulmana?"

"Claro."

"Não lhe choca o modo como o Islã trata as mulheres?"

Ariana fez um ar atrapalhado.

"O profeta Maomé disse que os homens e as mulheres têm diferentes direitos e responsabilidades." Ergueu o dedo. "Repare, ele não disse que uns têm mais direitos do que os outros, disse apenas que são diferentes. É a forma como esta frase do profeta foi interpretada que está por detrás de todos estes problemas."

"Acha que Deus está realmente preocupado em saber se as mulheres usam véu ou não usam véu, se podem casar com nove, treze ou dezoito anos, se têm relações extraconjugais? Acha que Deus se incomoda com essas coisas?"

"É claro que não. Mas o que eu acho é irrelevante, não é? Esta sociedade funciona como funciona e não há nada que eu possa fazer para alterar as coisas."

"Mas é a sociedade que funciona assim ou é o Islão que funciona assim?"

"Não sei, acho que é a sociedade e a forma como ela interpreta o Islã", observou Ariana, pensativa. "O Islã é sinônimo de hospitalidade, de generosidade, de respeito pelos mais velhos, de sentido de família e de comunidade. A mulher realiza-se aqui como esposa e como mãe, tem o seu papel definido e tudo é claro." Encolheu os ombros. "Mas quem quiser algo mais... enfim, talvez saia frustrada, não é?"

Fez-se silêncio.

"Está arrependida?"

"De quê?"

"De ter voltado. Está arrependida?"

Ariana encolheu os ombros.

"Gosto da minha terra. É aqui que está a minha família. As pessoas são fantásticas, já reparou? Lá fora têm a idéia de que isto é tudo um bando de fanáticos, de gente que passa o dia a queimar bandeiras americanas, a gritar contra o Ocidente e a disparar kalashnikov para o ar, quando, na realidade, não é bem assim." Sorriu. "Até bebemos Coca-Cola."

"Já reparei. Mas voltou a não responder à minha pergunta."

"Qual pergunta?"

"Você sabe muito bem. Está arrependida de ter voltado ao Irã?"

A iraniana respirou fundo, algo intranquila com a questão.

"Não sei", disse por fim. "Procuro algo."

"Procura o quê?"

"Não sei. Quando encontrar, saberei."

"Procura alguém?"

"Talvez." Voltou a encolher os ombros. "Não sei, não sei. Acho que... procuro um sentido."

"Um sentido?"

"Sim, um sentido. Um sentido para a minha vida. Sinto-me um pouco perdida, meio caminho entre Paris e Isfahan, algures numa terra de ninguém, numa pátria desconhecida que não é francesa nem iraniana, que não é europeia nem asiática, mas, ao mesmo tempo, é tudo isso. A verdade é que ainda não encontrei o meu lugar."

O empregado turco, de pele morena e um ligeiro toque mongol, apareceu com a travessa do jantar. Colocou o mirza gbasemi diante de Ariana e o broke à frente de Tomás, mais dois copos de ab portugal, o sumo de laranja que ambos encomendaram em homenagem ao país do visitante, afinal de contas não é qualquer nação que tem um nome que se confunde com uma fruta em parsi. Para lá da janela, um mar de luzes tremeluzia pela escuridão, era Teerã a brilhar à noite, a cidade resplandecia até à linha do horizonte e para lá dela cintilava como uma imensa árvore de Natal.

"Tomás", murmurou Ariana, bebericando o sumo. "Gosto de falar consigo."

O português sorriu.

"Obrigado, Ariana. Obrigado por me chamar Tomás."

VII

O edifício era um bloco compacto de cimento, um monstro escondido por um muro alto, no topo do qual assentava uma coroa de arame farpado, e decorado por acácias frondosas, numa ruela oculta de Teerã. O motorista baixou o vidro da janela do carro e falou em parsi com o guarda; o homem armado espreitou para o banco de trás da viatura, os olhos dançando por momentos entre Ariana e Tomás, e regressou ao casinhoto. A cancela foi levantada e o automóvel estacionou junto a uns arbustos.

"É aqui que você trabalha?", perguntou Tomás, avaliando o edifício cinzento.

"Sim", disse a iraniana. "É o Ministério da Ciência, Pesquisa e Tecnologia."

A primeira preocupação foi a de registar o visitante, atribuindo-lhe um cartão que lhe permitia frequentar o ministério durante um mês. O processo revelou-se moroso na secretaria, onde o pessoal, sempre sorrindo e manifestando uma simpatia e cerimônia que chegava a roçar o absurdo, o obrigou a preencher sucessivos formulários.

Já com o cartão na mão, Tomás foi levado ao segundo andar e apresentado ao director do departamento de projetos especiais, um homem baixo e magro, de pequenos olhos escuros e barba grisalha pontiaguda.

"Este é agha Mozaffar Jalili", disse Ariana. "Está a trabalhar comigo neste... uh... projeto."

"Sob bekbeir", cumprimentou o iraniano, sorridente.

"Bom dia", devolveu Tomás. "É o senhor que está encarregado do projeto?"

O homem fez um gesto vago com a mão.

"Formalmente, sim." Olhou de relance para Ariana. "Mas, na prática, é a khanom Pakravan quem está a conduzir os trabalhos. Ela tem... uh... qualificações especiais e eu limito-me a prestar-lhe toda a assistência logística. O senhor ministro considera este projeto de grande valor científico, sabe? De modo que determinou que os trabalhos devem prosseguir sem demora, sob a direção da khanom Pakravan."

O português olhou para os dois.

"Muito bem. Então vamos a isso, não é?"

"Quer começar já?", perguntou Ariana. "Não prefere tomar um chay primeiro?"

"Não, não", devolveu ele, esfregando as mãos. "Já comi no hotel. Agora é hora de trabalhar. Mal posso esperar para pôr os olhos no documento."

"Muito bem", disse a iraniana. "Vamos a isso."

Subiram os três ao terceiro andar e entraram numa sala espaçosa, com uma mesa longa no centro e seis cadeiras. As paredes apresentavam-se cobertas de armários com dossiers e dois vasos de

plantas emprestavam cor ao local. Tomás e Jalili sentaram-se à mesa, o iraniano envolvido numa conversa de circunstância, enquanto Ariana se ausentou. Pelo canto do olho, o português apercebeu-se de que ela entrou no gabinete seguinte, onde permaneceu alguns minutos. Reapareceu com uma caixa na mão e depositou-a sobre a mesa.

"Aqui está", anunciou.

Tomás estudou a caixa. Era de cartão reforçado, com aspecto gasto e usado, um lacinho roxo a selar a entrada.

"Posso ver?"

"Com certeza", disse ela, desfazendo o lacinho. Abriu a caixa e tirou do interior um manuscrito amarelecido, de poucas páginas, que colocou diante de Tomás. "Aqui está."

O historiador sentiu o cheiro adocicado do papel velho. A primeira página, uma folha quadriculada cuja fotocópia já tinha visto no Cairo, apresentava o título datilografado em letra de máquina antiga e um poema.

DIE GOTTESFORMEL

Terra if fin

De terrors tigbt

Sabbath fore

Christ nite

A. Einstein

Por baixo, o rabisco com o nome gatafunhado de Albert Einstein.

"Hmm", murmurou o historiador. "Que poema é este?"

Ariana encolheu os ombros.

"Não sei."

"Não foi saber?"

"Fui. Consultamos a Faculdade de Letras da Universidade de Teerã e conversamos com vários professores de literatura inglesa, incluindo peritos em poesia, mas ninguém reconheceu o poema."

"Estranho." Voltou as páginas e analisou os rabiscos escrevinhados a tinta permanente negra, por vezes intercalados por equações. Página atrás de página,

sempre os mesmos gatafunhos e mais equações. Eram vinte e duas páginas, todas numeradas no canto superior direito. Depois de as folhear com vagar e em silêncio, Tomás realinhou-as em bloco e mirou Ariana. "É isto tudo?"

"Sim."

"E onde está a parte que precisa de ser decifrada?"

"É a última folha."

O português tirou a folha que se encontrava no final do manuscrito e estudou-a com curiosidade. Tinha os mesmos rabiscos em alemão, mas terminava com umas palavras enigmáticas.

See sign

!ya ovqo

"Não percebo esta caligrafia", queixou-se Tomás. "O que está aqui escrito?"

"Bem, pela nossa análise caligráfica parece ser !ya e ovqo."

"Hmm", murmurou. "Sim, parece isso..."

"E, em cima, a expressão see sign."

"Mas isso é inglês."

"Sem dúvida."

O historiador fez um ar admirado.

"O que vos leva então a pensar que se trata de uma cifra em português?"

"A caligrafia."

"O que tem ela?"

"Não é de Einstein. Ora repare."

Ariana indicou com o dedo as linhas em alemão e as linhas em inglês, comparando-as.

"De fato", concordou Tomás. "Parecem redigidas por mão diferente. Mas não vejo nada aqui a sugerir mão portuguesa."

"É mão portuguesa."

"Como sabe?"

"Einstein trabalhou neste documento com um físico português que estava a estagiar no Institute for Advanced Study. Já comparamos essas palavras com a caligrafia do estagiário e a conclusão foi positiva. Quem redigiu essa frase enigmática foi, sem dúvida, o português."

Tomás mirou a iraniana. Era evidente que o português se tratava do professor Augusto Siza, mas até que ponto estaria ela disposta a falar do cientista desaparecido?

"Por que não entram em contato com esse português?", perguntou o historiador, fingindo desconhecer o assunto. "Se ele era jovem nessa altura, provavelmente ainda estará vivo."

Um rubor de atrapalhação encheu o rosto de Ariana.

"Esse português está... uh... indisponível."

Ah, pensou Tomás. Estás a esconder algo.

"Como assim, indisponível?"

Jalili interveio em socorro de Ariana. O pequeno iraniano agitou a mão, num gesto impaciente.

"Não interessa, professor. O fato é que não temos acesso a esse seu compatriota e precisamos de perceber o que quer isto dizer." Olhou de relance para a folha. "O senhor acha que consegue decifrar essa trapalhada?"

Tomás voltou a passar os olhos pela charada, pensativo.

"Preciso que me arranje uma tradução completa do texto em alemão", pediu o historiador.

"A tradução completa do manuscrito?"

"Sim, tudo."

"Não pode ser", disse Jalili.

"Perdão?"

"Não lhe posso arranjar a tradução do texto em alemão. Está absolutamente fora de questão."

"Porquê?"

"Porque tudo isto é confidencial", exclamou o iraniano, pegando no manuscrito e arrumando-o na caixa. "Apenas lhe foi mostrado para que o senhor sentisse algum contacto com o trabalho original. Vou-lhe escrever num papel a charada e terá que fazer todo o seu trabalho com base nesse papel."

"Mas porquê?"

"Porque este documento é confidencial, já lhe disse."

"Mas como posso eu decifrar a charada se não conhecer o texto anterior? Pode muito bem acontecer que o texto em alemão encerre o segredo da charada, não é?"

"Lamento, mas são as nossas ordens", insistiu Jalili. Olhou para a última página e copiou a charada de letras para uma folha A4 lisa. "Esta folha vai ser doravante o seu material de trabalho."

"Não sei se, nestas condições, consigo fazer o meu trabalho."

"Conseguirá." Soergueu o sobrolho. "Aliás, nem tem outro remédio. Por ordens do senhor ministro, o senhor só será autorizado a sair do Irã quando completar a decifração."

"O quê?"

"Lamento, mas são as nossas ordens. A República Islâmica está-lhe a pagar bem para decifrar este trecho e deu-lhe acesso a um documento confidencial muito valioso. Compreenderá naturalmente que a confidencialidade tem um preço. Se o senhor sair do Irã sem completar o trabalho, cria-se um problema de segurança nacional, uma vez que o trecho em questão poderá ser decifrado lá fora e nós, que temos o documento original, permaneceremos sem compreender esta peça-chave." O rosto crispado distendeu-se um pouco e Jalili sorriu, esforçando-se por ser amável e dissipar a tensão súbita. "De qualquer modo, não vejo razões para que não conclua com sucesso a

sua missão. Nós ficaremos com a tradução completa e o senhor irá para casa um pouco mais rico."

O português trocou de olhar com Ariana. A mulher fez um gesto de impotência, nada daquilo dependia dela. Percebendo que não dispunha de alternativas, Tomás virou-se para Jalili e suspirou, resignado.

"Muito bem", disse. "Mas já que vou fazer isto, é melhor fazer o trabalho completo, não é?"

O iraniano hesitou, sem perceber esta observação.

"Onde quer chegar?"

Tomás apontou para o manuscrito, já arrumado dentro da caixa de cartão.

"Quero chegar a essa primeira página. Será que também me pode copiar, se faz favor?"

"Copiar a primeira página?"

"Sim. Ela não esconde nenhum segredo terrível, pois não?"

"Não, tem apenas o título do manuscrito, o poema e a assinatura de Einstein."

"Então copie-me isso."

"Mas porquê?"

"Por causa desse poema, claro."

"O que tem o poema?"

"Ora! Não é evidente?"

"Não. O que tem ele?"

"O poema, meu caro, é outra charada."

O resto da manhã foi passado a tentar decifrar as duas charadas, mas sem sucesso. Tomás partiu sempre do princípio de que a segunda ocultava uma mensagem em português e imaginava que a referência see sign, a anteceder a algaraviada, era uma qualquer pista, mas não conseguia perceber qual. Já o poema lhe parecia remeter para uma mensagem em inglês, embora igualmente aqui os seus esforços esbarrassem numa opaca barreira de incompreensibilidade.

À hora do almoço, Tomás e Ariana foram a um restaurante ali perto comer um makhsus kebab, confeccionado com carne de carneiro picada.

"Peço desculpa pela forma como o agba Jalili falou consigo", disse ela, depois do empregado ter trazido a comida. "Os iranianos são habitualmente muito educados, mas este problema é de extrema sensibilidade. O manuscrito de Einstein tem prioridade e confidencialidade máxima, pelo que não podemos correr riscos. A sua estada no Irã enquanto decorre o trabalho de decifração constitui uma questão de segurança nacional."

"Eu não me importo de aqui ficar algum tempo", respondeu Tomás, enquanto mastigava um pedaço de kebab. "Desde que você esteja sempre por perto, claro."

Ariana baixou os olhos e sorriu levemente.

"Espero que isso queira dizer que apenas precisa da minha assistência científica."

"Ah, sim", exclamou o português com ar peremptório. "É apenas isso que espero de si." Fez uma expressão inocente. "Apenas assistência científica, nada mais."

A iraniana inclinou a cabeça.

"Por que será que não acredito em si?"

"Não faço a mínima ideia", riu-se ele.

"Vai-se portar bem, não vai?"

"Vou, vou."

"Por favor, Tomás", implorou ela. "Não se esqueça de que isto não é o Ocidente, está bem? Este é um país especial, onde as pessoas não se podem dar a certas liberdades. Não me vai embaraçar, pois não?"

O português fez uma expressão conformada.

"Pronto, já percebi", disse. "Nada farei que a atrapalhe, fique descansada."

"Ainda bem."

Tomás mirou o que restava do kebab na mão. O sentido da conversa dera-lhe o pretexto que precisava para fazer o que tinha a fazer.

"Depois do almoço, vou passear", anunciou.

"Ah, sim? Onde quer que o leve?"

"Não, você não vem. Se andar sempre comigo, isso poderá gerar alguns comentários desagradáveis para si. Afinal de contas, e como você diz, este é um país especial, não é?"

"Sim, tem razão", admitiu Ariana. "Vou ver se lhe arranjo um guia."

"Não preciso de guia."

"Claro que precisa. Como é que se vai orientar por..."

"Não preciso de guia", repetiu Tomás, mais enfático.

"Bem... uh... há o problema da segurança, percebe? A sua segurança é da nossa responsabilidade, precisamos que alguém o acompanhe para zelar por si."

"Que disparate! Eu sei muito bem cuidar de mim."

Ariana olhou-o, desconcertada.

"Ouça, eu vou-lhe arranjar um guia na mesma."

"Não quero, já disse."

Ela ficou um instante calada, como se estivesse a pensar. Baixou então a cabeça e inclinou-se para o seu convidado.

"Não o posso deixar assim sozinho, não entende?", sussurrou muito rapidamente. "Se você sair sem eu dizer nada a ninguém, posso ser punida." A voz adotou um tom de imploração sedutora. "Deixe-me arranjar-lhe um guia, por favor. Se você depois o despistar, problema do guia, já não tenho nada a ver com isso, não é?" Arregalou muito os olhos melados, em busca de assentimento. "Está de acordo?"

Tomás fitou-a por um momento e acabou por balançar afirmativamente a cabeça.

"Está bem", aceitou. "Chame lá o gorila."

O gorila era um homem baixo e largo, com barba rala forte e sobrancelhas negras carregadas, todo vestido de escuro e com ar de agente de segurança.

"Saiam", saudou o guia que Ariana lhe apresentou. "Haletun chetor e?"

"Ele pergunta se está tudo bem."

"Está, diga-lhe que está tudo bem."

"Khubam", disse ela ao guia.

O homem bateu com o dedo no peito.

"Esmam Rabim e", anunciou, sempre de olhos cravados no historiador. "Rahim."

Tomás percebeu.

"Rahim?" Foi a vez de ser o português a bater no peito. "Eu sou Tomás. Tomás."

"Ah, Tomás", sorriu ele. "Az ashnayitun kbosbbakhtam."

O historiador fez um sorriso amarelo e mirou a iraniana pelo canto do olho.

"Isto promete", disse entre dentes. "Sinto-me como o Tarzan a conversar com a Jane." Fez uma careta. "Me Tomás, you Rahim."

Ariana riu-se.

"Vão-se entender lindamente, vai ver."

“Só se você aceitar ser a minha Jane..."

A iraniana olhou em redor, para se certificar de que ninguém o tinha escutado.

"Vá, não comece", pediu, atrapalhada. "Onde quer que ele o leve?"

"Ao bazar. Apetece-me passear e fazer umas compras."

Rahim recebeu as indicações e entraram ambos num Toyota negro, um carro do ministério colocado à disposição do português para as suas voltinhas nessa tarde. O automóvel mergulhou no caótico trânsito de Teerão e convergiu em direcção ao sul da cidade; à medida que progrediam, a construção ia-se tornando pior, tudo parecia ainda mais congestionado, desordenado e degradado do que no resto da vasta urbe de catorze milhões de habitantes.

O motorista foi sempre tagarelando em parsi, enquanto Tomás assentia distraidamente, nada compreendendo e nada querendo compreender, os olhos perdidos no confuso e poluído emaranhado de ruas e casas, a mente a congeminar como se iria livrar do seu palrador guia-motorista-protetor-vigilante. A determinado ponto, seguiam por uma alameda, Rahim apontou para uns comerciantes e disse mais qualquer coisa em parsi, a expressão bazaris algures lá no meio. Alertado por essa palavra, como se uma sineta de alarme lhe tivesse soado aos ouvidos, Tomás procurou freneticamente indicações e apercebeu-se de uma tabuleta a referir que aquela era a Avenida Khordad. Conhecia-a do mapa que estudara atentamente na noite anterior, pelo que nem hesitou. Num gesto brusco abriu a porta do carro e saltou para o meio da avenida, desencadeando um tropel de travagens e buzinadelas.

"Bye-bye!", disse, acenando de fugida ao estupefato Rahim, que permanecia agarrado ao volante, de boca aberta, a ver o português volatilizar-se diante de si.

O motorista despertou da breve letargia provocada pela surpresa e parou o carro em plena Khordad, atirando-se também cá para fora, sempre a gritar em parsi; mas, por essa altura, já o seu cliente se embrenhara na multidão e tinha desaparecido na teia de ruelas que marcava o princípio do grande bazar de Teerã.

VIII

Um labirinto de ruas estreitas, becos e lojas de todas as espécies assinalava o coração comercial da capital do Irã. O bazar revelou-se uma cidade dentro de uma cidade, as ruelas a abrirem-se por vezes em praças e pracetas, as pequenas lojas intercaladas por mesquitas, bancos, pensões e até um quartel de bombeiros. Um teto semitransparente cobria o emaranhado de artérias, lançando uma protetora sombra sobre o velho mercado. Uma densa corrente humana apinhava-se por aquela rede labiríntica, mas, apesar de se aglomerarem ali tantas pessoas, todas caminhando ao passo lento de

quem sabe que o dia é para ser fruído, uma frescura aprazível enchia os corredores, cada canto perfumado por um odor característico.

Numa ruela dominada por lojinhas de especiarias, onde os aromáticos produtos coloridos se encontravam expostos ao ar livre, Tomás pôs a mão no bolso e retirou o papel que escrevinhara com a indicação do nome que procurava.

"Salam", disse a um comerciante. "Zamyad Shirazi?"

"Shirazi?"

"Bale."

Uma algaraviada em parsi jorrou da boca do homem e o português procurou concentrar-se nos gestos da mão, que lhe indicavam para seguir em frente e, algures sobre o mar de cabeças lá ao fundo, virar à esquerda. Agradeceu as indicações e avançou pela rua das especiarias até apanhar a perpendicular à esquerda. Meteu pela rua dos cobres e voltou a pedir informações, tendo a sua rota sido corrigida.

Chegou por fim à rua dos tapetes. Quando voltou a perguntar por Zamyad Shirazi, um comerciante indicou-lhe, com profusos gestos e muito parsi, a loja que se encontrava dez metros à frente. Avançou uns passos e parou diante do seu destino. Tal como as restantes lojas da rua, aquele estabelecimento tinha a porta coberta por tapetes persas e rolos de tapetes amontoados junto à entrada. Depois de se certificar de que ninguém por entre aquele aglomerado de gente o seguira, Tomás deu um passo em frente e penetrou na sombra.

O interior era escuro, iluminado por lâmpadas amareladas, e no ar flutuavam películas de pó e pairava um cheiro seco e penetrante, parecia naftalina. Sentiu uma comichão no nariz e espirrou ruidosamente. Os tapetes persas enchiam todo o espaço, incluindo as paredes e o tecto; via-se tapeçaria de diversas cores e de todos os géneros, incluindo os clássicos mian farsb, kellegi e kenareb, com os mais variados motivos, mas os dominantes revelavam-se os geométricos, os de arabescos e uns, mais trabalhados, mostrando cenas de jardins e arranjos de flores, sobretudo crisântemos, rosas e lótus.

"Khosh amadinl Kbosh amadin!", saudou um homem anafado, que se aproximava a passos largos e de braços abertos, um sorriso acolhedor aberto nos lábios. "Bem-vindo à minha humilde loja. Aceita um chay?"

"Não, obrigado."

"Oh, por favor! Temos um maravilhoso chay, vai ver."

"Agradeço-lhe, mas não quero. Almocei há pouco."

"Oh! Se acabou de almoçar, ainda melhor! Um chay é perfeito para a digestão. Perfeito." Fez um gesto largo com os braços, abarcando toda a loja. "Enquanto o bebe, pode ir apreciando os meus magníficos tapetes." Assentou a mão gorda nos que

estavam mais próximos. "Ora veja, tenho aqui lindíssimos tapetes gul-i-bulbul, de Qom, com belos desenhos de pássaros e flores. Excelentes! Excelentes!" Apontou para a direita. "Tenho ali também sajadeh curdos, provenientes expressamente de Bijar para a minha loja. Um enorme exclusivo." Inclinou-se para o cliente, adotando o ar de quem guardava lá ao fundo da loja um valioso tesouro. "E se gosta do grande poema Sbahnamab, então vai ficar embasbacado com..."

"Zamyad Shirazi?", interrompeu Tomás. "O senhor é Zamyad Shirazi?"

O homem curvou-se numa leve vênia.

"Para o servir, excelência". Arregalou os olhos. "Se procura um tapete parsi, venha à loja do Shirazi!" Sorriu, muito satisfeito com a ingênua rima que inventara para promover a loja. "Em que o posso ajudar?"

Tomás observou-o com atenção, procurando avaliar o efeito das suas palavras no comerciante.

"É um prazer estar no Irã", disse.

O sorriso desfez-se e o homem fitou-o com algum alarme.

"Como?"

"É um prazer estar no Irã."

"O senhor vem fazer muitas compras?"

Tomás sorriu. Era a contra-senha.

"Chamo-me Tomás", apresentou-se, estendendo a mão. "Disseram-me para vir aqui."

De olhar aflito, Zamyad Shirazi cumprimentou-o apressadamente e foi espreitar à entrada, para se certificar de que não havia movimentos suspeitos na rua. Mais tranquilizado, fechou a porta da loja e, com gestos furtivos, fez sinal ao visitante para o seguir. Penetraram no estabelecimento escuro e foram desembocar num estreito armazém, atafulhado de tapetes. Subiram umas escadas em caracol e o comerciante mandou-o entrar numa pequena salinha.

"Espere aqui, por favor", disse-lhe.

Tomás acomodou-se num sofá e aguardou. Ouviu Shirazi afastar-se e, após um curto silêncio, apercebeu-se do som de um antiquado aparelho de telefone a ser discado. Escutou de imediato a voz distante do anfitrião a falar com alguém em parsi, respeitando pequenas pausas para ouvir o que lhe diziam do outro lado. A conversa durou apenas uns breves momentos. Depois de uma rápida troca de palavras, o comerciante desligou e Tomás apercebeu-se dos passos a aproximarem-se, até que viu o rosto bolachudo de Shirazi a espreitar pela porta da salinha.

"Já aí vêm", disse o comerciante.

O homem gordo afastou-se, voltando pelo mesmo caminho por onde ambos vieram. Tomás manteve-se sentado no sofá, de perna cruzada, à espera de novidades.

O iraniano parecia um lutador de boxe. Era um indivíduo alto, corpulento, de grandes arcadas supraciliares e bigode preto farfalhudo, abundantes pêlos negros a emergirem-lhe do colarinho desapertado e das orelhas pequenas. Entrou na salinha a destilar energia, todo ele despachado, com ar de quem não tinha tempo a perder.

"Professor Noronha?", perguntou, estendendo o braço peludo e musculado.

"Sim, sou eu."

Apertaram as mãos.

"Muito prazer. O meu nome é Golbahar Bagheri. Sou o seu contacto aqui em Teerã."

"Como está?"

"Certificou-se de que não foi seguido?"

"Sim, julgo ter despistado o meu guia ainda fora do bazar."

"Excelente, excelente", disse o homenzarrão, esfregando as mãos. "Langley pediu-me para lhes enviar um relatório ainda hoje. Quais são as novidades? Viu o documento?"

"Sim, vi. Foi esta manhã."

"É genuíno?"

Tomás encolheu os ombros.

"Isso não sei. A verdade é que tinha um ar envelhecido, as páginas já se apresentavam amareladas e encontrava-se dactilografado na capa e manuscrito no resto. Um rabisco na primeira página parecia ser a assinatura de Einstein. Presumivelmente, todas as linhas do documento foram igualmente escritas pela mão dele, com excepção de uma mensagem cifrada no fim. Os iranianos acham que esta mensagem cifrada foi redigida pelo punho do professor Siza."

Bagheri sacou um bloco de notas do bolso e pôs-se a escrevinhar com frenesim.

"Tudo manuscrito, uh?"

"Sim. Com exceção da primeira página, claro."

"Hmm-hmm..." Gatafunhou mais um pouco no bloco. "Tinha a assinatura de Einstein?"

"Assim parecia. E os iranianos disseram ter confirmado isso com testes de caligrafia."

"Eles revelaram onde esteve guardado o manuscrito todo este tempo?"

"Não."

Mais notas.

"E o conteúdo?"

"Quase tudo em alemão. Na primeira página vem o título, Die Gottesformel, depois um poema, cuja origem e sentido os iranianos não conseguiram determinar, e, por baixo, o que parece ser a assinatura de Einstein."

Ainda mais notas.

"Hmm-hmm", voltou Bagheri a murmurar enquanto escrevinhava, a língua rosada espreitando pelos lábios. "E o resto?"

"O resto eram vinte e tal páginas redigidas em alemão a tinta permanente negra. Tinha um texto corrido e muitas equações estranhas, daquelas que se vêem numa aula de matemática na universidade, sabe?"

"O que dizia o texto?"

"Não sei. Embora eu perceba os rudimentos de alemão, os meus conhecimentos não me permitem entender o que se encontrava ali escrito. Além disso, aquilo está redigido à mão, é de difícil leitura. Por outro lado, a verdade é que eles não me

deixaram lê-lo, nem sequer aceitaram dizer qual o tema do manuscrito. Alegaram segurança nacional."

Bagheri parou de garatujar e fitou-o por momentos.

"Segurança nacional, uh?"

"Sim, foi o que eles disseram."

O iraniano voltou a escrevinhar no bloco de notas, sempre frenético.

"Não deu para perceber quaisquer pormenores do tipo de engenho nuclear descrito?"

"Não."

"Nem se envolvia urânio ou plutônio?"

"Nem isso."

"Quando voltar lá, pode ao menos verificar essa informação?"

"Ouça, eles não me vão deixar ver novamente o manuscrito. Mostraram-me apenas uma vez para eu ter uma idéia geral do que se tratava, mas disseram-me que, por motivos de segurança nacional, já não o poderei consultar de novo."

Bagheri voltou a imobilizar-se para mirar o seu interlocutor.

"Nem mais uma vez?"

"Nem mais uma única vez."

"Então como é que eles querem que você faça o seu trabalho?"

"Copiaram-me a parte cifrada para um papel. Terei de trabalhar a partir daí."

"Copiaram-lhe a parte cifrada, é?"

"Sim. É um trecho manuscrito na última página. E tenho também o poema da primeira. Quer ver?"

"Sim, sim. Mostre lá."

Tomás tirou do bolso uma folha dobrada em quatro. Abriu-a e revelou as linhas que Jalili copiara a caneta preta a partir do original de Einstein.

"Está aqui."

Terra if fin
De terrors tight
Sabbath fore
Christ nite

See sign
!ya ovqo

"O que é isto?"

"O poema é a primeira parte, a mensagem cifrada é a segunda."

O iraniano pegou na folha e copiou o texto para o bloco de notas.

"Mais nada?"

"Mais nada."

"E o professor Siza? Falaram nele?"

"Nada. Apenas deram a entender que ele não estava acessível."

"O que quer isso dizer?"

"Não faço idéia. Eles mostraram-se muito desconfortáveis nessa parte e recusaram-se a elaborar.

Quer que lhes pergunte novamente?"

Bagheri abanou a cabeça enquanto escrevia.

"Não, é melhor não. Isso iria levantar suspeitas desnecessárias. Se eles não querem falar do assunto, não vão falar, não é?"

"Também acho."

O enorme iraniano terminou os seus apontamentos, guardou o bloco e cravou os olhos no visitante.

"Bem, eu agora vou transmitir tudo isto a Langley." Consultou o relógio. "A esta hora é madrugada lá. Eles só vão ver o relatório de manhã, noite nossa, e ainda vão ter de o analisar. Presumo que só pelo final da nossa manhã eu terei uma resposta com instruções." Suspirou. "Vamos fazer assim. Amanhã, pelas três da tarde, dirija-se ao bell boy do hotel e diga-lhe que está à espera do táxi do Babak. Entendeu? O táxi do Babak."

Foi a vez de Tomás anotar.

"Babak, é? Às três da tarde?"

"Sim." Ergueu-se, dando a reunião por concluída. "E tenha cuidado."

"Com quê?"

"Com a polícia secreta. Se for apanhado, está tramado."

Tomás fez um sorriso amarelo.

"É, posso ficar muito tempo a ver o sol aos quadradinhos."

Bagheri soltou uma gargalhada.

"Qual sol aos quadradinhos?" Abanou a cabeça. "Se o apanharem, vão torturá-lo até confessar tudo, o que pensa você? Vai cantar que nem um canário! E sabe o que lhe acontecerá depois disso, não sabe?"

"Não."

O iraniano da CIA colou o indicador à testa.

"Bang! Levará um tiro na cabeça."

IX

O vulto alto e esguio de Ariana Pakravan emergiu no restaurante do Hotel Simorgh no momento em que Tomás trincava uma tosta quente. A bela iraniana esticou o pescoço e girou a cabeça, passeando pelo restaurante com os olhos como uma graciosa gazela, até a atenção ficar presa no aceno que o historiador lhe fez do fundo do salão. Ariana aproximou-se da mesa e sorriu.

"Bom dia, Tomás."

"Olá, Ariana." Fez um gesto para o centro do restaurante, mostrando a grande mesa com o pequeno-almoço. "Quer tomar alguma coisa?"

"Não, obrigada. Já comi." Indicou a porta com a cabeça. "Vamos?"

"Vamos, onde?"

"Bem... uh... ao ministério."

"Fazer o quê?"

A iraniana pareceu desconcertada.

"Trabalhar, suponho."

"Mas vocês não me deixam aceder ao manuscrito", argumentou Tomás. "Se é para estudar o papel que vocês me deram com as charadas, não precisamos de ir lá, pois não?"

"De fato, você tem razão", reconheceu ela, puxando a cadeira e sentando-se diante do seu interlocutor. "Para decifrar aquilo, realmente não é preciso ir ao ministério."

"Além do mais, se fosse ao ministério arriscava-me a dar de caras com o seu gorila."

"Ah, sim, o Rahim." Inclinou-se na mesa, curiosa. "O que diabo lhe fez você?"

Tomás largou uma ruidosa gargalhada.

"Nada", exclamou. "Despedi-me dele no meio da rua, apenas isso."

"Olhe que ele não ficou nada contente. A bem dizer, estava furioso consigo e o chefe furioso com ele."

"Imagino."

"Por que lhe fugiu?"

"Apeteceu-me passear sozinho pelo bazar. Não me vai dizer que é proibido, pois não?"

"Que eu saiba, não."

"Ainda bem", concluiu ele. "Seja como for, o melhor é ficarmos pelo hotel. Se formos a ver, aqui estamos muito mais confortáveis, não acha?"

Ariana ergueu a sobrancelha esquerda, fazendo um ar desconfiado.

"Depende do ponto de vista", devolveu, cautelosa. "Afinal de contas, onde quer você trabalhar nas charadas?"

"Ora! Aqui no hotel, claro. Onde haveria de ser?"

"Pois, mas fique bem claro que não vamos para o seu quarto, ouviu?"

"E por que não?"

A mulher desenhou um sorriso forçado nos lábios.

"Engraçadinho", exclamou. "Muito espirituoso, sim senhor." Endireitou-se, rodando a cabeça pelo restaurante. "Agora a sério, onde vamos trabalhar?"

"Por que não ali nos sofás junto ao bar?", perguntou ele, apontando vagamente para o local.

"Parecem confortáveis."

"Está bem." A mulher levantou-se da mesa. "Enquanto termina o seu pequeno-almoço, aproveito e vou telefonar para o ministério para dizer que você prefere ficar a trabalhar aqui no hotel." Inclinou a cabeça. "Vai precisar de mim, não vai?"

Tomás abriu-se num grande sorriso.

"Então não vou? Preciso de uma musa que me inspire."

Ariana rolou os olhos e abanou a cabeça.

"Vá, diga lá. Precisa de mim ou não?"

"Você fala alemão, não fala?"

"Sim."

"Então vou precisar, como é evidente. O meu alemão é ainda algo fraquito e preciso de uma ajudinha."

"Mas acha que precisa mesmo de alemão para decifrar as charadas?"

Tomás encolheu os ombros.

"Para falar com toda a franqueza, não sei. O fato é que quase todo o manuscrito está redigido em alemão, pelo que temos de admitir a possibilidade de as mensagens cifradas se encontrarem na mesma língua, não é?"

"Está bem", disse ela, virando-se para se afastar. "Então eu vou avisar que também ficarei aqui a trabalhar consigo."

"Linda menina."

O bar não tinha ambiente de bar. A ausência de álcool nas prateleiras e a luz matinal conferiam ao local um toque de coffee shop, ainda para mais porque ambos pediram ao empregado dois chays de ervas. Sentaram-se num sofá largo, lado a lado, e Tomás colocou folhas A4 brancas sobre a mesinha, preparado para testar as diversas hipóteses. Tirou a folha dobrada do bolso e contemplou as charadas.

"Ora bem", começou Tomás, esforçando-se por ganhar balanço para o duro trabalho intelectual que o esperava. "Há uma coisa aqui que me parece evidente." Virou a folha para Ariana. "Veja lá se a consegue detectar."

A iraniana estudou as charadas.

"Não faço a mínima idéia", disse enfim.

"É o seguinte", retomou o historiador. "Vamos começar pela segunda charada. Olhando para ela, não há dúvida de que se trata de uma mensagem cifrada." Apontou para os conjuntos de letras. "Ora repare nisto. Está a ver? Isto não é um código. É uma cifra."

"Qual a diferença?"

"O código implica a substituição de palavras ou frases. A cifra remete para a substituição de letras. Por exemplo, se ficar acordado entre nós que você passa a ser

designada por Raposa, isso é um código. Substituí o nome Ariana pelo nome de código Raposa, percebe?"

"Sim."

"Mas se ficar acordado entre nós que vou trocar os a pelos i, então, se eu escrever Iraini, na verdade estou a dizer o nome Ariana. Apenas troquei as letras. Isso é uma cifra."

"Entendi."

"Olhando para estas charadas, a segunda é evidentemente uma mensagem cifrada." Balançou a cabeça. "Vai ser difícil decifrá-la. É melhor deixá-la para depois." "Prefere então concentrar-se na primeira charada?"

"Sim. O poema poderá ser mais fácil."

"Acha que é um código?"

"Acho." Esfregou o queixo. "Para já, repare no tom geral do poema. Já viu? Qual é o sentimento que transmite?"

Ariana concentrou-se nos quatro versos.

"«Terra if fin, de terrors tight, Sabbath fore, Christ nite»", leu em voz alta. "Não sei. Parece... sombrio, tenebroso, terrível."

"Catastrofista?"

"Sim, um pouco."

"Claro que é catastrofista. Já viu bem o primeiro verso?"

"Não o entendo. O que quer dizer Terra?"

"É uma palavra latina, também usada pela língua portuguesa. Significa Terra, o nosso planeta. E fin é francês para fim. O primeiro verso parece colocar a hipótese do Apocalipse, o fim dos dias, a destruição da Terra." Mirou a iraniana. "Qual é o tema do manuscrito de Einstein?"

"Não lhe posso dizer."

"Ouça, o tema pode ser relevante para a interpretação deste poema. Há alguma coisa no texto manuscrito que possibilite uma grande catástrofe, uma grave ameaça à vida na Terra?"

"Já disse que não lhe posso dizer. Isto é matéria confidencial."

"Mas não vê que preciso de saber isso para poder interpretar o poema?"

"Eu entendo, mas nada vai arrancar de mim. O mais que posso fazer é remeter o assunto aos meus superiores hierárquicos, designadamente o ministro. Se ele ficar convencido da necessidade de o informar sobre o conteúdo do manuscrito, tanto melhor."

Tomás suspirou, resignado.

"Muito bem, fale então com ele e explique-lhe o problema." Concentrou-se de novo no poema.

"Veja agora este segundo verso. «De terrors tight». Um terror apertado. Mais uma vez, o tom catastrofista, alarmante, sombrio. Tal como no primeiro verso, a interpretação deste segundo verso poderá estar também diretamente relacionada com o tema do manuscrito de Einstein."

"Sem dúvida. É tudo um pouco... arrepiante."

"O que quer que esteja nesse manuscrito, pode crer que era algo que deixou Einstein absolutamente impressionado. Tão impressionado que até o vemos a voltar-se para a religião nos terceiro e quarto versos. Está a ver? «Sabbath fore, Christ nite»." Torceu os lábios, pensativo. "O Sabbath é o dia que Deus abençoou, após os seis dias da Criação. É, por isso, o dia de descanso obrigatório dos judeus. Einstein era judeu e voltou-se aqui para o Sabbath, como se olhasse para Deus em busca de salvação. Os fogos do inferno serão arrefecidos no Sabbath e, se todos os judeus forem capazes de respeitar completamente este dia, o Messias virá." Deslizou os olhos para a derradeira linha. "O quarto verso reforça esse apelo ao misticismo como solução para o terror apertado, para os fogos do inferno que ameaçam pôr fim à Terra. Mie é uma forma corrupta de dizer night. «Christ nite». A noite de Cristo." Mirou Ariana. "Outra referência tenebrosa."

"Acha que este tom sombrio constitui a mensagem?"

Tomás pegou na sua chávena fumegante de chay e bebericou um pouco.

"Pode não constituir toda a mensagem, mas constitui sem dúvida parte da mensagem." Pousou a chávena. "Einstein estava evidentemente assustado com o que descobriu ou inventou e achou por bem colocar este aviso como epígrafe do manuscrito. O que quer que seja A Fórmula de Deus, minha cara, é decerto algo que mexe com poderes fundamentais da natureza, com forças que nos ultrapassam. É por isso que eu digo ser importante que me mostrem o conteúdo do documento. Sem o conhecer, a minha capacidade de descodificar este poema está seriamente limitada."

"Já lhe disse que vou colocar a questão ao ministro", repetiu a iraniana. Pousou os olhos de novo no poema. "Mas acha que o poema poderá ocultar mais mensagens?"

Tomás oscilou a cabeça para cima e para baixo, assentindo.

"Acho. A minha impressão é que há aqui mais alguma coisa."

"Por que diz isso?"

"Não sei, é um... sei lá, é uma... uh... impressão, um feeling que eu tenho."

"Um feeling?"

"Sim. Sabe, quando ontem li o poema com atenção, lá no ministério, saltou-me aos olhos esta estranha estrutura dos versos. Já reparou?" Pousou o indicador no poema rabiscado na folha. "Este é um inglês um pouco esquisito, não acha? Se formos a ler literalmente, há algo que não bate certo. O sentido geral está lá, mas o sentido específico escapa-nos. Ora veja, vamos tentar perceber o significado literal dos versos. «Se a Terra chegar ao fim, o terror aperta, destaca-se o Sabbath, noite de Cristo». Mas o que raio quer isto dizer?"

"Bem, ele procura, em primeiro lugar, obter uma rima."

"Isso é verdade", concordou Tomás. "Tight rima com nite. Mas também rima com night, não rima? Então, se rima, por que razão preferiu ele colocar nite em vez de night?"

"Para ficar mais sofisticado?"

O historiador fez uma careta, avaliando essa possibilidade.

"Talvez", concedeu. "Pode ser. Pode ser que tudo não passe de um mero efeito estilístico. Mas, cá para mim, continua a ser tudo muito estranho." Analisou o primeiro verso. "E por que razão ele diz Terra e não Earth? Porquê a palavra latina? E

porquê fin e não end? Podia ter escrito Earth if end. Mas não. Teve de escrever «Terra if fin». Porquê?"

"Não seria para conferir um carácter misterioso ao poema?"

"Talvez. Mas, quanto mais olho para isto, mais se torna evidente uma coisa. Não sei explicar porquê. É um sentimento que me vem cá de dentro, uma espécie de sexto sentido. É, se quiser, a minha experiência de criptanalista a falar. Mas dessa coisa não tenho dúvidas."

"O quê?"

Tomás respirou fundo.

"Há aqui uma mensagem dentro de outra mensagem."

Passaram toda a manhã às voltas com o poema, procurando perceber qual o código que permitiria desatar o nó que o selava. Tomás depressa se apercebeu de que, tratando-se de uma mensagem codificada, a solução do problema era de uma complexidade extrema, uma vez que precisava de ter acesso ao livro de código, uma espécie de dicionário que lhe possibilitasse perceber o sentido de cada palavra do poema. Naturalmente que esse livro não se encontrava ali disponível, pelo que o criptanalista se pôs a conjecturar sobre o local onde um homem como Einstein o ocultaria. Seria em casa? Seria no instituto de Princeton onde fazia investigação? Tê-lo-ia entregue a alguém? A verdade é que, se a mensagem foi codificada, tal aconteceu para que a generalidade das pessoas não a entendesse, mas também para que existissem pessoas específicas que a entendessem. Caso contrário, em vez de codificar a mensagem, Einstein simplesmente não a teria escrito. Se a escreveu é porque havia certamente um destinatário, alguém que possuía o livro de código que lhe permitiria descodificar o poema. Mas quem?

Quem?

O professor Siza era, nestas circunstâncias, um óbvio suspeito. Teria ele o livro do código? Seria ele o destinatário da mensagem? Tomás sentiu momentaneamente uma quase irreprimível vontade de perguntar a Ariana o que acontecera com o físico; a pergunta chegou até a assomar-lhe à boca, como um vômito que irrompe pela garganta sem controle, mas conseguiu travá-la a tempo, empurrá-la de volta às entranhas de onde emergira. A revelação implícita de que se encontrava a par da ligação entre o professor, o Hezbollah e o Irã, considerou Tomás, seria catastrófica; os iranianos logo perceberiam que tinha sido informado por alguém do meio e as suspeitas sobre as suas reais intenções emergiriam automaticamente. Isso era algo que ele não podia, de modo algum, permitir.

Havia, claro, um segundo suspeito. O próprio David Ben Gurion. Afinal de contas, foi o antigo primeiro-ministro de Israel quem encomendou a Einstein a fórmula de uma bomba atômica fácil de preparar. Se Einstein codificou a mensagem num poema, sem dúvida que o fez sabendo que Ben Gurion possuía o livro de código que lhe permitiria descodificá-la. A ser assim, a Mossad israelita certamente que teria acesso a esse dicionário. Esta era, talvez, a hipótese mais interessante, dado que colocava o livro de código nas mãos do Ocidente. Uma vez que, na véspera, Tomás passara o poema ao homem da CIA em Teerão, presumiu que este já o tivesse remetido a Langley. Se isso fora feito, podia até dar-se o caso de, a essa hora, já a CIA ter descodificado a mensagem inserida no poema.

A análise da charada levou-os à mesa do restaurante do hotel. O almoço foi constituído por pratos inteiramente iranianos, com Tomás a experimentar um zereshk polo ba morq, ou galinha com arroz, e Ariana às voltas com um ghorme sabzi, uma

carne picada em feijão. Discutiram sucessivas possibilidades de descodificação do poema por entre as garfadas, a conversa prolongando-se quando chegou o paludeh, o gelado de farinha de arroz e fruta encomendado pelo português, e a melancia da iraniana.

"Acho que vou dormir uma sesta", anunciou Tomás depois do qhaveh, o café negro iraniano.

"Não quer trabalhar mais?"

"Ah, não", disse ele, elevando as mãos, como se anunciasse a sua rendição. "Já estou muito cansado."

Ariana fez um gesto na direcção da chávena de qhaveh.

"Não sei como vai conseguir dormir", riu-se a iraniana. "O nosso café é muito forte."

"Minha cara amiga, a sesta é uma velha tradição ibérica. Não há café que a vença."

X

Faltavam cinco minutos para as três da tarde quando Tomás saiu do elevador e calcorreou o lobby do hotel. Olhou em redor com o ar mais natural de que era capaz, tentando certificar-se de que ninguém o observava. Não havia sinais de Ariana, de quem se despedira meia hora antes, alegando que ia dormir a sesta; nem ninguém parecia prestar-lhe particular atenção. Aproximou-se do concierge, consultou discretamente o nome que rabiscara no papel e chamou o bell boy.

"Deve estar um táxi à minha espera", disse-lhe.

"Um táxi, senhor?"

"Sim. É o táxi do Babak."

O rapaz saiu à rua e fez sinal a um carro cor de laranja, que se encontrava estacionado à direita. O automóvel arrancou e veio posicionar-se na rampa, diante da entrada do hotel.

"Faz favor, senhor", disse o bell boy, abrindo-lhe a porta traseira.

Tomás parou junto à porta e, antes de entrar, olhou para o motorista, um rapaz tão magro que parecia um esqueleto.

"Você é o Babak?"

"Uh?"

"Babak?"

O homem fez que sim com a cabeça.

"Bale."

Tomás colocou uma moeda de cem riais na mão do bell boy e acomodou-se no assento de trás. O táxi arrancou e internou-se na corrente louca do trânsito de Teerão, virando e revirando pelo emaranhado de ruas e avenidas e travessas. O passageiro tentou meter conversa e perguntou para onde iam, mas Babak limitou-se a abanar a cabeça.

"Man ingilisi balad nistam", disse.

Era evidente que não falava inglês. Percebendo que dali nada sairia, o português encostou-se ao assento e deixou-se guiar; sabia que alguma coisa iria acontecer, afinal de contas o homem da CIA não o mandara apanhar aquele táxi para o passear inutilmente pela cidade. Era uma questão de ter paciência e esperar.

O táxi deambulou durante vinte minutos pelas ruas de Teerão, com Babak sempre atento ao espelho retrovisor. Por vezes virava repentinamente para uma transversal e era nessas alturas que mais consultava o retrovisor; fez isso em ocasiões sucessivas, sempre utilizando a mesma técnica, até se dar por satisfeito e entrar na Avenida Taleqani. Parou nas imediações da Universidade Amirkabeir e um homem corpulento entrou no carro, sentando-se ao lado de Tomás.

"Como está, professor?"

Era o agente da CIA que conhecera na véspera.

"Olá." O português hesitou. "Desculpe, não me lembro é do seu nome."

O homem sorriu, revelando dentes estragados.

"Ainda bem", exclamou. "Chamo-me Golbahar Bagheri, mas, se calhar, é mesmo melhor nem memorizar o meu nome."

"Então que nome lhe posso chamar?"

"Olhe, chame-me Mossa."

"Mossa? De Mossad?"

Bagheri riu-se.

"Não, não. Mossa, de Mossadegh. Sabe quem foi Mossadegh?"

"Não faço ideia."

"Eu mostro-lhe." Disparou umas frases em parsi dirigidas a Babak. O automóvel arrancou e prosseguiu ao longo da mesma avenida. "Mohammed Mossadegh era um advogado que foi eleito democraticamente e nomeado primeiro-ministro do Irã. Na altura, os poços de petróleo existentes no país eram um exclusivo da Anglo-Iranian Oil Company e Mossadegh tentou melhorar as condições do negócio. Os britânicos recusaram e ele resolveu nacionalizar a companhia. Foi um ato com enormes repercussões, ao ponto de a revista Time o ter escolhido para figura do ano em 1951, por ter desse modo encorajado os países subdesenvolvidos a libertarem-se dos colonizadores.

Mas os britânicos nunca aceitaram a situação e Churchill conseguiu convencer Eisenhower a derrubar Mossadegh." Apontou para a esquerda. "Está a ver aquele edifício?"

Tomás olhou para o local. Era uma vasta construção, quase escondida atrás de muros decorados por palavras de ordem, a maior das quais era "Down with the USA".

"Sim, estou a ver."

"Esta é a antiga embaixada dos Estados Unidos em Teerã. Foi de um bunker da embaixada que a CIA engendrou o plano para derrubar Mossadegh. Chamou-se Operação Ajax. A custa de muitos subornos e a disseminação de contra-informação, a CIA conseguiu o apoio do Xá e de muitas figuras-chave do país, incluindo líderes religiosos, chefes militares e diretores de jornais, e derrubou Mossadegh em 1953." Bagheri olhou para o edifício, onde se encontravam alguns milicianos armados. "Foi por causa desse episódio que, quando ocorreu a Revolução Islâmica, em 1979, os estudantes invadiram a embaixada americana e mantiveram uns cinquenta diplomatas como reféns durante mais de um ano. Os estudantes receavam que a

embaixada conspirasse contra o ayatollah Khomeini como conspirara contra Mossadegh."

"Ah", exclamou Tomás. "E o que achava você de Mossadegh?"

"Era um grande homem."

"Mas foi derrubado pela CIA."

"Sim."

"Então... desculpe, mas não estou a perceber. Você trabalha para a CIA."

"Trabalho para a CIA agora, mas não trabalhava em 1953. Aliás, nem sequer era nascido nessa altura."

"Mas como pode você trabalhar para a CIA se a agência derrubou esse grande homem?"

Bagheri fez um gesto resignado.

"As coisas mudaram. Quem está agora no poder não é um homem esclarecido, como Mossadegh, mas um bando de fanáticos religiosos que está a empurrar o meu país de volta à Idade Média." Apontou para os milicianos armados que deambulavam frente à antiga embaixada. "São eles o meu inimigo. E eles são também o inimigo da CIA, não é?" Sorriu. "Não sei se já ouviu este provérbio árabe, mas o inimigo do meu inimigo meu amigo é. Portanto, a CIA é agora minha amiga."

O táxi dobrou a esquina, apanhando a Avenida Moffateh em direcção a sul. O carro parecia avançar sem sentido pelas ruas e avenidas de Teerã, algo que se tornou muito claro quando viraram na Enqelab e contornaram a Praça Ferdosi, voltando para a Enqelab, só que no sentido contrário. Era um percurso sem destino, em que apenas a viagem interessava, ou se calhar nem ela, o passeio não passava afinal de um mero pretexto para se reunirem longe dos olhares indiscretos.

Depois de abandonado o setor da embaixada, o colosso iraniano permaneceu algum tempo calado, de olhos fixos na alcatéia de carros que enchia as ruas, verdadeiros predadores nas mãos nervosas dos impacientes automobilistas da cidade.

"Recebi instruções de Langley", disse Bagheri por fim, sem deixar de observar o trânsito.

"Ah, sim? E o que dizem eles?"

"Ficaram aborrecidos por você não poder voltar a aproximar-se do manuscrito. Querem saber se não há mesmo qualquer possibilidade de o fazer."

"Pelo que percebi, não há. O tipo do ministério parecia muito cioso dele, sempre a alegar segurança nacional. Se eu insistir, receio que isso apenas vá levantar suspeitas."

Bagheri tirou os olhos do trânsito e fitou Tomás, as sobrancelhas carregadas.

"Nesse caso, vamos ter uma grande chatice nas mãos."

"Uma grande chatice? Porquê?"

"Porque é inaceitável para a América que o manuscrito permaneça nas mãos iranianas."

"Mas o que podem os Estados Unidos fazer?"

"Há duas hipóteses numa situação que envolve a segurança nacional americana. A primeira é bombardear o edifício onde o manuscrito está guardado."

"Como? Bombardear Teerã por causa... por causa disto?"

"Isto, caro professor, não é uma coisa qualquer. Isto são os planos para uma bomba atômica barata e fácil de produzir. Isto é uma ameaça à segurança internacional. Se um regime como o iraniano, que tem ligações a grupos terroristas, conseguir desenvolver armas nucleares de construção fácil, pode ter a certeza de que malucos como o Osama bin Laden e outros não vão voltar a atacar Nova Iorque com uns aviõezinhos. Eles vão ter ao seu dispor coisas bem mais... uh... explosivas, se é que entende o que quero dizer."

"Hmm, entendo."

"Nestas circunstâncias, bombardear um edifício em Teerã é o menor dos males, acredite."

"Acredito, acredito."

O iraniano voltou, por momentos, a mirar a paisagem para lá da janela do táxi.

"O fato de você ter visto ontem o manuscrito no Ministério da Ciência dá-nos a confirmação que precisávamos quanto ao seu paradeiro. Mas esta opção tem dois pontos contra. Um é que uma ação militar desta natureza tem repercussões políticas desagradáveis, em particular no mundo islâmico. O regime iraniano seria vitimizado. Este é, porém, um obstáculo que se ultrapassaria, se não se desse o caso de haver um segundo obstáculo intransponível. É que, com toda a probabilidade, o bombardeamento não atingirá o seu objetivo estratégico último, que é apagar o documento de Einstein e a fórmula das armas atómicas baratas e fáceis de produzir. O manuscrito seria destruído, claro, mas é mais do que provável que existam cópias noutros cofres iranianos e nada impediria o regime de fabricar a bomba a partir da fórmula que se encontra no texto. O que eu quero dizer é que o bombardeamento destruiria o manuscrito original, mas não a fórmula já copiada."

"É bem visto."

"Foi por isso que Langley me deu instruções para, em caso de não ser possível você voltar a aproximar-se do manuscrito, activar imediatamente a segunda opção."

O iraniano calou-se, parecia preocupado.

"E o que é a segunda opção?", perguntou Tomás.

Bagheri respirou fundo.

"Roubar o manuscrito."

"Como?"

"Ir ao Ministério da Ciência e roubar o manuscrito. Tão simples quanto isso."

O historiador, passada a surpresa inicial, soltou uma gargalhada.

"Caramba, vocês não fazem a coisa por menos!", exclamou. "Roubar o manuscrito? Mas como é que vão conseguir isso?"

"É simples. Arranjamos maneira de anular o guarda, entramos lá dentro, localizamos o documento e tiramo-lo."

"Já agora, por que não microfilmá-lo? Se estão ali com ele à frente, não era melhor serem mais discretos? Afinal de contas, o fato de o roubarem não resolverá o problema, uma vez que, tal como você disse, os tipos têm certamente cópias guardadas noutros sítios."

"Não, isso não pode ser assim. Os Estados Unidos querem levar o documento ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, mas, para o fazerem, precisam primeiro de o autenticar. Só o poderão autenticar se tiverem o manuscrito original nas suas mãos. É por isso que temos de o ir lá buscar."

Tomás considerou as consequências dessa ação.

"Ouça lá, isso não é perigoso?"

"Tudo na vida é perigoso. Sair à rua é perigoso."

"Não desconverse, já parece eu a falar com a minha mãe. O que me preocupa é saber o que me acontecerá quando os iranianos derem pela falta do documento. Eles não são parvos e sabem relacionar as coisas, não é? Num dia mostram-me o manuscrito e, dias depois... puf!, ele desaparece. Isso é... como hei-de eu dizer? É... suspeito."

"Sim, você não vai ficar em segurança."

"Então, diga-me lá. Como é que vamos resolver isso?"

"Você terá de sair do país."

"Mas como? Eles dizem que só me deixam sair depois de decifrar as charadas inseridas no documento."

"Teremos de o tirar do Irão logo na noite em que formos roubar o manuscrito."

"E quando será isso?"

"Ainda não sei. Gostaria que fosse o mais depressa possível, mas não consigo dizer ainda quando será, há demasiados detalhes para tratar. Conto sabê-lo já amanhã, no entanto. Logo que tenha a informação, darei um salto ao hotel para lhe passar os pormenores." Ergueu o dedo. "Não saia do hotel, ouviu? Faça tudo o que faria normalmente, continue a trabalhar na decifração da charada e espere que eu o contacte."

"Hmm, está bem", assentiu Tomás. "Portanto, deixe-me recapitular. A sua idéia é assaltar o ministério, roubar o documento e vir buscar-me logo a seguir para me tirar do Irã. É isso?"

Bagheri inspirou e conteve o ar dentro de si.

"Bem, é mais ou menos isso, sim", disse, uma expressão reticente no rosto. "Mas... uh... há um pequeno pormenor que é... diferente."

"Ah, sim?"

"Sim."

O iraniano calou-se, o que espicaçou a curiosidade do historiador.

"E qual é esse pormenor?"

"Você vem conosco."

"Oh, isso já me disse. Vão-me tirar do Irã."

"Não, não é isso o que eu queria dizer. Você também vem connosco ao ministério."

"Como?"

"Você faz parte da equipe de assalto."

XI

A grande arena tinha as bancadas repletas de gente, sobretudo mulheres cobertas com chador negros, mas todos se comportavam como se fosse dia de espectáculo. Alguém empurrou Tomás e obrigou-o a ajoelhar-se no centro, a cabeça pendendo para a frente, expondo a nuca e o pescoço. Pelo canto dos olhos, o historiador conseguiu aperceber-se da presença de homens vestidos com longas túnicas brancas islâmicas; eles aproximaram-se e fecharam um círculo em torno de si, como se o cercassem, cortando-lhe a derradeira esperança de escapar daquele lugar de morte. De entre eles emergiu Ariana, o olhar triste, sem se atrever sequer a aproximar do condenado, soprando-lhe um tímido beijo de despedida. Logo a bela iraniana desapareceu e, no seu lugar, surgiu Rahim, os olhos ressentidos faiscando em fúria, uma enorme espada curvada cintilando no cinto. Rahim tirou a espada do cinto num movimento brusco, segurou-a com as duas mãos, pôs-se em posição e ergueu-a para os céus, suspendendo-a por um instante, um medonho segundo, apenas um breve e longo momento antes da lâmina rasgar o ar com toda a força e decapitar Tomás.

Acordou.

Sentiu o suor frio banhar-lhe o topo da testa, a transpiração colando-lhe o pijama ao peito e às costas. Arfava. Tentou perceber se aquilo era a morte, mas não; com alívio, com terror, compreendeu enfim que vivia, o quarto escuro respondia-lhe com silêncio, o sossego revelava-lhe que tudo não passara afinal de um pesadelo, mas que o outro pesadelo, aquele em que o iraniano do bazar o havia envolvido na véspera, era bem real, palpável, iminente.

Empurrou os lençóis, sentou-se na cama e esfregou os olhos.

"Mas onde é que eu me fui meter?", murmurou.

Cambaleou para o quarto de banho e foi-se lavar. No espelho viu um homem com profundas olheiras, o previsível resultado de uma angustiada insónia que só acabou madrugada dentro. Sentia-se atirado a toda a velocidade pelos trilhos ondulantes de uma montanha-russa de emoções, ora deprimido pela perspectiva de cometer um ato terrível num país de horríveis castigos, ora esperançado por um súbito volte-face, uma mudança repentina, um qualquer acontecimento providencial que, quase por magia, resolvesse o problema e o libertasse daquele fardo pavoroso que lhe tinham inesperadamente colocado sobre os ombros.

Nesses momentos de esperança agarrava-se com todas as forças à conversa da véspera com Ariana. Com certeza que o ministro da Ciência perceberia a razoabilidade do seu pedido, considerou diante do espelho, numa pausa entre o acto de espalhar a espuma e o de passar a lâmina pelo rosto. O argumento de que a chave da mensagem cifrada se encontrava algures escondida no texto do manuscrito fazia perfeito sentido e era uma evidência tal que o ministro certamente não deixaria de a reconhecer. Sim, pensou, enquanto lavava agora os dentes. É inevitável que o autorizem a consultar o texto. E quando o consultasse podia ser que encontrasse todas as respostas de que a CIA precisava, podia ser que descobrisse coisas que tornassem desnecessário o furto do manuscrito, livrando-o assim de uma trapalhada para a qual não se sentia talhado.

Cerrou os olhos e murmurou uma promessa.

"Se me safar desta, prometo rezar todos os dias deste ano." Abriu um olho, avaliando a dureza da promessa. "Bem, todos os dias do ano também é de mais. Rezarei todos os dias do próximo mês.

Respirando uma inesperada confiança, insuflada pela promessa, abriu o chuveiro, sentiu a temperatura da água e, quando se deu por satisfeito, pôs o pé e meteu-se lá dentro.

O vulto gracioso de Ariana apareceu no lobby um pouco depois da hora combinada, já Tomás tinha comido o pequeno-almoço e a aguardava impacientemente no sofá do bar. Cumprimentaram-se e a iraniana acomodou-se no lugar que ocupara na véspera, encomendando um sumo de laranja ao empregado. Mal conseguindo conter a ansiedade, o historiador foi direito ao assunto.

"Então? O ministro?"

"O que tem o ministro?"

"Ele autorizou?"

Ariana fez cara de quem só agora percebera a pergunta.

"Ah, sim", exclamou. "A autorização."

"Autorizou?"

"Bem... uh... não."

Tomás ficou especado a olhá-la, ouvindo e não acreditando que a ouvira.

"Não?", balbuciou.

"Não, não autorizou", disse Ariana. "Eu expliquei-lhe que você acha que o poema é uma mensagem codificada e que a chave do código se encontra no texto. Ele disse-me que lamenta muito mas que, por razões de segurança nacional, você não pode ter acesso ao conteúdo do documento e que, se isso implicar um atraso na descodificação do poema, paciência."

"Mas... mas isso pode implicar até que não se decifre o poema de todo", insistiu o português.

"Você explicou-lhe isso?"

"Expliquei, claro que expliquei. Mas ele não quer saber disso. Diz que a segurança nacional está acima de tudo e que, quanto ao problema da descodificação, esse não é só um problema do Irã." Apontou para o seu interlocutor. "É também um problema seu."

"Meu?"

"Sim, seu. Não se lembra do agba Jalili dizer que você não será autorizado a sair do Irã enquanto não decifrar as charadas? O ministro confirmou-me que é mesmo assim. Aliás, parece que o caso foi até ao presidente." Ariana fez um gesto de resignação. "De modo que, Tomás, lamento muito mas você está condenado a deslindar aquelas mensagens ocultas."

O historiador respirou fundo e deixou cair os olhos para o mármore polido que brilhava no chão; sentia-se desanimado e encurralado.

"Estou tramado", comentou em tom de desabafo.

Ariana tocou-lhe no braço.

"Calma, não fique assim. Eu já vi que você é um excelente criptanalista. Vai conseguir deslindar estes enigmas, estou certa."

O português parecia quebrado de desalento, uma expressão tristonha desenhada no rosto. Na verdade, não tinha dúvidas de que seria capaz de descobrir as mensagens ocultas nas charadas; o pedido para consultar o texto do manuscrito devia-se, afinal,

mais à vontade de conhecer melhor o documento do que à convicção de que ele ocultava a chave do código. O verdadeiro problema é que a revelação de que o ministro não autorizava a consulta significava o desmoronar das suas derradeiras esperanças de resolver o problema sem o assalto que o homem do bazar lhe anunciara na véspera.

"Estou tramado", repetiu, o olhar sombrio.

"Ouça", disse Ariana, sempre tentando consolá-lo. "Não é caso para desanimar, você vai solucionar o problema. Além do mais, esta é até uma oportunidade para trabalharmos juntos durante algum tempo. Isso... isso não lhe agrada?"

Tomás pareceu despertar de um torpor.

"Hã?"

"Não lhe agrada trabalhar comigo durante todo este tempo?"

O historiador contemplou o rosto perfeito da iraniana.

"Isso é mesmo a única coisa que me impede de cometer suicídio agora mesmo", disse ele, quase mecanicamente.

Ariana riu-se.

"Você é engraçado, não há dúvida." Inclinou a cabeça. "Então do que está à espera? Vamos a isto!"

"A isto, o quê?"

"Vamos trabalhar."

Tomás pegou na folha com as mensagens, desdobrou-a e pousou-a sobre a mesinha.

"É isso, tem razão", exclamou, tirando a caneta do bolso. "Vamos trabalhar."

Passaram três horas a analisar os múltiplos significados simbólicos das diversas palavras-chave do poema, em particular Terra, terrors, Sabbath e Christ, mas nada encontraram para além do que já haviam concluído na véspera. Foi um trabalho frustrante, com todas as hipóteses rabiscadas num rascunho e logo riscadas, por se revelarem absurdas e inconsistentes.

Já perto da hora do almoço, Tomás pediu licença e dirigiu-se ao quarto de banho. Ao contrário da maior parte dos quartos de banho iranianos, onde o local onde se fazem as necessidades é constituído por um imundo buraco aberto no chão, este dispunha de retrete, urinóis e até um cheirinho perfumado a flutuar no ar, ou não se tratasse aquele de um dos melhores hotéis do país.

Quando se encontrava diante do urinol, concentrado na tarefa imediata, o historiador sentiu uma mão pousar-lhe no ombro e estremeceu de susto.

"Então professor?"

Era Bagheri.

"Mossa!" Bufou. "Que susto que você me pregou!"

"O senhor anda nervoso."

"E não tenho razões para isso? Já viu em que embrulhada você me quer meter?"

"Termine lá o que está a fazer", disse Bagheri, afastando-se e encostando-se ao lavatório.

Tomás ainda permaneceu mais um instante voltado para o urinol; quando concluiu, fechou a braguilha e veio lavar as mãos ao lavatório.

"Oiça", disse, olhando Bagheri pelo espelho. "Eu não fui talhado para estas coisas. Estive a pensar e... e decidi não ir."

"São ordens de Langley."

"Quero lá saber! Eles nunca me falaram em meter-me em operações de assalto."

"As circunstâncias mudaram. O fato de o senhor não ter conseguido ler o manuscrito obrigou-nos a alterar os planos. Além do mais, há decisões novas que ultrapassam Langley."

"Decisões novas?"

"Sim. Decisões tomadas em Washington. Repare, professor, esta é uma matéria que envolve a segurança do Ocidente. Se um país como o Irã tem acesso à fórmula de fabrico simples de uma arma nuclear, pode ter a certeza de que isso assusta toda a gente, em particular num mundo pós-11 de Setembro." Esboçou um gesto conformado. "Portanto, perante o que está em jogo, pode crer que a derradeira das preocupações de Washington é saber se o senhor ou eu gostamos ou não da missão para que fomos recrutados."

"Mas eu não sou nenhum comando, percebe? Nem sequer fiz a tropa. Eu vou ser um empecilho."

"Professor, já lhe disse ontem que o seu envolvimento é crucial para o sucesso da operação."

Bagheri ergueu o polegar. "Só o senhor é que viu o manuscrito." Agora o indicador. "E só o senhor é que viu em que sala ele é guardado." Apontou para Tomás. "Como é lógico, precisamos de si para nos guiar na localização e identificação do documento. Sem a sua ajuda, como é que faremos as coisas? Olhe, andaríamos a passear pelo ministério como baratas tontas, a vasculhar tudo sem encontrar nada." Abanou a cabeça. "Não pode ser."

"Mas, ouça, qualquer pessoa pode perfeitamente..."

"Chega", cortou Bagheri, elevando um tudo-nada o tom de voz. "A decisão está tomada e não há nada que o senhor ou eu possamos fazer. Estão em jogo coisas demasiado importantes para que o senhor esteja agora com dúvidas." Olhou de relance para a porta. "Além do mais, diga-me uma coisa."

"Sim?"

"O senhor acredita mesmo que esta gente o vai deixar regressar ao seu país depois de o trabalho estar concluído?"

"Foi o que eles disseram."

"E o senhor acredita nisso? Repare bem. O senhor viu o manuscrito de Einstein e o senhor em princípio irá descodificar os segredos que Einstein colocou na sua fórmula nuclear. Não acha estranho que, tendo a intenção de manter tudo secreto, o regime o deixe voltar tranquilamente para a sua terra, sabendo o senhor o que sabe? Não acha que isso constitui um grave risco para a confidencialidade do projecto nuclear iraniano? Não acha que, depois de concluído o trabalho, e estando o senhor na posse de parte do segredo, o regime o vai considerar uma grave ameaça para a segurança do Irã?"

Tomás arregalou os olhos, digerindo as implicações das perguntas disparadas pelo iraniano.

"Uh... pois, realmente... uh...", gaguejou. "Acha... acha mesmo que eles me vão manter aqui para... para sempre?"

"Farão uma de duas coisas. Ou o matam quando já não precisarem de si, ou mantêm-no preso numa jaula dourada." Bagheri olhou de relance mais uma vez para a porta, certificando-se de que continuavam sós. "Admito como mais provável que o retenham para sempre aqui no Irã. O regime é constituído por fanáticos fundamentalistas, o que tem, apesar de tudo, o seu lado positivo. Embora sejam implacáveis na aplicação da sharia, a lei islâmica, eles partilham uma profunda crença no comportamento moral e é provável que, não dispondo de um motivo moralmente razoável para o matar, o mantenham retido. Mas, por outro lado, é preciso não esquecer que estão em causa segredos fundamentais para o regime, não é? E os motivos morais também se inventam.

Assim sendo, não é de negligenciar a possibilidade de eles escolherem um método mais radical e seguro para o calar." Passou o dedo pelo pescoço. "Entendeu?"

O historiador fechou os olhos, massajou as têmperas e suspirou.

"Estou mesmo tramado."

Bagheri voltou a espreitar a porta do quarto de banho.

"Ouça, não temos muito tempo", disse. "Vim aqui apenas para lhe dizer que está tudo pronto."

"O que é que está pronto?"

"Os preparativos para a missão encontram-se praticamente concluídos. Depois do assalto, vamos levá-lo para uma terriola no mar Cáspio, chamada Bandar-e Torkaman, localizada perto dos restos do muro de Alexandre, o Grande."

"Bandar e quê?"

"Bandar-e Torkaman. É uma pequena povoação portuária turca, não muito longe da fronteira com o Turcomenistão. No porto de Bandar-e Torkaman estará um barco de pesca com o nome da capital do Azerbaijão, Baku. É um barco alugado por nós e que o levará justamente para Baku. Percebeu?"

"Uh... mais ou menos." Fez um ar intrigado. "Você virá comigo?"

Bagheri abanou a cabeça.

"Não, eu vou ter de permanecer aqui em Teerã para baralhar as pistas. Mas o Babak leva-o até lá, fique descansado. É importante, no entanto, que decore uma coisa."

Tomás tirou um papel e uma caneta do bolso.

"Diga."

"Não, não pode escrever isso em parte alguma. Tem de decorar, percebeu?"

O historiador fez uma expressão contrariada.

"Decorar?"

"Sim, tem de ser. Por motivos de segurança."

"Então diga lá."

"Quando chegar ao Baku, que se encontra atracado no porto de Bandar-e Torkaman, mande chamar pelo Mohammed." Ergueu o dedo. "Lembre-se, Mohammed."

"Como o profeta."

"Isso. Pergunte-lhe se este ano ele tenciona ir a Meca. Ele responderá inch'Allah. São essas a senha e contra-senha."

"Tenciona ir este ano a Meca?", perguntou Tomás, memorizando a pergunta. "É isto, não é?"

"Sim, isso mesmo."

"Se ele disser inch'Allab, é porque está tudo bem."

"Exato."

"Parece fácil."

"Claro que é fácil." Bagheri consultou o relógio. "Bem, tenho de ir. Venho buscá-lo à meia-noite."

"À meia-noite? Para ir onde?"

O iraniano mirou-o, surpreendido.

"Ainda não lhe disse?"

"Disse o quê?"

"A operação, professor."

"O que tem a operação?"

"É esta noite."

XII

Quando voltou para junto de Ariana, Tomás sentia-se de tal modo perturbado que teve dificuldade em voltar a concentrar-se. Quanto mais se fixava no poema, mais divagava para a aventura louca em que iria embarcar nessa noite. Tinha os olhos perdidos nas letras rabiscadas no papel e a cabeça concentrada nas implicações de tudo o que se passava, fixando-se nos pormenores, desde os preparativos para sair do hotel até ao que aconteceria no momento do encontro no barco com o tal Mohammed. Deveria levar a bagagem? Mas isso não iria levantar suspeitas, se o vissem a sair do hotel com uma grande mala? Não, tinha de deixar a bagagem para trás, só podia levar um saco com o essencial. E como sairia do hotel sem ser visto? Os empregados não estranhariam vê-lo sair assim à meia-noite? Dariam o alerta? E, uma vez dentro do ministério, como seria? Será que...

"Tomás? Tomás?"

O português sacudiu a cabeça, regressando ao presente.

"Hã?"

"Você está bem?"

Ariana olhava-o com ar intrigado, como se tentasse vislumbrar sinais de febre na tez pálida do historiador.

"O quê? Eu?", balbuciou ele. Endireitou-se. "Sim, sim. Estou bem, não se preocupe."

"Olhe que não parece, sabe? Dá a impressão de não estar a prestar a mínima atenção ao que lhe estou a dizer." Inclinou a cabeça, num gesto muito seu. "Sente-se cansado?"

"Uh... sim, um pouco."

"Quer descansar, é?"

"Não, não. Vamos terminar isto agora e depois eu vou descansar à tarde. Pode ser?"

"Sim, tudo bem. Como queira."

Tomás suspirou e voltou a pousar os olhos no poema.

"Se quer que lhe diga, não sei como irei descodificar isto sem ter sequer uma idéia do tema do manuscrito de Einstein", comentou, agarrando-se a uma derradeira esperança de conseguir convencer a iraniana a fazer-lhe uma revelação que tornasse desnecessário o raide dessa noite. Fitou-a nos olhos com uma expressão de súplica. "Oiça, não me pode revelar nem que seja um pouquinho? Só uma coisa pequenina."

Ariana olhou em redor, atrapalhada.

"Tomás, eu não posso..."

"Só uma idéia."

"Não, não pode ser. É também para o seu bem."

"Vá lá..."

"Não."

"Ouça, se não me disser nada, nós não vamos conseguir avançar. Eu preciso que me dê uma direção."

A iraniana observou-o com intensidade, indecisa sobre o que fazer. Poderia revelar alguma coisa? Se revelasse, o que revelaria? Quais as consequências de o fazer? Ponderou a questão durante alguns segundos e tomou por fim uma decisão.

"Eu não lhe vou revelar o conteúdo do manuscrito porque isso não só poria em causa a segurança nacional do Irão como o colocaria a si, e também a mim, em perigo", disse, baixando a voz. "A única coisa que lhe posso dizer é que nós próprios estamos intrigados com o documento e acreditamos que só a decifração das charadas nos permitirá perceber tudo."

"Vocês estão intrigados, é?"

"Sim."

"Porquê?"

Ariana esboçou um gesto impaciente.

"Não lhe posso dizer. Se calhar até já falei demais."

"Mas o que tem ele assim de tão intrigante?"

"Não lhe posso dizer, já disse. A única coisa que posso fazer é enquadrar a produção desse manuscrito na vida de Einstein. Interessa-lhe saber isso?"

Tomás hesitou.

"Bem... sim, por que não? Acha que é relevante?"

"Não sei. Se calhar não é."

"Ou se calhar é, quem sabe?" O historiador resolveu-se enfim. "Está bem, conte lá."

Ariana ajeitou-se no sofá, procurando coordenar as idéias.

"Diga-me uma coisa, Tomás. O que sabe você de física?"

O português riu-se.

"Pouco", disse. "Como sabe, eu sou historiador e criptanalista, a minha área de interesses não é propriamente a física, não é? O meu pai é que é lá das matemáticas e tem interesse por essas áreas, afinal de contas passou a vida à volta de equações e de teoremas. Mas eu não, prefiro muito mais os hieróglifos e as escritas hebraica e aramaica, gosto é do cheiro a pó das bibliotecas e do bafo abolor exalado pelos velhos manuscritos e pelos papiros. É esse o meu mundo."

"Eu sei disso. Mas o que eu preciso de perceber é se você entende qual é a pesquisa fundamental da física neste momento."

"Não faço a mínima idéia."

"Nunca ouviu falar na Teoria de Tudo?"

"Não."

A iraniana passou as mãos pelos seus belos cabelos negros, ponderando o melhor modo de lhe explicar as coisas.

"Vamos lá a ver, sabe ao menos o que é a Teoria da Relatividade..."

"Claro. Isso é elementar."

"Digamos que a busca da Teoria de Tudo começou com a Teoria da Relatividade. Até Einstein, a física assentava no trabalho de Newton, que dava perfeita conta do recado na explicação do funcionamento do universo tal como ele é percepcionado pelos seres humanos. Mas havia dois problemas relacionados com a luz que não se conseguia resolver. Um era saber por que razão um objeto aquecido emitia luz e o outro era perceber o valor constante da velocidade da luz."

"Devo então supor que foi Einstein quem fez luz sobre o problema da luz", gracejou Tomás.

"Nem mais. Einstein concluiu em 1905 a sua Teoria da Relatividade Restrita, onde estabeleceu uma ligação entre o espaço e o tempo, dizendo que ambos são relativos. Por exemplo, o tempo muda porque há movimento no espaço. A única coisa que não é relativa, mas absoluta, é a velocidade da luz. Ele previu que, a velocidades próximas da luz, o tempo abranda e as distâncias contraem-se."

"Isso já eu sei."

"Ainda bem, porque assim não perco muito tempo com isto. A questão é que, se tudo é relativo, com excepção da velocidade da luz, então até a massa e a energia são relativas. Mais do que relativas, massa e energia são as duas faces de uma mesma moeda."

"Essa não é aquela famosa equação?"

Ariana rabiscou a equação numa folha de rascunho.

$$E = mc2$$

"Sim. Energia é igual à massa vezes o quadrado da velocidade da luz."

"Se bem me lembro, essa é a equação que está por detrás das bombas atômicas."

"Exato. Como você sabe, a velocidade da luz é enorme. O quadrado da velocidade da luz é um número tão grande que isto implica que uma minúscula porção de massa contém uma brutal quantidade de energia. Por exemplo, você pesa para aí uns oitenta quilos, não pesa?"

"Mais ou menos."

"Isso significa que você contém no seu corpo matéria com energia suficiente para abastecer de eletricidade uma pequena cidade durante uma semana inteira. A única dificuldade é transformar essa matéria em energia."

"Isso não tem a ver com a força forte que mantém unido o núcleo dos átomos?"

Ariana inclinou a cabeça e ergueu o sobrolho.

"Afinal você sempre sabe umas coisinhas de física..."

"Uh... devo ter lido isso algures."

"Pois. Bem, fique então com a idéia de que energia e massa são as duas faces da mesma moeda. Isto significa que se pode transformar uma coisa na outra, ou seja, energia transformar-se em matéria ou matéria em energia."

"Está a dizer que é possível fazer uma pedra a partir da energia?"

"Sim, teoricamente isso é possível, embora a transformação de energia em massa seja algo que nós normalmente não observamos. Mas acontece. Por exemplo, se um objecto se aproximar da velocidade da luz, o tempo contrai-se e a sua massa aumenta. Nessa situação, a energia do movimento dá lugar à massa."

"Isso já alguma vez foi observado?"

"Sim. No Acelerador de Partículas do CERN, na Suíça. Os electrões foram acelerados a tal velocidade que aumentaram quarenta mil vezes de massa. Há mesmo fotografias do rasto de protões depois de choques, veja lá."

"Caramba."

"É, aliás, por isso que nenhum objeto pode atingir a velocidade da luz. Se o fizesse, a sua massa tornar-se-ia infinitamente grande, o que requereria uma energia infinita para movimentar esse objeto. Ora, isso não pode ser, não é? Daí que se diga que a velocidade da luz é a velocidade limite no universo. Nada a pode igualar, porque, se um corpo a igualasse, a sua massa tornar-se-ia infinitamente grande."

"Mas a luz é formada por quê?"

"Por partículas chamadas fotões."

"E essas partículas não aumentam de massa quando andam à velocidade da luz?"

"Aí é que está. Os fotões são partículas sem massa, encontram-se em estado de energia pura e nem sequer experimentam a passagem do tempo. Como andam à velocidade da luz, para eles o universo é intemporal. Do ponto de vista dos fotões, o universo nasce, cresce e morre no mesmo instante."

"Incrível."

Ariana bebeu um golo de sumo de laranja.

"O que, se calhar, você não sabe é que não há uma Teoria da Relatividade, mas duas."

"Duas?"

"Sim. Einstein concluiu a Teoria da Relatividade Restrita em 1905, na qual explica uma série de fenômenos físicos, mas não a gravidade. O problema é que a Relatividade Restrita entrou em conflito com a descrição clássica da gravidade e era preciso resolver isso. Newton acreditava que uma alteração repentina de massa implicava uma alteração instantânea da força de gravidade. Mas isso não pode ser, uma vez que tal requer que exista algo mais veloz do que a luz. Suponhamos que o Sol explodia neste preciso momento. A Relatividade Restrita prevê que tal acontecimento só oito minutos depois será sentido na Terra, uma vez que esse é o tempo que a luz leva a fazer a viagem entre o Sol e a Terra. Mas Newton julgava que o efeito seria sentido instantaneamente. No exato momento em que o Sol explodisse, a Terra sentiria o efeito desse acontecimento. Ora, isso não é possível, dado que nada anda mais depressa do que a luz, não é? Para solucionar este e outros problemas, Einstein concluiu em 1915 a Teoria da Relatividade Geral, que resolveu as questões da gravidade e estabeleceu que o espaço é curvado. Quanto mais massa tem um objeto, mais curvado é o espaço em torno dele e, consequentemente, maior é a força de gravidade que exerce. Por exemplo, o Sol exerce mais força de gravidade sobre um objeto do que a Terra porque dispõe de muito mais massa, entendeu?"

"Hmm... não muito bem. O espaço curva-se? O que quer dizer com isso?"

Ariana abriu os braços.

"Faça de conta, Tomás, que o espaço é um lençol esticado no ar entre nós dois. Imagine que pomos uma bola de futebol no meio. O que acontece? O lençol curva-se em torno da bola, não é? Se eu atirar um berlinde para o lençol, ele vai ser atraído para a bola de futebol, não vai? No universo passa-se a mesma coisa. O Sol é tão grande que curva o espaço em torno de si. Se um objeto exterior se aproximar devagar, vai embater no Sol. Se um objeto se aproximar a uma certa velocidade, como a Terra, começará a andar à volta do Sol, sem cair nele nem fugir dele. E se um objeto andar a muita velocidade, como um fotão de luz, ao aproximar-se do Sol vai curvar um bocadinho a sua trajetória mas conseguirá fugir e prosseguir a sua viagem. No fundo, é isto o que diz a Relatividade Geral. Todos os objetos distorcem o espaço e, quanto mais massa tiver um objeto, mais distorcerá o espaço em torno de si. Como o espaço e o tempo são duas faces da mesma moeda, um pouco como a energia e a matéria, isto significa que os objetos também distorcem o tempo. Quanto mais massa tiver um objeto, mais lento será o tempo perto de si."

"É tudo muito estranho", observou Tomás. "Mas o que tem isso a ver com o manuscrito de Einstein?"

"Tudo ou nada, não sei. Mas é importante que você perceba que o manuscrito foi concebido quando Einstein estava a tentar estabelecer a Teoria de Tudo."

"Ah, sim. Essa é mais uma teoria de Einstein?"

"Sim."

"As duas da Relatividade não chegaram, é?"

"Einstein pensou inicialmente que sim, mas, de repente, deu com o nariz na Teoria Quântica."

Ariana inclinou a cabeça no seu jeito característico. "Sabe o que é a Teoria Quântica?"

"Bem... uh... já ouvi falar, sim, mas os pormenores... enfim."

A iraniana riu-se.

"Não fique complexado", exclamou. "Mesmo alguns cientistas que desenvolveram a Teoria Quântica nunca chegaram a entendê-la muito bem."

"Ah, bom. Então estou mais descansado."

"A questão é esta. A física de Newton é adequada para explicar o nosso mundo quotidiano. Quando constroem uma ponte ou põem um satélite a circular à volta da Terra, os engenheiros recorrem à física de Newton e de Maxwell. Os problemas desta física clássica só emergem quando estamos a lidar com aspectos que não fazem parte da nossa experiência diária, como por exemplo velocidades extremas ou o mundo das partículas. Para tratar os problemas das grandes massas e da grande velocidade, apareceram as duas teorias de Einstein, chamadas da Relatividade. E, para lidar com o mundo das partículas, surgiu a Teoria Quântica."

"Portanto, a Relatividade é para os grandes objetos e a Quântica é para os pequenos objetos."

"Isso." Fez uma careta. "Embora importe realçar que o mundo das micropartículas tem manifestações macroscópicas, como é evidente."

"Claro. Mas quem é que desenvolveu a Quântica?"

"A Teoria Quântica nasceu em 1900, na sequência de um trabalho de Max Planck sobre a luz emitida por corpos quentes. Foi depois desenvolvida por Niels Bohr, que concebeu o mais conhecido modelo teórico dos átomos, aquele que tem os electrões a orbitar o núcleo da mesma maneira que os planetas orbitam o Sol."

"Tudo isso é conhecido."

"Pois é. Mas o que é menos conhecido são os comportamentos bizarros das partículas. Por exemplo, alguns físicos concluíram que as partículas subatómicas podem ir do estado de energia A ao estado de energia B sem passarem pela transição entre esses dois estados."

"Sem passarem pela transição entre os dois estados? Como assim?"

"É muito estranho e polêmico. Chama-se a isso um salto quântico. É como uma pessoa a subir os degraus de uma escada. Nós passamos de um degrau para o outro sem percorrermos o degrau intermédio, não é? Não há meio degrau. Saltamos de um para o outro. Há quem defenda que, no mundo quântico, as coisas também se passam assim ao nível da energia. Vai-se de um estado para o outro sem passar pelo estado intermédio."

"Mas isso é bizarro."

"Muito. Nós sabemos que as micropartículas dão saltos. Isso é consensual. O que se passa é que há quem ache que, quando estamos a falar do mundo subatómico, o espaço deixa de ser contínuo e torna-se granuloso. Dão-se saltos sem se passar pelo estado intermédio." Nova careta. "Devo dizer que não acredito nisso e nunca encontrei qualquer prova ou indício de que assim seja."

"Realmente, essa idéia é... é estranha."

Ariana ergueu o indicador.

"Mas há mais. Descobriu-se que a matéria se manifesta ao mesmo tempo por partículas e ondas. Tal como espaço e tempo ou energia e massa são duas faces da mesma moeda, ondas e partículas são as duas faces da matéria. O problema emergiu quando se teve de transformar isto numa mecânica."

"Mecânica?"

"Sim, a física tem uma mecânica, que serve para prever os comportamentos da matéria. Nos casos da física clássica e da Relatividade, a mecânica é determinista. Se, por exemplo, nós soubermos onde está a Lua, em que direcção ela circula e a que velocidade, nós seremos capazes de prever a sua evolução futura e passada. Se a Lua circula para a esquerda a mil quilômetros por hora,

daqui a uma hora estará mil quilómetros à esquerda. É isto a mecânica. Consegue-se prever a evolução dos objetos, desde que se saiba a respectiva velocidade e posição. Tudo muito simples. Mas, no mundo quântico, descobriu-se que as coisas funcionam de uma maneira diferente. Quando sabemos bem a posição de uma partícula, não conseguimos perceber qual a sua velocidade exata. E quando conhecemos bem a velocidade, não podemos determinar a posição exata. Chama-se a isso o Princípio da Incerteza, uma idéia que foi formulada em 1927 por Werner Heisenberg. O Princípio da Incerteza estabelece que podemos saber com rigor a velocidade ou a posição de uma partícula, mas nunca as duas coisas ao mesmo tempo."

"Então como se sabe a evolução de uma partícula?"

"É esse o problema. Não se sabe. Eu posso saber qual a posição e velocidade da Lua, e assim sou capaz de prever todos os seus movimentos passados e futuros. Mas não tenho maneira de determinar com exatidão a posição e a velocidade de um electrão, pelo que não consigo prever os seus movimentos passados e futuros. É essa a incerteza. Para resolver isso, a mecânica quântica recorreu ao cálculo de probabilidades. Se um electrão tiver de escolher entre dois buracos por onde passar, há cinquenta por cento de probabilidades de o electrão passar pelo buraco da esquerda e outros cinquenta por cento pelo da direita."

"Parece uma boa maneira de resolver esse problema."

"Pois é. Mas Niels Bohr complicou a coisa e disse que o electrão passa pelos dois buracos ao mesmo tempo. Passa pelo da esquerda e pelo da direita."

"Como?"

"É como eu lhe estou a dizer. Ao escolher entre duas rotas, o electrão passa pelas duas em simultâneo, pelo buraco da esquerda e pelo da direita. Ou seja, está nos dois sítios ao mesmo tempo!"

"Mas isso não é possível."

"E, no entanto, é o que a Teoria Quântica prevê. Por exemplo, se pusermos um electrão numa caixa dividida em dois lados, o electrão estará nos dois lados ao mesmo tempo em forma de onda. Quando espreitamos a caixa, a onda desfaz-se imediatamente e o electrão transforma-se em partícula num dos lados. Se não olharmos, o electrão permanecerá nos dois lados ao mesmo tempo sob a forma de onda. Mesmo que os dois lados sejam separados e colocados a milhares de anos-luz de distância um do outro, o electrão continuará nos dois lados ao mesmo tempo. Só quando espreitarmos para um dos lados é que o electrão decidirá qual o lado onde vai ficar."

"Só quando nós espreitamos é que ele se decide?", perguntou Tomás com ar incrédulo. "Que conversa é essa?"

"O papel do observador foi estabelecido inicialmente pelo Princípio da Incerteza. Heisenberg concluiu que nunca poderemos saber com precisão e em simultâneo qual a posição e velocidade de uma partícula devido à presença do observador. A teoria

evoluiu até ao ponto de ter havido quem considerasse que o electrão só decide em que lugar está quando existe um observador."

"Isso não faz sentido nenhum..."

"Foi o que também disseram os outros cientistas, incluindo Einstein. Como o cálculo passou a ser probabilístico, Einstein declarou que Deus não jogava aos dados, isto é, a posição de uma partícula não podia estar dependente da presença de observadores e, sobretudo, de cálculos de probabilidade. A partícula ou está num sítio ou está no outro, não pode estar nos dois ao mesmo tempo. A incredulidade foi tal que houve até um outro físico, chamado Schrödinger, que concebeu uma situação paradoxal para pôr a nu este absurdo. Ele imaginou que era colocado um gato numa caixa com um frasco fechado de cianeto. Um processo quântico poderia levar um martelo, com uma probabilidade de cinquenta por cento, a quebrar o frasco ou não. De acordo com a teoria quântica, os dois acontecimentos igualmente prováveis ocorreriam em simultâneo enquanto a caixa permanecesse encerrada, fazendo com que o gato estivesse simultaneamente vivo e morto, da mesma maneira que um electrão está simultaneamente nos dois lados da caixa enquanto não é observado. Ora, isso é um absurdo, não é?"

"Claro que é. Isso não faz sentido nenhum. Como é possível que essa teoria seja ainda

defendida?"

"É justamente isso o que Einstein pensava. O problema é que esta teoria, por muito bizarra que pareça, bate certo com todos os dados experimentais. Qualquer cientista sabe que, sempre que a matemática contradiz a intuição, a matemática tende a ganhar. Isso aconteceu, por exemplo, quando Copérnico disse que era a Terra que andava à volta do Sol e não o contrário. A intuição dizia que a Terra é que era o centro, uma vez que tudo parecia girar em torno da Terra. Perante o ceticismo de toda a gente, Copérnico apenas encontrou aliados entre os matemáticos, os quais, com as suas equações, constataram que só a possibilidade de a Terra andar à volta do Sol concordava com a matemática. Sabemos hoje que a matemática estava certa. Com as Teorias da Relatividade foi a mesma coisa. Há muitos elementos dessa teoria que são contra-intuitivos, como idéias de que o tempo dilata e outras bizarrias do gênero, mas a verdade é que esses conceitos são aceites pelos cientistas porque condizem com a matemática e com as observações da realidade. É o que acontece aqui. Não faz sentido dizer que um electrão está em dois sítios ao mesmo tempo enquanto não é observado, isso é contra-intuitivo. E, no entanto, bate certo com a matemática e com todas as experiências efectuadas."

"Ah, bom."

"Mas Einstein não se conformou com esta idéia, por uma razão muito simples. É que a Teoria Quântica começou por não condizer com a Teoria da Relatividade. Isto é, uma é boa para compreender o universo dos grandes objetos e a outra é eficiente na explicação do universo dos átomos. Mas Einstein achava que o universo não pode ser gerido por leis diferentes, umas deterministas para os grandes objectos e outras probabilísticas para os pequenos objectos. Tem de

haver um único conjunto de regras. Começou assim a busca de uma teoria unificadora que apresentasse as forças fundamentais da natureza como manifestações de uma força única. As suas Teorias da Relatividade reduziam a uma única fórmula todas as leis que regem o espaço, o tempo e a gravidade. Com a nova teoria ele procurava reduzir a uma única fórmula os fenômenos da gravidade e do

electromagnetismo. Ele acreditava que a força que faz mover o electrão à volta do núcleo é do mesmo tipo da que faz mover a Terra à volta do Sol."

"Uma nova teoria, é?"

"Sim. Ele chamou-lhe a Teoria dos Campos Unificados. Era a sua versão da Teoria de Tudo."

"Ah."

"E era isso o que Einstein estava a desenvolver quando elaborou este manuscrito."

"Acha que A Fórmula de Deus tem ligação com essa busca, é?"

"Não sei", disse Ariana. "Talvez sim, talvez não."

"Mas, se é isso, que sentido faz manter tudo secreto?"

"Ouça, eu não sei se é isso. Eu já li o documento e ele é estranho, sabe? E a verdade é que foi o próprio Einstein quem decidiu mantê-lo em segredo. Se o fez é porque tinha bons motivos, não acha?"

Tomás cravou os olhos na iraniana, atento à sua reacção quando ouvisse a pergunta que tinha para lhe fazer.

"Se A Fórmula de Deus não tem ligação com a busca da Teoria de Tudo, tem ligação com quê?", perguntou. Fez uma expressão interrogativa. "Com armas nucleares?"

Ariana devolveu-lhe o olhar com intensidade.

"Vou fingir que não ouvi essa pergunta", disse ela, pronunciando cada sílaba muito devagar, com enorme intensidade. "E não volte a falar sobre isso, entendeu?" Colou o indicador à testa. "A sua segurança depende da sua inteligência."

O historiador estremeceu.

"A minha segurança?"

"Por favor, Tomás", disse ela, quase implorando. "Não fale sobre isso a ninguém. Não pronuncie essas palavras perante ninguém. Faça apenas o seu trabalho, ouviu? Apenas o seu trabalho."

Tomás calou-se por um instante, pensativo e intimidado. Girou a cabeça e viu um grupo de paquistaneses a entrar no restaurante do hotel. Era o pretexto ideal para pôr fim àquela conversa perigosa.

"Não tem fome?", perguntou.

XIII

O almoço foi um cheio kebab, possivelmente o décimo kebab que Tomás comia desde que chegara ao Irã. Sentia-se já farto daquela dieta e, de certo modo, era um alívio saber que nessa noite seria retirado clandestinamente do país. Claro que havia o problema do raide ao ministério, mas, já que nada dependia agora de si, arrumou essa preocupação num canto da mente, confortando-se com o pensamento de que os homens da CIA saberiam certamente o que estavam a fazer.

Apercebeu-se de que este era talvez o seu último almoço com Ariana e contemplou-a quase melancolicamente. Era de facto uma mulher bela e interessante, os hipnóticos olhos de mel irradiando ternura e inteligência. Sentiu-se quase tentado a contar-lhe tudo, a pedir-lhe que viesse também consigo, mas percebeu que isso não passava de uma fantasia, eram pessoas de mundos diferentes e com missões antagônicas.

"Acha que conseguirá descodificar a charada?", perguntou ela, evitando-lhe o enigmático olhar perscrutador.

"Preciso da chave do código", disse Tomás, o garfo repleto de arroz. "Para falar com toda a franqueza, parece-me que, sem essa chave, estamos perante uma missão impossível."

"Se fosse uma cifra, seria mais fácil?"

"Sim, claro. Mas isto não é uma cifra."

"Tem a certeza disso?"

"Claro que tenho." Desdobrou a folha num canto da mesa. "Repare, este poema envolve palavras e frases. Ora, uma cifra só tem a ver com letras, não é? Se isto fosse uma cifra, teria formações absurdas, do tipo hwxz e coisas do gênero, um pouco como a segunda charada." Apontou para as palavras gatafunhadas no papel. "Está a ver a diferença?"

"Sim, este !ya e ovqo são evidentemente cifras", constatou a iraniana. Voltou os olhos para o poema. "Mas não há cifras que se possam assemelhar a palavras?"

"Claro que não", disse ele. Hesitou um instante. "A não ser que... que sejam cifras de transposição."

"O que é isso?"

"Sabe, há três tipos de cifra. O primeiro tipo é a cifra de ocultação, em que se esconde a mensagem secreta através de um qualquer sistema simples. O exemplo mais antigo que se conhece é o da mensagem escrita na cabeça de um escravo careca. Esperava se que o cabelo crescesse e depois enviava-se o escravo para entregar a mensagem. O texto estava assim oculto no couro cabeludo, tapado pelos cabelos."

"Engenhoso."

"Depois há a cifra de substituição, em que se substituem as letras por outras, segundo uma chave preestabelecida. É este tipo de cifras, usado habitualmente nos modernos sistemas cifrados, que provoca sequências do estilo deste !ya e ovqo."

"São as mais comuns?"

"Sim, hoje em dia são. Mas há também as cifras de transposição, em que as letras de uma mensagem secreta são retiradas da sua ordem original e realinhadas num outro padrão."

"Não estou a perceber..."

"Olhe, uma cifra de transposição é um anagrama, por exemplo. Sabe o que é um anagrama?"

"Já ouvi falar, mas, sinceramente..."

"Um anagrama é uma palavra escrita com as letras de uma outra palavra. Por exemplo, Elvis é um anagrama de lives. Se for a ver com atenção, as duas palavras são escritas com as mesmas letras. Ou elegant man é um anagrama de a gentleman."

"Ah, entendi."

"Portanto, tudo isto para explicar que o único tipo de cifra que pode criar palavras é justamente a cifra de transposição."

Ariana contemplou o poema.

"E acha possível que estes versos escondam uma cifra dessas?"

O historiador manteve os olhos cravados no texto e fez com a boca um trejeito pensativo.

"Um anagrama, é?" Considerou a hipótese. "Hmm... talvez. Por que não?"

"E como é que podemos testar essa possibilidade?"

"Só há uma maneira", disse Tomás, pegando na caneta. "Podemos tentar escrever palavras diferentes com as mesmas letras que aqui estão. Já o fizemos com palavras portuguesas e não deu em nada, não é? Talvez com palavras inglesas funcione. Ora vamos lá a isto." Inclinou-se sobre a folha. "Vejamos o primeiro verso." Terra if fin.

"Que outras palavras poderemos escrever com estas letras?", perguntou Ariana.

"Vamos ver", disse Tomás. "Juntemos o t e o a. Ponhamos os dois f, juntos. O que fica?"

"Tajff?"

"Isso não é nada. E se metermos um i no fim?"

"Taffi?"

"Experimentemos o i atrás dos f."

"Taiff? Isso é o nome de uma terriola qualquer na Arábia Saudita. Mas, que eu saiba, só tem um f.

"Ora vê? Já arranjamos alguma coisa. E se metermos um r entre o a e o i, ficamos com... com tariff. Mais uma palavra, está a ver? Resta-nos saber o que vamos fazer com as letras que sobraram.

Deixe cá ver, sobraram um e, um r, um i e um n."

"Erin?"

"Hmm... erin? Ou então nire. Ou rine. E... e por que não rien? Cá está."

Escreveu: Tariff rien.

"Tariff rien? O que quer isso dizer?"

Tomás encolheu os ombros.

"Nada. Era apenas uma tentativa. Vamos ver de outras maneiras."

Durante a hora seguinte ensaiaram várias opções. Com as mesmas letras do primeiro verso conseguiram escrever ainda a finer rift, retrain fit e faint frier, mas nenhum destes anagramas revelava o que quer que fosse. Do segundo verso, De terrors tight, apenas lograram extrair um anagrama, retorted rigbts, sempre sem obterem um sentido coerente.

Tomás tinha já os cabelos castanhos num desalinho, de tanto esfregar a cabeça, quando lhe ocorreu uma nova idéia.

"Em inglês também não vamos lá", comentou. "Será possível que Einstein tenha escrito a mensagem em alemão?"

"Em alemão?"

"Sim. Faz sentido, não faz? Se ele redigiu todo o texto em alemão, nada impede que tenha escondido a mensagem também em alemão. Já viu?" Passou os olhos pelo papel. "Uma mensagem em alemão oculta por entre um poema em inglês. Brilhante, não?"

"Você acha?"

"Vale a pena tentar." Esfregou a cara. "Ora deixe cá ver... e se ele pôs o título do documento na mensagem?"

"Qual título? A fórmula de Deus?"

"Sim, mas em alemão. Die Gottesformel. Há aqui algum verso que tenha um g, um o e dois t?"

"Gott?"

"Sim, a palavra Deus em alemão."

Ariana analisou as várias linhas.

"O segundo verso tem", exclamou. "Vou sublinhar."

De terrors tight

"Pois tem. Togt. Rearranjadas estas letras, ficamos com Gott."

"Falta o formel."

O historiador estudou as letras que sobravam.

"Pois, isso não tem."

Ariana hesitou.

"Mas... olhe, que engraçado", observou ela. "Tem Gott, Deus, e tem também Senhor, Herr. Está a ver? Até se podem juntar. Fica Herrgott."

“Herrgott? O que significa isso?"

"Senhor. É um dos nomes de Deus."

"Ah", exclamou o historiador. "Herrgott. E das letras que ficaram de fora, consegue-se dizer alguma coisa em alemão?"

A iraniana pegou na caneta e escreveu as letras que sobraram.

De terrors tight

Herrgott Dersit

"Hmm", murmurou ela. "Herrgott dersit."

"Isso significa alguma coisa?"

"Dersit? Não. Mas podemos separar isto. Fica Der sit. E sit pode ser... uh... ist. Aí sim, ficamos com um significado."

"Como é? Herrgott der ist?"

"Não. Ao contrário." Ariana reescreveu a linha. Ist Der Herrgott

"Ist der Herrgott."

"O que diabo quer isso dizer?"

"É o Senhor."

O historiador voltou a analisar o poema, um brilho fascinado a relampejar-lhe nos olhos. Acabara de abrir a primeira racha na parede da charada.

"Caramba", exclamou. "Isto é mesmo um anagrama." Mirou a iraniana. "Você acha que consegue obter outras palavras alemãs a partir das restantes linhas?"

Ariana pegou na folha e estudou os três versos que sobravam.

"Não sei, nunca fiz isto."

"Quais são as palavras alemãs mais comuns?"

"Uh?"

"Quais são as palavras alemãs mais comuns?"

"Sei lá... uh... und, por exemplo, ou ist."

"Já temos aqui um ist. Poderá haver algum und?"

A iraniana analisou todas as letras do poema.

"Não, não pode haver und. Não há nenhum u no poema."

"Porra!", praguejou Tomás, algo desencorajado. "E ist? Haverá mais algum?"

Ariana apontou para o quarto e último verso.

"Está aqui", exclamou.

Pegou no lápis e sublinhou as três letras. Christ nite

"Boa", disse Tomás. "Vamos agora ver as duas primeiras letras de cada palavra. Chni. Significa alguma coisa?"

"Não", devolveu ela. "Mas... uh... deixe ver, se invertermos as sílabas fica nich. A questão é saber se temos mais algum t. Já usamos um no ist."

"Está aqui outro t."

"Pois está. Dá nicht."

"Ora aqui está", exclamou o historiador. "Temos então ist e nicht neste verso. Sobra o quê?"

"Sobra um r e um e."

"Re?"

"Não, espere", exclamou Ariana, muito excitada. "Er. Dá er."

"Er? O que significa isso?"

"Ist er nicht. Não vê?"

"Vejo, vejo. Mas o que significa?"

"Quer dizer ele não é."

Tomás pegou no rascunho e anotou as duas frases por baixo do segundo e quarto versos.

"E agora o resto?", perguntou ele. "Vamos ver o primeiro e o terceiro versos."

Os dois versos sobreviventes mostraram-se incrivelmente difíceis de decifrar. Tentaram sucessivas combinações e Ariana teve de pedir um dicionário de alemão na recepção do hotel, de modo a testar novas possibilidades, sempre com Tomás a guiá-

la. Abandonaram o restaurante e voltaram para o bar, ambos a ensaiarem palavras, a trocarem sílabas, a mudarem letras, a testarem diferentes significados.

Ao cabo de duas esgotantes horas, porém, a cifra deixou escapar o seu segredo. O fim da resistência começou com a descoberta da palavra aber, no terceiro verso, o que lhes permitiu chegar enfim à formulação final. Com um sorriso triunfal, a iraniana escrevinhou no rascunho as quatro linhas ocultas no poema cifrado.

Raffiniert

Ist Der Herrgott

Aber boschaft

Ist Er nicht

"O que é isto?", perguntou Tomás, para quem o alemão encerrava ainda muitos mistérios.

"Raffiniert ist der Herrgott, aber boschaft ist er nicht."

"Sim, já percebi", disse ele, impaciente. "Mas o que significa isso?"

Ariana recostou-se no sofá, esgotada e revigorada, consumida pelo esforço e excitada pela descoberta, sentindo aquele enorme êxtase de quem escalou a montanha, atingiu o cume e, repousando no pico mais alto, contempla o mundo com serena admiração. Passou a língua pelos lábios sensuais e quase sorriu, saboreando a maravilhosa frase que Einstein encerrara naquele poema misterioso.

"Sutil é o Senhor", traduziu ela, num sussurro fascinado. "Mas malicioso Ele não é."

XIV

O automóvel negro percorreu com prudente vagar as ruas desertas da cidade, abandonadas ao vento frio que descia das montanhas e ao manto opaco da noite silenciosa. Os candeeiros projetavam sobre os passeios uma luz amarelada, fantasmagórica, e o clarão luminoso do mar de estrelas disperso pelo céu límpido, como pó de diamante cintilando na escuridão, irradiava uma leve claridade sobre o vulto adormecido das Alborz; era uma luminosidade muito suave, infinitamente tênue, mas suficiente para deixar perceber a mancha ebúrnea de neve que cobria as montanhas distantes como um véu de seda branca.

Meia-noite em Teerã.

Sentado no banco traseiro do carro, o casaco abotoado para se proteger do frio, Tomás contemplava as lojas e prédios e casas e mesquitas que se sucediam para lá da janela, os olhos presos nas fachadas nuas e passeios desertos, a mente a vaguear pelos contornos daquela aventura louca para a qual era arrastado sem apelo. Encolhido no seu canto, não via como travar o curso dos acontecimentos, sentia-se absolutamente impotente, um insignificante náufrago entregue às águas revoltas do mar bravo, puxado por uma poderosa corrente que não sabia nem podia combater.

Devo estar louco.

O pensamento martelava-o sem parar, obsessivo, quase mórbido, repetindo-se à medida que o automóvel palmilhava as avenidas e ruas e bairros da capital iraniana, avançando sempre, aproximando-se inexoravelmente do seu destino, chegando-se mais e mais ao instante temido, ao momento para lá do qual já não se podia voltar para trás. O ponto sem retorno.

Devo estar totalmente louco.

Babak seguia silencioso ao volante, os olhos irrequietos saltitando entre os cantos sombrios das ruas e o reflexo reluzente do retrovisor, sempre atento a qualquer movimento suspeito que obrigasse a abortar a operação. O vulto maciço de Bagheri plantava-se ao lado de Tomás, os olhos mergulhados na larga planta do Ministério da Ciência, estudando pela enésima vez o plano que gizara nos últimos dias, passando em revista os derradeiros pormenores. O homem da CIA viera vestido de preto e entregara a Tomás, ainda no hotel, um turbante negro iraniano, dizendo que o devia usar para se destacar menos. Além disso, obrigara-o a envergar as roupas mais escuras de que dispunha, alegando que só um louco fazia um assalto com trajos claros no corpo. Mas louco já Tomás se sentia, não havia louco mais louco do que aquele que, sem experiência nem treino, aceitava assaltar um edifício governamental com dois desconhecidos, num país de drásticas punições, para furtar um documento secreto que encerrava graves implicações militares.

"Nervoso?", perguntou Bagheri, rompendo o silêncio.

Tomás assentiu com a cabeça.

"Sim."

"É natural", sorriu o iraniano. "Mas fique descansado, vai correr tudo bem."

"Como pode você ter assim tanta certeza disso?"

Bagheri puxou a carteira do bolso e retirou uma nota verde de cem dólares, que exibiu ao historiador.

"Isto tem muita força."

O automóvel virou à esquerda, completou mais duas curvas e abrandou. Babak espreitou de novo pelo retrovisor, encostou ao passeio e estacionou entre duas camionetas. O motor calou-se e os faróis apagaram-se.

Chegamos?"

"Sim."

Tomás olhou em redor, tentando reconhecer o local.

"Mas o ministério não é aqui."

"É, sim", disse Bagheri, apontando para a esquina em frente. "Temos de ir a pé, é já ali à direita."

Apearam-se e sentiram a brisa gelada da rua penetrar-lhes na roupa. Tomás ajeitou melhor o casaco, enterrou o turbante negro na cabeça e caminharam os três pelo passeio até à esquina. Uma vez ali chegados, o historiador reconheceu enfim a rua e o edifício do outro lado, era de fato o Ministério da Ciência. Bagheri fez sinal para que ficassem ambos quietos e apenas Babak avançou, atravessando tranquilamente a rua e dirigindo-se ao ministério. O motorista mergulhou na sombra, junto ao posto da sentinela, e permaneceu invisível durante uns três minutos. O seu vulto magro e esguio reemergiu por fim da penumbra e fez um gesto para os dois avançarem.

"Vamos", ordenou Bagheri em voz baixa. "Esteja sempre calado, ouviu? Eles não podem perceber que você é estrangeiro."

Cruzaram a rua e aproximaram-se do portão gradeado da entrada. Tomás sentia as pernas fracas e o estômago apertado, o coração pulava-lhe no peito, as mãos tremiam-lhe e um suor frio nasceu-lhe no topo da testa; mas repetiu de si para si que os homens que o acompanhavam eram profissionais e sabiam o que faziam, e foi nesse pensamento que se refugiou para encontrar algum conforto.

O portão continuava fechado, mas Bagheri meteu por uma porta lateral, mesmo ao lado do posto

da sentinela, e entrou no perímetro do ministério. O historiador seguiu-lhe os passos. Babak esperava-os ao lado de um soldado iraniano, presumivelmente a sentinela, que fez continência a Bagheri. O homem da CIA devolveu a continência, trocou umas palavras baixinho com Babak e o motorista voltou para a rua.

Tomás e Bagheri ficaram entregues ao soldado, que os conduziu para uma porta escondida, possivelmente uma entrada de serviço. O soldado abriu a porta, voltou a fazer continência, deixou os dois estranhos entrarem no edifício e fechou a porta. Foi nesse instante que Tomás tomou consciência de que tinha acabado de cruzar a temível fronteira invisível.

O ponto sem retorno.

"E agora?", sussurrou ele tremulamente, a voz soprada ressoando na escuridão.

"Agora vamos para o terceiro andar", disse Bagheri. "Não é lá que guardam o manuscrito?"

"Sim, foi o que eu vi."

"Então vamos."

O iraniano acendeu uma lanterna, mas o historiador hesitou.

"E o motorista?"

"O Babak ficou na rua a fazer vigilância."

"Ah é? E o que acontece se aparecer alguém?"

"Se houver algum movimento suspeito, ele carrega no botão de um emissor especial. Eu tenho aqui um receptor que faz logo um zumbido." Virou a lanterna para a cintura e mostrou um aparelhinho metálico metido no cinto. "Está a ver?"

"Ah. É o alarme, é?"

"Sim."

"E se ele o acionar?"

Bagheri sorriu.

"Teremos de fugir, claro."

Os dois exploraram o local com cautelosa lentidão, Bagheri sempre com a lanterna voltada para a frente, lançando um clarão circular na profunda treva do edifício, a luz projectando sombras assustadoras nas paredes e no chão de mármore polido. Meteram por um corredor e foram dar ao hall central, dominado por uma imponente escadaria. Havia elevadores ao lado, mas Bagheri preferiu escalar os degraus, não queria provocar barulhos nem acender luzes que não pudesse controlar.

Chegaram ao terceiro andar e o iraniano espreitou para o corredor da direita.

"É por ali, não é?", perguntou.

"Sim."

Bagheri fez sinal a Tomás para passar à frente e o historiador assumiu o comando. As coisas às escuras eram bem diferentes das vistas à luz do dia, mas, apesar das estranhas circunstâncias, o português conseguiu reconhecer o local. A esquerda estava a porta para a sala de reuniões, onde lhe tinha sido mostrado o manuscrito. Abriu a porta e confirmou que assim era, ali se encontravam a mesa longa, as cadeiras, os vasos e os armários de parede, os locatários silenciosos daquele cubículo quieto e sombrio. Olhou então para a direita, para o local onde se situava o compartimento de onde vira Ariana sair com a velha caixa do documento nas mãos.

"É ali", disse, apontando para a porta dessa sala.

Bagheri aproximou-se da porta e tocou-a com a ponta dos dedos da mão espalmada.

"Aqui?"

"Sim."

O iraniano puxou a maçaneta, mas a porta não abriu. Como era previsível, encontrava-se trancada. Além do mais, a porta não era de madeira, como as outras, mas metálica, o que indiciava conter um dispositivo especial de segurança.

"E agora?", perguntou Tomás.

Bagheri não respondeu de imediato. Inclinou-se e analisou a fechadura com cuidado, a luz incidindo de perto no ferrolho metálico. Depois acocorou-se e abriu o saco escuro onde guardava as ferramentas.

"Não há problema", limitou-se a dizer.

Tirou um instrumento metálico e pontiagudo e inseriu-o devagar no ferrolho. Colocou uma espécie de estetoscópio nos ouvidos, o fio conduzindo a um auscultador muito sensível, encostou o auscultador à fechadura e ficou a escutar os diques do instrumento dentro do ferrolho, a língua presa no canto dos lábios e os olhos vidrados numa expressão de grande concentração. O exercício prolongou-se por minutos sem fim. Ao cabo de algum tempo, Bagheri tirou o instrumento do ferrolho e procurou outro no saco. Tirou de lá o que parecia ser um fio metálico, muito flexível, e meteu-o pelo buraquinho da fechadura, repetindo o movimento anterior.

"Então?", soprou Tomás, ansioso por sair dali. "Não consegue?"

"Um momento."

O iraniano voltou a encostar o auscultador à fechadura, seguindo com infinita atenção o percurso do fio metálico. Ouviram-se mais uns cliques, talvez três, e um claque final.

A porta metálica abriu-se.

"Abre-te Sésamo", gracejou o historiador.

Bagheri piscou-lhe o olho.

"E eu sou Ali Babá."

Entraram no compartimento e o iraniano projectou o foco da lanterna em redor. Era um gabinete pequeno, ricamente decorado com madeiras exóticas forradas nas paredes e no tecto. Encravado na parede do fundo, sobre uns vasos com plantas, encontrava-se um cofre cinzento, a fechadura protegida por um sistema circular de código.

"O manuscrito deve estar ali", observou Tomás. "Acha que vai conseguir abrir o cofre?"

Bagheri aproximou-se do cofre e analisou a fechadura com atenção.

"Não há problema", limitou-se a dizer.

Voltou a colocar o estetoscópio nos ouvidos e a auscultar o ferrolho do cofre, mas desta vez utilizou instrumentos diferentes, pareciam ser maquinetas muito complexas, de alta tecnologia; uma delas incorporava um computador, outra exibia mostradores num pequeno ecrã de plasma onde brilhavam algarismos âmbares.

Bagheri colou a broca de uma perfuradora elétrica ao segredo do cofre, activou a perfuradora e abriu um buraco minúsculo; ligou uns fios da máquina do ecrã ao buraquinho no segredo do cofre e estabeleceu outras ligações com o computador. Digitou letras e algarismos num teclado minúsculo e tentou soluções diferentes, até que, ao fim de alguns minutos, uma luz encarnada apagou-se no ecrã

de plasma, substituída por outra verde. O segredo do cofre girou como se tivesse ganho vida, emitindo o som dentado de uma rotação metálica. Seguiu-se um estalido seco.

A porta do cofre soltou-se.

Sem pronunciar palavra, Bagheri escancarou a porta solta e apontou a lanterna para o cofre, iluminando o interior. Tomás espreitou por cima do ombro do iraniano e reconheceu a caixa de aspecto gasto, envelhecida pelo tempo, que se encontrava pousada no centro do abrigo fortificado.

"É aquilo", disse.

"A caixa?"

"Sim."

Bagheri esticou os braços para dentro do cofre e retirou a caixa do interior. Pegou nela como se contivesse uma relíquia divina, um tesouro que se poderia desfazer ao mínimo gesto brusco, e pousou-a suavemente no chão.

"E agora?", perguntou o iraniano, hesitante, as mãos a repousar nas ancas.

"Vamos verificar", disse Tomás, inclinando-se para a caixa.

Tirou a tampa com cuidado e fez sinal a Bagheri para aproximar a lanterna. O foco de luz inundou o interior da caixa, incidindo sobre as folhas amarelecidas do velho manuscrito. Tomás inclinou-se, focou os olhos e confirmou o título e o poema ostentados na primeira folha de papel quadriculado. As palavras emergiram tênues, estranhamente familiares, mas também singularmente misteriosas; estas, sabia-o com mal contida emoção, eram as folhas originais, as páginas datilografadas pelo próprio Einstein, o testemunho perdido de uma outra era. Mergulhados num fino véu de pó, os papéis gastos e carcomidos pelos anos exalavam um antigo perfume, o aroma arcano de um tempo há muito consumido.

DIE GOTTESFORMEl

Terra if fin

De terrors tight

Sabbath fore

Christ nite

A. Einstein

"É isto?", perguntou Bagheri.

"Sim, é isso."

"Tem a certeza?"

"Absoluta", devolveu Tomás. "Foi exatamente este o..."

Zzzzzzzzzzzzz

Congelaram os dois, a respiração suspensa, os olhos muito abertos, a atenção alerta. A primeira reação foi de surpresa, tentaram freneticamente perceber o que era aquilo, que barulho era aquele, que significado tinha esse som inesperado, e voltaram ambos a cabeça na direção da fonte do ruído.

Era o cinto.

O zumbido vinha do cinto de Bagheri. Pior ainda, vinha do receptor guardado no cinto de Bagheri. O receptor. O mesmo receptor que estava sintonizado com o sinal do emissor de Babak. O mesmo receptor que lhes trazia notícias do mundo exterior. O mesmo receptor que só zumbiria em caso de algo muito grave.

Arregalaram ainda mais os olhos, mas desta vez não foi de surpresa. Foi de algo muito mais assustador, muito mais pavoroso, infinitamente aterrador. Foi de compreensão.

Foi de horror.

"O alarme!"

XV

Uma inacreditável parafernália de luzes enchia o pátio do ministério, parecia estar ali montada uma animada feira; eram os focos brancos dos faróis dos automóveis e dos projectores, mais as intermitências rotativas laranjas dos carros da polícia. Via-se gente a correr por toda a parte, gritavam-se ordens, era evidente que aqueles homens acabavam de chegar à pressa e tomavam posições, uns de pistola, outros de espingarda, alguns com armas automáticas. Dois caminhões de lonas verdes acercaram-se da rua nesse instante e da carga começaram a jorrar soldados de camuflado, ainda os veículos não se tinham imobilizado por completo.

Paralisados na janela da sala de reuniões, para onde tinham corrido depois de ouvirem o alarme dado por Babak, Tomás e Bagheri observavam a cena com estupefacção, primeiro incrédulos, quase hipnotizados, depois apavorados, desenrolava-se diante de si o pior de todos os cenários, o maior de todos os pesadelos.

A sua presença tinha sido detectada.

"E agora?", murmurou Tomás, sentindo o pânico crescer-lhe nas entranhas.

"Temos de fugir", disse Bagheri.

Sem perder mais tempo, o enorme iraniano deu meia-volta e abandonou a sala, arrastando o historiador atrás. Avançaram às escuras, não se atrevendo a ligar a

lanterna, tacteando as paredes, tropeçando em obstáculos, esbarrando em móveis, trôpegos e desajeitados. Tomás corria com a caixa do manuscrito segura nas mãos, Bagheri ia com o saco das ferramentas a tiracolo.

"Mossa", chamou o português. "Vamos fugir para onde?"

"Existe uma porta nas traseiras do rés-do-chão com acesso à rua. Vamos para lá."

"Como é que sabe?"

"Vi na planta."

Chegaram à escadaria central e começaram a descer em corrida, quase num tropel, não havia tempo a perder, era preciso atingir essa porta de emergência, chegar lá quanto antes, chegar lá enquanto não se completava o cerco ao edifício. No lanço que conduzia ao primeiro andar, porém, ouviram barulho e pararam. Os sons vinham do rés-do-chão.

Eram vozes.

Os iranianos já tinham entrado no edifício e procediam agora às buscas. O grave significado desta inesperada evolução foi instantaneamente compreendido pelos dois, enchendo-os de um terror

indescritível. A presença de polícias e soldados no rés-do-chão queria dizer que o caminho de fuga estava cortado.

Cortado.

Não havia escapatória. O cerco fechava-se mais depressa do que pensaram ser possível, os iranianos aproximavam-se rápido e tornava-se crescentemente claro que os dois intrusos iriam ser capturados a todo o momento.

Luz.

A iluminação foi nesse instante ligada por todo o edifício e o terror transformou-se em pânico absoluto. Ainda tolhidos na escadaria, olharam freneticamente em redor, desorientados, procurando caminhos alternativos, buscando uma nova saída, uma porta, um buraco, qualquer coisa. Qualquer coisa. Escutaram barulhos e vozes a serem trocadas lá em baixo, eram os iranianos que apertavam o cerco, começavam a escalar os degraus e faziam-no em passo apressado.

Determinado em não se deixar apanhar, Bagheri agarrou Tomás pelo braço e recuou para o segundo andar, agora perfeitamente iluminado. Meteram por um corredor, tentando desesperadamente encontrar as escadas de emergência, era o seu derradeiro recurso.

"Ist!"

O grito com a ordem para pararem trovejou lá atrás, algures do fundo do corredor, emitido por uma voz rouca, gutural, mas suficientemente clara para perceberem ali, nesse mesmo instante, que acabara de acontecer o inevitável.

Tinham sido localizados.

"Iiiiiiist!"

Correram pelo corredor e abriram uma porta metálica ao fundo. Era de facto a escada de emergência, uma construção de alumínio em caracol. Bagheri agarrou-se ao corrimão e desceu veloz os primeiros degraus, Tomás no encalço com as pernas fracas

de medo, mas pararam ao ouvir ruídos martelados em baixo e novas vozes gritadas, eram homens que subiam apressadamente por aquelas mesmas escadas.

Também esta saída estava cortada.

Deram meia-volta e subiram de novo ao segundo andar, mas não regressaram ao mesmo corredor, presumindo que ele estava agora ocupado pelos homens que já os tinham visto. Em vez disso, optaram antes por continuarem a escalar até ao terceiro andar. Meteram pelo mesmo corredor do compartimento onde tinha sido guardado o manuscrito e viram guardas a emergirem lá ao fundo, em corrida.

"Ist!", gritaram os homens armados, mandando-os mais uma vez parar.

Bagheri alcançou a porta da sala de reuniões e forçou a entrada, sempre seguido por Tomás. O historiador, ofegante do esforço, atirou a caixa com o manuscrito para cima da mesa longa e deixou-se cair numa cadeira, prostrado pelo cansaço e pelo desespero.

"Não adianta", exclamou entre duas golfadas de ar. "Vamos ser apanhados."

"Isso é o que ainda iremos ver", respondeu Bagheri.

O enorme iraniano abriu apressadamente o saco das ferramentas e retirou de lá o que de início parecia ser um novo instrumento. Com as luzes acesas por toda a parte, Tomás reconheceu, aterrado, o objeto que Bagheri tinha na mão.

Uma pistola.

"Você está doido?"

Bagheri espreitou pela entrada, pôs o braço de fora da porta, apontou para o fundo do corredor, à direita, e abriu fogo.

Crack.

Crack.

Dois tiros estalaram da pistola.

"Um já levou", comentou o iraniano com um sorriso de desdém, após verificar o efeito dos disparos.

Tomás nem queria acreditar no que estava a acontecer.

"Mossa!", gritou. "Você enlouqueceu!"

Bagheri sentiu movimento à esquerda e rodopiou depressa, apontando para o outro lado do corredor, na direcção das escadas de emergência de onde ambos tinham vindo com iranianos em perseguição.

Crack.

Crack.

Crack.

Um gemido e o som espalhafatoso de uma queda confirmou a Tomás que os três novos tiros desferidos pelo companheiro haviam abatido pelo menos mais um iraniano.

"Mais dois despachados", rosnou Bagheri, após verificar o resultado dos últimos disparos. Afinal tinham sido dois. "Já vão três."

"Mossa, ouça", implorou Tomás. "Eles agora vão-nos acusar também de homicídio. Você está a piorar tudo!"

Bagheri olhou-o de relance.

"Você não conhece este país", comentou com secura. "O que nós fomos apanhados a fazer é a coisa mais grave que há. Matar uns tipos não é nada ao pé disso."

"Não importa", devolveu o historiador. "Matar uns quantos é que não vai ajudar nada."

O iraniano espreitou novamente o corredor e, sentindo que os perseguidores tinham recuado ao depararem com resistência, procurou o saco das ferramentas no chão e puxou-o para si. Com a mão direita empunhava a pistola, enquanto com a esquerda apalpava o interior do saco.

"Não nos vão apanhar", insistiu, rangendo os dentes.

A mão imobilizou-se dentro do saco, tendo presumivelmente encontrado o que procurava. Após uma curta pausa nos movimentos, recolheu o braço e a mão reapareceu com dois objetos brancos.

Tomás inclinou-se para tentar perceber se aquilo era mesmo o que lhe parecia ser.

Seringas.

"O que é isso?", perguntou, uma expressão desconfiada nos olhos.

"Potassium chloride."

"O quê?"

"É uma solução de potássio."

"E é para quê?"

"Para você se injetar."

Tomás fez um ar admirado e pousou a mão no peito.

"Para eu me injetar? Para quê?"

"Para não sermos apanhados vivos."

"Você está louco."

"Loucura é deixarmo-nos apanhar vivos."

"Você está louco."

"Eles vão torturar-nos até à morte", explicou Bagheri. "Vão torturar-nos até nós confessarmos tudo e depois matam-nos na mesma. Mais vale despacharmos já as coisas."

"Se calhar não matam."

"Não tenho dúvidas de que matam, mas isso não interessa", retorquiu o iraniano. Acenou com as seringas. "São ordens de Langley."

"Como?"

"Langley deu-me instruções para, em caso de sermos detectados, não deixarmos que nos apanhem vivos. As implicações para a segurança seriam incalculáveis."

"Quero lá saber."

"O que você quer ou não saber não me interessa para nada. Um bom agente tem de perceber que, por vezes, precisa de se sacrificar em prol de um bem comum."

"Eu não sou agente de ninguém. Eu sou..."

"Você é, neste momento, agente da CIA", cortou Bagheri, esforçando-se por não elevar a voz.

"Quer queira, quer não, está envolvido numa missão de grande importância e tem conhecimentos que, se forem partilhados com o Irão, irão criar um grave embaraço aos Estados Unidos e aumentar a insegurança internacional. Não podemos permitir que isso aconteça, pois não?" Fez um gesto na direção do corredor. "Eles não nos podem apanhar vivos."

O historiador cravou os olhos nas seringas e abanou a cabeça.

"Eu não me vou injetar com isso."

Bagheri virou a pistola e, sempre com o outro braço esticado a estender as seringas, fez um gesto na direcção de Tomás.

"Vai, vai. E depressa."

"Não vou. Não sou capaz."

O iraniano apontou a pistola para a cabeça de Tomás.

"Ouça-me bem", disse. "Temos duas maneiras de fazer isto." Voltou a acenar com as seringas.

"Uma é você injetar-se com este líquido. Prometo-lhe uma morte serena. O potassium chloride, quando entra na circulação sanguínea, faz parar imediatamente o músculo do coração. É esta solução que os médicos usam para pôr fim à vida de doentes terminais e a que alguns estados americanos recorrem para executar condenados à morte. Como vê, não irá sofrer." Abanou agora a pistola. "A outra é levar dois tiros. Também não sofrerá muito, mas é um método mais brutal. Além disso, eu queria poupar as duas balas para acabar com mais um dos cabrões que nos estão a cercar." Fez uma pausa. "Entendeu?"

Os olhos de Tomás saltitaram entre as duas opções. As seringas e a pistola. As seringas e a pistola. As seringas e a pistola.

"Eu... uh... deixe cá ver..."

Começou a tentar ganhar tempo, nenhuma das soluções lhe interessava. Aliás, nem achava que fossem soluções. Ele era um professor de História, não um agente da CIA; tinha a esperança, quase a certeza, de que, bem conversados, os iranianos iriam perceber essa evidência.

"Então?"

"Uh... não... não sei..."

Bagheri esticou mais o braço com a pistola, o cano firmemente apontado para os olhos do historiador.

"Já vi que tenho de ser eu a resolver isto."

"Não, não, espere", implorou Tomás. "Dê-me a seringa."

Bagheri atirou uma seringa para junto de Tomás e guardou a outra no bolso, reservando-a para si.

"Injecte lá isso", disse. "Vai ver que não custa nada."

Com os dedos a tremerem de nervos, quase numa convulsão de horror, Tomás agarrou no plástico que selava a seringa e puxou-o tenuamente, sem o rasgar.

"Isto... isto é difícil."

"Despache-se."

As mãos tremelicantes voltaram a tentar rasgar o plástico, mas sempre sem convicção nem vontade, pelo que o elástico se manteve mais uma vez incólume.

"Não consigo."

Bagheri fez um gesto impaciente com a mão esquerda.

"Dê cá isso."

Tomás devolveu-lhe a seringa. Bagheri arrancou o plástico com os dentes, tirou a seringa do interior, cuspiu o plástico para o chão, colocou a agulha, ergueu a seringa e expeliu um pequeno jato para o ar.

"Já está", disse. "Prefere que seja eu a injetar, é?"

"Não, não. Eu... eu faço isso."

Bagheri atirou a seringa de volta.

"Vá, despache-se."

Sempre muito devagar, com as mãos a agitarem-se numa louca convulsão nervosa, Tomás pegou na seringa, pousou-a ao lado de si, puxou a manga do casaco de modo a expor o braço, voltou a tapá-lo, repetiu o gesto no outro braço e abanou a cabeça.

"Não sei fazer isto", disse.

Bagheri aproximou-se.

"Eu faço."

"Não, não. Eu faço, deixe estar."

O enorme iraniano pegou na seringa pousada no chão.

"Já vi que não vai fazer nada", rosnou. "Eu é que..."

Um súbito ruído no corredor fê-lo voltar-se para a porta, a pistola em riste. Dois vultos apareceram nesse instante na entrada, seguidos de outros, e caíram em cima de Bagheri, que já tinha a arma preparada.

Crack.

Crack.

Crack.

Os iranianos amontoavam-se uns em cima dos outros, todos sobre Bagheri, aos urros, enquanto Tomás se arrastava pelo chão para o fundo da sala, tentando escapar àquela tremenda confusão. Mais homens irromperam pela sala, todos armados com AK 47, e, berrando ordens, apontaram as armas automáticas para o historiador.

Devagar, cheio de hesitações, o olhar trespassado pelo horror e pelo alívio, Tomás ergueu os braços.

"Rendo-me."

XVI

A venda nos olhos impedia Tomás de ver o que quer que fosse, a não ser uma nesga de luz que lhe vinha de baixo, mas sentiu calor e ouviu novas vozes em ambiente fechado e percebeu que o arrastavam para dentro de um edifício. Braços

poderosos puxaram-no por portas, escadas e corredores, as mãos sempre algemadas nas costas; por fim, após muito tropeçar na escuridão, mero joguete nas mãos de desconhecidos, foi empurrado para um compartimento e atirado para um assento de madeira. Homens invisíveis falavam num parsi agitado, até que uma voz lhe perguntou em inglês.

"Passport?"

Sem possibilidade de mexer as mãos, Tomás baixou a cabeça e tocou com o queixo no lado esquerdo do peito.

"Está aqui."

Uma mão infiltrou-se-lhe no bolso interior do casaco e retirou os documentos. A algazarra prosseguia em redor, mas um característico som metálico metralhado, que não escutava havia já muito tempo, indicou-lhe que alguém preenchia um formulário com uma velha máquina de datilografar.

"Em que hotel está você alojado?", perguntou a mesma voz.

Fez-se silêncio na sala, todos pareciam de repente ter curiosidade em saber algo mais sobre o homem que acabara de ser detido.

Tomás estranhou a pergunta. Se lhe perguntavam em que hotel ele se encontrava é porque não o tinham ainda identificado nem percebido o que ele e Bagheri tentavam realmente fazer no ministério. Talvez houvesse uma hipótese de os convencer de que tudo aquilo não passava de um enorme equívoco.

"Estou no Simorgh."

A máquina de datilografar tiquetaqueou algo, presumivelmente esta resposta.

"E o que está a fazer no Irã?"

"Estou a trabalhar num projeto."

"Que projeto?"

"Um projeto secreto."

"Que projeto secreto?"

"Um projeto com o governo iraniano."

A voz fez uma pausa, avaliando esta resposta.

"Com o governo iraniano, é? Quem no governo iraniano?"

"O Ministério da Ciência."

Novo metralhar da máquina de datilografar.

"O que estava a fazer na Sala K?"

"A trabalhar."

"A trabalhar? A uma da manhã? E a entrar na Sala K sem autorização?"

"Precisei de ir ver algumas coisas."

"Por que não abriu a porta com a chave própria? Se tinha autorização, por que não desativou o alarme?"

"Havia alarme, é?"

"Claro que havia. A porta da Sala K está protegida por um sistema de alarme que comunica com as forças de segurança. Como pensa você que nós soubemos que havia

ali intrusos? Se tivesse usado a chave própria, o sistema teria sido automaticamente desativado."

"Tinha urgência em verificar umas coisas, o que quer? Não dispunha da chave ali à mão."

"Se assim era, por que razão abriram fogo contra nós?"

"Não fui eu quem disparou. Foi o outro. Achou que vocês eram assaltantes."

"Bem, já iremos ver isso", disse a voz.

Ouviram-se umas ordens em parsi, alguém arrancou Tomás da cadeira e levou-o para uma outra sala. Tiraram-lhe a venda e as algemas e o historiador constatou que se encontrava no que parecia ser um estúdio muito iluminado. Havia uma máquina fotográfica montada diante de si e dois focos de luz ligados em cima. Um homem atrás da câmara fez-lhe sinal para olhar para a lente e disparou uma fotografia. O exercício foi depois repetido de perfil, para a esquerda e para a direita. Quando o fotógrafo deu o seu trabalho por terminado, Tomás foi empurrado para um balcão onde o forçaram a deixar as suas impressões digitais registadas a tinta num formulário.

De seguida levaram-no para um balneário contíguo ao estúdio.

"Tire as roupas", ordenou um homem.

Tomás despiu-se até ficar nu, a tiritar de frio, os pêlos eriçados, os braços envolvendo o próprio corpo num esforço para se aquecer. O iraniano apanhou as roupas, colocou-as num cacifo e pegou no que parecia ser um pijama muito gasto, às riscas, feito com tecido áspero, de má qualidade.

"Vista isto", ordenou o mesmo homem.

Ansioso por algo que o protegesse do gelo, o português logo obedeceu. Uma vez vestido com toda a roupa de prisioneiro, despojado da sua individualidade, olhou para si e, vencendo os sentimento de humilhação e desespero que o colocavam à beira das lágrimas, não resistiu a pensar que parecia um irmão Metralha.

As primeiras vinte e quatro horas foram passadas numa cela imunda, úmida e com um penico coletivo, onde se acotovelavam mais quatro presos, todos iranianos. Três deles só falavam parsi, mas o quarto, um homem idoso de óculos redondos e aspecto franzino, revelou-se fluente em inglês. Deixou Tomás chorar sozinho na primeira hora em que permaneceu na cela, mas depois, quando o historiador acalmou os nervos, aproximou-se e colocou-lhe a mão no ombro.

"A primeira vez é sempre a mais difícil", disse, a voz suave transmitindo conforto. "É a sua primeira vez?"

Tomás passou a mão pela cara e balançou afirmativamente a cabeça.

"Sim."

"Ah, é terrível", insistiu o velho. "Da minha primeira vez chorei durante dois dias. Senti uma vergonha muito grande, parecia que não passava de um vulgar ladrão. Eu, um professor de Literatura na Universidade de Teerã."

O historiador olhou-o com surpresa.

"Você é professor universitário?"

"Sim. Chamo-me Parsa Khani, leciono literatura inglesa."

"O que está aqui a fazer?"

"Oh, o costume. Sou acusado de me ter envolvido com jornais pró-reformistas, de falar mal do idiota do Khamenei e de apoiar o antigo presidente Khatami."

"Isso é crime?"

O velho encolheu os ombros.

"Os fanáticos acham que sim." Ajeitou os óculos. "Da primeira vez não vim para aqui, sabe?"

"Aqui, onde?"

"Esta cadeia. A minha primeira vez não foi em Evin."

"Erin?"

"Evin", corrigiu Parsa. "Esta é a cadeia de Evin, não sabia?"

"Não. Esta localidade chama-se Evin?"

O iraniano riu-se.

"Não, não. Esta é a cadeia de Evin, no Norte de Teerã. É uma cadeia muito temida. Foi construída nos anos setenta pelo Xá e era controlada pela sua polícia secreta, a SAVAK. Quando veio a Revolução Islâmica, em 1979, a prisão passou formalmente para as mãos do Gabinete Nacional de Prisões. Mas só formalmente. Isto aqui está agora transformado numa espécie de ONU dos vários poderes no Irão. A autoridade judicial controla a Secção 240 da cadeia, a Guarda Revolucionária controla a Secção 325 e o Ministério das Informações e Segurança manda na Secção 209. Ainda por cima andam todos a competir entre si e às vezes até interrogam prisioneiros uns dos outros, é uma confusão que ninguém se entende."

"Nós estamos em que ala?"

"Estamos numa ala mista. Eu fui detido pelos imbecis da Guarda Revolucionária e são eles que me mantêm aqui. Você foi detido por quem?"

"Não sei."

"Qual o motivo pelo qual o prenderam?"

"Fui apanhado dentro do Ministério da Ciência à noite. É tudo um grande equívoco, espero que me libertem em breve."

"Dentro do ministério? Não era espionagem, pois não?"

"Claro que não."

Parsa fez um trejeito com a boca.

"Hmm, isso cheira-me então a delito comum", considerou. "Se assim for, eu acho que você está aqui sob a tutela da autoridade judicial."

Tomás apertou melhor a camisa da farda de presidiário, buscando mais calor.

"Acha que eles me deixam contactar uma embaixada da União Européia?"

O velho voltou a rir-se, mas sem humor.

"Se estiver com sorte, sim", exclamou. "Mas só depois de o espremerem bem."

"Como assim, espremerem-me bem?"

O iraniano suspirou, o olhar cansado.

"Ouça, senhor... uh..."

"Tomás."

"Ouça, senhor Tomás. O senhor veio para a cadeia de Evin, um dos sítios mais desagradáveis do Irã. O senhor tem alguma idéia do que aqui se passa?"

"Bem... não."

"Para lhe dar uma idéia, posso dizer-lhe que a minha primeira passagem aqui por Evin foi inaugurada por uma sessão de bofetadas. Depressa aprendi que se tratava apenas de um ligeiro tratamento introdutório, porque logo a seguir serviram-me uma refeição de chicken kebab. O senhor sabe o que é chicken kebab?"

"Não."

"Nunca comeu kebab num restaurante iraniano, senhor Tomás?"

"Ah, sim", reconheceu o historiador. "Kebab. E aquela espécie de sanduíche. Puxa, já estou farto disso..."

"Eles aqui também servem chicken kebab."

"Ah, sim?"

"Sim. Só que, aqui em Evin, chicken kebab não é uma delícia gastronômica. É o nome que dão a um método de interrogatório."

"Ah."

"Primeiro prendem-nos os tornozelos e amarram-nos as mãos, depois põem os pulsos sobre os tornozelos e passam uma enorme barra de metal entre os ombros e a parte de trás dos joelhos, de modo a ficarmos quase na posição fetal. Levantam a barra, prendem-na a um ponto alto e nós ficamos assim pendurados, todos contorcidos, como uma galinha no espeto. E a seguir batem-nos."

Tomás esboçou um esgar horrorizado.

"Fizeram-lhe isso a si?"

"Sim, fizeram."

"Por criticar o presidente?"

"Não, não. Por defender o presidente."

"Por defender o presidente?"

"Sim. Khatami era naquela altura o presidente e pretendia fazer avançar reformas que pusessem fim aos exageros desses fanáticos religiosos, esses malucos que nos infernizam a vida todos os dias e fazem a glorificação da ignorância."

"E o presidente não o pode libertar?"

Parsa abanou a cabeça.

"O presidente já não é o mesmo, agora está lá um radical. Mas nada disso interessa. A grande verdade é que, quando ocupava a presidência, Khatami não tinha qualquer poder sobre estes imbecis. Eu sei que parece uma loucura, mas é assim que as coisas funcionam neste país. Isto não é como o Iraque, sabe, onde mandava o Saddam e todos se encolhiam. Aqui é diferente. Olhe, em 2003, por exemplo, o presidente Khatami ordenou uma inspeção a esta cadeia. Os seus homens de confiança vieram cá e tentaram visitar a Seção 209. Sabe o que aconteceu? Sabe?"

"Não."

"Os tipos do Ministério das Informações e Segurança não os deixaram entrar."

"Não deixaram?"

"Não."

"E o que fizeram os homens do presidente?"

"Ora! Meteram o rabo entre as pernas e foram-se embora, pois claro." Fez um gesto resignado. "É para que você veja quem manda neste país."

"Incrível."

"Passam-se aqui em Evin as coisas mais inacreditáveis e ninguém pode fazer nada."

"Como essa tortura a que o submeteram."

"Sim, o chicken kebab. Mas há mais. Uma vez puseram-me no carrossel. Sabe o que é o carrossel?"

"Não."

"Amarraram-me com a barriga para cima a uma cama em forma de Y. Depois puseram-na a girar a grande velocidade e, enquanto cantavam, batiam-me em toda a parte." Respirou fundo. "Vomitei todo o jantar."

"Puxa."

O velho apontou para um dos companheiros de cela, um rapaz ossudo, com grandes olheiras.

"Ali o Faramarz passou por uma situação bem chata", disse. "Penduraram-no pelos pés no teto de uma sala, puseram-lhe um peso nos testículos e deixaram-no ali suspenso durante três horas, sempre com a cabeça para baixo."

Tomás estudou, horrorizado, o ar doentio de Faramarz.

"Acha... acha que me podem fazer o mesmo?"

Parsa acomodou-se no chão.

"Depende do que acharem que você andava a fazer no Ministério da Ciência", indicou, passando a língua pelos lábios finos. "Se acharem que estava a roubar, se calhar partem-lhe as mãos à pancada e depois condenam-no a uns anos de prisão. Se acharem que estava a fazer espionagem... bem, nem quero imaginar."

O historiador sentiu um terrível calafrio percorrer-lhe o corpo e começou a interrogar-se se, feitas as contas, não teria sido melhor ter utilizado a seringa que Bagheri lhe estendeu.

"Mesmo sendo estrangeiro, isso não..."

"Sobretudo sendo estrangeiro", atalhou Parsa. "E de uma coisa estou certo." Apontou para o seu interlocutor. "Você não vai escapar à pior das torturas."

Tomás sentiu um baque no coração.

"Acha?"

"Todos passam por ela. É a mais eficiente."

"E qual... qual é?"

"O caixão."

"Como?"

"Uns chamam-lhe o caixão, outros a tortura branca. Seja quem for o homem, vai acabar por ceder. Todos cedem. Uns resistem três dias, outros aguentam três meses, mas todos acabam por confessar tudo. E se não confessam aqui em Evin, mandam-nos para a Prisão 59, que é muito pior. No fim, tudo os presos acabam por confessar.

Confessam o que fizeram, confessam o que gostariam de ter feito e confessam o que não fizeram. Confessam o que eles quiserem."

"E... e... o que nos fazem eles?"

"Onde?"

"Nesse caixão."

"No caixão? Nada."

"Hã?"

"Nada."

"Não nos fazem nada? Não entendo."

"O caixão é uma cela solitária. Parece um caixão. Imagine o que é viver dias e dias num compartimento muito pequeno, quase do tamanho de um caixão, sem falar com ninguém nem ouvir ruído nenhum. Assim descrito não parece nada de especial, pois não? Sobretudo quando comparado com o carrossel ou o chicken kebab. Mas viver isso..." Abanou a mão. "Uf!"

"É assim tão mau?"

"É de loucos. Os caixões funcionam nas Seções, mas, como lhe disse, os piores nem são aqui os de Evin. Os piores são os dos centros de detenção."

"Centros de detenção?"

"Os jornais chamam-lhes nabadeh movazi, ou instituições paralelas. São tão clandestinas que nem sequer estão previstas na lei, embora sejam mencionadas na imprensa e até no parlamento. Pertencem às milícias basiji ou ao Ansar-e Hizbollah ou aos vários serviços secretos. Não estão assinaladas como prisões, não registam os nomes dos prisioneiros nem as autoridades governamentais têm acesso a informação sobre os seus orçamentos e organização. Os deputados e o presidente Khatami tentaram acabar com as nahadeb mozavi, mas não conseguiram."

"Como é isso possível?"

Parsa ergueu os olhos para cima, como se dirigisse a pergunta a uma entidade divina.

"Só no Irã, meu caro amigo", desabafou. "Só no Irã."

"Você já esteve num desses sítios?"

"Claro que sim. Para dizer a verdade, da primeira vez que fui detido nem vim aqui para Evin, sabe? Segui direitinho para a Prisão 59."

"Ah, sempre é uma prisão."

"Chamamos-lhe Prisão 59 ou eshraat abad, mas não está registada como prisão. É a mais famosa das nahadeb mozavi."

"É aqui em Teerã?"

"Sim, a Prisão 59 encontra-se num complexo situado na Avenida Valiasr e é controlada pela Sepah, os serviços de informações da Guarda Revolucionária. Os caixões deste centro de detenção são os piores de todos. Ao pé deles, aqui os de Evin não passam de moradias luxuosas. Você nem imagina como aquilo é. Enlouquece-se numa única noite."

Quase sem querer, Tomás procurava-se situar nestas informações, imaginava-se a cada instante em cada uma das situações que lhe eram descritas.

"Eles... eles costumam meter estrangeiros nesse sítio?", perguntou, a medo.

"Eles metem lá quem quiserem. Quem entrar na Prisão 59 é como se deixasse de existir. Aqui em Evin ainda há um registo dos prisioneiros. Lá não existe registo nenhum. Uma pessoa entra e depois pode reaparecer ou desaparecer para sempre, ninguém ali presta contas."

"Estou a ver."

"De modo que só tenho um conselho para lhe dar."

Fez-se uma pausa.

"Qual é?"

"Se tiver alguma coisa para confessar, confesse logo de início", disse o velho, a voz fatigada. "Ouviu?"

"Sim."

"Poupará a si próprio muito sofrimento."

Encafuado naquela cela imunda, o ar impregnado de uma mistura nojenta de odores a mofo, urina e fezes, Tomás passou toda a noite e manhã seguinte a decidir-se sobre o que iria ou não dizer quando fosse interrogado. Parecia-lhe evidente que jamais poderia confessar estar a trabalhar para a CIA, tal revelação seria equivalente à assinatura da sua sentença de morte.

Não podendo, portanto, expor a verdade, ficava nas mãos com o grande problema de explicar o inexplicável, isto é, justificar o arrombamento do cofre e a presença de Bagheri ao seu lado. Quando foi capturado, o historiador ficara com a impressão de que o seu companheiro iraniano tinha sido morto, mas não pudera confirmar isso e corria sempre o risco de Bagheri estar vivo e apresentar uma versão que o comprometeria. Além disso, mesmo que Bagheri estivesse morto, a sua ligação seria sempre um embaraço, jamais conseguiria dar uma explicação convincente para o facto de ter sido apanhado dentro do ministério com ele. Por outro lado, ainda que o homem da CIA se encontrasse morto, seria sempre possível à polícia identificá-lo e investigar as suas ligações. Os iranianos poderiam interrogar os seus familiares e amigos e revistar a sua casa. Não havia modo de saber o que descobririam, mas as hipóteses de virem a ligar Bagheri à agência secreta americana eram elevadas. E, se o fizessem, a pergunta seguinte era óbvia. O que estava Tomás a fazer com um agente da CIA, a meio da noite, no Ministério da Ciência, depois de terem arrombado um cofre onde era guardado um documento altamente secreto? Como explicar o inexplicável? E, como se tudo isto não bastasse, era preciso ainda não esquecer Babak. Teria sido o motorista apanhado? Se foi, o que revelaria ele? Se não foi, será que o podia ainda vir a ser?

"O que o preocupa?", perguntou Parsa.

"Tudo", exclamou Tomás.

"Mas você parece estar a conversar para si mesmo..."

"É o interrogatório. Estou a concentrar-me no que vou dizer."

"Conte a verdade", aconselhou o velho mais uma vez. "Poupará muito sofrimento inútil."

"Claro."

Não podia dizer àquele desconhecido que não tinha modo de contar a verdade. Parsa pareceu entender, porque logo virou a cara e fitou a luz do dia que jorrava pela janela gradeada.

"Mas se não puder contar a verdade", logo acrescentou, "dou-lhe um conselho."

"Qual é?"

"Não acredite em nada do que eles lhe disserem. Ouviu? Não acredite em nada." Fitou Tomás, os olhos a brilharem. "Na minha primeira vez, quando fui para a Prisão 59, anunciaram-me que o presidente Khatami tinha fugido do país e que tinham prendido as minhas filhas e elas estavam a revelar coisas muito graves sobre mim. Disseram tudo aquilo com o ar mais credível do mundo e pediram-me para assinar uma confissão, afirmando que era o melhor para mim, a única maneira de conseguir um perdão. Quando mais tarde fui libertado, apercebi-me de que nada do que me tinham dito era verdade. O presidente continuava em funções, as minhas filhas nunca foram presas."

Tomás passou horas às voltas com o problema do interrogatório, atormentado com as pontas soltas, as inconsistências, os absurdos da sua versão ficcionada. Ruminou o assunto durante o almoço, enquanto engolia distraidamente um aguado caldo de galinha que um guarda lhe despejou numa tigela de alumínio, e foi ainda com a cabeça imersa no problema que, vencido pelo cansaço, adormeceu ao princípio da tarde, deitado sobre uma esteira estendida no chão frio e úmido da cela da ala comum da prisão de Evin.

XVII

Uma sacudidela violenta despertou Tomás do sono inquieto em que mergulhara durante várias horas. Abriu os olhos e viu um homem de feições brutas diante de si, a barba negra rala e o cabelo a faltar-lhe no topo da testa, as mãos grossas agarradas aos seus ombros, abanando-o com brusquidão. Olhou em redor, ainda meio atordoado, e notou que fazia escuro, a noite já caíra e a cela era iluminada pela mesma luz amarela bruxuleante da véspera.

"Acorrrde", disse o homem num inglês hesitante e com um sotaque iraniano muito forte.

"Uh?"

"O corrronel esperrra você. Deprrressa."

O homem puxou-o para cima, obrigando-o a pôr-se de pé; tirou um lenço do bolso e apertou-o em torno da cabeça e sobre os olhos do prisioneiro. Com Tomás devidamente vendado, o homem prendeu-lhe as mãos por detrás dos braços com algemas e arrastou-o para fora da cela. Voltaram a percorrer corredores e a subir e descer escadas, até que o recluso, sempre às escuras por causa da venda, entrou num compartimento aquecido e foi forçado a sentar-se num banco de madeira, as algemas ainda prendendo-lhe os braços atrás das costas.

Silêncio.

Tomás pressentiu uma presença no local. Ouviu um respirar leve e o som quebrado de estalidos de articulações, era evidente que havia alguém ali, mas a

verdade é que ninguém pronunciou palavra e o historiador permaneceu calado. Passaram-se cinco minutos em silêncio, apenas se ouviam as respirações e os pequenos estalidos. O recluso remexeu-se no banco e sentiu algo à direita. Percebeu que era uma mesinha colada à braçadeira da cadeira, como os bancos das escolas. Instantes depois sentiu o vulto sentar-se naquela mesinha e encolheu-se, intimidado.

Dez minutos de silêncio.

"Professor Noronha", disse finalmente a voz, num tom contido, como um leão que oculta o rugido feroz por baixo de um ronronar manso. "Bem-vindo ao nosso humilde palacete. Está bem instalado?"

"Quero falar com um diplomata da União Européia."

O desconhecido deixou passar mais uns segundos.

"O meu nome é Salman Kazemi e sou coronel do VEVAK, o Ministério das Informações e Segurança", disse, ignorando ostensivamente o pedido. "Tenho algumas perguntas para lhe fazer, se não se importa."

"Quero falar com um diplomata da União Européia."

"A primeira pergunta é óbvia. O que estava o senhor a fazer nas instalações do Ministério da Ciência e Tecnologia à uma da manhã?"

"Só falo depois de conversar com um diplomata da União Européia."

"Por que razão o senhor arrombou o cofre da Sala K e tirou do seu interior um documento da maior importância para a defesa e segurança da República Islâmica?"

"Quero falar com um diplomata da União Européia."

"O que tencionava o senhor fazer com o documento que retirou do cofre?"

"Eu tenho o direito de falar com..."

"Silêncio!", gritou o coronel sobre o seu ouvido direito, de repente fora de si. "O senhor neste momento não existe! O senhor neste momento não tem direitos! O senhor abusou gravemente da nossa hospitalidade e envolveu-se em atividades que podem ter posto em perigo a segurança da República Islâmica. O senhor esteve metido numa ação da qual resultou o ferimento de quatro homens das forças de segurança iranianas e um deles encontra-se neste momento internado no hospital em estado grave. Se vier a morrer, isso fará de si um homicida. Entendeu?"

Tomás permaneceu calado.

"Entendeu?", gritou ainda mais alto, a boca colada ao ouvido de Tomás.

"Sim", retorquiu o recluso, a voz muito baixa.

"Ainda bem", exclamou o coronel Kazemi. "Então faça o favor de responder agora às minhas perguntas." Fez uma pausa para recuperar a compostura e retomou o interrogatório num tom mais calmo. "O que estava o senhor a fazer dentro do Ministério da Ciência e Tecnologia à uma da manhã?"

"Só respondo depois de falar com um..."

Uma violenta pancada na nuca quase atirou Tomás ao chão.

"Resposta errada", berrou o oficial da VEVAK. "Vou repetir a pergunta. O que estava o senhor a fazer no Ministério da Ciência e Tecnologia à uma da manhã?"

O recluso manteve-se calado.

"Responda!"

Silêncio.

Nova pancada, agora um murro desferido no lado direito da cabeça com tal violência que Tomás se desequilibrou do banco e tombou para o lado esquerdo com um gemido atordoado, estendendo-se espalhafatosamente no chão, os braços ainda algemados nas costas.

"Eu... vocês... vocês", titubeou, atarantado, sentindo uma face da cara a latejar com o impacto, a outra a colar-se à pedra fria.

"Vocês não têm o direito de me fazer isto. Eu vou protestar. Vou queixar-me, ouviu?"

O coronel soltou uma gargalhada.

"Vai queixar-se?", perguntou, visivelmente divertido. "Vai queixar-se a quem? Uh? À sua mãezinha?"

"Vocês não podem fazer isso. Eu tenho o direito de contactar um diplomata europeu."

Mãos fortes pegaram em Tomás e atiraram-no de novo para o banco de escola.

"Você não tem direitos nenhuns, já lhe disse", vociferou o coronel. "O seu único direito aqui é o de dizer a verdade, percebeu? A verdade! A verdade libertá-lo-á! A salvação através da verdade. É esse o nosso lema, é esse o lema da VEVAK. A salvação através da verdade. Conte-nos a verdade e isso será levado em linha de conta na hora da decisão. Ajude-nos a encontrar os inimigos da República Islâmica e será premiado. Mais do que isso, será salvo. A salvação através da verdade. Mas, se persistir em manter-se calado, vai arrepender-se amargamente." Baixou o tom de voz, de modo a torná-la quase doce, sedutora. "Ouça o que eu lhe digo. O senhor cometeu um erro, é certo. Mas ainda vai a tempo de o emendar. Garanto-lhe isso. Afinal de contas, todos nós cometemos erros, não é verdade? O que é grave é se persistirmos no erro. Isso é que é grave, percebe?" Adoçou ainda mais a voz, tornou-se quase íntimo. "Ouça, fazemos já aqui uma combinação entre nós os dois. O senhor conta-me tudo e eu faço um relatório muito positivo sobre si. Repare, nós não temos nada contra si, não é? Por que razão lhe iríamos fazer mal? Apenas queremos que nos ajude a detectar os nossos inimigos. Está a ver como é simples? O senhor ajuda-nos, nós ajudamo-lo. Uh? O que me diz?"

"Terei muito gosto em ajudá-lo", disse Tomás, preparando-se para uma nova pancada a qualquer momento. "Mas entenda que eu primeiro tenho de falar com um diplomata da União Européia. Preciso de saber quais são os meus direitos, quero conhecer qual a acusação formada contra mim e gostaria de passar uma mensagem à minha família. Além disso, preciso de arranjar um advogado. Como vê, não estou a pedir nada de mais."

O coronel fez uma pausa, como se estivesse a ponderar o pedido.

"Deixe-me ver se percebo", disse o oficial da VEVAK. "Se nós lhe facilitarmos acesso a um diplomata europeu, você conta-nos tudo, é?"

Tomás hesitou.

"Uh... sim, claro... conto-vos tudo em função... uh... dos conselhos do diplomata e do que disser o meu advogado, claro."

O coronel Kazemi manteve-se calado. O recluso ouviu o som de um fósforo a ser aceso e sentiu, instantes depois, o cheiro acre de um cigarro ateado.

"Você deve pensar que somos parvos", comentou Kazemi por entre dois bafos de fumo. "Por que motivo iríamos nós alertar a União Européia para a sua situação sem ter a garantia de que receberíamos algo em troca? Ninguém no mundo sabe onde você se encontra e não temos interesse nenhum em alterar essa situação. A menos que você nos dê um motivo válido, claro."

"Que motivo?"

"Por exemplo, contando-nos tudo. Olhe, podemos começar com uma dúvida que eu tenho, relativamente ao indivíduo que estava consigo. Quem era ele exatamente?"

Esta pergunta levou Tomás a concluir nesse instante que Bagheri provavelmente tinha morrido. Por um lado, se o coronel não sabia qual a identidade de Bagheri era porque o homem da CIA se calara, talvez para sempre; e, por outro, o oficial usara o pretérito para se referir a Bagheri, o que lhe parecia revelador.

O historiador resolveu testar o interrogador.

"Por que não lhe perguntam diretamente?"

Kazemi pareceu momentaneamente desconcertado com a pergunta, o que, em si, constituiu uma forma de resposta.

"Uh... porque...", gaguejou, antes de se recompor. "Ouça, aqui quem faz as perguntas sou eu, ouviu?"

Silêncio.

"Ouviu?"

"Sim."

O coronel aspirou mais uma lufada do cigarro.

"Você é da CIA."

Tomás percebeu que o oficial tinha mudado de tática, para o surpreender, e que não poderia hesitar neste ponto crucial.

"Está a perguntar ou está a afirmar?"

"Estou a afirmar. Você é da CIA."

"Disparate."

"Temos provas."

"Ah, sim? Como é que se pode ter provas de uma fantasia?"

"O seu amigo falou."

"Falou, é? E disse que era da CIA?"

"Sim. Contou-nos tudo sobre si."

Tomás forçou-se a fazer um sorriso.

"Se contou tudo sobre mim, então estou mais descansado. Eu não tenho nada a ver com política, sou apenas um acadêmico e vocês sabem-no."

"Você é um espião. Você é um espião que veio ao Irã para nos roubar o segredo da bomba atômica."

Kazemi estendeu aqui uma nova armadilha, mas não foi muito hábil e Tomás pressentiu-o.

"O segredo da bomba atômica?", perguntou, com o ar mais admirado que foi capaz de encenar. "Ena, onde é que isso já vai! Nunca ninguém me falou de bomba atômica alguma, ouviu? Deve haver aqui um engano qualquer. Eu não vim cá para roubar coisa nenhuma. Eu fui convidado, percebe? Eu vim cá para ajudar o Irã a decifrar um documento científico, mais nada. Que história é essa da bomba atômica?"

"Não se faça desentendido", retorquiu o coronel. "Você sabe muito bem do que eu estou a falar."

"Não sei, não. Nunca ouvi falar em tal coisa. O meu trabalho limita-se à decifração de um documento científico, mais nada. Foi para isso que fui contratado. Nunca ninguém me falou em bombas atômicas ou tretas do gênero. E, se tivessem falado, eu nem aceitaria estar aqui, percebeu? Portanto, não se ponha para aí a inventar coisas que não existem."

"Veio cá decifrar um documento científico, é? Então por que razão foi às escondidas ao ministério tirar aquele documento do cofre, uh? Por que razão?"

"Aquele não é um documento militar, já lhe disse. É um documento científico. Pergunte ao ministro da Ciência, se quiser. O senhor é que está a fantasiar e a ver conspirações onde elas não existem."

"O ministro já nos disse que, dada a natureza do documento em questão, você só podia estar a espiar."

"Eu? A espiar? Que coisa mais ridícula! Admito que tinha curiosidade em ver aquele documento científico, isso é verdade. Mas era curiosidade científica, apenas isso. Eu sou um cientista e é muito natural que queira ver uma relíquia científica, não acha?"

"O ministro não lhe chamou relíquia."

"Então chamou-lhe o quê?"

"Chamou-lhe um documento da mais alta importância para a segurança do Irã." Aproximou-se do recluso e segredou-lhe ao ouvido. "Chamou-lhe um segredo de Estado."

"Isso é ridículo", protestou Tomás. "Aquilo é um documento científico. Pelo menos foi isso o que ele sempre me disse e nunca tive razões para duvidar de tal." Alterou o tom de voz, tentando parecer muito razoável. "Ouça, se fosse mesmo um segredo de Estado, acha que me contratavam a mim para o decifrar? Hã? Acha? Então não arranjavam aqui gente capaz de o fazer? Por que razão iriam buscar um ocidental para decifrar um documento tão sensível?"

"Tiveram as suas razões."

"Claro que tiveram", exclamou o recluso. "Razões de ciência."

"Razões de Estado."

"Desculpe, mas o que o senhor está a dizer não faz sentido nenhum. Repare, não é o Irã que diz todos os dias que deseja a energia nuclear para fins pacíficos? Não é o Irã que afirma que não quer desenvolver armas atômicas? Então como é que eu iria roubar ao Irã o que o país não tem nem tenciona ter?"

"Você é muito esperto..."

"Não é uma questão de esperteza, é uma questão de bom senso. Lembre-se que não fui eu que me fiz convidado para vir ao Irã. Foram vocês que me convidaram. Eu estava muito bem no meu cantinho, a fazer as minhas coisas, quando vocês me contactaram e me pediram para vir cá. Eu nunca..."

"Basta", cortou o coronel Kazemi. "Você é nosso convidado e não se portou como tal. Foi apanhado a meio da noite no Ministério da Ciência a arrombar um cofre onde era guardado um segredo de Estado. Quando aparecemos no local, você abriu fogo e feriu..."

"Não fui eu, foi o outro."

"Foi você."

"Não, já lhe disse que quem abriu fogo foi o outro."

"Quem era o outro?"

Tomás hesitou. Tinha ido para a sala determinado a nada dizer e apercebeu-se de que se tinha deixado envolver numa tal teia de conversa que quase contava já a história da sua vida.

"Exijo primeiro falar com um diplomata da União Européia."

"Como?"

"Exijo primeiro falar..."

Uma dor brutal, como um beliscão feroz, incendiou-lhe um ponto no pescoço e até viu estrelas estalarem-lhe nos olhos. Urrou de dor e levou um instante a perceber o que tinha acontecido.

O coronel apagara o cigarro no seu pescoço.

"Se isto não vai a bem, irá a mal", disse o oficial com uma voz neutra.

Kazemi emitiu umas ordens em parsi e Tomás sentiu de imediato movimento em redor. Preparou-se para o pior e quase se encolheu no banco, à espera das pancadas. Várias mãos pegaram-lhe pelos braços e pela roupa de presidiário e obrigaram-no a pôr-se de pé.

"O que... o que me vão fazer?", perguntou, angustiado por a venda não o deixar perceber o que se passava em redor. "Vamos pô-lo a falar", foi a resposta seca de Kazemi.

"Vão-me torturar?"

"Não. Vamos fazer pior."

"Vão fazer o quê?"

"Vamos mandá-lo para a Seção 209."

Um caixão.

Quando Tomás, já desalgemado, foi atirado para o pequeno cubículo e pôde finalmente retirar a venda que lhe cobria os olhos e observar o local onde se encontrava, essa foi a primeira impressão com que ficou.

Puseram-me num caixão.

A cela revelou-se incrivelmente pequena. Era tão estreita que não conseguia sequer esticar os braços, tinha somente um metro de largura. De comprimento eram dois metros, apenas o suficiente para dar três pequenos passos, mas, na verdade, era apenas um passo e meio porque o resto estava ocupado por uma retrete e um lavatório. Virou a cabeça para cima e mediu a altura. Quatro metros, mais ou menos.

Uma pequena lâmpada iluminava a cela a partir do topo, Tomás calculou que teria uns quarenta watts, não mais. O chão parecia feito de cal e as paredes eram brancas, estreitas, opressoras, davam a impressão de esmagá-lo de todos os lados.

Um verdadeiro caixão.

Nunca na vida Tomás tinha estado assim apertado por paredes, tão apertado que foi assaltado pela distinta impressão de se encontrar enterrado vivo. Começou a sentir dificuldades em respirar e teve de fechar os olhos e erguer as narinas para cima para controlar o acesso de pânico que gradualmente tomava conta de si. Não se quis sentar naquele chão de cal e permaneceu de pé. Tentou dar um passo, mas um passo era mesmo a única coisa que conseguia dar, tão estreita era a cela, tão comprimido era o espaço.

Passou uma hora.

Os ataques de falta de ar e de quase pânico sucediam-se, a par de crescentes tonturas. Sentiu a claustrofobia de quem tinha sido encerrado num túmulo, atirado para uma sepultura de paredes brancas e superfície de cal e iluminada por uma pequena lâmpada de quarenta watts. Fatigado, encostou-se à parede.

Duas horas.

O silêncio era absoluto, asfixiante, sepulcral. Parecia-lhe incrível como era possível haver assim um silêncio de tal modo profundo, tão profundo que escutava a sua respiração como se fosse uma tempestade e ouvia o leve zunido da lâmpada como se se tratasse de uma enorme varejeira a zoar-lhe aos ouvidos. Sentiu as pernas fracas e sentou-se na cal.

Horas.

Perdeu a noção do tempo. Os segundos, os minutos, as horas sucediam-se sem que se conseguisse aperceber da sua passagem; era como se estivesse suspenso no tempo, perdido numa dimensão oculta, flutuando no esquecimento. Apenas via as paredes, a lâmpada, a sanita, o lavatório, o corpo, a porta e o chão. Ouvia o silêncio, a respiração e o zumbido da lâmpada. Lembrou-se que o velho da cela comum lhe dissera que havia solitárias piores, que na tal Prisão 59 se enlouquecia numa só noite, mas não conseguiu imaginar nada pior do que aquele sítio onde se encontrava. Tentou cantar, mas não conhecia a letra da maior parte das canções e contentou-se em trautear algumas baladas infantis. Murmurou ainda diversas melodias, umas atrás das outras, determinado a ser o gira-discos de si próprio. Começou a falar sozinho, mais para ouvir uma voz humana do que para dizer alguma coisa, mas, ao fim de algum tempo, calou-se, achou que estava já a fazer figura de doido.

"Allaaaaaaaaaaaah u akbaaaaaaaaaaaaaaar!"

A voz estridente e elétrica de um iraniano a berrar encheu de repente a cela. Tomás deu um pulo e olhou em redor, atarantado. Era o som de um altifalante que reverberava no ar com uma chamada à oração. A chamada durou três ou quatro minutos, sempre com o volume no máximo, quase ensurdecedora, e depois parou.

Voltou o silêncio.

Era um silêncio sinistro, um silêncio tão profundo que até a vibração do ar lhe parecia zumbir aos ouvidos. Fechado naquele espaço apertado, incapaz de esticar os braços para os lados ou de dar dois passos na mesma direcção, a mente de Tomás começou a divagar em torno das suas circunstâncias, do desespero da sua situação, da futilidade da resistência. Para quê resistir se o fim já estava traçado? Não valeria mais antecipar o desfecho inevitável? Por que razão haveria de temer a morte se morto

já se encontrava ele ali? Sim, já estava morto sem estar morto, a verdade é que tinha sido enterrado num caixão e não passava agora de uma espécie de morto-vivo.

As refeições eram-lhe dadas em silêncio. O carcereiro abria uma pequena cancela rasgada na porta, entregava-lhe um prato metálico com comida, uma colher de plástico e um copo de água e meia hora depois vinha recolher os utensílios. Estes interlúdios para as refeições e a berraria nos altifalantes para a chamada às orações constituíam os únicos momentos em que o mundo exterior interferia com o caixão. Tudo o resto era indefinido.

Uma espécie de mancha no tempo.

Tomás comia quando a cancela se abria e o prato aparecia, fazia as necessidades na sanita e deitava-se no chão quando tinha sono, encolhendo-se na posição fetal porque não dispunha de mais espaço e também porque era a única maneira de gerar calor para se aquecer. A luz da lâmpada encontrava-se permanentemente acesa e, encerrado naquele caixão de tijolo e cimento, o recluso não tinha maneira de saber que horas eram, quanto tempo passara, se era dia ou se era noite, se sairia dali em breve ou se o enterraram naquele caixão até ao esquecimento.

Limitava-se a existir.

XVIII

O tilintar aparatoso de uma chave a rodar na fechadura despertou Tomás do longo torpor em que se encontrava mergulhado. O ferrolho emitiu diques sucessivos até a porta se abrir e um homem baixo de barba pontiaguda emergir do outro lado e espreitar o recluso.

"Vista isto", disse o iraniano, atirando um saco de plástico azul para o chão da minúscula cela.

O historiador acocorou-se e abriu o saco. Lá dentro encontravam-se as suas roupas, todas amarrotadas e amontoadas umas nas outras. Com a porta entreaberta, viu pela primeira vez em muito tempo a luz do dia espreitar num canto e teve vontade de desatar a correr e abraçar o sol, encher os pulmões de ar e viver aquele dia em toda a plenitude.

"Depressa", resmungou o homem, que se apercebera da forma sonhadora como Tomás contemplava a luz natural que entrava no corredor. "Despache-se."

"Sim, sim, já vou."

O historiador vestiu-se e calçou-se em dois minutos, ansioso por agarrar aquela oportunidade que inesperadamente lhe concediam de sair do caixão e respirar ar fresco. Mesmo que fosse para um duro interrogatório, mesmo que o submetessem ao chicken kebab de que lhe falara o velho preso que conhecera quando entrou na cadeia de Evin, tudo era melhor do que permanecer mais uma hora naquele sítio terrível, qualquer tortura era preferível a continuar enterrado vivo.

Quando terminou de se vestir e se pôs de pé, quase saltando de excitação por estar na iminência de abandonar a cela, o iraniano tirou um lenço do bolso e fez um gesto rotativo rápido com a mão.

"Vire-se."

"Hã?"

"Vire-se."

Tomás voltou-se de costas para a porta e o iraniano colocou-lhe a venda nos olhos. De seguida puxou-lhe os braços para trás e algemou-o pelas costas.

"Vamos", disse então, puxando-o pelo braço.

O recluso tropeçou e ia caindo, mas embateu numa parede e conseguiu equilibrar-se, deixando-se puxar pelo carcereiro.

"Onde me leva?"

"Silêncio."

O carcereiro conduziu-o por um longo corredor, ao fim do qual começaram a subir umas escadas. A caminho da cela solitária, Tomás tinha ficado com a impressão de que a sua ala na Seção 209 se encontrava num subterrâneo, impressão que se adensou agora que dali saía. Atravessaram mais corredores e entraram no que parecia ser uma sala, onde o obrigaram a sentar-se num banco. Tomás remexeu-se no banco e sentiu a mesinha pegada à braçadeira, era um banco de escola igual ao do primeiro interrogatório, possivelmente seria até o mesmo banco e a mesma sala.

"Então?", perguntou uma voz familiar. "Divertiu-se muito no enferadi?"

Era o coronel Salman Kazemi outra vez.

"Onde?"

"No enferadi. A solitária."

"Exijo que me deixem falar com um diplomata da União Européia."

O oficial riu-se.

"Outra vez?", exclamou. "Ainda não parou com essa conversa?"

"Tenho direito a falar com um diplomata."

"Você tem é o direito de confessar tudo. Ao fim de três dias trancado no enferadi, já está disposto a falar?"

"Três dias? Passaram-se três dias?"

"Sim. Alguns acham que estar encerrado no caixão durante três dias chega. Será que já chegou para si?"

"Eu quero falar com um diplomata europeu."

Fez-se silêncio e o coronel suspirou com enfado, todo ele paciência a atingir o limite.

"Já vi que não chegou", disse, com um tom normalmente reservado às crianças que se portam mal. "Sabe, acho que nós aqui em Evin somos muito bonzinhos. Demasiado bonzinhos até. É o nosso mal, sermos assim tão sentimentais e respeitadores dos direitos de patifes como você, escumalha que só merece que se lhe cuspa em cima." Voltou a suspirar. "Enfim." Ouviu-se o som de algo a ser escrito. "Acabei agora de assinar a sua ordem de saída", anunciou o coronel.

"Ponha-se a andar daqui para fora."

Tomás nem queria acreditar no que acabara de ouvir.

"O senhor vai... vai libertar-me?"

Kazemi soltou uma gargalhada sonora.

"Claro que vou. Aliás, já o fiz."

"Posso sair, é?"

"Pode e deve. A partir deste momento, já não pertence a Evin. Ponha-se na rua."

O historiador colocou-se de pé, incrédulo mas esperançado.

"Então quando é que me tiram isto dos olhos?"

"Ah, isso não tiramos."

"Não tiram? Porquê?"

"É simples. Acabei de assinar a sua ordem de saída. A partir deste momento, você já não está sob a tutela da cadeia de Evin. Você vai abandonar este estabelecimento e, a partir daquela porta, o que lhe vier a acontecer já não é da nossa responsabilidade."

"O que quer o senhor dizer com isso?"

Umas mãos puxaram brutalmente Tomás, arrastando-o para fora da sala, ainda com a venda nos olhos e os braços algemados atrás das costas. Carregado com violência pelo corredor, o historiador ainda ouviu Kazemi responder com sarcasmo à sua derradeira pergunta.

"Divirta-se na Prisão 59."

Uma mão empurrou a cabeça vendada de Tomás para baixo e o historiador foi atirado para o interior de um automóvel, as algemas ainda a prenderem-lhe os braços atrás das costas. Pela organização do espaço nos sofás presumiu que se encontrava no banco de trás, mas logo os desconhecidos pegaram nele e atiraram-no para os pés dos assentos, acomodando-se eles nos lugares e colocando os sapatos por cima de Tomás numa postura humilhante, pareciam caçadores a pisar a sua presa ou agricultores a calcar um mero saco de batatas.

O carro arrancou e embrenhou-se nas ruas de Teerão. Tomás sentiu o calor do sol embater-lhe na nuca e ouviu a orquestra de buzinadelas e motores do caótico trânsito da cidade. O automóvel virava para a esquerda e para a direita, sacudindo-o na sua desconfortável e vexatória posição, e o historiador teve de travar um soluço de choro que lhe assomou à boca, não via como escapar daquele inferno. A presença viva dos sons urbanos enchia-o de nostalgia pela liberdade perdida e tornava ainda mais dolorosa a sua situação.

Que estúpido fora, considerou, enquanto o corpo algemado era sacudido pelas guinadas do automóvel. Devia estar louco quando foi na conversa do americano da embaixada e aceitou meter-se naquela tremenda confusão. Se fosse hoje, pensou de si para si, se fosse hoje teria dito que não ao americano e teria logo a seguir dito que não aos iranianos; os americanos que arranjassem outro idiota para ir salvar o mundo e os iranianos que contratassem outro imbecil para decifrar as charadas deixadas por Einstein. Mas era demasiado tarde para lamentações, sabia-o Tomás. Além do mais, quando tomamos uma decisão nunca é com os dados que um dia viremos a ter, mas com aqueles que temos no instante em que decidimos e é com isso que temos de viver. Por outro lado, raciocinou, talvez o mais importante fosse...

liiiiiiiiiii.

Uma travagem brusca interrompeu-lhe o raciocínio.

O carro imobilizou-se e uma gritaria irrompeu do interior, era o motorista a vociferar insultos em parsi e os homens que espezinhavam Tomás no assento de trás a vomitar ordens em catadupa, num grande alvoroço. Deitado aos pés do assento, o historiador ouviu o guinchar de mais travagens e o som surdo de portas a bater lá

fora. De repente a porta traseira do seu próprio automóvel foi aberta e ouviu uma voz a gritar em parsi para o interior. Os carcereiros responderam em voz baixa, pelo tom de voz pareciam a Tomás intimidados, o que o surpreendeu, e mais surpreendido ficou quando, de imediato, uma mão arrancou a venda dos seus olhos, deixando a luz do dia invadir-lhe os sentidos.

"Depressa", ordenou uma voz iraniana em inglês. "Não temos muito tempo."

"Hã? O que... o que é?"

Alguém começou também a mexer nas algemas de Tomás. Pareceu-lhe primeiro que brincavam com as grilhetas, mas percebeu logo a seguir que lhe estavam a colocar umas chaves no ferrolho das algemas, o que se veio a confirmar instantes depois, quando sentiu as mãos soltarem-se.

"Venha", ordenou a mesma voz. "Rápido, rápido."

Tomás ergueu a cabeça e viu um homem encapuçado com uma meia e dois buracos rasgados no lugar dos olhos a puxá-lo para fora do carro. O indivíduo tinha uma pistola numa mão e atirou-o para um automóvel branco muito pequeno que se encontrava estacionado ao lado. O trânsito estava totalmente parado, ouviam-se buzinadelas por todo o lado e a rua vivia uma cena irreal, com outros homens armados e encapuçados a guardarem um perímetro de segurança em torno da viatura de onde o recluso foi arrancado. Uma vez Tomás instalado no banco de trás, a porta fechou-se com estrondo e o segundo carro arrancou, desaparecendo de imediato por uma ruela lateral.

Toda a operação não tinha durado mais de uma centena de segundos.

O motorista era um homem de malares muito salientes e um largo bigode negro, as mãos peludas firmemente agarradas ao volante. Logo que sentiu o coração acalmar-se e as coisas a regressarem gradualmente à normalidade, Tomás inclinou-se para a frente e tocou-lhe no ombro.

"Para onde vamos?", quis saber.

O homem olhou-o de relance, parecia quase surpreendido por o passageiro se lhe dirigir.

"Uh?"

"Para onde vamos?"

O iraniano abanou a cabeça.

"Ingilisi balad nistam."

"Não fala inglês? Ingilisi? Na ingilisi?"

"Na", confirmou o homem, quase satisfeito por se fazer entender. "Ingilisi balad nistam."

"Porra."

O homem bateu com força no peito.

"Esman Sabbar e."

"Hã?"

Bateu novamente em si.

"Sabbar", repetiu. "Sabbar. Esman Sabbar e."

"Ah. Tu chamas-te Sabbar? Sabbar?"

O motorista abriu-se num sorriso desdentado.

"Bale. Sabbar."

O carro meteu por ruas sucessivas, virando para um lado e para o outro. Sabbar parecia sempre atento a tudo o que se passava em redor, os olhos saltitando a todo o instante entre o retrovisor e o percurso, o passeio e a rua, as esquinas e os cruzamentos, certificando-se de que não eram seguidos nem ninguém os observava.

Aproximaram-se do que parecia ser uma oficina cheia de carros e sem mecânicos e o motorista guinou o automóvel, metendo-o lá dentro. Sabbar saltou cá para fora e fechou o portão, cortando o contato com o exterior e assegurando a privacidade. Fez sinal a Tomás para sair também e levou-o para junto de um velho Mercedes preto estacionado ao lado. Abriu a porta de trás do grande automóvel e tirou um enorme tecido negro do interior, que estendeu na direcção do historiador, como se lhe oferecesse uma prenda.

"É para mim?"

"Bale", retorquiu Sabbar, fazendo-lhe sinal com a mão para que vestisse aquela peça.

Tomás esticou o tecido e sorriu quando se apercebeu do que se tratava. Era um chador. A peça apresentava-se toda negra, parecia-lhe um dos mais conservadores e inestéticos chador que havia no mercado, com um rendilhado no lugar da cara para deixar ver e respirar.

"Espertos", comentou. "Querem-me fazer passar por mulher, é?"

"Bale", insistiu o motorista.

Tomás colocou o chador, deixando-o cobri-lo até aos pés, e voltou-se para Sabbar, as mãos nas ancas por baixo do manto.

"Então? Estou bem?"

O iraniano analisou-o de uma ponta à outra e riu-se.

"Khandedar e."

O historiador não percebeu, mas presumiu, pelo ar divertido do motorista, que estava tudo bem. Encolheu o corpo e instalou-se no banco de trás do Mercedes preto. Sabbar colocou um boné de motorista na cabeça, reabriu o portão, entrou no automóvel, tirou-o da garagem, voltou a fechar o portão e arrancou com o Mercedes pelas ruas de Teerão, parecia agora o chauffeur de uma qualquer abastada e conservadora matrona iraniana.

Com o carro em movimento, Tomás baixou o vidro traseiro e deixou o ar poluído pelos escapes penetrar no interior. Apesar do grosso manto que lhe cobria o corpo e que apenas lhe deixava vislumbrar o mundo através do apertado rendilhado que lhe tapava o rosto, respirou fundo e sentiu, quase extasiado, o aroma da liberdade. Aquele rendilhado obscurantista atrapalhá-lo-ia em qualquer outra circunstância, roubar-lhe-ia o ar, fá-lo-ia asfixiar; mas não ali, não naquele momento, não depois de ter passado três dias encerrado num caixão de cimento e a última hora de olhos vendados, não sabendo se alguma vez voltaria a ver a luz do dia, o profundo céu azul, as nuvens alvas e esponjosas, o palpitar excitado de uma cidade atarefada e transbordante de vida.

Como era boa a liberdade.

Sentiu um peso descarregar-se dos ombros, uma opressão a desfazer-se no peito, e gozou, inebriado e exaltado, o delicioso travo daquele sublime momento de libertação. Estava livre. Livre. Parecia-lhe agora que acabara de despertar de um pesadelo, sentiu até alguma dificuldade em acreditar que lhe tinha mesmo acontecido o que acontecera, chegou a interrogar-se se tudo não teria afinal passado de um sonho mau, tão incrível e irreal foi a aventura que viveu. Mas se era pesadelo, já tinha despertado; se era realidade, estava agora livre dela. A verdade é que o ar da rua lhe enchia as narinas com o odor enjoativo do gasóleo queimado e nunca como agora tão repugnante cheiro lhe soube a tão perfumado bálsamo.

O Mercedes cirandou pelas ruas de Teerã durante mais de vinte minutos. Passou pela zona do bazar e bordejou o magnífico complexo do Palácio Golestan, com as suas fachadas suntuosas, dominadas por soberbas torres e cúpulas, as estruturas trabalhadas erguendo-se por entre a verdura de um jardim cuidadosamente tratado.

Com o Palácio Golestan para trás, o automóvel foi contornar a grande Praça Imam Khomeini e meteu por uma longa avenida, paralela a um enorme parque ajardinado. Quando chegou ao fundo do parque, virou à direita e estacionou devagar junto a um prédio novo. Compenetrado no seu papel de chauffeur de luxo, Sabbar saiu do carro e veio cá atrás abrir a porta, fazendo uma vênia no momento em que o vulto escuro da "matrona" iraniana se apeou.

O motorista conduziu depois a figura de chador até à porta do prédio e carregou num botão do quadro metálico de intercomunicação. Uma voz elétrica soou do altifalante, interpelando os recém-chegados, e Sabbar identificou-se. Um zumbido fez estalar a fechadura da porta, que se soltou com um clique seco. O iraniano olhou para Tomás e esboçou um gesto com a cabeça, como que a pedir que o historiador o seguisse. Entraram no lobby do prédio e carregaram num botão para

chamar um elevador. Apanharam o ascensor e subiram ao segundo andar.

Uma iraniana gorducha, vestida com uma leve e dourada shalwar kameez, esperava-os à porta do elevador.

"Bem-vindo professor", saudou. "Fico contente de o ver livre."

"Não mais do que eu, de certeza."

A mulher sorriu.

"Calculo."

Entraram num apartamento e Sabbar desapareceu no corredor. A iraniana rechonchuda fez sinal a Tomás para entrar na sala e acomodar-se no sofá.

"Pode tirar o chador, se quiser", disse.

"Com certeza que quero", exclamou Tomás.

Inclinou o corpo e puxou o longo tecido negro, até ficar com a cabeça cá fora, os cabelos castanhos num torvelinho revolto, mas livre daquele aperto.

"Sente-se melhor?"

"Muito", suspirou o historiador. Deixou-se cair no sofá e tentou descontrair. "Onde estamos?"

"No centro de Teerã. Junto ao Parque Shahr."

Olhou pela janela. As árvores alinhavam-se a poucas centenas de metros de distância, o aprazível verde das copas a contrastar com o desagradável cinzento sujo da urbe.

"Pode-me explicar o que se passa? Quem são vocês?"

A iraniana sorriu com bonomia.

"O meu nome é Hamideh, mas receio que não tenha liberdade para lhe explicar o que quer que seja. Já aí virá alguém que lhe fornecerá todas as respostas."

"Quem?"

"Tenha paciência", disse, baixando os olhos. "Deseja tomar alguma coisa?"

"Está a brincar comigo? Claro que sim, estou esfaimado", exclamou. "O que tem aí?"

"Ora... deixe cá ver", hesitou, pensativa. "Temos bandemjun e também gborme sabzi."

"Isso é comida?"

"Sim, claro."

"Então traga tudo. Tudo."

Hamideh levantou-se e desapareceu pelo corredor, deixando Tomás sozinho na sala. O historiador sentia-se extenuado e fechou os olhos, tentando descansar um pouco.

Ziiiiiitn.

Um som inesperado fê-lo despertar de imediato. Alguém tocara à campainha.

Ziiiiiitn.

Era o segundo toque.

Ouviu passos pesados a aproximarem-se pelo corredor e viu a vasta figura colorida de Hamideh rolar pelo hall do apartamento, mesmo em frente à sala de estar. A iraniana pegou no telefone de intercomunicação e trocou umas palavras em parsi. Pousou depois o telefone e virou a cabeça para mirar Tomás.

"Já aí vem quem lhe poderá explicar tudo."

Hamideh tirou a corrente de segurança, abriu a porta de entrada e afastou-se, mergulhando de regresso ao corredor em direção da cozinha para ir preparar os pratos solicitados pelo hóspede.

Tomás ficou sentado no sofá, expectante, os olhos presos naquela porta entreaberta, a atenção fixa no que se passava para lá dela. Ouviu o barulho do elevador a descer, a parar e a subir. Viu o clarão do ascensor emergir gradualmente no segundo andar, a caixa dar um solavanco e parar, a porta abrir-se com um estalido. A figura que tudo explicaria era primeiro um vulto, uma sombra, mas logo adquiriu contornos e transformou-se numa pessoa.

Olharam-se.

Quando ela saiu do elevador, o que mais surpreendeu Tomás não foi ser quem era; foi não ter sentido qualquer surpresa por ser quem era. É como se sempre tivesse sabido que assim seria, como se tivesse desejado que a resposta fosse aquela, como se a esperança se tivesse tornado realidade, como se o pesadelo se tivesse transformado num sonho, como se aquele não passasse afinal do desfecho natural de tudo o que vivera e pensara e sentira naquela última e intensa semana.

Com os olhos verdes a embaciarem-se de lágrimas, Tomás viu a figura alta e esguia estacar na porta da entrada, hesitante. Ficaram parados a fitar-se, ela com os

grossos lábios levemente separados, farrapos soltos de cabelo negro descaindo-lhe sobre a testa ebúrnea, os belos olhos cor de mel cravados em si numa expressão de desassossego, de ansiedade, de alívio.

De saudade.

"Ariana."

XIX

Enquanto devorava a carne picada, o feijão e as verduras do suculento gborme sabzi servido por Hamideh, Tomás relatou a Ariana tudo o que lhe sucedera nos últimos quatro dias. A iraniana escutou-o em silêncio, sobretudo atenta aos pormenores decorridos na cadeia de Evin, abanando a cabeça com tristeza ao ouvir o tratamento que lhe foi dispensado no interrogatório ou os detalhes da vida na cela solitária.

"Infelizmente há muita gente que passa por isso", comentou ela. "E Evin nem é dos piores sítios."

"Sim, parece que há a tal Prisão 59, para onde me estavam a transferir."

"Oh, existem muitas. A Prisão 59, na Valiasr, é talvez a mais famosa, mas há outras ainda. Por exemplo, a Prisão 60, o Edareh Amaken, a Towhid. Por vezes, quando sobe a contestação a estes centros ilegais de detenção, eles fecham umas instalações e abrem outras novas logo a seguir." Abanou a cabeça. "Ninguém tem mão nisto."

"E como é que você soube onde eu estava?"

"Tenho contatos com gente ligada ao Gabinete Nacional de Prisões, pessoas que me devem favores. O Gabinete tem a tutela da cadeia de Evin, embora isso seja mais uma formalidade do que outra coisa, não é? A verdade é que aquilo está entregue a outras organizações. Mas, de qualquer modo, o Gabinete sempre vai sabendo o que se passa lá dentro. Quando me disseram que você tinha sido detido, fiquei mortalmente preocupada e mexi os meus cordelinhos. Eu sabia que o esperava um mau bocado em Evin, mas, ao menos, havia a consolação de que estava numa prisão legalizada e não lhe podiam fazer nada que não ficasse registado. A minha maior preocupação era se o mandavam para um centro ilegal de detenção. Aí eu perder-lhe-ia o rasto e, pior do que tudo, não havia qualquer garantia de que você pudesse alguma vez reaparecer. Falei, por isso, com uns amigos ligados aos movimentos reformistas e pedi-lhes ajuda."

"Quiseram ir buscar-me a Evin, foi?"

"Não, não. Enquanto você estivesse em Evin, nada poderíamos fazer. Evin é uma prisão legal, seríamos todos fuzilados se fôssemos apanhados a tentar libertá-lo. A transferência para os centros de detenção é que era o ponto crucial e por dois motivos. Por um lado, porque era o momento em que você saía à rua, o que tornava mais fácil chegar ao pé de si. Por outro, havia a questão legalista. Como os centros de detenção são ilegais, quando saísse de Evin você tecnicamente já não se encontrava detido. Se nós fôssemos apanhados, éramos acusados de quê? De fazer parar o trânsito? De evitar uma detenção ilegal? Você era, nesse instante e para efeitos formais, uma pessoa livre e esse seria sempre o nosso ponto de defesa."

"Estou a entender."

"A questão essencial era obter a informação da sua transferência, o que, considerando os meus contatos dentro do Gabinete Nacional de Prisões, não constituía uma tarefa particularmente difícil. Tanto assim era que fui informada ontem da sua transferência esta tarde para a Prisão 59 caso continuasse a recusar-se a colaborar, de modo que tivemos quase vinte e quatro horas para montar a operação."

Tomás colocou o prato de lado e estendeu o braço, tocando suavemente na mão de Ariana.

"Você foi extraordinária", disse ele. "Devo-lhe a vida e nem sei como lhe agradecer."

A iraniana estremeceu, fitando-o com os olhos arregalados, devolvendo o toque com outro toque, mas um ruído proveniente do corredor fê-la olhar de relance para a porta da sala, uma expressão ligeiramente apreensiva desenhada no rosto.

"Uh... eu...", balbuciou. "Não... não fiz mais do que o meu dever. Não podia deixar que o matassem, não é?"

"Claro que fez muito mais do que o seu dever", disse Tomás, acariciando-lhe a mão. "Muito mais."

Ariana voltou a olhar de relance para a entrada da sala e retirou a mão, ansiosa.

"Desculpe", disse. "Tenho de ter cuidado, sabe? A minha reputação..."

O historiador sorriu sem vontade.

"Sim, compreendo. Não a quero embaraçar."

"É que estamos no Irão, percebe? E sabe como isto é..."

"Então não sei?"

A bela mulher olhou para o tapete persa estendido no chão, constrangida, era evidente que vivia um conflito. Fez-se um silêncio atrapalhado, aquele toque carinhoso entre os dois atuou como um feitiço inesperado. Quebrou a fluidez da conversa, é certo, mas também ateou alguma coisa; ou talvez não tenha ateado, talvez tenha apenas tornado visível o que já existia, aquela espécie de incêndio lento que ardia cá dentro, em lume brando, mas que ardia sem parar, e era a consciência desse incessante fogo oculto que mais a atrapalhava.

"Tomás", disse ela por fim. "Tenho uma pergunta delicada para lhe fazer."

"Tudo."

Ariana hesitou, percebia-se que procurava as palavras certas para formular a pergunta.

"O que estava você a fazer no Ministério da Ciência à uma da manhã?"

Tomás fitou-a com intensidade, mas também com embaraço. Queria responder-lhe a tudo, a tudo mesmo, exceto àquela pergunta. Aquela era a única pergunta que não estava preparado para responder e experimentou nesse instante um terrível dilema. Até que ponto poderia contar a verdade à mulher que todos os riscos correu para o salvar?

"Quis ir ver o manuscrito."

"Isso eu entendo", disse ela. "Mas, à uma da manhã? E arrombando a porta da Sala K e do cofre?"

Eram excelentes perguntas. Tomás sentiu uma enorme vontade de abrir o coração e revelar tudo, mas teve consciência de que não podia; a verdade era demasiado grave, demasiado terrível, significava que, de algum modo, também a tinha

traído, também abusara da sua confiança e da sua amizade. Além disso, a cabeça de Tomás encontrava-se programada para negar a todo o transe a ligação à CIA e para contar uma história fantasiada que congeminara na cela solitária, e não era naquele instante que seria capaz de a desprogramar.

"Eu... uh... senti uma curiosidade incontrolável de ver o manuscrito. Precisava de o ver para poder ter a certeza de que... de que não estava envolvido num projeto militar."

"Um projecto militar?"

"Sim. A vossa recusa em deixar-me ler o manuscrito ou em explicar-me o seu conteúdo pareceu-me suspeita. Com toda esta polémica internacional em torno do projeto nuclear iraniano, mais a ONU metida ao barulho e as sucessivas ameaças americanas, e considerando ainda algumas coisas que você me tinha deixado entender, confesso que fiquei muito preocupado."

"Estou a ver."

"Comecei a questionar-me, sabe? Comecei a interrogar-me sobre que confusão era esta em que eu me havia metido. Precisava de me certificar do que se estava a passar."

"E o homem que se encontrava consigo? Quem era?"

O fato de Tomás já se ter esquecido do seu verdadeiro nome, Bagheri, tornou a sua resposta mais convincente.

"O Mossa? Foi um tipo que encontrei no bazar."

"Mossa, é? Como Mossadegh?"

"Sim", confirmou Tomás. "Sabe o que lhe aconteceu?"

"Sei. Ficou ferido naquela noite e morreu horas depois, já no hospital."

"Coitado."

"Você encontrou-o no bazar, foi?"

"Foi. Disse-me que era perito em arrombamentos. Quando vi tanta reticência da vossa parte em mostrar-me o manuscrito ou em descrever-me o seu conteúdo e quando ouvi as notícias sobre as suspeitas americanas em torno do programa nuclear iraniano, fiquei preocupado com o projeto em que estava metido. Só um idiota é que não ficaria, não acha? De modo que decidi contratá-lo." Fez um gesto vago. "O resto já você sabe."

"Hmm", murmurou Ariana. "O mínimo que se pode dizer é que você foi imprudente, Tomás."

"Tem razão", concordou ele. Inclinou-se no sofá, como se lhe tivesse acabado de ocorrer uma idéia. "Deixe-me agora ser eu a fazer-lhe uma pergunta delicada."

"Diga."

"O que diz exatamente o manuscrito de Einstein?"

"Desculpe, mas não lhe posso revelar. Uma coisa é salvá-lo, outra é trair o meu país."

"Tem razão. Esqueça." Fez um gesto rápido com a mão, como quem quer afastar o assunto.

"Mas talvez haja uma coisa que me possa responder", adiantou.

"O quê?"

"O que aconteceu ao professor Siza?"

A iraniana soergueu um sobrolho.

"Como sabe que o professor Siza tem algo a ver conosco?"

"Posso ser distraído, mas não sou estúpido, não é?"

Ariana esboçou uma expressão constrangida.

"Também não posso falar sobre isso, lamento."

"Porquê? Isso não envolve traição ao seu país, suponho."

"Não é isso", argumentou ela. "A questão é que, se os meus chefes se aperceberem de que você sabe muita coisa que não é suposto, as suspeitas vão inevitavelmente recair sobre mim."

"Tem razão, tem razão. Esqueça."

"Mas há uma coisa que lhe posso revelar."

"O quê?"

"Hotel Orchard."

"Como?"

"Existe uma ligação entre o professor e o Hotel Orchard."

"Hotel Orchard? E onde é isso?"

"Não faço a mínima idéia", retorquiu Ariana. "Mas o nome desse hotel está escrito a lápis, com a letra do professor Siza, nas costas de uma folha do manuscrito de Einstein."

"Ah, sim?", admirou-se Tomás. "Curioso..."

Ariana virou o rosto para a janela e suspirou. O sol punha-se por detrás da linha recortada de prédios, pintando o azul do céu com veios púrpura e violeta e desenhando curiosas sombras nos farrapos de nuvens que flutuavam perto do horizonte urbano.

"Temos de o tirar daqui", disse ela, sempre a fitar a janela, um traço de angústia a embargar-lhe a voz.

"Deste apartamento?"

"Do Irã." Encarou Tomás. "A sua presença constitui agora um grande perigo para si, para mim e para todos os meus amigos que ajudaram a libertá-lo."

"Compreendo."

"O problema é que não vai ser fácil colocá-lo fora do país."

O historiador franziu a testa.

"Eu sei de uma maneira."

"Uh?"

"Eu sei de uma maneira."

"Qual?"

"O Mossa tinha preparado as coisas e explicou-me os pormenores essenciais. Há um barco de pesca à minha espera numa cidade portuária iraniana."

"Ah, sim? Onde?"

"Uh... esqueci-me do nome."

"É no golfo Pérsico?"

"Não, não. Lá para cima."

"No mar Cáspio?"

"Sim. Mas não me lembro do nome da terra." Fez um esforço de memória. "Porra, devia ter tomado nota em qualquer sítio."

"Seria Nur?"

"Não, isso não. Lembro-me que era um nome grande."

"Mahmud Abad?"

"Uh... não sei... talvez, não tenho a certeza..." Voltou a puxar pela memória. "Lembro-me que tinha qualquer coisa a ver com umas ruínas de Carlos Magno ou Alexandre, o Grande..."

"A Muralha de Alexandre?"

"Sim, pode ser isso. Soa-lhe familiar?"

"Claro. A Muralha de Alexandre marca os limites da civilização e situa-se perto da fronteira com o Turcomenistão. Liga a zona das montanhas Golestan ao Cáspio."

"Foi construída por Alexandre, o Grande, é?"

"É o que diz a lenda, mas não é verdade. A muralha foi erguida algures no século VI, não sei bem por quem."

"E há alguma cidade portuária ali perto?"

Ariana levantou-se do sofá e foi ao armário. Tirou um atlas de uma prateleira e voltou ao seu lugar, abrindo no regaço o enorme volume na página do Irão. Analisou a linha de costa do mar Cáspio e fixou-se no porto mais próximo da muralha.

"Bandar-e Torkaman?"

"Uh... sim, acho que é isso." Tomás foi sentar-se ao lado dela e inclinou-se sobre o mapa. "Mostre lá."

A iraniana pousou o dedo sobre o ponto no mapa a assinalar a povoação.

"Está aqui."

"É isso", repetiu Tomás, agora mais convicto. "Bandar-e Torkaman."

"E o que se passa em Bandar-e Torkaman?"

"Está lá um barco à minha espera... acho."

"Que barco?"

"Julgo que é um pesqueiro, mas não tenho a certeza."

"Há muitos pesqueiros no Cáspio. Se o vir, conseguirá identificá-lo?"

Novo esgar pensativo.

"É um nome pequenino, igual ao da capital do... do Azerbaijão ou de um outro ão qualquer da zona."

"Baku?"

"Isso. Baku. É esse o nome do barco."

Ariana voltou a analisar o mapa.

"Não há tempo a perder", disse ela. "Temos que o pôr o mais depressa possível em Bandar-e Torkaman."

"Acha que dá para partir amanhã?"

Ariana abriu muito os olhos e observou-o com intensidade.

"Amanhã?"

"Sim."

"Não, Tomás, não pode ser amanhã."

"Hmm... então quando? Ainda esta semana?"

A iraniana abanou a cabeça, uma súbita expressão melancólica a dançar-lhe nos olhos, um pouco triste, quase já de saudade.

"Daqui a dez minutos."

Despediram-se com um abraço terno, estreitando-se um tudo-nada longamente, observados pelos olhos perscrutadores e vigilantes de Hamideh e Sabbar. Tomás daria tudo por um momento de privacidade, um instante apenas; queria fechar-se num canto com Ariana e poder dizer adeus sem inibições. Mas o historiador sabia que aquilo era o Irã e tais desejos, naquelas circunstâncias, não passavam de perigosas fantasias. E a verdade é que, tudo considerado, a última coisa que desejava era embaraçar Ariana.

Colou-lhe dois beijos suaves ao rosto e fez um esforço para se apartar.

"Vai-me escrever?", perguntou ela muito baixo, mordendo o lábio inferior.

"Sim."

"Jura?"

"Juro."

"Jura por Allah"

"Juro por si."

"Por mim?"

"Sim. Você é mais do que Allah. Muito mais."

Esforçou-se por nem olhar para trás quando voltou as costas para sair. Seguiu Sabbar para o átrio do elevador e sentiu a porta do apartamento fechar-se atrás de si, o claque da fechadura soou-lhe ao claque de uma tesoura que para sempre corta uma ligação.

Permaneceu em silêncio, meditativo, quase deprimido, e foi calado que entrou no ascensor; dobrado nas mãos trazia distraidamente o tecido ríspido de um chador negro que Hamideh lhe entregara, momentos antes, para a viagem.

"Ariana ghashang", disse o iraniano quando o elevador deu um solavanco e começou a descer.

"Hã?"

"Ariana ghashang", repetiu. Deu um beijo no ar. "Ghashang."

"Sim", sorriu ele com melancolia. "Ela é bonita, é."

Sabbar apontou para o chador que o português trazia dobrado nas mãos e fez-lhe sinal de que o deveria vestir agora. Ainda com o ascensor em movimento, Tomás mergulhou a cabeça no tecido e retomou o seu disfarce anterior.

XX

O Mercedes cruzou a cidade com enervante vagar, retido pela lenta e densa corrente do trânsito caótico de Teerã. Mergulharam no emaranhado tricotado de ruidosas artérias e atravessaram de novo a grande Praça Imam Khomeini, perdendo-se depois para além dela rumo ao labirinto de ruas que se estendia para leste. Tomás tudo perscrutava com nervosa ansiedade, os olhos saltitando para aqui e para ali, a atenção focando-se nos detalhes mais improváveis; em cada rosto e em cada carro pressentia uma ameaça, em cada voz e em cada buzinadela escutava um alarme, a cada paragem e a cada movimento adivinhava um assalto.

Parecia-lhe que o perigo espreitava de todos os cantos e várias vezes teve de repetir a si próprio que estava tudo bem, que era a sua imaginação que o fazia ver o que não existia. A verdade é que haviam traçado um plano e tudo corria como previsto. Antes de partirem tinham concluído que fazer a viagem de automóvel até Bandar-e Torkaman era bastante arriscado, uma vez que existia a possibilidade de as autoridades erguerem barreiras na estrada para localizar o fugitivo, pelo que optaram pelos transportes públicos. Tomás assumiu o papel de uma beata de chador que fizera voto de silêncio e ficou combinado que todos os contactos com terceiros seriam conduzidos através de Sabbar, o seu guia.

Em consonância com o plano previamente delineado, estacionaram o carro meia hora mais tarde, depois de terem vencido o confuso trânsito do fim do dia e atingido o seu destino imediato.

"Terminal e-shargh", anunciou Sabbar.

Era a estação de autocarros de leste. Tomás contemplou-a do outro lado da rua e não pôde deixar de a achar pequena, demasiado pequena para um terminal que, afinal de contas, servia toda a província de Khorasan e a região do mar Cáspio.

Atravessaram a rua, entraram no perímetro da estação e, cruzando um espaço apinhado de gente com malas e autocarros a roncar e gasóleo queimado e conversas animadas, dirigiram-se à bilheteira. O iraniano comprou dois bilhetes e fez a Tomás sinal para se despachar, o seu autocarro estava prestes a sair. Quando chegaram ao local da partida depararam com um veículo velho e sujo, pejado de camponeses, pescadores de pele morena e mulheres de chador.

Entraram no autocarro e o europeu teve dificuldade em reprimir um esgar enojado, embora o pudesse fazer à vontade, afinal de contas ninguém lhe podia ver o rosto. Havia pedaços de comida nos bancos e encontravam-se algumas jaulas de aves por entre os passageiros, aqui umas galinhas, ali uns patos, acolá uns pintos. No ar flutuava o aroma quente dos excrementos e alimentos de pássaros, ao qual se misturava um certo cheiro ácido de urina e transpiração humana e o odor nauseabundo a gasóleo queimado que pairava em toda a estação.

O autocarro partiu cinco minutos depois, eram seis da tarde em ponto. A camioneta meteu pela estrada aos solavancos, o tubo de escape a libertar uma grossa nuvem de fuligem negra, o motor roncando em fúria. O trânsito de Teerão permanecia o mesmo inferno de sempre, com manobras loucas, buzinadelas constantes e travagens bruscas. O autocarro levou quase duas horas a atravessar o que restava da cidade, mas, por fim, depois de muito parar e arrancar, a zona urbana ficou para trás e o fumarento veículo desfilou pelo tranquilo sopé das montanhas.

Foi uma viagem sem história, feita de noite em zona montanhosa, o percurso cheio de curvas e subidas e descidas, os faróis a iluminarem fugazmente o manto de neve acumulado nas bermas da estrada. Para vencer o enjoo das curvas e do aroma a gasóleo e a opressão claustrofóbica imposta pelo chador, Tomás abriu a janela e passou grande parte da viagem a respirar o ar frio e rarefeito das Alborz, o que deixou contrariados alguns companheiros de viagem, mais adeptos dos odores quentes e fortes do que das correntes geladas e puras.

Chegaram a Sari pelas onze da noite e foram alojar-se num pequeno hotel do centro, chamado Mosaferkhuneh. Sabbar pediu para que lhes fosse servida uma refeição nos quartos e recolheram-se ambos para passarem a noite. Sentado na cama a digerir um kebab, já sem chador, Tomás ficou a apreciar pela janela a povoação adormecida e, em particular, a curiosa torre branca com um relógio erguida no meio da Praça Sahat, mesmo ali em frente.

Apanharam pela manhã um autocarro rumo a Gorgan e, pela primeira vez, Tomás pôde apreciar a paisagem daquela região costeira à luz matinal do sol. Era totalmente diferente do que conhecera na zona de Teerão. Onde na capital se rasgavam montanhas escarpadas, se erguiam picos nevados e se prolongava a terra árida, aqui espalhava-se uma floresta luxuriante, densa, quase tropical, era uma verdadeira selva comprimida entre as montanhas pujantes e o lençol sereno do mar.

Atingiram Gorgan três horas depois e permaneceram na estação de autocarros local mais algum tempo, à espera da nova ligação. Tomás sentia o corpo moído de cansaço e tinha a paciência esticada até ao limite por aquele incomodativo chador. Para além do mais, o facto de Sabbar não falar inglês revelava-se um problema, havia uma barreira de comunicação entre os dois e o historiador não teve outro remédio senão passar todo o tempo em silêncio; não é que isso fosse em si um inconveniente, bem vistas as coisas era até uma vantagem, considerando que o mutismo fazia parte integrante do disfarce, mas o fato é que a inexistência de conversa lhe retirava um necessário escape para a tensão que ia acumulando.

Fazia calor na Praça Enqelab, onde se situava o terminal de Gorgan. O dia revelou-se quente e o

uso do abafado cbador agravava consideravelmente as coisas. Sem perceber como era possível viver dentro daqueles pesados trajos, Tomás teve de recorrer a todas as suas forças para se controlar; sentia por vezes uma vontade quase irresistível de despir o tecido infernal, de se livrar da vestimenta obscurantista que só o prendia e atrapalhava, de libertar o corpo e deixar-se inebriar por um banho de ar fresco e límpido. Mas resistiu aos sucessivos impulsos que o assaltaram e manteve o disfarce.

Apanharam transporte para o destino final ao princípio da tarde, o velho autocarro saltitando pelos buracos dos caminhos de terra abertos por entre a abundante vegetação da costa. Deambularam por trilhos e atalhos, o veículo sacudido por intermináveis solavancos, até que, ao fim de mais duas longas horas, vislumbraram os primeiros edifícios no termo daquele percurso, eram pequenas casas recortadas pelo azul profundo do mar Cáspio.

Bandar-e Torkaman.

A povoação era formada por casas baixas, quase monótonas, uma coisa sem graça de tão sensaborona; a insipidez da urbe seria, porém, compensada pelo aspecto pitoresco da população turcomana. Logo que desceram da camioneta, os dois forasteiros admiraram os homens e mulheres que por ali deambulavam em trajos típicos otomanos e ar enfadonhamente ocioso. O mercado estava aberto, mas os produtos eram pobres; o comércio limitava-se a algum peixe, umas roupas turcas e colecções de botas com aspecto tosco.

Sabbar questionou uma mulher que tricotava ao sol, sentada no degrau da entrada de casa. A

mulher ajeitou o lenço na cabeça e apontou o dedo rude e sujo para um ponto algures à esquerda.

"Eskele."

Caminharam ao longo de uma velha linha de caminhos-de-ferro, a madeira já apodrecida entre os carris, em direcção a uns depósitos de combustível. Sabbar seguia à frente, Tomás arrastava-se atrás, ofegante dentro do cada vez mais insuportável cbador. Passaram pelos depósitos, que exalavam o aroma forte de óleo e gasolina, e imobilizaram-se quando viram umas rudimentares estacas de madeira pregadas junto ao mar.

O porto de Bandar-e Torkaman.

Três barcos de pesca balouçavam suavemente nas águas tranquilas do Cáspio, o golfo de Gorgan estendendo-se atrás de si como uma imensa pintura impressionista. Pairava junto à praia um intenso odor a sal e maresia e pela superfície mansa do mar ecoava o grasnar melancólico das gaivotas. Era aquele perfume e aquele som que faziam daquele sítio um lugar familiar, Tomás nunca ali estivera mas era como se sempre ali tivesse estado, onde o mar cheirasse assim e onde as gaivotas cantassem desse modo era onde encontraria sempre a sua casa.

O historiador aproximou-se da água, amarrado ao pesado cbador, e, por entre o asfixiante rendilhado que lhe tapava a cara, tentou perceber o que cada embarcação tinha escrito no casco. O primeiro barco apresentava uns caracteres em árabe que o desesperaram; seria o nome que procurava, mas redigido em alfabeto árabe? Sabbar juntou-se a ele e leu o nome cravado na madeira.

"Anahita."

Não era este.

Tomás deu mais uma centena de passos e aproximou-se do segundo barco de pesca, um pequeno navio vermelho e branco, ancorado muito perto, com redes estendidas ao sol e gaivotas a pairar por cima. Procurou-lhe a escrita em caracteres árabes, mas desta vez não precisou da ajuda de Sabbar, pois no casco encontravam-se antes registados os familiares caracteres romanos.

Baku.

Era este.

Sem poder suportar mais o chador, Tomás despiu-o com impaciência, livrou-se daquele incômodo fardo e atirou-o para o chão. Sentiu a brisa marítima acariciar-lhe o rosto transpirado e despentear-lhe o cabelo revolto; cerrou os olhos e voltou a face para o céu, como se esperasse que a aragem lhe trouxesse um beijo. Aliviado, as

narinas inalando o aroma salgado da redenção, os pulmões enchendo-se com a maresia fresca que flutuava no ar, os pés enlaçados na baba branca

depositada pela espuma da água, encarou aquele sopro do vento como se fosse o hálito puro de Deus, o murmúrio suave da natureza a acolhê-lo, um gesto mimado de doce ternura de mãe, sabia que era a liberdade que por fim o abraçava.

Passado aquele instante de êxtase, abriu os olhos, fixou o pesqueiro, formou uma concha com as palmas das mãos e colocou-as à frente da boca, como se fossem altifalantes.

"Ahooooy!", chamou.

A sua voz ecoou sobre o espelho plácido das águas e espantou as gaivotas. Muitas ergueram-se em sincronia, como uma nuvem escura e baixa, e desenharam um vigoroso saracoteado pelo céu, numa elegante coreografia; esvoaçavam num frenesim e responderam à voz humana com um grasnar nervoso, quase histérico, uma ponta de melancolia a colorir-lhes o timbre.

"Ahooooy!", insistiu.

Uma cabeça emergiu do convés do Baku.

"Chikar mikorim?.", perguntou o pescador lá ao longe.

Encorajado, Tomás encheu os pulmões de ar.

"Mohammed?"

O pescador hesitou.

"Ye lahze shabr konin", disse por fim, fazendo sinal a Tomás para que esperasse.

A cabeça do homem do barco desapareceu do convés. Tomás ficou ali especado a observar o barco de pesca, em silêncio, expectante, quase rezando para que as coisas corressem como previsto. O pesqueiro ondulava ao ritmo suave do mar, como um balanço, uma frágil casca embalada numa dança ronceira, um lento bailado pautado pelo grasnar melodioso e nostálgico das gaivotas e pelo marulhar tranquilo das águas que lambiam a areia no seu vaivém incansável.

O pescador reapareceu meio minuto depois, acompanhado de uma segunda cabeça. Desta vez foi o segundo homem que falou e fê-lo em inglês.

"Eu sou o Mohammed. Posso ajudá-lo?"

Tomás quase deu um pulo de alegria.

"Sim, pode", exclamou, a rir de alívio. "O senhor planeja ir a Meca?"

Mesmo à distância, o historiador viu Mohammed sorrir.

"Inch'Allah!”

XXI

A figura minúscula de Sabbar foi-se perdendo à distância, agora um mero ponto a afastar-se na praia, desaparecendo à medida que o barco de pesca cortava as águas escuras do Cáspio e rumava para o mar alto. As gaivotas adejavam baixo, escoltando a embarcação na vã esperança de lhes ser atirado mais algum peixe, mas os marinheiros não se compadeceram com as súplicas implícitas nos insistentes

grasnares e permaneceram concentrados na navegação, as horas de ócio na brincadeira com as aves tinham definitivamente terminado.

Um vulto acercou-se de Tomás. O português pressentiu aquela presença e virou a cabeça para acolher o recém-chegado. Era Mohammed. O capitão do pesqueiro permaneceu um instante calado, também ele a contemplar a sombra distante de Sabbar a esfumar-se no areal. Mohammed era um azeri de barba grisalha, embora o seu aspecto bem tratado, com pele sedosa e unhas brancas impecavelmente aparadas, traísse o fato de que aquele não era nenhum pescador, mas antes um vivido homem da cidade.

"Foi por pouco", comentou Mohammed. "Mais um dia e íamo-nos embora, hem? Teve sorte em ainda nos encontrar por cá."

"Eu sei."

Fez um gesto na direção da praia enfim deserta, já abandonada por Sabbar.

"Aquele também é dos nossos?"

"Sabbar?"

"Sim. É também um homem nosso?"

Tomás abanou a cabeça.

"Não."

"Então quem é?"

"É um motorista."

"Um motorista?" Soergueu o sobronho. "Como assim? A sua identidade foi controlada?"

Tomás suspirou, fatigado.

"É uma longa história", disse. "Mas o Sabbar é uma de várias pessoas que me salvou a vida. Se não fosse ele, eu não estaria aqui."

Mohammed não teceu mais comentários sobre o assunto, embora fosse visível que não apreciava improvisações com desconhecidos; tratava-se de trabalho pouco profissional. Mas nada mais acrescentou, a verdade é que, profissional ou não, o seu passageiro lograra ali chegar em condições muito adversas e isso era algo que tinha de respeitar.

Permaneceram ambos plantados na ré, enchendo os pulmões e admirando a costa iraniana à luz baixa do ocaso. O cheiro a mar era aqui intenso. Uma brisa forte rumorejava baixinho, quase abafando o insistente grasnido das gaivotas e o incansável ruminar do motor. O céu adquiria tonalidades quentes sobre o azul-petróleo, mas era uma luz glacial que banhava a linha de costa, com a longa cadeia das Alborz a recortar o horizonte à direita, a neve relampejando no topo, e lá ao fundo o sol corria para beijar o Cáspio.

Caía a noite.

Sentindo o frio apertar na brisa que soprava de norte, o capitão do pesqueiro esfregou os braços com intensidade, num esforço inútil de gerar calor, até que se deu por vencido e fez meia-volta.

"Vou para dentro", anunciou. "De qualquer modo, está na hora de ligar o telefone e contactar a base."

"Vai falar para Baku, é?"

"Não, não."

"Então?"

"Langley."

A noite abatera-se sobre o Cáspio como um manto opressor, cercando o barco ronronante de um negro opaco, quase tenebroso, de uma escuridão tão profunda que se confundia com um abismo. Apenas uns ondulantes pontinhos luminosos emergiam da treva, no fio do horizonte, assinalando pesqueiros na faina ou navios a transportar carga e passageiros de uma margem para a outra.

Indiferente ao frio, Tomás demorou-se na proa; vivera três dias fechado num caixão de cimento e não era uma qualquer aragem gelada ou uma simples noite escura que o privariam agora de gozar a liberdade recuperada, de mergulhar a alma na imensidão do céu e encher os pulmões com o ar fresco que o vento lhe soprava à cara.

A porta da ponte abriu-se e um dos marinheiros que falava inglês acenou.

"Mister, venha cá", disse. "O capitão está a chamá-lo."

A ponte encontrava-se aquecida e bem iluminada, embora a nuvem de tabaco e o cheiro a cigarros fosse aqui insuportável. O marinheiro apontou para umas escadas apertadas e Tomás desceu para o piso inferior, desembocando numa salinha atarracada onde se encontrava Mohammed. O capitão tinha uns auscultadores nos ouvidos e um microfone diante de boca e comunicava através de um aparelho eletrônico instalado num buraco oculto na parede.

"Chamou-me?"

Mohammed viu-o e fez-lhe um gesto com a mão, convidando-o a sentar-se ao seu lado.

"Tenho Langley em linha."

O historiador acomodou-se no lugar enquanto o capitão terminava a sua comunicação, toda ela cheia de algarismos, mais fox trots e papa kilos. Quando concluiu, Mohammed tirou os auscultadores e estendeu-os a Tomás.

"Eles querem agora falar consigo", disse.

"Eles, quem?"

"Langley."

"Mas quem?"

"Bertie Sismondini."

"Quem é esse?"

"É o coordenador do Directorate of Operations encarregado do Irã."

Tomás colocou os auscultadores nos ouvidos e ajeitou o microfone diante de si. Afinou a voz, um pouco hesitante, e inclinou-se para a frente, como se assim o microfone o pudesse captar melhor.

"Hello?"

"Professor Norona?"

Era uma voz anasalada, muito americana, pronunciando mal o seu nome, como já era hábito entre os anglo-saxônicos.

"Sim, sou eu."

"Aqui Bertie Sismondini, sou o responsável pelas operações de intelligence gathering no Irã. Okay, antes de começarmos, deixe-me garantir-lhe que estamos a falar numa linha segura."

"Muito bem", disse Tomás, indiferente ao problema da segurança da linha que tanto parecia obcecar todo aquele pessoal da CIA. "Como está você?"

"Não muito okay, professor. Não muito okay."

"Então?"

"Professor, há alguns dias que o nosso principal agente em Teerã anda desaparecido. Ele era suposto efectuar uma operação muito delicada consigo e extraí-lo depois do país pelos meios que, de resto, o senhor está agora a utilizar. O que é fato é que o nosso homem deixou de dar notícias. Perdemos ainda o contato com um outro agente e, como se isso não bastasse, também o senhor andou desaparecido este tempo todo. Tenho aqui muita gente em pânico, inúmeras perguntas que me são feitas e nenhuma resposta para todas elas. Será que o senhor poderia ter a amabilidade de me explicar o que diabo aconteceu?"

"Quais são os dois agentes de que fala?"

"Receio que, por motivos de segurança, não lhe possa dizer os nomes."

"São Mossa e Babak?"

"Babak, okay. Mossa, não conheço."

"Ah, pois", lembrou-se Tomás. "Mossa era o nome que ele me deu, mas não era o nome verdadeiro." Refletiu. "Ouça lá, estamos a falar de um tipo grande, cheio de força, todo despachado?"

"Condiz."

"Não voltou a ter notícias deles?"

"Nada."

"Olhe, lamento dizer-lhe isto mas parece que o matulão morreu."

Fez-se um breve silêncio do outro lado da linha.

"Bagh... uh... ele morreu? Tem a certeza?"

"Não, não tenho a certeza. Vi-o aos tiros dentro do ministério e vi-o também ser acossado pelos iranianos no meio de vários disparos. Fui depois informado de que ele ficou ferido e faleceu mais tarde, já no hospital. Quanto ao Babak, olhe, não sei de nada."

"Mas o que aconteceu exatamente?"

Tomás deu uma explicação pormenorizada, relatando o sucedido dentro do ministério e tudo o que se passou depois na cadeia de Evin. Falou do seu resgate e contou tudo o que Ariana lhe revelara, mais o que a iraniana fizera para o ajudar a sair do país.

"Essa é uma rapariga e peras", comentou Sismondini no final. "Acha que ela aceitaria ser a nossa agente em Teerã?"

"O quê?", cortou Tomás, erguendo a voz. A idéia era alarmante. "Nem pense nisso!"

"Okay, okay", devolveu o americano do outro lado da linha, admirado com a reação peremptória. "Era só uma idéia, relax."

"Péssima idéia", insistiu o historiador, o tom um tudo-nada exaltado. "Deixem-na em paz, ouviram?"

"Okay, não se preocupe", voltou a assegurar.

O português sentiu-se subitamente muito irritado com a forma como os responsáveis da agência americana dispunham da vida dos outros em função dos seus interesses, não olhando a meios para obterem o que pretendiam. Já que ia embalado, Tomás aproveitou para tocar num assunto que trazia atravessado na garganta havia vários dias.

"Olhe", disse. "Eu tenho uma pergunta para vos fazer."

"Sim?"

"Vocês deram ordens ao... ao matulão para me matar em caso de sermos apanhados?"

"Como?"

"Quando estávamos prestes a ser capturados dentro do ministério, o Mossa quis que eu me injetasse com um veneno qualquer. Foram vocês que deram essa ordem?"

"Uh... bem, nós... nós temos procedimentos de segurança, não é?"

"Mas deram essa ordem?"

"Ouça, essa ordem existe para todas as operações de grande delicadeza política, de modo que..."

"Já vi que deram", concluiu Tomás. "O que eu queria agora saber é por que razão não fui avisado de que havia essa possibilidade em caso de captura?"

"Pela simples razão de que, se você conhecesse esse procedimento de segurança, jamais iria concordar em participar na operação."

"Pode ter a certeza."

"Mas, lamento dizer-lhe, isso tinha de ser feito em caso extremo. A vossa vida é, quer queira quer não, menos importante do que a segurança nacional dos Estados Unidos."

"Olhe que, para mim, não é."

"Tudo depende do ponto de vista", disse Sismondini. "Mas, se for a ver bem, o nosso homem em Teerã cumpriu à risca os procedimentos de segurança, não se deixando apanhar vivo."

"Bem, ele estava vivo quando foi capturado. O que aconteceu é que ele morreu depois."

"Para os efeitos em causa, é a mesma coisa. Se ele fosse interrogado vivo era uma catástrofe. Os iranianos arranjariam maneira de lhe extrair toda a informação e a nossa operação em Teerã ficaria gravemente comprometida. Daí a nossa ansiedade em saber o que aconteceu. E olhe que iriam fazer o mesmo consigo."

"Mas não fizeram."

"Por causa da sua amiga, graças a Deus", concluiu o americano. "Desculpe, espere um segundo." Mudou de tom, parecendo hesitante, como se alguém lhe

estivesse a sussurrar alguma coisa ao ouvido. "Oiça, obrigado pelas suas informações, foi muito útil... uh... agora tenho... tenho aqui mais uma pessoa para falar consigo, okay?"

"Está bem."

"Só um momento."

Ouviram-se uns sons estranhos na linha, depois veio música, era evidente que a ligação estava a ser transferida; instantes mais tarde apareceu de novo alguém.

"Hello, Tomás."

O português reconheceu aquela voz rouca e arrastada, usada num tom traiçoeiramente calmo, carregado de ameaças e de uma mal dissimulada agressão.

“Mister Bellamy?"

"You're a fucking genius."

Era evidentemente Frank Bellamy, o responsável do Directorate of Science and Technology.

"Como está, mister Bellamy?"

"Nada contente. Nada contente mesmo."

"Então?"

"Você falhou."

"Eh, alto lá! Não é bem assim..."

"Você tem o manuscrito consigo?"

“Não."

"Você leu o manuscrito?"

"Uh... não, mas..."

"Então você falhou", atalhou Bellamy, a voz carregando o mesmo gelo tenso de sempre. "Os parâmetros da sua missão não foram cumpridos. Você falhou."

"Não é bem assim."

"Então como é?"

"Em primeiro lugar, a responsabilidade pela operação de furto do manuscrito não era minha. Não sei se sabe, eu não sou um operacional da sua maldita agência nem fui treinado para andar armado em assaltante. Se a operação falhou é porque o vosso homem não foi suficientemente competente para a levar a cabo com sucesso."

"Fair enough", aceitou o responsável da CIA. "O meu colega do Directorate of Operations vai ouvir das boas."

"Em segundo lugar, tenho uma pista sobre o paradeiro do professor Siza."

"Is that so?”

"Sim. É o nome de um hotel."

"Qual hotel?"

"Hotel Orchard."

Bellamy fez uma pausa, como se estivesse a tomar nota.

"Or... chard", disse lentamente. "E isso é onde?"

"Não sei. Apenas tenho esse nome."

"Muito bem, vou mandar verificar."

"Faça isso", assentiu Tomás. "Em terceiro lugar, e embora eu não tenha sido autorizado a ler o manuscrito de Einstein, sei que os iranianos estão perplexos com ele e não sabem como interpretá-lo."

"Tem a certeza?"

"Sim, foi o que eles me disseram."

"Quem?"

"Como?"

"Quem foi o iraniano que lhe disse que estavam todos perplexos com o manuscrito?"

"Ariana Pakravan."

"Ah, a beldade de Isfahan." Fez uma pausa. "Ela é mesmo uma deusa na cama?"

"Perdão?"

"Você ouviu-me."

"Nem me vou dignar a responder a essa pergunta tonta."

Bellamy soltou uma gargalhada.

"Hmm... sensível, uh? Já vi que está apaixonado..."

Tomás fez um estalido impaciente com a língua.

"Ouça lá", protestou. "Você quer ouvir o que eu tenho para lhe dizer ou não?"

O americano mudou de tom.

"Go on."

"Uh... onde ia eu?"

"Dizia você que os iranianos estavam perplexos com o documento."

"Ah, sim", exclamou Tomás, retomando o fio à meada. "Pois, eles ficaram perplexos com o que leram e, pelos vistos, não sabem o que pensar do texto. Pelo que percebi, os iranianos acreditam que a chave para a interpretação do manuscrito se encontra encerrada em duas mensagens cifradas deixadas por Einstein."

"Sim..."

"E acontece que eu tive acesso às duas mensagens. Tenho-as aqui comigo."

"Hmm-hmm."

"E já decifrei uma."

Fez-se um curto silêncio.

"O que é que eu tenho dito?", exclamou Bellamy. "You're a fucking genius!"

Tomás riu-se.

"Eu sei."

"E o que revela essa mensagem já decifrada?"

"Uh... para falar com toda a franqueza, não percebi bem."

"O que quer dizer com isso? Ou decifrou ou não decifrou."

"Sim, decifrei", confirmou.

Na verdade, não tinha sido apenas Tomás a decifrar o poema, uma vez que Ariana também esteve envolvida no trabalho, mas o criptanalista achou melhor omitir esse pormenor; algo lhe dizia que Bellamy perderia as estribeiras se soubesse que a responsável iraniana pelo projecto Die Gottesformel se encontrava ao corrente de tudo.

"Então?", quis saber o americano. "Em que ficamos?"

"O que eu quero dizer é que me dá a impressão de que a mensagem constitui, ela também, uma charada", explicou o criptanalista. "É como uma holografia, entende? Dentro de uma mensagem enigmática esconde-se uma outra mensagem enigmática. Por mais que decifremos as mensagens, aparece sempre uma outra por baixo."

"O que quer? O rabo lavado com água-de-colônia?"

"Perdão?"

"Estou a perguntar o que quer você? Ter a papinha toda feita, é? Não se esqueça de que o autor desse documento é o homem mais inteligente que já viveu no nosso planeta. Como é evidente, as suas charadas terão de ser de grande complexidade, não acha?"

"Pois, se calhar tem razão."

"Claro que tenho razão." Impacientou-se. "Mas diga-me lá o que diz essa fucking mensagem que você já decifrou."

"Espere um momento."

Tomás apalpou o bolso do casaco, subitamente apreensivo, mas, para seu grande alívio, sentiu a folha dobrada justamente no sítio onde a tinha deixado. Os guardas prisionais de Evin podiam ser uns grandes sádicos, mas pelo menos respeitaram ciosamente as suas posses. Ou talvez não esperassem que ele se escapasse antes de passarem tudo a pente fino, quem sabe? Fosse como fosse, a verdade é que a folha com as charadas tinha sobrevivido ao cativeiro.

"Não me vai fazer esperar, pois não?", perguntou Bellamy, crescentemente impaciente no outro lado da linha.

"Não, não, já aqui está", disse Tomás, desdobrando a folha. "Tenho aqui a charada."

"Leia-me lá isso, homem."

O historiador passou os olhos pelas linhas rabiscadas.

"Bem, a charada que decifrei era um poema que se encontrava na primeira página do manuscrito, mesmo por baixo do título."

"Uma espécie de epígrafe?"

"Sim, isso. Uma epígrafe."

"E o que dizia o poema?"

"Era uma coisa um pouco tenebrosa", observou Tomás. "Vou ler." Afinou a voz. "Terra if fin, de terrors tight, Sabbath fore, Christ nite."

"Jesus Christ!", exclamou Bellamy. "Sabe que eu já li isso? O nosso homem em Teerã mandou-nos esse poema há uma ou duas semanas."

"Pois, fui eu quem lhe deu o texto."

"São uns versos sombrios, não acha? Parece o anúncio do Apocalipse..."

"Parece, não parece?"

"O que quer que Einstein tenha inventado, deve dar uma explosão dos diabos!", adiantou. "Damn it! Vamos ter mesmo de intervir militarmente."

"Bem, mas eu já decifrei a mensagem escondida nestes versos."

"Conte-me."

Tomás passou os olhos pelas linhas em baixo, com o texto transcrito para alemão.

"Descobri que se tratava de um anagrama. Por dentro do poema em inglês encontra-se uma mensagem em alemão."

"Ah, sim? Isso é muito interessante."

"A mensagem diz o seguinte." Parou um instante, para se ajustar ao sotaque alemão. "Raffiniert ist der Herrgott, aber boschaft ist er nicht."

Fez-se uma nova pausa do outro lado da linha.

"Pode repetir?", pediu Bellamy, a voz alterada.

"Raffiniert ist der Herrgott, aber boschaft ist er nicht", voltou Tomás a ler. "Isto quer dizer o seguinte." Procurou a linha com a tradução. "Sutil é o Senhor, mas malicioso Ele não é."

"Isso é incrível!", exclamou Bellamy.

Tomás estranhou o entusiasmo do seu interlocutor.

"Bem, é de facto surpreendente..."

"Surpreendente? Isso... isso é uma coisa muito estranha! Ainda me custa a acreditar."

"Pois, é uma frase um pouco misteriosa, é. Sabe, talvez nós..."

"Você não está a entender", cortou o homem da CIA. "Eu já ouvi essa frase da boca do próprio Einstein."

"Como?"

"Em 1951, durante o encontro em Princeton com o então primeiro-ministro de Israel, Einstein proferiu exatamente essa frase. Eu estava lá e ouvi tudo." Uma pausa. "Uh... deixe cá ver... devo... devo ter isso por aqui." Ouviram-se uns ruídos na linha e, instantes depois, a voz rouca de Bellamy voltou. "Ora aqui está."

"O quê?"

"Tenho aqui a transcrição da conversa de Einstein e Ben Gurion. A determinada altura, a conversa entre os dois virou para alemão. Deixe cá ver..." Sons de páginas a serem reviradas. "Deixe cá ver..." Mais páginas. "Ora aqui está. Quer ouvir?"

"Sim, sim."

"Disse Einstein." Bellamy afinou a voz. "Raffiniert ist der Herrgott, aber boshaft ist er nicht." Mudou o tom. "Ao ouvir isto, Ben Gurion perguntou." Mais uma pausa. "Was wollen Sie damit sagen?" Nova mudança de tom. "E Einstein respondeu." Outra pausa. "Die Natur verbirgt ihr Geheimnis durch die Erhabenheit ihres Wesens, aber nicht durch List."

"O que diabo quer isso dizer?"

"Tenho aqui a tradução. Einstein disse." Mudou mais uma vez o tom de voz, como se imitasse o cientista. "Sutil é o Senhor, mas malicioso Ele não é."

"Isso já eu sei."

"Calma. Ao ouvir essa frase, Ben Gurion perguntou-lhe." Voltou a mudar o tom de voz, agora a imitar o antigo primeiro-ministro de Israel. "O que quer o senhor dizer com isso?" Nova pausa. "Einstein respondeu." Mudança de sotaque. "Die Natur verbirgt ihr Geheimnis durch die Erhabenheit ihres Wesens, aber nicht durch List.'"

Tomás sentiu-se explodir de ansiedade.

"Sim, já percebi. Mas o que quer isso dizer?"

Frank Bellamy sorriu, divertido por fazer esperar o português e por acicatar a sua curiosidade. Pousou de novo os olhos na tradução e leu enfim a frase final proferida cinquenta e cinco anos antes por Albert Einstein.

"A Natureza esconde o seu segredo devido à sua essência majestosa, nunca por ardil."

XXII

Ao ver Coimbra emergir à esquerda da auto-estrada, como um castelo erguido sobre uma montanha de cal, Tomás Noronha sentiu-se à beira de gritar de alívio. A velha cidade resplandecia ao lado do Mondego, cortejada por um sol alegre e pela aragem amena que deslizava pelo rio; as fachadas brancas e os telhados cor de tijolo do casario emprestavam-lhe um certo toque familiar, acolhedor, quase como se o burgo fosse a sua casa. Na verdade, percebeu, em nenhum sítio se sentia tão bem como ali, era aquele o seu lar, era como se aquela terra e aquelas casas lhe abrissem os braços para o acolherem num aconchego protector de mãe.

O recém-chegado tinha passado os últimos dias em viagem. Primeiro atravessou o mar Cáspio em direção a norte, até aportar em Baku. Na capital do Azerbaijão, Mohammed tratou de lhe arranjar um lugar no primeiro Tupolev que voava com destino a Moscovo, para onde seguiu de imediato. Pernoitou num belo hotel do centro da cidade, junto ao Kremlin, e abandonou a capital russa na manhã seguinte. Atravessou toda a Europa até aterrar em Lisboa, ao princípio da tarde desse dia. Em circunstâncias normais teria ido direito para casa, já tinha tido a sua conta, vinha exausto e com os nervos no limite, mas havia o problema do estado de saúde do pai e estava fora de questão não o ir ver imediatamente.

Ainda no aeroporto de Lisboa comprou um postal e remeteu-o a Ariana com uma mensagem simples. Anunciou-lhe que tinha chegado em segurança, mandou-lhe saudades e assinou Samot, o seu nome ao contrário, um pequeno truque de criptanalista para o caso de aquele correio vir a ser interceptado pela VEVAK ou por qualquer outro dos vários poderes vigentes no Irã.

Em bom rigor, sabia que teria em breve de se dedicar ao problema de Ariana. A iraniana permanecia presente no seu espírito, sobretudo depois daquilo que fizera para o libertar, um ato que, percebeu Tomás, só podia ter um significado. Era uma prova de amor. Desde que a deixara para trás que as suas feições perfeitas lhe

enchiam os sonhos, a memória assaltada por aqueles magnéticos olhos cor de caramelo, os lábios sensuais entreabrindo-se melancolicamente como

pétalas carmesim iluminadas pelo sol; a ternura brotada do seu rosto fino invadia-lhe os sentidos, as formas esguias do corpo alto e esbelto enchiam-no de voluptuoso desejo, mas do que mais sentia falta era das conversas embaladas ao ritmo melódico da sua voz tranquila. A verdade, constatou sem surpresa, a verdade é que tinha saudades de Ariana, habituara-se à sua doce companhia, cultivara o gosto de lhe cheirar o perfume e sentir a presença serena, aquela era uma mulher com a qual seria capaz de falar até perder a noção do tempo, até os minutos se fazerem horas, até as palavras se tornarem beijos.

Mas ainda era cedo para decidir o que fazer com os seus sentimentos por Ariana. A prioridade, para já, era ver o pai. Depois teria ainda de resolver um outro problema, o da CIA. Tomás sabia que precisava de arranjar maneira de cortar com a sua indesejada ligação à agência americana, encontrava-se farto de joguinhos e de se ver reduzido a um mero instrumento nas mãos de gente sem escrúpulos.

Era hora de se tornar de novo senhor de si mesmo.

Graça Noronha soltou um guincho quando abriu a porta e viu o filho sorrir-lhe.

"Tomás!", gritou, abrindo os braços. "Já voltaste!"

Abraçaram-se.

"Está tudo bem, mãe?"

"Vai-se andando", disse ela. "Entra, filho, entra."

Tomás invadiu a sala.

"O pai?"

"O teu pai foi ao hospital para o tratamento. Daqui a bocado devem estar a trazê-lo."

Acomodaram-se ambos no sofá.

"Como é que ele anda?"

"Menos revoltado, coitadinho. Houve uma altura em que andava impossível. Isolava-se um pouco e, quando abria a boca, era para protestar contra tudo e contra todos. Dizia que o doutor Gouveia não prestava para nada, que os enfermeiros eram uns brutos, que o Chico da Pinga é que devia ter apanhado a doença... enfim, um martírio!"

"Já não está assim?"

"Não, felizmente não. Mostra-se mais conformado, dá-me a impressão de que ele começou a aceitar melhor as coisas."

"E o tratamento? Está a resultar?"

Graça encolheu os ombros.

"Oh, sei lá!", exclamou. "Já nem digo nada."

"Então?"

"O filho, o que queres que eu te diga? A radioterapia é uma coisa chata, percebes? E o pior é que não o vai curar."

"E ele sabe disso?"

"Sabe."

"E como está a reagir?"

"Tem esperança. Tem a esperança que qualquer paciente e qualquer familiar de um paciente tem nestas circunstâncias, não é?"

"A esperança de quê? De se curar?"

"Sim, a esperança de que apareça uma coisa nova que resolva o problema. A história da medicina está cheia de casos desses, não está?"

"É", assentiu Tomás, sentindo-se igualmente impotente. "Vamos esperar que aconteça alguma coisa."

A mãe pegou-lhe nas mãos.

"E tu? Estás bem?"

"Sim, estou."

"Não mandaste notícias nenhumas! Nós aqui todos ralados e o menino sem dizer nada, nem água vai, nem água vem."

"Ora, sabe como é, o trabalho..."

Dona Graça afastou-se um passo e analisou Tomás da cabeça aos pés.

"Além disso, estás muito magro, filho. Que porcarias andaste tu a comer no deserto?"

"No Irã, mãe."

"Ora, é a mesma coisa! Isso não é lá no deserto, onde andam os camelos?"

"Não, não é", explicou ele, enchendo-se de paciência para lidar com as confusões geográficas da mãe. "O Irã é para aqueles lados, de facto, mas não é no deserto."

"Não interessa", disse ela. "A verdade é que vens escanzelado que nem um carapau, valha-me Deus! Os beduínos não te deram nada de jeito para comer?"

"Uh... sim, comi bem."

A mãe mirou-o com ar incrédulo.

"Então como é que vens assim tão magro, hã? Credo, parece que vieste do Biafra!"

"Quer dizer, houve dias em que comi muito mal..."

Graça ergueu a mão direita.

"Ah! Bem me queria parecer! Bem me queria parecer! Tens a mania de te meter nas bibliotecas e nos museus dias a fio, esqueces-te de almoçar... e depois... depois... " Fez um gesto na direção de Tomás, como se exibisse uma prova em tribunal. "Depois é isto!"

"Pois, se calhar foi isso, foi." Deu-lhe vontade de rir. "Esqueci-me de almoçar."

A senhora levantou-se, decidida.

"Espera aí! Vou-te pôr mais gordinho que um leitão da Bairrada em dia de matança, ou eu não me chame Maria da Graça Rosendo Noronha!", exclamou, virando-se para sair da sala. "Tenho ali um ensopado de borrego que está um mimo, ouviste? Um mimo! É de chorar por mais, vais ver." Fez-lhe sinal para a seguir. "Ora anda daí, vem aqui à cozinha, vem."

O borrego ia a meio, regado por um frutado tinto do Douro, quando o telemóvel tocou.

"Mister Norona?"

Tomás rolou os olhos. O sotaque era inconfundivelmente americano, o que só podia significar que a CIA não o largava.

"Sim, sou eu."

"Daqui fala do gabinete do Directorate of Science and Technology da Central Intelligence Agency, em Langley, USA. Um momento, por favor. Esta é uma linha segura e o senhor diretor quer falar consigo."

"Está bem."

Uma música encheu o telemóvel enquanto a chamada era transferida.

"Hello Tomás. Daqui Frank Bellamy."

Com a sua característica voz rouca e arrastada, a apresentação era redundante, Bellamy não precisava de se anunciar para ser logo identificado.

"Hi, mister Bellamy."

"Os rapazes da agência trataram bem de si?"

"Só a partir do mar Cáspio, mister Bellamy. Só a partir do mar Cáspio."

"Ah, é? Tem alguma queixa antes do mar Cáspio?"

"Nada de especial", ironizou o português. "Apenas o fato do vosso gorila em Teerã ter tentado injetar-me com veneno."

Bellamy riu-se.

"Considerando o que se passou a seguir, ainda bem que você não o deixou", disse. "Já viu? Se ele o tivesse neutralizado, jamais poderíamos saber as coisas que você nos contou. A nossa busca teria entrado num beco sem saída."

"Obrigado por se preocupar com o meu bem-estar", devolveu Tomás com acidez. "Fico tocado, sim senhor."

"É, eu sou um sentimental. Só penso na sua saúde."

"Já tinha reparado."

O americano pigarreou.

"Ouça, Tomás, a razão pela qual lhe estou a ligar tem a ver com aquela pista que você me passou."

"Qual pista?"

"A do Hotel Orchard."

"Ah, sim."

"Bem, estivemos a fazer uma pesquisa e descobrimos que existem centenas de hotéis com o nome Orchard em todo o mundo. Eles estão em Singapura, em São Francisco, em Londres... uh, em toda a parte, na verdade. Isto assim é como procurar uma agulha no palheiro."

"Estou a entender."

"Não tem nenhum dado adicional que nos possa ajudar?"

"Não", disse Tomás. "Tudo o que sei é que existe uma ligação entre o Hotel Orchard e o professor Siza. Não sei mais nada."

"Bem... isso assim é muito vago", considerou o americano. "Vamos continuar a procurar, claro. O problema é que, deste modo, iremos levar anos, não é?"

"Compreendo, mas não posso fazer nada."

"Quem é que lhe deu essa informação?"

"Ariana Pakravan."

"Hmm", murmurou Bellamy, considerando o caso. "E podemos confiar nela?"

"Em que sentido?"

"No sentido de que falou a verdade."

"Bem, foi ela que me salvou, não é? Se não fosse ela, eu não estava aqui a falar consigo. Presumo que tenha dito a verdade..."

"I see. E acha que dá para nós a contactarmos?"

"A quem? À Ariana?"

"Sim."

"Nem pense nisso!"

"Porquê? Se o ajudou a si é porque não está necessariamente do lado deles."

"Ela ajudou-me porque me quis ajudar. Não foi um ato político. Foi um ato... uh... pessoal."

Bellamy calou-se uma fração de segundo.

"Já vi que você foi mesmo para a cama com ela."

"Não me venha outra vez com essa conversa."

O americano riu-se.

"Ela é assim tão boa como dizem?"

Tomás rolou os olhos, impaciente.

"Ouça, foi para me dizer isso que me ligou?"

"Liguei-lhe porque preciso de mais do que você me deu."

"Não tenho mais."

"Mas ela tem."

"Ela é iraniana e está do lado do seu país. Se vocês forem ter com ela, ela vai relatar tudo aos seus superiores."

"Você acha?"

"Tenho a certeza."

"O que o leva a dizer isso?"

"O fato de ela se ter recusado a revelar-me pormenores sobre o programa nuclear iraniano. Ela nem sequer me disse qual o conteúdo do manuscrito de Einstein..."

Bellamy hesitou e Tomás quase suspendeu a respiração, à espera da decisão no outro lado da linha. O historiador acreditava agora que este era o único argumento

que poderia travar os americanos. Ou os convencia de que Ariana permanecia leal ao regime de Teerã, ou então a CIA iria incomodá-la, colocando-a em perigo.

"Hmm... está bem", aceitou Bellamy. "Parece-me que só nos resta então vasculhar os hotéis, uh?"

"Sim, é melhor."

"E você? Já fez progressos com a segunda cifra?"

"Uh... justamente, eu... eu quero ver se me desligo deste caso. Sabe, já tive a minha dose e não quero..."

"Isso é que era bom!"

"Perdão?"

"Ninguém sai deste caso até ele estar resolvido, entendeu?", vociferou Bellamy, num tom que não admitia discussão. "Você vai cumprir tudo até ao fim."

"Mas, ouça, eu já não..."

"Aqui não há mas nem meio mas! Você está envolvido numa missão de elevada importância e irá levá-la a bom termo, custe o que custar, doa a quem doer. Estou a ser claro?"

"Desculpe, mas eu..."

"Estou a ser claro?"

"Sim... uh... só que eu..."

"Você ouça-me e ouça-me bem", rugiu o americano, muito agreste, quase soletrando as palavras. "Você vai desempenhar o seu papel até à perfeição. Nem lhe vou explicar o que lhe irá acontecer se hesitar mais um momento que seja. Mas que fique bem claro que o quero a trabalhar neste caso a cem por cento, ouviu?"

"Bem... uh...."

"Ouviu?"

Tomás sentiu-se derrotado, o tom agressivo do homem da CIA não lhe deixava qualquer margem de manobra.

"Sim."

"E outra coisa", acrescentou, sempre feroz. "Nós estamos numa corrida contra-relógio. Precisamos de saber exatamente o que diz o manuscrito, para podermos atuar. Se você demorar muito tempo a deslindar a chave do documento, não teremos outra alternativa que não seja avançar e contactar a sua amiga. O fato é que ela sabe coisas que nós precisamos de saber. A segurança nacional do meu país está em causa e não olharei a meios para a salvaguardar, entendeu? Utilizaremos todos os métodos que forem necessários para lhe extrair a informação de que necessitamos. E quando eu digo todos os métodos, quero mesmo dizer todos, incluindo aqueles que você está a pensar." Fez uma pausa, como quem não tem mais nada para dizer. "Portanto, eu aconselhá-lo-ia a despachar-se."

Desligou sem mais.

Tomás ficou um longo instante a olhar para o telemóvel mudo nas mãos, reconstituindo a conversa, avaliando as suas opções. Depressa concluiu que não as tinha e só lhe ecoava na mente uma única expressão para caracterizar Frank Bellamy.

"Filho da puta."

Um enfermeiro trouxe Manuel Noronha a casa. O pai de Tomás veio cansado, após mais uma sessão de radioterapia, e foi deitar-se. A mulher levou-lhe uma sopa ao quarto e, enquanto comia, viu o filho abeirar-se da cama.

Para preencher o silêncio, apenas interrompido pelo som do pai a comer a sopa, Tomás relatou-lhe parte do que vira em Teerão, omitindo, como era natural, a sua verdadeira missão na capital iraniana e os acontecimentos dos últimos dias. Quando acabou, a conversa divagou inevitavelmente para a doença. O matemático terminou a sopa e, na altura em que a mulher saiu do quarto, pediu ao

filho para se aproximar e fez-lhe uma confissão.

"Fiz um pacto", murmurou, quase conspirativo.

"Um pacto? Que pacto?"

Manuel espreitou a porta e pôs o indicador diante dos lábios.

"Chiu", soprou. "A tua mãe não sabe de nada. Nem ela, nem ninguém."

"Está bem, eu não digo nada."

"Fiz um pacto com Deus."

"Com Deus? Mas o pai nunca acreditou em Deus..."

"E não acredito", confirmou o matemático. "Mas fiz na mesma um pacto com Ele, não se vá dar o caso de Ele existir mesmo, não é?"

Tomás sorriu.

"Bem pensado."

"Então é assim. Prometi fazer tudo o que os médicos me mandarem fazer. Tudo. Em troca, só lhe peço que me deixe viver até eu ter um novo neto."

"Oh, pai."

"Ouviste? Portanto, toca a pôr os pés ao caminho, arranjar uma miúda jeitosa e, pimba, fazeres-lhe um filho. Não quero morrer sem ver o meu neto."

Tomás controlou a careta aborrecida que lhe apeteceu fazer nesse momento. O facto é que o pai estava doente e não o podia contrariar por causa de uma coisa daquelas.

"Pronto, está bem, eu vou ver se trato do assunto."

"Prometes?"

"Prometo."

Manuel respirou fundo e deixou cair a cabeça para trás, como se o tivessem libertado de um fardo.

"Ainda bem."

Fez-se silêncio.

"O pai como está?"

"Como é que haveria de estar?", murmurou o paciente, a cabeça enterrada na almofada. "Tenho uma doença a consumir-me as entranhas e não sei se vou viver uma semana, um mês, um ano ou dez anos. Isto é horrível!"

"Tem razão, é horrível."

"Às vezes acordo com a esperança de que tudo isto não tenha passado de um pesadelo, de que, ao acordar, descubra que afinal está tudo bem. Mas, ao fim de alguns segundos, percebo que não foi

nenhum pesadelo, é a realidade." Abanou a cabeça. "Não sabes como isso custa, acordar com esperança e perdê-la logo a seguir, como se alguém estivesse a brincar connosco, dando-nos o futuro num momento e tirando-o logo a seguir, como se a vida fosse um brinquedo e eu uma criança. Há manhãs que dou comigo a chorar..."

"Não fique triste..."

"Como, não fico triste? Então estou no processo de perder tudo, de perder toda a gente de quem gosto, e não posso ficar triste?"

"Mas o pai está sempre a pensar nisso, é?"

"Não, só às vezes. Há algumas manhãs em que penso na morte, mas esses instantes são mais excepcionais. A verdade é que, na maior parte do tempo, procuro sobretudo concentrar-me na vida. Enquanto viver, tenho sempre a esperança de viver, percebes?"

"Há que pensar positivo, não é?"

"É isso. Da mesma maneira que não conseguimos estar sempre a olhar para o sol, também não conseguimos estar sempre a pensar na morte."

"Além do mais, pode ser que se arranje uma solução."

O pai olhou-o com um brilho singular.

"É isso, pode ser que aconteça alguma coisa", exclamou. "Nos momentos de maior desespero, agarro-me sempre a esse pensamento." Fez uma pausa. "Sabes qual é o meu sonho?"

"Hmm."

"Eu estou nos Hospitais da Universidade de Coimbra e o doutor Gouveia senta-se ao meu lado e diz: professor Noronha, tenho aqui um novo medicamento que acabou de chegar da América e que parece estar a dar um resultadão por lá. Quer experimentar?" Calou-se, os olhos vidrados no infinito, como se vivesse esse sonho nesse mesmo instante. "Ele dá-me o medicamento e, dias depois, vamos fazer um TAC e ele aparece à minha frente aos gritos: desapareceu! A doençadesapareceu! As metástases sumiram-se!" Sorriu. "É esse o meu sonho."

"Pode acontecer."

"Pois pode. Pode acontecer. Aliás, o doutor Gouveia contou-me que há muitas histórias assim, relativas a doenças que antes não tinham cura. Pessoas à beira do fim experimentaram um medicamento novo e, tumba, ficaram boas enquanto o diabo esfrega um olho." Bocejou. "Já aconteceu."

Fez-se silêncio.

"O pai há pouco falou em Deus."

"Sim."

"Mas o pai é um homem de ciência, um matemático, e nunca acreditou que Deus existisse.

Agora, no entanto, já faz pactos com Ele..."

"Bem... uh... em bom rigor, é preciso dizer que eu não posso assegurar que Deus existe ou que não existe. Digamos que sou agnóstico, não tenho certezas sobre a Sua existência ou inexistência."

"Porquê?"

"Porque não conheço provas da existência de Deus, mas, sabendo o que sei sobre o universo, também não tenho a certeza de que Ele não exista." Tossiu. "Sabes, há uma parte de mim que é atéia. Sempre me pareceu que Deus não passa de uma criação humana, de uma maravilhosa invenção que nos conforta e que preenche convenientemente lacunas do nosso conhecimento. Por exemplo, uma pessoa vai a passar numa ponte e a ponte cai. Como ninguém sabe por que razão a ponte caiu, todos atribuem esse fato à vontade divina." Encolheu os ombros, imitando um ar resignado. "Foi Deus que fez isso." Tossiu. "Mas hoje, com os nossos conhecimentos científicos, já sabemos que a ponte caiu, não devido a um acto de Deus, mas porque houve erosão nos materiais, ou erosão no solo, ou peso a mais para aquela estrutura, enfim, há uma explicação verdadeira que não tem origem divina. Percebes? É isto o que se chama o Deus-das-lacunas. Quando ignoramos algo, invocamos Deus e a coisa fica explicada, quando, na verdade, existem outras explicações mais verdadeiras, embora possamos não as conhecer."

"Acha que não é possível uma intervenção do sobrenatural?"

"O sobrenatural é aquilo que nós invocamos quando desconhecemos uma coisa natural. Antigamente, uma pessoa adoecia e dizia-se: está possuído pelos maus espíritos. Hoje, a pessoa adoece e nós dizemos: está possuído por bactérias ou por vírus ou por outra coisa qualquer. A doença é a mesma, o nosso conhecimento sobre as suas causas é que mudou, percebes? Quando desconhecíamos as causas, invocávamos o sobrenatural. Agora que as conhecemos, invocamos o natural. O sobrenatural não é mais do que uma fantasia alimentada em torno do nosso desconhecimento sobre o natural."

"Então não há sobrenatural."

"Não, há apenas o natural que nós desconhecemos. O ateu que há em mim aceita que não foi Deus que criou o homem, mas o homem que criou Deus." Fez um gesto que abarcou todo o quarto. "Tudo o que nos rodeia tem uma explicação. Acredito que as coisas se regem por leis universais, absolutas e eternas, onipotentes, onipresentes e oniscientes."

"Um pouco como Deus..."

O pai riu-se baixinho.

"Sim, se quiseres. É verdade que as leis do universo têm os atributos que nós geralmente relacionamos com Deus, mas isso acontece por razões naturais, não por razões sobrenaturais."

"Como assim?"

"As leis do universo têm esses atributos porque é essa a sua natureza. Por exemplo, elas são absolutas porque não dependem de nada, afectam os estados físicos mas não são afetadas por eles. São eternas porque não mudam com o tempo, eram as mesmas no passado e continuarão certamente a ser as mesmas no futuro. São omnipotentes porque nada lhes escapa, exercem a sua força em tudo o que existe. São onipresentes porque se encontram em qualquer parte do universo, não há umas leis que se aplicam aqui e outras diferentes que se aplicam ali. E são oniscientes porque exercem automaticamente a sua força, não precisam que os sistemas as informem da sua existência."

"E de onde é que vêm essas leis?"

O matemático esboçou um sorriso de garoto.

"Agora é que me apanhaste."

"Então?"

"A origem das leis do universo constitui um grande mistério. É verdade que essas leis têm todos os atributos que normalmente nós conferimos a Deus." Tossiu. "Mas, atenção, o fato de não conhecermos a sua origem não implica necessariamente que elas provenham do sobrenatural." Ergueu um dedo. "Lembra-te que usamos o sobrenatural para explicar o que ainda não sabemos, mas que tem uma explicação natural. Se usarmos o sobrenatural de cada vez que não sabemos algo, estamos a recorrer ao Deus-das-lacunas. Daqui a algum tempo descobrir-se-á a verdadeira causa e nós fazemos figura de parvos. A Igreja, por exemplo, fartou-se de usar o Deus-das-lacunas para explicar coisas que antigamente não tinham explicação, e depois sofreu o enorme embaraço de ter de se desdizer quando foram feitas descobertas que desmentiam a explicação divina. Copérnico, Galileu, Newton e Darwin são os casos mais conhecidos." Tossiu. "De qualquer modo, Tomás, a questão da origem das leis do universo constitui algo que não conseguimos explicar. Aliás, existe um determinado número de propriedades do universo que me impedem de afirmar liminarmente que Deus não existe. A questão da origem das leis fundamentais é uma delas. A sua existência serve para nos lembrar que se esconde um grande mistério por detrás do universo."

Tomás passou os dedos pelo queixo, pensativo. Depois fez um gesto na direção do bolso do casaco.

"Olhe, pai", disse, dando uma palmadinha no bolso. "Eu tenho aqui duas frases enigmáticas que gostaria que me explicasse, se pudesse."

"Diz lá."

Tomás meteu a mão dentro do bolso e retirou uma folha, que desdobrou. Passou os olhos pelo texto e voltou-se para o pai.

"Posso?"

"Força."

"Sutil é o Senhor, mas malicioso Ele não é", leu. "A Natureza esconde o seu segredo devido a sua essência majestosa, nunca por ardil."

Manuel Noronha, a cabeça enterrada na vasta almofada, sorriu.

"Quem disse isso?"

"Einstein."

O matemático balançou afirmativamente a cabeça.

"É bem-visto."

"Mas o que significa isto?"

O pai bocejou mais uma vez.

"Estou cansado", disse simplesmente. "Amanhã eu explico-te."

XXIII

Quando Tomás acordou, ouviu ressoar pela casa o tilintar metálico de talheres a tocarem em louça e de pratos a embaterem noutros pratos. Levantou-se da cama, foi ao quarto de banho, despachou-se em cinco minutos e convergiu de roupão para a

cozinha; deparou com a mãe sentada na mesinha da copa, com um copo de leite quente na mão e duas torradas num prato.

"Bom dia, Tomás", cumprimentou a mãe, acenando com uma torrada. "És servido?"

"Uh... sim. Tem sumo de laranja?"

A senhora levantou-se do seu lugar e espreitou o frigorífico. Pegou num invólucro cor de laranja e analisou a data impressa junto à abertura.

"Olha, filho, acho que está fora do prazo. Tenho de ir comprar mais."

"E fruta? Não tem fruta?"

Graça apontou para o cesto colorido assente no balcão, ao lado do frigorífico.

"Tens bananas, maçãs e tangerinas." Voltou a espreitar o frigorífico. "E temos aqui lícheas em calda. O que preferes?"

Tomás colocou duas fatias de pão de forma na torradeira e pegou numa tangerina, que logo começou a descascar.

"Eu fico com a tangerina."

"Fazes muito bem. São docinhas, vêm do Algarve."

Com a tangerina já despida, Tomás sentou-se numa cadeira da copa e trincou um bago sumarento.

"O pai?"

"Ainda está a dormir. Tomou ontem uns comprimidos para não ser afetado pela tosse durante a noite, mas o problema é que acaba sempre por dormir mais do que devia."

"Pois, ele adormeceu cedo, não foi? A esta hora já devia estar em pé..."

"Ah, não te preocupes, ele já se levanta." A mãe tirou o avental e olhou em redor, como se estivesse a tentar organizar-se. "Olha, vamos fazer assim. Eu vou deixar tudo preparado para o pequeno-almoço dele, está bem? Tenho agora de ir ao supermercado buscar as coisas para o almoço, mas como tu ficas por aqui não há problema, não é verdade?"

"Sim, claro."

"Ele vai estar com uma fome de lobo. Ontem só comeu uma sopinha pelo jantar e, se bem o conheço, vai querer agora compensar."

"Faz ele bem."

"Portanto, quando o teu pai acordar, não te esqueças, é só aquecer-lhe o leite."

"Ele bebe o leite com quê?"

Graça pegou numa caixa dourada, com uma enorme ave pintada na cobertura.

"Flocos de aveia. Aqueces-lhe o leite e depois juntas o leite aos flocos de aveia num prato de sopa, está bem?"

Tomás pegou na caixa e pousou-a sobre a mesa.

"Vá lá descansada."

O pai levou uma boa meia hora a aparecer na cozinha. Tal como a mulher previra, vinha cheio de fome e, conforme previamente combinado, Tomás preparou-lhe os flocos de aveia em leite quente. Quando o prato ficou pronto, sentaram-se os dois na mesa da copa a saborear o pequeno-almoço.

"Então mostra lá outra vez aquelas duas frases do Einstein", pediu Manuel, enquanto levava uma colher à boca.

Tomás foi ao quarto buscar a folha com a frase rabiscada e voltou para a cozinha.

"É isto", disse, sentando-se no seu lugar com a folha aberta na mão. "Sutil é o Senhor, mas malicioso Ele não é", leu de novo. "A Natureza esconde o seu segredo devido a sua essência majestosa, nunca por ardil." Olhou para o pai. "Na boca de um cientista, na sua opinião o que quer esta frase dizer?"

O matemático engoliu os flocos que se encontravam na colher.

"Einstein estava a referir-se a uma característica inerente ao universo, que é a forma como os mistérios mais profundos se mantêm habilidosamente ocultos. Por mais que tentemos chegar ao âmago de um enigma, descobrimos que existe sempre uma sutil barreira que nos impede de o desvendar completamente."

"Não estou a perceber..."

O pai girou a colher no ar.

"Olha, vou-te dar um exemplo", disse. "A questão do determinismo e da livre vontade. Este é um problema que tem atormentado a filosofia durante muito tempo, e que foi retomado pela física e pela matemática."

"Está a referir-se à questão de saber se nós tomamos decisões livres ou não?"

"Sim", assentiu. "O que te parece?"

"Bem, eu diria que somos livres, não é?" Tomás fez um gesto para a janela. "Por exemplo, eu vim aqui a Coimbra porque assim o decidi livremente." Apontou para o prato em cima da mesa. "O pai está a comer essa papa porque assim o quis."

"Achas que sim? Achas que estas decisões foram mesmo livres?"

"Quer dizer... uh... acho que sim, claro."

"Não terás vindo a Coimbra por estares condicionado psicologicamente pelo fato de eu estar doente? Não estarei eu a comer esta papa por estar condicionado fisiologicamente a ela ou por me encontrar influenciado por um qualquer anúncio televisivo sem que disso tenha consciência? Hã?" Balançou as sobrancelhas para cima e para baixo, a enfatizar o que acabara de dizer. "Até que ponto somos mesmo livres? Não se estará a dar o caso de tomarmos decisões que parecem ser livres mas que, se formos a analisar a sua origem profunda, são condicionadas por um número sem fim de fatores, de cuja existência muitas vezes nem nos apercebemos? Será que a livre vontade não passa afinal de uma ilusão? Será que está tudo determinado, apesar de não termos consciência disso?"

Tomás remexeu-se na cadeira.

"Já percebi que essas perguntas trazem água no bico", observou, desconfiado. "Qual é a resposta

da ciência? Somos livres ou não?"

"Essa é a grande dúvida", sorriu o pai, com malícia. "Se não me engano, o primeiro grande defensor do determinismo foi um grego chamado Leucipo. Ele afirmou

que nada acontece por acaso e tudo tem uma causa. Platão e Aristóteles, no entanto, pensavam de outra maneira e deixaram espaço aberto à livre vontade, um ponto de vista que a Igreja adoptou. Convinha-lhe, não é? Se o homem tinha livre vontade, Deus ficava desresponsabilizado de todo o mal que ocorria no mundo. Durante séculos prevaleceu assim a ideia de que os seres humanos dispõem de livre vontade. Só com Newton e o avanço da ciência é que o determinismo foi recuperado, ao ponto de um dos mais importantes físicos do século XVIII, o marquês Pierre de Laplace, ter feito uma importante constatação. Ele observou que o universo obedece a leis fundamentais e previu que, se conhecermos essas leis e se soubermos a posição, a velocidade e a direção de cada objeto e de cada partícula existente no universo, seremos capazes de conhecer todo o passado e todo o futuro, uma vez que tudo já se encontra determinado. Chama-se a isso o Demônio de Laplace. Tudo está determinado."

"Hmm", murmurou Tomás. "E o que diz a ciência moderna?"

"Einstein concordava com este ponto de vista e as teorias da Relatividade foram construídas segundo o princípio de que o universo é determinista. Mas a coisa complicou-se quando apareceu a Teoria Quântica, que veio trazer uma visão indeterminista ao mundo dos átomos. A formulação do indeterminismo quântico deve-se a Heisenberg, que, em 1927, constatou que não é possível determinar ao mesmo tempo, e de forma rigorosa, a velocidade e a posição de uma micropartícula. Nasceu assim o Princípio da Incerteza, que veio..."

"Já ouvi falar nisso", cortou Tomás, recordando a explicação que Ariana lhe tinha dado em Teerã. "O comportamento dos grandes objectos é determinista, o comportamento dos pequenos é indeterminista."

Manuel ficou um instante a mirar o filho.

"Caramba", exclamou. "Nunca imaginei que estivesses dentro do assunto."

"Sim, explicaram-me isso há pouco tempo. Não é esse o problema que lançou a busca de uma Teoria de Tudo, capaz de conciliar essas contradições?"

"Exato", confirmou o matemático. "É esse, hoje em dia, o grande sonho da física. Os cientistas estão à procura de uma grande teoria que, entre outras questões, una a Relatividade e a Teoria Quântica e resolva o problema do determinismo ou indeterminismo do universo." Tossiu. "Mas é fundamental notar uma coisa. O Princípio da Incerteza diz que não é possível determinar com exatidão o comportamento de uma partícula devido à presença do observador. Ao longo dos anos, este problema alimentou conversas entre mim e o professor Siza... aquele que desapareceu, sabes?"

"Sim."

"O que se passou foi que o Princípio da Incerteza, que é verdadeiro, provocou o que nós sempre achamos ser um chorrilho de disparates, com alguns físicos a dizerem que uma partícula só decide em que sítio se encontra quando aparece um observador."

"Também já ouvi falar nisso", disse Tomás. "É aquela história de que, se se puser um electrão numa caixa e se separarmos essa caixa em duas partes, o electrão está nas duas ao mesmo tempo e só quando alguém abrir uma das partes é que o electrão decide onde vai ficar..."

"Nem mais", confirmou o pai, impressionado com os conhecimentos que Tomás dispunha sobre física quântica. "Isso foi gozado por Einstein e por outros físicos, claro. Eles recorreram a diversos exemplos para expor o absurdo dessa ideia, o mais famoso

dos quais é o do gato de Schrödinger." Tossiu. "Ora bem, Schrõdinger demonstrou que, a ser verdadeira a ideia de que uma partícula está

em dois sítios ao mesmo tempo, também um gato estaria vivo e morto ao mesmo tempo, o que é um absurdo."

"Sim,", concordou Tomás. "Mas, ó pai, não é essa mecânica quântica que, apesar de ser estranha e contra-intuitiva, bate certo com a matemática e a realidade?"

"Claro que bate certo", exclamou Manuel. "Mas a questão não é saber se bate certo, porque está visto que bate certo. A questão é saber se a interpretação está correcta."

"Como assim? Se bate certo é porque está correta."

O velho matemático sorriu.

"Aí é que entra a sutileza inerente ao universo", disse. "Repara, Heisenberg estabeleceu que não é possível determinar em simultâneo, e de modo exato, a posição e velocidade de uma partícula devido à influência do observador. Foi este enunciado que levou a que se afirmasse que o universo das micropartículas tem um comportamento indeterminista. É que não se consegue determinar o seu comportamento. Mas isso não quer dizer que o comportamento seja indeterminista, percebes?"

Tomás abanou a cabeça, desconcertado.

"Ai que trapalhada! Não percebo nada."

"Ouve, Tomás, toma atenção à sutileza. Heisenberg começou por estabelecer que a posição e velocidade de uma partícula não podem ser determinados em simultâneo e com exactidão devido à presença do observador. Repito, devido à presença do observador. Este é o ponto crucial. O Princípio da Incerteza jamais estabeleceu que o comportamento das micropartículas é indeterminista. O que se passa é que esse comportamento não pode ser determinado, devido à presença do observador e à sua interferência nas partículas observadas. Ou seja, as micropartículas têm um comportamento determinista, mas indeterminável. Entendeste?"

"Hmm..."

"É essa a sutileza." Levantou a mão. "Com uma subtileza adicional. É que o Princípio da Incerteza diz-nos também que jamais poderemos provar que o comportamento da matéria é determinista, uma vez que, quando o tentamos fazer, a interferência da observação impede-nos de obter essa prova."

"Entendi", murmurou Tomás. "Mas, então, por que razão esse debate existiu?"

O pai riu-se.

"Também a mim faço a mesma pergunta", disse. "Eu e o Siza sempre nos mostramos perplexos por ninguém perceber que isto era um problema de semântica, nascido da confusão entre a palavra indeterminista e a palavra indeterminável." Levantou a mão. "Mas o essencial não é isso. O essencial é que, ao negar a possibilidade de algum dia podermos saber todo o futuro e o passado, o Princípio da Incerteza veio expor uma sutileza fundamental do universo. É como se o universo nos dissesse o seguinte: a história encontra-se determinada desde o nascer dos tempos, mas vocês jamais o poderão provar e jamais poderão conhecê-la com exatidão. É esta a sutileza. Através do Princípio da Incerteza, ficamos a saber que, embora esteja tudo determinado, a derradeira realidade é indeterminável. O universo ocultou o seu mistério por detrás desta sutileza."

Tomás releu a frase de Einstein.

"Sutil é o Senhor, mas malicioso Ele não é", enunciou. "A Natureza esconde o seu segredo devido à sua essência majestosa, nunca por ardil." Ergueu a cabeça. "E esta parte de que Deus não é malicioso nem usa nenhum ardil?"

"É o que te tenho dito sempre", devolveu o pai. "O universo esconde o seu segredo, mas fá-lo devido à sua imensa complexidade."

"Entendi", confirmou Tomás. "No entanto, a indeterminabilidade do comportamento da matéria só se aplica ao universo atômico, não é?"

O matemático fez uma careta.

"Bem, a verdade é que essa subtileza existe a todos os níveis."

"Eu pensei que tinha dito que só havia indeterminabilidade quântica...", admirou-se Tomás.

"Quer dizer, isso é o que se pensava antigamente. Só que houve outras descobertas que foram feitas entretanto."

"Que descobertas?"

Manuel Noronha contemplou a cidade para além da janela, mas fê-lo com um olhar sonhador, como um pássaro fechado numa gaiola observa o céu para além das grades.

"Olha lá, e se fôssemos tomar um café ali à praça?"

XXIV

A Praça do Comércio espreguiçava-se na modorra aprazível da manhã. O sol fazia resplandecer as fachadas brancas e os varandins metálicos dos velhos edifícios que cercavam o largo, onde apenas sobressaía o amarelo-torrado do frontispício quase rústico da velha igreja românica de São Tiago. Pequenas tendinhas animavam a praça, exibindo roupas alegres, faiança azul da região e simples bijuteria. A esplanada parecia convidativa, pelo que pai e filho instalaram-se numa mesa, estenderam as pernas e viraram o rosto na direção do astro flamejante, abraçando com prazer o calor gostoso que lhes amornava a pele.

O empregado apareceu de bloco de notas na mão e, perante o seu olhar inquiridor, os clientes pediram duas bicas. Quando o rapaz se afastou, Tomás mirou languidamente o pai.

"O pai disse há pouco que a indeterminabilidade não pertencia apenas ao mundo quântico..."

"Sim."

"Mas, ou me engano muito, ou isso contradiz tudo o que foi dito antes. Não era a Teoria da Relatividade e a Física Clássica de Newton que eram deterministas?"

"Eram e são."

"E ambas estabelecem que o comportamento da matéria é previsível..."

"Não exatamente."

"Não percebo. Segundo me disseram noutro dia, se eu souber a posição, a velocidade e a direção da Lua, poderei calcular com exactidão todos os seus movimentos passados e futuros. Não é isso previsibilidade?"

"As coisas não se passam bem assim. Foram feitas descobertas posteriores que mudaram tudo."

"Que descobertas?"

O empregado apareceu e colocou as duas bicas na mesa. Manuel Noronha endireitou-se na cadeira, bebeu um trago tímido e passou os olhos pelo céu, observando os flocos de algodão que deslizavam suavemente sobre o azul límpido.

"Diz-me uma coisa, Tomás. Por que razão não conseguimos prever com rigor o estado do tempo?"

"Hã?"

O matemático apontou para o céu.

"Por que razão o boletim meteorológico na televisão previa para hoje céu limpo sobre Coimbra e eu estou a ver aquelas nuvens a passar, desmentindo a previsão?"

"Sei lá", riu-se Tomás. "Porque os nossos meteorologistas são uns nabos, suponho eu."

O pai voltou a esticar-se no seu lugar, o rosto voltado para o calor do sol.

"Resposta errada", disse. "O problema está na equação."

"Como assim?"

"Em 1961, um meteorologista chamado Edward Lorenz sentou-se diante de um computador e pôs-se a ensaiar previsões meteorológicas sobre o comportamento do clima a longo prazo com base em apenas três variáveis: a temperatura, a pressão do ar e a velocidade do vento. A experiência nada revelaria de especial se não se tivesse dado o caso de ele ter querido examinar uma determinada sequência com mais pormenor. Foi uma coisa pequena, quase insignificante. Em vez de introduzir um certo dado outra vez desde o início, foi ver uma cópia impressa da experiência original e copiou o número que ali viu." Tirou uma caneta do bolso do casaco e pegou num guardanapo de papel, que estendeu sobre a mesa da esplanada. "Era, se bem me lembro, o... uh..." Rabiscou quatro algarismos.

0,506

"Era 0,506."

"Ena, isso é que é memória", comentou o filho.

"Nós, os matemáticos, somos assim." Sorriu e apontou para as chávenas fumegantes sobre a mesa. "Ora bem, tal como nós estamos agora a fazer, Lorenz foi tomar um café e deixou o computador a processar os dados. Quando regressou, no entanto, nem queria acreditar no que tinha à sua espera. Ele descobriu que a nova previsão meteorológica feita pelo computador era totalmente diferente da anterior. Totalmente. Intrigado, foi tentar ver o que mudara." Bateu com a ponta da caneta nos quatro dígitos que gatafunhara no guardanapo de papel. "Depois de analisar tudo, percebeu que, ao introduzir este dado, só tinha reproduzido quatro algarismos de uma sequência mais longa."

Rabiscou a sequência completa.

0,506127

"Era esta a sequência completa original. Confrontado com esta situação, ele tomou consciência de que uma alteração milionesimal dos dados, uma coisa infimamente pequena, quase insignificante, alterava totalmente a previsão. Era como se uma mera lufada de vento imprevista tivesse o poder de mudar o estado do tempo em todo o planeta." Fez uma pausa dramática. "Lorenz descobriu o caos."

"Perdão?"

"A Teoria do Caos constitui um dos mais fascinantes modelos matemáticos existentes e ajuda a explicar muitos comportamentos do universo. A ideia fundamental dos sistemas caóticos é simples de formular. Pequenas alterações nas condições iniciais provocam profundas alterações no resultado final. Ou seja, pequenas causas, grandes efeitos."

"Dê-me um exemplo."

O pai voltou a apontar para o céu e para as nuvens intermitentes que, por vezes, lançavam irritantes sombras sobre a Praça do Comércio.

"O estado do tempo", disse. "O exemplo mais famoso é o chamado Efeito Borboleta. O bater de asas de uma borboleta aqui em Coimbra vai alterar milionesimalmente a pressão do ar em redor de si. Essa pequeníssima alteração irá produzir um efeito dominó nas moléculas de ar, ao ponto de, daqui a algum tempo, provocar uma colossal tempestade na América. É isso o Efeito Borboleta. Agora, transporta o efeito desta pequena borboleta para o efeito de todas as borboletas no mundo, de todos os animais, de tudo o que mexe e respira. O que resulta daqui?" Abriu as mãos, como quem expõe uma evidência. "A imprevisibilidade."

"Que remete para o indeterminismo."

"Não", exclamou o matemático. "A imprevisibilidade não remete para o indeterminismo, mas para a indeterminabilidade. O comportamento da matéria continua a ser determinista. O que se passa é que a matéria organiza-se de tal maneira que não é possível prever o seu comportamento a longo prazo, embora ele já esteja determinado. Se quiseres, poderemos dizer que o comportamento dos sistemas caóticos é causal, mas parece casual."

"Hmm", murmurou Tomás. "Acha que, sendo isso válido para a meteorologia, pode também ser aplicado noutros campos?"

"Tomás, a Teoria do Caos está presente por todo o lado. Todo. Se calhar, no mundo quântico nós não conseguimos prever com toda a certeza o comportamento das micropartículas pela simples razão de que ele é caótico. Esse comportamento já está determinado, mas as flutuações das suas condições iniciais são de tal modo minúsculas que não nos é possível antecipar-lhe a evolução. É por isso que, para efeitos práticos, o mundo quântico nos parece indeterminista. Na verdade, as micropartículas têm um comportamento determinista, mas o fato é que não o conseguimos determinar. Acredito que isso se deve à influência da observação, conforme estabelecido inicialmente pelo Princípio da Incerteza, mas também à indeterminabilidade inerente aos sistemas caóticos."

"Está bem, mas isso só acontece com coisas minúsculas, como os átomos ou as moléculas..."

"Enganas-te", insistiu o pai. "O caos está em toda a parte, incluindo nos grandes objetos. O próprio sistema solar, que parece ter um comportamento previsível, é, na verdade, um sistema caótico. O que se passa é que nós não nos apercebemos disso porque observamos movimentos muito lentos. Mas o sistema solar é caótico. Uma

projeção feita por um computador calculou, por exemplo, que se a Terra começasse a orbitar o Sol a apenas cem metros de distância do local onde efetivamente começou, ao fim de cem milhões de anos afastar-se-ia quarenta milhões de quilômetros da rota original. Pequenas causas, grandes efeitos."

"Hmm."

"Até as nossas vidas são geridas pelo caos. Imagina, por exemplo, que te metes no carro e, antes de arrancares, percebes que a aba do teu casaco ficou presa na porta. O que fazes então? Abres a porta, ajeitas a aba, fechas a porta e arrancas. Perdeste cinco segundos nesse processo. Quando chegares à primeira esquina, aparece um camião que te abalroa. Resultado, ficas paraplégico a vida toda. Agora imagina que não prendeste a aba do casaco na porta. O que acontece? Arrancas imediatamente o carro e chegas à esquina cinco segundos antes, não é? Olhas para a direita, vês o caminhão a aproximar-se, esperas que ele passe e depois prossegues a tua viagem. É isto a Teoria do Caos. Por causa da aba do casaco presa na porta do carro, perdeste cinco segundos que te vão fazer a diferença o resto da vida." Fez um gesto resignado. "Pequenas causas, grandes efeitos."

"Tudo por causa de uma coisa tão pequena?"

"Sim. Mas atenção. Já estava determinado que tu irias prender a aba do casaco à porta do carro. É que vestiste mal o casaco de manhã. E vestiste-o mal porque acordaste maldisposto. E acordaste maldisposto porque dormiste pouco. E dormiste pouco porque te deitaste tarde. E deitaste-te tarde porque tinhas um trabalho para fazer para a faculdade. E tinhas esse trabalho para fazer por isto ou por aquilo. Tudo é causa de tudo e provoca consequências que se tornam causas de outras consequências, num eterno efeito dominó, em que tudo está determinado mas permanece indeterminável. O próprio motorista do camião podia ter travado a tempo, mas não o fez porque viu uma rapariga bonita a passar e olhou para o lado. E a rapariga passou ali naquele instante porque se atrasou. E ela atrasou-se por causa de um telefonema do namorado. E o namorado ligou-lhe por isto ou por aquilo. Tudo é causa e consequência."

Tomás passou a mão pelo cabelo, tentando ordenar as idéias.

"Espere aí", disse. "Vamos imaginar que é possível colocar todos os dados do universo num supercomputador. Nesse caso, conseguiríamos prever todo o passado e todo o futuro?"

"Sim, o Demónio de Laplace aplicar-se-ia. Todo o passado e o futuro já existem e se nós soubéssemos todas as leis e conseguíssemos definir com precisão, e em simultâneo, a velocidade, direção e posição de toda a matéria, conseguiríamos ver todo o passado e o futuro."

"Portanto, em teoria isso é possível..."

"Não, em teoria não é possível."

"Desculpe", retificou Tomás. "Em teoria é possível. Na prática é que não é."

O pai abanou a cabeça.

"Essa é mais uma sutileza do universo", disse. "Se nós conseguíssemos saber tudo sobre o estado presente do universo, conseguiríamos determinar o passado e o futuro, uma vez que já está

tudo determinado. Mas mesmo do ponto de vista teórico não é possível saber tudo sobre o estado presente do universo."

"Ah é? E por que não?"

"Por causa de outra sutileza inerente ao universo", respondeu o matemático. "O infinito."

Tomás esboçou uma careta.

"O infinito?"

"Sim. Nunca ouviste falar no Paradoxo de Zenão?"

"Uh... já."

"Descreve-o, se faz favor."

"O que é isto? Um exame?"

"Anda lá! Descreve-o, vá!"

O filho estreitou os olhos e fez um esforço de memória.

"Bem... uh... se bem me lembro, é aquela história da corrida entre uma tartaruga e uma lebre, não é? A tartaruga arranca primeiro, mas a lebre, que é muito mais rápida, depressa a ultrapassa. O problema é que, segundo Zenão, a lebre nunca poderá apanhar a tartaruga porque o espaço que as divide é infinitamente divisível. É isso, não é?"

"Sim", confirmou o pai. "O Paradoxo de Zenão ilustra o problema matemático do infinito. Para correr um metro, a lebre tem de correr metade dessa distância. E essa metade também é divisível por outra metade, e a outra metade por outra metade, e assim infinitamente."

"Mas o que quer o pai provar com isso?"

"O que quero provar é que o infinito é um problema inultrapassável para a questão da previsibilidade." Fez mais uma vez um gesto na direcção do céu. "Voltemos ao exemplo do estado do tempo. A previsão a longo prazo é impossibilitada por duas ordens de fatores. Uma é iminentemente prática. Mesmo que eu saiba quais são todos os factores que influem no estado do tempo, eu teria de os considerar a todos. A respiração de cada animal, o movimento de qualquer ser vivo, a actividade solar, uma erupção vulcânica, o fumo exalado por cada automóvel, cada chaminé, cada fábrica, tudo. Ora, eu tenho uma impossibilidade prática de levar em linha de conta todos estes fatores em simultâneo, não é?"

"Claro, isso não é possível."

"Mas a segunda ordem de factores está relacionada com o problema do infinito. Por exemplo, vamos imaginar que eu teria de medir a temperatura global num dado momento para poder fazer extrapolações. Suponhamos que, aqui em Coimbra, eu colocava o termómetro e media ao meio-dia... uh... sei lá, dá-me um valor."

"Vinte graus?"

O pai voltou a tirar a caneta do casaco e rabiscou uns algarismos no mesmo guardanapo de papel onde já escrevinhara o valor que levara Lorenz a descobrir os sistemas caóticos.

20º

"Muito bem, 20 graus", disse o matemático. "Mas a verdade é que esta medição está incompleta, não está? Eu só medi as unidades. Ora, nós sabemos que as pequenas alterações nas condições iniciais conduzem a grandes alterações nas

condições finais. Se assim é, saber qual a medição decimal, centesimal e milesimal é fundamental, não achas?"

"Bem, então acrescente lá."

Manuel juntou três algarismos.

20,793º

"Mas... e os valores seguintes? Não poderão também ser importantes? A Teoria do Caos diz que sim. Portanto, temos de pôr os valores seguintes, por muito minúsculos que sejam, uma vez que qualquer pequena alteração pode produzir efeitos gigantescos."

"Hmm."

O matemático acrescentou mais algarismos.

20,7936792740279342887 22º

"Mas mesmo isto não chega", afirmou. "É que o algarismo seguinte a todos estes também pode ser crucial." Sorriu. "O que eu quero dizer é que a medição teria de levar um número infinito de algarismos. Ora, isso não é possível, pois não? Portanto, por mais algarismos que ponhamos, nunca poderemos saber com exatidão a temperatura num determinado lugar e hora, uma vez que teríamos de fazer uma conta que envolvesse dados infinitesimais."

"Ah, entendi."

"Mas o problema é ainda mais complexo do que isto." Bateu na mesa. "É que a temperatura que se verifica aqui nesta mesa pode ser ligeiramente diferente da temperatura existente ali, a apenas um metro de distância." Apontou para o lado. "Logo, teríamos de medir todos os espaços de Coimbra. Mas isso não é possível, pois não? Tal como no Paradoxo de Zenão, é fácil constatar que cada metro é infinitamente divisível. Eu teria de medir a temperatura em todos os espaços existentes para poder saber quais as condições iniciais. Mas como a distância entre cada espaço, por mais pequena que seja, é sempre divisível pela metade, eu nunca conseguiria medir todo o espaço. E o mesmo se aplica no tempo. A diferença entre um segundo e outro é infinitamente divisível, não é? Ora, entre um instante e o outro pode haver sutis variações de temperatura que têm de ser medidas. Mas como a divisão entre o tempo é igualmente infinita, segundo o princípio enunciado pelo Paradoxo de Zenão, eu nunca conseguirei obter essa medição. Lembra-te, o raciocínio por detrás do Paradoxo de Zenão mostra-nos que existe tanto espaço num metro como no universo inteiro, existe tanto tempo num segundo como em toda a eternidade, e esta é uma propriedade misteriosa do universo."

"Estou a ver..."

Manuel pegou na chávena e engoliu todo o café que restava. Respirou fundo, distendeu-se na cadeira e fechou os olhos, gozando o calor prazenteiro irradiado pelo sol.

"Lembras-te de, no outro dia, eu te ter falado nos teoremas da Incompletude, de Gödel?"

"Sim."

"Vamos lá a ver se memorizaste a coisa", disse. "Em que consistem esses teoremas?"

Tomás sacudiu a cabeça, com enfado.

"Eh pá! Sei lá..."

O pai abriu um olho e fitou Tomás.

"Não te lembras?"

"Eu não!"

"Então não te lembras de eu dizer que os teoremas da Incompletude mostram que um sistema matemático não consegue provar todas as suas afirmações?"

"Ah, sim."

"Essa demonstração foi de grande importância, percebes?"

"Mas porquê? O que tem isso assim de tão extraordinário?"

"É muito simples", disse Manuel. "Os teoremas da Incompletude desvendaram uma nova característica misteriosa do universo. Através desses dois teoremas, o que o universo nos diz é o seguinte: há certas coisas que vocês, seres humanos, sabem que são verdadeiras, mas jamais poderão prová-lo devido à forma majestosa como eu, o universo, ocultei o último resto da verdade.

Vocês poderão conhecer grande parte da verdade, mas as coisas estão concebidas de tal modo que jamais conseguirão apreendê-la na íntegra. Entendes agora?"

"Sim."

O matemático abriu as mãos, no seu gesto característico sempre que acabava de provar algo.

"Voilà", exclamou. "O Princípio da Incerteza, os sistemas caóticos e os teoremas da Incompletude têm um significado profundo, ao revelarem-nos subtilezas incríveis do funcionamento do universo." Abarcou o céu com um gesto. "Todo o cosmos está assente na

matemática. As leis fundamentais do universo expressam-se em equações e fórmulas matemáticas, as leis da física são algoritmos para o processamento de informação e o segredo do universo encontra-se codificado em linguagem matemática. Tudo está ligado a tudo, até o que não parece ter ligação. Mas mesmo a linguagem matemática não consegue descodificar totalmente esse código. É essa a propriedade mais enigmática do universo: a forma como ele oculta a verdade final. Está tudo determinado, mas tudo é indeterminável. A matemática é a linguagem do universo, mas não temos maneira de o provar para além de qualquer dúvida. Quando vamos ao fundo das coisas, encontramos sempre um estranho véu que oculta as derradeiras facetas do enigma. O criador esconde aí a sua assinatura. As coisas estão concebidas com tal sutileza que não é possível desvendar por completo o seu segredo mais profundo."

"Hmm."

"Haverá sempre mistério no fundo do universo."

XXV

O anfiteatro formigava de estudantes. Procuravam-se lugares, assentavam-se livros, trocavam-se olhares. Todo aquele espaço no rés-do-chão do Departamento de Física regurgitava de nervosa atividade, bem vistas as coisas a aula prometia ser especial e a novidade atraíra alunos de toda a Universidade de Coimbra. Mas o que enchia de vida a grande sala era sobretudo aquele burburinho constante, uma espécie de contínuo marulhar das ondas sobre a praia deserta; a vozearia era entrecortada pelo crocitar ocasional de tosses, como se o rumor do mar fosse pontuado pelo grasnar melancólico das gaivotas.

Misturando-se por entre aquele enxame de estudantes, Tomás Noronha procurou a parte mais recuada do anfiteatro e instalou-se num dos lugares de trás. Havia muito tempo que não via uma sala de aulas daquela perspectiva, encarando os alunos pela nuca, não pela face; mas queria ser discreto e o fundo do anfiteatro revelou-se o lugar mais circunspecto que encontrou. Desconfortável com a diferença de idades em relação aos alunos que o rodeavam, afinal de contas os estudantes andavam na casa dos vinte e Tomás já ia nos quarenta e dois, chegou a interrogar-se se fizera bem em ali ir; mas logo concluiu que sim, aquela iria ser a primeira aula da cadeira do professor Siza que não era dada pelo próprio catedrático e, tal como os alunos de outros departamentos que também para ali convergiram, não queria perder o acontecimento.

Desde que o professor Siza desaparecera que a universidade suspendera as aulas de Astrofísica, mas a suspensão não podia ser eterna, sobretudo considerando a importância daquela cadeira no quadro do curso de Física; perante a demora em resolver-se a questão do paradeiro de Augusto Siza, logo se decidiu que, até nova ordem, seria o principal auxiliar do catedrático, o professor Luís Rocha, a assegurar a cadeira.

Tomás queria conhecer o professor Rocha. O pai dissera-lhe que o colaborador de Siza tinha ficado muito nervoso com o desaparecimento do seu mentor, o que, tudo considerado, parecia compreensível. Mas era conhecido que este pessoal das matemáticas e das físicas exibia por vezes comportamentos mundanos que se poderiam classificar de extravagantes, para utilizar uma expressão simpática, e Luís Rocha, segundo Tomás ouvira dizer, não constituía exceção. O pai contara-lhe que o auxiliar se tornara paranóico desde o desaparecimento do professor Siza; mantivera-se dias seguidos encerrado em casa e tiveram de ser os colegas a ir às compras para o abastecerem de alimentos e outros bens essenciais.

O comportamento paranóico encontrava-se, pelos vistos, já controlado, ao ponto de Luís Rocha aceitar leccionar a cadeira do seu mentor. Havia algo de catártico nisso, é certo; ao dar aquela aula, o professor auxiliar assumia-se como o herdeiro natural do mestre e, ao mesmo tempo, ajudava a exorcizar os demónios libertados por aquele desaparecimento tão súbito e inexplicado.

Para Tomás, a aula serviria sobretudo de introdução ao homem que queria conhecer. O historiador considerava importante falar com o colaborador do professor Siza; não é que Luís Rocha soubesse muita coisa sobre o desaparecimento do mestre, mas conheceria certamente pormenores relativos ao seu pensamento, às suas pesquisas, aos seus projetos, e esses detalhes poderiam fornecer pistas valiosas. Tomás balançou afirmativamente a cabeça. Fizera bem em vir assistir àquela aula inaugural.

Consultou o relógio. Já passavam catorze minutos das onze da manhã, a hora a que a aula supostamente começava. Pelos vistos estava ali em vigor o célebre "quarto de hora acadêmico", como era conhecido o tradicional atraso que se praticava no início das aulas em Coimbra. Contemplou o estrado deserto, onde se encontrava o quadro

branco limpo e a secretária vazia do professor, e voltou a balançar suavemente a cabeça para a frente e para trás. Sim, repetiu para si mesmo. Fizera bem em vir.

Convinha é que Luís Rocha também aparecesse.

Logo que o professor entrou, um silêncio absoluto abateu-se sobre o anfiteatro. Apenas o som dos seus passos tímidos ecoou entre aquelas paredes. O silêncio durou apenas alguns breves segundos e logo o burburinho recomeçou, mas agora sussurrado; de repente os alunos pareciam velhinhas encostadas à janela a comentar a chegada de uma nova vizinha, medindo-lhe o aspecto, lendo-lhe o rosto, procurando fraquezas para explorar.

Luís Rocha era um homem alto com aspecto de já ter sido magro, mas a barriga fora vencida talvez pela cerveja, talvez por grandes almoçaradas nos bons restaurantes da cidade. Escasseava-lhe cabelo no topo da testa e o que restava era prematuramente grisalho. Aparentava um ar manso, pachorrento até, mas Tomás suspeitava que isso era apenas o ar, por baixo de tal calmaria agitava-se decerto um temperamento volátil.

O professor manteve-se alguns instantes sentado na sua secretária, consultando as anotações, e depois levantou-se e encarou a turma. Olhou para um lado e para o outro, contraindo a cara num contagioso tique nervoso.

"Bom dia", saudou.

A turma respondeu com um "bom dia" desafinado.

"Como sabem... uh... estou aqui em substituição do professor Siza, que... que... enfim, que não pode estar presente", gaguejou. "Como esta é a primeira aula de Astrofísica neste semestre, pensei que, se calhar, era melhor fazer um apanhado geral sobre o essencial de dois pontos cruciais da matéria... uh... o... o Alfa e o Ômega. As equações e os cálculos ficarão para mais tarde. Parece-vos bem?"

Os estudantes responderam com um silêncio expectante. Apenas duas raparigas da fila da frente, preocupadas em não deixar o professor sem resposta, acenaram afirmativamente com a cabeça, encorajando-o a prosseguir.

"Bem... quem é que me sabe dizer o que são os pontos Alfa e Ômega?"

Luís Rocha era, além de inexperiente a dar aulas, teimoso, constatou Tomás. A turma mostrava-se passiva, talvez por respeito para com a figura ausente de Augusto Siza, talvez porque pressentia a inexperiência de Luís Rocha e queria testá-la até ao limite, mas a verdade é que o professor insistia em interpelar os alunos. Embora fosse a atitude pedagógica mais correcta, tal postura constituía sem dúvida, naquele contexto, um risco desnecessário.

Fosse como fosse, apenas o silêncio respondeu ao docente.

"Então?"

Mais silêncio.

A aula começava mal e tornava-se um tudo-nada confrangedora, mas Luís Rocha não baixou os braços e apontou para um aluno de barbas.

"O que é o ponto Alfa?"

O estudante estremeceu; até aí apreciara tranquilamente o espetáculo e não estava à espera de ser interpelado.

"Bem... uh... acho que... acho que é a primeira letra do alfabeto grego", exclamou, enchendo o peito de satisfação e sorrindo com a sua tirada.

"Como é que você se chama?"

"Nelson Carneiro."

"Nelson, esta não é uma cadeira de Línguas nem de História. Depois dessa resposta, eu diria que você está à beira de ser chumbado."

Nelson corou, mas o professor ignorou o rubor e virou-se para toda a classe.

"Ouçam bem", disse. "Comigo é premiado o aluno que colaborar na aula e se mostrar interventivo. Eu quero cabeças pensantes, mentes activas e inquisitivas, não quero esponjas passivas, entenderam?" Apontou de imediato para um aluno do outro lado, rapaz bem nutrido. "Em Astrofísica, o que é o ponto Alfa?"

"É o início do universo, professor", devolveu o gordinho muito depressa, escaldado com o que se passara momentos antes com Nelson.

"E o ponto Ômega?"

"É o fim do universo, professor."

Luís Rocha esfregou as mãos e Tomás, olhando-o do fundo do anfiteatro, não pôde deixar de pensar que se enganara; afinal, o professor não era inexperiente. Com umas frases apenas, ao ameaçar um aluno de reprovação e encorajando os outros a serem mais interventivos, pusera toda a turma em sentido.

"O Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o nascimento e a morte do universo", enunciou. "Eis os temas da nossa conversa de hoje." Deu dois passos para o lado. "Pergunto-vos eu: por que razão o universo tem de ter um princípio e um fim? Qual o problema de o universo ser eterno? Poderá ele ser eterno?"

A turma manteve-se em silêncio, ainda a digerir os novos métodos.

"Você aí, qual a resposta?"

Apontou para uma aluna de óculos, que logo ficou muito corada ao ver-se interpelada.

"Bem, professor... uh... eu não... não sei."

"Não sabe você, nem sabe ninguém", rematou o professor. "Mas essa é uma hipótese a considerar, não é? Um universo de duração infinita, sem princípio nem fim, um universo que sempre existiu e sempre existirá. Agora pergunto-vos, como é que vocês acham que a Igreja reage a este conceito?"

Os alunos fizeram um ar incrédulo, alguns pareciam mesmo duvidar que tinham escutado o que o professor perguntara.

"A Igreja?", admirou-se um deles. "O que tem a Igreja a ver com isto, professor?"

"Tudo e nada", retorquiu Luís Rocha. "A questão do princípio e do fim do universo não é uma questão exclusivamente científica, é um problema também teológico. Sendo uma questão essencial, ela bordeja já as fronteiras da física, ao ponto de quase entrar, ou entrar mesmo, na metafísica. Houve ou não houve Criação?" Deixou a pergunta pairar um instante no anfiteatro. "Baseada no que está escrito na Bíblia, a Igreja sempre preconizou um princípio e um fim, um Gênesis e um Apocalipse, um Alfa e um Omega. Mas a ciência começou, a certa altura, a aparecer com uma resposta diferente. Na sequência das descobertas de Copérnico, Galileu e Newton, os cientistas passaram a achar que a hipótese de um universo eterno era a mais provável. É que, por um lado, o problema da Criação remete para o problema do Criador, pelo que, eliminando-se a Criação, elimina-se a necessidade de um criador. Por outro, a observação do universo parece indiciar um mecanismo constante e estável, mais consonante com a ideia de que esse mecanismo sempre existiu e sempre existirá.

Portanto, o problema está resolvido, não acham?" Aguardou um momento, à espera de resposta, mas como ninguém interveio o professor voltou para a secretária, pegou nos apontamentos e dirigiu-se para a saída. "Bem, uma vez que vocês acham que a questão está encerrada, não há motivo para continuarmos a aula, pois não? Se o universo é eterno, não há os problemas do Alfa e do Ômega. Como esta aula era dedicada a esses dois problemas, e eles já estão resolvidos, só me resta despedir-me, não é?" Acenou. "Então até para a semana."

Os alunos olharam-no, embasbacados.

"Adeus", repetiu o professor.

"Mas o professor já se vai embora?", quis saber uma estudante, desconcertada.

"Sim", retorquiu ele, ainda pregado à porta. "Pois vocês parecem satisfeitos com a resposta do universo eterno..."

"E é possível demonstrar o contrário?"

"Ah!", exclamou Luís Rocha, como se finalmente tivesse ouvido um argumento válido para continuar a aula. "Ora aí está uma possibilidade interessante." Deu meia-volta e regressou à secretária, despejando aí os apontamentos de novo. "Afinal a aula não acabou. Há ainda um pequeno pormenor a resolver. Será possível demonstrar que o universo não é eterno? Na verdade, esta pergunta remete para um problema crucial: o fato de as observações contradizerem a teoria." Esfregou as mãos. "Alguém aqui sabe que contradições são essas?"

Ninguém sabia.

"Bom, a primeira contradição surge na Bíblia, embora isso não tenha grande relevância no quadro da física, claro. Mas é uma curiosidade que tem graça explorar. Segundo relata o Antigo Testamento, Deus criou o universo numa explosão primordial de luz. Embora esta permanecesse a explicação padrão para as religiões judaica, cristã e muçulmana, a verdade é que ela veio a ser questionada fortemente pela ciência. Afinal de contas, a Bíblia não é um texto científico, pois não? A tese do universo eterno tornou-se assim, como vos disse, a explicação mais aceite, pelos motivos que já vos indiquei." Fez um gesto dramático com a mão. "Porém, no século XIX foi feita uma descoberta de grande importância, uma das maiores descobertas jamais efetuadas pela ciência, uma revelação que veio pôr em causa a ideia do universo com idade infinita." Passou os olhos pela turma. "Alguém sabe que descoberta foi essa?"

Todos permaneceram calados.

O professor pegou num marcador negro e rabiscou uma equação no quadro.

"Quem sabe o que é isto?"

Os alunos fixaram os olhos no quadro.

"Isso não é a segunda lei da termodinâmica?", perguntou um deles, um rapaz magro de óculos e despenteado, habitualmente dos mais brilhantes alunos do curso.

"Nem mais", exclamou Luís Rocha. "A segunda lei da termodinâmica." Apontou para cada um dos elementos da equação rabiscada no quadro. "O triângulo significa variação, o S quer dizer entropia, o > representa, como vocês sabem, o conceito de maior, e o 0 é o zero. Ou seja, o que esta equação nos vem dizer é que a variação da entropia do universo é sempre maior do que zero." Bateu no quadro com a ponta do marcador. "A segunda lei da termodinâmica." Apontou para o aluno que falara anteriormente. "Quem a formulou?"

"Clausius, professor. Em 1861, creio eu."

"Rudolf Julius Emmanuel Clausius", entoou o professor, claramente embalado na matéria. "Clausius já tinha formulado a lei da conservação da energia, afirmando que a energia do universo é uma eterna constante, nunca pode ser criada nem destruída, apenas transformada. Depois decidiu propor o conceito de entropia, que abarca todas as formas de energia e a temperatura, acreditando que ela também seria uma eterna constante. Se o universo era eterno, a energia teria de ser eterna e a entropia também. Mas quando começou a fazer medições, descobriu, chocado, que as fugas de calor de uma máquina excediam sempre a transformação do calor em trabalho, provocando ineficiências. Recusando-se a aceitar esse resultado, pôs-se a medir também a natureza, incluindo o ser humano, e concluiu que o fenómeno persistia em toda a parte. Depois de muito tentar, teve de se render à evidência. A entropia não era uma constante, antes estava sempre a aumentar. Sempre. Nasceu assim a segunda lei da termodinâmica. Clausius detectou a existência desta lei no comportamento térmico, mas o conceito de entropia rapidamente se generalizou a todos os fenômenos naturais. Percebeu-se que a entropia existia em todo o universo." Fitou os alunos. "Qual é a consequência desta descoberta?"

"As coisas envelhecem", disse o estudante de óculos.

"As coisas envelhecem", confirmou o professor. "A segunda lei da termodinâmica veio provar três coisas." Ergueu três dedos. "A primeira é que, se as coisas envelhecem, então haverá um ponto no tempo em que vão morrer. Isso acontecerá quando a entropia atingir o seu ponto máximo, no momento em que a temperatura se espalhar uniformemente pelo universo." Dois dedos. "A segunda é que existe uma flecha do tempo. Ou seja, o universo pode estar determinado e toda a sua história já existir, mas a sua evolução é sempre do passado para o futuro. Esta lei implica que tudo evolui com o tempo." Um dedo. "A terceira coisa que a segunda lei da termodinâmica veio provar é que, se está tudo a envelhecer, é porque houve um momento em que tudo era novo. Mais ainda, houve um momento em que a entropia era mínima. O momento do nascimento." Fez uma pausa dramática. "Clausius mostrou que houve um nascimento do universo."

"O professor está a dizer que já no século XIX se sabia que o universo não era eterno?"

"Sim. Quando a segunda lei da termodinâmica foi formulada e demonstrada, os cientistas logo perceberam que a ideia de um universo eterno era incompatível com a existência de processos físicos irreversíveis. O universo está a evoluir para um estado de equilíbrio termodinâmico, em que deixa de haver zonas frias e zonas quentes, antes uma temperatura constante em toda a parte, o que implica entropia total, ou máxima desordem. Ou seja, o universo parte de total ordem para acabar em total desordem. E esta descoberta foi acompanhada pelo aparecimento de outros indícios. Alguém conhece o Paradoxo de Olbers?"

Ninguém conhecia.

"O Paradoxo de Olbers está relacionado com a escuridão do céu. Se o universo é infinito e eterno, então não pode haver escuridão à noite, uma vez que o céu estaria obrigatoriamente inundado de luz proveniente de um número infinito de estrelas, não é? Mas a escuridão existe, o que é um paradoxo. Este paradoxo só se resolve se se atribuir uma idade ao universo, dado que assim se pode postular que a Terra só recebe a luz que teve tempo de viajar até ela desde o nascimento do universo. Essa é a única explicação para o facto de existir escuridão à noite."

"Portanto, houve mesmo um ponto Alfa, não é?", perguntou um aluno.

"Exato. Mas havia ainda um outro problema para resolver, relacionado com a gravidade. Os cientistas presumiam que o universo, sendo eterno, era também estático, e foi nesse pressuposto que assentou toda a física de Newton. O próprio Newton, porém, apercebeu-se de que a sua lei da gravidade, que estabelece que toda a matéria atrai matéria, tinha como consequência última que todo o universo estaria amalgamado numa grande massa. A matéria atrai a matéria. E, no entanto, olhando para o céu, percebe-se que não é isso o que se passa, pois não? A matéria está distribuída. Como explicar este fenômeno?"

"Não foi Newton que recorreu ao infinito?"

"Sim, Newton disse que era o fato de o universo ser infinito que impedia que a matéria se amalgamasse toda. Mas a verdadeira resposta foi dada por Hubble."

"O telescópio ou o astrônomo?"

"O astrônomo, claro. Na década de 1920, Edwin Hubble confirmou a existência de galáxias para além da Via Láctea, e, quando se pôs a medir o espectro da luz que elas emitiam, percebeu que se estavam todas a afastar de nós. Mais ainda, ele verificou que quanto mais longe se encontrava uma galáxia, mais depressa ela se afastava. Foi assim que se percebeu a verdadeira razão pela qual, em obediência à lei da gravidade, toda a matéria do universo não estava amalgamada numa única e enorme massa. É que o universo está em expansão." O professor estacou no centro do estrado, mirando a classe. "Pergunto-vos eu: qual a relevância desta descoberta para o problema do ponto Alfa?"

"É simples", disse o estudante de óculos, agitando-se no seu lugar. "Se toda a matéria do universo se está a afastar uma da outra, é porque no passado esteve junta."

"Nem mais. A descoberta do universo em expansão implica que houve um momento inicial em que tudo se encontrava junto e foi projetado em todas as direções. Aliás, os cientistas perceberam que isso batia certo com a Teoria da Relatividade Geral, que permitia o conceito de um universo dinâmico. Ora, com base em todas estas descobertas, houve um padre belga, chamado Georges Lemaitre, que, na década de 1920, propôs uma nova idéia."

Voltou-se para o quadro e rabiscou duas palavras inglesas.

Big Bang

"O Big Bang. A grande explosão." Voltou a encarar os alunos. "Lemaítre sugeriu que o universo nasceu de uma brutal explosão inicial. A ideia era extraordinária e resolvia de uma assentada todos os problemas existentes com o conceito de um universo eterno e estático. O Big Bang estava em consonância com a segunda lei da termodinâmica, solucionava o Paradoxo de Olbers, explicava a atual configuração do universo perante as exigências da lei da gravidade de Newton e batia certo com as teorias da Relatividade de Einstein. O universo começou com uma grande explosão súbita... embora talvez a expressão mais adequada não seja explosão, mas expansão."

"E antes dessa... uh... expansão o que havia, professor?", perguntou uma aluna de aspecto prendado. "Apenas o vácuo?"

"Não houve antes. O universo começou com o Big Bang."

A estudante fez um ar atrapalhado.

"Sim, mas... uh... o que havia antes da expansão? Tinha de haver alguma coisa, não?"

"É isso o que eu lhe estou a dizer", insistiu Luís Rocha. "Não houve antes. Não estamos a falar aqui de um espaço que existia vazio e que começou a ser preenchido. O Big Bang implica que não havia espaço sequer. O espaço nasceu com a grande expansão súbita, está a entender? Ora, as teorias da Relatividade estabelecem que espaço e tempo são duas faces da mesma moeda, não é? Assim sendo, a conclusão é lógica. Se o espaço nasceu com o Big Bang, o tempo também nasceu com esse acontecimento primordial. Não havia antes porque não existia o tempo. O tempo começou com o espaço, que começou com o Big Bang. Perguntar o que havia antes de haver o tempo é o mesmo que perguntar o que existe a norte do pólo Norte. Não faz sentido, entendeu?"

A aluna abriu muito os olhos e assentiu com a cabeça, mas era evidente que a ideia lhe parecia bizarra.

"Este problema do momento inicial é, aliás, o mais complexo de toda a teoria", salientou o professor, percebendo a estranheza do que tentava explicar. "Chamam-lhe uma singularidade. Pensa-se que todo o universo se encontrava comprimido num ponto infinitamente pequeno de energia e que, de repente, houve uma erupção, na qual se criou a matéria, o espaço, o tempo e as leis do universo."

"Mas o que provocou essa erupção?", perguntou o aluno de óculos, muito atento aos pormenores.

O rosto de Luís Rocha contraiu-se num novo tique nervoso. Este era o ponto mais delicado de toda a teoria, aquele em que havia mais dificuldades em explicar as coisas; não só porque as explicações eram contra-intuitivas, mas também porque os próprios cientistas se mostram ainda perplexos perante este problema.

"Bem, este é o ponto onde o mecanismo causal não se aplica", argumentou.

"Não se aplica, como?", insistiu o aluno. "O professor está a insinuar que não houve causa?"

"Mais ou menos. Reparem, eu sei que tudo isto parece esquisito, mas é importante que sigam o meu raciocínio. Todos os acontecimentos têm causas e os seus efeitos tornam-se causas dos acontecimentos seguintes. Certo?" Algumas cabeças assentiram, essa era uma evidência da física. "Ora bem, o processo causa-efeito-causa implica uma cronologia, não é? Primeiro vem a causa, depois produz-se o efeito." Ergueu a mão, tentando enfatizar o que ia dizer a seguir. "Agora reparem: se o tempo ainda não existia naquele ponto infinitamente pequeno, como podia um acontecimento gerar outro? Não havia antes nem depois. Logo, não havia causas nem efeitos, porque nenhum acontecimento podia preceder o outro."

"O professor não acha que essa é uma explicação um pouco insatisfatória?", perguntou o aluno de óculos.

"Eu não acho, nem deixo de achar. Estou apenas a tentar explicar-vos o Big Bang com os dados que temos hoje. A verdade é que, tirando o problema da singularidade inicial, esta teoria resolve de fato os paradoxos suscitados pela hipótese do universo eterno. Mas houve cientistas que, tal como alguns de vós, se sentiram insatisfeitos com o Big Bang e procuraram uma explicação alternativa. A hipótese mais interessante que apareceu foi a da teoria do universo em estado permanente, baseada na idéia de que a matéria de baixa entropia está constantemente a ser criada. Em vez de a matéria surgir toda numa grande expansão inicial, ela vai aparecendo gradualmente, em pequenas erupções ao longo do tempo, compensando a parte da matéria que morre ao atingir a máxima entropia. Assim sendo, o universo pode ser

eterno. Esta possibilidade foi encarada seriamente pela ciência, ao ponto de, durante muito tempo, a teoria do universo em estado permanente ter sido sempre apresentada em pé de igualdade com a teoria do Big Bang."

"E por que motivo já não estão as duas em pé de igualdade?"

"Por causa de uma previsão da teoria do Big Bang. A haver uma grande expansão inicial, os cientistas perceberam que teria de existir uma radiação cósmica de fundo, uma espécie de eco dessa erupção primordial do universo. A existência desse eco foi prevista em 1948 e preconizava que teria uma temperatura por volta dos cinco graus Kelvin, ou seja, cinco graus acima do zero absoluto. Mas onde diabo estava o eco?" Encolheu o pescoço, arregalou os olhos e abriu os braços, numa expressão interrogativa. "Por mais que se procurasse, nada se encontrava. Até que, em 1965, dois astrofísicos americanos estavam a levar a cabo trabalho experimental numa grande antena de

comunicações de New Jersey quando depararam com um irritante barulho de fundo, uma espécie de assobio provocado por vapor. O barulho era enervante e parecia vir de toda a parte do céu. Por mais que virassem a antena para um lado ou para outro, na direção de uma estrela ou de uma galáxia, de um espaço vazio ou de uma nebulosa distante, o som persistia. Andaram um ano a tentar eliminá-lo. Verificaram cabos elétricos, procuraram uma qualquer fonte que estivesse na origem da avaria, fizeram tudo, mas não havia meio de localizarem o problema que provocava aquele ruído insuportável. Em desespero de causa, decidiram ligar aos cientistas da Universidade de Princeton, a quem relataram o que estava a acontecer e pediram uma explicação. E a explicação veio. Era o eco do Big Bang."

"Como assim, o eco?", admirou-se o estudante de óculos. "Que eu saiba, no espaço não há som..."

"O eco é uma força de expressão, claro. O que eles estavam a captar era a luz mais antiga que chegou até nós, uma luz que o tempo tinha transformado em microondas. Chama-se a isso radiação cósmica de fundo e as medições térmicas revelaram que ela se encontra nos três graus Kelvin, muito próximo da previsão feita em 1948." Fez um gesto rápido com a mão. "Oiçam, nunca vos aconteceu ligarem um televisor numa frequência em que não há emissão? O que vêem vocês? Hã?"

"Estática, professor."

"Barulho. Vemos aqueles pontinhos todos a pulularem no ecrã e um ruído enervante, assim crrrrrrrrrrrr, não é? Pois ficam a saber que um por cento desse efeito é proveniente deste eco." Sorriu. "Portanto, se um dia estiverem a ver televisão e nada vos interessar, sugiro-vos que

sintonizem um canal sem programação e fiquem a ver o nascimento do universo. Não há melhor reality show que esse."

"E essa erupção inicial, professor, é possível demonstrá-la matematicamente ?"

"Sim. Aliás, Penrose e Hawking provaram uma série de teoremas que mostraram que o Big Bang é inevitável, desde que a gravidade consiga ser uma força de atração nas condições extremas em que se formou o universo." Fez sinal na direcção do quadro. "Numa das próximas aulas vamos ver esses teoremas."

"Mas, ó professor, explique lá um pouco melhor o que aconteceu logo a seguir ao Big Bang. Formaram-se as estrelas, é?"

"Tudo aconteceu algures entre há dez e vinte mil milhões de anos, provavelmente há quinze mil milhões de anos. A energia estava concentrada num ponto e expandiu-se numa monumental erupção."

Voltou-se para o quadro e escreveu a famosa equação de Einstein.

$$E = mc2$$

"Como, segundo esta equação, a energia equivale a massa, o que se passou foi que a matéria emergiu da transformação da energia. No primeiro instante apareceu o espaço e logo se expandiu. Ora, como o espaço está ligado ao tempo, o aparecimento do espaço implicou automaticamente o aparecimento do tempo, que também se expandiu. Nesse primeiro instante nasceu uma superforça e apareceram todas as leis. A temperatura era imensa, umas dezenas de milhares de milhões de graus. A superforça começou a separar-se em forças diferentes. Iniciaram-se as primeiras reações nucleares, que criaram os núcleos dos elementos mais leves, como o hidrogênio e o hélio, e ainda vestígios de lítio. Em três minutos foi produzida noventa e oito por cento da matéria que existe ou alguma vez existirá."

"Os átomos que fazem parte do nosso corpo remontam a esse momento?"

"Sim. Noventa e oito por cento da matéria que existe foi formada a partir da erupção de energia do Big Bang. Isso significa que quase todos os átomos que se encontram no nosso corpo já passaram por diversas estrelas e já ocuparam milhares de organismos diferentes até chegarem a nós. E temos tantos e tantos átomos que se calcula que cada um de nós possui pelo menos um milhão que já pertenceu a qualquer pessoa que viveu há muito tempo." Ergueu o sobrolho. "Isto significa, meus caros, que cada um de nós tem muitos átomos que já estiveram nos corpos de Abraão, Moisés, Jesus Cristo, Buda ou Maomé."

Fez-se um burburinho na sala.

"Mas regressemos então ao Big Bang", disse Luís Rocha, fazendo sobrepor a sua voz à do rumor espantado que se ergueu pela turma. "Depois da erupção inicial, o universo começou a organizar-se automaticamente em estruturas, obedecendo às leis criadas nos primeiros instantes. Com o tempo, as temperaturas baixaram até atingirem um ponto crítico em que a superforça se desintegrou em quatro forças: primeiro a força da gravidade, depois a força forte, finalmente separaram-se a força electromagnética e a força fraca. A força da gravidade organizou a matéria em grupos localizados. Ao fim de duzentos milhões de anos, acenderam-se as primeiras estrelas. Nasceram os sistemas planetários, as galáxias e os grupos de galáxias. Os planetas eram inicialmente pequenos corpos incandescentes que orbitavam as estrelas, como se fossem estrelas pequenas. Esses corpos arrefeceram ao ponto de solidificarem, como aconteceu com a Terra." Abriu os braços e sorriu. "E aqui estamos nós."

"O professor disse há pouco que os planetas pareciam pequenas estrelas que acabaram por solidificar. Isso quer dizer que o Sol também vai solidificar?"

Luís Rocha esboçou uma careta.

"Eh pá! Não me estraguem a manhã a pensar nisso!"

A turma riu-se.

"Mas isso vai acontecer?", insistiu a aluna.

"É sempre simpático falar no nascimento, já viram? Quem não gosta de ver crianças a nascer?" Sacudiu a mão. "Mas, agora, falar na morte... hmm, isso é outra coisa. E, no entanto, a resposta à sua pergunta é afirmativa. Sim, o Sol vai morrer. Aliás, primeiro vai morrer a Terra, depois morrerá o Sol, depois morrerá a galáxia, por

último morrerá o universo. É essa a consequência inevitável da segunda lei da termodinâmica. O universo caminha para a entropia total." Fez um gesto teatral. "Tudo o que nasce, morre. O que nos remete directamente do ponto Alfa para o ponto Ômega."

"O fim do universo."

"Sim, o fim do universo." O professor esticou dois dedos e exibiu-os à turma. "Tudo indica que existem duas possibilidades diante de nós."

Voltou-se para o quadro e rabiscou uma frase em inglês.

1. Big Freeze

"A primeira é o chamado Big Freeze, ou grande gelo. Trata-se da consequência última da segunda lei da termodinâmica e da expansão eterna do universo. Com o aumento da entropia, as luzes vão-se apagando gradualmente até haver uma temperatura uniforme em todo o lado, transformando o universo num imenso e gelado cemitério galáctico."

"Isso não é já amanhã, pois não?", gracejou um estudante.

Risos na classe.

"Calcula-se que será daqui a uns cem mil milhões de anos, no mínimo." Fez uma careta com o seu tique nervoso. "Eu sei que é um valor tão grande que não vos diz nada, por isso é melhor eu apresentar as coisas de uma maneira mais compreensível. Imaginem que o universo é um homem que morrerá aos cento e vinte anos. Então, o que vos posso dizer é que o Sol apareceu aos dez anos de vida e nós estamos nos quinze anos de vida. Isto significa que ainda existem cento e cinco anos de vida pela frente. Não é mau, pois não?"

A turma assentiu e Luís Rocha voltou-se de novo para o quadro.

"Bem, vamos agora à segunda possibilidade do ponto Ômega."

Escreveu com o marcador negro mais uma frase na superfície lisa do quadro.

2. Big Crunch

"A segunda possibilidade é a do Big Crunch, ou o grande esmagamento", anunciou, encarando novamente a turma. "A expansão do universo abranda e chegará a um momento em que irá parar, começando depois a encolher." Fez um movimento largo com as mãos, como se tivesse entre elas um balão gigante a crescer, a parar e a encolher. "Devido à força da gravidade, o espaço, o tempo e a matéria começarão a convergir entre si até se esmagarem num ponto infinito de energia." As palmas das mãos juntaram-se. " O Big Crunch é, se quiserem, o Big Bang ao contrário."

"Como um balão que incha e desincha?"

"Exato. No entanto, a contração não se deve a um desinchar, antes aos efeitos da gravidade." Luís Rocha pôs a mão no bolso e tirou uma moeda. "Como esta moeda, estão a ver?" Atirou a moeda ao ar, a moeda subiu um metro nas alturas e caiu de novo na sua mão. "Viram? A moeda subiu, parou a ascensão e desceu, voltando ao ponto inicial. Primeiro venceu a gravidade, depois foi vencida pela gravidade."

Um outro aluno ergueu o dedo e o professor fez-lhe sinal com a cabeça para falar.

"Professor, qual dessas duas possibilidades de morte do universo é a mais forte?"

Luís Rocha bateu com o marcador no primeiro ponto.

"Os astrofísicos inclinam-se para o Big Freeze."

"Porquê?"

"Por dois motivos, ambos resultantes das observações astronômicas. Em primeiro lugar, porque o Big Crunch requer que haja muito mais matéria no universo do que a que nós vemos. A matéria encontrada é insuficiente para, através da gravidade, provocar a contracção do universo. Para resolver este problema, avançou-se com a hipótese de existir matéria negra, ou seja, uma matéria que permanece invisível aos nossos olhos, devido à sua fraca interação. Essa matéria negra constituiria noventa por cento ou mais da matéria existente no universo. O problema é que é difícil encontrar a tal matéria negra. Além disso, se ela existir, será que se encontra disponível em quantidade suficiente para travar a expansão?" Encolheu os ombros. "Em segundo lugar, o Big Freeze parece mais provável por causa de novas observações justamente sobre a expansão do universo. Em 1998 descobriu-se que a velocidade a que as galáxias se afastam está a aumentar. Repito, está a aumentar. Isso acontece provavelmente devido a uma nova força que até aqui se desconhecia, a que se designou força escura, já prevista por Einstein e que combate a força de gravidade. Ora, o Big Crunch requer que a velocidade de expansão diminua até parar e começar a contracção, não é? Mas se a velocidade de expansão está a aumentar, a conclusão que se tira só pode ser uma." Passou os olhos pela turma. "Alguém me sabe dizer qual é essa conclusão?"

O aluno de óculos ergueu o dedo.

"O universo caminha para o Big Freeze."

O professor abriu as mãos e sorriu.

"Bingo."

XXVI

Os estudantes convergiram para a porta e abandonavam o anfiteatro em catadupa, comprimidos como uma agitada corrente a escoar-se por uma estreita garganta, quando Tomás se encaminhou para o fundo do anfiteatro e ficou a aguardar, parecia uma sentinela de plantão àquele caudal tumultuoso. Luís Rocha arrumava os apontamentos enquanto respondia a perguntas de três alunos, um processo que se prolongou por alguns minutos, a ponto de o professor de Astrofísica sair da sala e meter-se pelo corredor sempre com um estudante ao lado. Tomás seguiu-o e, logo que o último aluno se afastou, apressou o passo e interpelou o colega.

“Professor Rocha?"

Luís girou a cabeça e encarou-o. Pela expressão do olhar dava a impressão de que confundia o desconhecido com mais um dos seus alunos.

"Sim?"

Tomás esticou a mão.

"Bom dia. Sou Tomás Noronha, professor de História na Universidade Nova de Lisboa e filho do professor Manuel Noronha, que lecciona Matemática aqui em Coimbra."

Luís Rocha ergueu as sobrancelhas, como se o reconhecesse.

"Ah! O professor Manuel Noronha! Conheço muito bem, muito bem." Apertou a mão que lhe era estendida. "Como está o seu pai?"

"Não muito bem, infelizmente. Arranjou agora um problema chato, sabe? Uma coisa de saúde. Vamos lá a ver o que isto vai dar."

O professor de Astrofísica balançou a cabeça afirmativamente, com ar constrangido.

"Pois, isto é mesmo uma chatice", desabafou. "Parece que alguém deitou um mau-olhado qualquer sobre a Universidade de Coimbra, já reparou? Primeiro foi o desaparecimento do professor Siza, com quem eu trabalhava. Quase logo a seguir foi a notícia de que o seu pai já não iria leccionar mais por causa do... uh... da doença que... que apanhou." Fez um gesto impotente com as mãos. "Já viu isto? A universidade perdeu, quase de uma assentada, dois dos seus melhores cérebros! Isto é... não sei como dizê-lo, é... é um desastre."

"Sim, realmente é... enfim... é um problema."

"Um desastre", repetiu Luís.

Saíram à rua e o professor de física mostrou-se desorientado, olhando para todos os lados. Deu meia-volta e analisou o grande edifício rectangular de onde tinham emergido, o Departamento de Física. Parecia um hospital, mas exibia enormes estátuas de pedra nas esquinas e a parede exterior apresentava-se preenchida por um gigantesco retrato de Einstein a andar de bicicleta.

"Desculpe", balbuciou o físico. "Que disparate! Estou distraído."

Reentraram no edifício e subiram umas escadas, em direcção aos gabinetes dos professores. Caminhando ao lado de Luís Rocha, Tomás esforçou-se por completar o ritual da comiseração em torno da desgraça que parecia ter-se abatido sobre a Universidade de Coimbra, conversa que evoluiu para as habituais apreciações sobre o estado do ensino no país.

Já no pequeno e desarrumado gabinete do seu colega, Tomás aproveitou uma pausa em todas aquelas considerações para ir directamente ao tema que ali o trouxera.

"Ouça, professor, eu estou aqui por causa de um assunto delicado."

"Tem a ver com o seu pai?"

"Não, não." Apontou para o seu interlocutor. "Tem a ver com o seu mestre."

Luís Rocha fez um ar admirado.

"O meu mestre?"

"Sim. O professor Siza."

"Mais do que um mestre, ele foi... ele foi um segundo pai para mim." A voz quase se lhe embargou e baixou os olhos. "Ainda me custa a acreditar que ele tenha desaparecido, assim sem mais nem menos."

"É justamente sobre o seu desaparecimento que eu lhe queria falar."

"O que quer saber?"

"Tudo o que me possa ajudar a localizá-lo."

O físico mirou-o com estranheza.

"O senhor está a tentar localizá-lo?"

"Sim, fui contactado no sentido de colaborar nas investigações."

"A Judiciária foi falar consigo, é?"

"Bem... uh... não foi exatamente a Judiciária."

"Foi a PSP?"

"Também não."

Luís Rocha esboçou uma expressão confusa.

"Então quem?"

"Bem... uh... foi... foi uma polícia internacional."

"A Interpol?"

"Sim", mentiu Tomás. O espírito inquiridor do seu interlocutor obrigava-o a arranjar uma resposta. Como estava fora de questão mencionar a CIA, a Interpol faria bem esse papel. "Eles pediram-me para os ajudar nas investigações."

"Porquê a Interpol?"

"Porque o desaparecimento do professor Siza parece estar ligado a interesses internacionais."

"Ah, sim? Que interesses são esses?"

"Receio não ter liberdade para revelar o que sei sobre o assunto. Como deve compreender, isso poderia comprometer as investigações."

Luís Rocha coçou o queixo, pensativo.

"Mas você disse-me que é um professor de História, não disse?"

"Sim, sou."

"Então por que razão a Interpol solicitou os seus serviços?"

"Eles vieram falar comigo porque sou criptanalista e foram descobertas algumas cifras que poderão levar ao professor Siza."

"Ah, é?" Luís mostrava-se profundamente interessado nestas revelações. "Que cifras são essas?"

"Não lhe posso dizer", retorquiu Tomás. O historiador não se sentia confortável por se ver a mentir de forma tão descarada e decidiu desviar a conversa e ir diretamente ao assunto que lhe interessava. "Ouça, pode ajudar-me ou não?"

"Claro que posso", exclamou o físico. "O que quer saber?"

"Quero saber quais as investigações que o professor Siza estava a fazer."

Luís Rocha endireitou-se, contemplou o casario para além da janela do gabinete e respirou fundo. Sentou-se diante da sua secretária, colocou os apontamentos numa pasta e guardou-a numa gaveta. Depois encostou-se para trás e fitou Tomás.

"Você não está com fome?"

O belo restaurante do Hotel Astória encontrava-se quase deserto, talvez por ser ainda cedo. A luz do dia jorrava, intensa e quente, pelas largas janelas, dando um toque alegre ao ambiente lânguido do salão, cujo soalho de madeira, gasto por tantas noites de jantares dançantes nos idos anos 1930, claramente implorava agora por arranjo. O Mondego escorregava para além do renque de tileiras e da movimentada rua em frente, sereno e preguiçoso, e a cidade agitava-se ao ritmo lento de quem vive a uns meros dois passos da província.

Dentro do hotel respirava-se uma atmosfera antiga, o que não era de admirar; a arquitetura rosada de estilo Belle Époque impregnava aquele local de um ambiente próprio, fazendo Tomás sentir-se transportado no tempo, recuando oitenta anos para o início do século XX. Isso era, aliás, algo que o deixava imensamente confortável; como historiador tinha absoluta necessidade de inalar os odores antigos, de sentir a história envolvê-lo no seu manto empoeirado, de mergulhar nas verdadeiras cápsulas do tempo que eram os edifícios com um passado.

Pediram um magret de pato com mel e laranja para o almoço. Talvez fosse mais adequada uma chanfana, achou Tomás, afinal de contas estavam em Coimbra, mas esse era um prato talvez demasiado pesado.

"Então diga lá", exclamou o historiador, uma vez concluída a conversa de circunstância. "O que estava afinal o professor Siza a investigar?"

Luís Rocha pegou numa fatia de pão e barrou-a com um patê de pato de aspecto delicioso.

"Meu caro professor Noronha", disse, trincando a fatia. "Estou certo de que leu o Prefácio à segunda edição da Crítica da Razão Pura, de Kant. Leu, não leu?"

Tomás arregalou os olhos.

"O... o Prefácio da terceira edição da Crítica da..."

"Segunda edição", corrigiu Luís. "O Prefácio da segunda edição."

"Bem... não posso dizer que... que tenha lido?", engasgou-se. "Quer dizer, já li a Crítica da Razão Pura, claro, mas confesso que... que o Prefácio dessa... enfim, dessa edição, confesso que não me lembro de... de ter lido."

"Sabe qual é a importância desse Prefácio?"

"Não faço a mínima idéia."

O físico barrou uma segunda fatia de pão com muito patê. Tomás olhou-o e não resistiu a pensar que o seu interlocutor parecia ser um lambão muito guloso, o que explicava a generosa curva que ele exibia no abdomen.

"Foi no Prefácio à segunda edição da Crítica da Razão Pura que Kant estabeleceu os limites da ciência", disse Rocha, mastigando esta nova fatia. "Ele concluiu que há três problemas fundamentais da metafísica que a ciência jamais será capaz de resolver." Exibiu três dedos. "Deus, a liberdade e a imortalidade."

"Ah, sim?"

"Kant era da opinião de que os cientistas nunca serão capazes de provar a existência de Deus, de determinar se temos ou não livre vontade e de perceber com toda a certeza o que se passa depois da morte. Essas questões, na sua opinião, já não pertencem ao domínio da física, mas da metafísica. Estão para além da prova."

Tomás balançou a cabeça, pensativo.

"Parece sensato."

"Parece sensato ao comum dos mortais", atalhou Luís Rocha. "Mas não ao professor Siza."

O historiador fez uma expressão intrigada.

"Ah, não? Porquê?"

"Porque o professor Siza acreditava que era possível obter a prova até para as questões da metafísica."

"Como?"

"O professor Siza acreditava que era possível demonstrar cientificamente a existência de Deus e resolver os problemas da livre vontade e da imortalidade. Aliás, ele achava que estas questões estavam todas relacionadas."

Tomás remexeu-se na cadeira, ainda a tentar digerir o que acabava de lhe ser revelado.

"Você está a insinuar que o trabalho científico do professor Siza estava relacionado com a questão da existência de Deus?"

"Não, não estou a insinuar isso."

"Ah, bom."

"Estou a afirmar isso."

Fez-se silêncio, com Tomás a ponderar as repercussões desta informação.

"Desculpe a minha ignorância", disse o historiador. "Mas é possível provar a existência de Deus?"

"Segundo Kant, não."

"Mas segundo o professor Siza, é?"

"Sim."

"Porquê?"

"Tudo depende do que se define por Deus."

"O que quer você dizer com isso?"

Luís Rocha suspirou.

"Ouça, o que é Deus para si?"

"Uh... não sei, é... é um ser superior, é o Criador."

"Essa não parece lá uma grande definição, pois não?"

"Não", concordou Tomás com uma gargalhada. "Mas, então, diga-me você. O que é Deus?"

"Bom, essa é a primeira pergunta a fazer, não é? O que é Deus?" Luís Rocha abriu as mãos. "Se estamos à espera de ver um patriarca velho e barbudo, a mirar a Terra com ar preocupado, vigiando o que cada um de nós faz e pensa e pede e que fala com uma voz grossa... bem, acho que iremos esperar até à eternidade para provar a existência de tal personalidade. Esse Deus pura e simplesmente não existe, é apenas uma construção antropomórfica que nos permite visualizar algo que está acima de nós. Nesse sentido, construímos Deus como uma figura paternal. Precisamos de alguém que nos proteja, que nos defenda do mal, que nos abrigue na sua concha

protetora, que nos dê consolo nas horas difíceis, que nos ajude a aceitar o inaceitável, a compreender o incompreensível, a enfrentar o que é terrível. Esse alguém é Deus." Apontou para o teto. "Imaginamos que existe Alguém lá em cima que se preocupa imensamente connosco, Alguém a quem recorremos na hora da aflição em busca de reconforto, Alguém que nos observa e ampara, e... pumba! Ei-Lo! Aí está Deus!"

"Mas, então, se Deus não existe, do que estamos para aqui a falar?"

"Eu não disse que Deus não existe", corrigiu o físico.

"Ah, não?"

"O que eu disse é que não existe o Deus antropomórfico que nós habitualmente imaginamos e que herdamos da tradição judaico-cristã."

"Hmm", murmurou Tomás. "Está-me a dizer que o Deus da Bíblia não existe?"

"Mas quem é o Deus da Bíblia? Aquela personagem que manda Abraão matar o filho só para ver se o patriarca Lhe era fiel? Aquela personagem que lança a humanidade na desgraça só porque Adão comeu uma maçã? Mas alguém de bom senso acredita num Deus tão mesquinho e caprichoso? Claro que esse Deus não existe!"

"Mas, então, que Deus existe?"

"O professor Siza acreditava que Deus está em tudo o que nos rodeia. Não como uma entidade acima de nós, que nos vigia e protege, conforme preconizado pela tradição judaico-cristã, mas como uma inteligência criadora, sutil e onipresente, talvez amoral, que se encontra a cada passo, a cada olhar, a cada respiração, presente no cosmos e nos átomos, que tudo integra e a tudo dá sentido."

"Estou a ver", assentiu Tomás. "E ele acreditava ser possível provar a existência desse Deus?"

"Sim."

"Desde quando?"

"Desde que eu o conheço. Creio que ganhou essa convicção nos tempos em que esteve a estagiar em Princeton."

"E como é que se pode provar que Deus existe?"

Luís Rocha sorriu.

"Isso, meu caro, terá de perguntar ao professor Siza, não acha?"

"Mas, diga-me uma coisa, acredita mesmo que é possível fazer a prova da existência de Deus?"

"Depende."

"Depende de quê?"

"Depende do que você define por prova."

"Como assim? Explique lá isso melhor."

O físico barrou a terceira fatia de pão.

"Ouça, professor Noronha. O que é o método científico?"

"Bem, é um processo de recolha de informação sobre a natureza, suponho eu."

"É uma definição", admitiu Luís Rocha. "Mas eu tenho outra."

"Então?"

"O método científico é um diálogo entre o homem e a natureza. Através do método científico, o homem faz perguntas à natureza e obtém respostas. O segredo está na forma como formula as perguntas e entende as respostas. Não é qualquer pessoa que é capaz de interrogar a natureza ou de compreender o que ela lhe diz. É preciso ter treino, é fundamental ser-se sagaz e perspicaz, é imprescindível possuir suficiente inteligência para captar a sutileza de muitas das respostas.

Entende isso?"

"Sim."

"O que eu quero dizer é que se pode perceber a existência ou inexistência de Deus em função da forma como se formulam as perguntas e em função da nossa capacidade de compreender as respostas. Por exemplo, a segunda lei da termodinâmica resulta de perguntas que foram feitas à natureza através de experiências sobre o calor. A natureza respondeu, mostrando que a energia passa do quente para o frio e nunca ao contrário, e que a transformação da energia entre corpos resulta sempre em desperdícios." Fez um gesto a abarcar todo o restaurante. "O mesmo se passa com a questão de Deus. Temos de saber quais as perguntas que precisamos de formular e como as vamos formular, e depois temos de ter capacidade para saber interpretar as respostas que vamos obter. É por isso que, quando se fala em fazer a prova da existência de Deus, temos de ser

cautelosos. Se alguém está à espera de que arranjemos imagens em DVD de Deus a observar o universo, com as Tábuas da Lei numa mão e a outra a cofiar as suas grandes barbas brancas, desengane-se. Essa imagem jamais será captada porque esse Deus não existe. Mas se estamos a falar em determinadas respostas da natureza a perguntas específicas... bem, aí poderá ser diferente."

"De que perguntas está a falar?"

"Sei lá... perguntas que tenham a ver com o raciocínio lógico, por exemplo."

Tomás abanou a cabeça.

"Não estou a entender."

"Olhe, o problema do Big Bang, de que ainda hoje falei na aula."

"Sim, o que tem isso?"

"O que tem isso? Mas não é óbvio? Então, se houve Big Bang, isso implica que o universo foi criado. Ora, tal conceito tem consequências profundas, não acha?"

"Tais como?"

"A questão da Criação remete para o problema do Criador. Quem criou a Criação?" Piscou um olho. "Hã?"

"Bem... uh... não poderá haver causas naturais?"

"Claro que sim. Nós estamos a falar de um problema natural." Colou o indicador à testa. "Meta isto na cabeça, professor Noronha. Deus é um problema natural. A conversa do sobrenatural, dos milagres, da magia... tudo isso é um disparate. A existir, Deus faz parte do universo. Deus é o universo. Percebe? A criação do universo não foi um acto artificial, foi um ato natural, em obediência a leis específicas e a determinadas constantes universais. Mas a questão volta sempre ao

mesmo ponto. Quem foi que concebeu as leis do universo? Quem foi que determinou as constantes universais? Quem foi que deu o sopro de vida ao universo?"

Bateu na mesa. "Estas, caro professor Noronha, é que são as questões centrais da lógica. A Criação remete para um criador."

"Você está a dizer-me que, através da lógica, poderemos provar a existência de Deus?"

Luís Rocha fez uma careta.

"Não, de modo nenhum. A lógica não faz prova nenhuma. Mas a lógica dá-nos indícios."

Inclinou-se na mesa. "Ouça, você tem de perceber que Deus, a existir, apenas deixa ver uma parcela da Sua existência e esconde a prova final por detrás de um véu de elegantes sutilezas. Você conhece os teoremas da Incompletude?"

"Sim."

"Os teoremas da Incompletude, ao demonstrarem que um sistema lógico jamais poderá provar todas as afirmações nele contidas, apesar das afirmações não demonstráveis serem verdadeiras, constituem uma mensagem com um profundo significado místico. É como se Deus, a existir, nos dissesse: Eu expresso-Me através da matemática, a matemática é a Minha linguagem, mas não vos darei a prova de que assim é." Pegou em mais uma fatia de pão. "Temos ainda o Princípio da Incerteza. Esse princípio revela que nunca poderemos determinar em simultâneo com exatidão a posição e velocidade de uma partícula. É como se Deus nos dissesse: as partículas têm um comportamento determinista, Eu já defini todo o passado e o futuro, mas Eu não vos darei a prova final de que assim é."

"Estou a ver."

"A busca de Deus é como a busca da verdade das afirmações de um sistema lógico ou do comportamento determinístico das partículas. Nós nunca poderemos obter a prova final de que Deus existe, no sentido em que nunca poderemos obter a prova final de que as afirmações não demonstráveis de um sistema lógico são verdadeiras ou de que as partículas se comportam deterministicamente. E, no entanto, sabemos que as consequências dessas afirmações são verdadeiras e sabemos que as partículas se comportam de forma determinística. O que nos está vedado é a prova final, não os indícios de que assim é de fato."

"Então, quais são, afinal, os indícios da existência de Deus?"

"No campo da lógica, o indício mais interessante foi apresentado por Platão e Aristóteles, desenvolvido por São Tomás de Aquino e afinado por Leibniz. Trata-se do argumento causal. A idéia fundamental é simples de formular. Sabemos na física e na nossa experiência do dia-a-dia que todos os acontecimentos têm uma causa, sendo que as suas consequências se tornam causas de outros acontecimentos, num interminável efeito dominó. Agora imaginemos que vamos procurar as causas de todos os acontecimentos do passado. Mas, se o universo teve um início, isso significa que esta cadeia teve também um início, não é? Indo de causa em causa chegamos assim ao momento da criação do universo, aquilo a que hoje designamos de Big Bang. Qual a primeira causa de todas? O que pôs a máquina em movimento? Qual o motivo do Big Bang?"

Tomás fez um ar desconcertado.

"Julgo que você respondeu a essa pergunta na aula, não foi? Disse que, não tendo ainda sido criado o tempo, não podia haver causas que precedessem o Big Bang."

"É verdade", admitiu o físico. "Já vi que esteve atento à aula, sim senhor." Sorriu. "Mas, deixe-me que lhe diga, essa é a forma que nós, os cientistas, usamos para

contornar essa desconfortável questão. A verdade é que tudo indica que o Big Bang existiu. Se existiu, algo o fez existir. A questão regressa sempre ao mesmo ponto. Qual a primeira causa? E o que causou a primeira causa?"

"Deus?"

Luís Rocha sorriu.

"É uma possibilidade", sussurrou. "Se for a ver bem, a hipótese de o universo ser eterno indicia a exclusão de Deus. O universo sempre existiu, não tem propósito, ele é. Simplesmente, é. No universo eterno, sem começo nem fim, o dominó de causas é infinito, não existe uma primeira causa nem uma derradeira consequência." Ergueu o dedo. "Mas a Criação remete para uma primeira causa. Mais do que isso, havendo Criação é de admitir a existência de um criador. Daí a pergunta: quem pôs a máquina em movimento?"

"Já vi que a resposta é Deus."

"Repito que essa é apenas uma possibilidade. Este argumento lógico não constitui prova, apenas

um indício. Afinal de contas, pode existir um mecanismo qualquer, ainda desconhecido, que resolve esse problema, não é? Temos de ter cuidado para não usarmos o Deus-das-lacunas, de modo a não cairmos no erro de invocarmos Deus sempre que não temos resposta para um problema, quando, afinal, existe uma qualquer outra explicação. Tendo dito isto, importa sublinhar que a Criação remete para o problema do Criador e, por mais voltas que demos, a questão regressa sempre a este ponto crucial." Balançou a cabeça. "Por outro lado, se colocarmos Deus na equação, dizendo que foi Ele quem criou a Criação, deparamos logo com uma multiplicidade de problemas novos, não é?"

"Tais como?"

"Bem... o primeiro problema é saber onde estava Deus se, antes do Big Bang, não existia tempo nem espaço? E o segundo problema é determinar o que causou Deus. Isto é, se tudo tem uma causa, Deus também tem uma causa."

"Então não há causa primeira..."

"Ou talvez haja, quem sabe? Nós, os físicos, chamamos ao Big Bang uma singularidade. Nesse sentido, poderíamos dizer que Deus é uma singularidade, da mesma maneira que o Big Bang é uma singularidade."

Tomás passou a mão pelo cabelo.

"Esse argumento parece interessante, mas não é conclusivo, pois não?"

"Não", concordou o físico. "Não é conclusivo. Mas há um segundo argumento que parece ter ainda maior força. Os filósofos dão-lhe nomes diferentes, mas o professor Siza chamava-lhe... uh... deixe cá ver... ah, sim! Chamava-lhe o argumento da intencionalidade."

"Intencionalidade? De intenção?"

"Exato. A questão da intencionalidade é, como sabe, do foro puramente subjetivo no que diz respeito à interpretação. Isto é, alguém pode fazer algo intencionalmente, mas quem está de fora nunca pode ter a certeza absoluta de que foi essa a intenção. Pode-se presumir que a intenção seja uma, mas só o autor do ato sabe a verdade." Fez um gesto na direção de Tomás. "Se você derrubar agora esta mesa, eu posso interpretar esse ato, avaliando se você o fez intencionalmente ou não. Pode ter feito intencionalmente e depois ter fingido que foi acidental. Na verdade, só você é que tem

a certeza absoluta sobre a sua intenção, eu terei sempre uma certeza subjetiva, não é?"

"Sim", disse Tomás. "Mas onde quer você chegar?"

"Eu quero chegar a esta pergunta: qual a intenção da criação do universo?"

Luís ficou a mirar Tomás interrogativamente.

"Ora aí está uma pergunta que vale muito dinheiro", comentou o historiador com um sorriso.

"Qual é a resposta?"

"Se eu soubesse, ficava eu com esse dinheiro", disse Luís com uma gargalhada. "Para uma resposta mais completa, no entanto, terá de perguntar ao professor Siza."

"Mas ele não está aqui, receio bem. Acha que é possível alguém vir a responder a essa pergunta?"

O físico respirou fundo, ponderando com cuidado as palavras que iria proferir.

"Acho que não é fácil responder afirmativamente a essa pergunta, mas existem alguns indícios interessantes."

"Diga lá."

"Há um argumento muito poderoso que foi dado por William Paley no século XIX." Apontou para o soalho de madeira do restaurante. "Imagine que, ao entrar aqui, eu me deparava com uma pedra pousada ali no chão. Olhava para ela e pensava: como diabo esta pedra foi ali parar? Talvez respondesse logo a seguir: bom, a pedra sempre existiu, é uma coisa natural. E deixava de pensar no assunto, não é? Agora imagine que, em vez de uma pedra, eu deparava antes com um relógio. Será que podia dar a mesma resposta? Claro que não. Depois de analisar o complicado mecanismo do relógio, diria que se trata de uma coisa fabricada por um ser inteligente com um objetivo

específico. Agora a questão é a seguinte: por que razão não posso dar à existência da pedra a mesma resposta que dei em relação à existência do relógio?"

A pergunta ficou a pairar no ar por um momento.

"Estou a ver onde quer chegar", observou Tomás.

"Como membro pertencente à espécie inteligente que concebeu o relógio, eu sei qual é a intenção que presidiu à criação do relógio. Mas eu não pertenço à espécie que concebeu a pedra, pelo que não tenho uma certeza objetiva sobre a intencionalidade da sua criação. Mas posso presumir que houve uma intenção. Afinal de contas, alguém que nunca tivesse visto um relógio antes facilmente poderia concluir que se tratava da obra de uma mente inteligente, não é?"

"Ouça", argumentou Tomás. "Estamos a falar de coisas diferentes, não estamos?"

"Estaremos?"

"Claro que sim. Você não queira comparar a complexidade de um relógio com a complexidade de uma pedra."

Luís abanou a cabeça.

"Você não entendeu onde eu quero chegar."

"Então explique lá."

O físico fez um gesto largo, abarcando tudo em redor.

"Olhe para tudo o que nos rodeia. Já viu?" Os seus olhos deambularam pelo restaurante e fixaram-se para além das janelas, no céu e na folhagem verde das tileiras. "Você já reparou na complexidade de todo o universo? Você já pensou na minúcia de organização necessária para pôr um sistema solar a funcionar? Ou para relacionar os átomos? Ou para conceber a vida?" Indicou as águas mansas do Mondego, que deslizavam como uma estrada paralela à marginal. "Ou para permitir que aquele rio flua daquela maneira? Não acha que isso é infinitamente mais complexo e inteligente do que o mecanismo de um mero relógio?"

Tomás ficou paralisado a mirar o seu interlocutor.

"Uh... de fato..."

"Então se uma coisa assim tão simples como um pequenino relógio é concebida por um ser inteligente e tem uma intenção por detrás de si, o que poderemos nós dizer de todo o universo? Se alguém que nunca viu um relógio antes é capaz de perceber, ao deparar pela primeira vez com um desses exemplares, que se trata de uma criação inteligente, por que razão não poderemos nós, ao constatar a grandiosidade e complexidade inteligente do universo, chegar à mesmíssima conclusão?"

"Estou a ver."

"É esta a base do argumento da intencionalidade. Se tudo o que vemos à nossa volta mostra um propósito e uma inteligência, por que não admitir que existe uma intenção na Criação? Se as coisas revelam inteligência na concepção, por que não admitir que isso se deve à possibilidade de ter sido algo ou alguém inteligente que as concebeu? Por que não admitir que existe uma inteligência por detrás destas criações inteligentes?"

"Mas onde está essa inteligência?"

"E onde está o autor do relógio? Se eu vir um relógio no chão, é possível que nunca venha a conhecer a inteligência que o construiu, não é? E, no entanto, nem por um momento duvidarei de que o relógio foi concebido por um ser inteligente. O mesmo se passa com o universo. Posso nunca vir a conhecer a inteligência que o criou, mas basta olhar em redor para perceber que esta é uma criação inteligente."

"Entendi."

"Só que, se é uma criação inteligente, e tudo indica que é, então coloca-se o problema de saber se estamos a estudá-la da maneira mais adequada."

"O que quer você dizer com isso?"

Luís Rocha fez um gesto que abarcou o seu próprio corpo.

"Repare nos seres vivos. Do que é feito um ser vivo?"

"De uma estrutura de informação", replicou Tomás, citando o que o pai lhe dissera.

"Exato, uma estrutura de informação. Mas o que compõe esta estrutura de informação são os átomos, não são? E muitos átomos juntos formam uma molécula. E muitas moléculas juntas formam uma célula. E muitas células juntas formam um órgão. E todos os órgãos juntos formam um corpo vivo. Tendo dito isto, no entanto, é errado dizer que um ser vivo não passa de uma coleção de átomos ou de moléculas ou de células, não é? É certo que um ser vivo junta triliões de átomos, bilhões de moléculas, milhões de células, mas qualquer descrição que se limite a esses dados, embora verdadeiros, pecará por ser muito deficiente, não acha?"

"Claro."

"A vida descreve-se em dois planos. Um é o plano reducionista, onde se encontram os átomos, as moléculas, as células, toda a mecânica da vida. O outro plano é semântico. A vida é uma estrutura de informação que se movimenta com um propósito, em que o conjunto é mais do que a soma das partes, em que o conjunto nem sequer tem consciência da existência e funcionamento de cada parte que o constitui. Enquanto ser vivo inteligente, eu posso estar num plano semântico a discutir aqui consigo a existência de Deus e uma célula do meu braço estar num plano reducionista a receber oxigênio de uma artéria. O eu semântico nem se apercebe do que o eu reducionista está a fazer, uma vez que se situam ambos em planos diferentes." Fitou Tomás. "Está a seguir o meu raciocínio?"

"Sim."

"Ora bem, o que eu lhe quero dizer é que estes dois planos podem ser encontrados em tudo. Por exemplo, eu posso analisar o livro Guerra e Paz num plano reducionista, não posso? Basta-me estudar a tinta usada num determinado exemplar, o tipo de papel que o constitui, a forma como a tinta e o papel são fabricados, se existem ou não átomos de carbono nesse exemplar... enfim, há uma multiplicidade de aspectos reducionistas que posso analisar. E, no entanto, nenhum desses aspectos me revela verdadeiramente o que é o Guerra e Paz, não é? Para saber isso, a minha análise não pode ser reducionista." Sorriu. "Tem de ser semântica."

"Estou a compreender."

"A música é a mesma coisa. Eu posso analisar All you need is love, dos Beatles, de uma forma reducionista. Estudarei o som da bateria de Ringo Starr, as vibrações das cordas vocais de John Lennon e Paul McCartney, a oscilação das moléculas do ar em função da emissão dos sons da guitarra de George Harrison, mas nada disso me revelará verdadeiramente o que é esta canção, pois não? Para a entender, terei de a analisar num plano semântico."

"Claro."

"No fundo, é como um computador. Há um hardware e há um software. O plano reducionista estuda o hardware, enquanto o plano semântico se centra no software."

"Tudo isso parece evidente."

"Então se tudo isto lhe parece evidente, deixe-me colocar-lhe um problema."

"Diga."

"Quando eu estudo o universo de forma a conhecer a sua matéria fundamental, a sua composição, as suas forças, as suas leis, que tipo de análise estou a fazer?"

"Não percebo a pergunta..."

"O que eu quero saber é se é uma análise reducionista ou semântica."

Tomás considerou por instantes a questão.

"Bem... uh... parece-me reducionista."

O sorriso no rosto de Luís Rocha alargou-se mais.

"O que nos leva à pergunta seguinte: será possível fazer uma análise semântica do universo?"

"Uma análise semântica do universo?"

"Sim, uma análise semântica. Então se eu consigo fazer uma análise semântica de uma coisa tão simples como o Guerra e Paz ou o Ali you need is love, não posso

fazer uma análise semântica de algo tão rico e complexo e inteligente como é o universo?"

"Bem..."

"Então se analisar a tinta e o tipo de folha de um exemplar do Guerra e Paz constitui uma forma muito incompleta e redutora de estudar esse livro, por que diabo analisar os átomos e as forças existentes no cosmos há-de ser uma forma satisfatória de estudar o universo? Não haverá também uma semântica no universo? Não existirá igualmente uma mensagem para além dos átomos? Qual a função do universo? Por que razão ele existe?" Suspirou. "É esse o problema da matemática e da física hoje em dia. Nós, os cientistas, estamos muito concentrados em estudar a tinta e o papel de que é feito o universo. Mas será que esse estudo nos revela verdadeiramente o que é o universo? Não precisaremos nós de o estudar também num plano semântico? Não teremos nós de escutar a sua música e entender a sua poesia? Será que, ao pensar no universo, nós estamos apenas focados no hardware e ignoramos uma dimensão tão importante como a do software}" Suspirou. "Foram estas questões que orientaram o trabalho do professor Siza ao longo destes anos. Ele queria perceber qual a semântica do universo. Ele queria conhecer o software que se encontra programado no hardware do cosmos."

"Entendi", disse Tomás. "Mas como se pode estudar o software do universo?"

"Isso terá de perguntar ao professor Siza, claro", retorquiu Luís. "Mas eu acho que a resposta a essa pergunta depende da resposta a uma outra pergunta, muito simples de formular: o que vemos em torno de nós, tanto no microcosmos como no macrocosmos, é uma criação ou é o próprio ser inteligente?"

"Como assim?"

O físico exibiu a palma da sua mão esquerda.

"Quando olhamos para a minha mão, estamos a ver uma criação minha ou estamos a ver uma parte de mim?" Olhou em redor. "Quando olhamos para o universo, estamos a ver uma criação de Deus ou estamos a ver uma parte de Deus?"

"O que acha você?"

"Eu não acho nada. Mas o professor Siza achava que tudo é uma parte de Deus. Se ele tiver razão, quando for concebida a Teoria de Tudo será possível, em princípio, conter aí uma descrição de Deus."

"Você acha?"

"É isso o que os físicos estão a tentar fazer agora, não é? Conceber uma Teoria de Tudo. Embora eu ache que não vão conseguir."

"Porquê?"

"Por causa dos teoremas da Incompletude. Esses teoremas, mais o Princípio da Incerteza, mostram que nunca se conseguirá fechar o círculo. Haverá sempre um véu de mistério no fim do universo."

"Então por que razão continuam a tentar formular essa teoria?"

"Porque nem todos concordam comigo. Há quem ache que é possível conceber uma Teoria de Tudo. Há quem ache até que é possível conceber uma equação fundamental."

"Uma equação fundamental? O que quer dizer com isso?"

"É o Santo Graal da matemática e da física. Formular uma equação que contenha em si toda a estrutura do universo."

"E isso é possível?"

"Talvez, não sei", retorquiu Luís, encolhendo os ombros. "Sabe, existe a crescente convicção de que a actual profusão de leis e forças existentes no universo se deve ao fato de nos encontrarmos num estado de baixa temperatura. Há muitos indícios de que, quando se eleva a temperatura a partir de um determinado nível, as forças fundem-se. Por exemplo, durante muito tempo houve a convicção de que existiam quatro forças fundamentais no universo: a força da gravidade, a força eletromagnética, a força forte e a força fraca. Mas já se descobriu que são, na verdade, três forças, uma vez que a força electromagnética e a força fraca constituem, na realidade, a mesma força, que se designa agora de força electrofraca. Há também quem ache que a força forte constitui uma outra faceta da força eletrofraca. Se assim for, só falta unir essas três forças à força da gravidade para

chegarmos a uma única força. Muitos físicos acreditam que, quando ocorreu o Big Bang, e debaixo das elevadíssimas temperaturas que então existiam, todas as forças estavam unidas numa única superforça, que pode ser descrita numa equação matemática simples." Luís inclinou-se sobre a mesa. "Ora, quando começamos a falar em superforça, que entidade nos vem logo à mente?"

"Deus?"

O físico sorriu.

"Os cientistas estão a descobrir que, à medida que se aumenta a temperatura, a energia une-se e as complexas estruturas subatómicas quebram-se, revelando estruturas simples. Debaixo de um calor muito intenso, as forças simplificam-se e fundem-se, emergindo assim a superforça. Nessas circunstâncias, é possível conceber uma equação matemática fundamental. Trata-se de uma equação capaz de explicar o comportamento e a estrutura de toda a matéria e capaz também de descrever tudo o que acontece." Abriu as mãos, como se tivesse acabado de executar um passe de mágica. "Tal equação seria a fórmula mestra do universo."

"A fórmula mestra?"

"Sim", confirmou Luís Rocha. "Há quem lhe chame a fórmula de Deus."

XXVII

A manhã ia adiantada e, talvez pela vigésima vez em apenas uma hora, Tomás contemplou a folha de papel e imaginou uma nova estratégia para quebrar a charada. Mas o enigma permanecia firme, teve até a impressão de que aquelas treze letras e aquele ponto de exclamação se riam dos seus esforços.

See sign

!ya ovqo

Meneou a cabeça, imerso no problema. Afigurava-se-lhe evidente que cada uma das linhas remetia para uma cifra diferente e não tinha sequer a certeza de que a primeira fosse mesmo uma cifra. See sign era inglês para veja o sinal. Tratava-se provavelmente de uma indicação dada por Einstein em relação a um qualquer sinal que fizera no manuscrito. O problema é que, como não pudera ler o documento,

Tomás não tinha modo de verificar se assim era. Haveria algum sinal misterioso escondido algures no texto original?

O criptanalista abanou a cabeça.

Talvez fosse impossível determinar tal coisa sem aceder ao manuscrito. Por mais voltas que desse ao problema, concluía sempre que precisava mesmo de ler o documento, procurar aí pistas ocultas, cavar o texto em busca do sinal que Einstein mandava ver. See sign. Veja o sinal. Mas qual sinal?

Encostou-se à cadeira da cozinha e pousou o lápis. Com um suspiro resignado, Tomás desistiu nesse instante de perceber esta primeira linha; o fato é que não podia aceder ao manuscrito e tudo o que fizesse para interpretar o teor dessas duas palavras sem ter o documento à frente estaria condenado ao fracasso. Ergueu-se, irrequieto, foi ao frigorífico buscar um sumo de laranja e voltou a sentar-se na mesa da copa. Sentia uma impaciência miudinha a consumir-lhe as entranhas.

Pousou de novo os olhos na folha e concentrou-se na segunda linha. Pelo seu aspecto, esta mensagem fora certamente cifrada por um sistema de substituição. Parecia-lhe evidente que as letras originais tinham sido substituídas por outras letras, segundo uma ordem predeterminada por uma chave. Se descobrisse a chave, quebraria a cifra. O problema era perceber que chave tinha Einstein usado para cifrar esta linha.

Leu várias vezes as letras da segunda linha, até que, convencido de que se tratava de fato de um sistema de substituição, se pôs a considerar diversas hipóteses. Poderia estar perante uma substituição monoalfabética, que seria relativamente simples de quebrar. Mas se fosse uma substituição polialfabética, com recurso a dois ou mais alfabetos de cifra, a operação complicar-seia gravemente. Podia também ser uma substituição poligrâmica, segundo um esquema em que grupos de letras são integralmente substituídos por outros grupos. Ou então, pesadelo dos pesadelos, seria uma substituição fraccional, em que o próprio alfabeto de cifra é também ele cifrado.

Pressentia que iria ser muito difícil. A opção mais natural, no entanto, parecia-lhe ser a substituição monoalfabética e foi com esse pressuposto que decidiu avançar. A ser um sistema destes, tinha perfeita consciência de que a chave da substituição não podia ter sido escolhida ao acaso. Seria, por exemplo, um alfabeto de César, um dos mais antigos alfabetos de cifra de que se tinha conhecimento, utilizado por Júlio César nas suas intrigas palacianas e campanhas militares. Bastar-lhe-ia alterar o ponto de início do alfabeto normal e encontraria a solução.

A campainha da entrada tocou nesse instante.

Dona Graça saiu da sala, onde arrumava as coisas, e dirigiu-se apressadamente à porta.

"Isto agora é um corrupio", resmungou entre dentes. Pegou no auscultador. "Quem é?" Pausa.

"Quem?" Pausa. "Ah, um momento." Olhou para o filho. "É o professor Rocha para ti. Está lá em baixo à tua espera."

"Ah", exclamou Tomás. "Diga-lhe que já desço."

Sentindo-se quase satisfeito por interromper o esgotante trabalho que se arrastava por toda a manhã sem produzir frutos, Tomás dobrou a folha com a charada e foi ao quarto buscar um casaco.

Estacionaram à sombra de um carvalho. Ao sair do carro, Tomás contemplou a pequena vivenda que se escondia por detrás do muro e dos arbustos, a meio da tranquila Avenida Dias da Silva, a artéria onde residia a maior parte dos professores da universidade. A casa tinha um ar acolhedor, embora fosse notório que lhe faltava mão de jardineiro, a verdura crescera demasiado e invadia as zonas de passagem e até o pátio frente à porta.

"Então é aqui que vivia o professor Siza?", perguntou Tomás, passando os olhos pela fachada da moradia.

"Sim, é aqui."

O historiador mirou o seu colega.

"É duro voltar cá?"

Luís Rocha olhou para a vivenda e respirou fundo.

"Então não é?"

"Desculpe lá ter-lhe pedido este favor", disse Tomás. "Mas parece-me importante que eu veja o local onde tudo aconteceu."

Cruzaram a cancela de entrada e dirigiram-se à porta. O físico tirou uma chave do bolso e inseriu-a na fechadura, rodando-a até a porta se abrir com um estalido. Fez um sinal para Tomás entrar e depois seguiu-o.

Um silêncio quase absoluto acolheu-os dentro da vivenda. O pequeno hall de entrada tinha o piso em tijoleira, com uma porta à esquerda aberta para a sala e outra à direita para a cozinha, de onde vinha o murmúrio suave de um frigorífico ainda ligado.

"Mas isto está tudo com aspecto muito arranjado."

"É porque você não viu o escritório", observou Luís Rocha, passando à frente e metendo pelo curto corredor diante do hall. "Quer ver? Venha daí."

Ao fundo do corredor havia três portas. O físico abriu a da esquerda, mostrando a entrada protegida por uma fita da polícia, e fez sinal a Tomás para espreitar.

"Caramba", exclamou o historiador.

Um mar de livros e papéis e pastas espalhava-se pelo chão num caos indescritível, enquanto as prateleiras dos móveis de madeira se apresentavam quase vazias, ornadas apenas por um ou outro volume que resistira ao vendaval.

"Já viu isto?", perguntou o físico.

Tomás não conseguia despregar os olhos daquele amontoado de obras e documentos.

"Foi você que deu com esta confusão?"

"Fui", assentiu Luís. "Eu tinha combinado com o professor Siza vir cá para verificar uns cálculos que ele tinha feito sobre as consequências de uma hipotética alteração de massa dos electrões. O professor tinha faltado a uma aula dias antes, mas não liguei muito a isso, sabendo, como sei, que ele é um bocado distraído. Mas quando cheguei ao portão apercebi-me de que a porta de entrada se encontrava escancarada. Achei isso estranho e entrei. Chamei pelo professor e ninguém respondeu. Vim ver ao escritório e deparei-me com... com isto", disse, exibindo aquele caos. "Percebi logo que tinha ocorrido um assalto e chamei a polícia."

"Hmm", murmurou Tomás. "E o que fizeram eles?"

"Primeiro, nada de especial. Selaram a área e andaram a tirar umas amostras. Depois veio cá a Judiciária várias vezes e fez muitas perguntas, sobretudo sobre o que o professor guardava aqui. Queriam saber se havia coisas de valor. Mas depois as perguntas evoluíram e algumas delas tornaram-se bem estranhas, confesso."

"Como por exemplo?"

"Eles queriam saber se o professor viajava muito e se conhecia gente do Médio Oriente."

"E você? O que respondeu?"

"Bem... uh... é evidente que o professor viajava. Ia a conferências e a seminários, contactava outros cientistas... enfim, o normal para quem dedica a vida à investigação, suponho."

"E ele conhecia pessoas do Médio Oriente?"

Luís Rocha esboçou uma careta.

"Devia conhecer, sei lá. Ele falava com muita gente, não é?"

Tomás virou a cara e observou de novo toda a confusão de livros espalhados pelo chão, parecia que tinha para ali sido despejado um monte de entulho. Era evidente que alguém chegara ao local e atirara tudo para o chão, em busca não se sabe bem do quê. Ou melhor, Tomás sabia. Sabia Tomás Noronha, sabia Frank Bellamy e sabiam poucas mais pessoas. Os assaltantes eram os homens do Hezbollah e procuravam Die Gottesformel, o velho manuscrito que acabaram por encontrar algures naquele escritório.

Remexendo-se atrás de Tomás, Luís pôs a mão na maçaneta da porta do meio e abriu-a.

"Vou aqui ao quarto de banho", disse, entrando no pequeno compartimento decorado a azulejos brancos e azuis. "Fique à vontade, sim?"

Trancou a porta.

Momentaneamente só, Tomás passou os olhos uma derradeira vez pelo escritório vandalizado e deu meia-volta. A sua atenção reteve-se na terceira porta do corredor; esticou o braço e abriu-a. Uma grande cama revelava tratar-se do quarto do professor Siza.

Movido pela curiosidade, Tomás entrou na penumbra do quarto e observou-o com atenção. Pairava um certo cheiro a mofo no ar, era evidente que o compartimento se encontrava fechado havia várias semanas, como se estivesse suspenso no tempo, à espera que o resgatassem para a vida. As persianas apresentavam-se corridas, criando uma atmosfera tranquila naquele aposento silencioso, um lugar sereno recolhido à meia-luz. Em flagrante contraste com o que acontecia na porta ao lado, tudo se apresentava aqui arrumado, cada objecto no seu lugar, cada lugar com uma função.

Uma fina camada de pó assentara sobre os móveis, dando a impressão de que a passagem do tempo se media pela poeira acumulada. O historiador abriu uma gaveta e deparou com molhos de

cartas e postais. Pegou no molho de cima e analisou datas; eram dos últimos meses. Presumiu que por cima estivesse a correspondência mais recente e por baixo a mais antiga. Olhou para as cartas e procurou identificá-las. A maior parte parecia ser informações da faculdade, com notícias sobre colóquios, novidades editoriais, pedidos de informação bibliográfica e outras referências de caráter puramente acadêmico. Encontrou, por entre os envelopes, três postais e analisou-os distraidamente. Dois

eram de família e tinham letra escrita com mão feminina, mas o terceiro despertou-lhe a atenção. Olhou para a face e para o verso e sentiu a curiosidade aumentar.

Trakatrakatraka.

O ruído metálico de uma chave a rodar numa fechadura fê-lo virar a cara para o corredor. Luís terminara o que tinha a fazer no quarto de banho e destrancava a porta para sair.

Com um gesto rápido e dissimulado, Tomás escondeu este terceiro postal no bolso do casaco e adotou uma pose distraída.

A primeira coisa que Tomás fez quando chegou a casa foi procurar o número na memória do telemóvel e efetuar a chamada.

"Greg Sullivan here", anunciou a voz anasalada do outro lado da linha.

"Olá, Greg. Daqui Tomás Noronha. Tudo bem?"

"Ah! Olá, Tomás. Tudo bem?"

"Tudo ótimo."

"Ouvi dizer que você teve uma vida difícil lá em Teerã."

"Sim, foi complicado."

"Mas saiu-se bem, uh? Como um profissional!"

"Não exageremos..."

"A sério! Qualquer dia você chega ao pé de mim com um sotaque todo british e diz: o meu nome é Noronha. Tomás Noronha!" Soltou uma gargalhada. "Uh? Um verdadeiro James Bond!"

"Não goze, vá lá."

"Ouça, estou orgulhoso de si, sabia? Atta boy!"

"Pronto, chega." Tomás pigarreou, tentando ir diretamente ao assunto que o levara a fazer aquele telefonema. "Greg, preciso de um favor seu."

"You name it, you got it."

"Preciso que ligue lá para Langley e peça para o Frank Bellamy me telefonar com urgência."

"Uh?"

"O Frank Bellamy que me ligue com urgência."

Fez-se um curto silêncio do outro lado da linha.

"Ouça, Tomás, o mister Bellamy não é um tipo qualquer", disse Greg, a voz a assumir subitamente um tom respeitoso. "Ele é o diretor de um dos quatro directorates da CIA, com acesso direto ao gabinete oval da Casa Branca. Não são as pessoas que querem falar com ele, percebe? É ele que quer falar com as pessoas."

"Sim, já entendi", assentiu Tomás. "Mas também entendi que, sendo ele assim tão importante, se viajou uma vez até Lisboa para falar comigo e se falou mais duas vezes ao telefone comigo é porque considera que eu estou envolvido num projeto crucial para a agência. Se assim é, ele certamente terá interesse em ligar-me logo que saiba que eu tenho algo para lhe dizer."

Novo silêncio no outro lado da linha.

"E tem?"

"Tenho."

Greg suspirou.

"Okay, Tomás. É melhor que você saiba o que está a fazer. Mister Bellamy não é pessoa com quem se deva brincar." Hesitou, como se estivesse a dar uma derradeira oportunidade a um condenado para se redimir. "Quer mesmo que eu telefone para Langley?"

"Telefone."

"Okay."

Tirou do bolso do casaco o postal que furtara do quarto do professor Siza e estudou-o com atenção. O lugar do remetente encontrava-se em branco, como se tal informação fosse redundante para o destinatário. O postal apenas continha uma curta mensagem em letra cuidada, as linhas desenhadas com devoção, como se a estética fosse tão importante quanto o conteúdo.

Meu querido amigo,

Foi bom receber novidades suas.

Estou cheio de curiosidade em relação a essa sua descoberta.

Terá chegado enfim o grande dia?

Procure-me no mosteiro.

Tenzing Thubten

Leu várias vezes as curtas linhas escritas no postal. Não precisava de ser muito intuitivo para perceber que esta mensagem levantava uma ponta do véu, mas deixava o essencial permanecer misteriosamente oculto por baixo de sutis subentendidos. Quem era este Tenzing Thubten? Se chamava "querido amigo" ao professor Siza é porque certamente o conhecia bem. Mas de onde? Se Thubten dizia ter sido "bom receber novidades suas" é porque o professor Siza tomara a iniciativa de o contactar. Se o remetente se manifestava "cheio de curiosidade em relação à sua grande descoberta" é porque o professor Siza lhe comunicara esse fato. E se Thubten se questionava sobre se "terá chegado enfim o grande dia?" é porque essa descoberta, qualquer que ela fosse, iria provavelmente despoletar um acontecimento aguardado por ambos havia muito tempo.

Mas que raio de charada é esta?, interrogou-se Tomás a cada leitura da mensagem garatujada no postal.

O telemóvel tocou.

"Hello, Tomás", murmurou a inconfundível voz rouca. "Ouvi dizer que queria falar comigo."

"Olá, mister Bellamy. Como está o tempo em Langley?"

"Não estou em Langley", devolveu a voz. "Encontro-me num avião a sobrevoar um território cujas coordenadas não lhe posso dar. Estou a falar de uma linha não segura, o que significa que você terá de ter cuidado com o que diz. Entendeu?"

"Sim."

"Então diga lá por que razão precisa assim tanto de falar comigo."

Quase sem dar conta disso, Tomás endireitou-se na cadeira, parecia uma sentinela a colocar-se em sentido diante de um oficial.

"Mister Bellamy, julgo ter percebido finalmente do que trata o documento que nos tem estado a apoquentar e que me levou a fazer aquela viagem."

Fez-se um silêncio curto, a chamada carregada de estalidos de estática.

"Really?"

"Com base no que descobri, parece-me seguro dizer que o tema do documento não deve ser preocupante. Trata-se, aliás, de um assunto inteiramente diferente daquele que nós pensávamos que era."

"Tem a certeza?"

"Bem... uh, quer dizer, tenho uma certeza relativa, não é? É a certeza que posso ter em função do que descobri, mais nada. A certeza absoluta só a poderei ter se ler o próprio manuscrito, o que neste momento não me parece possível pelos motivos que o senhor conhece."

"Mas você acha mesmo que o tema do documento não é aquele que nos preocupa?"

"Acho."

"Então como explica que o nosso fucking geniozinho tenha comentado em privado que aquilo que tinha descoberto iria provocar uma explosão de uma violência nunca vista?"

Tomás hesitou.

"Pois... uh... ele disse mesmo isso?"

"Disse, pois. Disse-o a um físico que era nosso informador. Não se lembra de eu já lhe ter contado essa história quando fui aí a Lisboa?"

"Pois foi."

"Então em que ficamos?"

O historiador respirou fundo.

"Só há uma maneira de eu deslindar isto", disse.

"Qual é?"

"Preciso de fazer uma nova viagem."

"Para onde?"

"Estamos numa linha que não é segura, não é? Quer mesmo que eu lhe diga aqui qual o destino?"

Frank Bellamy praguejou.

"Tem razão", assentiu de imediato. "Ouça, eu vou contactar a nossa embaixada em Lisboa e dar instruções para que lhe sejam disponibilizados todos os fundos de que necessitar, está bem?"

"Muito bem."

"So long, Tomás. Você é um fucking gênio."

Frank Bellamy desligou e Tomás ficou um instante a mirar o telemóvel. O diabo do homem tinha o condão de o enervar. Pensando bem, considerou, esse parecia ser um dom que Bellamy manifestava em relação a toda a gente, bastava ver a postura de quase vassalagem que Greg Sullivan e Don Snyder lhe prestaram durante aquele memorável encontro em Lisboa. Tomás imaginou o homem da CIA numa reunião no gabinete oval da Casa Branca e um sorriso aflorou-lhe aos lábios. Será que também o presidente dos Estados Unidos tinha um ataque de diarreia só por falar com esta figura sinistra?

Talvez para compensar os calafrios que Bellamy lhe provocava, Tomás sentiu naquele instante saudades de Ariana. Tinha sido apenas alguns dias antes que se despedira dela e contorcia-se já de nostalgia. Todas as noites sonhava com ela, via-a ao longe e chamava-a, mas Ariana afastava-se, arrastada por uma força desconhecida, como se alguém a sugasse para além do horizonte. Tomás acordava nesses instantes muito angustiado, o coração apertado, um nó na garganta.

Suspirou.

Procurando abstrair-se da presença feminina que o assombrava, baixou os olhos e estudou novamente o postal que mantinha na mão. O espaço do remetente permanecia em branco, mas Tomás sabia que não precisava de mais informações do que aquelas de que já dispunha. Possuía o nome do remetente, esse tal de Tenzing Thubten, e, apesar da morada não ser referenciada, o essencial estava proclamado na outra face do postal, não estava?

Virou o postal e contemplou o belo mosteiro branco e castanho que se erguia por entre a neblina, no topo do promontório, dominando o casario baixo espraiado em redor. Sorriu. Sim, pensou. De fato, não havia quem não conhecesse aquele palácio tibetano.

O Potala.

XXVIII

A luz cristalina e pura das montanhas jorrou pela janela do quarto e despertou Tomás. O historiador ainda permaneceu um preguiçoso instante encolhido no calor dos cobertores, prolongando a doce moleza do despertar, mas acabou por se levantar a custo e ir à janela espreitar o novo dia. A manhã nascera límpida e fria e os raios de sol cintilavam na cobertura alva dos picos circundantes, como jóias incrustadas num lençol lácteo que alguém estendera sobre a rocha castanha; era a neve a resplandecer no topo das serras escarpadas que circundavam a cidade, recortando de branco o azul profundo do céu.

Amanhecer em Lhasa.

Era o terceiro amanhecer de Tomás na capital do Tibete. Enchendo os pulmões de ar e endireitando o corpo, verificou, aliviado, que os males dos últimos dias tinham desaparecido, sentia-se agora melhor e com mais energia.

Pouco depois de aterrar no aeroporto Gonggar começou a ser afligido por dores de cabeça e náuseas, para além de um cansaço ofegante que não o largava. Na primeira noite teve muita dificuldade em adormecer, mas só quando vomitou é que decidiu telefonar para a recepção e pedir um médico. Não havia médico, mas o recepcionista,

habituado a ver aqueles sintomas manifestarem-se com frequência nos recém-chegados, fez um diagnóstico instantâneo.

"Acute Mountain Sickness", disse, quando o visitou no quarto.

"O quê?"

"É a síndrome da altitude", explicou. Olhou para a mala deitada na carpete. "O senhor chegou de avião, foi?"

"Sim."

"Quase todos os estrangeiros que vêm de avião sofrem desse mal. Deve-se à passagem rápida entre o nível do mar e a altitude, sem adaptação em pontos intermédios."

"Mas há algum problema com isso?"

"Claro que há. Sabe, a pressão atmosférica aqui é muito inferior à do nível do mar. Isso significa que a pressão não chega para empurrar o oxigênio para o sangue e é por isso que as pessoas se começam a sentir mal."

Tomás inspirou fundo, tentando sentir a diferença. De fato, o ar parecia mais leve, quase rarefeito.

"E agora? O que faço?"

"Nada."

"Nada? Mas isso não é solução..."

"Pelo contrário, é a melhor solução. O senhor não deve fazer nada. Fique aqui no quarto, descanse e vá-se adaptando devagar à altitude. Não faça esforços. Procure respirar mais rápido, para compensar a falta de oxigénio no sangue. O seu coração provavelmente está a bater mais depressa, pelo que deve descansar. Daqui a alguns dias irá sentir-se melhor, vai ver. Nessa altura poderá então sair lá para fora." Ergueu um dedo, à maneira de aviso. "Mas, atenção, se piorar isso é muito mau sinal. Poderá significar que está a desenvolver uma forma maligna do mal das alturas, devido a complicações pulmonares ou cerebrais. Nesse caso, terá de ser imediatamente retirado do Tibete."

"E se não for retirado?"

O empregado arregalou muito os olhos rasgados e a tez trigueira.

"Morrerá."

Ao terceiro dia sentiu-se de fato melhor e, mais animado, decidiu sair à rua. Perguntou as direções na recepção do hotel e meteu vagarosamente pela Bei Jin Guilam, em direção ao majestoso Potala. Atravessou o Shõl, situado no sopé do magnífico palácio do Dalai-Lama, e não pôde deixar de se sentir chocado por ver toda aquela área transformada numa despropositada metrópole chinesa, com uma grande avenida entupida de tráfego.

Diante do Potala abria-se uma enorme praça com uma escultura pirosa, à frente da qual se amontoavam turistas chineses a tirar fotografias com o palácio atrás. Depois da praça, a larga avenida enchia-se de estabelecimentos de aspecto moderno, eram boutiques, lojas de equipamento desportivo, de roupa para criança, vestuário de marca, sapatarias, restaurantes, gelatarias, pastelarias, tabacarias, floristas, farmácias, oculistas, tudo numa grande azáfama, com múltiplos néons coloridos visíveis por toda a parte, era como se o Potala fosse um corpo estranho, um colossal intruso tibetano implantado num imenso mar chinês.

Alguns quarteirões adiante, o visitante virou à direita e entrou enfim no tranquilo bairro tibetano. Penetrou no emaranhado de ruelas estreitas, as artérias contorcendo-se em todas as direções, por vezes alargando-se, sempre emparedadas por velhos edifícios de adubo branco e janelas negras, em alguns casos o caminho atravessado por poças de lama ou pelo cheiro repelente de excrementos.

"Hello", saudou uma voz feminina vinda de cima. Era uma rapariga tibetana que acenava de uma janela. "Tashi deleh! Hello!”

"Tashi deleh", disse Tomás, devolvendo o cumprimento com um sorriso.

Todos pareciam arranjar ali um momento para cumprimentar o forasteiro; com um sorriso aberto, um aceno efusivo, uma vénia discreta, um "hello" em inglês ou um "tashi deleh" tibetano, por vezes deitando a língua de fora como se troçassem de si. Naquele recanto acanhado, por entre ruelas escondidas e longe da influência chinesa, escondia-se o Tibete que sempre imaginara.

O pacato labirinto desembocou numa enorme e movimentada praça. Uma multidão agitava-se por todo o perímetro, viam-se nómadas e cabras, peregrinos de Amdo, viajantes de Kham, monges prostrados ou a recitar mantras, saltimbancos a efetuar acrobacias, bancas a vender carpetes e pinturas tbangka, chapéus, roupas, jerry cans com combustível, fotografias do Dalai-Lama, bugigangas de Katmandu, chá de Darjeeling, cachecóis kadab de Sechuan, amuletos pondu de Drepung, cortinas de Shigatse, lenços de Caxemira, plantas medicinais dos Himalaias, velhas moedas indianas transformadas em ornamentos, anéis de prata decorados com pedras turquesa, tudo o que se possa imaginar estava ali à venda em todas as cores.

"Hello"', chamou uma vendedora.

"Look'ee! Look'ee!”, gritou outra, enquanto uma terceira exibia figuras religiosas esculpidas em osso de iaque: "cheap'ee, cheap'ee!"

Uma densa mole humana, compacta, empurrava-se pela praça, murmurando mantras e girando mani colo, as rodas de orações que empunhavam na mão direita, umas feitas de cobre, outras de jade, algumas de sândalo; era o Barkhor, o grande movimento religioso que contornava o templo no sentido dos ponteiros do relógio, os peregrinos observando os acrobatas, mirando os monges, espreitando as bancas ou simplesmente concentrados no trajeto circum-ambulatório religioso em torno do perímetro.

Tomás não precisou de verificar no mapa para perceber que aquele era o bazar de Tumskhan, montado em torno do circuito religioso do Barkhor. Por entre as casas tradicionais tibetanas, erguidas com fachadas brancas e belas varandas de madeira incrustadas nas esquinas, abria-se a entrada do templo. A porta de acesso era decorada por pilares vermelhos, que suportavam uma estrutura adornada em tecido de iaque, no topo da qual cintilava uma imagem sagrada, a das figuras em ouro de dois veados voltados para uma harmoniosa dharmachakra, a Roda da Lei.

O templo de Jokhang.

Alguns peregrinos mantinham-se prostrados no chão de pedra do Barkhor, diante do templo, entoando um cavado "ooooooooooooooooom" em uníssono, era o fonema sagrado do "om mani pedme hum", o mantra de seis sílabas, a prece da Criação. Aquele timbre fundo e gutural, que os budistas dizem ser o som primordial, a sílaba que gerou o universo, ressoava longamente pela praça, entrecortado apenas pelo ruído combinado das expirações ritmadas, como se os crentes tivessem recebido um soco no estômago. O passo dos peregrinos era também pontuado pelo estridular metálico do korten, os moinhos de orações dourados dispostos em fila junto à porta.

Tomás cortou por entre a multidão e cruzou a entrada do santuário, calcorreando um grande átrio a céu aberto. O desagradável cheiro de manteiga de iaque rançosa flutuava no ar, exalado pelos devotos que levavam para o Jokhang pedaços da gordura amarela para a espalharem com colheres pelo recinto. Procurando escapar ao odor repelente, o visitante refugiou-se por momentos junto a pauzinhos de incenso incandescente e observou a cena em redor de si. O pátio apresentava-se repleto de peregrinos que percorreram centenas de quilómetros para ali se juntarem, muitos deitados no chão com a testa colada à pedra a recitar preces, outros agitando rodas metálicas de oração, alguns a espalharem a manteiga de cheiro nojento em altares diante de pequenos Budas.

Um ocidental de aspecto bonacheirão aproximou-se de Tomás com uma máquina fotográfica pendurada ao peito.

"Belo espectáculo, hem?"

"Sim."

O homem apresentou-se. Chamava-se Carlos Ramos e era um mexicano que vivia em Espanha.

Depois de trocarem amabilidades, Carlos mirou a multidão de crentes e abanou a cabeça.

"Depois de ler muitos livros, percebi finalmente o que é o budismo", comentou. "É um jogo de pontos."

"Como assim, um jogo de pontos?"

"É simples", sorriu o mexicano. "Quanto mais mérito tivermos durante a vida, maiores as nossas possibilidades de conseguirmos uma boa reencarnação da próxima vez. Se fizermos poucos pontos, havemos de reencarnar como insetos ou lagartos, por exemplo. Mas se formos muito piedosos e atingirmos um determinado nível de pontos, poderemos voltar como seres humanos outra vez. E se formos mesmo bonzinhos... bueno, nesse caso regressaremos como homens ricos ou até como lamas. Percebe? É um pouco como num jogo de computador. Mais pontos agora significam uma melhor vida na próxima reencarnação."

Tomás riu-se com a forma simplória como o budismo era apresentado por aquele turista.

"E como é que se conseguem esses pontos?"

O mexicano fez um gesto em direção à multidão que enchia o Jokhang.

"Prostrando-se, caray! Está a ver? Quanto mais se prostram, mais pontos obtêm. Há tipos que se prostram mais de mil vezes num único dia." Fez uma careta. "Olhe que mil vezes é muito, hã? Dá cá uma dor nas costas... A maior parte do pessoal fica-se pelas cento e oito vezes, dizem que é um número sagrado e sempre poupa no esforço, não é?" Mirou uma cabra que alguém trouxera para o templo. "Mas há outras maneiras. Por exemplo, salvando a vida de um animal. Isso vale pontos, o que pensa você? Ou dar esmola a um pedinte, isso também conta para o somatório da boa reencarnação."

"E quem tiver uma vida perfeita?"

"Oh, isso é a lotaria do budismo! O El Gordo! É que o número máximo de pontos leva-nos para o nirvana, sabia? O nirvana significa que quebramos o ciclo vicioso da vida terrena. Aí, no pasa nada! Acabam-se os problemas com as reencarnações."

"Isso é um pouco como o cristianismo, não acha?", observou Tomás. "Quanto mais bonzinhos formos, mais pontos somamos no céu e maiores as possibilidades de ganharmos um lugar no paraíso."

O mexicano encolheu os ombros.

"Ora aí está", exclamou. "O grande tema de todas as religiões é, afinal, a soma de pontos."

Depois de esboçar um último sorriso, Tomás despediu-se do turista e mergulhou no templo.

O interior do velho edifício encontrava-se envolto numa penumbra, pontuada pelas velas de manteiga de iaque acesas em fila nos altares. Tirou um papel do bolso e, numa zona de luz, procurou a direção anotada. Uma vez orientado, atravessou o interior sombrio e foi ter a um pátio soalheiro. Um monge calvo, vestido com um tasen escarlate da ordem Galupka, materializou-se da sombra, na porta das capelas, e o visitante interpelou-o.

"Jinpa Khadroma?"

O monge olhou-o com atenção. Depois de uma ligeira hesitação, curvou-se numa vênia e fez sinal ao estranho para o seguir.

Ascenderam ao primeiro terraço do Jokhang e meteram à esquerda por um discreto corredor ao ar livre, numa zona tranquila; lá ao fundo, depois de uma esquina, o monge imobilizou-se diante de uma cortina kuou. Ergueu levemente o canto da cortina e espreitou lá para dentro, murmurando uma pergunta; uma voz soou do outro lado e o monge abriu toda a cortina, fez uma vênia para Tomás, indicou-lhe que entrasse, curvou-se numa última vénia e desapareceu.

O quarto era pequeno e sombrio. Havia uma única janela rasgada na parede e era por ali que jorrava luz sobre a esteira onde se sentava um monge gordo. Fotografias do exilado Dalai-Lama e do falecido Panchen Lama sorriam para o visitante, ambas pregadas num armário, e um monte de livros apresentava-se empinhado sobre uma mesinha, num equilíbrio delicado. O monge tinha um pequeno volume na mão; fechou-o com brandura, ergueu a cabeça e acolheu o estrangeiro com um sorriso.

"Tashi deleh", cumprimentou.

"Tashi deleh."

"Eu sou Jinpa Khadroma", anunciou o monge. "Queria falar comigo?"

Tomás apresentou-se e acenou com o papel que trazia na mão, rabiscado por Greg Sullivan na embaixada americana em Lisboa.

"O seu contato foi-me dado... uh... por uns amigos, que me disseram que o senhor me poderia ajudar."

"Que amigos?"

"Bem... receio que não os possa identificar. Mas são amigos."

O monge torceu os lábios grossos.

"Hmm", murmurou, pensativo. "E em que o posso ajudar?"

"Procuro uma pessoa aqui no Tibete."

Tomás retirou o postal do bolso e estendeu-o a Jinpa. O monge pegou no postal, observou a imagem do Potala e analisou a mensagem no verso.

"O que é isto?"

"É um postal enviado por alguém do Tibete a um amigo meu que desapareceu. Tenho razões para supor que esse tibetano me poderá ajudar a perceber o que aconteceu a esse meu amigo. O tibetano chama-se... uh..." Tomás inclinou-se e espreitou a assinatura escrevinhada no postal preso nos dedos de Jinpa. "Tenzing Thubten."

O monge cravou-lhe os olhos, sem trair a mínima emoção, e pousou o postal junto a umas fotografias do Dalai-Lama, mesmo ao lado.

"Ninguém tem acesso a Tenzing Thubten assim sem mais nem menos", disse Jinpa. "Temos primeiro de verificar umas coisas e falar com umas pessoas."

"Com certeza."

"Amanhã terá a sua resposta. Se constatarmos que há algo suspeito sobre si, nunca verá a pessoa que procura. Mas se estiver tudo bem, chegará ao seu destino." Fez um gesto rápido com a mão, quase como se se despedisse. "Apareça às dez da manhã em ponto diante da capela de Arya Lokeshvara."

Tomás tomou nota.

"Arya Lokeshara?"

"Lokeshvara."

Corrigiu a anotação.

"Hmm", murmurou o visitante. "E onde é isso?"

Jinpa virou a cara e apontou com o queixo na direcção do postal pousado ao seu lado.

"No Palácio Potala."

XXIX

Uma chuva fina e pertinaz cobria Lhasa, lançando uma neblina pardacenta sobre a capital tibetana, quando Tomás Noronha iniciou a lenta ascensão ao promontório que se erguia acima do casario raso. Caminhando com concentrado vagar, sempre a controlar o ritmo da respiração e das batidas cardíacas, escalou os degraus em Z até atingir o nível dos telhados do Shöl. Parou então, ergueu a cabeça e contemplou o magnífico palácio que o aguardava.

O Potala repousava majestosamente sobre a pedra escarpada, a longa fachada branca a abraçar a rocha escura, o centro avermelhado erguendo-se como a torre de um castelo, as ranhuras das janelas espreitando a cidade que despertava no sopé. Todo o palácio parecia um grandioso farol, uma imensa fortaleza alteada sobre Lhasa, vigilante e protectora, erguendo-se com silenciosa imponência por entre as brumas para guiar o espírito do Tibete. Bandeiras coloridas de orações flutuavam ao vento, o pano batendo com força. Ofegante, o coração saltitando de cansaço e excitação, inclinou-se sobre o muro e admirou a cidade que se espraiava pelo planalto, encaixada por entre as montanhas, como se cada casa fosse um súbdito prostrado diante da divindade que o observava do Potala.

Puro.

Tudo dali parecia sereno, transparente, elevado. Puro. Nunca como naquele lugar experimentou a sensação de se encontrar algures entre o céu e a terra, flutuando sobre a neblina com o espírito livre, emergindo da massa dos homens para tocar Deus,

sentindo a eternidade comprimida num segundo, o efémero estendendo-se pelo infinito, o princípio do Ômega e o fim do Alfa, a luz e as trevas, o universo num sopro, a impressão de que a vida tem um sentido místico, de que há um mistério que se esconde para lá do que é visível, um enigma gravado em letra antiga num código hermético, um velho som que se pressente mas não se escuta.

O segredo do mundo.

Mas um vento gelado, que soprava forte e agreste nas alturas, logo arrefeceu a chama do arcano que lhe ardia no peito e obrigou-o a apressar o passo na direcção das entranhas escurecidas do palácio adormecido. Atingiu o Deyang Shar, o grande pátio externo do Potala, e escalou a escadaria até entrar no Palácio Branco, a antiga zona residencial do Dalai-Lama. Mergulhou no calor dos andares superiores e sentiu uma aura de mistério encher aquele lugar.

Os compartimentos sombrios, iluminados por frágeis lâmpadas penduradas no teto ou pelas cortinas amareladas que tapavam as janelas, pareciam ocultar um tesouro perdido, de que uma ínfima parte se vislumbrava por entre os cânticos que ecoavam pelos corredores; eram os monges que recitavam os textos sagrados. Apenas o som de sinos a badalarem à distância quebrou o murmúrio ondulado da suave declamação dos mantras, o ooooooom primordial a reverberar pelo palácio como um rumorejo dos deuses. O ar apresentava-se impregnado com o odor forte a manteiga de iaque, o desagradável aroma rançoso misturado com o delicioso cheiro a incenso. Lá fora, o sopro do vento deve ter aberto uma nesga no manto de nuvens que toldava o céu, porque raios quentes de sol brotaram nesse instante por entre os reposteiros fulvos e invadiram o interior do palácio, projectando bizarros focos de luz nos cantos ensombrados, o fio violáceo e branco do fumo do incenso erguendo-se como espíritos fugidios que se esfumavam no ar.

Um monge jovem, calvo e coberto por um manto rubro, apareceu no corredor e logo Tomás o interpelou.

"Tashi deleh", cumprimentou o estrangeiro.

"Tashi deleb", respondeu o monge, fazendo uma vénia curta.

Tomás esboçou uma expressão interrogativa.

"Arya Lokeshvara?"

O tibetano fez sinal para Tomás o seguir. Subiram ao Palácio Vermelho e calcorrearam os corredores pintados de laranja; entraram nas arcadas superiores, sustentadas por pilares cobertos por panos vermelhos e protegidas por uma varanda que dava para os telhados dourados. Após contornar duas esquinas, o monge apontou para uma pequena capela escondida num canto do palácio, as escadarias da entrada iluminadas por uma surpreendente nesga de sol que se abria no teto.

"Kale shu", despediu-se o jovem monge, antes de desaparecer.

A pequena capela Arya Lokeshvara, embora apertada, era alta e apresentava-se cheia de estátuas. Uma neblina de incenso enchia o ar à luz amarelada das velas de manteiga de iaque e apenas um monge se encontrava lá dentro, sentado em meditação, o corpo voltado para as estátuas contidas numa vitrina, diante das íngremes escadinhas de entrada. Tomás olhou em redor, para as arcadas, e procurou sinais de alguém à sua espera, teve mesmo a esperança de ser interpelado por uma pessoa escondida na sombra e que se identificasse como sendo Tenzing Thubten. Mas ninguém apareceu. Permaneceu ali longos minutos, parado, mirando a luz

tremelicante das velas, sentindo o cheiro de manteiga e incenso, ouvindo os mantras recitados por vozes longínquas.

Ao fim de vinte minutos começou a sentir-se inquieto, a mente assaltada por angustiadas dúvidas. Teriam os monges considerado suspeito o seu inquérito? Será que tinha sido tão desastrado que afugentara a caça? O que faria se todas as portas se lhe fechassem? Como poderia retomar a investigação?

"Kbyerang kusu depo yinpe?"

Tomás estremeceu e olhou na direção de onde tinha vindo a voz. Era o monge que se encontrava sentado dentro da capela, as costas voltadas para si.

"Perdão?"

"Perguntei-lhe se o seu corpo se encontra bem. É a nossa maneira de cumprimentar um amigo."

Tomás subiu hesitantemente as escadinhas, entrou na capela, contornou o tibetano e reconheceu o monge com quem falara na véspera no templo de Jokhang.

"Jinpa Khadroma?"

O monge gordo virou o rosto, mirou-o e sorriu com bonomia, parecia um Buda vivo.

"Surpreendido por me ver?"

"Bem... enfim... não...", titubeou Tomás. "Quer dizer, sim. Não deveria ser Tenzing Thubten a estar aqui?"

Jinpa abanou a cabeça.

"O Tenzing não pode vir ter consigo. Estivemos a verificar as suas credenciais, no entanto, e parece-nos que não há problemas em possibilitar um encontro. Mas terá de ser você a ir ter com ele."

"Tudo bem", assentiu o historiador. "Diga-me onde."

O monge voltou a cabeça para a frente, fechou os olhos e respirou fundo.

"O senhor é um homem religioso, professor Noronha?"

Tomás observou-o, um pouco frustrado por Jinpa não lhe dizer imediatamente onde poderia encontrar o homem que procurava. Mas tinha consciência de que os ritmos eram aqui diferentes e deixou-se guiar pela pergunta do monge.

"Nem por isso."

"Não acredita na existência de algo que nos transcende?"

"Bem... talvez, não sei. Digamos que estou à procura."

"O que procura?"

"A verdade, suponho eu."

"Julguei que procurava Tenzing."

Tomás riu-se.

"Também", disse. "Talvez ele saiba a verdade."

Jinpa voltou a respirar fundo.

"Esta capela é a mais sagrada das capelas do Potala. Remonta a um palácio que aqui foi construído no século VII, sobre o qual o Potala foi erguido." Pausa. "O senhor não sente aqui a presença de Dbarmakaya?”

"Quem?"

Com os olhos fechados e a pose estática, o monge parecia mergulhado em meditação.

"O que sabe o senhor sobre o budismo?"

"Nada."

Fez-se mais um silêncio, apenas quebrado pelos cânticos longínquos das recitações dos textos sagrados.

"Há mais de dois mil e quinhentos anos nasceu no Nepal um homem chamado Siddharta Gautama, um príncipe pertencente a uma casta nobre e que vivia num palácio. Ao constatar, porém, que para lá do palácio a vida era feita de sofrimento, Siddharta abandonou tudo e foi para a Índia viver numa floresta como um asceta, dilacerado por uma pergunta: para quê viver quando tudo é dor? Durante sete anos deambulou pela floresta em busca da resposta a essa pergunta. Cinco

ascetas convenceram-no a jejuar, por acreditarem que a renúncia às necessidades do corpo criaria a energia espiritual que os conduziria à iluminação. Siddharta jejuou tanto que ficou esquelético e o umbigo tocou-lhe na coluna vertebral. No final, constatou que o esforço de nada servira e concluiu que o corpo necessita de energia para alimentar a mente na sua busca. Decidiu, por isso, abandonar os caminhos extremos. Para ele, o verdadeiro caminho não era o da luxúria dos palácios nem o da mortificação dos ascetas, onde se encontram os dois extremos. Escolheu antes o caminho do meio, o do equilíbrio. Um dia, após banhar-se no rio e comer um arroz-doce, sentou-se em meditação debaixo de uma figueira, uma Árvore da Iluminação a que chamamos Bodhi, e jurou que não sairia dali enquanto não atingisse a iluminação. Após quarenta e nove dias de meditação, chegou a noite em que alcançou finalmente a clarificação

final de todas as suas dúvidas. Ele despertou por completo. Siddharta tornou-se Buda, o Iluminado."

"Mas ele despertou de quê?"

"Despertou do sonho da vida." Jinpa abriu os olhos, como se também ele tivesse acordado. "Enfim iluminado, o Buda expressou o caminho para o despertar através das Quatro Nobres Verdades. A Primeira é a constatação de que a condição humana é sofrimento. Esse sofrimento

emerge da Segunda Nobre Verdade, que é a nossa dificuldade em encarar um fato básico da vida, o de que tudo é transitório. Todas as coisas nascem e morrem, disse o Buda. Nós sofremos porque nos agarramos ao sonho da vida, às ilusões dos sentidos, à fantasia de que é possível manter tudo como está, e não aceitamos que o mundo é um rio que passa. É esse o nosso karma. Vivemos na convicção de que somos seres individuais, quando na verdade fazemos parte de um todo indivisível."

"E é possível romper essa... uh... ilusão?"

"Sim. A Terceira Nobre Verdade estabelece justamente que é possível quebrar o ciclo do sofrimento, é possível libertarmo-nos do karma e atingir um estado de total libertação, de iluminação, de despertar. O nirvana. É aqui que a ilusão da individualidade se desfaz e nasce a constatação de que tudo é uno e que nós fazemos parte do uno." Suspirou. "A Quarta Nobre Verdade é o óctuplo caminho sagrado

destinado à supressão da dor, à fusão com o uno e à elevação ao nirvana. É o caminho para nos tornarmos Buda."

"E qual é esse caminho?", quis saber Tomás.

Jinpa voltou a fechar os olhos, como se regressasse à meditação.

"É o caminho de Shigatse", limitou-se a dizer.

"Como?"

"É o caminho de Shigatse."

"Shigatse?"

"Em Shigatse existe um pequeno hotel. Dirija-se a ele e diga que deseja que o bodbisattva Tenzing Thubten lhe mostre o caminho."

Tomás ficou um instante paralisado, atordoado com a forma súbita e inesperada como o monge mudara o rumo da conversa e regressara ao ponto inicial. Logo reagiu, porém; tirou o bloco de notas e rabiscou as instruções.

"Que Tenzing... me mostre... o caminho", soletrou enquanto escrevinhava com a língua presa no canto da boca.

"Não escreva." Jinpa tocou com o dedo na cabeça. "Memorize."

O visitante mostrou-se de novo momentaneamente desconcertado com a ordem, mas, obediente, acabou por arrancar a folha do bloco, amarrotá-la e atirá-la para um cesto.

"Hmm...", murmurou, esforçando-se por decorar os pormenores. "Shigatse, é?"

"Sim."

"E o que faço lá?"

"Vá para o hotel."

"Qual hotel?"

"O Gang Gyal Utsi."

"Como? Gang quê?"

"Gang Gyal Utsi. Mas os ocidentais dão-lhe outro nome."

"Outro nome?"

"Hotel Orchard."

Desceu infindáveis degraus inclinados a pique, por longas escadarias mal iluminadas rasgadas no edifício como poços sombrios, passou pelo grande salão onde se encontrava o trono do sexto Dalai-Lama e, ignorando as estátuas e as capelas que ornavam o local, abandonou apressadamente o Potala.

Tomás era um homem com uma missão. Trazia memorizado o ponto de encontro para a conversa com o tibetano que, acreditava, o poderia elucidar sobre os mistérios em torno do desaparecimento do professor Siza e do segredo que envolvia o velho manuscrito de Einstein. Sentia-se à beira de deslindar o enigma e mal conseguia reprimir a excitação que lhe fervia no corpo e lhe revigorava a alma. Desceu com imprudente pressa por um trilho de terra até à Bei Jin Guilan, a cabeça inclinada para a frente, os olhos fixos no chão, a mente a vaguear pelas perspectivas que se lhe abriam, completamente alheio ao mundo a pulsar em redor de si.

Não se apercebeu, por isso, de uma carrinha negra que parou ao lado do passeio, nem viu os dois homens saltarem do interior e dirigirem-se a si com furtiva intenção.

Um movimento brusco trouxe-o de volta à realidade.

"Mas o que..."

Alguém lhe torceu brutalmente o braço, forçando-o a dobrar o corpo e a soltar um urro de dor.

"Entre aqui", ordenou uma voz desconhecida num inglês com forte sotaque estranho.

Atarantado, sem perceber o que se passava, quase como se vivesse um sonho irreal, viu a porta da carrinha abrir-se e sentiu-se voar para o seu interior.

"Larguem-me! O que é isto? Larguem-me!"

Recebeu uma pancada na nuca e viu tudo escuro. A imagem seguinte que registou foi a do seu nariz comprimir-se contra o banco traseiro da viatura, os solavancos e o som do motor em aceleração a indicarem-lhe que se encontrava na carrinha e que era levado por desconhecidos.

"Então?", perguntou uma voz. "Está calmo?"

Deitado de barriga para baixo no banco, os braços algemados atrás das costas, Tomás voltou a cabeça e viu um homem de bigode preto a sorrir-lhe ao lado. Tinha ar de ser proveniente do Médio Oriente, a tez levemente morena.

"O que é isto? Para onde me levam?"

O homem manteve o sorriso.

"Calma. Já vai descobrir."

"Quem é você?"

O desconhecido inclinou-se para Tomás.

"Não se lembra de mim?"

O historiador tentou destrinçar traços familiares naquele rosto, mas nada registou.

"Não."

O homem soltou uma gargalhada.

"É natural", exclamou. "Quando falamos, você tinha os olhos vendados. Mas não reconhece a minha voz?"

Tomás arregalou os olhos. Não havia dúvida, concluiu agora, horrorizado. Aquele desconhecido era um iraniano. E dos menos simpáticos.

"Não."

"O meu nome é Salman Kazemi e sou coronel do VEVAK, o Ministério das Informações e Segurança da República Islâmica do Irão", apresentou-se. "Se bem se recorda, tivemos uma vez uma conversa bem animada na cadeia de Evin. Lembra-se?"

Tomás lembrava-se. Era o interrogador da polícia secreta, aquele que o esbofeteara e que lhe apagara um cigarro no pescoço.

"O que está você aqui a fazer?"

"Vim à sua procura."

"Mas o que me quer você?"

Kazemi abriu as mãos grossas.

"O mesmo de sempre."

"O quê? Não me diga que está aqui porque ainda quer saber o que fazia eu no Ministério da Ciência à noite?"

O coronel soltou uma gargalhada.

"Isso já nós percebemos há muito tempo, caro professor. Você pensa que somos parvos ou

quê?"

"Então o que quer saber?"

"O mesmo de sempre, já lhe disse."

"O quê?"

"Queremos saber o segredo do manuscrito de Einstein."

Vencendo o medo, Tomás conseguiu esboçar um esgar de desprezo.

"Você não tem capacidade intelectual para perceber esse segredo. O que aquele documento revela está para além da sua compreensão."

Kazemi sorriu de novo.

"Talvez você tenha razão", admitiu. "Mas existe entre nós quem esteja habilitado a perceber tudo."

"Entre vocês? Duvido."

Tomás viu o coronel fazer um sinal para a frente e, pela primeira vez, percebeu que, para além do condutor, havia uma outra pessoa sentada no banco dianteiro. Focou a atenção nessa pessoa e reconheceu, surpreendido, os cabelos negros, as linhas delicadas no rosto, os lábios sensuais, os olhos melados que o fitavam com uma indisfarçável e irreprimível ponta de tristeza.

"Ariana."

XXX

O quarto revelou-se escuro e frio, com apenas uma pequenina janela gradeada no topo, tapada por um vidro grosso e fosco. Era por aquela estreita abertura que entrava toda a luz que iluminava o pequeno compartimento. Do tecto pendia uma lâmpada, como uma lágrima presa por um fio, mas Tomás ainda não a vira acesa e suspeitava que só à noite lhe enxergaria o bruxulear amarelado.

Chamar quarto àquele rudimentar espaço talvez fosse excesso de tolerância. Era, sem dúvida, uma cave, e, nas circunstâncias actuais, talvez a expressão mais adequada para descrever o local fosse a palavra cela. Tomás encontrava-se encerrado numa cela improvisada. Havia uma colorida manta tibetana estendida no chão de pedra fria, um balde para fazer as necessidades e um jarro de água.

Nada mais.

A verdade, porém, é que o conforto estava longe de ser a principal das preocupações de Tomás naquele momento. A questão central resumia-se à constatação de que fora de novo feito prisioneiro. Sentou-se de cócoras sobre a manta e fez um ponto da situação. Os seus carcereiros eram os iranianos; procuravam desvendar o segredo encerrado no manuscrito de Einstein; e, como se fosse a cereja podre em cima daquele bolo da desgraça, Ariana estava do lado deles.

Custava-lhe a acreditar, mas vira o que vira, vira Ariana com o coronel iraniano, vira-a no carro onde fora sequestrado, vira-a participar naquele acto. Como era possível tal coisa? Ariana contra si? A dúvida martelou-o sem cessar. Será que sempre estivera contra si? Será que o enganara o tempo todo? Que tolo! Tolo, tolo, tolo. Mas, questionou-se, qual o objectivo do exercício? Para quê todo o teatro encenado em Teerã? Não, pensou, abanando a cabeça. Não pode ser. Ariana não pode ser dúplice a este ponto. Isso era de mais. Não. Tem de haver outra explicação. Procurou alternativas, buscou justificações, tentou um novo caminho. Será, interrogou-se quase timidamente, será que alguém a forçara? Será que ela foi apanhada a ajudá-lo e a sua vida também corria agora perigo? Mas, se corria perigo e estava sob ameaça do regime, por que razão a deixaram vir até ao Tibete?

Permaneceu horas ali fechado, sozinho, entregue às suas perplexidades, procurando encontrar uma explicação para o inexplicável, uma justificação para o insuportável, uma saída para o inaceitável. Mas o amargo sabor da traição não o largava, era como um fantasma a assombrar-lhe cada pensamento, uma mancha que lhe matizava os sentimentos, uma dúvida que o inquietava para além do que podia tolerar.

Passos.

O som de passos a aproximarem-se interrompeu-lhe o angustiado fio do pensamento. Vinha aí alguém. Susteve a respiração e aguçou a atenção. Ouviu vozes a acompanharem esses passos, depois os passos pararam e escutou o som metálico de uma chave a entrar na fechadura da porta do quarto.

Clique, dique.

Claque.

A porta abriu-se e o vulto corpulento do coronel Kazemi invadiu o pequeno compartimento. Trazia um banco na mão e atrás vinha mais gente. Tomás esticou a cabeça e identificou Ariana.

"Então como vai o nosso professor?", perguntou o oficial do VEVAK com ar jovial. "Pronto para falar?"

Kazemi deixou Ariana passar e trancou a porta atrás de si. Depois pousou o banco no chão e sentou-se, mirando Tomás. O recluso erguera-se sobre o tapete tibetano, os olhos dançando com desconfiança entre os dois iranianos.

"O que me querem vocês?"

"Você sabe...", sorriu Kazemi com ar condescendente.

Tomás ignorou-o e fitou Ariana com uma expressão zangada, acusadora.

"Como é que você me pôde fazer isto?"

A iraniana fugiu com os olhos, pregando-os ao chão.

"A doutora Pakravan não tem justificações a dar-lhe", rosnou Kazemi. "Vamos ao que interessa."

"Fale", insistiu Tomás, sempre fixado em Ariana. "O que se passa aqui?"

O coronel ergueu o dedo.

"Estou a avisá-lo, professor", vociferou, a voz ameaçadora. "A doutora Pakravan não tem explicações a dar-lhe. O senhor é que tem explicações a dar-nos."

Tomás não deu sinais de ter escutado o homem do VEVAK e manteve a atenção virada para a iraniana.

"Diga-me que não foi tudo mentira. Diga-me qualquer coisa."

Kazemi ergueu-se bruscamente do banco, pegou Tomás pelo colarinho e levantou a mão direita, preparando-se para o esbofetear.

"Cale-se, idiota!", ladrou.

Ariana gritou qualquer coisa em parsi e o coronel susteve a mão no ar. Largou Tomás com relutância e regressou ao banco, uma expressão de despeito desenhada no rosto.

"Então?", insistiu o prisioneiro, ainda em tom de desafio. "Como se explica tudo isto?"

Ariana manteve-se por instantes calada, mas logo mirou o coronel e falou com ele novamente em parsi. Após uma ininteligível troca de palavras, Kazemi fez um gesto irritado e voltou-se para Tomás.

"O que quer você saber?"

"Quero saber qual o envolvimento de... da doutora Pakravan nesta história."

O oficial do VEVAK sorriu sem humor.

"Pobre coitado", disse. "Você acha mesmo que é possível fugir de Evin com essa facilidade toda?"

"O que quer você dizer com isso?"

"O que eu quero dizer é que não foi você que conseguiu fugir, ouviu? Fomos nós que o

deixamos escapar."

"Como assim?"

"A transferência de Evin para a Prisão 59 não foi senão um pretexto para possibilitar a sua fuga."

Tomás mirou Ariana, acreditando e não querendo acreditar.

"Isso é verdade?"

O silêncio da iraniana foi eloquente.

"Foi a doutora Pakravan quem planejou tudo", revelou o coronel, como se falasse por ela. "A sua transferência, o teatro no meio da rua para o convencer de que estava a ser resgatado, tudo."

O recluso manteve o olhar preso em Ariana, atordoado.

"Foi então tudo uma encenação..."

"Tudo", repetiu Kazemi. "Ou você pensa que é normal um preso escapar-se com toda aquela facilidade das nossas mãos, uh?" Sorriu com uma expressão sarcástica. "Se você fugiu, foi porque nós queríamos que você fugisse. Entendeu?"

Tomás mostrava-se perplexo, os olhos agora saltitando entre os dois iranianos.

"Mas... com que objetivo? Para quê isso tudo?"

O coronel suspirou.

"Ora, para quê?", perguntou com desprezo. "Porque tínhamos pressa, claro. Porque queríamos que você nos conduzisse ao segredo sem mais perda de tempo." Acomodou-se no banco. "Não tenha dúvidas de que você cantaria como um canário se o puséssemos no Prisão 59."

"Então por que não me mantiveram lá?"

"Porque não somos parvos. Se você foi apanhado à noite no Ministério da Ciência a roubar um manuscrito relacionado com o nosso programa nuclear, era evidente para toda a gente que não fez isso porque lhe apeteceu. Você estava a mando da CIA ou de qualquer outra organização americana. E, se estava envolvido com a CIA, é claro como água que a última coisa que iria confessar era esse fato." Encolheu os ombros. "Quer dizer, você acabaria por confessar, é evidente. Mas poderia levar meses. E nós não temos meses."

"E então?"

"E então? E então a doutora Pakravan apresentou a sugestão que resolveu o problema.

Deixamo-lo fugir e, depois, era uma questão de lhe seguir os passos. Entendeu?"

Tomás voltou a mirar Ariana.

"Portanto, não passou tudo de uma encenação."

"Hollywood", disse Kazemi. "E do melhor. Mantivemo-lo sob vigilância e, depois, foi só uma questão de o seguir e ver para onde nos levaria."

"Mas o que vos levou a prever que eu continuaria a busca? Afinal de contas, o manuscrito estava em Teerã."

O coronel riu-se.

"Caro professor, o senhor não me entendeu bem. É evidente que você não iria procurar o documento. O que você iria procurar eram pormenores sobre as investigações do professor Siza."

"Ah!", exclamou Tomás. "O professor Siza. O que fizeram vocês dele?"

Kazemi tossiu.

"Bem... uh... houve um pequeno acidente."

"Como assim, um pequeno acidente?"

"O professor Siza foi nosso convidado para visitar Teerã."

"Convidado? Vocês têm por costume entrar à bruta em casa dos vossos convidados e escancararem-lhes o escritório?"

O oficial sorriu.

"Digamos que o professor Siza precisou de ser um pouco... enfim... um pouco... convencido a vir visitar-nos."

"E o que lhe aconteceu?"

"Bem, se calhar é melhor começarmos pelo princípio", disse Kazemi. "No ano passado, um dos nossos cientistas, um tipo que trabalha na central de Natanz, regressou de uma conferência de físicos em Paris com uma informação muito interessante. Ele disse-nos ter escutado uma conversa entre outros físicos, um dos

quais confidenciou possuir um manuscrito desconhecido com a fórmula da maior explosão jamais vista e que estava a ultimar investigações que completariam as descobertas contidas nesse documento. O nosso homem apurou o nome do cientista que segredava estas coisas. Era um tal professor Augusto Siza, da Universidade de Coimbra."

"Foi assim que souberam da existência de A Fórmula de Deus."

"Sim. Ao tomar conhecimento disto, e depois de algumas hesitações, montamos uma operação para nos apossarmos desse segredo. Como sabe, ao longo deste ano tem havido uma grande pressão internacional sobre o nosso programa nuclear, com ameaças veladas de sanções, bombardeamentos e tudo o mais que se possa imaginar. Ora, perante isso, o governo decidiu apressar as investigações, de modo a tornar a nossa posição... uh... inexpugável."

"Vocês querem desenvolver armas nucleares, é o que é."

"Claro. Quando as tivermos, ninguém se atreverá a atacar-nos, não é? Olhe para o exemplo da Coréia do Norte." Arqueou as sobrancelhas, enfatizando a ideia. "De modo que decidimos avançar. Com a ajuda de uns amigos libaneses, fomos lá a Coimbra, deitamos a mão ao professor Siza, convencemo-lo a mostrar-nos onde se encontrava o manuscrito e, claro, convidamo-lo a vir conosco para Teerã. Foi um diálogo caloroso, mas ele acabou por se deixar convencer quando o seu nariz tomou contacto com uma persuasiva quantidade de clorofórmio." Sorriu, muito satisfeito com a forma como apresentara a situação. "Uma vez em Teerão, pusemo-nos a ler o manuscrito de Einstein e houve umas coisas que... enfim, não pareciam muito claras. De modo que fizemos umas perguntas ao professor. Primeiro fomos muito gentis, muito polidos, mas ele resolveu armar-se em casmurro e não disse nem uma palavra. Teimoso como um burro. De modo que tivemos de empregar os grandes meios."

"O que lhe fizeram?"

"Pusemo-lo na Prisão 59."

"Puseram-no na Prisão 59? Sob que acusação?"

Kazemi riu-se.

"Não são precisas acusações para pôr alguém na Prisão 59. Lembre-se de que a Prisão 59 oficialmente não existe e que, para efeitos formais, o professor Siza não estava sequer no Irã."

"Ah, pois."

"De modo que lá o internamos num quarto com serviço de cinco estrelas."

"E então?"

"Fizemos-lhe um interrogatório. Começamos com uma versão suave, mas ele voltou a não colaborar. Dava sempre umas respostas disparatadas, evidentemente concebidas para nos enganar. De modo que tivemos de passar aos grandes meios."

"Os grandes meios?"

"Sim. O problema é que a coisa não correu bem. O professor tinha, aparentemente, um problema cardíaco para o qual não fomos antecipadamente prevenidos."

"O que aconteceu?"

"Ele morreu."

"Como?"

"Ele morreu no interrogatório. Tínhamo-lo pendurado de cabeça para baixo e estávamos a dar-lhe umas vergastadas quando o corpo se tornou inerte. Pensamos que ele tinha perdido os sentidos e tentamos reanimá-lo, mas ele não voltou a si. Fomos examiná-lo e descobrimos que estava morto."

"Filhos da puta."

"Foi um bocado chato", comentou Kazemi. "O velho morreu antes de poder revelar qualquer coisa. Isso atrapalhou-nos um bocado a vida, como deve calcular."

"Que coisas esperava que ele revelasse?"

"A interpretação do manuscrito de Einstein, claro. Pois se o manuscrito continha enigmas e o seu proprietário tinha morrido, como poderíamos nós compreender o documento? Ficou montado um grande problema, o que pensa você? Houve cabeças que estiveram para rolar." Passou a mão pelo pescoço, como se a sua fosse uma delas. "Felizmente que os nossos serviços do VEVAK tinham referenciado previamente todo o círculo de pessoas próximas do professor Siza. Foi assim que percebemos que ele era amigo de um matemático chamado... uh... qualquer coisa Noronha."

Tomás abriu a boca, horrorizado.

"O meu pai."

"Um homem com quem o professor Siza conversava muito, ao que parece." Kazemi inclinou-se no banco, uma expressão quase conspirativa nos olhos. "O que nós precisávamos de saber era se, durante essas muitas conversas de amigos, o defunto físico revelara algum dos segredos do manuscrito de Einstein ao distinto matemático. Está a perceber? Portanto, bastava-nos fazer umas perguntinhas ao matemático." Encolheu os ombros. "O problema é que o matemático, viemos nós a perceber, estava gravemente doente. Nem pensar em repetir o número que já tínhamos montado com o professor Siza. A coisa acabaria outra vez mal e atraíríamos atenções indesejadas. Mas

precisávamos de ter a resposta ao nosso problema, não é? O que fazer?" Fez uma pausa, para efeitos dramáticos. "Foi então que descobrimos que esse matemático tinha um filho que era criptanalista. A coisa encaixava na perfeição. Trazíamos cá o filho e ele ajudar-nos-ia a decifrar os enigmas do manuscrito. Se não conseguisse, era provável que, descobrindo a proximidade entre o pai e o professor Siza, lhe fizesse algumas perguntas. Parecia perfeito."

"Estou a ver."

"As coisas correram inicialmente bem. Você foi a Teerã, viu as cifras e começou a trabalhar nelas. A doutora Pakravan fez-nos relatórios muito elogiosos, comunicando-nos até um grande sucesso no que diz respeito ao primeiro enigma, o do poema. Estávamos todos muito satisfeitos. O problema foi o assalto ao Ministério da Ciência. As coisas descambaram aí. Quando fomos informados de que você tinha sido detido naquelas circunstâncias, percebemos nesse instante que a

CIA estava metida ao barulho. E isso, como deve calcular, complicava grandemente a situação."

"Pois claro", ironizou Tomás. "Deve-vos ter estragado a noite toda."

"Nem imagina", confirmou Kazemi. "Foi uma chatice. Pensamos primeiro em arrancar-lhe a informação à força, mas depressa se tornou evidente que você não sabia tudo. Com muita propriedade, ali a doutora Pakravan chamou-nos a atenção para o fato de que você nem sequer tivera ainda tempo de questionar o seu pai. Ora,

tínhamos de criar essa oportunidade, não é? Tínhamos de deixá-lo falar com o seu pai e depois seguir-lhe os passos, ver até onde nos conduziria."

"Mas vocês acreditam mesmo que o meu pai sabe de alguma coisa?"

O coronel encolheu os ombros.

"É uma possibilidade."

"E que coisa ele saberá?"

"Saberá, por exemplo, onde está guardado o segundo manuscrito."

"Qual segundo manuscrito?"

"Ora. A segunda parte de Die Gottesformel."

"Qual segunda parte de Die Gottesformel? Mas do que raio está você a falar?"

Kazemi suspirou, quase como se estivesse a dirigir-se a uma criança.

"Existe uma segunda parte do manuscrito. O documento que levamos para Teerã encontra-se incompleto. Onde está a segunda parte? Foi isso o que perguntámos ao professor Siza. Onde está a segunda parte? Ele não nos respondeu."

"Mas como é que vocês sabem que há uma segunda parte?"

"Por causa da cifra."

"Qual cifra?"

"A cifra assinalada no manuscrito." Ajeitou-se no banco. "Eu sei que você não pôde ler Die Gottesformel, mas eu vou-lhe explicar. A determinado ponto do texto, já bem perto do final, Einstein escreve que descobriu a fórmula que provocará a grande explosão e que essa fórmula se encontra registada noutro sítio. Depois acrescenta see sign e a cifra. Acreditamos que essa é a chave para a descoberta da segunda parte do manuscrito."

"Mas onde está essa segunda parte?"

Kazemi suspirou, uma ponta de nervosismo na sua postura agressiva.

"Não sei", exclamou. "Diga-me você."

"Eu? Mas o que quer que eu lhe diga? Eu não faço a mínima idéia sobre o paradeiro dessa... dessa segunda parte. Aliás, só agora estou a saber que existe uma segunda parte do manuscrito."

"Não se faça de parvo", rosnou o iraniano. "Não é isso o que eu quero saber."

"Então é o quê?"

"Eu quero saber o que lhe revelou o seu pai."

“O meu pai? O meu pai não me revelou nada."

"Está a querer convencer-me de que não falou com ele?"

"Claro que falei", disse Tomás. "Mas não sobre o manuscrito de Einstein."

"E sobre as investigações do professor Siza?"

"Também não. Nunca me passou pela cabeça que ele pudesse saber alguma coisa de relevante para o caso."

Kazemi esboçou uma expressão impaciente.

"Ouça, aconselho-o a não brincar comigo, ouviu?"

"Eu não estou a brincar consigo. Que eu saiba, os únicos que andam para aqui a brincar são vocês!"

"Então o que está você aqui a fazer?"

"Eu? Eu estou aqui porque vocês me sequestraram, ora essa! Aliás, exijo ser imediatamente..."

"O que está você aqui a fazer no Tibete?", cortou o iraniano, redireccionando a pergunta.

"Ah", entendeu Tomás. "Bem... uh... vim à procura do rasto do professor Siza, claro." Fez um ar resignado. "Mas se vocês o mataram, acho que já encontrei a minha resposta, não é?"

"E por que razão veio ao Tibete procurar o professor Siza? Porquê o Tibete?"

Tomás hesitou, interrogando-se sobre o que poderia contar ao homem do VEVAK.

"Porque... porque me apercebi de que ele mantinha contactos com o Tibete."

"Que contatos?"

"Uh... não sei."

"Você está a mentir. Que contatos?"

"Não sei, já lhe disse. Estou a tentar descobrir."

"E o que vai fazer?"

"Eu? Eu já não vou fazer nada. Que eu saiba, o professor Siza morreu."

"Sim, mas onde o iria tentar localizar?"

"Já tentei."

"Onde?"

"No Potala, pouco antes de vocês me sequestrarem."

"Porquê o Potala?"

"Porque... uh... porque encontrei em casa dele um postal do Tibete com a imagem do Potala."

"Onde está esse postal?"

"Deixei-o... deixei-o em Coimbra."

Era mentira, claro. Trouxera-o para o Tibete, mas felizmente o postal ficara com Jinpa, quando o foi visitar ao templo de Jokhang, pelo que não havia agora maneira de os iranianos terem acesso a essa correspondência.

"E quem lhe remeteu esse postal?"

"Não sei", voltou a mentir. "O postal vinha em branco."

O coronel fitou-o com ar desconcertado.

"Mas, então, o que o levou a pensar que o postal podia ter alguma relação com o paradeiro do professor?"

"O fato de vir do Tibete. Achei estranho, só isso. Como não dispunha de nenhuma outra pista, pareceu-me que valia a pena explorar esta."

"Hmm", murmurou Kazemi, tentando encaixar as peças deste complicado puzzle. "Não estou convencido com a sua explicação. Quer dizer, ninguém vem para um sítio tão remoto e inacessível como o Tibete só com base num vago palpite, não é?"

O prisioneiro rolou os olhos com ar de enfado e respirou fundo, como se a sua paciência tivesse chegado enfim ao limite.

"Ouça lá, não acha que está na hora de pôr fim a esta estúpida encenação?"

"O que quer você dizer com isso?"

"O que eu quero dizer é que vocês têm de encarar a realidade."

O iraniano mirou-o sem perceber.

"Como assim?"

"O manuscrito de Einstein. Vocês ainda não perceberam que ele não é o que vocês pensam que é?"

"Ah, não? Então?"

"O manuscrito não tem nada a ver com armas atômicas."

"Então tem a ver com quê?"

Tomás estendeu-se no tapete tibetano de barriga para cima e assentou a nuca nas mãos entrelaçadas por detrás da cabeça, parecia estar na praia a apanhar sol. Cerrou as pálpebras, como se gozasse um calor imaginado, e, pela primeira vez, deixou um largo sorriso brilhar-lhe no rosto.

"Tem a ver com algo muito mais importante do que isso."

XXXI

A manta deixada pelos iranianos na cela revelava-se largamente insatisfatória para o proteger do gelo que assentara com brutalidade durante a noite. Tomás encolheu-se o mais que pôde por baixo da manta, assumindo a posição fetal, mas o calor que o seu corpo gerava e que o tecido grosso lograva reter era manifestamente insuficiente para compensar o frio que o fazia tremelicar sem controlo.

Percebendo que assim não conseguiria adormecer, o prisioneiro pôs-se a fazer flexões com os braços e, depois, com as pernas; era um esforço desesperado para gerar mais calor e que se revelou parcialmente bem sucedido. Sentiu-se mais quente quando parou, pelo que se deitou de novo, encolheu-se na manta e tentou adormecer. Minutos volvidos, porém, o frio voltou a atacar e Tomás tomou consciência de que jamais iria adormecer com tranquilidade; sempre que o gelo apertasse, teria de voltar às flexões, era a única maneira de conseguir aguentar a noite. Paciência, pensou. Dormiria depois do sol nascer, quando a parca luz do dia aquecesse a cela. O problema é que os iranianos deveriam voltar por essa altura e uma nova sessão de interrogatório não se afigurava como a melhor forma de recuperar de uma noite em branco.

Clique, dique.

O som da chave na fechadura surpreendeu Tomás. Não sentira a aproximação de passos lá fora, era como se alguém se tivesse acercado furtivamente, em bicos de pés, e só agora, ao introduzir a chave na porta, denunciasse a sua presença.

Claque.

A porta abriu-se e Tomás ergueu a cabeça, tentando identificar o visitante. Mas tudo permanecia escuro e o desconhecido viera sem lanterna.

"Quem é?", perguntou, sentando-se no tapete tibetano.

"Chiu."

O som foi soprado com urgência, mas num tom doce que achou familiar. Inclinou a cabeça, arregalou os olhos num esforço para captar o mais pequeno pormenor perceptível e tentou adivinhar o vulto que cruzava a porta.

"Ariana?"

"Sim", sussurrou a voz feminina. "Não faça barulho."

"O que se passa?"

"Não faça barulho", implorou num sopro. "Venha comigo. Vou tirá-lo daqui."

Tomás não precisou de ouvir esta promessa segunda vez. Pôs-se de pé num pulo e observou o vulto com atenção, expectante.

"E os outros?"

Sentiu o toque suave da mão de Ariana.

"Chiu", insistiu ela, a voz sempre muito baixa, era quase apenas o rumorejar de uma expiração. "Venha comigo. Mas em silêncio."

A mão quente de Ariana entrelaçou-se-lhe entre os dedos e puxou-o em direcção à porta. O prisioneiro deixou-se guiar pela escuridão, ambos caminhando muito devagar, quase tacteando na treva, mas sempre procurando evitar o barulho. Subiram umas escadas, passaram por um pátio, meteram por um corredor aquecido e saíram por uma porta.

Tomás sentiu o ar frio da noite bater-lhe no rosto e viu finalmente luz. Um poste de iluminação pública emitia uma claridade amarelada que deixava antever os contornos da estrada, da vegetação em redor e de um jipe escuro. Estavam ao ar livre. Ariana voltou a puxá-lo e conduziu-o na direcção do jipe. Destrancou as portas e fez sinal a Tomás para entrar.

"Depressa", murmurou. "Despache-se antes que eles acordem."

Saíram daquele setor ainda noite cerrada, deambulando pelas ruas poeirentas de Lhasa, o piso iluminado pelos faróis do jipe e pelos escassos postes públicos da cidade. Tomás voltou a cabeça para trás e pareceu-lhe tudo calmo, ninguém os seguia. A carga do jipe chamou-lhe a atenção; viam-se jerry cans com combustível, dois garrafões de água e uma caixa, aparentemente com mantimentos. Tudo aquilo tinha ar de ser uma fuga cuidadosamente planificada.

O jipe guinou para a direita e meteu para oeste, algures na direção do aeroporto, afastando-se assim do centro da cidade.

"Para onde vamos?", quis saber.

"Para já vamos sair da cidade. É demasiado perigoso ficar aqui."

"Espere", exclamou ele. "Tenho primeiro de ir ao hotel buscar as minhas coisas."

Ariana olhou-o com ar espantado.

"Tomás, você está louco? Quando eles se aperceberem de que nós desaparecemos, esse é o primeiro lugar para onde irão, o que pensa?" Voltou a fixar a estrada. "Aliás, um dos recepcionistas está a ser pago para nos informar sobre todos os seus movimentos. Nem pensar em voltar ao hotel."

"Então para onde vamos?"

Ariana carregou no travão com força e o jipe guinchou até parar na berma da estrada, próximo de um posto de combustíveis da PetroChina. A condutora manteve as luzes ligadas e puxou o travão de mão antes de olhar para o seu passageiro.

"Diga-me você, Tomás."

"Como assim, digo-lhe eu? Você é que planeou esta fuga, não fui eu."

A iraniana suspirou.

"Tomás, esta fuga não nos levará a nada se não formos consequentes."

"O que quer você dizer com isso?"

"O que eu quero dizer é que não nos basta fugir. Para onde quer que fujamos, eles vão-nos encontrar. Hoje, amanhã, na próxima semana, daqui a um mês ou dentro de um ano, não interessa. Eles vão-nos apanhar, percebe?"

"E então? O que sugere?"

"Sugiro que lhes provemos que não têm motivos para nos perseguirem."

"E como é que lhes poderemos provar isso?"

"Você ontem deu-me uma ideia", disse ela, os olhos de caramelo a brilharem na escuridão.

"Lembra-se de ter dito que o manuscrito de Einstein não tem nada a ver com armas nucleares?"

"Sim."

"Isso é mesmo verdade?"

"Estou convencido que sim, mas você é que leu o manuscrito, não é? O que diz ele?"

Ariana abanou a cabeça e fez uma careta.

"É um texto muito estranho, sabe? Nunca percebemos bem o que quer aquilo dizer. Mas Einstein é inequívoco na referência que faz ao modo de se provocar a grande explosão. Ele escreveu see sign e depois cifrou a fórmula com seis letras divididas em dois blocos, mais um ponto de exclamação logo à cabeça. São tão poucas letras que até já as memorizei todas, veja lá." Concentrou-se. "!Ya ovqo", recitou. "Ora, não me parece que uma fórmula tão importante possa ser assim tão pequena, pois não? Daí que acreditemos que se trate de uma cifra com a chave de acesso a uma segunda parte do manuscrito."

"Hmm... estou a ver."

"Mesmo assim", insistiu Ariana, "você acha que não se trata da fórmula para uma bomba atômica?"

"Ouça, não tenho a certeza", disse ele, prudente. "Mas parece-me que não."

"Então só temos uma coisa a fazer."

"O quê?"

"Temos de provar isso."

"Hã?"

"Temos de lhes provar que o manuscrito não esconde o segredo de uma bomba atômica de fabrico simples. É disso que eles estão à procura, não é? Se lhes provarmos que essa é uma busca sem futuro, eles deixam-nos em paz."

"Estou a perceber."

Fez-se um silêncio pensativo no jipe.

"Então?", perguntou Ariana.

Tomás suspirou.

"Então vamos a isso."

"É possível provar tal coisa?"

"Não sei. Mas é possível tentar."

"Muito bem", assentiu ela. "Então o que fazemos?"

"Partimos."

"Partimos para onde?"

Tomás abriu o guarda-luvas do jipe e localizou um mapa do Tibete. Abriu o mapa, estudou-o durante alguns segundos e pousou o dedo sobre um ponto uns duzentos quilômetros a oeste de Lhasa.

"Shigatse."

O sol nasceu lá para trás. Era primeiro um clarão que azulou o céu estrelado e logo a luz irrompeu para lá do horizonte serrado, cristalina, anunciando a aurora.

A manhã revelou uma paisagem bela, de tirar o fôlego, mas previsível; montanhas áridas e escarpadas, com os picos cobertos de neve, rodeavam a estrada, por vezes abrindo-se em vales verdejantes, pitorescos, de uma serenidade contagiante. Viam-se rebanhos de ovelhas a pastar, aqui e ali um nômade a passar, um iaque a carregar mantimentos ou uma tenda pregada ao solo, um trator e uma carroça arrastando-se ao passo lento da vida no campo; embora, no essencial, a natureza respirasse ainda livre, selvagem, pulsando ao ritmo milenar em que vivia aquele espantoso e vasto planalto recolhido do mundo.

Tomás sentia-se cansado, mas demasiado nervoso e excitado para poder repousar. Alimentava uma ressentida desconfiança em relação a Ariana e, após um longo silêncio, decidiu que não podia prosseguir sem esclarecer as suas dúvidas.

"O que me garante que você não está a fazer jogo duplo?"

Ariana, até então fixa na estrada, arqueou os belos olhos de mel.

"Hã?"

"Como posso ter a certeza de que você não me está a enganar outra vez? Afinal de contas, montou um belo teatrinho lá em Teerã..."

A iraniana abrandou e fitou-o nos olhos.

"Você acha que o estou a enganar, Tomás?"

"Bem... enfim... já me enganou uma vez, não é? O que me garante que não me está a enganar segunda vez? O que me garante que tudo isto não é mais uma

encenação montada em conluio ali com o... com o coronel Drácula, ou lá como ele se chama?"

Ariana voltou a fixar a sua atenção na estrada.

"Compreendo que alimente essa suspeita", disse. "É perfeitamente natural, em função do que aconteceu. Mas pode ter a certeza de que, agora, não há encenação nenhuma."

"Como posso ter essa certeza?"

"As coisas são diferentes."

"Diferentes em quê?"

"Em Teerã eu fiz tudo para o proteger. A encenação foi parte do processo para o proteger."

"Como assim? Não estou a entender..."

"Ouça, Tomás", disse ela, cerrando os dentes. "O que acha que lhe ia acontecer depois de ter sido apanhado no Ministério da Ciência a meio da noite com um manuscrito secreto na mão e um maluco ao seu lado aos tiros?"

"Ia passar um mau bocado, acho eu. Aliás, passei um mau bocado."

"Claro que ia passar um mau bocado. A Prisão 59 é muito pior do que Evin, ou tem dúvidas?"

"Pois, está bem. Ia passar um bocado ainda pior."

"Ainda bem que já percebeu isso. E tem alguma ilusão quanto à inevitabilidade de confessar tudo?"

"Uh... por acaso tenho."

"Não diga disparates", exclamou ela. "Claro que ia confessar tudo. Poderia levar algum tempo, entre umas semanas e uns meses, mas acabaria por confessar tudo. Todos confessam."

"Pronto, está bem."

“E depois de confessar? O que lhe aconteceria?"

"Sei lá. Ia passar muito tempo na prisão, acho eu."

Ariana abanou a cabeça.

"Iria morrer, Tomás." Mirou-o fugazmente. "Percebe isso? Quando deixasse de ter utilidade, eles matá-lo-iam."

"Você acha?"

A iraniana voltou a observar a estrada.

"Eu não acho", disse. "Eu sei." Mordeu o lábio inferior. "Fiquei desesperada quando me apercebi disso. Foi então que tive aquela idéia. Por que não libertarem-no e depois seguirem-no para ver até onde as investigações o conduziriam? Afinal de contas, disse-lhes eu, talvez o seu pai soubesse mesmo alguma coisa que permitisse desvendar o mistério. Por que não deixarem-no voltar para o seu pai e manterem-no sob apertada e discreta vigilância? Não seria isso mais produtivo do que aquilo que planeavam fazer?" Sorriu sem humor. "A minha ideia, nascida do desespero em lhe salvar a vida, foi considerada muito interessante. Os falcões do regime, que antes exigiam a sua cabeça, começaram a reconsiderar. Afinal de contas, disse-lhes eu, a prioridade era desenvolver em segredo uma arma nuclear de fabrico fácil, uma daquelas armas que nem a Agência Internacional de Energia Atômica nem os satélites

espiões americanos alguma vez lograssem localizar. Era esse o objetivo do exercício, não era? Então se era, e se a sua libertação servisse esse objectivo, por que não libertá-lo?" Voltou a mirar Tomás por uns instantes. "Está a perceber? Foi assim que os convenci a deixarem-no fugir. Depois, foi só uma questão de montar o teatrinho."

"Se assim foi, por que não se limitaram a abrir a porta da cadeia e a deixarem-me sair de forma legal? Para quê toda aquela cena no meio da rua, a fingir que me salvavam?"

"Porque a CIA perceberia logo que tínhamos uma jogada fisgada. Então apanhávamo-lo no ministério à noite com um documento daqueles na mão e um agente da CIA ao lado aos tiros e, dias depois, deixávamo-lo ir embora? Abríamos-lhe a porta da cadeia assim sem mais nem menos? Não acha que a CIA consideraria esse nosso comportamento suspeito?" Abanou a cabeça, completando o diálogo entre si mesma. "E evidente que não o podíamos libertar assim do pé para a mão, não é? Tinha de ser uma fuga. Só podia ser uma fuga. E teria de ser uma fuga credível."

"Estou a perceber", assentiu Tomás. "Mas por que não me disse nada?"

"Porque não podia! Porque, quando me encontrava consigo, também eu estava a ser vigiada, o que pensa você? Além do mais, era importante que você agisse de uma forma natural. Se eu alguma vez lhe revelasse o que quer que fosse, punha tudo em risco."

O historiador passou a mão pelo cabelo.

"Estou a entender", disse. "E agora, depois de me ter tirado daquele buraco aqui em Lhasa? Não está você também em risco?"

"Claro que estou."

"Então... por que o fez?"

Ariana levou algum tempo a responder. Ficou um longo instante calada, os olhos presos na estrada.

"Porque não podia deixar que o matassem", murmurou por fim.

"Mas, ouça... agora é você que... que também pode morrer."

"Não, se conseguirmos provar que o manuscrito nada tem a ver com armas atômicas."

"E se não conseguirmos provar isso?"

A iraniana fitou-o com os olhos a brilhar, uma expressão triste a ensombrar-lhe o rosto bonito.

"Então morreremos os dois, receio bem."

Fazia uma fornalha infernal dentro do jipe. O sol raiava alto e o calor que irradiava tinha tal intensidade que aquecia o interior da viatura para além do suportável, escaldava de tal modo que tiveram de baixar os vidros e sentir o vento fresco secar-lhes o suor. O jipe atingiu um desfiladeiro e percorreu o trilho aos solavancos, cruzando um vale coberto por um mar de seixos e libertando uma vigorosa nuvem de poeira no encalço.

Com o rosto a enfrentar o vento retemperador, Tomás admirou o espectáculo sereno da natureza a adaptar-se àquelas paragens. A paisagem tibetana, percebeu ele, tinha a intensidade nua da claridade e da força bruta das cores. Aqui os vermelhos eram mais enérgicos, os verdes mais fortes, os amarelos mais dourados, as cores irradiavam tal luminosidade que pareciam brilhar por entre as montanhas, quase

rebentavam numa explosão cromática, berrante até, tão vivas e excessivas que chegavam a entorpecer os sentidos.

Foi então que o viram. Uma mancha azul radiante relampejou à direita. Era uma jóia polida, um espelho anil brilhante cravado na terra dourada, uma cintilante safira cerúlea embutida num quadro de ouro fúlgido. A luz que emitia era tão intensamente azul que parecia iluminada por dentro, alumiava um brilho vigoroso, quase hipnótico.

"O que é aquilo?", perguntou Tomás, sem tirar os olhos daquela visão magnetizante.

Ariana também já se tinha apercebido da presença da mancha resplandecente e contemplava-a fascinada.

"É um lago."

Um lago.

Pararam o jipe e deixaram-se extasiar por aquele banho de azul que lhes inundava os sentidos.

O lago parecia um espelho iluminado, era lápis-lazúli polido a vários tons, mar intenso lá ao fundo, azul-cobalto flamante mais próximo, verde-opal junto à margem, as águas a beijarem na praia uma areia branca brilhante; dava a impressão de um atol miraculosamente pousado no meio de uma cordilheira dourada e púrpura, as montanhas exibindo picos lácteos cintilantes e projectando sombras de um opaco vermelho-acastanhado. Uma orgia de cores.

"Aquilo não pode ser água", comentou Tomás, dominado pela exuberância da visão. "Não assim tão brilhante."

"Então o que é?"

Era uma pergunta retórica, claro, uma vez que ambos sabiam muito bem que o lago, apesar da sua surpreendente cor luzidia, só podia mesmo ser de água.

"Não tem fome?", perguntou ele.

Ariana desligou o motor, saiu do jipe e abriu a porta de trás, tirando uma cesta. O meio-dia aproximava-se e aquele era o local perfeito para o almoço. Tomás ajudou-a com a cesta e desceram ambos a encosta da estrada, na direção do lago.

O sol batia forte, tão forte que escaldava a pele. Começaram por se sentar junto a uma rocha, nas margens do lago, onde a água se apresentava tão transparente que não se percebia o seu limite; mas o sol era tão violento que se mudaram para uma zona de sombra, no sopé da montanha. Logo que cruzaram a linha de sombra, porém, sentiram-se enregelar. O frio revelava-se aqui muito intenso. Mudaram-se de novo, agora para o ponto de fronteira entre sol e sombra, o tronco na sombra, as pernas ao sol. Tomás não queria acreditar na amplitude da temperatura, era pelo menos uma dezena de graus de diferença. As pernas ardiam-lhe de calor, o tronco tremia de frio.

Olharam um para o outro e riram-se.

"É o ar", observou Ariana, divertida.

"O que tem o ar?"

"E demasiado rarefeito", explicou ela. "Não consegue absorver o calor do sol nem filtrar a sua força. É por isso que está a acontecer isto." Inspirou o ar. "Quando eu era miúda e ia passear pelas montanhas Zargos, no Irão, às vezes sentia este efeito, mas não assim de forma tão radical. Já viu? O ar aqui é tão fraco que não retém o calor nem nos protege dos raios ultravioletas." Mirou a zona iluminada e fez uma

careta. "Mal por mal, mais vale ficarmos aqui à sombra."

Tomás colocou a cesta sobre uma rocha e ambos serviram-se da merenda, umas sanduíches em pão de forma e umas garrafas de sumo. Sentaram-se em cima dessa mesma rocha e ficaram a comer enquanto contemplavam a vista em redor. Era de cortar a respiração.

O céu revelava-se escuro e profundo, contrastando com a paisagem nua e exuberante na sua depravação de cores; misturavam-se os diversos tons de veludo azul e verde da água, as pedras vermelhas e douradas, as montanhas castanhas e brancas. Parecia que, aqui, a luminosidade obedecia a regras diferentes; era como se a fonte da luz não estivesse no céu, mas na terra, como se o arco-íris fosse fenómeno do chão, não do ar.

"Tenho frio", queixou-se Ariana.

Quase sem pensar, como se obedecesse a uma reação instintiva de macho protetor, Tomás aproximou-se dela, tirou o casaco e cobriu-a. Ao fazê-lo, encostou-lhe o corpo. Foi um movimento suave, inocente, destinado a aquecê-la com um pouco do seu calor, mas gerou algo de inesperado. Um toque mágico. Sentiu-lhe a pele macia, a respiração baixa a acelerar, o brando perfume a lavanda que lhe emanava dos cabelos. Intuiu-lhe sobretudo a vontade de não se afastar e essa constatação desencadeou um turbilhão de sentimentos.

Olharam-se.

Os olhos verdes cristalinos tocaram nos dourados dela, era a água diante do mel, o frio perante o quente, o temperado a ansiar pelo doce. Viu-lhe os lábios grossos entreabrirem-se, convidativos, e inclinou-se devagar, aproximando-se daquelas pétalas escarlates, o corpo tremendo de antecipação.

Tocaram-se.

Provou o veludo quente e palpitante dos lábios de Ariana, mergulhou dentro dela e experimentou-lhe a língua molhada e ardente, era como se saboreasse um doce, um chocolate, um creme de caramelo. Primeiro beijaram-se com brandura, com infinita ternura, depois o beijo tornou-se guloso, era como se quisessem mais e mais, o toque tímido transformou-se num lamber sôfrego, o carinho passou a desejo, o amor tornou-se volúpia.

Os seios comprimiram-se-lhe contra o peito e, sem mais se poder conter, enfiou-lhe a mão pelo colarinho do pullover até a palma se encher com aquela superfície macia e gelatinosa. Apertou-lhe a mama com desejo e lambeu-lhe a boca com mais saliva. Sentiu-lhe as mãos procurarem desajeitadamente o cinto e desabotoarem as calças até o libertarem da roupa que o aferrolhava. A fome tomou conta de ambos. Acossado pelo frio que se lhe enroscava às pernas, Tomás foi à procura do calor; levantou-lhe as saias e arrancou-lhe as cuecas, mas fê-lo com tão desastrada ansiedade que lhe rasgou o tecido.

Passou-lhe o dedo por entre as pernas e sentiu-lhe a abertura quente e húmida; era um caldo a ferver. Ariana gemeu com o toque e esticou a mão, tocando-lhe com a ponta dos dedos; acariciou-o para experimentar a sua rigidez e depois pegou nele, abriu as pernas e dirigiu-o para onde lhe sentia a falta. Tomás apercebeu-se daquele corpo trémulo e ofegante a convidá-lo para dentro de si e não hesitou; projectou um movimento suave e a flor, pulsando de antecipação, desabrochou.

Entrou.

Teve a sensação instantânea de ter mergulhado num pote de mel infinitamente delicioso. Os sentidos inebriaram-se-lhe, as sensações emanadas pelo corpo de Ariana

tornaram-se mais fortes, o cheiro perfumado a lavanda mais intenso, o amarelo dos olhos mais dourado, o toque na pele mais macio, o calor do corpo mais quente, o sabor da saliva mais doce. As montanhas, o lago, as cores, o frio, a luz, tudo isso desapareceu, tudo isso se esfumou perante a intensidade daquele momento de paixão.

O universo resumia-se agora a duas coisas e a duas só. Tomás e Ariana, ele e ela, o verde e o dourado, o ferro e o veludo, o suor e a lavanda, o chocolate e o mel, o tronco e a rosa, a prosa e a poesia, a voz e a melodia, o yin e o yang, dois corpos fundidos num só, dissolvidos sobre a pedra dura, unidos num movimento ritmado, moldados numa dança longa, lenta e rápida, sôfrega, esfaimada, os gestos coordenados, bailando ao ritmo dos gemidos, ele dando e ela recebendo, sempre com mais força, mais força, mais força.

Gritaram.

No momento em que sentiu uma explosão de cores e luzes e sensações percorrerem-lhe o corpo, em que toda a eternidade se estendeu por um efémero e infinito instante, em que a paixão se elevou acima da montanha mais alta e a fusão ficou enfim completa, nesse momento de epifania Tomás soube que a sua busca terminara, que aqueles olhos de mel eram a sua perdição, que aqueles lábios eram a sua flor, que aquele corpo era a sua casa.

Que aquela mulher era o seu destino.

XXXII

O primeiro sinal da aproximação a Shigatse surgiu numa curva, era uma longa arcada erguida à esquerda com uma sucessão de janelas sobre portões azuis. Tomás ia agora ao volante, Ariana a dormitar no seu ombro, quando se apercebeu que estava a entrar nos arredores da cidade e abrandou a marcha. Apareceram fileiras de pukhang, as casas tradicionais tibetanas feitas de adubo branco, com as suas típicas janelas negras e lungdas coloridas ao vento; as bandeiras de orações encontravam-se firmemente amarradas ao telhado escuro, na esperança de atraírem bom karma aos lares. Entraram numa avenida larga, flanqueada por postos de combustível da PetroChina e por muros vermelhos com entradas guardadas por sentinelas chinesas em sentido, tratava-se evidentemente dos quartéis das forças de ocupação. Árvores gadjan lançavam largas sombras sobre a estrada, aqui já asfaltada; viam-se poucos automóveis, mas havia muitas bicicletas a circular e alguns caminhões descarregavam nos passeios.

A iraniana despertou e ficaram ambos a observar a urbe que se espraiava pelo vale. Chegaram a um semáforo e, pela largura da avenida e o aspecto inestético das construções, perceberam que se encontravam na zona chinesa da cidade, feita de blocos e mais igual a outras cidades. Pararam junto a um aglomerado de chineses e Ariana baixou o vidro.

"Hotel Orchard?", perguntou Tomás, esticando-se quase por cima de Ariana.

"Uh?", respondeu um chinês.

Era evidente que não percebia a pergunta. Mais valia o recém-chegado concentrar-se na palavra-chave.

"Hotel?"

O homem falou num imperceptível mandarim e apontou para diante. Tomás agradeceu e o jipe arrancou na direcção indicada. Acabaram efectivamente por dar com um hotel, mas não era o Orchard. Ariana saiu e foi pedir direcções na recepção.

Percorreram as ruas largas da parte chinesa de Shigatse rumo ao ponto que lhes fora indicado. Chegaram ao cruzamento e voltaram à esquerda; as ruas tornaram-se aqui mais estreitas, era evidente que tinham acabado de penetrar no bairro tibetano. Um monte coroado por ruínas envoltas em andaimes assinalava o Shigatse Dzong, o velho forte da cidade, uma estrutura que apresentava visíveis semelhanças com o magnífico Potala, embora mais pequena e reduzida a destroços pelos ventos destruidores da repressão chinesa.

Na esquina viraram de novo à esquerda, passaram por uma rua deslavada e, ao fundo, viram uma fachada ricamente ornamentada, néons brancos no topo a anunciar que aquele era o Tibet Gang-Gyan Shigatse Orchard Hotel. O seu destino.

Estacionaram diante do hotel e penetraram no lobby. O átrio era dominado por uma enorme mesa central, coberta por coloridos dragões; à esquerda encontrava-se uma banca envidraçada para venda de souvenirs e à direita estendiam-se confortáveis sofás negros.

Um rapaz tibetano, a pele trigueira por causa do sol, sorriu-lhes do balcão da recepção quando os dois entraram.

"Tashi deleh", cumprimentou.

Tomás devolveu o cumprimento com uma vênia com a cabeça.

"Tashi deleh", disse. Fez um esforço para se recordar das instruções que Jinpa lhe dera no Potala. "Uh... quero falar com o bodhisattva Tenzing Thubten."

O rapaz fez um ar atônito.

"Tenzing?"

"Sim", assentiu Tomás. "Preciso que Tenzing me mostre o caminho."

O tibetano pareceu um pouco hesitante. Olhou em redor, voltou a fixar os olhos escuros em Tomás, mirou fugazmente Ariana e, tendo-se aparentemente decidido, fez-lhes sinal para se sentarem nos sofás do salão. Depois saiu à pressa do hotel e Tomás viu-o atravessar a rua e a pequena praceta ajardinada do outro lado.

Um monge veio à porta do hotel, trazido pelo recepcionista, e curvou-se numa vénia diante dos desconhecidos. Trocaram os habituais tashi deleh, desejando-se mutuamente boa sorte, e o tibetano deu-lhes indicação para o seguirem. Dirigiram-se para uma enorme estrutura religiosa que se erguia, esplendorosa, mesmo em frente, no sopé de um monte esverdeado; o complexo branco e avermelhado apresentava belíssimos telhados dourados, as pontas curvadas para cima à maneira dos pagodes, as janelas negras contemplando sobranceiramente a cidade.

"Gompa?", perguntou Tomás, usando a palavra mosteiro, que memorizara em Lhasa, enquanto apontava para o edifício.

"La ong", assentiu o monge, ajeitando os tradicionais panos púrpura que lhe cobriam o corpo. "Tashilhunpo gompa."

"Tashilhunpo", disse Ariana. "É o mosteiro de Tashilhunpo."

"Conheces?"

"Já ouvi falar neste mosteiro, sim. Parece que é aqui que está enterrado o primeiro Dalai-Lama."

"Ah, sim?"

"E é também o mosteiro que alberga o Panchen Lama."

"Quem é esse?"

"O Panchen Lama? É a segunda figura mais importante do budismo, só suplantada pelo Dalai-Lama. Acho que panchen significa grande mestre. Os chineses têm usado o Panchen Lama para desafiar a autoridade do Dalai-Lama, mas sem grande sucesso. Dizem que o Panchen Lama acaba sempre por virar antichinês."

O sol batia forte e o ar era seco. Um desagradável fedor a lixo e a urina pairava pelas ruas, mas, à vista do portão do mosteiro, o odor fétido foi substituído pelo aroma perfumado a incenso. Cruzaram a entrada e deram consigo num grande pátio com vista para todo o mosteiro; dali tornava-se claro que se encontravam diante de um gigantesco e esplêndido complexo, todo o perímetro cercado por um longo muro. Na base da elevação sobre a qual assentava Tashilhunpo aglomeravam-se edifícios brancos, claramente uma área residencial monástica, e em cima erguiam-se construções avermelhadas cobertas pelos vistosos telhados dourados.

Tomás e Ariana seguiram o monge, escalando uma tranquila ruela de pedra que ascendia pela encosta. O tibetano galgou rápido o chão inclinado, mas os dois visitantes depressa tiveram de parar, arfantes, à sombra de uma garbosa árvore yonboh. Shigatse ficava ainda mais alto do que Lhasa e o ar rarefeito da altitude escasseava-lhes nos pulmões.

"Fala inglês?", perguntou Tomás, dirigindo-se ao monge que o aguardava uns metros mais adiante, sorridente e expectante.

O tibetano aproximou-se.

"Um pouco."

"Vamos encontrar-nos com um bodhisattva", observou o historiador. Arfou um pouco, ainda a recuperar o fôlego. "O que é um bodhisattva exatamente?"

"É uma espécie de Buda."

"Uma espécie de Buda? O que quer dizer com isso?"

"É alguém que atingiu a iluminação mas saiu do nirvana para ajudar os outros seres humanos.

É um santo, um homem que recusou a salvação para si enquanto não se salvarem os outros."

O monge deu meia-volta e arrastou-os para o topo do complexo. Chegaram a um caminho que percorria lateralmente uma estrutura de edifícios avermelhados, e o tibetano virou à esquerda, subindo umas escadas de pedra preta e mergulhando num bloco rubro. Os visitantes foram atrás, sempre ofegantes, e penetraram no mesmo local; atravessaram um alpendre escuro e desembocaram num pátio tranquilo, onde monges se afadigavam em torno de uma vasilha de gordura gemada. Era o átrio do templo de Maitreya.

O tibetano fez-lhes sinal para entrarem num pequeno compartimento sombrio, à direita, apenas iluminado por velas e pela luz difusa que penetrava por uma discreta janelinha. Tudo ali tinha um ar austero, quase primitivo. Cheirava a uma mistura de manteiga de iaque e incenso, um odor que competia com o aroma doce e perfumado de uma nuvem cinzenta, era o fumo libertado pelo carvão que ardia num antiquado fogão

de ferro. A chama amarela do fogão lambia uma velha chaleira negra, lançando clarões quentes e tremelicantes sobre as sombras do cubículo, como se pulsasse de vida.

Os dois sentaram-se em bancos cobertos por tapetes thangka vermelhos e viram o monge pegar no bule pousado sobre o fogão, encher duas chávenas e estendê-las em direção a si.

“Cha she rognang."

Era chá de manteiga de iaque.

"Obrigado", disse Tomás, disfarçando um esgar de repulsa perante a perspectiva de ter de beber aquela mistela gordurosa. Olhou para Ariana. "Como é que se diz obrigado em tibetano?"

"Thu djitchi."

"Isso." Fez uma vênia na direção do monge. "Thu djitchi.'"

O monge sorriu e esboçou um gesto com as palmas das mãos, pedindo-lhes para aguardarem.

"Gong da", disse, antes de desaparecer.

Não se passaram sequer vinte minutos.

O monge que os viera acolher reapareceu na salinha, mas trazia alguém consigo. Era um outro monge, muito magro e pequeno, dobrado pela idade, que caminhava com dificuldade, apoiado num cajado e com o ombro direito nu. O primeiro ajudou o mais velho a acomodar-se numa enorme almofada. Trocaram algumas palavras em tibetano, ao fim das quais o primeiro curvou-se numa vênia e retirou-se.

Fez-se silêncio.

Apenas se ouviam os pássaros a chilrear pelo pátio, lá fora, e o carvão a estalar suavemente no fogão de ferro. Tomás e Ariana observaram o recém-chegado, mirrado sobre a grande almofada. O velho monge ajeitou o pano do tasen púrpura que o cobria e endireitou-se; os olhos desfocaram-se e perderam-se num ponto infinito, como se se alheasse do mundo que o rodeava.

Silêncio.

O budista parecia ignorar a presença dos dois forasteiros. Talvez estivesse em meditação, talvez tivesse mergulhado num transe. Fosse como fosse, o ancião nada dizia, limitava-se apenas a permanecer ali. Tomás e Ariana entreolharam-se, baralhados e divertidos, sem saber se deveriam falar, se o tibetano entrara ali por engano, se aquele era algum costume local ou se porventura estaria cego. Por via das dúvidas mantiveram-se em silêncio e aguardaram o desenrolar dos acontecimentos.

O mutismo prolongou-se por dez tranquilos minutos.

O velho monge permanecia quieto, os olhos congelados, a respiração pausada; até que, sem que nada o parecesse justificar, estremeceu e ganhou vida.

"Eu sou o bodhisattva Tenzing Thubten", anunciou com uma voz afável. Falava um inglês surpreendentemente perfeito, com um acentuado sotaque britânico. "Ouvi dizer que me procuravam para vos mostrar o caminho."

Tomás quase suspirou de alívio. Ali estava enfim, diante de si, Tenzing Thubten, o remetente do enigmático postal que encontrara em casa do professor Siza. Era este talvez o homem que lhe podia dar as respostas que procurava, que lhe podia

solucionar os segredos levantados pela sua busca, ou, quem sabe, que lhe podia até acrescentar mais alguns enigmas aos muitos mistérios que já o apoquentavam.

"Eu sou Tomás Noronha, professor de História da Universidade Nova de Lisboa." Fez um gesto em direcção a Ariana. "Esta é Ariana Pakravan, física nuclear no Ministério da Ciência, em Teerã." Curvou a cabeça. "Muito obrigado por nos receber. Fizemos um longo caminho para aqui estar."

O monge curvou os lábios.

"Vieram-me ver para que eu vos ilumine?"

"Uh... de certo modo, sim."

"Serei um bom médico para os doentes e sofredores. Conduzirei ao caminho correcto aqueles que se extraviaram. Serei uma luz brilhante para os que estão na noite escura e farei com que os pobres e indigentes descubram tesouros escondidos", entoou. "Assim reza o Avatamsaka sutra." Ergueu a mão. "Bem-vindos a Shigatse, viajantes na noite escura."

"É nosso prazer estar aqui."

Tenzing apontou para Tomás.

"Você disse que é de Lisboa?"

"Sim."

"É português?"

"Sou."

"Hmm", murmurou. "Foram portugueses os primeiros ocidentais a chegar ao coração do Tibete."

"Perdão?", admirou-se Tomás.

"Eram dois padres jesuítas", disse Tenzing. "O padre Andrade e o padre Marques ouviram rumores da existência de uma seita cristã num vale perdido do Tibete. Disfarçaram-se de peregrinos hindus, atravessaram a índia e chegaram a Tsaparang, uma fortaleza erguida no centro do reino Guge, no vale Garuda. Construíram uma igreja e estabeleceram o primeiro contacto entre o Ocidente e o Tibete."

"Quando foi isso?"

"Em 1624." Fez uma vénia. "Bem-vindo, peregrino português. Se não vens disfarçado de hindu, qual a igreja que nos trazes desta vez?"

Tomás sorriu.

"Não lhe trago nenhuma igreja. Apenas umas perguntas."

"Procuras o caminho?"

"Procuro o caminho de um homem chamado Augusto Siza."

Tenzing reagiu com bonomia ao nome.

"O jesuíta."

"Não, não", disse Tomás, abanando a cabeça. "Ele não era jesuíta. Nem sequer religioso. Era professor de Física na Universidade de Coimbra."

"Eu chamava-lhe o jesuíta", disse Tenzing, como se nem tivesse escutado aquela retificação.

Riu-se. "Ele não gostava, claro. Mas eu não o fazia por mal. Chamava-lhe o jesuíta em homenagem aos seus antepassados que há quatrocentos anos vieram até

aqui, ao reino Guge. Mas era também uma piada, relacionada com o trabalho em que ambos andamos metidos."

"Qual trabalho?"

O bodhisattva baixou a cabeça.

"Não lhe posso dizer."

"Porquê?"

"Porque ficou acordado que seria ele a fazer o anúncio."

Tomás e Ariana entreolharam-se. O historiador respirou fundo e mirou o velho tibetano.

"Tenho uma má notícia para lhe dar", disse. "Receio bem que o professor Augusto Siza tenha falecido."

Tenzing permaneceu hirto.

"Era um bom amigo", suspirou, como se a informação não o chocasse. "Desejo-lhe felicidades para a nova vida."

"A nova vida?"

"Reencarnará lama, de certeza. Será um homem bom e sábio, respeitado por todos os que o vierem a conhecer." Ajeitou o manto púrpura que o cobria. "Muitos de nós somos acossados pela duhkha, pela frustração e pela dor que nos traz a vida, mantendo-nos agarrados às ilusões criadas pela maya. Mas tudo isso é avidya, é a ignorância acima da qual precisamos de nos erguer. Se o fizermos, libertar-nos-emos do karma que nos acorrenta." Fez uma pausa. "Eu e o jesuíta caminhamos juntos durante algum tempo, como companheiros de viagem que decidem descobrir-se um ao outro. Mas

depois chegámos a uma bifurcação, eu escolhi um caminho e ele escolheu outro. Os nossos trilhos tornaram-se diferentes, é verdade, mas o destino permaneceu sempre o mesmo."

"E qual é esse destino?"

O bodhisattva respirou fundo. Cerrou os olhos, adoptando a postura de meditação. Era como se ponderasse o que fazer; como se elevasse a sua consciência até à sunyata, o grande vazio; como se fundisse o seu ser com a eterna Dhartnakaya e procurasse aí a resposta ao seu dilema. Poderia contar tudo ou deveria manter-se calado? Será que o espírito do seu velho amigo, o homem a quem chamava o jesuíta, viria em seu socorro para o guiar?

Abriu os olhos com a decisão tomada.

"Eu nasci em 1930 em Lhasa, filho de uma família nobre. O meu primeiro nome foi Dhargey Dolma, que significa o Progresso com a deusa Dolma dos Sete Olhos. Os meus pais deram-me este nome porque acreditavam que o desenvolvimento era o caminho do Tibete e que era preciso estar atento à mudança, estar atento com sete olhos. Quando eu tinha quatro anos, no entanto, mandaram-me para o mosteiro de Rongbuk, no sopé do Chomo-langma, a grande montanha a que nós chamamos Deusa Mãe do Universo." Fitou Tomás. "Vocês chamam-lhe Evereste." Retomou a pose anterior. "Tornei-me profundamente religioso quando tomei contacto com os monges de Rongbuk. A tradição budista estabelece que todas as coisas existem por causa de um nome e de um pensamento, nada existe por si. Em conformidade, mudei de nome para me tornar outra pessoa. Aos seis anos, passei a chamar-me Tenzing Thubten, ou

o Protector do Dharma que segue o Caminho do Buda. Por essa altura, o Tibete estava a abrir-se ao Ocidente, uma evolução que era do agrado da minha família. Quando atingi os dez anos, em 1940, os meus pais chamaram-me a Lhasa para assistir à cerimónia que entronou o décimo quarto Dalai-Lama, Tenzing Gyatso, aquele que ainda nos guia e em quem me inspirei para o meu novo nome. Logo a seguir fui mandado para uma escola inglesa em Darjeeling, como era costume entre as famílias de alta sociedade do Tibete."

"O senhor estudou numa escola inglesa?"

O bodbisattva assentiu com a cabeça.

"Durante muitos anos, meu amigo."

"Daí o seu inglês tão... uh... tão britânico. Calculo que tenha achado tudo um pouco diferente..."

"Muito diferente", confirmou Tenzing. "O tipo de disciplina era diferente e os rituais também.

Mas a principal diferença radicava na metodologia. Quando se trata de analisar uma questão, há todo um universo a separar-nos. Descobri que vocês, os ocidentais, gostam de dividir um problema em vários problemas menores, gostam de o separar e isolar para melhor o analisar. É um método que tem as suas virtudes, não o nego, mas possui um defeito terrível."

"Qual é?"

"Cria a impressão de que a realidade é fragmentada. Foi isso o que eu descobri em Darjeeling com os vossos professores. Para vocês, uma coisa é a matemática, outra a química, outra a física, outra o inglês, outra o desporto, outra a filosofia, outra a botânica. Na vossa maneira de pensar, todas as coisas são separadas." Abanou a cabeça. "Isso é uma ilusão, claro. A natureza das coisas está na sunyata, o grande vazio, e está também na Dharmakaya, o Corpo do Ser. A Dbarmakaya

encontra-se em todas as coisas materiais do universo e reflecte-se na mente humana como bodhi, a sabedoria iluminada. O Avatamsaka sutra, que é o texto fundamental do budismo mabayana, assenta na idéia de que a Dbarmakaya está em tudo. Todas as coisas e todos os acontecimentos encontram-se relacionados, unidos por fios invisíveis. Mais do que isso, todas as coisas e todos os acontecimentos são a manifestação da mesma unidade." Pausa. "Tudo é um."

"O senhor foi então confrontado com dois mundos totalmente diferentes."

"Totalmente diferentes", concordou o bodhisattva. "Um que tudo fragmenta, outro que tudo une."

"Deu-se mal em Darjeeling?"

"Pelo contrário. O pensamento ocidental foi uma revelação. Eu, que antes chorava por estar fora do Tibete, agora abraçava a nova maneira de pensar. Ainda por cima porque atingi a excelência em duas disciplinas, a matemática e a física. Tornei-me o melhor aluno da escola inglesa, melhor que qualquer inglês ou indiano."

"Ficou em Darjeeling até quando?"

"Até atingir os dezessete anos."

"Foi nessa altura que voltou para o Tibete?"

"Sim. Em 1947, justamente no ano em que os britânicos saíram da Índia, regressei a Lhasa. Usava agora gravata e tive enorme dificuldade em adaptar-me à vida no Tibete. Aquilo que antes me parecia tão acolhedor como o útero da mãe,

afigurava-se-me agora um lugar atrasado, tacanho, provinciano. A única coisa que me fascinava era a mística, era a sensação intelectual de levitar, era o espírito budista de busca da essência da verdade." Ajeitou-se melhor sobre a almofada gigante. "Dois anos depois de chegar ao Tibete ocorreu um acontecimento na China que viria a ter repercussões profundas nas nossas vidas. Os comunistas assumiram o poder em Pequim. O governo tibetano expulsou todos os chineses do país, mas os meus pais viram mais longe. Eram pessoas informadas e conheciam os desígnios de Mao Tsé-Tung sobre o Tibete. Decidiram, por isso, mandar-me outra vez para a Índia. Mas a Índia já não era a mesma Índia e, através de antigos professores de Darjeeling que conheciam bem os meus dotes na matemática e na física, acabei por ser recomendado para um estágio na Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque."

"O senhor foi de Lhasa para Nova Iorque?"

"Imagine", sorriu Tenzing. "Da Cidade Proibida até à Grande Maçã, do Potala até ao Empire State Building." Riu-se. "Foi um choque. Num instante estava a passear pelo Barkhor, no momento seguinte encontrava-me no meio de Times Square."

"Que tal a Universidade de Colúmbia?"

"Estive lá pouco tempo. Apenas uns seis meses."

"Tão pouco?"

"Sim. Um dos meus professores tinha estado envolvido no Projeto Manhattan, o programa militar que juntara os maiores físicos do Ocidente para fabricar a primeira bomba atômica. Aliás, o projeto chamava-se Manhattan justamente porque começou a ser desenvolvido na Universidade de Colúmbia, em Manhattan."

"Não sabia."

"Pois o meu professor, como catedrático de Física em Colúmbia, esteve empenhado nesse programa. Quando me conheceu ficou de tal modo impressionado com as minhas capacidades que resolveu recomendar-me ao seu mentor, um homem muito famoso."

"Quem?", perguntou Tomás.

"Albert Einstein", disse Tenzing muito devagar, sabendo que ninguém permanecia indiferente a este nome. "Einstein trabalhava então no Institute for Advanced Study, em Princeton, e era um

grande admirador de alguns aspectos da cultura oriental, como o confuncionismo. Estávamos em 1950 e, nessa altura, decorriam acontecimentos muito graves no Tibete. Pequim anunciou logo em Janeiro que iria libertar o nosso país e, ato contínuo, as forças chinesas invadiram toda a região do Kham, atingindo o rio Iangtzé. Era o princípio do fim da nossa independência. Simpatizando com a causa tibetana, Einstein acolheu-me de braços abertos. Eu era muito novo, claro, tinha apenas vinte anos, e o meu novo mestre resolveu pôr-me a trabalhar com um outro estagiário, um rapaz um ano mais velho do que eu." O bodhisattva arqueou as sobrancelhas brancas. "Presumo que calcule de quem se tratava."

"O professor Siza."

"Na altura não era ainda professor. Era apenas o Augusto. Simpatizamos logo e, como eu conhecia a história dos primeiros exploradores europeus do Tibete serem os jesuítas portugueses, logo alcunhei o meu novo amigo de o Jesuita. Riu-se com gosto, quase como uma criança. "Ah, havia de ver a cara que ele fazia! Até espumava! Contra-atacou e chamou-me monge careca, mas isso para mim não era problema, pois eu fui mesmo um monge em Rongbuk, não é?"

"E o que faziam os dois?"

"Oh, muita coisa." Voltou a rir-se. "Mas a maior parte eram disparates e tropelias. Olhe, uma vez pintamos um bigodinho à Hitler no retrato do Mahatma Gandhi que Einstein tinha no primeiro andar da sua casa, em Mercer Street. Ui! O velho ficou furioso, até os cabelos se lhe puseram de pé! Vocês haviam de ver..."

"Mas vocês os dois não trabalhavam?"

"Claro que trabalhávamos. Einstein estava nessa altura envolvido num trabalho muito complicado e ambicioso. Ele queria desenvolver a Teoria de Tudo, uma teoria que reduzisse a uma única fórmula a explicação da força da gravidade e da força eletromagnética. Era uma espécie de grande teoria do universo."

"Sim, já sei", disse Tomás. "Einstein dedicou os seus últimos anos de vida a esse projeto."

"E arrastou-nos nesse trabalho. Pôs-me a mim e ao Augusto a testar formulações diferentes. Andamos um ano nisso, até que, em 1951, Einstein chamou-nos ao seu gabinete e tirou-nos do projeto."

"Ah, sim? Porquê?"

"Ele tinha uma outra coisa para nos dar. Uma ou duas semanas antes, não sei exatamente quando, Einstein tinha recebido em sua casa uma importante visita. Era o primeiro-ministro de Israel. Durante a conversa, o primeiro-ministro fez-lhe um desafio de grande importância. De início, Einstein mostrou-se relutante em corresponder a esse desafio, mas, ao fim de alguns dias, foi ganhando entusiasmo e decidiu envolver-nos no trabalho. Tirou-nos do projeto da Teoria de Tudo e colocou-nos no novo projecto, uma coisa muito usb-ush, muito confidencial, muito secreta."

Tomás e Ariana inclinaram-se para a frente, ansiosos por saberem do que se tratava.

"Que... que projeto era esse?"

"Einstein deu-lhe um nome de código", revelou Tenzing. "Chamou-lhe A Fórmula de Deus.'"

Fez-se um silêncio profundo na pequena sala.

"E em que consistia esse projecto?", perguntou Ariana, falando pela primeira vez.

O bodhisattva remexeu-se na almofada, colocou a mão na região lombar, contorceu-se e esboçou um esgar de dor. Olhou em redor do compartimento escurecido, apenas iluminado pelas velas de manteiga de iaque e pela chama amarela do fogão, e respirou fundo.

"Não estão cansados de estar aqui fechados?"

Os dois visitantes iam sofrendo um ataque de nervos. Ansiavam pela resposta, desesperavam pelo desvendar do mistério, sufocavam com a angústia da espera pela revelação; tinham atingido o ponto mais importante da busca, diante de si sentava-se o homem que aparentemente dispunha de todas as respostas, a conversa chegara ao momento-chave, ao instante crucial. E o que fazia Tenzing? Queixava-se de estar há muito tempo fechado naquele quarto.

"Em que consistia o projeto?", insistiu Ariana, exasperada e impaciente.

O bodhisattva esboçou um gesto sereno.

"A montanha é a montanha e o caminho o mesmo de sempre", entoou, pousando a palma da mão no peito. "O que realmente mudou foi o meu coração."

Fez-se um silêncio confuso.

"O que quer isso dizer?"

"Este quarto escuro é o mesmo quarto escuro e a verdade a mesma de sempre. Mas o meu coração cansou-se de aqui estar." Fez um movimento majestoso na direção da porta. "Vamos lá para fora."

"Para onde?"

"Para a luz", disse Tenzing. "Iluminar-vos-ei o caminho num caminho iluminado."

XXXIII

Abandonaram a salinha escura à entrada do templo de Maitreya, no alto do mosteiro de Tashilhunpo, desceram as escadas de pedra escura e viraram à esquerda; Tomás pegava no bodhisattva pelo braço, ajudando-o a caminhar, enquanto Ariana os seguia com as três almofadas apertadas no peito. Percorreram o estreito corredor do sector das capelas e entraram na primeira porta, desembocando num discreto pátio arborizado, à sombra do grande palácio do Panchen Lama.

Vários monges cumprimentaram Tenzing com reverência e o velho parou para lhes responder com um gesto. Depois retomou a marcha, fez sinal em direcção a uma árvore plantada num canteiro e encaminharam-se para lá.

"Yun Men disse", recitou o bodbisattva quando se aproximava do local, fazendo um esforço para se concentrar nos seus passos de ancião. "Ao caminhar, caminha apenas. Ao sentares-te, senta-te apenas. Acima de tudo, não vaciles."

Ariana depositou a grande almofada ao lado do tronco, num local escolhido pelo seu anfitrião, e Tomás ajudou-o a sentar-se. Olharam em redor e verificaram que o sítio tinha sido bem selecionado. Encontrava-se à sombra, mas as folhas deixavam passar muito sol, o que fazia com que aquele local não fosse demasiado frio nem demasiado quente, estava no ponto certo.

O tibetano fez um gesto na direção dos dois visitantes, que o observavam de pé.

"O Buda disse: senta-te, descansa, trabalha", declamou de novo. "Só contigo mesmo. Na orla da floresta vive feliz, sem desejo."

Os dois perceberam o convite. Ajeitaram as almofadas no chão, diante do bodhisattva, e sentaram-se.

Fez-se silêncio.

Escutavam-se, ao longe, os cânticos dos monges na recitação em coro dos mantras, os textos sagrados, o gutural om sempre presente; era aquele o som criador, a sílaba sagrada que precedeu o universo, a vibração cósmica que tudo criou e que tudo une. Pequenos pássaros estridulavam amorosamente pelos ramos, irrequietos e despreocupados, alheios ao timbre primordial que ecoava pelo mosteiro como um murmúrio de fundo, parecia o rumorejar plácido do mar ao abraçar a praia. Tudo ali era aprazível, sereno, eterno, um lugar perfeito para a contemplação; o pátio tranquilo convidava à meditação e à ascensão do espírito na incessante busca pela essência da verdade.

"O senhor mencionou há pouco o projecto de A Fórmula de Deus", começou Tomás. "Será que me pode explicar o que era isso?"

"O que querem que eu explique?"

"Bem... tudo."

Tenzing abanou a cabeça.

"Os chineses têm um provérbio", disse. "Os professores abrem a porta, mas tens de entrar sozinho."

Tomás e Ariana entreolharam-se.

"Então abra-nos a porta."

O velho tibetano respirou fundo.

"Quando comecei a estudar física e matemática, em Darjeeling, achava tudo aquilo divertido porque me parecia um grande e belo jogo. Até que, quando cheguei a Colúmbia, tive um professor que me levou mais longe. Levou-me tão longe que o estudo deixou de ser um jogo para se transformar numa grande descoberta."

"O que descobriu?"

"Descobri que a ciência ocidental se aproximava estranhamente do pensamento oriental."

"O que quer dizer com isso?"

Tenzing fitou Tomás e depois Ariana.

"O que sabem vocês sobre as experiências místicas do Oriente?"

"O meu conhecimento limita-se ao Islã", disse a iraniana.

"Eu conheço o judaísmo e o cristianismo", indicou Tomás. "E aprendi agora umas coisas sobre budismo. Gostaria de saber mais, claro, mas nunca tive um mestre que me ensinasse."

O bodhisattva suspirou.

"Nós, os budistas, temos um provérbio", proclamou. "Quando o estudante está preparado, o mestre aparece." Deixou o pipilar insistente de um pássaro encher o pátio de musicalidade. "Para que possam entender a essência do derradeiro projeto de Einstein, é preciso que vocês percebam duas ou três coisas sobre o pensamento oriental." Pousou a palma da mão no tronco da árvore e deixou-a aí ficar por um momento. Depois retirou-a e encaixou-a na outra, ambas entrelaçadas agora no regaço numa pose contemplativa. "O budismo tem as suas origens remotas no hinduísmo, cuja filosofia assenta numa colecção de velhas escrituras anônimas redigidas em sânscrito antigo, os Vedas, os textos sagrados dos Arianos. A última parte dos Vedas chama-se Upanisbads. A idéia básica por detrás do hinduísmo é que a variedade de coisas e acontecimentos que vemos e sentimos à nossa volta não passa de diferentes manifestações da mesma realidade. A realidade chama-se Brahman e está para o hinduísmo como a Dharmakaya está para o budismo. Brahman significa crescimento e é a realidade em si, a essência interior de todas as coisas. Nós somos Brahman, embora possamos não o perceber devido ao poder mágico criativo de maya, que cria a ilusão da diversidade. Mas a diversidade, sublinho, não passa de uma ilusão. Só há um real e o real é Brahman."

"Desculpe, mas não estou a entender", interrompeu Tomás. "Sempre tive a idéia de que o hinduísmo estava cheio de deuses diferentes."

"Isso é parcialmente verdade. Os hindus têm muitos deuses, de facto, mas as sagradas escrituras tornam claro que todos esses deuses não passam de reflexos de um único deus, de uma única realidade. É como se Deus tivesse mil nomes e cada nome fosse de um deus, mas todos eles remetessem para o mesmo, diferentes nomes e diferentes rostos para uma única essência." Abriu os braços e uniu-os. "Brahman é todos e um. É ele o real e o único que é real."

"Entendi."

"A mitologia hindu assenta na história da criação do mundo através da dança de Shiva, o Senhor da Dança. Conta a lenda que a matéria se encontrava inerte até que, na noite do Brahman, Shiva iniciou a sua dança num anel de fogo. Nesse instante também a matéria começou a pulsar ao ritmo de Shiva, cujo bailar transformou a vida num grande processo cíclico de criação e destruição, de nascimento e morte. A dança de Shiva é o símbolo da unidade e da existência e é através dela que decorrem os cinco actos da divindade: a criação do universo, a sua sustentação no espaço, a sua dissolução, a ocultação da natureza da divindade e a concessão do verdadeiro conhecimento. Dizem as sagradas escrituras que, primeiro, a dança provocou uma expansão, em que se criou o material de construção da matéria e das energias. O primeiro estágio do universo foi preenchido por espaço, para onde tudo se expandiu com a energia de Shiva. Prevêem os textos sagrados que a expansão irá acelerar-se, tudo se misturará e, no fim, Shiva executará a terrível dança da destruição." O bodhisat-tva inclinou a cabeça. "Não lhe parece tudo isto familiar?"

"Incrível", murmurou Tomás. "O Big Bang e a expansão do universo. A equivalência entre massa e energia. O Big Crunch."

"Notável, sim", concordou o tibetano. "O universo existe devido à dança de Shiva e também ao auto-sacrifício do ser supremo."

"Auto-sacrifício? Como no cristianismo?"

"Não", disse Tenzing, abanando a cabeça. "A expressão sacrifício é usada aqui no seu termo original, no sentido de fazer com que algo se torne sagrado, e não no sentido de sofrimento. A história hindu da criação do mundo é a do ato divino de criar o sagrado, um acto pelo qual Deus se torna no mundo, o qual se torna Deus. O universo é um gigantesco palco de uma peça divina, na qual Brabman desempenha o papel do grande mágico que se transforma no mundo através do poder criativo da maya e da acção do karma. O karma é a força da criação, é o princípio ativo da peça divina, é o universo em acção. A essência do hinduísmo radica na nossa libertação em relação às ilusões da maya e à força do karma, levando-nos a perceber, através da meditação e do ioga, que todos os diferentes fenômenos captados pelos nossos sentidos fazem parte da mesma realidade, que tudo é Brabman." O bodhisattva pousou a mão no peito. "Tudo é Brabman", repetiu. "Tudo. Incluindo nós próprios."

"Não é isso o que defende também o budismo?"

"Exatamente", assentiu o velho tibetano. "Em vez de Brabman, preferimos usar a palavra Dharmakaya para descrever essa realidade una, essa essência que se encontra nos diferentes objetos e fenômenos do universo. Tudo é Dharmakaya, tudo está relacionado por fios invisíveis, as coisas não passam de diferentes rostos da mesma realidade. Mas esta não é uma realidade imutável, é antes uma realidade marcada pela samsara, o conceito de que as coisas são impermanentes, de que tudo muda sem cessar, de que o movimento e a transformação são inerentes à natureza."

"Mas, então, qual é a diferença entre hinduísmo e budismo?"

"Há diferenças na forma, há diferenças nos métodos, há diferenças nas histórias. Buda aceitava os deuses hindus, mas não lhes atribuía grande importância. Há

imensas diferenças entre as duas religiões, embora a essência seja a mesma. O real é uno, apesar de parecer múltiplo. As coisas diferentes não passam de diferentes máscaras da mesma coisa, essa realidade última que é também impermanente. Ambos os pensamentos ensinam a ver para além das máscaras, ensinam a perceber que a diferença esconde a unidade, ensinam a caminhar para a revelação do uno. Mas recorrem a métodos diversos para chegar ao mesmo objetivo. Os hindus atingem a iluminação através do vedanta e do ioga, os budistas através do óctuplo caminho sagrado do Buda."

"Portanto, a essência do pensamento oriental radica na noção de que o real, embora assuma diferentes formas, é, na sua essência, a mesma coisa."

"Sim", disse Tenzing. "Apesar de as idéias fundamentais estarem já incorporadas no hinduísmo e no budismo, os taoístas vieram depois sublinhar alguns elementos essenciais já existentes no pensamento dominante."

"Ah, sim? O quê?"

O tibetano aspirou o ar puro que deslizava num sopro pelo pátio.

"Alguma vez leu o Tao Te Ching?"

"Uh... não."

"É o texto fundamental do Tao."

"E o que é o Tao?"

"Disse Chuang Tzu: se alguém perguntar o que é o Tao e outro responder, nenhum dos dois sabe o que é o Tao."

Tomás riu-se.

"Bem, então já vi que não nos pode explicar o que é o Tao..."

"O Tao é outro nome para Brahman e para Dharmakaya", enunciou o tibetano. "O Tao é o real, é a essência do universo, é o uno do qual deriva o múltiplo. O caminho taoísta foi enunciado por Lao Tzu, que resumiu o pensamento num conceito essencial."

"Qual?"

"O Tao Te Ching começa com palavras reveladoras", disse Tenzing. "O Tao que pode ser dito não é o verdadeiro Tao. O Nome que pode ser nomeado não é o verdadeiro Nome."

O budista deixou as palavras ressoarem pelo pátio como folhas largadas à aragem do vento.

"O que quer isso dizer?"

"O Tao sublinhou o papel do movimento na definição da essência das coisas. O universo balança entre o yin e o yang, as duas faces que pautam o ritmo dos padrões cíclicos do movimento e através das quais o Tao se manifesta. A vida, disse Chuang Tzu, é a harmonia do yin e do yang. Tal como o ioga é o caminho hindu para a iluminação de que tudo é Brabman, tal como o óctuplo caminho sagrado do Buda é o caminho budista para a iluminação de que tudo é Dharmakaya, o taoísmo é o caminho taoísta para a iluminação de que tudo é Tao. O taoísmo é um método que usa a contradição, os paradoxos e a sutileza para chegar ao Tao." Ergueu a mão. "Disse Lao Tzu: para contrair uma coisa, é preciso expandi-la." Inclinou a cabeça. "É essa a sabedoria subtil. Através da relação dinâmica entre o yin e o yang, os taoístas explicam as mudanças da natureza. O yin e o yang são dois pólos antagônicos, dois extremos ligados um ao outro por um cordão invisível, duas diferentes faces do Tao, a

unidade de todos os opostos. O real está em permanente mudança, mas as mudanças são cíclicas, ora tendem para o yin, ora voltam para o yang." Ergueu de novo a mão. "Mas, atenção, os extremos são ilusões do uno e tanto assim é que o Buda falou em não dualidade. O Buda disse: luz e sombra, longo e curto, preto e branco só podem ser conhecidos um em relação

ao outro. A luz não é independente da sombra nem o negro do branco. Não há opostos, apenas relações."

"Não percebo", disse Tomás. "Quais são então as principais novidades do taoísmo?"

"O taoísmo não é bem uma religião, mas um sistema filosófico nascido na China. Algumas das suas ideias essenciais, porém, coincidem com o budismo, como a noção de que o Tao é dinâmico e de que o Tao é inacessível."

"Inacessível, em que sentido?"

"Lembre-se de Lao Tzu: o Tao que pode ser dito não é o verdadeiro Tao. Lembre-se de Chuang Tzu: se alguém perguntar o que é o Tao e outro responder, nenhum dos dois sabe o que é o Tao. O Tao está para além do nosso entendimento. É inexprimível."

"Engraçado", sorriu Tomás. "É justamente o que diz a Cabala judaica. Deus é inexprimível."

"O real é inexprimível", proclamou Tenzing. "Já os Upanishads dos hindus se referiam à intangibilidade da realidade última em termos inequívocos: lá onde o olho não chega, a palavra não chega, a mente não chega, não sabemos, não compreendemos, não podemos ensinar. O próprio Buda, questionado por um discípulo que lhe pediu para definir a iluminação, respondeu com silêncio e limitou-se a levantar uma flor. O que Buda queria expressar com este gesto, que ficou conhecido por Sermão das Flores, é que as palavras só servem para objetos e ideias que nos são familiares. O Buda disse: um nome é imposto no que se pensa ser uma coisa ou um estado e isso separa-o de outras coisas e outros estados, mas, quando se vai ver o que está por detrás do nome, encontra-se uma maior e maior subtileza que não tem divisões." Suspirou. "A iluminação da realidade última, da Dharmakaya, está para além das palavras e das definições. Chamemos-lhe Brahman, Dharmakaya, Tao ou Deus, essa verdade mantém-se imutável. Podemos sentir o real numa epifania, podemos quebrar as ilusões de maya e o ciclo do karma de modo a atingirmos a

iluminação e chegarmos ao real." Fez um gesto lento com a mão. "Porém, façamos o que fizermos, digamos o que dissermos, nunca o poderemos descrever. O real é inexprimível. Está para lá das palavras."

Tomás remexeu-se na almofada e olhou para Ariana, que permanecia calada.

"Desculpe, mestre", disse ele, uma ponta de impaciência a colorir-lhe o tom da voz. "Tudo isto é fascinante, sem dúvida, mas não responde às nossas dúvidas."

"Não responde deveras?"

"Não", insistiu Tomás. "Gostaria que nos explicasse em pormenor o projeto em que Einstein o envolveu."

O bodhisattva suspirou.

"Fez Yang disse: quando te sentes iludido e cheio de dúvidas, nem mil livros bastarão. Quando tiveres alcançado o entendimento, uma palavra já é de mais." Olhou para Tomás. "Entende?"

"Uh... mais ou menos."

"Essas suas palavras hesitantes parecem gotas de chuva, o que me lembra um ditado Zen", insistiu Tenzing. "As gotas de chuva batem na folha de basbo, mas não são lágrimas de pesar, é apenas a angústia de quem as escuta."

"Acha que estou angustiado?"

"Acho que você não me está a ouvir, português. Escuta-me, é verdade, mas não me ouve.

Quando ouvir, entenderá. Quando entender, uma palavra já será de mais. Enquanto não o fizer, contudo, nem mil livros lhe bastarão."

"Está-me a dizer que tudo isto tem relação com o projeto de Einstein?"

"Estou-lhe a dizer o que lhe estou a dizer", disse o tibetano, a voz muito tranquila, apontando-lhe o dedo como se o interpelasse. "Lembre-se do provérbio chinês: os professores abrem a porta, mas tens de entrar sozinho."

"Muito bem", assentiu Tomás. "Já sei que me abriu a porta. É este o momento de eu entrar?"

"Não", murmurou Tenzing. "É este o momento de me escutar. Disse Lao Tzu: age sem fazer, trabalha sem esforço."

"Sim, mestre."

O bodhisattva cerrou as pálpebras por instantes. Parecia ter mergulhado na meditação, mas logo reabriu os olhos.

"Tudo isto que vos contei tinha eu já relatado em Princeton a Einstein, que se mostrou muito interessado na visão oriental do universo. O principal motivo desse interesse radicava na proximidade existente entre o nosso pensamento e pormenores cruciais das novas descobertas nos campos da física e da matemática, algo que eu tinha constatado na Universidade de Colúmbia e que fiz questão de explicar ao meu novo mentor."

"Desculpe, não estou a perceber", interrompeu Ariana, a sua mente de cientista reagindo com surpresa. "Proximidades entre o pensamento oriental e a física? Do que está o senhor a falar concretamente?"

Tenzing riu-se.

"A menina está a reagir exatamente como Einstein reagiu de início, quando eu lhe falei nisso."

"Desculpe, mas parece-me uma reacção natural para qualquer cientista", disse a iraniana. "Misturar ciência com misticismo é... enfim... é uma coisa um pouco estranha, não lhe parece?"

"Não, se ambos disserem a mesma coisa", replicou o tibetano. "Revelam os Upanishads: tal como o corpo humano, assim é o corpo cósmico. Tal como a mente humana, assim é a mente cósmica. Tal como o microcosmos, assim é o macrocosmos. Tal como o átomo, assim é o universo."

"Isso está onde?"

"Está nos Upanisbads, o último dos Vedas, os textos sagrados do hinduísmo." Tenzing ergueu o sobrolho branco. "Mas poderia encontrar-se num qualquer texto científico, não acha?"

"Bem... uh... de certo modo."

O bodhisattva ajeitou a sua posição sobre a grande almofada e respirou fundo.

"Lembram-se de Lao Tzu dizer que o Tao que pode ser dito não é o verdadeiro Tao e que o Nome que pode ser nomeado não é o verdadeiro Nome? Lembram-se dos Upanishads se referirem à realidade última como sendo algo onde o olho não chega, a palavra não chega, a mente não chega, não sabemos, não compreendemos, não podemos ensinar? Lembram-se do Buda usar o Sermão das Flores para explicar que a iluminação da Dbarmakaya é inexprimível?"

"Sim..."

"E eu pergunto-vos: o que diz o Princípio da Incerteza? Diz-nos que não podemos prever com precisão o comportamento de uma micropartícula, apesar de sabermos que esse comportamento já está determinado. E eu pergunto-vos: o que dizem os teoremas da Incompletude? Dizem-nos que não podemos provar a coerência de um sistema matemático, apesar de as suas afirmações não demonstráveis serem verdadeiras. E eu pergunto-vos: o que diz a Teoria do Caos? Diz-nos que a complexidade do real é de tal grandeza que não é possível prever a evolução futura do universo, apesar de sabermos que essa evolução já está determinada. O real esconde-se por detrás da ilusão de tnaya. O Princípio da Incerteza, os teoremas da Incompletude e a Teoria do Caos provaram que o real é inacessível na sua essência. Podemos tentar aproximar-nos dele, podemos tentar descrevê-lo, mas nunca chegaremos verdadeiramente a ele. Haverá sempre mistério no fim do universo. Em última instância, o universo é inexprimível na sua plenitude, devido à subtileza da sua concepção." Abriu as mãos. "Regressamos, por isso, à questão essencial. O que é a matéria imprevisível a que o Princípio da Incerteza se refere senão Brahman? O que é a verdade que os teoremas da Incompletude mostram não poder ser provada senão Dhamarkaya? Eo que é o real infinitamente complexo e inatingível descrito pela Teoria do Caos senão Tao? O que é afinal o universo senão um gigantesco e inexprimível enigma?"

As perguntas feitas por Tenzing em tom tranquilo reverberaram com fragor nos ouvidos dos dois visitantes. Tomás e Ariana fitaram o velho tibetano sentado diante de si e digeriram devagar os estranhos paralelismos entre a ciência ocidental e o misticismo oriental.

"Depois há o problema da dualidade", retomou Tenzing. "Como devem estar recordados, o pensamento oriental estabelece o dinamismo do universo através da dinâmica das coisas. O Brahman dos hindus significa crescimento. A samsara dos budistas quer dizer movimento incessante. O Tao dos taoístas remete para a dinâmica dos opostos representada pelo yin e pelo yang. Tudo são opostos e os opostos são a mesma coisa, os dois extremos unidos por um fio invisível. Yin e yang. Lembram-se de eu vos ter dito isso?"

"Sim, claro."

"Então lembrem-se agora das teorias da Relatividade: a energia e a massa são a mesma coisa em estados diferentes. Então lembrem-se agora da física quântica: a matéria é, ao mesmo tempo, onda e partícula. Então lembrem-se agora das teorias da Relatividade: o espaço e o tempo estão ligados. Tudo é yin e yang. O universo move-se pelo dinamismo dos opostos. Os extremos revelam-se, afinal, diferentes expressões de uma mesma unidade. Yin e yang. Energia e massa. Ondas e partículas. Espaço e tempo. Yin e yang."

"O universo movimenta-se pela dialéctica dos opostos", comentou Tomás.

"O universo é uno, mas não é estático, é dinâmico", enunciou Tenzing. "Lembram-se de eu vos falar na criação do universo pela dança de Sbiva, através da

qual a matéria começou a pulsar e a bailar ao ritmo dessa dança, transformando a vida num grande processo cíclico?"

"Sim."

"Então vejam o ritmo dos electrões em torno dos núcleos, vejam o ritmo das oscilações dos átomos, vejam o ritmo do movimento das moléculas, vejam o ritmo do movimento dos planetas, vejam o ritmo a que pulsa o cosmos. Em tudo há ritmo, em tudo há sincronismo, em tudo há simetria. A ordem emerge do caos como um bailarino rodopia na pista. Já repararam onde está o ritmo do cosmos?"

"Uh... o ritmo do cosmos?"

"Todas as noites, ao longo dos rios da Malásia, milhares de pirilampos juntam-se no ar e emitem luz em uníssono, obedecendo a um sincronismo secreto. Todos os instantes, ao longo do nosso corpo, os fluxos eléctricos bailam em cada órgão ao ritmo de sinfonias silenciosas, cujo compasso é coordenado por milhares de células invisíveis. Todas as horas, ao longo dos nossos intestinos, os restos dos alimentos são empurrados pela ondulação ritmada das paredes do tubo intestinal, obedecendo a uma estranha cadência ondulada. Todos os dias, quando o homem penetra a mulher e o seu fluido vital corre na direção do óvulo, os espermatozóides abanam as caudas ao mesmo tempo e na mesma direção, respeitando uma coreografia misteriosa. Todos os meses, sempre que algumas mulheres passam muito tempo juntas, os seus ciclos menstruais sincronizam-se de forma inexplicável. O que é isto senão o ritmo enigmático da música universal a que dança o cósmico Skiva?"

"Mas na vida é natural que haja sincronia", argumentou Tomás. "Há sincronia na respiração, há sincronia no coração, há sincronia na circulação do sangue..."

"Claro que a sincronia é natural", assentiu Tenzing. "É natural justamente porque a vida flui ao ritmo das batidas da dança de Shiva. Mas não é só a vida, sabe? Também a matéria que não é viva dança ao som da mesma música."

"A matéria que não é viva?"

"Isso foi descoberto no século XVII, quando Christiaan Huygens observou acidentalmente que os pêndulos de dois relógios de sala colocados lado a lado oscilavam em simultâneo sem variação. Por mais que os tentasse dessincronizar, alterando as oscilações dos pêndulos, Huygens constatou que, ao fim de apenas meia hora, os relógios voltavam a acertar as suas batidas, como se os pêndulos obedecessem a um maestro invisível. Huygens descobriu que a sincronia não é um ritmo exclusivo das coisas vivas. A matéria inerte dança ao mesmo ritmo."

"Bem... uh... é estranho, sem dúvida", reconheceu Tomás. "Mas não se pode generalizar a partir de um único caso descoberto entre a matéria inerte, não é? Por mais que esse caso pareça bizarro, é apenas um caso."

"Está enganado", atalhou o tibetano. "A dança sincronizada dos pêndulos de relógios colocados lado a lado foi apenas a primeira de muitas descobertas semelhantes. Descobriu-se que os geradores colocados em paralelo, mesmo que comecem a funcionar dessincronizados, sincronizam automaticamente o seu ritmo de rotação e é essa estranha batida da natureza que possibilita o funcionamento das redes elétricas. Descobriu-se que o átomo do césio oscila como um pêndulo entre dois níveis de energia e essa oscilação é ritmada com tal precisão que permitiu recorrer ao césio para criar os relógios atômicos, que só erram menos de um segundo em vinte milhões de anos. Descobriu-se que a Lua roda no seu eixo exatamente ao mesmo ritmo com que orbita a Terra e é esse bizarro sincronismo que permite que a Lua tenha sempre a mesma face voltada para nós. Descobriu-se que as moléculas da água,

que se movem livremente, quando a temperatura desce aos zero graus juntam-se num movimento sincronizado, e é esse movimento que permite a formação do gelo. Descobriu-se que alguns átomos, quando colocados a temperaturas próximas do zero absoluto, começam a comportar-se como se fossem um único, são trilhões de átomos envolvidos num gigantesco bailado sincronizado. Essa descoberta permitiu que os seus autores ganhassem o Prémio Nobel da Física em 2001. O Comitê Nobel disse que eles tinham conseguido fazer com que os átomos cantassem em uníssono. Essa foi a expressão usada pelo Comitê no seu comunicado. Que os átomos cantassem em uníssono. Ao ritmo de que música, pergunto-vos eu?"

Tomás e Ariana permaneceram calados. A pergunta era retórica, presumiram, e o facto é que o bodhisattva os surpreendera com a revelação da existência deste ritmo, desta batida a que a matéria pulsa.

"Ao ritmo de que música, pergunto-vos eu?", repetiu Tenzing. "Ao ritmo da música cósmica, a mesma música que inspira Shiva na sua dança, a mesma música que faz com que dois pêndulos oscilem em sincronia, a mesma música que faz com que os geradores coordenem o seu movimento de rotação, a mesma música que faz com que a Lua organize o seu bailado de modo a ter sempre a mesma face voltada para a Terra, a mesma música que faz com que os átomos cantem em uníssono. O universo baila a um ritmo misterioso. O ritmo da dança de Shiva."

"E de onde vem esse ritmo?", perguntou Tomás.

O tibetano fez um gesto vago com as mãos, abarcando todo o pátio do templo.

"Vem da Dharmakaya, vem da essência do universo", disse. "Nunca ouviram falar das ligações entre a música e a matemática?"

Os dois visitantes assentiram com a cabeça.

"Pois a música do universo oscila ao ritmo das leis da física", afirmou Tenzing. "Em 1996 descobriu-se que os sistemas vivos e a matéria inerte se sincronizam em obediência a uma mesma formulação matemática. Quero com isto dizer que a batida da música cósmica que provoca os movimentos nos intestinos é a mesma que faz com que os átomos cantem em uníssono, a batida que põe os espermatozóides a abanarem a cauda em sincronia é a mesma que orquestra o gigantesco bailado da Lua em torno da Terra. E a formulação matemática que organiza este ritmo cósmico emerge dos sistemas matemáticos sobre os quais assenta a organização do universo: a Teoria do Caos. Descobriu-se que o caos é síncrono. O caos parece caótico, mas tem, na verdade, um comportamento determinista, obedece a padrões e é regido por regras muito bem definidas. Apesar

de ser síncrono, o seu comportamento nunca se repete, pelo que podemos dizer que o caos é determinista mas indeterminável. É previsível a curto prazo, devido às leis determinísticas, e imprevisível a longo prazo, devido à complexidade do real." Abriu as mãos. "Haverá sempre mistério no fim do universo."

Tomás remexeu-se no seu assento.

"Admito que tudo isso é misterioso", disse. "Mas acha que os sábios anónimos que descreveram a dança de Shiva sabiam da existência desse... desse ritmo cósmico?"

Tenzing sorriu.

"A propósito de como devemos pensar o mundo, disse o Buda: uma estrela ao anoitecer, uma bolha na corrente, um rasgo de luz numa nuvem de Verão, uma candeia tremulante, um fantasma e um sonho."

Os visitantes hesitaram, desconcertados com a resposta.

"O que quer dizer com isso?"

"Quero dizer que o ritmo cósmico não é perceptível para quem não está iluminado. É preciso ser Buda para observar esse ritmo emergir das coisas. Como podiam os autores das sagradas escrituras saber da existência do ritmo cósmico se ele não é audível para quem não está preparado para o escutar?"

"Pode ser coincidência", argumentou Tomás. "Inventaram a história da dança de Shiva, um belo mito primordial, e depois, por coincidência, descobriu-se que existe um ritmo no universo."

O bodhisattva permaneceu um instante calado, como se estivesse a ponderar o argumento.

"Lembram-se de eu ter dito que os hindus defendem que a realidade última se chama Brahman e que a variedade de coisas e acontecimentos que vemos e sentimos à nossa volta não passa de diferentes manifestações da mesma realidade? Lembram-se de eu ter dito que nós, os budistas, defendemos que a realidade última se chama Dharmakaya e que tudo está relacionado por fios invisíveis, sendo que todas as coisas não passam de diferentes rostos da mesma realidade? Lembram-se de eu ter dito que os taoístas defendem que o Tao é o real, é a essência do universo, é o uno do qual deriva o múltiplo?"

"Sim."

"Será coincidência que, agora, a ciência ocidental venha dizer o mesmo que os nossos sábios orientais já diziam há dois mil anos ou mais?"

"Não estou a entender", indicou Tomás.

O bodhisattva respirou fundo.

"Como sabe, o pensamento oriental defende que o real é uno e as diferentes coisas não passam de manifestações da mesma coisa. Tudo está relacionado."

"Sim, já disse isso."

"A Teoria do Caos veio confirmar que assim é. O bater de asas de uma borboleta influencia o estado do tempo num outro ponto do planeta."

"É verdade."

"Mas a ligação da matéria entre si não se limita a um simples efeito dominó entre as coisas, em que cada uma influencia a outra. A verdade é que a matéria está ligada organicamente entre si. Cada objeto é uma diferente representação da mesma coisa."

"Isso é o que diz o pensamento oriental", insistiu Tomás.

"É o que diz a ciência ocidental também", argumentou Tenzing.

O historiador fez um ar incrédulo.

"A ciência ocidental?"

"Sim."

"Onde é que está dito que a matéria tem ligação orgânica? Onde é que está dito que cada objeto é uma diferente representação da mesma coisa? É a primeira vez que ouço tal coisa..."

O bodhisattva sorriu.

"Os senhores já ouviram falar na experiência Aspect?"

Tomás fez uma careta de ignorância, mas, ao mirar Ariana, percebeu que a referência lhe era familiar.

"O que é isso?", perguntou, dirigindo-se indistintamente ao tibetano e à iraniana.

"Já vi que a menina está a par desta experiência", observou Tenzing, o olhar perscrutador.

"Sim", confirmou ela. "Qualquer físico conhece essa experiência".

Ariana parecia um pouco abalada. Era notório que o seu espírito científico ocupava-se nesse instante com a avaliação das implicações da observação do velho budista, em particular as inesperadas relações entre a experiência que Tenzing mencionara e o conceito de Dharmakaya que acabara de conhecer.

"Alguém se importa de me explicar o que é isso?", insistiu Tomás.

Tenzing voltou a ajeitar o pano púrpura que lhe cobria o corpo. Observou Tomás fixamente.

"Alain Aspect é um físico francês que liderou uma equipa da Universidade de Paris-Sul numa experiência de grande importância, efectuada em 1982. É verdade que ninguém falou dela na televisão ou nos jornais. Em bom rigor, apenas os físicos e alguns outros cientistas a conhecem, mas não se esqueça do que lhe vou dizer." Ergueu um dedo. "É possível que, no futuro, a experiência Aspect venha a ser recordada como uma das experiências mais extraordinárias da ciência no século XX." Olhou para Ariana. "Concorda comigo, menina?"

Ariana assentiu com a cabeça.

"Sim."

O bodhisattva manteve o olhar preso na iraniana.

"Um ditado Zen diz: se encontrares no caminho um homem que sabe, não digas nada, não fiques em silêncio." Fez uma pausa. "Não fiques em silêncio", repetiu. Olhou para Ariana e apontou para Tomás. "Abre-lhe a porta."

"Quer que eu lhe descreva a experiência Aspect?"

Tenzing sorriu.

"Outro ditado Zen diz: quando um homem comum acede ao conhecimento, é um sábio. Quando um sábio acede ao conhecimento, é um homem comum." Voltou a indicar Tomás. "Faz dele um homem comum."

Ariana dançou com os olhos entre os dois homens, tentando ordenar o raciocínio.

"A experiência Aspect... uh... quer dizer....", gaguejou. Mirou o tibetano como se pedisse instruções. "Não se pode relatar a experiência Aspect sem falar no Paradoxo EPR, não é?"

"Nagarjuna disse: a sabedoria é como um lago límpido e fresco, pode-se entrar por um lado qualquer."

"Então tenho de entrar pelo lado do Paradoxo EPR", decidiu Ariana. Voltou-se para Tomás.

"Lembras-te de eu te ter contado que a física quântica previa um universo indeterminista, em que o observador faz parte da observação, enquanto a Relatividade preconizava um universo determinista, em que o papel do observador é irrelevante para o comportamento da matéria. Lembras-te disso, não é?"

"Claro."

"Ora bem, quando essa inconsistência se tornou clara, começaram os esforços para conciliar os dois campos. Presumia-se, e ainda se presume, que não pode haver leis discrepantes em função da dimensão da matéria, umas para o macrocosmos e outras diferentes para o microcosmos. Tem de haver leis únicas. Mas como explicar as divergências entre as duas teorias? O problema suscitou uma série de debates entre o pai da relatividade, Albert Einstein, e o principal teórico da física quântica, Niels Bohr. Para demonstrar que a interpretação quântica era absurda, Einstein focou um pormenor muito bizarro da teoria quântica: o de que uma partícula só decide a sua posição quando é observada. Einstein, Podolski e Rosen, cujas iniciais formam EPR, formularam então o seu paradoxo, baseado na ideia de medir dois sistemas separados, mas que tinham estado previamente unidos, para ver se eles tinham comportamentos semelhantes quando observados. Os três propuseram o seguinte: coloquem-se os dois sistemas em caixas, posicionadas em pontos diferentes de uma sala ou até a muitos quilômetros de distância, abram-se as caixas em simultâneo e meçam-se os seus estados internos. Se o seu comportamento for automaticamente idêntico, então isso significa que os dois sistemas conseguiram comunicar um com o outro instantaneamente. Ora, isto é um paradoxo. Einstein e os seus apoiantes observaram que não pode haver transferência instantânea de informação uma vez que nada anda mais depressa do que a luz." "E o que é que o físico quântico respondeu?"

"Bohr? Bohr respondeu que, se se pudesse fazer essa experiência, verificar-se-ia que havia, de fato, comunicação instantânea. Se as partículas subatômicas não existem até serem observadas, argumentou, então não poderão ser encaradas como coisas independentes. A matéria, disse, faz parte de um sistema indivisível."

"Um sistema indivisível", ecoou Tenzing. "Indivisível como a realidade última de Brahman. Indivisível como o real unificado por fios invisíveis da Dharmakaya. Indivisível como a unidade do Tao do qual deriva o múltiplo. Indivisível como a essência derradeira da matéria, o uno de que todas as coisas e todos os acontecimentos não são senão manifestações do mesmo, a realidade única com diferentes máscaras."

"Calma", contrapôs Tomás. "Isso é o que dizia a física quântica. Mas Einstein pensava de maneira diferente, não é?"

"Sem dúvida", assentiu Ariana. "Einstein achava que esta interpretação era absurda e considerava que o Paradoxo EPR, se pudesse ser testado, o demonstraria."

"O problema é que esse paradoxo não pode ser testado..."

"No tempo de Einstein, não podia", disse a iraniana. "Mas, logo em 1952, um físico da Universidade de Londres chamado David Bohm indicou que havia uma maneira de testar o paradoxo. Em 1964 coube a outro físico, John Bell, do CERN de Genebra, a tarefa de demonstrar

esquematicamente como levar a cabo a experiência. Bell não fez o teste, que só viria a ser concretizado em 1982 por Alain Aspect e uma equipa de Paris. É uma experiência complicada e difícil de explicar a um leigo, mas foi de fato efetuada."

"Os franceses testaram o paradoxo?"

"Sim."

"E então?"

Ariana olhou furtivamente para Tenzing antes de responder à pergunta de Tomás.

"Bohr tinha razão."

"Não percebo", disse o historiador. "Tinha razão, como? O que revelou a experiência?"

Ariana respirou fundo.

"Aspect descobriu que, sob determinadas condições, as partículas comunicam automaticamente entre si. Essas partículas sub-atómicas podem até estar em pontos diferentes do universo, umas numa ponta do cosmos e outras noutra, mas a comunicação é instantânea."

O historiador fez um ar incrédulo.

"Isso não é possível", disse. "Nada viaja mais depressa do que a luz."

"É o que diz Einstein e a Teoria da Relatividade Restrita", devolveu a iraniana. "Mas Aspect provou que as micropartículas comunicam instantaneamente entre si."

"Não haverá qualquer engano nesses testes?"

"Nenhum engano", assegurou a iraniana. "Novas experiências efectuadas em 1998, em Zurique e Innsbruck, usando técnicas mais sofisticadas, confirmaram tudo."

Tomás coçou a cabeça.

"Isso quer dizer que as teorias da Relatividade estão erradas?"

"Não, não, elas estão certas."

"Então como se explica esse fenômeno?"

"Só há uma explicação", disse Ariana. "Aspect confirmou uma propriedade do universo. Ele verificou experimentalmente que o universo tem ligações invisíveis, que as coisas estão relacionadas entre si de um modo que não se suspeitava, que a matéria possui uma organização intrínseca que ninguém imaginava. Se as micropartículas comunicam entre si à distância, isso não se deve a nenhum sinal que estejam a enviar umas às outras. Isso deve-se simplesmente ao fato de que elas constituem uma entidade única. A sua separação é uma ilusão."

"As micropartículas são uma entidade única? A sua separação é uma ilusão? Não estou a perceber..."

Ariana olhou em redor, tentando imaginar a melhor maneira de explicar o sentido das suas palavras.

"Olha, Tomás", disse, agarrando-se a uma idéia. "Já viste alguma vez uma transmissão televisiva de um jogo de futebol?"

"Já, claro."

"Numa transmissão televisiva há, por vezes, várias câmaras apontadas ao mesmo tempo ao mesmo jogador, não é? Quem estiver a ver as imagens de cada câmara e não souber a forma como a coisa funciona, poderá pensar que cada câmara capta um jogador diferente. Numa vê-se o jogador a olhar para a esquerda, na outra vê-se o mesmo jogador a olhar para a direita. Se a pessoa não conhecer esse jogador, seria capaz de jurar que se tratava de jogadores diferentes. Mas, olhando com mais atenção, percebe-se que sempre que o jogador faz um movimento para um lado, o jogador que está na outra imagem faz instantaneamente o movimento correspondente, embora para o outro lado. Isso resulta, claro, de uma ilusão. Na verdade, as duas câmaras mostram sempre o mesmo jogador, só que de ângulos diferentes. Percebeste?"

"Sim. Tudo isso é evidente."

"Pois foi uma coisa parecida que a experiência Aspect mostrou em relação à matéria. Duas micropartículas podem estar separadas pelo universo inteiro, mas quando uma se mexe, a outra mexe-se instantaneamente. Penso que isso acontece porque, na verdade, não se trata de duas micropartículas diferentes, mas da mesma micropartícula. A existência de duas é uma ilusão, da mesma maneira que a existência de dois jogadores em câmaras posicionadas em ângulos diferentes é uma ilusão. Nós estamos sempre a ver o mesmo jogador, nós estamos sempre a ver a mesma micropartícula. A um nível profundo da realidade, a matéria não é individual, mas uma mera

representação de uma unidade fundamental."

Fez-se silêncio.

Tenzing pigarreou.

"A variedade de coisas e acontecimentos que vemos e sentimos à nossa volta são diferentes manifestações da mesma realidade", murmurou o budista em tom contemplativo. "Tudo está relacionado por fios invisíveis. Todas as coisas e todos os acontecimentos não passam de diferentes rostos da mesma essência. O real é o uno do qual deriva o múltiplo. É isso Brabman, é isso Dharmakaya, é isso Tao. Os textos sagrados explicam o universo." Fechou os olhos e inspirou o ar, numa postura meditativa. "Está escrito na Prajnaparamita, o poema de Buda sobre a essência de tudo."

Começou a recitar, como se entoasse um mantra sagrado:

"Vazia e calma e livre de si
É a natureza das coisas.
Nenhum ser individual
Na realidade existe.

Não há fim nem princípio,
Nem meio.
Tudo é ilusão,
Como numa visão ou num sonho.

Todos os seres do mundo
Estão para além do mundo das palavras.
A sua natureza última, pura e verdadeira,
É como a infinidade do espaço."

Tomás observou-o de olhos arregalados, ainda algo incrédulo.

"Foi assim que Buda descreveu a essência das coisas?", admirou-se. "É inacreditável."

O bodhisattva encarou-o com serenidade.

"Chou Chou disse: o Caminho não é difícil, basta que não haja querer ou não querer." Fez um gesto na direção do seu visitante. "Os professores abrem a porta, mas tens de entrar sozinho."

Tomás ergueu a sobrancelha.

"É este o momento de eu entrar?"

"Sim."

Fez-se novo silêncio.

"O que devo então fazer?"

"Entrar."

O historiador olhou para o budista com uma expressão desconcertada.

"Entrar?"

"Um ditado Zen diz: apanha o cavalo vigoroso do teu espírito", declamou Tenzing. Sorriu. "Para a sua viagem, porém, tenho uma merenda que lhe confortará o estômago do espírito."

"Uma merenda?"

"Sim, mas primeiro vamos ao chá. Tenho sede."

"Espere", exclamou Tomás. "Que merenda é essa?"

"É A Fórmula de Deus."

"Ah!", exclamou o historiador. "Ainda não me explicou o que isso é."

"Não tenho feito outra coisa senão explicar-lhe. Você ouviu-me, mas não me entendeu."

Tomás corou.

"Uh..."

"Um dia, Einstein veio ter comigo e com o jesuíta e disse-nos: falei com o primeiro-ministro de Israel e ele fez-me um pedido. Tive muita relutância em aceitar o pedido, mas aceito agora e quero que vocês me ajudem neste projeto."

"Ele disse-lhe isso? Ele pediu-vos para colaborarem na... na construção de uma bomba atômica simples?"

O bodhisattva contraiu o rosto, surpreendido.

"Bomba atômica? Qual bomba atômica?"

"O projeto A Fórmula de Deus não é sobre a bomba atômica?"

Tenzing mirou Tomás com perplexidade.

"Claro que não."

Tomás olhou de imediato para Ariana e constatou que ela partilhava o seu alívio.

"Vês?", sorriu ele. "O que te dizia eu?"

A iraniana inclinou-se para a frente, como se assim pudesse apreender melhor tudo o que era dito. Já tinha lido o manuscrito e movia-a uma imensa curiosidade em percebê-lo finalmente. Além disso, dispunha de uma motivação adicional; ela sabia que aquela informação era crucial para travar a perseguição que o VEVAK inevitavelmente lhe iria fazer, a si e a Tomás. Mas não lhe bastava saber a verdade;

tinha também de a provar. Foi por isso que encarou o tibetano com a ansiedade desenhada no rosto.

"Mas, então, explique-me", quase implorou. "O que é afinal o projeto A Fórmula de Deus?"

"Shunryu Suzuki disse: quando compreenderes totalmente uma única coisa, compreendes tudo."

"Compreender o que é A Fórmula de Deus significa compreender tudo?"

"Sim."

"Mas qual é o tema de A Fórmula de Deus?"

Tenzing Thubten ergueu a mão, deslizou-a lentamente pelo ar, esboçando num gracioso movimento de ginástica chinesa, e voltou a imobilizar-se. Respirou a brisa que pairava sobre o pátio do templo e sentiu o calor aprazível dos raios de sol filtrados pelas folhas das árvores. Fez sinal a um monge que passava e pediu-lhe chá. Depois recolheu-se ao seu espaço e encarou os visitantes.

"É a maior busca jamais empreendida pela mente humana, a demanda do mais importante enigma do universo, a revelação do desígnio da existência."

Tomás e Ariana observavam-no, expectantes, incapazes quase de reprimirem a ansiedade. O bodhisattva percebeu a angústia que os sufocava e sorriu, disposto enfim a deslindar o segredo.

"A prova científica da existência de Deus."

XXXIV

Um monge aproximou-se com uma bandeja e, chegando junto da árvore, fez uma vênia e distribuiu chávenas pelos três. O budista pegou no bule e despejou um líquido quente em cada chávena, de maneira que logo todas elas começaram a fumegar. Tomás analisou o chá e, sentindo-lhe o odor característico, teve de virar a cara para o lado de modo a disfarçar a careta de repulsa.

"Chá de manteiga de iaque", constatou, trocando um olhar desanimado com Ariana.

"Temos de aguentar", sussurrou a iraniana dissimuladamente. "Tem paciência."

Os dois visitantes mal conseguiam conter a exasperação. Sentiam-se tremendamente excitados com as revelações que tinham acabado de escutar e queriam conhecer mais pormenores sobre o invulgar trabalho que o tibetano desenvolvera com Einstein. Em vez disso, viam-se obrigados a ingerir aquela nojenta mistela untuosa.

"Mestre", insistiu Tomás, ainda sem se atrever a provar o chá. "Explique-nos em que consiste A Fórmula de Deus."

O anfitrião calou-o com um gesto majestoso.

"Shunryu Suzuki disse: no espírito do principiante há muitas possibilidades, mas estas são poucas no espírito do sábio."

"O que quer dizer com isso?", perguntou Tomás, sem perceber qual a relevância desta afirmação naquele contexto.

"Se vocês forem sábios, saberão que há um momento para tudo", indicou Tenzing. "Este é o momento para o chá."

O visitante mirou a sua chávena com ar desalentado, não se achava capaz de tomar aquela zurrapa sebosa. Deveria dizer alguma coisa? Ou deveria engolir e permanecer calado? Se rejeitasse o chá, estaria a quebrar a etiqueta tibetana? Haveria um modo específico de o fazer? Como proceder afinal?

"Mestre", decidiu-se. "Não tem mais nada para além deste... uh... do chá?"

"E o que deseja que não seja chá?"

"Não sei... não tem nada para comer? Confesso que, depois da grande viagem de hoje, sinto alguma fome." Mirou Ariana. "Tu também tens fome?"

A iraniana fez que sim com a cabeça.

O bodhisattva emitiu uma ordem em tibetano e o monge volatilizou-se de imediato. Tenzing permaneceu calado, a sua atenção fixada na chávena como se o chá fosse, naquele instante, a única coisa importante em todo o universo. Tomás ainda tentou sondá-lo com algumas perguntas sobre o que aconteceu em Princeton, mas o anfitrião pareceu ignorá-lo e apenas quebrou o mutismo uma única vez.

"Um ditado Zen diz: tanto a fala como o silêncio transgridem."

Ninguém mais falou enquanto o tibetano tomava o seu chá.

O monge que trouxera o chá reapareceu entretanto. Desta vez a bandeja não trazia o bule, mas duas tigelas fumegantes. Ajoelhou-se junto dos visitantes e entregou a cada um uma tigela.

"Tkukpa", disse, com um sorriso. "Di shimpo du."

Nenhum dos dois percebeu, mas ambos agradeceram.

"Thu djitchi."

O monge voltou a apontar para a tigela.

"Thukpa."

Tomás olhou para o conteúdo. Era uma sopa de esparguete com carne e vegetais, de aspecto surpreendentemente convidativo.

"Thukpa?"

"Thukpa".

O historiador olhou para Ariana.

"Pelos vistos, isto chama-se thukpa."

Comeram-na com gosto, embora suspeitassem que isso se devia mais à fome do que à qualidade da sopa. Em boa verdade, Tomás não era um adepto fervoroso da gastronomia tibetana; os poucos dias que ali vivera foram suficientes para perceber que os pratos locais, para além de não serem muito variados, não primavam pelo requinte de sabores. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que a invasão chinesa, atrás da qual vieram inúmeros restaurantes sobretudo da cozinha de Sichuan, constituía mesmo uma bênção, porventura a única coisa boa que a anexação trouxera aos tibetanos.

Quando os visitantes acabaram a sopa, constataram que o bodhisattva já havia terminado o seu chá e parecia mergulhado na meditação. O monge que os servira levou as tigelas vazias e ficaram

ambos ali sentados, aguardando que algo acontecesse.

Vinte minutos depois, Tenzing abriu os olhos.

"O poeta Bashô disse", começou. "Não procures as pisadas dos anciãos, procura o que eles procuraram."

"Perdão?"

"A vossa busca está demasiado centrada nos anciãos. Em mim, em Einstein, no Augusto. Não procurem os nossos caminhos, procurem o que nós procuramos."

"E se a vossa busca levar ao objetivo da nossa busca?", perguntou Tomás. "Não será mais fácil chegar ao nosso destino seguindo as pisadas de quem já lá chegou?"

"Krishnamurti disse: a meditação não é um meio para atingir um fim, é tanto o meio como o

fim."

"O que quer dizer com isso?"

"Que a busca não é só um meio para chegar a um fim, ela é o próprio fim. Para alguém chegar à verdade, terá de percorrer o caminho."

"Eu entendo", disse Tomás. "Infelizmente, e por motivos que nos ultrapassam, o caminho que os anciãos seguiram é também o objetivo da nossa busca. Queremos conhecer a verdade, mas também precisamos de conhecer o caminho que vocês percorreram para chegar à verdade."

Tenzing ponderou por um momento esta resposta.

"Vocês têm os vossos motivos e eu tenho de os respeitar", concedeu. "A verdade é que Tsai Ken Tan disse: água que é demasiado pura não tem peixe." Suspirou. "Aceito que haja motivos para a vossa água não ser totalmente pura e vou então revelar-vos tudo o que sei sobre este projeto."

Os dois visitantes trocaram de olhar, aliviados por se abeirarem enfim do destino da sua demanda.

"Quando se encontrou em Princeton com Einstein, o primeiro-ministro de Israel desafiou-o a provar a existência ou inexistência de Deus. Einstein respondeu-lhe que era impossível fazer tal prova. Dias depois, no entanto, quase para distrair a mente dos trabalhos requeridos pela sua busca da Teoria de Tudo, resolveu interrogar-me sobre as respostas do pensamento oriental relativamente às questões do universo. Tal como vocês, mostrou-se chocado com a semelhança entre os registos das sagradas escrituras orientais e as mais recentes descobertas nos campos da física e da matemática. Impulsionado por isso, e sendo judeu, pôs-se a inspeccionar o Antigo Testamento em busca de pistas semelhantes. Será que a Bíblia esconderia, também ela, verdades científicas? Será que o saber antigo continha mais saber do que se sabia? Será que o conhecimento místico é mais conhecimento do que se pensava?"

Calou-se um instante, a fitá-los. Depois pegou num livro que se encontrava pousado ao seu lado e exibiu-o aos seus visitantes.

"Conhecem esta obra, presumo."

Tomás e Ariana observaram o espesso volume que se encontrava nas mãos do velho budista. Não tinham reparado ainda nele e não lhe conseguiram descortinar o título.

"Não."

"Jangbu trouxe-mo enquanto vocês se entretinham com a thukpa", explicou. Abriu o volume, folheou umas páginas e encontrou o que procurava. "O livro começa assim", indicou, preparando-se para ler em voz alta. "«No princípio, Deus criou os céus e a terra»", recitou. "«A terra era informe e vazia. As trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus movia-Se sobre a superfície das águas. Deus disse: faça-se luz. E a luz foi feita.»" Ergueu o rosto ossudo. "Reconhecem este texto?"

"É a Bíblia."

"Mais exatamente o início do Antigo Testamento, o Gênesis." Pousou o volume no regaço.

"Toda esta parte do texto interessou Einstein imensamente e por um motivo em particular. É que este trecho fundamental coincide, em linhas gerais, com a ideia do Big Bang." Afinou a voz. "É preciso perceber que, em 1951, o conceito de que o universo começou com uma grande explosão ainda não estava firme na mente dos cientistas. O Big Bang era apenas uma de várias hipóteses, sendo colocada em igualdade de circunstâncias com outras possibilidades, designadamente a do universo eterno. Mas Einstein tinha vários motivos para se inclinar para a hipótese do Big Bang. Por um lado, a descoberta de Hubble de que as galáxias se estavam a afastar umas das outras indiciava que antes elas se encontravam juntas, como se tivessem partido de um mesmo ponto. Por outro, o Paradoxo de Olber, que só se resolve se o universo não for eterno. Um terceiro indício era a segunda lei da termodinâmica, que estabelece que o universo caminha para a entropia, pressupondo assim que houve um momento inicial de máxima organização e energia. E, finalmente, as suas próprias teorias da Relatividade, que assentavam no pressuposto de que o universo é dinâmico, estando em expansão ou em retração. Ora, o Big Bang enquadrava-se no cenário de expansão." Fez uma careta com a boca. "Havia, claro, o problema de saber que coisa era essa que contrariava a retração provocada pela gravidade. Para a resolver, Einstein chegou a propor a existência de uma energia desconhecida, a que chamou constante cosmológica. Mais tarde ele próprio rejeitou tal possibilidade, dizendo que essa ideia tinha sido o maior erro da sua vida, mas presume-se agora que Einstein tinha afinal razão e que há, de fato, uma energia desconhecida que contraria a gravidade e que provoca a expansão acelerada do universo. Em vez de se lhe chamar constante cosmológica, no entanto, chama-se-lhe agora energia escura." Observou os seus dois interlocutores. "Estão a seguir o meu raciocínio?"

"Sim."

"Muito bem", exclamou, satisfeito. "O que Einstein procurou determinar foi se haveria verdade escondida na Bíblia. Ele não estava à procura de verdades metafóricas nem de verdades morais, mas de verdades científicas. Será que era possível encontrá-las no Antigo Testamento?"

Tenzing observou os dois interlocutores, como se esperasse que eles respondessem à sua pergunta. Mas ninguém falou e o bodhisattva prosseguiu a sua exposição.

"Naturalmente que a grande dificuldade começava logo no Gênesis. Os primeiros versos da Bíblia estabelecem, para lá de qualquer dúvida, que o universo foi criado em

seis dias. Seis dias apenas. Ora, do ponto de vista científico isto era um absurdo. Claro que se poderia dizer que o texto é todo ele metafórico, que Deus queria dizer seis fases, que isto ou que aquilo, mas Einstein acreditava que isso seria falsear a questão, não passaria de um truque para fazer com que a Bíblia tivesse razão a qualquer preço. Como cientista que era, não podia aceitar tal método. Mas o problema mantinha-se. A Bíblia dizia que o universo foi criado em seis dias. Isso não passava de uma evidente falsidade." Fez uma pausa. "Ou não seria?" Os olhos do velho budista saltitaram entre os dois visitantes. "O que acham vocês?"

Ariana remexeu-se sobre a almofada.

"Sendo muçulmana, eu não gostaria de contrariar o Antigo Testamento, que o Islão reconhece como sendo verdadeiro. Sendo cientista, eu não gostaria de o confirmar, uma vez que a criação do universo em seis dias constitui uma evidente impossibilidade."

O bodhisattva sorriu.

"Compreendo a sua posição", disse. "Repare que Einstein, sendo judeu, não era um homem religioso. Ele acreditava que algo transcendente poderia estar por detrás do universo, mas esse algo não seria certamente o Deus que mandou Abraão matar o seu filho para ter a certeza de que o patriarca Lhe era fiel. Einstein acreditava numa harmonia transcendente, não num poder mesquinho. Acreditava numa presença inteligente, não numa entidade bondosa. Acreditava numa força universal, não numa divindade antropomórfica. Mas seria possível encontrá-la na Bíblia? Quanto mais analisava as sagradas escrituras hebraicas, mais se convencia de que a resposta se escondia algures no Gênesis, e em particular na questão dos seis dias da Criação. Seria possível tudo criar em apenas seis dias?"

"O que entende pela palavra tudo?", perguntou Ariana. "Os cálculos relativos ao Big Bang prevêem que toda a matéria foi criada nas primeiras fracções de segundo. Antes do primeiro segundo ficar completo já o universo se tinha expandido um bilião de quilômetros e a superforça se tinha fragmentado em força da gravidade, força forte e força eletrofraca."

"Por tudo entende-se, aqui, a luz, as estrelas, a Terra, as plantas, os animais e o homem. Diz a Bíblia que o homem foi criado ao sexto dia."

"Ah, isso não é possível."

"Foi o que Einstein pensou. Não era possível a criação de tudo em apenas seis dias. Mas, apesar desta óbvia conclusão preliminar, reuniu-se connosco e pediu-nos para limparmos a mente e partirmos do princípio de que aquilo era possível. Como resolver o problema? Ora bem, colocada assim a questão tornou-se para todos evidente que o nó górdio se encontrava na definição dos seis dias. O que eram seis dias? A pergunta abriu uma pista a Einstein, que se debruçou sobre o assunto e arrastou-nos numa investigação fora do comum." Tenzing abanou a cabeça. "É uma pena eu não ter aqui comigo um exemplar do manuscrito que ele preparou. É uma coisa que me parece ser..."

"Eu li-o", atalhou Ariana.

O velho tibetano suspendeu o que estava a dizer e franziu o sobrolho.

"Você leu-o?"

"Li, sim."

"Leu o manuscrito intitulado Die Gottesformel?"

"Sim."

"Mas como?"

"É uma longa história", desabafou ela. "Mas sim, li-o. Era o professor Siza quem tinha o documento."

"O Augusto deixou-a ler?"

"Sim... uh... deixou. Como disse, é uma longa história."

Tenzing manteve o olhar fixo nela, inquisitivo.

"E o que achou?"

"Bem, é um documento... como direi? É um documento surpreendente. Estávamos à espera que contivesse a fórmula da construção de uma bomba atômica barata e de fácil concepção, mas o teor do texto deixou-nos... enfim, desconcertados. Havia equações e cálculos, como seria de esperar, mas tudo nos parecia imperceptível, sem um sentido claro nem uma direção definida."

O bodhisattva sorriu.

"É natural que assim vos tivesse parecido", murmurou. "O manuscrito foi elaborado para só ser entendido por iniciados."

"Ah, bom", exclamou Ariana. "Sabe, ficamos com a impressão de que ele remetia para um segundo manuscrito..."

"Qual segundo manuscrito?"

"Não existe um segundo manuscrito?"

"Claro que não." Sorriu. "Admito que, pela forma tortuosa como se encontra redigido, o documento crie essa sensação. Mas o que se passou foi que o texto sofreu uma encriptação sutil, percebe? A mensagem foi ocultada de modo a que ninguém se apercebesse sequer da sua existência."

"Isso explica muita coisa", exclamou Ariana. "Mas por que razão ele fez isso?"

"Porque precisava que todas as suas descobertas fossem confirmadas antes de serem divulgadas."

"Como assim?"

"Já lá vamos", disse Tenzing, fazendo um gesto com a mão. "Mas primeiro talvez fosse conveniente perceber o que, afinal, descobriu Einstein."

"Isso."

"Estudando o Livro dos Salmos, um texto hebraico com quase três mil anos, Einstein deparou-se com uma frase no salmo 90 que dizia mais ou menos o seguinte." Tenzing vidrou o olhar, em busca da memória do texto. "Mil anos à Tua vista são como um dia que passa." O budista fitou os dois visitantes. "Mil anos são como um dia que passa? Mas o que significa esta observação? Será apenas uma metáfora? Einstein concluiu que se tratava de uma metáfora, mas a verdade é que o salmo 90 remeteu Einstein instantaneamente para as suas próprias teorias da Relatividade. Mil anos à Tua vista representa o tempo numa perspectiva, um dia que passa representa o mesmo período de tempo noutra perspectiva."

"Não estou a entender", disse Tomás.

"É simples", adiantou Ariana, os olhos arregalando-se na excitação da compreensão. "O tempo é relativo."

"Como?"

"O tempo é relativo", repetiu ela.

"A menina é inteligente", disse Tenzing. "Pois foi isso mesmo que Einstein pensou ao ler o salmo 90. O tempo é relativo. É o que dizem as teorias da Relatividade."

"Desculpe, mas isso soa-me a coisa forçada", argumentou Tomás.

O bodhisattva respirou fundo.

"O que sabe o senhor sobre a concepção do tempo nas teorias da Relatividade?"

"Sei o que toda a gente sabe, acho eu", disse Tomás. "Conheço o paradoxo dos gêmeos, por exemplo."

"Pode enunciá-lo?"

"Enunciar o quê? O paradoxo dos gêmeos?"

"Sim."

"Para quê?"

"Para eu ver se entende verdadeiramente o que é o tempo."

"Bem... uh... tanto quanto sei, Einstein dizia que o tempo passa a velocidades diferentes consoante a velocidade do movimento no espaço. Para melhor explicar isso, deu o exemplo da separação de dois gêmeos. Um deles parte numa nave espacial muito rápida e o outro fica na Terra. O que está na nave espacial regressa um mês depois à Terra e descobre que o seu irmão é agora um velho. É que, enquanto na nave decorreu apenas um mês, na Terra decorreram cinquenta anos."

"Pois, é isso", assentiu Tenzing. "O tempo está relacionado com o espaço como o yin está relacionado com o yang. Em termos técnicos, as duas coisas nem se distinguem com clareza, de tal modo que se criou até o conceito de espaço-tempo. O factor-chave é a velocidade e a referência é a velocidade da luz, que Einstein estabeleceu como sendo constante. O que as teorias da Relatividade nos vieram dizer é que, por causa da constância da velocidade da luz, o tempo não é universal. Pensava-se antes que havia um tempo único global, uma espécie de relógio invisível comum a todo o universo e que media o tempo da mesma maneira em toda a parte, mas Einstein veio provar que não era assim. Não há um tempo único global. A marcha do tempo depende da posição e da velocidade do observador." Colocou os dois indicadores lado a lado. "Suponhamos que ocorrem dois acontecimentos, o A e o B. Para um observador que está equidistante, estes acontecimentos decorrem em simultâneo, mas quem estiver mais próximo do acontecimento A vai achar que o acontecimento A ocorreu antes do B, enquanto quem estiver mais próximo do B vai achar o contrário. E, na verdade, os três observadores têm razão. Ou melhor, têm razão segundo o seu ponto de referência, uma vez que o tempo é relativo à posição do observador. Não há um tempo único. Está claro isto?"

"Sim."

"Ora, tudo isto significa que não há um presente universal. O que é presente para um observador é passado para outro e futuro para um terceiro. Já viu o que isto significa? Uma coisa ainda não aconteceu e já aconteceu. Yin e yang. Esse acontecimento é inevitável porque, embora já tenha acontecido num ponto, ainda não aconteceu noutro, mas vai acontecer."

"Isso é uma coisa estranha, não é?"

"Muito", concordou o bodhisattva. "E, no entanto, é o que dizem as teorias da Relatividade. Além do mais, isto bate certo com a afirmação de Laplace de que o futuro, tal como o passado, já se

encontra determinado." Apontou para Tomás. "Indo de encontro ao paradoxo dos gémeos, é importante estabelecer que a percepção temporal do observador depende da própria velocidade a que ele se movimenta. Quanto mais próximo da velocidade da luz o observador se move, mais devagar circula o seu relógio. Quer dizer, para esse observador o tempo é normal, claro, um minuto continua a ser um minuto. É só para quem está a mover-se a velocidade mais lenta que parece que o relógio do observador rápido é mais lento. Da mesma forma, o observador que circula próximo da velocidade da luz vai ver a Terra a rodopiar à volta do Sol a grande velocidade. Parecer-lhe-á que o tempo da Terra está acelerado, que se passa um ano em apenas um segundo, mas, na Terra, um ano continua a ser um ano."

"Isso é apenas teoria, não é?"

"Em bom rigor, isto já está provado", disse Tenzing. "Em 1972 foi colocado um relógio de alta precisão dentro de um jato muito rápido, para comparar depois a sua medição do tempo com a de outro relógio de alta precisão que ficou em terra. Quando o aparelho voou na direcção leste, o relógio que seguia a bordo perdeu quase sessenta nanossegundos em relação ao terrestre. Quando se dirigiu para oeste, o relógio voador ganhou mais de duzentos e setenta nanossegundos. Esta diferença deve-se, como é evidente, à associação da velocidade do jacto com a velocidade da rotação da Terra. De qualquer modo, tudo isto foi depois confirmado pelos astronautas do Space Shuttle."

"Hmm."

"Ora bem, chegamos agora ao ponto crucial, que é o da gravidade." O velho tibetano endireitou-se sobre a almofada. "Uma das coisas que Einstein descobriu é que o espaço-tempo é curvo. Quando algo se aproxima de um objeto muito grande, como o Sol, é atraído por essa enorme massa, como se, de repente, chegasse ao pé de um fosso. É isso que explica a gravidade. O espaço curva-se e, como espaço e tempo estão relacionados, o tempo também se curva. O que a Teoria da Relatividade Geral veio dizer é que a passagem do tempo é mais lenta em locais de alta gravidade e mais rápida nos locais de fraca gravidade. Isto tem várias consequências, todas elas relacionadas entre si. A primeira é que cada objecto existente no cosmos possui a sua própria gravidade, fruto das suas características, o que significa que o tempo passa de modo diferente em cada ponto do universo. A segunda consequência é que o tempo na Lua é mais rápido do que o tempo na Terra e o tempo na Terra é mais rápido do que o tempo no Sol. Quanto mais massa tem o objecto, mais lento é o tempo à sua superfície. Os objetos com maior gravidade que se conhecem são os buracos negros, o que significa que, se uma nave se aproximasse de um buraco negro, veria a história do universo acelerar e chegar ao fim diante dos olhos dos seus tripulantes."

"Isso é extraordinário", comentou Tomás. "Mas qual a relevância de tudo isso para a nossa questão?"

"Isto é relevante para lhe explicar que Einstein resolveu partir do princípio de que os seis dias da Criação, conforme são descritos pela Bíblia, devem ser vistos à luz da relação entre o tempo na Terra e o espaço-tempo no universo. Quando fala num dia, o Antigo Testamento está a referir-se, como é evidente, a um dia terrestre. Mas, segundo as teorias da Relatividade, quanto maior é a massa de um objecto, mais lenta é a passagem do tempo à sua superfície. E a pergunta que Einstein colocou foi esta: quanto tempo à escala temporal do universo é um dia na Terra?"

A pergunta ficou a pairar por um instante.

"Começo agora a perceber as contas e equações que li no manuscrito", murmurou Ariana. "Ele estava a medir a passagem do tempo à escala do universo."

"Nem mais", sorriu Tenzing. "A própria Bíblia estabelece que a Terra só foi criada ao terceiro dia. Portanto, embora a medição fosse assente em dias terrestres, o Antigo Testamento está evidentemente a referir-se ao terceiro dia à escala do universo, uma vez que nos dois primeiros dias não existia Terra."

"Mas qual o ponto de referência para a medição?", quis saber a iraniana.

"Einstein baseou-se numa previsão feita em 1948 relativa à teoria do Big Bang: a existência de luz reminiscente do grande acto de criação do universo. Cada onda de luz funcionaria como um tique do grande tiquetaque universal. As ondas que chegam à Terra são esticadas dois vírgula doze frações de um milhão, quando comparadas com as ondas geradas pela luz na Terra. Isto significa, por exemplo, que, por cada milhão de segundos terrestres, o Sol perde dois vírgula doze segundos. A pergunta seguinte é: se o Sol perde mais de dois segundos em relação à Terra, quanto tempo perde todo o universo, que tem muito mais massa?"

"Espere aí", reagiu Ariana. "Que eu saiba, a gravidade do universo é diferente ao longo do tempo. No início, quando a matéria estava toda concentrada, a gravidade era maior do que mais tarde. Einstein considerou isso?"

"Claro que considerou." O budista juntou as duas mãos, como se estivesse a amassar um objeto. "Quando o universo começou, a matéria estava toda concentrada. Isso significa que a força de gravidade era inicialmente enorme e, consequentemente, a passagem do tempo muito lenta." As mãos separaram-se devagar. "À medida que a matéria se foi afastando, a passagem do tempo foi acelerando porque a gravidade foi-se tornando menor."

"E quanto mais lento era o tempo antes?", insistiu a iraniana.

"Um milhão de milhão de vezes", disse Tenzing. "Essa conta é confirmada pela medição das ondas de luz primordiais."

"Mas depois foi acelerando."

"Claro."

"Em que proporção?"

"Cada duplicação do tamanho do universo abrandou o tempo por um factor de dois."

"E o que resultou dessas contas?"

O bodhisattva abriu os braços.

"Uma coisa extraordinária", exclamou. "O primeiro dia bíblico durou oito mil milhões de anos. O segundo dia durou quatro mil milhões, o terceiro durou dois mil milhões, o quarto durou mil milhões, o quinto durou quinhentos milhões de anos e o sexto dia durou duzentos e cinquenta milhões de anos."

"Isso tudo junto dá quanto?"

"Quinze mil milhões de anos."

Ariana ficou um longo instante especada a olhar para o velho budista.

"Quinze mil milhões de anos?"

"Sim."

"Mas isso é uma coincidência espantosa!"

Tomás remexeu-se no seu lugar.

"Desculpem", interrompeu. "Expliquem-me lá isso. O que tem quinze mil milhões de anos assim de tão especial?"

Ariana olhou-o.

"Não estás a perceber, Tomás? A Bíblia diz que o universo começou há quinze mil milhões de anos."

"E então?"

"E então? Tu sabes quais são os actuais cálculos sobre a idade do universo?"

"Uh... não."

"Os dados científicos colocam a idade do universo algures entre os dez e os vinte mil milhões de anos. Ora, quinze mil milhões é exatamente o ponto intermédio. Os últimos cálculos mais exatos, aliás, aproximam a idade dos quinze mil milhões de anos. Por exemplo, uma avaliação recente da NASA colocou a idade do universo muito perto dos catorze mil milhões de anos."

"Hmm", considerou Tomás, pensativo. "É uma coincidência curiosa".

Tenzing inclinou a cabeça.

"Foi justamente isso que Einstein pensou. Uma coincidência curiosa. Tão curiosa que o encorajou a prosseguir as contas. Resolveu então comparar cada dia bíblico com os acontecimentos que ocorreram simultaneamente no universo."

"E o que deu isso?", perguntou Ariana.

"Oh, uma coisa muito interessante." O budista ergueu o polegar. "O primeiro dia bíblico tem oito mil milhões de anos. Começou há quinze vírgula sete mil milhões de anos e terminou há sete vírgula sete mil milhões de anos. A Bíblia diz que foi nessa altura que se fez luz e que foi criado o céu e a terra. Ora, sabemos que, nesse período, ocorreu o Big Bang e a matéria foi criada. Formaram-se as estrelas e as galáxias."

"Muito bem", assentiu Ariana. "E depois?"

"O segundo dia bíblico durou quatro mil milhões de anos e terminou há três vírgula sete mil milhões de anos. A Bíblia diz que Deus fez o firmamento nesse segundo dia. Sabemos hoje que foi nessa altura que se formou a nossa galáxia, a Via Láctea, e o Sol, que se encontram visíveis no nosso firmamento. Isto é, tudo o que se encontra nas redondezas da Terra foi criado neste período."

"Interessante. E o terceiro dia?"

"O terceiro dia bíblico, correspondente a dois mil milhões de anos terminados há um vírgula sete mil milhões de anos, fala na formação da terra e do mar e no aparecimento das plantas. Os dados científicos referem que a Terra arrefeceu neste período e apareceu água líquida, a que se seguiu imediatamente o aparecimento de bactérias e vegetação marinha, designadamente algas."

"Hmm."

"O quarto dia bíblico durou mil milhões de anos e terminou há setecentos e cinquenta milhões de anos. A Bíblia diz que apareceram neste quarto dia luzes no firmamento, designadamente o Sol, a Lua e as estrelas."

"Espere aí", interrompeu Tomás. "Mas o Sol e as estrelas à nossa volta não tinham aparecido no segundo dia?"

"Sim", concordou Tenzing. "Mas não eram ainda visíveis."

"Como assim, não eram ainda visíveis? Não estou a entender..."

"O Sol e as estrelas da Via Láctea apareceram no segundo dia bíblico, há cerca de sete mil milhões de anos, mas não eram visíveis da Terra. A Bíblia diz que só se tornaram visíveis ao quarto dia. Ora, o quarto dia corresponde justamente ao período em que a atmosfera da Terra se tornou transparente, deixando ver o céu. Corresponde também ao período em que a fotossíntese começou a lançar oxigênio para a atmosfera."

"Ah, já entendi."

Tenzing pegou no enorme volume pousado a seu lado e consultou as páginas iniciais.

"O quinto dia bíblico durou quinhentos milhões de anos e terminou há duzentos e cinquenta milhões de anos." Pousou o dedo sobre uma linha do texto. "Está aqui escrito que, neste quinto dia, Deus disse: que as águas sejam povoadas de inúmeros seres vivos e que na terra voem aves, sob o firmamento dos céus." Mirou os dois visitantes. "Como é bom de ver, os estudos geológicos e biológicos apontam para este período o aparecimento dos animais multicelulares e de toda a vida marinha, mais os primeiros animais voadores."

"Incrível."

"E chegamos ao sexto dia bíblico, que começou há duzentos e cinquenta milhões de anos." O tibetano desceu umas linhas com o dedo. "Segundo a Bíblia, Deus disse: que a terra produza seres vivos, segundo as suas espécies, animais domésticos, répteis e animais ferozes, segundo as suas espécies. E, mais à frente, Deus acrescenta: façamos o homem." Levantou a cabeça. "Interessante, não?"

"Mas os animais existem há mais de duzentos e cinquenta milhões de anos", argumentou Ariana.

"Claro que existem", concordou Tenzing. "Mas não estes animais."

"O que quer dizer com isso?"

O bodhisattva fixou os olhos em Ariana.

"Diga-me, menina. Em termos biológicos, sabe o que aconteceu há exatamente duzentos e cinquenta milhões de anos?"

"Bem... houve uma grande extinção, não foi?"

"Nem mais", murmurou o tibetano. "Há duzentos e cinquenta milhões de anos ocorreu a maior extinção de espécies de que há conhecimento, a extinção do Permiano. Por um motivo ainda não determinado, mas que alguns supõem estar relacionado com o impacto de um grande corpo celeste na Antártida, cerca de noventa e cinco por cento das espécies existentes extinguiram-se de um momento para o outro. Até mesmo um terço dos insectos desapareceu, no que foi a única vez que ocorreu uma extinção de insectos em massa. A extinção do Permiano foi aquela em que a vida na Terra esteve mais próxima da erradicação total. Esse grande cataclismo ocorreu há exatamente duzentos e cinquenta milhões de anos. Curiosamente, no momento em que começou o sexto dia bíblico." Deixou assentar a idéia. "Depois dessa monumental extinção em massa, a Terra foi repovoada." Olhou de relance para o livro aberto nas suas mãos. "Já reparou nesta referência explícita da Bíblia aos répteis segundo as suas espécies?"

"Serão os dinossauros?"

"Dá essa impressão, não dá? De resto, coincide com o período. E, repare ainda, o homem surge no fim. Isto é, no fim da cadeia da evolução."

"E... é... surpreendente", comentou Ariana. "Mas acha que isso quer dizer que houve criação, não evolução?"

"Disparate!", retorquiu Tenzing. "Claro que houve evolução. Mas o que é interessante neste trabalho de Einstein é que a história bíblica do universo, quando o tempo é medido de acordo com as frequências de luz previstas pela teoria do Big Bang, bate certo com a história científica do universo."

Tomás pigarreou.

"É esse então o conteúdo do manuscrito de Einstein?"

"Sim."

"Quer dizer, então, que ele achava que a Bíblia estava certa..."

O bodhisattva abanou a cabeça.

"Não exatamente."

"Não? Então?"

"Einstein não acreditava no Deus da Bíblia, não acreditava num Deus mesquinho e ciumento e vaidoso que exige adoração e fidelidade. Ele achava que o Deus da Bíblia era uma construção humana. Ao mesmo tempo, porém, chegou à conclusão de que a sabedoria antiga encerrava algumas verdades profundas e começou a acreditar que o Antigo Testamento escondia um grande segredo."

"Um grande segredo? Qual segredo?"

"A prova da existência de Deus."

"Qual Deus? O Deus mesquinho, ciumento e vaidoso?"

"Não. O verdadeiro Deus. A força inteligente por detrás de tudo. O Brahman, o Dharmakaya, o Tao. O uno que se revela múltiplo. O passado e o futuro, o Alfa e o Omega, o yin eo yang. Aquele que se apresenta com mil nomes e não é nenhum, sendo todos. Aquele que veste as roupas de Sbiva e dança a dança cósmica. Aquele que é imutável e impermanente, grande e pequeno, eterno e efêmero, a vida e a morte, tudo e nada." Abarcou com os braços tudo em redor. "Deus."

"Einstein acreditava que o Antigo Testamento escondia a prova de Deus?"

"Não."

Tomás olhou para Tenzing, baralhado.

"Desculpe, não estou a entender. Julgava que tinha dito que Einstein achava que a Bíblia ocultava esse segredo."

"Ele começou por acreditar nisso, sim."

"E depois deixou de acreditar?"

"Não."

"Então? Não percebo..."

"O que aconteceu foi que o assunto deixou de ser matéria de crença."

"Como assim?"

"Einstein descobriu essa prova."

Fez-se um silêncio breve, com Tomás a digerir a implicação desta revelação.

"Ele descobriu a prova?"

"Sim."

"A prova da existência de Deus?" sim.

"Tem a certeza?"

"Absoluta. Ele encontrou a fórmula na qual assenta tudo. A fórmula que gera o universo, que explica a existência, que faz de Deus o que Ele é."

Tomás e Ariana entreolharam-se. A iraniana fez uma expressão admirada, mas não teceu quaisquer comentários. O historiador voltou a fitar o velho tibetano.

"E onde está essa fórmula?"

"No manuscrito."

"No Die Gottesformel".

"Sim."

Tomás voltou a mirar Ariana. A mulher encolheu os ombros, como se dissesse que não tinha encontrado nada quando lera o documento.

"Em que sítio do manuscrito?"

"Encontra-se escondido."

O historiador esfregou o queixo, pensativo.

"Mas por que razão Einstein escondeu isso? Não acha que, se ele descobriu mesmo a prova da existência de Deus, a coisa mais natural era que a divulgasse aos quatro ventos? Por que motivo haveria ele de ocultar uma descoberta tão... tão extraordinária?"

"Porque precisava ainda de confirmar algumas coisas."

"Confirmar o quê?"

Tenzing respirou fundo.

"Todo este trabalho decorreu entre 1951 e 1955, ano em que Einstein morreu. O problema é que as tais frequências de luz geradas pelo Big Bang não passavam, nessa altura, de uma mera previsão teórica feita pouco tempo antes, em 1948. Como poderia o autor das teorias da Relatividade afirmar peremptoriamente que os seis dias da Criação correspondiam aos quinze mil milhões de anos da existência do universo se as contas se baseavam na previsão de umas frequências cuja existência se limitava a uma mera hipótese académica? Além do mais, naquela altura nem existiam cálculos tão rigorosos sobre a idade do universo como os que temos hoje disponíveis. Não se esqueça, por outro lado, de que a comunidade científica dessa época colocava a teoria do Big Bang em pé de igualdade com a teoria do universo eterno. Assim sendo, como poderia Einstein arriscar a sua reputação?"

Tomás balançou afirmativamente a cabeça.

"Estou a entender..."

"Einstein achou que não podia cair no ridículo e foi por isso que tomou duas precauções. A primeira foi deixar todas as suas descobertas registadas num manuscrito que designou Die Gottesformel. Com receio de que o documento caísse em mãos erradas, porém, teve o cuidado de encriptar subtilmente o texto, de modo a impedir que qualquer outra pessoa, que não eu ou o Augusto, entendesse o

documento. Como medida adicional, cifrou explicitamente a prova da existência de Deus, utilizando um sistema de dupla cifra."

"Dupla cifra?"

"Sim."

"E qual a chave?"

Tenzing abanou a cabeça.

"Não sei", disse. "Apenas sei que a primeira chave está relacionada com o seu nome."

"Com o nome de Einstein?"

"Sim."

"Hmm", murmurou Tomás, refletindo sobre esta informação. "Terei de ver isso com atenção." Voltou a cravar os olhos no tibetano. "E onde está essa mensagem cifrada? É aquela charada que se encontra redigida perto do final do manuscrito?"

"Sim."

"Aquela que diz see sign e mais uma data de letras?"

"Essa mesmo."

"São seis letras em dois grupos, começando com um ponto de exclamação", lembrou Ariana, que tinha a sequência memorizada. "!Ya ovqo."

"Deve ser isso", admitiu Tenzing. "Não me lembro bem, como devem calcular. Já se passaram muitos anos."

"Eu entendo", disse Tomás. "Foram essas, portanto, as cautelas que ele teve?"

"Não", respondeu o tibetano. "A encriptação do segredo foi apenas a primeira precaução. Einstein não queria correr riscos e, ao entregar-nos o manuscrito, fez-nos assumir um segundo compromisso. O documento só poderia ser revelado se a teoria do Big Bang viesse a ser confirmada e as frequências de luz primordiais descobertas. Para além disso, requeria que nós continuássemos as pesquisas para procurar uma outra via de confirmação da existência de Deus."

"Uma outra via? Qual via?"

"Cabia-nos a nós encontrá-la", retorquiu Tenzing. "Lao Tzu disse: quando um caminho chegar a um termo, muda — depois de mudares, continuas em frente."

"Isso significa o quê?"

"Que eu e o Augusto seguimos caminhos diferentes para chegar ao mesmo destino. Depois de Einstein morrer, eu regressei ao Tibete e vim aqui para o mosteiro de Tashilhunpo, onde explorei a minha via de confirmação da existência de Deus. Após uma vida de meditação, alcancei a luz. Fundi-me com a Dharmakaya e tornei-me bodbisattva."

"E o professor Siza?"

"O Augusto seguiu o seu caminho. Ficou ele com o manuscrito e explorou ele a sua via de confirmação da existência de Deus."

"Que via era essa?"

"A via do Augusto era a via da ciência ocidental, claro. A via da física e da matemática."

"E o que aconteceu depois?"

Tenzing sorriu.

"Os requisitos de Einstein para a divulgação do manuscrito foram finalmente satisfeitos."

"Ah, sim? O que quer dizer com isso?"

"O primeiro passo ocorreu dez anos depois da morte de Einstein. Em 1965, dois astrofísicos americanos estavam a testar uma antena de comunicações de New Jersey quando depararam com um sopro de fundo proveniente de todos os pontos do universo. Julgaram que se tratava de uma avaria da antena, mas, após contactarem uma equipa de cientistas da Universidade de Princeton, perceberam finalmente o que era esse sopro. Tratava-se da luz primordial prevista na teoria do Big Bang e utilizada por Einstein para o cálculo da idade do universo. Esse fenómeno designa-se, hoje em dia, radiação cósmica de fundo e constitui o registo em microondas da primeira luz emitida pelo universo que chegou até nós. É uma espécie de eco do Big Bang, mas pode servir também de relógio cósmico."

"Já ouvi falar nisso", disse Tomás, reconhecendo a história. "Não é o tal ruído de fundo que aparece num ecrã de televisão quando o aparelho não está sintonizado em qualquer canal?"

"Sim", confirmou o tibetano. "Um por cento desse ruído provém da radiação cósmica de fundo."

"Portanto, com a descoberta da luz primordial, ficaram criadas as condições para a divulgação do manuscrito..."

"Não. Ficou satisfeita apenas a primeira condição. Faltava a segunda."

"A descoberta de uma segunda via de prova da existência de Deus?"

"Sim." Tenzing pousou a mão no peito. "Através do óctuplo caminho sagrado do Buda, eu segui a minha via e satisfiz essa condição."

"E o professor Siza?"

"Ele seguiu a sua via na Universidade de Coimbra."

"E satisfez a segunda condição?"

O bodhisattva esperou um instante antes de responder.

"Sim", disse por fim.

Tomás e Ariana inclinaram-se para a frente, muito atentos.

"Desculpe", disse o historiador. "Está-me a dizer que o professor Siza arranjou uma segunda maneira de provar a existência de Deus?"

"Sim."

"Mas... como?"

Tenzing suspirou.

"No início do ano, recebi um postal do meu amigo Augusto a dar-me a notícia. Disse-me ele que estavam finalmente satisfeitas as duas condições impostas em 1955 pelo nosso mestre. Como deve calcular, fiquei satisfeitíssimo e respondi-lhe de imediato, convidando-o a vir cá partilhar comigo essa grande notícia."

"Eu vi o seu postal", observou Tomás. "Ele veio cá?"

O velho tibetano esticou o braço e tocou na árvore com a palma da mão.

"Sim. Veio a Tashilhunpo e sentamo-nos justamente aqui, neste sítio, por baixo desta mesma árvore."

"E então?"

"Em relação à primeira precaução, tinham surgido dados adicionais. Um satélite designado COBE, lançado pela NASA para medir a radiação cósmica de fundo fora da atmosfera terrestre, detectou em 1989 pequeníssimas variações de temperatura nessa radiação, correspondentes a flutuações na densidade da matéria que explicavam o nascimento das estrelas e galáxias. Um outro satélite ainda mais desenvolvido, o WMAP, está desde 2003 a enviar novos dados relativos à radiação cósmica de fundo com revelações ainda mais pormenorizadas sobre o nascimento do universo. A nova informação confirmou que o universo emergiu de uma brutal inflação inicial ocorrida há cerca de catorze mil milhões de anos."

"E a segunda precaução?"

"O Augusto disse-me que tinha finalizado os estudos sobre a segunda via. Há agora uma segunda maneira de provar cientificamente a existência de Deus."

"E qual é?"

O bodhisattva abriu os braços num gesto de impotência.

"Ele não me contou. Disse apenas que se preparava para fazer o anúncio público e queria que, quando eu fosse interpelado pelacomunidade científica, confirmasse ter sido testemunha do

trabalho de Einstein."

"E o senhor?"

"Claro que concordei. Se tudo o que ele me pedia é que eu dissesse a verdade, eu iria dizer a verdade."

Fez-se silêncio.

"Mas qual é a segunda prova?"

"Não sei."

Tomás e Ariana entreolharam-se mais uma vez, sentindo-se tão perto do fim.

"Não haverá maneira de saber?"

"Há."

"Perdão?"

"Há uma maneira de saber."

"Qual?"

"Não consegue imaginar?"

"Eu? Não."

"Nagarjuna disse: a dependência mútua é a fonte do ser e da natureza das coisas, e estas nada são em si mesmas."

"O que quer dizer com isso?"

O bodhisattva sorriu.

"O Augusto tinha um professor auxiliar de quem dependia."

"O professor Luís Rocha", identificou Tomás. "Já o conheço. O que tem ele de especial?"

"Ele sabe tudo."

XXXV

A fila dos visitantes extracomunitários era enorme e lenta, mas Tomás tinha a esperança de contornar o problema. Deixou Ariana na fila e aproximou-se dos guichets da polícia fronteiriça, procurando perceber se os contactos feitos antes de partirem de Lhasa tinham produzido os resultados combinados. Não detectou a presença que esperava encontrar e, irritado, pegou no telemóvel e ligou-o; teve ainda de aguardar que o aparelho captasse rede e só quando ia finalmente digitar o número viu o rosto familiar emergir por detrás dos guichets.

"Hi, Tomás", saudou Greg Sullivan, sempre com aquele ar penteadinho e limpinho que o fazia confundir-se com um mórmon. "Estou aqui."

O recém-chegado quase suspirou de alívio.

"Olá, Greg", exclamou, com um grande sorriso. "Está tudo tratado?""

O adido americano fez sinal a um homem baixo, de bigode escuro e barriguinha redonda, e ambos cruzaram a barreira alfandegária e vieram ter com Tomás.

"Este é mister Moreira, diretor dos Serviços de Estrangeiros e Fronteiras aqui no aeroporto", disse Greg, apresentando o desconhecido.

Cumprimentaram-se e Moreira foi direito ao assunto.

"Onde está a senhora em questão?", inquiriu o responsável do SEF, perscrutando a fila dos passageiros extracomunitários.

Tomás fez um movimento com a cabeça e Ariana abandonou a fila, juntando-se aos três homens. Feitas as apresentações, Moreira conduziu-os para lá da zona alfandegária e seguiu para um pequeno gabinete, deixando a iraniana entrar primeiro. Tomás deu um passo para seguir atrás dela, mas o pequeno homem colocou-se-lhe no caminho.

"Vou só resolver a burocracia com a senhora", disse, cortês mas firme. "Os senhores podem aguardar aqui."

Tomás deixou-se ficar à porta, um pouco contrariado, vendo pelo vidro Ariana sentar-se dentro do gabinete a preencher sucessivas resmas de papéis que Moreira lhe ia entregando.

"Está tudo controlado", disse Greg.

O americano ajeitou a sua gravata vermelha.

"Ouça, Tomás, explique-me um pouco melhor o que está a acontecer", pediu. "Quando você telefonou de Lhasa, confesso que não percebi muito bem os pormenores."

"Não percebeu porque não lhos contei. Ao telefone não dava, não é?

"Claro. Mas então o que se passa?"

"O que se passa é que temos andado todos à procura de uma coisa que não existe."

"Ah, sim? O quê?"

"A fórmula para a construção fácil de uma bomba atômica barata. Essa fórmula não existe."

"Não existe? Como assim?"

"Não existe, estou-lhe a dizer."

"Então o que é aquele manuscrito que tanto preocupa mister Bellamy?"

"É um documento científico encriptado onde Einstein provou que a Bíblia registrou a história do universo e onde incluiu uma fórmula que supostamente prova a existência de Deus."

Greg esboçou uma careta incrédula.

"Mas do que é que você está para aí a falar?"

"Estou a falar d'A Fórmula de Deus. O manuscrito de Einstein que os iranianos têm na sua posse não é um documento sobre armas nucleares, como se pensava, mas antes um texto relativo a Deus e à prova feita pela Bíblia sobre a Sua existência."

O americano abanou a cabeça, como se a mente estivesse ainda demasiado preguiçosa e a tentasse despertar.

"Sorry, Tomás, mas isso não faz sentido nenhum. Então Einstein fez um documento a dizer que a Bíblia prova a existência de Deus? Mas isso qualquer criança da quarta classe lhe pode dizer..."

"Greg, você não está a perceber", insistiu Tomás, impaciente e cansado. "Einstein descobriu que a Bíblia expõe a criação do universo com informações que só agora a ciência, recorrendo à física mais avançada, descobriu serem verdadeiras. Por exemplo, a Bíblia estabelece que o Big Bang ocorreu há quinze mil milhões de anos, coisa que os satélites que analisam a radiação cósmica de fundo estão a agora a confirmar. A questão é: como podiam os autores do Antigo Testamento saber isso há milhares de anos?"

Greg manteve o ar cético.

"A Bíblia diz que o Big Bang ocorreu há quinze mil milhões de anos?", admirou-se. "Nunca ouvi falar em tal coisa." Fez um trejeito com a boca. "Só me lembro dos seis dias da Criação..."

Tomas suspirou, exasperado.

"Esqueça. Eu depois explico tudo ao pormenor, está bem?"

O americano permaneceu um longo momento a observá-lo.

"Hmm", murmurou. "O que me interessa aqui é a questão da bomba atômica. Você tem a certeza de que o manuscrito de Einstein não contém a fórmula de uma bomba atômica de fabrico fácil?"

"Tenho."

"Mas você viu o manuscrito?"

"Claro que vi. Foi em Teerã."

"Isso já eu sei. O que eu quero saber é se você já o leu."

"Não, isso não li."

"Então como pode ter a certeza do que está a dizer?"

"Porque falei com um antigo físico tibetano que trabalhou com Einstein e o professor Siza em Princeton."

"E ele disse-lhe que o manuscrito não é sobre a bomba atômica?"

"Disse."

"E você confirmou essa informação?"

"Confirmei."

"Como?"

Tomás indicou com a cabeça o gabinete do director do SEF.

"A Ariana leu o manuscrito original e confirmou que bate tudo certo."

Greg virou a cara e mirou a iraniana no outro lado do vidro a preencher os documentos da imigração.

"Ela leu o manuscrito, é?"

"Sim."

O adido permaneceu um longo momento com os olhos cravados em Ariana, sempre meditativo, até tomar uma decisão.

"Desculpe", disse para Tomás. "Preciso de ir ali tratar de uns detalhes."

Tirou o telemóvel do bolso e afastou-se, desaparecendo por um dos corredores do aeroporto de Lisboa.

A burocracia levou uma eternidade a ser despachada, com papéis para lá e para cá, telefonemas a multiplicarem-se e carimbos a serem batidos sobre os documentos. Greg regressou entretanto e, pouco depois, foi chamado ao gabinete do director do SEF. Tomás viu-os pelo vidro a conversarem, até que ele e a iraniana despediram-se de Moreira e dirigiram-se à porta.

"Ela agora fica à nossa guarda", anunciou Greg ao abandonar o gabinete.

"Como assim, à nossa guarda?", admirou-se Tomás.

"Quero dizer, à guarda da embaixada americana."

O historiador fitou o adido com ar intrigado.

"Não estou a perceber", exclamou. "Os papéis não estão regularizados?"

"Estão, claro que estão. Mas ela fica à nossa guarda. Vai agora para a embaixada."

Tomás olhou para Ariana, que lhe parecia assustada, e depois para Greg de novo, sem entender bem a idéia.

"Vai para a embaixada? Ela? A que propósito?"

O adido encolheu os ombros.

"Temos de a interrogar."

"Interrogar? Mas... o que há para interrogar?"

Greg pousou-lhe a mão sobre o ombro, quase paternal.

"Ouça, Tomás. A doutora Ariana Pakravan é uma figura com responsabilidades dentro do programa nuclear iraniano. Temos de a interrogar, não é?"

"Mas o que é isso de interrogar? Vão falar com ela durante uma hora?"

"Não", disse o americano. "Vamos falar com ela durante vários dias."

Tomás abriu a boca, perplexo.

"Vários dias a interrogá-la? Nem pensar!" Estendeu o braço e pegou na mão de Ariana. "Anda, vamos embora."

Puxou-a, fazendo tenções de prosseguir o caminho, mas Greg travou-o.

"Tomás, não torne isto difícil, por favor."

O historiador olhou-o com ar irritado.

"Desculpe, Greg, há aqui um engano qualquer. Vocês é que estão a tornar difícil o que não tem dificuldade nenhuma."

"Ouça-me, Tomás..."

"Não, você é que tem de me ouvir." Colou-lhe o indicador ao peito. "Nós combinámos ao telefone que a Ariana poderia vir para Portugal e que vocês tratariam de tudo. Combinamos que ela seria uma pessoa livre e que vocês apenas nos dariam protecção em caso de ameaça dos iranianos.

Façam o favor de cumprir o prometido."

"Tomás", disse Greg, cheio de paciência. "Toda essa combinação foi feita no pressuposto de que vocês nos entregariam o segredo do manuscrito de Einstein."

"E já entregamos."

"Então qual é a fórmula de Deus?"

Tomás estacou, buscando uma resposta na sua mente e não encontrando nenhuma.

"Uh... isso ainda estou a desvendar."

O rosto de Greg abriu-se num sorriso triunfal.

"Está a ver? Você não cumpriu a sua parte."

"Mas vou cumprir."

"Acredito, acredito. O problema é que ainda não cumpriu. E, enquanto não cumprir a sua parte do acordo, não nos pode exigir nada, não é verdade?"

Tomás não largou a mão de Ariana, que lhe implorava ajuda com os olhos.

"Ouça, Greg. Por causa desta história passei uns dias numa cadeia de Teerã e fui sequestrado por uns gorilas em Lhasa. Além do mais, tenho ainda esses energúmenos à perna, pelo que não há ninguém mais motivado nem mais interessado do que eu em deslindar todo este mistério e pôr fim a esta situação de doidos. Depois de ter passado por tudo isto, a única coisa que eu peço é que deixem a Ariana vir comigo para Coimbra. Não é pedir muito, pois não?"

Dois homens corpulentos apareceram nesse instante e cumprimentaram Greg com uma saudação militar. Era evidente que se tratava de dois seguranças americanos, provavelmente soldados à paisana da embaixada dos Estados Unidos em Lisboa, chamados ao aeroporto para escoltarem Ariana.

Tomás abraçou de imediato a iraniana, como se assim assumisse o compromisso solene de a proteger, contra tudo e contra o que mais viesse. O adido cultural mirou o casal e abanou a cabeça.

"Eu compreendo tudo, a sério que compreendo", disse. "Mas tenho as minhas ordens e não posso deixar de as cumprir. Informei Langley de tudo o que você me

disse há pouco e Langley contactou as autoridades portuguesas e deu-me novas instruções. A doutora Pakravan é nossa convidada e terá de nos acompanhar até à embaixada."

"Nem pensar."

"Ela virá conosco", sentenciou Greg. "De preferência a bem."

Tomás apertou Ariana ainda com mais força.

"Não."

O americano respirou fundo.

"Tomás, não torne as coisas difíceis."

"Vocês é que estão a tornar tudo difícil."

Greg fez um gesto com a cabeça e os dois seguranças deitaram a mão a Tomás, torcendo-lhe o braço e puxando-o como se ele fosse tão pesado quanto uma almofada. O historiador contorceu o corpo, num esforço desesperado para libertar o braço, mas sentiu uma pancada na nuca e tombou no chão. Ouviu Ariana gritar e, apesar de se encontrar atordoado, tentou erguer-se, mas um braço firme como o aço manteve-o imobilizado.

"Deixa estar, Tomás", ouviu-a dizer, a voz estranhamente calma, quase maternal. "Eu vou ficar bem, não te preocupes." Mudou de tom, tornando-se ríspida. "Vocês deixem-no, ouviram? Nem se

atrevam a tocar-lhe."

"Não se preocupe, doutora. Ele vai ficar bem. Venha comigo."

"Tire a mão, seu porco. Eu sei caminhar sozinha."

As vozes foram-se afastando até deixarem de se ouvir. Só nessa altura o segurança que o mantinha pregado ao chão, o rosto colado ao piso frio de granito polido, o libertou, deixando-o enfim erguer a cabeça e olhar em redor. Sentiu uma tontura e tentou orientar-se. Viu passageiros com carrinhos e malas de mão, mirando-o com uma expressão reprovadora, e vislumbrou o segurança americano a afastar-se calmamente pelo corredor, rumo à zona do levantamento de bagagens. Olhou em todas as direcções, em busca da silhueta familiar da iraniana, mas, por mais que se esforçasse, nada detectou. Levantou-se a custo e, já de pé, vencendo uma nova tontura, passou os olhos pelo terminal, a atenção prendendo-se aqui e ali, até que se viu forçado a render-se à evidência.

Ariana desaparecera.

A hora seguinte foi passada em contatos frenéticos. Tomás voltou a conversar com o diretor do SEF no aeroporto e ligou para a embaixada dos Estados Unidos. Procurou mover influências através da administração da Fundação Gulbenkian e da reitoria da Universidade Nova de Lisboa e chegou ao ponto de telefonar para Langley e tentar falar com Frank Bellamy.

Tudo falhou.

A verdade é que Ariana lhe tinha sido levada e encontrava-se agora muito para além do seu alcance. Era como se uma muralha opaca se tivesse erguido em torno da mulher que amava, isolando-a do mundo e de si, fechando-a algures por detrás dos muros reforçados que escondiam a embaixada americana em Lisboa.

Sentou-se num banco da zona das chegadas e esfregou a cara com as palmas das mãos. Sentia-se desesperado e impotente. O que poderia fazer agora? Como quebrar aquela inesperada barreira que o separava de Ariana? Como se sentiria ela? Traída? Por mais que considerasse as alternativas, só vislumbrava um curso de ação. Tinha de desvendar por completo o mistério do manuscrito de Einstein. Não dispunha de mais nenhuma opção.

Mas o que lhe faltava fazer? Bem, por um lado, precisava de conhecer a segunda via descoberta pelo professor Siza. Por outro, havia a questão ainda não resolvida da mensagem cifrada do documento, aquela que supostamente ocultava a fórmula de Deus. Como é que Tenzing lhe chamara? Ah, sim. Era a fórmula na qual tudo assentava. A fórmula que gera o universo, que explica a existência, que faz de Deus o que Ele é.

Meteu a mão ao bolso e retirou o papelinho rabiscado em Teerã com a mensagem cifrada. Por cima encontrava-se ainda o poema já decifrado. E por baixo, como se se risse de si, irritantemente divertida por manter ainda escondido o seu estranho segredo, espreitava a derradeira cifra.

See sign

!ya ovqo

Como diabo decifrar esta charada?, interrogou-se. Fez um esforço para se recordar das referências do bodhisattva à forma usada por Einstein para ocultar esta mensagem. Se bem se lembrava, Tenzing falara num sistema de dupla cifração e ainda no recurso a...

O telemóvel tocou.

Seriam os seus esforços enfim a produzir frutos? Será que alguém lhe trazia a solução para o colete-de-forças em que os americanos tinham colocado Ariana?

Quase tremendo de ansiedade, tirou o telemóvel do bolso e premiu a tecla verde.

"Está sim?"

"Está? Tomás?"

Era a mãe.

"Sim, mãe", murmurou, escondendo com dificuldade a decepção. "Sou eu."

"Ai, filho. Ainda bem que te encontro! Tenho andado numa aflição que não imaginas..."

"Sim, estou aqui. O que é?"

"Tenho andado aflita para falar contigo. Já estou farta de te ligar e tu não atendes nem dizes nada. Parece incrível!"

"Ó mãe, a mãe sabia perfeitamente que eu estava no Tibete."

"Mas podias dizer alguma coisa, não?"

"E eu disse."

"Só no dia em que lá chegaste. Depois não disseste mais nada."

"Ó mãe, o que quer? Aquilo foi para lá uma trapalhada que nem queira saber e o fato é que não tive tempo de lhe ligar. Pronto, paciência. Mas já cá estou, não estou?"

"Graças a Deus, meu filho. Graças a Deus."

Dona Graça começou a soluçar do outro lado da linha e Tomás mudou de semblante, de enfadado tornou-se de imediato preocupado.

"Então, mãe? O que se passa?"

"É o teu pai..."

"O que se passa com o pai?"

"O teu pai..."

"Sim?"

"O teu pai foi internado."

"O pai foi internado?"

"Sim. Ontem."

"Onde?"

"Nos hospitais da universidade."

A mãe chorava agora abertamente do outro lado da linha.

"Mãe, tenha calma."

"Eles disseram para eu me preparar."

"O quê?"

"Eles disseram que ele vai morrer."

XXXVI

O cheiro característico dos hospitais, aquele leve aroma asséptico que se parece pegar às paredes brancas, fez Tomás remexer-se com desconforto no seu banco. Olhou para o lado e, num gesto carinhoso, afagou os cabelos encaracolados da mãe, cabelos de um loiro simultaneamente artificial e natural; artificial por serem pintados, natural porque era essa a sua cor da juventude. Dona Graça apertava um lenço na mão e trazia os olhos avermelhados, mas mostrava-se controlada; sabia que, quando voltasse a ver o marido, teria de se apresentar confiante, positiva, cheia de energia, e essa noção dava-lhe força para domar a angústia que a assolava.

Sentiram um movimento na porta. Um homem calvo, de bata branca e óculos graduados, entrou na salinha e veio ter com eles. Beijou dona Graça nas duas faces e estendeu a mão a Tomás.

"Ricardo Gouveia", apresentou-se. "Como está?"

Era o médico do pai.

“Olá, doutor. Sou o filho do professor Noronha."

"Ah, o aventureiro!", sorriu o médico. "Os seus pais falam muito de si, sabia?"

"Ah, sim? E o que lhe contam?"

Gouveia piscou o olho.

"Nunca ouviu dizer que as conversas dos pacientes com os seus médicos são confidenciais?"

O médico fez-lhes sinal para o seguirem e levou-os para um pequeno gabinete, dominado por um boneco humano em tamanho natural com as entranhas à mostra. Indicou-lhes que se sentassem diante da secretária e ele próprio acomodou-se no seu lugar. Folheou uns papéis, levando alguns minutos a encarar os olhares ansiosos que o perscrutavam. Parecia estar a tentar ganhar tempo, mas acabou por levantar a cabeça.

"Lamento dizer, mas não há grandes alterações no estado do seu marido", disse Gouveia, virando-se para dona Graça. "Ele continua como aqui entrou ontem. A única coisa que se pode acrescentar é que parece estabilizado."

"E isso é bom?", perguntou ela, muito nervosa.

"Bem... uh... pelo menos, não é mau."

"O Manei consegue respirar, doutor?"

"Com dificuldade", retorquiu o médico. "Estamos a administrar-lhe oxigênio e medicamentos que dilatam as vias respiratórias, de modo a aliviar o problema, mas as dificuldades persistem."

"Ai, Virgem Santíssima", afligiu-se dona Graça, angustiada. "Ele está a sofrer muito, é?"

"Não, isso não."

"Diga-me a verdade, por favor."

"Não está em sofrimento, asseguro-lhe. Ele entrou aqui ontem com dores, de modo que lhe demos um narcótico forte e isso aliviou-o bastante."

Dona Graça mordeu o lábio inferior.

"O senhor doutor acha mesmo que ele não se safa desta, não é?"

Gouveia suspirou.

"O seu marido tem uma doença muito grave, dona Graça. É preciso não esquecer isso. Eu, no seu caso, e como já lhe disse ontem, preparar-me-ia para o pior." Torceu a boca. "Em todo o caso, não é impossível que ele melhore. Há muitas histórias de situações dramáticas que, no último instante, se inverteram. Quem sabe se isso poderá também ocorrer agora? Mas, de qualquer modo, parece-me que é preciso encarar esta situação com realismo e com serenidade." Esboçou uma expressão resignada. "A vida é feita disto, não é? Às vezes temos de aceitar as coisas, mesmo quando isso nos é muito difícil."

Tomás, que até aí se mantivera calado, revolveu-se na cadeira, intranquilo.

"O doutor, será que me pode explicar o que se passa exatamente com o meu pai?"

"O seu pai tem um carcinoma de células escamosas, em fase quatro", devolveu o médico, visivelmente aliviado por poder entrar nas explicações técnicas, terreno onde se sentia mais à vontade.

"Isso é um cancro do pulmão, não é?"

"É um cancro do pulmão que já se alastrou por todo o corpo. Ele tem metástases no cérebro, nos ossos e, agora, também no fígado."

"Isso não tem cura?"

O médico abanou a cabeça.

"Receio bem que não."

"E tratamento?"

"No estado em que o seu pai se encontra, não me parece haver tratamento. Normalmente este tipo de cancro tem de ser lidado com uma cirurgia, mas não quando ele se encontra na fase quatro, em que já se espalhou por toda a parte. Quando o caso se torna inoperável, voltamo-nos para a radioterapia, que é o que o seu pai tem feito nestes últimos tempos."

"E qual o objetivo da radioterapia? Curá-lo?"

"Não. Como já lhe disse, não vejo hipóteses de cura." Fez um gesto vago para cima. "A não ser que haja intervenção divina, claro. Por vezes acontecem milagres..."

"Então para que serve a radioterapia? Apenas para ganhar tempo?"

"Sim, ela apenas consegue retardar a evolução da doença. Além disso, serve igualmente para controlar a dor de ossos." Levantou-se e indicou dois pontos no boneco de plástico em tamanho natural que se encontrava ao lado da secretária. "Por outro lado, alivia aqui a síndroma da veia cava superior e a compressão da espinal medula." Voltou a sentar-se. "Claro que a radioterapia tem os seus inconvenientes, não é? Um deles é o de inflamar os pulmões, o que provoca tosse, febre e dispnéia."

"Dis... quê?"

"Dispnéia. Dificuldade em respirar."

"Ah, é? E como é que lidam com esses efeitos?"

"Administramos uns medicamentos chamados corticosteróides, como a prednisona, que aliviam os sintomas."

"E quanto tempo mais se consegue prolongar a vida de alguém nesta situação?"

O médico esboçou uma expressão indecisa.

"Bem... uh... isso depende dos casos, não é? Há quem dure mais, há quem resista menos. É difícil dizer..."

"Mas qual é a média?"

Gouveia estreitou os lábios, pensativo.

"Olhe, eu diria que a sobrevivência ao fim de cinco anos é inferior a uns dez por cento. Talvez ande mesmo na roda dos cinco por cento."

"Puxa", murmurou Tomás, atônito. "Tão pouco?"

"Sim." O médico esfregou o queixo. "E o pior é que o cancro do pulmão é uma neoplasia muito frequente, sabia? E a principal causa de morte por cancro. Uma em cada três pessoas que morre de cancro, morre por causa do cancro do pulmão."

"Ah, sim? Mas qual é a causa?"

Gouveia encolheu os ombros.

"Ora, o que havia de ser? O tabaco, claro."

"O meu pai fumava muito, de fato", assentiu Tomás, os olhos mergulhados nas memórias da infância. "Lembro-me de o ver no escritório, às voltas com as suas

equações e no meio de uma nuvem de fumo. Caramba, nem sei como é que ele conseguia respirar."

"Isso paga-se", observou o médico. "Pouca gente sabe, mas quase noventa por cento dos casos de cancro de pulmão são provocados pelo tabaco. Os fumadores têm um risco de contrair este cancro catorze vezes superior ao dos não fumadores. Catorze vezes."

Tomás suspirou.

"Sim, está bem", desabafou com um esgar levemente irritado. "A última coisa que precisamos agora é de uma lição de moral sobre os malefícios do tabaco, não acha? O que está feito, está feito."

"Desculpe", disse o médico, preocupado com a possibilidade de ter ido longe de mais. "Estava só a responder às suas perguntas."

"Com certeza."

Dona Graça remexeu-se no seu lugar, agitada.

"Ó doutor Gouveia, não há hipóteses de vermos o meu marido?"

O médico ergueu-se do seu lugar, dando a reunião por concluída.

"Claro que sim, dona Graça", disse, solícito. "A enfermeira virá chamar-vos quando for a altura, está bem?"

"E quando será isso?"

"Quando ele acordar."

A enfermeira entrou de rompante na salinha de espera. Ostentava ao peito, sobre a bata branca, uma plaquinha a anunciar que se chamava Berta e tinha um aspecto despachado, todo ele profissional. Fez-lhes um sinal apressado.

"Façam favor", disse. "Ele já acordou."

"Podemos vê-lo?"

"Claro. Façam o favor de me seguir."

Caminharam pelo corredor, tentando acompanhar o passo rápido da enfermeira Berta. Tomás adiantou-se um pouco e conseguiu colocar-se ao lado dela.

"Como está ele?"

"Acabou de acordar. Está consciente."

"Sim, mas o que eu queria saber é como ele se sente..."

A enfermeira olhou-o de soslaio.

"Está... enfim... não está bem, não é? Mas não tem dores nem nada."

"Ao menos isso."

Berta deu mais uns passos apressados, sempre com ar muito profissional, mas acabou por voltar a mirar Tomás.

"Ouça, ele encontra-se muito fraco e muito cansado" disse, a voz mais distendida. "Vocês não devem abusar muito, entendeu?"

"Sim."

"Ele parece-me ter entrado numa fase de aceitação."

"Aceitação?"

"Sim, aceitação da morte. Em geral só os pacientes de mais idade atingem esta fase quando se encontram num estado terminal. Os mais novos têm muita dificuldade em aceitar a morte, é uma coisa terrível. Mas alguns dos mais velhos, quando são pessoas emocionalmente maduras e têm a sensação de que a sua vida teve um propósito, parecem aceitar melhor as coisas."

"Está-me a dizer que o meu pai já aceitou a morte, é?"

"Sim, embora continue agarrado à vida, claro. Não está na natureza humana a ideia de aceitar a morte assim sem mais nem menos. Ele mantém a esperança de que alguma coisa aconteça, alguma coisa que lhe melhore a condição e o faça viver. Mas, por outro lado, é uma pessoa que acha que cumpriu a sua missão, que a sua vida teve um sentido, e isso ajuda-o a enfrentar esta situação. Além disso, tem a noção de que as coisas têm o seu tempo e aceita o fato de que o seu está a expirar."

"Nada na vida é permanente, não é? Tudo é transitório."

"Exato", concordou a enfermeira. "Mas isso é mais fácil de dizer quando se está de saúde do que de sentir quando se está doente. Quando nos encontramos de saúde podemos dizer tudo, até as maiores barbaridades. Mas é preciso estar ali onde ele está, mesmo às portas da morte, para se perceber como as coisas são."

"Imagino."

"Não imagina, não", sorriu ela sem humor. "Mas um dia, quando também ali estiver, daqui a muitos anos, quando a morte deixar de ser uma abstracção para se tornar uma realidade mesmo ao virar da esquina, nesse dia o senhor vai perceber."

Um murmúrio baixo rumorejava pela enfermaria. Atravessaram o corredor em silêncio, procurando respeitar a privacidade dos pacientes, e chegaram à zona dos quartos individuais. Berta levou-os até uma porta e, sem mais palavras, abriu-a com cuidado e fez sinal para os dois visitantes entrarem. Tomás deixou a mãe passar primeiro e seguiu atrás, quase suspendendo a respiração.

Quando viu o pai teve vontade de chorar.

Manuel Noronha estava quase irreconhecível. Apresentava-se muito magro, a pele enrugada e chupada, imensamente pálida, quase sem carnes, apenas ossos; o cabelo branco encontrava-se desalinhado sobre a almofada e os olhos mostravam-se mortiços, embora tivessem faiscado momentaneamente quando reconheceram a mulher e o filho.

Dona Graça beijou-o e sorriu, sorriu com tal confiança que Tomás não pôde deixar de admirar a força interior da mãe; vira-a destroçada fora daquele quarto, mas ali dentro, diante do marido moribundo, respirava segurança e tranquilidade. A mulher fez-lhe algumas perguntas sobre o seu estado e as suas necessidades, às quais ele respondeu com uma voz muito sumida. Depois, com a arte de um Pai Natal de hospital, ela abriu um cestinho de vime, que trouxera discretamente debaixo do xale, e retirou do interior um queijo redondo, era um Rabaçal cujo aspecto fazia crescer água na boca, mais uma broa de trigo e amêndoas. Tomás reconheceu nestas pequenas delícias as perdições gastronômicas do pai. Dona Graça serviu-as à boca do marido, muito terna e protetora, turturilhando palavras meigas.

Quando ele acabou de comer, a mulher limpou-lhe a boca, ajeitou-lhe o cabelo e os cobertores e compôs-lhe o colarinho do pijama, sempre muito maternal, a sua

presença impondo uma plácida tranquilidade, era como a mãe a aconchegar o recém-nascido no berço. Olhando-os ali, o pai deitado e desprotegido, a mãe inclinada sobre ele a tratá-lo e a consolá-lo, Tomás comoveu-se com a invisível ligação que os unia.

Viveram cinquenta anos juntos, partilharam sabores e dissabores, dias soalheiros e noites

sombrias, e tornava-se dolorosamente evidente que desfrutavam agora dos derradeiros momentos a dois, o caminho iria em breve apartá-los como o horizonte separa o céu da terra. Envolvia-os um amor maduro, não já feito de paixão nem de arrebatamento, mas de afetos carinhosos, de sentimentos vividos, de uma ligação profunda. Ela era a árvore, ele a folha, ela o sol, ele a praia, ela a abelha, ele o pólen; eram a luz e a cor, a terra e o céu, o lago e o nenúfar, o mar e a areia, a gaivota e o ovo. O filho não os conseguia imaginar separados, e, no entanto, o inimaginável preparava-se para acontecer.

Ao senti-los enfim serenar, Tomás aproximou-se da cama, pegou na mão fraca e fria do pai e forçou um sorriso.

"Que grande chatice, hã?"

O velho esboçou um sorriso tênue.

"Pareço um bebê."

"Ah, sim? Um bebê? Porquê?"

O velho fez um gesto lento que abarcou toda a cama onde se encontrava deitado.

"Então não vês? Já não consigo fazer nada."

"Disparate."

"Dão-me de comer. Vestem-me. Até o rabo me limpam."

"É só agora. Depois, quando ficar melhor, já trata de si outra vez, vai ver."

O pai fez um gesto impotente.

"Quando ficar melhor? Eu não vou ficar melhor..."

"Disparate. Claro que vai."

"Pareço um bebê", repetiu, sempre com uma voz muito débil, quase apenas soprada. "Até já durmo como um bebê."

"É para recuperar forças."

"Durmo que me farto. É como se tivesse retornado à infância. É a infância ao contrário."

"Veja lá se é a hora de tomar o biberão", brincou Tomás.

O velho matemático sorriu levemente. Mas logo os olhos assumiram uma expressão interrogativa.

"Como será a morte?"

"Ó Manel, não fales nisso, credo", cortou de imediato a mulher, com ar reprovador. "Olha para o que lhe havia de dar!"

"A sério", insistiu o moribundo. "Interrogo-me sobre o que me espera."

"Cala-te lá com essa conversa. Quem te ouvir até parece que... que..."

"Ó Gracinha, deixa-me falar sobre isto, está bem? É importante para mim, não percebes?"

A mulher fez um ar resignado e Manuel Noronha encarou o filho.

"Nos últimos meses tive sempre dificuldade em adormecer", murmurou o velho professor, a voz reduzida quase a um fio. "Punha-me a dar voltas na cama, a pensar no que será a morte, no que será a não-existência. Uma coisa horrível, hem? E todos vamos enfrentar isso, não é?" Fez uma pausa, os olhos perdidos num ponto indefinido do teto. "Mais cedo ou mais tarde é esse o nosso destino."

"Lá isso é", observou Tomás.

"É por isso que eu penso: como será a morte?" Respirou fundo. "Será igual ao que era a não-existência antes do nascimento? Será que a vida começa com um Big Bang e acaba com um Big Crunch?" Torceu os lábios. "Nascemos, crescemos, atingimos o apogeu, definhamos e morremos." Fitou o filho com intensidade. "Será que é só isso? Será que a vida se resume a isso?"

"O pai pensa muito na morte?"

O velho curvou a boca.

"Penso um pouco, sim. Quem, estando onde eu estou, não pensa? Mas, talvez, mais do que na morte, penso na vida."

"Em que sentido?"

"Umas vezes penso que a vida não tem valor, é uma coisa insignificante. Eu vou morrer e a humanidade não sentirá a minha falta. A humanidade vai morrer e o universo não sentirá a sua falta. O universo vai morrer e a eternidade não sentirá a sua falta. Não passamos de uma irrelevância, simples poeira que se perde no tempo." Inclinou a cabeça. "Mas, outras vezes, penso que, afinal, todos nascemos com uma missão, todos desempenhamos um papel, todos fazemos parte de um grande esquema. Pode ser um papel minúsculo, pode parecer uma missão irrisória, talvez até a consideremos uma vida perdida, mas, feitas as contas, quem sabe se coisa tão minúscula se poderá revelar uma migalha crucial para a concepção do grande bolo cósmico." Arfou, cansado. "Somos minúsculas borboletas cujo frágil bater de asas tem talvez o estranho poder de gerar longínquas tempestades no universo."

Tomás ponderou estas palavras. Estendeu o braço e apertou a mão fria do pai.

"O pai acha que alguma vez poderemos desvendar o mistério de tudo?"

"De tudo, o quê?"

"Da vida, da existência, do universo, de Deus. De tudo."

Manuel suspirou, a fadiga tomando conta do rosto, os olhos a começarem a pesar-lhe.

"O Augusto tinha uma resposta para isso."

"Qual Augusto? O professor Siza?"

"Sim."

"E qual era a resposta dele?"

"Era um aforismo de Lao Tzu." Fez uma pausa, para recuperar o fôlego. "Foi um amigo tibetano que lhe ensinou, há muito tempo." Fez um esforço para se concentrar. "Deixa cá ver se..."

A enfermeira Berta entrou no quarto.

"Pronto, já chega", disse ela, agitando os braços. "Parem lá com a conversa. Agora deixem o senhor professor descansar."

"Um momento", pediu Tomás. "Que aforismo era esse?"

O pai pigarreou, estreitou os olhos e lembrou-se.

"No fim do silêncio está a resposta", recitou. "No fim dos nossos dias está a morte. No fim da nossa vida, um novo início."

O telemóvel tocou quando saíam do hospital, a mãe enxugando as lágrimas que teimavam em marejar-lhe os olhos.

"Hi, Tomás", saudou a voz do outro lado.

Era Greg.

"Então?", disse Tomás, evitando cumprimentar o americano. "Já espancaram a Ariana? Ela disse-vos o que vocês queriam saber?"

"Come on, Tomás. Não seja assim."

"Foi à bofetada ou foi com choques elétricos?"

"Tomás, não foi nada disso. Nós não somos uns selvagens."

"Ah, não? Então o que andaram vocês a fazer nas cadeias iraquianas?"

"Uh... isso é diferente."

"E em Guantánamo?"

"Isso é diferente."

"Diferente em quê?" perguntou, um ressentimento gelado na voz. "Uns são iraquianos, outros são afegãos, ela é iraniana. Não é tudo igual para vocês?"

"Come on, pai. Não seja assim..."

"Eu não sou assim. Vocês é que são."

"Você está a ser injusto."

"Ah, estou? Então o que está a Ariana a fazer na vossa embaixada?"

"Ouça, nós tivemos de a interrogar", justificou-se Greg. "Não vê como isso é importante para nós? Ela está ligada ao projeto nuclear iraniano e, quer queiramos quer não, tem conhecimentos muito valiosos. Não podíamos deixar passar esta oportunidade. Afinal de contas, está em causa a segurança nacional, que diabo! Como é evidente, tínhamos de a interrogar."

"O interrogatório deixou-lhe marcas físicas?"

"O interrogatório foi civilizado, fique descansado."

"Civilizado? Depende do seu padrão..."

"Não acredita? Pois, olhe, posso-lhe dizer que não arrancamos nada que não soubéssemos."

"Bem feito."

"O pessoal de Langley está muito irritado com ela."

"Ainda bem, fico contente em saber isso."

Greg fez com a língua um estalido agastado.

"Ouça, Tomás, o caso não é para brincadeiras, ouviu? Recebi agora ordens de Langley em relação a ela e é por isso que lhe estou a telefonar."

"Ordens? Que ordens?"

"Eles mandaram repatriá-la."

"O quê?"

"Langley disse que, uma vez que ela não coopera, o melhor é mandá-la de volta para os iranianos."

"Vocês estão loucos?"

"Hmm?"

"Vocês não podem fazer isso, ouviu?"

"Ah, não? Porquê?"

"Porque... porque eles matam-na."

"Os iranianos matam-na?"

"Claro. Não vê que ela me ajudou?"

"E o que temos nós a ver com isso?"

"Eles pensam agora que ela se passou para a CIA. Aquela gente é paranóica, o que julga você?"

"Vou repetir a minha pergunta", disse Greg. "O que temos nós a ver com isso?"

"Bem... se vocês a mandam de volta, estão a enviá-la para a morte."

"E depois? Que eu saiba, não temos nada a agradecer-lhe, pois não? Afinal de contas, ela não nos ajudou. Por que razão haveríamos nós de estar preocupados com o que se passa entre ela e o regime que ela tenta estupidamente proteger?"

"Ela não tenta proteger regime nenhum. Ela tenta é não trair o seu país, só isso. Nada mais natural, não acha?"

"Muito bem. Então também é natural que nós a repatriemos se ela não nos ajuda. Não acha isso igualmente natural?"

"Não, não acho", vociferou Tomás, elevando o nível de voz pela primeira vez. "Acho um crime. Se vocês fizerem isso, não passam de uns bandidos. Uns gangsters da pior espécie."

"Come on, Tomás. Não seja exagerado."

"Eu? Exagerado? Então vocês comprometem-se a protegê-la dos iranianos e depois fazem-me um número destes? Não só a sequestraram quando chegamos a Lisboa como agora a querem entregar aos mesmos iranianos de quem se comprometeram a protegê-la. Que nome dão vocês a uma sujeira destas?"

"Ouça, Tomás. Nós assumimos o compromisso de a proteger em troca da revelação do segredo encerrado no manuscrito de Einstein. Que eu saiba você ainda não nos revelou esse segredo, pois não?"

"Já vos revelei o essencial."

"Então qual é a fórmula de Deus?"

"Essa é a única coisa que não desvendei ainda. Mas já lhe disse que estou à beira de o fazer."

"Isso é conversa. O fato é que ainda não nos revelou nada e o tempo está a esgotar-se."

"Dêem-me mais alguns dias."

Fez-se um curto e embaraçado silêncio.

"Não pode ser", disse Greg por fim. "Um avião da CIA vai partir esta noite da base aérea de Kelly, no Texas, em direção a Lisboa. Chega cá amanhã de madrugada. Pouco depois das oito da manhã, o aparelho seguirá para Islamabad, no Paquistão, onde a sua amiga será entregue aos iranianos."

"Vocês não podem fazer isso!", rugiu Tomás, quase descontrolado.

"Tomás, esta não foi uma decisão minha. É uma decisão de Langley e começou já a ser executada. Tenho aqui uma mensagem que diz que as ordens já foram emitidas para o Joint Command and Control Warfare Center, em Kelly AFB."

"Isso é um crime."

"Isto é política", retorquiu Greg num tom sereno. "Preste atenção, Tomás, porque ainda há uma maneira de parar isto. Você tem até amanhã às oito da manhã para me entregar o segredo do manuscrito, ouviu? Se não me der o segredo dentro desse prazo, não conseguirei travar o repatriamento da sua amiga. Entendeu isso?"

"Amanhã, às oito da manhã? Mas como quer você que eu desvende tudo em tão pouco tempo? Isso é impossível!"

"Você é que é o profissional."

"Ouça, Greg, vocês têm de me dar mais tempo."

"Você ainda não entendeu, Tomás. Esta decisão não é minha. Foi tomada em Langley e é irreversível. Eu estou apenas a dizer-lhe qual a maneira de travar este processo, mais nada. Se você nos revelar o segredo, então ficamos automaticamente obrigados a cumprir os termos do acordo que fizemos ao telefone quando você estava em Lhasa. Enquanto não cumprir integralmente a sua parte, nós entendemos que não somos obrigados a cumprir integralmente a nossa parte. Percebe?"

"Vocês não podem fazer isso."

"Tomás, não vale a pena estar a discutir comigo. Isso não vai alterar nada porque não sou eu quem tem o poder de decisão."

"Mas você tem de convencer os tipos lá em Langley a darem-me mais tempo."

"Tomás..."

"Já são cinco da tarde e só tenho quinze horas."

"Tomás..."

"É muito pouco para eu desvendar tudo."

"Damn it, Tomás!", gritou Greg, já para lá do limite da paciência. "Você é burro ou quê?"

Tomás congelou ao telefone, espantado com a fúria repentina do americano.

"Estou-lhe a dizer que está tudo fora do meu controle", berrou o americano, exaltando-se pela primeira vez. "As decisões não foram tomadas por mim. Nada depende de mim. Nada. Existe apenas uma coisa que pode travar o repatriamento da sua amiga. Uma e uma só. Desvende o fucking segredo."

O português manteve-se silencioso em linha.

"Tem até às oito da manhã de amanhã."

E desligou.

XXXVII

O Pátio das Escolas apresentava-se calmo àquela hora tardia do dia, via-se apenas um grupo de estudantes a subir a larga escadaria em direcção à Via Latina e dois funcionários a tagarelarem na base da elegante torre sineira. Depois de atravessar a velha Porta Férrea, Tomás abrandou o passo e, apesar da angústia que o oprimia, não pôde deixar de admirar aquele misto de fachadas sóbrias e exuberantes, carregadas de história, afinal concentravam-se ali setecentos anos de ensino. Nos primórdios aquele foi o paço real, o sítio onde nasceram e viveram muitos dos reis da primeira dinastia, mas o local tornou-se há séculos o coração da academia onde o pai lecionava, a Universidade de Coimbra.

O conjunto de edifícios encontrava-se disposto em U, com um desleixado chão de gravilha a separar os espaços. Tomás cruzou o pátio e dirigiu-se ao edifício da ponta, estacando diante da magnífica entrada; a porta apresentava-se encaixada num espetacular arco do triunfo, o topo coroado com as armas de Portugal. Sabia bem que aquele bloco retangular, com um aspecto exterior um pouco austero, era uma das mais belas bibliotecas do mundo.

A Biblioteca Joanina.

Ao entrar naquele monumento com quase três séculos sentiu o cheiro do couro que encadernava os manuscritos exalar das paredes ricamente decoradas, misturado com o travo adocicado do papel velho. Diante de si estendiam-se três salões, separados por arcos decorados ao estilo do imponente portal de entrada. A biblioteca dormia à meia-luz, um lugar de sombras e de silêncios. Todo o interior do edifício apresentava-se coberto de prateleiras, viam-se filas e filas de lombadas divididas em dois andares, as prateleiras construídas em belas madeiras, os tetos pintados a misturarem-se harmoniosamente com os dourados e avermelhados da decoração, era sem dúvida ali dentro que o barroco atingia o auge do seu esplendor.

"Professor Noronha."

Olhou para a esquerda, na direção de onde viera a voz, e observou Luís Rocha surgir de um cubículo e dirigir-se a si, sorridente. Fez um esforço para sorrir, embora a tentativa não se revelasse bem sucedida; os lábios ainda se curvaram, mas os olhos permaneceram tristes e pesados, carregados de preocupação.

"Como está, professor Rocha?", cumprimentou Tomás, estendendo o braço.

Apertaram as mãos.

"Bem-vindo ao meu recanto favorito aqui em Coimbra", exclamou Luís. Fez um gesto que abarcou toda a biblioteca, incluindo as inúmeras obras suntuosamente forradas nas estantes. "Cem mil livros nos rodeiam."

"Ah, muito bem", disse o historiador de ar ausente, não se sentia com disposição para apreciar os tesouros que o rodeavam. "Ouça, agradeço-lhe a prontidão com que aceitou falar comigo."

"Ora essa, não tem de agradecer", devolveu o físico com um gesto descontraído. "Mas, então,

que coisa é essa de vida ou de morte de que me falou há pouco, hã? Devo dizer que você me pareceu muito ansioso ao telefone..."

Tomás suspirou.

"Nem me fale", murmurou, rolando os olhos. "Só o senhor me pode ajudar, sabe?"

Luís Rocha fez uma expressão intrigada.

"Então? O que se passa?"

"Olhe, estou metido numa confusão que começou há alguns meses aqui em Coimbra e que, de certo modo, o envolve a si também."

"Não me diga..."

"Sim, sim", assentiu Tomás. "É uma longa história, não vale a pena estarmos aqui a perder tempo com ela. O que interessa é que tudo começou com um acontecimento testemunhado por si."

"Por mim?"

"O desaparecimento do professor Siza."

Ao ouvir o nome do seu mestre, o jovem físico pareceu estremecer.

"Ah!", exclamou, hesitante. "Estou a perceber." Fez um sinal com a cabeça e a expressão tornou-se subitamente grave. "Ande, venha daí."

Luís levou Tomás para o segundo salão e conduziu-o até uma enorme mesa de madeira exótica escura instalada numa das alas. Pouca gente frequentava a biblioteca àquela hora, pelo que ambos se encontravam à vontade; viam-se apenas dois visitantes a admirar as prateleiras do terceiro salão e um funcionário a limpar lombadas no primeiro andar do segundo salão.

Luís acomodou-se no seu assento e cruzou as pernas.

"Então diga lá, professor", começou. "O que se passa?"

"Acabei de chegar do Tibete, onde me encontrei com um monge budista chamado Tenzing Thubten." Ergueu a sobrancelha, inquisidor. "Este nome é-lhe familiar, presumo..."

O físico tentou disfarçar, mas o esforço traiu-o. Era evidente que conhecia Tenzing.

"Uh... bem... sim", gaguejou, percebendo que fora apanhado. "E então?"

Tomás endireitou-se na cadeira.

"Ouça, professor Rocha, talvez seja melhor deixarmo-nos de rodeios", disse, baixando o tom de voz e falando muito depressa. "Eu fui há algum tempo contactado para decifrar um texto enigmático agora descoberto, da autoria de Albert Einstein. O texto chama-se A Fórmula de Deus e, como deve muito bem saber, encontrava-se na posse do professor Siza e foi roubado na mesma ocasião em que o professor desapareceu. O que o senhor decerto não sabe é que eu acabei por localizá-lo, por portas e travessas, em Teerã."

Luís arregalou os olhos, surpreendido.

"Em Teerã?"

"Sim."

"Mas... mas como?"

"Não interessa. O que interessa é que o localizei."

"Mas isso é fantástico", exclamou Luís. "Não se apercebe disso? Esse manuscrito desapareceu com o professor Siza. Ora, se o documento foi agora encontrado em Teerã, é possível que nos dê uma pista sobre o paradeiro do professor, não vê?"

"Deixe-me acabar, por favor", pediu Tomás, a voz carregada de paciência.

"Com certeza. Diga."

Tomás reorganizou os pensamentos.

"Ora bem, toda a investigação acabou por me conduzir ao Tibete, onde encontrei Tenzing Thubten, o qual, pelo que você me deixou entender há instantes, é alguém que lhe é muito familiar."

"Só de reputação", esclareceu o físico. "Só de reputação. O professor Siza falava muito dele, sabe? Chamava-lhe o Budazinho."

Tomás sorriu levemente.

"O Budazinho, hem? É bem apanhado, sim senhor." Desfez o sorriso e retomou a narrativa. "Pois Tenzing contou-me uma história muito interessante, passada em 1951, em Princeton, envolvendo Einstein, o professor Siza e ele próprio. Tenzing revelou-me o segredo por detrás d'A Fórmula de Deus, com excepção da fórmula em si, que permanece cifrada, e disse-me ter sido contactado há pouco tempo pelo professor Siza com a informação de que tinha descoberto uma segunda via que demonstrava a existência de Deus. Pelos vistos, essa era uma condição imposta por Einstein para que se divulgasse o manuscrito. Ao que parece, o professor Siza planeava fazer um anúncio público, destinado a revelar a existência desse manuscrito e a tornar pública a segunda via por ele descoberta."

Tomás fez uma pausa e inclinou a cabeça, inquisitivo, o que pareceu atrapalhar o seu interlocutor.

"Hmm", murmurou Luís, empenhado em nada revelar.

"Então? Esta história bate certo?"

"Uh... não lhe posso dizer nada."

"Não me pode dizer nada?"

"Não, não posso."

"Mas você era colaborador do professor Siza. Tem a obrigação de saber o que se passava."

Luís Rocha fez um gesto irritado.

"Ouça, as investigações do professor Siza pertencem ao professor Siza. Só ele pode falar sobre o que descobriu."

"Tanto quanto eu sei, era o que ele planejava fazer, não era?"

"Não lhe posso dizer nada."

"Era o que ele planejava fazer até ser raptado por agentes do Hezbollah a mando do Irã."

O físico hesitou.

"Agentes do quê?", admirou-se. "Que história é essa?"

"É uma história muito complicada, professor Rocha. Pelos vistos, o seu mentor fez declarações ambíguas e imprudentes num simpósio internacional, declarações escutadas por ouvidos indiscretos e não inteiramente compreendidas. Ao que parece, as palavras do professor Siza foram interpretadas como referindo-se a uma fórmula de Einstein sobre a produção de uma arma nuclear simples e barata e foi esse equívoco que conduziu ao seu rapto."

Luís Rocha olhou-o de modo estranho.

"Mas como diabo sabe você tudo isso?"

"Digamos que... uh... que eu tenho estado envolvido nos esforços para localizar o professor Siza. Já lhe tinha falado sobre isso quando nos encontramos, lembra-se?"

"Sim, mas não sabia que já tinha sido apurada tanta coisa sobre o desaparecimento do professor.

Ele foi raptado e levado para o Irã por causa do manuscrito de Einstein, diz você?"

"Sim."

"Tem a certeza?"

"Absoluta."

"Mas que coisa tão... tão extraordinária!" Abanou a cabeça, como se tentasse despertar. "Isso não lembra a ninguém!"

"Pois não, mas aconteceu."

"É incrível!"

Tomás inclinou-se na sua cadeira, ansioso por obter a informação que desesperadamente procurava.

"Ouça, professor Rocha", disse. "Qual era a segunda via descoberta pelo professor Siza?"

O físico digeria ainda a revelação que acabara de lhe ser feita e olhou-o de forma embaraçada.

"Desculpe... uh... mas teremos de esperar que... que o professor Siza seja libertado para podermos falar sobre isso. Como compreende, trata-se de uma investigação conduzida por ele e eu... enfim, eu não posso divulgar nada, não é? Tenho um dever de lealdade e de confidencialidade. De qualquer modo, parece-me que é importante..."

"Professor Rocha."

"... começarmos a mexer-nos no sentido de obter esclarecimentos sobre o paradeiro do professor Siza e..."

"Professor Rocha."

"... desfazer este estúpido equívoco."

Tomás cravou os olhos no seu atarantado interlocutor.

"Professor Rocha, eu tenho uma péssima notícia para lhe dar."

"Sim?"

"O professor Siza morreu."

Fez-se um breve silêncio estarrecido.

"Como?"

"O professor Siza morreu no cativeiro. Os iranianos estavam a interrogá-lo quando ele faleceu." Baixou a cabeça, constrangido por ser o portador da notícia. "Lamento muito."

Luís Rocha entreabriu os lábios, chocado. Pôs a mão à frente da boca e, de olhos muito arregalados, contemplou as consequências da revelação que lhe acabara de ser feita.

"Mas que... que notícia... que coisa tão absurda", balbuciou. "Como é que foi isso?"

"Morreu num interrogatório."

"Que horror! E quando é que... enfim, quando é que será feito o anúncio disso... dessa notícia?"

"Não há anúncio nenhum a fazer", disse Tomás. "Esta informação, embora verdadeira, não é oficial. Os iranianos jamais reconhecerão terem raptado o professor Siza, e muito menos que ele morreu nas suas mãos. Como é óbvio, nada vão dizer. O que se vai passar é que o professor Siza nunca mais irá aparecer, percebeu?"

O físico balançou afirmativamente a cabeça, ainda tentando assimilar a informação.

"Mas que mundo!"

Tomás deixou-o mais um minuto a digerir a notícia da morte do seu mestre.

"Ouça, professor", começou por dizer. "A vida de uma segunda pessoa está em risco neste momento por causa do mesmo manuscrito e do mesmo equívoco. Salvá-la ou não depende de uma informação crucial que eu preciso de obter. Só o senhor me pode ajudar."

Luís Rocha, já mais recomposto, devolveu-lhe o olhar perscrutador.

"Diga..."

"Eu preciso de saber qual é a segunda via descoberta pelo professor Siza. O senhor conhece-a?"

"Claro que conheço", devolveu o físico muito depressa, quase ofendido com a pergunta. "Eu e o professor Siza não temos feito outra coisa nestes últimos anos senão trabalhar nela."

"Então será que me pode explicar?"

"Bem, isso... uh.... enfim, é uma investigação liderada pelo professor Siza e..."

"O professor Siza morreu, não entende?", cortou Tomás, já impaciente. "E eu preciso de conhecer essa segunda via para impedir que uma outra pessoa morra pelos mesmos motivos."

Luís Rocha hesitou de novo.

"Mas o senhor não acha que é pouco curial eu estar a divulgar agora a investigação do professor Siza?"

"Ouça, o professor Siza morreu", insistiu Tomás, juntando toda a paciência que era capaz de reunir dentro de si. "Nada disso interessa agora, percebe? Nada o impede a si de publicar um artigo numa revista científica ou mesmo um livro com todos os pormenores da descoberta da segunda via, mais os detalhes do manuscrito de

Einstein. O professor Siza já cá não está para fazer esse anúncio público, anúncio que, deixe-me lembrar, ele próprio planeava fazer."

"Você acha que eu devo divulgar isso, é?"

"Então não há-de divulgar? Uma descoberta dessas é... é uma coisa sensacional, não pode permanecer eternamente em segredo. Claro que tem de divulgar. Se até era isso o que o professor Siza tencionava fazer, parece-me evidente que o seu dever é o de executar a sua vontade."

O físico ponderou o argumento.

"É", acabou por dizer. "Você é capaz de ter razão."

"Claro que tenho. Bem-vistas as coisas, essa era até uma justa homenagem que você prestava ao seu mestre. O texto que vier a elaborar pode ser de co-autoria, sei lá. Aliás, é isso que faz sentido, não é?"

"Sim, tem razão", disse Luís Rocha, a voz mais firme e decidida. "É isso, vou divulgar tudo."

Tomás suspirou, aliviado com esta pequena vitória, mas não largou o seu interlocutor.

“Antes que você faça o que quer que seja, no entanto, preciso que me explique a mim essa vossa segunda via. Como lhe disse, a vida de uma outra pessoa depende dessa informação."

Luís Rocha ergueu-se bruscamente da cadeira.

"Muito bem", exclamou. "Vamos a isso."

Tomás olhou-o, surpreendido por vê-lo assim de pé.

"Onde vai?"

O físico deu meia-volta e afastou-se, lançando um derradeiro olhar para trás.

"Vou buscar dois cafés", disse. "Já venho."

XXXVIII

O aroma quente e perfumado invadiu a entrada da biblioteca logo que Luís Rocha apareceu com a bandeja. Chamou Tomás para o cubículo escondido à esquerda, logo depois da entrada, e convergiu apressadamente para o apertado compartimento com ar de quem estava a fazer uma tropelia. Pousou a bandeja numa mesinha e, logo que o visitante se acomodou naquele espaço estreito, pegou numa chávena fumegante, o vapor a emergir do líquido cremoso e encorpado, refletindo uma cor de noz levemente avermelhada, e sorriu.

"Sai um expresso", disse, estendendo a chávena a Tomás. "Quer açúcar?"

"Sim."

Tomás pegou num saquinho e despejou-o na chávena quente, mexendo o café logo a seguir.

"Se o director da biblioteca nos vê, mata-nos", comentou o físico com um riso baixo, depois de espreitar lá para fora para se assegurar de que não tinham sido vistos.

Tomás analisou o cubículo desarrumado onde se haviam escondido.

"É por isso que viemos para aqui, é?"

"Sim", confirmou o anfitrião, o ar conspirativo. "Neste cantinho estamos mais à vontade."

"Não era melhor irmos para uma esplanada lá fora?"

"Não, aqui escondidos estamos bem. Ninguém nos vai encontrar." Inalou o aroma que se desprendia com o vapor. "Sabe, a verdade é que não consigo passar sem um café nestas ocasiões. Não há nada melhor do que um expressozinho antes de uma conversa complexa. Ajuda-me a concentrar nas ideias."

"A nossa conversa vai ser complexa?"

"Entender o que tenho para dizer não será complexo", disse Luís. "O que é complexo é fazer com que tudo isto não pareça complexo, percebe?" Piscou o olho. "Isso é que é complexo!"

"A simplicidade é complexa."

"Mais do que as pessoas imaginam. Passei toda a investigação a engolir expressos, o que julga você? Era eu com os expressos e o professor Siza com um café frio que aprendeu a fazer em Itália, uma coisa gelada com natas batidas à superfície. Chamava-lhe granita di caffé."

"Isso é um café frappé, não é?"

"Sim, ele tinha a mania de beber aquela porcaria." Estremeceu. "No Inverno esse café frio fazia-me cá uma confusão... mas, enfim, gostos não se discutem, não é verdade?"

"É evidente."

Beberam um trago do expresso. Tinha um sabor forte, muito característico, com o líquido cremoso a deixar um agradável travo prolongado na boca.

Luís Rocha pousou a sua chávena na bandeja e concentrou-se no que tinha para dizer.

"Bem, vamos a isto", exclamou, preparando-se para começar. "Já percebi que o amigo tibetano do professor Siza lhe explicou o que se passou em Princeton em 1951, não é?"

"Sim, ele contou-me tudo."

"Portanto, você já sabe a história do primeiro-ministro de Israel, o desafio que ele fez a Einstein, a elaboração d'A Fórmula de Deus e o requisito de se arranjar uma segunda via científica antes de se tornar público o manuscrito. Nada disto é novidade para si, pois não?"

"Não. Tudo isso já eu sei."

"Muito bem", suspirou. "O que se passou foi que o professor Siza levou muito a peito o projeto de Einstein e resolveu dedicar a sua vida a tentar resolver esse mistério. Seria possível arranjar uma segunda via que provasse cientificamente a existência de Deus? Era esse, sem tirar nem pôr, o desafio que tinha diante de si."

"E como é que ele o enfrentou?"

"Bem, a primeira coisa que teve de fazer foi definir o objeto de estudo. O que é Deus? Quando falamos de Deus, estamos a falar exatamente do quê? Do Deus descrito pela Bíblia?"

"Suponho que sim..."

"Mas o Deus descrito pela Bíblia, como lhe expliquei há duas semanas, é absurdo." Ergueu-se e saiu do cubículo. Dirigiu-se a uma prateleira ali perto, pegou num enorme volume soberbamente encadernado e voltou ao esconderijo, sentando-se com a obra aberta no regaço. "Ora deixe cá ver", disse, folheando as páginas iniciais até localizar o trecho que procurava. "Aqui está. Logo no início do Antigo Testamento está escrito que Deus quis dar ao homem uma auxiliar e, então, fez o seguinte: «após ter formado da terra todos os animais dos campos e todas as aves dos céus, conduziu-os até junto do homem, a fim de verificar como ele os chamaria, para que todos os seres vivos fossem conhecidos pelos nomes que o homem lhes desse.» Depois a Bíblia acrescenta: «contudo, não encontrou para ele uma auxiliar adequada. Então, o Senhor Deus adormeceu profundamente o homem e, enquanto ele dormia, tirou-lhe uma das suas costelas, cujo lugar preencheu de carne. Da costela que retirara do homem, o Senhor Deus fez a mulher»." Ergueu a cabeça. "Não vê nada de estranho neste relato?"

Tomás encolheu os ombros.

"Quer dizer... uh... é um relato bíblico, não é?"

"Mas não é Deus que é suposto ser onisciente? Não saberia Ele de antemão que nenhum dos animais dava uma auxiliar adequada? Por que razão esteve Deus à espera de ver que nome dava o homem aos animais? Sendo omnisciente, não conseguiria Ele saber isso previamente?" Folheou mais umas páginas. "E agora repare aqui no que aconteceu quando Deus decidiu provocar o dilúvio:

«O Senhor arrependeu-Se de ter criado o homem sobre a terra»." Voltou a fixar Tomás nos olhos. "O Senhor arrependeu-se? Mais uma vez, não era Ele omnisciente? Não podia Ele ter visto antecipadamente que o homem se iria corromper? Sendo perfeito e todo-poderoso, não faria sentido que Deus tudo previsse em tempo útil? Que história é esta de Deus estar a emendar os Seus erros? Mas afinal Deus comete erros, é?"

"Pois..."

"Isto para não falar, claro, no velho paradoxo de Deus ser onipotente e bom, mas deixar que o mal grasse por toda a parte. Então se Ele é bom e tem poder de impor o bem, por que razão deixa que o mal exista? Se Ele é perfeito, por que razão fez o homem tão imperfeito?" Fechou o volume e pousou-o no chão. "Tudo isto deixou Einstein convencido de que Deus, a existir, não é o Deus da Bíblia. É uma entidade onisciente e inteligente, a força por detrás do universo, o grande arquiteto de tudo, mas não a figura antropomórfica, paternal e moral da Bíblia. Essa convicção de Einstein foi assimilada pelo professor Siza."

"Portanto, isso quer dizer que o professor não foi à procura do Deus da Bíblia..."

"Não, não foi. Aliás, ele sempre achou que o grande fracasso dos teólogos em demonstrar cientificamente a existência de Deus se deve à sua obsessão em exigir que essa demonstração envolva o Deus da Bíblia. Ora, o Deus da Bíblia contém demasiadas incoerências, não é crível que Ele exista. Deus não é uma figura protectora que passa a vida preocupado com o que os homens fazem. Esse Deus é uma criação humana, um conceito que inventamos para nos sentirmos mais seguros, mais protegidos, mais confortados. Diga lá se não é agradável ter um pai sempre a tutelar-nos?"

"Mas... e a prova da criação do universo em seis dias, feita no manuscrito de Einstein? Não acha que isso confirma a Bíblia?"

"Esse é um elemento muito importante", reconheceu Luís Rocha. "Como lhe disse, Einstein estava convencido de que o Deus da Bíblia não existia. Mas o que se passou foi que, ao mesmo tempo, concluiu que havia verdades profundas misteriosamente escondidas no Antigo Testamento."

"Qual é a explicação para esse fato?"

"Não há explicação. A realidade é que, por algum motivo desconhecido, os textos antigos encerram segredos ocultos. Por exemplo, descobriu-se agora existir uma estranha correlação entre verdades cabalísticas, relacionadas com a interpretação do Antigo Testamento, e as mais avançadas teorias da física."

"Como assim?"

"Olhe, uma das mais promissoras candidatas à Teoria de Tudo é a Teoria das Cordas. É um pouco complicado explicá-la, mas as suas equações prevêem que a matéria básica é formada por cordas que vibram, existentes num espaço de vinte e seis dimensões para as micropartículas de energia, designadas bosões, e dez dimensões para as outras micropartículas, os fermiões. Tal como a força forte e a força fraca permaneceram circunscritas ao microcosmos depois do Big Bang, os físicos acreditam que vinte e duas dimensões permaneceram igualmente circunscritas ao microcosmos após a criação do universo. Por algum motivo, apenas a gravidade e a força eletromagnética estenderam uma influência visível ao macrocosmos e o mesmo aconteceu com apenas quatro dimensões espaço-temporais. É por isso que nos parece que o universo tem três dimensões espaciais e uma temporal. São essas que afectam o nosso mundo visível, mas há vinte e duas outras que permanecem invisíveis no microcosmos, capazes apenas de influenciarem o comportamento das micropartículas."

"Isso é possível?"

"A matemática indica que sim", assentiu o físico. "Mas, agora, diga-me. Você está familiarizado com a Cabala?"

"Sim, claro. Sou historiador, especialista em línguas antigas e criptanalista. Logo, tenho obrigação de conhecer a Cabala, não é? Além do mais, andei nos últimos anos a aprender hebraico e aramaico, de modo que este é um terreno em que me sinto à vontade."

"Ainda bem, porque assim poderá entender melhor a relação entre uma das mais avançadas teorias da física, a Teoria das Cordas, e a Cabala."

Tomás fez um ar intrigado.

"A relação entre a física e a Cabala? Está a falar de quê?"

O físico sorriu.

"Professor, suponho que saiba o que é a Arvore da Vida..."

"Com certeza", devolveu o historiador. "A Árvore da Vida é a estrutura cabalística que explica o ato de nascimento do universo, a unidade elementar da Criação, a menor partícula indivisível contendo os elementos do todo. É constituída por dez sephirot, ou seja, dez emanações manifestadas por Deus na Criação. Cada um dos dez sephirot corresponde a um atributo divino."

"Repita lá, quantos sephirot tem a Árvore da Vida?"

"Dez."

"Muito bem", exclamou, satisfeito. "Presumo que saiba também o que é a guematria."

"Claro", disse Tomás, sempre muito confiante nesta área. "É uma técnica cabalística que obtém o valor numérico das palavras da Bíblia através da correspondência entre as letras do alfabeto hebraico e os algarismos. Dizem os cabalistas que Deus criou o universo com números e palavras e que cada número e cada palavra contém um mistério e uma revelação. Por exemplo, a primeira palavra do Antigo Testamento é bereshith, que significa no princípio. Ora, se dividirmos bereshith em duas palavras fica bere, ou criou, e shith, seis. A Criação durou seis dias. Está a ver? Esta é uma forma de guematria. A primeira palavra do Antigo Testamento contém em si os seis dias da Criação. Outra forma de guematria é a pura contagem das letras. Diz o Gênesis que Abraão levou 318 servos para uma batalha. Mas o valor numérico do nome do seu servo Eliezer, descobriram os cabalistas, é 318, o que quer dizer que Abraão só levou consigo o seu único servo."

"Já vi que está dentro do assunto", observou Luís Rocha. "Então diga-me lá agora qual é a guematria do maior nome de Deus?"

"Bem... uh... o maior nome de Deus é... uh... Yodhey Vavhey. Mas confesso que não sei qual a guematria a que corresponde este nome. Teria de fazer as contas..."

"A guematria do maior nome de Deus é vinte e seis." Inclinou a cabeça. "Quantas letras tem o alfabeto hebraico?"

"Vinte e duas."

"E agora uma última pergunta", disse o físico. "Segundo os cabalistas, quantos são os caminhos da sabedoria percorridos por Deus para criar o universo?"

"Trinta e seis. Os caminhos percorridos por Deus para criar o universo correspondem à ligação dos dez sephirot da Árvore da Vida com as vinte e duas letras do alfabeto hebraico, a que se acrescentam mais quatro caminhos."

Luís Rocha sorriu.

"Reparou nestas coincidências todas?"

"Quais coincidências?"

"Dez sephirot cabalísticos para criar o universo, dez dimensões nas cordas dos fermiões para criar a matéria", disse, erguendo um dedo. Acrescentou um segundo dedo. "Vinte e seis é a guematria do maior nome de Deus, vinte e seis são as dimensões nas cordas dos bosões para criar a matéria." Veio o terceiro dedo. "Vinte e duas letras do alfabeto hebraico, vinte e duas as dimensões que permanecem ocultas no microcosmos." Agora o quarto. "Trinta e seis caminhos percorridos por Deus para criar o universo, trinta e seis é a soma das dimensões nas quais vibram os bosões e os fermiões." Piscou o olho, como uma criança que descobriu a chave do quarto dos brinquedos. "Será coincidência?"

"Bem... uh... isso é realmente surpreendente."

"O que Einstein constatou é que os textos sagrados contêm verdades científicas profundas, impossíveis de conhecer no seu tempo. E não é só na Bíblia, sabe? Os textos hindus, os textos budistas, os textos taoístas, todos eles encerram verdades eternas, aquele tipo de verdades que só agora a ciência começa a desvendar. A questão é: como é que os sábios antigos tiveram acesso a essas verdades?"

Fez-se uma pausa.

"E qual é a resposta?"

"Não sei. Ninguém sabe. Pode ser tudo coincidência, claro. Afinal de contas, o ser humano gosta de encontrar padrões em tudo, não é? Mas pode ser também que, tal como as micropartículas da experiência Aspect não passam de imanências de um único real, as verdades científicas contidas nas sagradas escrituras constituam imanências desse mesmo real único. É como se os sábios antigos tivessem sido inspirados por algo profundo, eterno, onipresente mas invisível."

"Estou a ver..."

"Tudo isto para lhe dizer que, embora Einstein e o professor Siza não acreditassem no Deus da Bíblia, achavam ambos que, em determinados aspectos e sob determinadas formas, as sagradas escrituras misteriosamente ocultavam verdades profundas."

Beberam mais um trago do expresso.

"De qualquer modo, e apesar dessas estranhas coincidências, o Deus que o professor Siza procurou não foi o Deus da Bíblia..."

"É isso", assentiu Luís Rocha. "Não foi o Deus da Bíblia. Foi algo de diferente. O professor Siza foi à procura de uma força criadora, inteligente e consciente, mas não necessariamente moral, nem boa, nem má." Suspirou. "Assim delimitado o campo de investigação, redefinindo-se o objeto de estudo, houve que proceder a uma segunda definição: o que é isso de provar a existência de Deus?"

O físico deixou a pergunta no ar.

"Está-me a perguntar a mim?", quis saber Tomás, hesitante, sem saber se a pergunta era meramente retórica ou para ser de fato respondida.

"Sim, claro. O que é isso de provar a existência de Deus?"

"Bem... uh... não sei, confesso que não sei."

"Será arranjar um telescópio tão poderoso que nos permitirá ver Deus, com as suas grandes barbas de patriarca, a brincar com estrelas? Será desenvolver uma equação matemática que contenha o ADN de Deus? Mas afinal o que é isso de provar a existência de Deus?"

"É uma boa pergunta, sem dúvida", considerou Tomás. "Qual a resposta?"

Luís Rocha exibiu três dedos.

"A resposta assenta em três pontos", disse. "Primeiro, Deus é sutil. Através da Teoria do Caos, dos teoremas da Incompletude e do Princípio da Incerteza ficámos a perceber que o Criador ocultou a Sua assinatura, escondeu-se por detrás de um fino véu engenhosamente concebido para O tornar invisível. Isso, como é bom de ver, dificulta seriamente a tarefa de provar a Sua existência." Traçou o segundo dedo. "Segundo, Deus não é inteligível através da observação. Quer isto dizer que não é possível provar a Sua existência por intermédio de um telescópio ou de um microscópio."

"E por que não?", interrompeu Tomás.

"Ora, por vários motivos", retorquiu o físico. "Repare, imagine que o universo é Deus, como defendia Einstein. Como observá-Lo na sua totalidade? O professor Siza chegou à conclusão de que os físicos e os matemáticos estavam a observar o universo um pouco como um engenheiro olha para um televisor. Imagine que se pergunta a um

engenheiro: o que é a televisão? O engenheiro põe-se a observar um televisor, abre-o todo e depois diz que a televisão são fios e esquemas elétricos estruturados de uma determinada maneira." Apontou para Tomás. "Mas eu pergunto-lhe a si: acha que isso dá uma resposta completa à questão de saber o que é a televisão?"

"Uh... dá uma resposta de engenheiro, acho eu."

"É isso, dá uma resposta de engenheiro. Mas a televisão, sendo fios e circuitos eléctricos, é muito mais do que isso, não é? A televisão transmite programas de informação e entretenimento, tem um impacto psicológico junto de cada pessoa, permite a transmissão de mensagens, produz vastos efeitos sociológicos na sociedade, tem dimensão política e cultural, enfim... é uma coisa muito mais vasta do que a mera descrição das suas componentes tecnológicas."

"Está a colocar aquele problema de que já me tinha falado, o hardware e o software?"

"Nem mais", concordou Luís Rocha. "A perspectiva reducionista, que se centra no hardware, e a perspectiva semântica, inserida no software. Os físicos e os matemáticos olham para o universo como um engenheiro olha para um televisor ou para um computador. Apenas vêem os átomos e a matéria, as forças e as leis que as regem, e tudo isso, se formos a ver bem, não passa de hardware. Mas qual é a mensagem deste enorme televisor? Qual é o programa deste gigantesco computador? O professor Siza concluiu que o universo tem um programa, dispõe de um software, possui uma dimensão que está muito para além da soma das suas componentes. Ou seja, o universo é muito mais do que o hardware que o constitui. É um gigantesco programa de software. O hardware apenas existe para viabilizar esse programa."

"Como um ser humano", observou Tomás.

"Exato. Um ser humano é feito de células e tecidos e órgãos e sangue e nervos. Isso é o hardware. Mas o ser humano é muito mais do que isso. É uma estrutura complexa que possui consciência, que ri, que chora, que pensa, que sofre, que canta, que sonha e que deseja. Ou seja, somos muito, muito mais do que a mera soma das partes que nos constituem. O nosso corpo é o hardware por onde passa o software da nossa consciência." Fez um gesto largo com os braços. "Assim é também a realidade mais profunda da existência. O universo é o hardware por onde passa o software de Deus."

"É uma idéia arrojada", considerou Tomás. "Mas tem a sua lógica."

"O que nos remete para o problema do infinito", exclamou o físico. "Repare, se o universo é o hardware de Deus, isso coloca várias questões curiosas, já viu? Por exemplo, uma vez que nós, seres humanos, fazemos parte do universo, isso significa que nós somos parte do hardware, não é? Mas, será que somos também, nós próprios, um universo? Será que o universo é alguém imensamente grande, tão grande que não o vemos, tão grande que se torna invisível? Alguém tão grande para nós como tão grandes somos nós para as nossas células? Será que estamos para o universo como os nossos neurônios estão para nós? Será que somos o universo dos neurônios e somos os neurônios de alguém muito maior? Será que o universo é uma entidade orgânica e nós não passamos das suas células minúsculas? Seremos nós o Deus das nossas células e nós as células de Deus?"

Ficaram ambos um longo momento a digerir aquelas interrogações.

"O que acha você?", quis saber Tomás.

"Acho que o problema do infinito é tramado", devolveu Luís Rocha. "Sabe, nós, os físicos, andamos à procura de partículas fundamentais, mas sempre que as encontramos acabamos por descobrir que elas são, afinal, compostas por partículas

mais pequenas. Primeiro pensava-se que o átomo era a partícula fundamental. Depois descobriu-se que o átomo era constituído por partículas mais pequenas, os protões, os neutrões e os electrões. Julgou-se então que essas é que eram as partículas fundamentais. Mas descobriu-se afinal que os protões e os neutrões são formados por outras micropartículas mais pequenas, os quarks. E há quem pense que os quarks são formados por novas micropartículas ainda mais pequenas e as mais pequenas por outras mais pequenas. O microcosmos é infinitamente pequeno."

"Como o Paradoxo de Zenão", comentou Tomás, com um sorriso. "Tudo é divisível pela metade."

"Exato", concordou o físico. "E, pela mesma razão, tudo é multiplicável pelo dobro. Por exemplo, o nosso universo é enorme, não é? Mas as últimas teorias cosmológicas admitem a possibilidade de este ser apenas um entre bilhões de universos. O nosso universo nasceu, está a crescer e, conforme o demonstra a segunda lei da termodinâmica, irá morrer. Ao lado dele existirão muitos outros iguais. É como se o nosso universo não passasse de uma bolha de espuma num oceano imenso, ao lado de imensas outras bolhas de espuma iguais." Fez uma pausa. "Chamam-lhe o meta-universo."

"Portanto, o universo é então infinito."

"É uma possibilidade. Mas não é a única."

"Existe outra?"

"Existe a possibilidade de o universo ser finito."

"O universo ser finito? Acha isso possível?"

"Ouça, é outra possibilidade."

"Mas como é isso possível? Se o universo for finito, o que há para além do seu limite?"

"A ser finito, não teria limite."

"Como assim? Não entendo..."

"É simples. Fernão de Magalhães começou a navegar para oeste, certo? Navegou, navegou, navegou e, surpresa, veio parar ao ponto de partida." Luís Rocha ergueu as mãos e rodou-as, como se segurasse uma bola. "Ou seja, ele provou que a Terra é finita, mas não tem limite. É possível que o universo também seja assim. Finito, mas sem limites."

"Estou a entender."

Os dois terminaram o café.

"Bem, tudo isto porque estava eu a dizer que a resposta à questão da prova da existência de Deus assenta em três pontos fundamentais. O primeiro é a constatação de que Deus é sutil e o segundo é a constatação de que não O podemos observar através de um telescópio ou de um microscópio." Ergueu um terceiro dedo. "Mas, apesar de todas as dificuldades, há uma maneira indireta de chegar à prova da existência de Deus."

"Então?"

"Através da busca de dois traços essenciais: a inteligência e a intenção. O professor Siza determinou que, para sabermos se o universo foi criado por uma inteligência consciente, temos de dar resposta a uma pergunta fundamental: existe ou não inteligência e intenção na criação do universo?" Inclinou a cabeça. "Não basta que

a resposta seja afirmativa em relação a um destes pontos. Tem de ser afirmativa em relação aos dois, percebeu?"

Tomás fez uma careta pensativa.

"Não muito bem. Se se conseguir provar que há inteligência, não acha que isso basta?"

"Claro que não", devolveu Luís Rocha. "Olhando para a rotação da Terra em torno do Sol, parece-nos a nós evidente que há inteligência no movimento. Mas essa inteligência é intencional ou fortuita? É que, repare, pode ser tudo fruto do mero acaso, não pode? Se o universo for infinitamente grande, é inevitável que, num número infinito de situações diferentes, algumas exibam as características da nossa. Portanto, se a inteligência das coisas for fortuita, não é possível vermos aí, com toda a certeza, a mão de Deus, pois não? Temos também de determinar se há intenção."

"Estou a perceber."

"O problema é que o conceito de intenção é muito difícil de concretizar. Qualquer professor aqui da Faculdade de Direito lhe dirá isso. Num processo em tribunal, uma das grandes dificuldades é justamente a de determinar a intenção do arguido quando cometeu determinado ato. O arguido matou uma pessoa, mas matou-a porque quis matar ou isso foi um acidente? O arguido sabe que matar com intenção é mais grave e, em geral, argumenta que matou mas não quis matar, tudo não passou de um terrível azar. A dificuldade é, pois, a de determinar a intenção do acto." Fez um gesto largo com os braços. "O mesmo se passa no universo. Olhando para tudo em nosso redor, podemos constatar que existe grande inteligência na concepção das coisas. Mas essa inteligência é fortuita ou existe uma intenção por detrás de tudo? A haver intenção, qual é essa intenção? E, elemento

crucial, existirá alguma maneira de, havendo intenção, demonstrar a sua existência?"

"A resposta não está naquela metáfora do relógio que você me explicou no outro dia?"

"Sim, o relógio de William Paley é um argumento poderosíssimo. Se encontrarmos no chão um relógio e o analisarmos, logo percebemos que ele foi concebido por um ser inteligente com uma intenção. Ora, se isso é válido para uma coisa tão simples como um mero relógio, por que não seria válido para uma coisa tão imensamente mais inteligente e complexa como é o universo?"

"Justamente. Isso não serve de prova?"

"É um poderoso indício de inteligência e intenção, mas não é prova."

"Então como é que se pode fazer a prova?"

Luís Rocha endireitou-se na cadeira.

"Foi Einstein quem deu a pista", disse.

"Qual pista?"

O físico levantou-se do seu lugar e convidou Tomás a segui-lo para fora daquele apertado compartimento.

"Venha daí", disse. "Vou-lhe mostrar a segunda via."

XXXIX

Percorreram o longo tapete vermelho e atravessaram toda a biblioteca. Luís Rocha parecia um cicerone, guiando Tomás até junto de um enorme retrato emoldurado na parede do fundo, por entre as estantes de livros. Era uma soberba pintura de D. João V, o monarca ao qual a Biblioteca Joanina devia o seu nome. O físico pousou as suas coisas sobre um elegante piano negro de cauda que se encontrava instalado diante do retrato e fez sinal a Tomás para o seguir.

"Venha daí", disse.

Dirigiu-se a uma coluna do arco de acesso à última sala e, inesperadamente, abriu uma porta disfarçada na parede e mergulhou na sombra. Apesar de apanhado de surpresa, Tomás seguiu no encalço. Escalaram uma escadaria estreita envolta em escuridão e emergiram no primeiro andar, num apertado varandim de madeira, que percorreram até chegarem junto da parte alta do grande retrato. O anfitrião examinou a terceira estante da esquerda, tirou um volume branco, meteu a mão pelo buraco aberto entre os livros, extraiu da sombra uma pasta de cartolina azul-bebê, voltou a guardar o volume no lugar e fez sinal ao seu convidado para regressarem pelo mesmo caminho.

"O que é isso?", perguntou Tomás, intrigado, quando voltaram ao piso térreo.

"Esta é a segunda via", revelou Luís Rocha, sentando-se pesadamente na cadeira ao pé do piano, diante do olhar eternizado em tela de D. João V. "A prova científica da existência de Deus feita pelo professor Siza."

Tomás pousou os olhos na pasta. A cartolina apresentava um aspecto algo gasto e exibia o logótipo da Universidade de Coimbra, com um elástico em volta a fechá-la.

"Mas o que está um manuscrito desta importância aqui a fazer?", admirou-se o historiador. "O professor Siza guardava as suas coisas na Biblioteca Joanina?"

"Não, claro que não. O que se passou foi que, logo após o assalto em que o professor desapareceu, fiquei um pouco... enfim, assustado. Ao inventariar o que tinha sido tirado da casa, verifiquei que o velho manuscrito de Einstein não se encontrava em parte alguma e isso fez-me considerar a possibilidade de toda a investigação estar em perigo. De modo que decidi tirar da casa tudo o que havia relacionado com esta pesquisa. Ainda guardei as coisas no meu apartamento por alguns dias, mas isso pôs-me muito nervoso e acabei por achar que aquele não era igualmente um local seguro. Se assaltaram a casa do professor, poderiam também assaltar a minha, não é verdade? De modo que optei por distribuir algumas coisas pequenas entre os colegas do professor, incluindo o seu pai, por exemplo." Acariciou a cartolina azul. "O problema, no entanto, era o que estava nesta pasta, a segunda via, de longe o documento mais importante. Não lhes queria entregar a pasta para guardarem, mas também não a podia manter em casa, não é? O que fazer?" Fez um gesto na direção da estante de onde a retirara. "Foi então que tive a idéia de esconder a pasta num buraco que eu sabia existir aqui na biblioteca, ali em cima, mesmo ao lado do retrato do rei, detrás de uma fileira de livros."

"Você ficou realmente assustado, hã?"

"Então não havia de ficar? Se, além de raptarem o professor, tinham também levado A Fórmula de Deus, tornou-se evidente para mim que poderia haver uma relação entre o sequestro e a investigação. Como eu estava envolvido na investigação, comecei a sentir-me muito nervoso. Sabia lá se também me viriam bater à porta..."

"Pois claro."

Luís Rocha calou-se e olhou em redor. Ergueu os braços e fez um gesto largo com as mãos, abarcando toda a Biblioteca Joanina.

"Sabe, o professor Siza costumava dizer que esta biblioteca é a metáfora da assinatura divina no universo."

"A assinatura divina no universo? Não entendo..."

"É uma imagem inspirada nas conversas que ele teve com Einstein." Apontou para as estantes preenchidas por livros. "Imagine que uma criança entra nesta biblioteca e vê estes livros, todos eles redigidos em línguas desconhecidas, a maior parte em latim. A criança sabe que alguém escreveu os livros e sabe que os livros revelam coisas, claro, embora não saiba quem os escreveu nem o que eles contam. Na verdade, a criança nem sequer compreende latim. Suspeita que toda esta biblioteca está organizada segundo uma ordem, mas essa ordem parece-lhe misteriosa." Pousou a palma das mãos no peito. "Nós estamos como essa criança e o universo é como esta biblioteca. O universo contém leis e forças e constantes criadas por alguém, com objetivos misteriosos e segundo uma ordem incompreensível para nós. Compreendemos vagamente as leis, captamos as linhas gerais da ordem que tudo organiza, percebemos superficialmente que as constelações e os átomos se movem de determinada forma. Tal como a criança, desconhecemos os pormenores, apenas formamos uma pálida idéia do propósito de tudo isto. Mas há uma coisa de que temos a certeza: toda esta biblioteca foi organizada com uma intenção. Mesmo que não consigamos ler os livros nem jamais venhamos a conhecer os seus autores, o fato é que estas obras contêm mensagens e a biblioteca está organizada em obediência a uma ordem inteligente. Assim é o universo."

"Essa foi a pista dada por Einstein ao professor Siza para se encontrar a segunda via?"

"Não. Essa foi a metáfora que o professor Siza usava para explicar a inteligência intencional do universo, uma metáfora inspirada nas conversas que ele teve com Einstein."

Tomás esboçou uma expressão interrogativa.

"Então qual foi a pista dada por Einstein?"

Luís Rocha retirou o elástico que prendia a pasta e abriu-a, revelando uma resma de documentos e anotações, a maior parte cheia de equações estranhas, incompreensíveis para um leigo. O físico folheou as anotações até detectar uma página em particular.

"Cá está", disse. "Foi esta."

Tomás inclinou-se sobre a anotação.

"O que é isso?"

"É uma frase muito conhecida de Einstein", explicou Luís Rocha. "Disse ele: «o que realmente me interessa é saber se Deus poderia ter feito o mundo de uma maneira diferente, ou seja, se a necessidade de simplicidade lógica deixa alguma liberdade»."

"Isso é uma pista?"

"Sim. O professor Siza sempre encarou esta frase como a pista para a segunda via e, se formos a ver bem, é fácil perceber porquê. O que Einstein está aqui a colocar é a questão da inevitabilidade de o universo ser como é e a questão do determinismo.

Ou seja, e esta é a pergunta essencial: se as condições de partida fossem diferentes, quão diferente seria o universo?"

"Hmm."

"Claro que, naquele tempo, esta era uma questão incrivelmente difícil de responder. Faltavam ainda os modelos matemáticos para lidar com ela, por exemplo. Mas, uma década depois, com o aparecimento da Teoria do Caos, tudo mudou. A Teoria do Caos veio fornecer instrumentos matemáticos muito precisos para lidar com o problema da alteração das condições iniciais de um sistema."

"Não estou a perceber", disse Tomás. "O que entende por condições iniciais?"

"A expressão condições iniciais refere-se ao que aconteceu nos primeiros instantes de criação do universo com a distribuição da energia e da matéria. Mas é preciso também considerar as leis do universo, a organização das diversas forças, os valores das constantes da natureza, tudo, tudo. Olhe, por exemplo, veja o caso das constantes da natureza. Não lhe parece que elas são um elemento crucial neste cálculo?"

"As constantes da natureza?"

"Sim." Franziu o sobrolho, estranhando a pergunta. "Presumo que saiba do que se trata, não?"

"Uh... não."

"Ah, perdão, por vezes esqueço-me de que estou a falar com um leigo", exclamou o físico, levantando a mão a pedir desculpa. "Bem, as constantes da natureza são quantidades que desempenham um papel fundamental no comportamento da matéria e que, em princípio, apresentam o mesmo valor em qualquer parte do universo e em qualquer momento da sua história. Por exemplo, um átomo de hidrogênio é igual na Terra ou numa longínqua galáxia. Mas, mais do que isso, as constantes da natureza são uma série de valores misteriosos que se encontram na raiz do universo e que lhe conferem muitas das suas atuais características, constituindo uma espécie de código que encerra os segredos da existência."

Tomás contraiu o rosto num esgar intrigado.

"Ah, sim? Nunca tinha ouvido falar nisso..."

"Acredito", assentiu Luís Rocha. "Há muita coisa que os cientistas descobriram e que as pessoas comuns pura e simplesmente não conhecem. E, no entanto, estas constantes são algo de fundamental, elas constituem uma misteriosa propriedade do universo e condicionam tudo o que nos rodeia. Descobriu-se que o tamanho e a estrutura dos átomos, das moléculas, das pessoas, dos planetas e das estrelas não resultam de um acaso nem de um processo de seleção, mas dos valores destas constantes. Assim sendo, a questão que o professor Siza colocou foi muito simples: e se os valores das constantes da natureza fossem ligeiramente diferentes?"

"Como assim, diferentes?"

"Olhe, a força da gravidade ser ligeiramente mais fraca ou mais forte do que é, a luz apresentar uma velocidade no vácuo um pouco maior ou um pouco menor do que a que tem, a constante de Planck que determina a mais pequena unidade de energia possuir um valor marginalmente diferente... enfim, esse tipo de coisas. O que aconteceria se ocorressem pequenas alterações nestes valores?"

Fez-se silêncio.

"O que descobriu ele?", perguntou Tomás, mal contendo a curiosidade.

Luís Rocha inclinou a cabeça.

"Não sei se se lembra, mas quando o senhor esteve na minha primeira aula, aqui há algumas semanas, eu falei no problema do Ômega. Recorda-se disso?"

"Claro."

"O que reteve do que eu disse?"

"Bem... uh... disse que havia dois fins possíveis para o universo. Ou o universo parava a expansão e se retraía, acabando esmagado..."

"O Big Crunch..."

"... ou se expandia infinitamente até se acabar toda a sua energia e transformar-se num cemitério gelado."

"O Big Freeze. E o que provocava isso, lembra-se?"

"Acho que... acho que era a gravidade, não era?"

"Exato", exclamou o físico, fazendo sinal de aprovação. "Vejo que percebeu o que eu disse na aula. Se a velocidade de expansão conseguir vencer a força da gravidade, o universo expandir-se-á eternamente. Se não conseguir, regressará ao ponto de partida, um pouco como uma moeda que se atira para o ar e que acaba por voltar para baixo. Enquanto sobe, a moeda está a vencer a gravidade. Mas, depois, a gravidade acaba por vencê-la."

"É isso, lembro-me desse exemplo."

Luís Rocha ergueu um dedo.

"Só que eu não disse tudo. Existe uma terceira hipótese, que é a da força da expansão ser exatamente igual à força da gravidade de toda a matéria existente. A hipótese de isso acontecer é ínfima, claro, pois seria uma extraordinária coincidência que, considerando os enormes valores que estão em causa, a expansão do universo fosse exatamente contrariada pela gravidade exercida por toda a matéria, não acha?"

"Bem... sim, acho que sim."

"E, no entanto, é isso o que nos diz a observação. O universo está a expandir-se a uma velocidade incrivelmente próxima da linha crítica que separa o universo do Big Freeze do universo do Big Crunch. Já se descobriu que a expansão está em aceleração, o que sugere um futuro de Big Freeze, mas isso não é, nem por sombras, certo. A verdade é que, por incrível que pareça, encontramo-nos na linha divisória entre as duas possibilidades."

"Ah é?"

"É estranho, não lhe parece? E o fato é que isso, meu caro, significa que nos saiu a sorte grande."

"Como assim?"

"É muito simples. Imagine só a descomunal energia libertada no momento da criação do universo. Acha que é possível controlar toda essa gigantesca erupção?"

"Claro que não."

"É evidente que não. Considerando a força bruta do Big Bang, é muito natural que a expansão não possa ser controlada, não é? Essa expansão deveria ou não levar de vencida a força de gravidade de toda a matéria. É infinitamente improvável que a expansão e a gravidade estejam equilibradas. E, no entanto, ambas parecem estar muito próximas de se encontrarem equilibradas, se é que não estão mesmo equilibradas. Isto, meu caro, é o jackpot da lotaria. Repare, sendo o Big Bang um

acontecimento acidental e descontrolado, a probabilidade de o universo permanecer para sempre num estado caótico, de máxima entropia, seria colossalmente esmagadora. O fato de haver estruturas de baixa entropia é um mistério muito grande, tão grande que alguns físicos dizem tratar-se de um incrível acaso. Se toda a energia libertada pelo Big Bang fosse uma pequeníssima fração mais fraca, a matéria voltaria para trás e esmagar-se-ia num gigantesco buraco negro. Se fosse marginalmente mais forte, a matéria dispersar-se-ia tão depressa que as galáxias nem sequer se chegariam a formar."

"Quando fala numa fração mais fraca ou mais forte, está a falar em quê? Numa diferença de cinco por cento? De dez por cento?"

Luís Rocha riu-se.

"Não", disse. "Estou a falar em frações inacreditavelmente pequenas, trilionesimais." Luís Rocha pegou numa caneta de feltro. "Olhe, o professor Siza fez as contas e descobriu que, para que o universo pudesse expandir-se de modo ordeiro, essa energia teria de ter uma precisão na ordem de um para 10120. Ou seja..."

Colocou a língua no canto da boca e redigiu o valor.

1000000000000000000000000000000000000000000000000000000000
00000000000000000000000000000000000000000000000000000000000000
0

O físico mordiscou caneta, mirando este vasto número.

"Quer isto dizer que bastava a afinação ter falhado um bocadinho de nada e o universo não teria a possibilidade de albergar vida. Recuaria para um monumental buraco negro ou dispersar-se-ia sem formar galáxias."

Tomás contemplou aquela enorme extensão de zeros, tentando digerir o seu significado.

"Incrível!" Os olhos voltaram a desfilar por aquela sucessão de algarismos redondos. "Isto equivale a quê? À hipótese de eu ganhar hoje a lotaria?"

Luís Rocha voltou a rir-se.

"Muito menos do que isso", disse. "Olhe, isto equivale à hipótese que você tem de atirar uma seta ao acaso para o espaço e ela atravessar todo o cosmos e ir atingir um alvo com um milímetro de diâmetro localizado na galáxia mais próxima."

"Caramba!", exclamou Tomás, pondo a mão diante da boca. "Isso seria uma sorte inacreditável..."

"Pois seria", concordou o físico. "E, no entanto, a energia do Big Bang tinha este valor tão incrivelmente preciso, situado neste intervalo tão espantosamente estreito. O mais extraordinário é que foi, de fato, libertada a energia rigorosamente necessária para que o universo se pudesse organizar. Isto é, nem mais nem menos a energia estritamente imprescindível para tal." Folheou mais umas páginas. "Esta surpreendente descoberta levou o professor Siza a embrenhar-se no estudo das condições iniciais do universo."

"O Big Bang?"

"Sim, o Big Bang e o que se lhe seguiu." Pegou nas anotações e folheou-as, até parar numa página. "Por exemplo, a questão da criação da matéria. Quando ocorreu a grande expansão criadora, não havia matéria. A temperatura era imensamente

elevada, tão elevada que nem os átomos se conseguiam formar. O universo era então uma sopa escaldante de partículas e antipartículas, criadas a partir da energia e sempre a aniquilarem-se umas às outras. Essas partículas, os quarks e os antiquarks, são idênticas umas às outras, mas com cargas opostas, e, quando se tocam, explodem e voltam a ser energia. À medida que o universo se ia expandindo, a temperatura ia baixando e os quarks e antiquarks foram formando partículas maiores, chamadas hadrões, mas sempre a aniquilarem-se umas às outras. Criou-se assim a matéria e a antimatéria. Como as quantidades de matéria e de antimatéria eram iguais e ambas se aniquilavam mutuamente, o universo apresentava-se constituído por energia e partículas de existência efêmera e não havia hipóteses de se formar matéria duradoura. Está a perceber?"

"Sim."

"O que se passou, no entanto, foi que, por uma razão muito misteriosa, a matéria começou a ser produzida numa quantidade minusculamente maior do que a antimatéria. Para cada dez mil milhões de antipartículas, produziam-se dez mil milhões e uma partículas."

Rabiscou a comparação com a caneta de feltro.

10 000 000 000	Antipartículas
10 000 000 001	Partículas

"Está a ver?", disse, exibindo a anotação. "Uma diferença mínima, quase insignificante, não é? Mas, olhe, foi suficiente para produzir a matéria. Isto é, dez mil milhões de partículas eram destruídas por dez mil milhões de antipartículas, mas sobrava sempre uma que não era destruída. Foi justamente essa partícula sobrevivente que, juntando-se a outras sobreviventes nas mesmas circunstâncias, formou a matéria." Bateu repetidamente com o dedo na anotação. "Ou seja, o professor Siza percebeu que, para a criação do universo, tinha ocorrido mais um acaso extraordinário. Se o número de partículas e antipartículas permanecesse exatamente igual, como parece natural, não haveria matéria." Sorriu. "Sem matéria, nós não estávamos aqui."

"Estou a perceber", murmurou Tomás, assombrado. "Isto é... é espantoso."

"Tudo graças a uma partícula extra." Localizou nova página. "Outra questão onde o universo requer uma incrível afinação é a sua homogeneidade. A distribuição da densidade da matéria é muito homogênea, mas não é totalmente homogênea. Quando ocorreu o Big Bang, as diferenças de densidade eram incrivelmente pequenas e foram sendo amplificadas ao longo do tempo pela instabilidade gravitacional da matéria. O que o professor Siza descobriu é que esta afinação foi outro inacreditável golpe de sorte. O grau de não uniformidade é extraordinariamente pequeno, na ordem de um para cem mil, exactamente o valor necessário para permitir a estruturação do universo. Nem mais, nem menos. Se fosse marginalmente maior, as galáxias depressa se transformariam em densos aglomerados e formavam-se buracos negros antes de estarem reunidas as condições para a vida. Por outro lado, se o grau de não uniformidade fosse marginalmente mais pequeno, a densidade da matéria seria demasiado fraca e as estrelas não se formariam." Abriu as mãos. "Ou seja, era preciso que a homogeneidade fosse exactamente esta para que a vida fosse possível. As possibilidades de assim ser eram minúsculas, mas ocorreram."

"Estou a ver."

"A própria existência das estrelas com uma estrutura semelhante à do Sol, adequada à vida, resulta de um novo golpe de sorte." Desenhou uma estrela numa folha limpa. "Repare, a estrutura de uma estrela depende de um equilíbrio delicado no seu interior. Se a irradiação de calor for demasiado forte, a estrela transforma-se numa gigante azul e se for demasiado fraca a estrela torna-se uma anã vermelha. Uma é excessivamente quente e outra excessivamente fria e ambas provavelmente não têm planetas. Mas a maior parte das estrelas, incluindo o Sol, situa-se entre estes dois extremos, e o que é extraordinário é que os valores para além desses extremos são altamente prováveis, mas não ocorreram. Em vez disso, a relação das forças e a relação das massas das partículas dispõem de um valor tal que parecem ter conspirado para que a generalidade das estrelas se situe no estreito espaço entre os dois extremos, assim possibilitando a existência e predominância de estrelas como o Sol. Altere-se marginalmente o valor da gravidade, da força eletromagnética ou da relação de massas entre o electrão e o protão e nada do que vemos no universo se torna possível."

"Incrível", comentou Tomás, abanando a cabeça. "Não fazia a mínima idéia disto."

Luís Rocha folheou de novo as anotações.

"Depois de analisar as condições iniciais do universo, o professor Siza dedicou a sua atenção às micropartículas." Parou noutra página cheia de equações. "Por exemplo, pôs-se a estudar duas importantes constantes da natureza, justamente esta proporção das massas dos electrões e protões, designada constante Beta, e a força de interacção electromagnética, designada constante da estrutura fina, ou Alfa, e alterou-lhes os valores, calculando as consequências de tal alteração. Sabe o que ele descobriu?"

"Diga."

"Faça-se um pequeno aumento de Beta e as estruturas moleculares ordenadas deixam de ser possíveis, uma vez que é o actual valor de Beta que determina as posições bem definidas e estáveis dos núcleos dos átomos e que obriga os electrões a moverem-se em posições bem precisas em torno desses núcleos. Se o valor de Beta for marginalmente diferente, os electrões começam a agitar-se de mais e impossibilitam a realização de processos muito precisos, como a reprodução do ADN. Por outro lado, é o actual valor de Beta que, em ligação com Alfa, torna o centro das estrelas suficientemente quentes para gerarem reacções nucleares. Se Beta exceder em 0,005 o valor do quadrado de Alfa, não haverá estrelas. Sem estrelas, não há Sol. Sem Sol, não há Terra nem vida."

"Mas as margens são assim tão estreitas?"

"Estreitíssimas. E isto não é tudo."

"Então?"

"Olhe, se Alfa aumentar em apenas quatro por cento, o carbono não poderá ser produzido nas estrelas. E se aumentar apenas 0,1, não haverá fusão nas estrelas. Sem carbono nem fusão estelar, não haverá vida. Ou seja, para que o universo possa gerar vida, é necessário que o valor da constante da estrutura fina seja exatamente o que é. Nem mais, nem menos."

O físico localizou uma nova folha dos apontamentos.

"Outra coisa que o professor Siza analisou foi a força nuclear forte, aquela que provoca as fusões nucleares nas estrelas e nas bombas de hidrogênio. Ele fez os cálculos e descobriu que, se se aumentar a força forte em apenas quatro por cento, isso faria com que, nas fases iniciais após o Big Bang, todo o hidrogénio do universo se queimasse rápido de mais, convertendo-se em hélio 2. Isso seria um desastre,

porque significaria que as estrelas esgotariam depressa o seu combustível e algumas se transformariam em buracos negros antes de existirem condições para a criação de vida. Por outro lado, se se reduzisse a força forte em dez por cento, isso afetaria o núcleo dos átomos de um modo tal que impediria a formação de elementos mais pesados do que o hidrogênio. Ora, sem elementos mais pesados, um

dos quais é o carbono, não há vida." Bateu com o indicador naquelas contas. "Ou seja, o professor Siza descobriu que o valor da força forte dispõe de apenas um pequeno intervalo para criar as condições para a vida e, veja só, como que por providencial milagre é justamente nesse estreitíssimo intervalo que a força forte se situa."

"E inacreditável", murmurou Tomás, acariciando distraidamente o queixo. "Inacreditável."

Mais páginas repletas de insondáveis equações.

"Aliás, a conversão do hidrogênio em hélio, crucial para a vida, é um processo que requer absoluta afinação. A transformação tem de obedecer a uma taxa exacta de sete milésimos da sua massa para energia. Se se baixar uma fracção, a transformação não ocorre e o universo só tem hidrogênio. Se se aumentar uma fração, o hidrogênio esgota-se rapidamente em todo o universo."

Escreveu os valores.

0,006% - só hidrogênio

0,008% - hidrogênio esgotado

"Ou seja, para que exista a vida é necessário que a taxa de conversão do hidrogênio em hélio se situe exatamente neste intervalo. E, olhe a coincidência: situa-se mesmo!"

"Puxa! Mais uma sorte grande..."

"Sorte grande?", riu-se o físico. "Isto não é sorte grande. Isto é o jackpot dos jackpots!" Folheou as anotações. "Agora repare no carbono. Por diversas razões, o carbono é o elemento no qual assenta a vida. Sem carbono, a vida complexa espontânea não é possível, uma vez que só este elemento dispõe de flexibilidade para formar as longas e complexas cadeias necessárias para os processos vitais. Nenhum outro elemento é capaz de o fazer. O problema é que a formação do carbono só é possível devido a um conjunto de circunstâncias extraordinárias." Esfregou o queixo, concentrado na forma como iria explicar o processo. "Para formar o carbono, é preciso que o berílio radioativo absorva um núcleo de hélio. Parece simples, não é? O problema é que o tempo de vida do berílio radioactivo se limita a uma insignificante fracção de segundo." Gatafunhou o valor.

"Está a ver? O berílio radioativo só dura este instante." Tomás tentou avaliar quanto tempo seria aquele micronésimo de segundo.

"Mas isto não é nada", observou. "Nada de nada."

"Pois é", concordou o físico. "E, no entanto, é justamente neste período incrivelmente curto que o núcleo do berílio radioativo tem de localizar, colidir e absorver um núcleo de hélio, criando assim o carbono. A única forma de isto ser possível num instante tão efêmero é o das energias destes núcleos serem exatamente

iguais no momento em que colidem. E, nova surpresa, são mesmo iguais!" Piscou o olho. "Hã? Grande sorte! Se houvesse uma discrepância ligeiríssima, mínima que fosse, não se poderia formar carbono. Mas, por extraordinário que pareça, não existe qualquer discrepância. Graças a um brutal golpe de sorte, a energia dos constituintes nucleares das estrelas situa-se exatamente no ponto adequado, permitindo a fusão." "É incrível", comentou Tomás.

"Mas olhe que houve ainda outro espantoso golpe de sorte", adiantou Luís Rocha. "É que o tempo de colisão do hélio é ainda mais efémero do que o curtíssimo tempo de vida do berílio radioactivo, e isso permite a reacção nuclear que produz o carbono. Para além do mais, há o problema do carbono sobreviver à subsequente actividade nuclear dentro da estrela, o que só é possível em condições muito especiais. E, veja só!, graças a uma nova e extraordinária coincidência, essas condições reuniram-se e o carbono não se transforma em oxigênio." Sorriu. "Admito que, para um leigo, isto pareça chinês. Mas garanto-lhe que um físico achará que tudo isto é uma sorte absolutamente inacreditável. São quatro jackpots numa única chave!"

"Caramba", riu-se Tomás. "Vamos ficar milionários!"

Luís Rocha pegou na resma de folhas repletas de anotações e contas e exibiu-as ao seu interlocutor.

"Está a ver isto? Está tudo cheio de descobertas do gênero. Eu e o professor Siza passamos os últimos anos a detectar e a coleccionar coincidências improváveis que são absolutamente imprescindíveis para que haja vida. A incrível afinação requerida nas diversas forças, na temperatura do universo primordial, na sua taxa de expansão, mas também as extraordinárias coincidências necessárias no nosso próprio planeta. Por exemplo, o problema da inclinação do eixo de um planeta. Devido às ressonâncias entre a rotação dos planetas e o conjunto dos corpos do sistema solar, a Terra deveria ter uma evolução caótica na inclinação do seu eixo de rotação, o que, como é óbvio, impediria a existência de vida. Um hemisfério poderia passar seis meses a tostar ao Sol, sem nenhuma noite, e outros seis meses a gelar à luz das estrelas. Mas o nosso planeta teve uma sorte inacreditável. Sabe qual foi?"

"Não."

"O aparecimento da Lua. A Lua é um objeto tão grande que os seus efeitos gravitacionais moderaram o ângulo de inclinação do nosso planeta, assim viabilizando a vida."

"Caramba, até a Lua!"

"É verdade", concordou o físico. "Sabe, todos os pormenores parecem conspirar para viabilizar a vida na Terra. Olhe, o fato de a Terra possuir níquel e ferro líquido em quantidade suficiente no núcleo para gerar um campo magnético imprescindível para defender a atmosfera das letais partículas emitidas pelo Sol. Isso é uma sorte. Outra extraordinária coincidência é o fato de o carbono ser o elemento sólido mais abundante no espaço térmico em que a água é líquida. A própria órbita da Terra é crucial. Cinco por cento mais próxima do Sol ou quinze por cento mais afastada bastaria para impossibilitar o desenvolvimento de formas complexas de vida." Voltou a colocar a resma dentro da pasta. "Enfim, a lista de coincidências e improbabilidades é aparentemente infindável."

Tomás remexeu-se na sua cadeira.

"Estou a perceber", disse, ainda tentando extrair um significado de toda aquela informação. "Mas o que quer dizer tudo isto?"

"Não é óbvio?", admirou-se o físico. "Isto quer dizer que não foi apenas a vida que se adaptou ao universo. O próprio universo preparou-se para a vida. De certo modo, é

como se o universo sempre soubesse que nós vínhamos aí. A nossa mera existência parece depender de uma extraordinária e misteriosa cadeia de coincidências e improbabilidades. As propriedades do universo, tal como estão configuradas, são requisitos imprescindíveis para a existência de vida.

Essas propriedades poderiam ser infinitamente diferentes. Todas as alternativas conduziriam a um universo sem vida. Para haver vida, um grande número de parâmetros teria de estar afinado para um valor muito específico e rigoroso. E o que descobrimos nós? Essa afinação existe." Fechou a pasta. "Chama-se a isto Princípio Antrópico."

"Como?"

"Princípio Antrópico", repetiu o físico. "O Princípio Antrópico significa que o universo está concebido de propósito para criar vida."

Tomás abriu a boca.

"Estou a entender."

"Essa é a única explicação para o inacreditável rol de coincidências e improbabilidades que nos permitem estar aqui."

O historiador coçou a cara, pensativo.

"Isto é realmente esmagador", admitiu. "Mas pode ser tudo fruto do acaso, não pode? Quer dizer, é altamente improvável que eu ganhe a loteria, claro. Mas, afinal de contas, a loteria tem de sair a alguém, não tem? A lei das probabilidades diz que sim. É evidente que, na perspectiva da pessoa a quem sai a loteria, tudo isto parece altamente improvável. O fato, porém, é que alguém tinha de ganhar a loteria."

"É verdade", concordou Luís Rocha. "Só que, neste caso, estamos a falar em múltiplas loterias. Repare, saiu-nos a sorte grande quanto à afinação da expansão do universo, quanto à afinação da temperatura primordial, quanto à afinação da homogeneidade da matéria, quanto à ligeiríssima vantagem da matéria sobre a antimatéria, quanto à afinação da constante da estrutura fina, quanto à afinação dos valores das forças forte, electrofraca e da gravidade, quanto à afinação da taxa de conversão do hidrogênio em hélio, quanto ao delicado processo de formação do carbono, quanto à existência no núcleo da Terra dos metais que criam o campo magnético, quanto à órbita do planeta... enfim, quanto a tudo. Bastava os valores serem marginalmente diferentes num único destes fatores e, puf!, não havia vida. Mas não, eles coincidem todos. É extraordinário, não acha?" Fez um gesto vago com a mão. "Olhe, é um pouco como se eu fosse dar uma volta ao mundo e comprasse um bilhete da lotaria em cada país por onde passasse. Quando mais tarde chegasse a casa, descobria que me tinha saído a sorte grande em todos os bilhetes que comprei. Todos!" Riu-se. "É evidente que poderia ter uma sorte fantástica e sair-me a loteria num desses países. Já seria absolutamente extraordinário, no entanto, se me saísse a lotaria em dois países. Mas, se me saísse a loteria em todos os países, alto lá! Logo se desconfiava, não é? Não é preciso ser-se um grande gênio para perceber que teria de haver algo de anormal a acontecer... uma marosca, sei lá. Com toda a certeza estava aqui montado um esquema qualquer, não acha? Pois foi isso justamente o que aconteceu à vida. Saiu-lhe a sorte grande em todos os parâmetros. Todos!" Ergueu um dedo. "Portanto, só há uma conclusão a tirar: está aqui montado um esquema qualquer. Há marosca no ar."

"Pois, realmente... uh... parece de fato um pouco inexplicável toda esta sorte. Quando a esmola é grande, o pobre desconfia, não é?"

Luís Rocha inclinou-se na cadeira.

"O que eu lhe quero dizer, professor Noronha, é que, quanto mais observamos e analisamos o universo, mais concluímos que ele revela as duas características fundamentais inerentes à ação de uma força inteligente e consciente." Ergueu o polegar esquerdo. "Uma é a inteligência com que tudo está concebido." Acrescentou o indicador esquerdo. "Outra é a intenção de planear as coisas para criar vida. O Princípio Antrópico revela-nos que há intenção na concepção da vida. A vida não é um acidente, não é fruto do acaso, não é o produto fortuito de circunstâncias anormais. É o resultado inevitável da mera aplicação das leis da física e dos misteriosos valores das suas constantes." Fez uma pausa, aumentando o efeito dramático das suas palavras. "O universo está concebido para criar vida."

As palavras ressoaram pela Biblioteca Joanina, desfazendo-se no silêncio como uma nuvem no céu.

"Estou a ver", murmurou Tomás. "É espantoso. O que esta segunda via revela é... é assombroso, no mínimo."

"Sim", concordou Luís Rocha. "A descoberta do Princípio Antrópico constitui a segunda via da confirmação da existência de Deus." Voltou atrás na resma, localizando uma folha que já consultara. "Lembra-se da pista lançada por Einstein?"

"Sim."

O físico leu as anotações nessa folha.

"Einstein disse, e passo a citar: «o que realmente me interessa é saber se Deus poderia ter feito o mundo de uma maneira diferente, ou seja, se a necessidade de simplicidade lógica deixa alguma liberdade»." Fitou Tomás. "Sabe qual é a resposta a esta questão?"

"A luz do que me disse, só pode ser não."

"Nem mais. A resposta é não." Luís Rocha abanou a cabeça. "Não, Deus não poderia ter feito o mundo de maneira diferente." Franziu o sobrolho e esboçou um sorriso leve, quase malicioso. "Mas há mais uma coisa que ainda não lhe disse."

"Mais uma? O quê?"

"Como é evidente, o Princípio Antrópico constitui um poderosíssimo indício da existência de Deus. Quer dizer, se tudo está assim tão inacreditavelmente afinado para possibilitar a existência de vida, então é porque o universo foi, de facto, concebido para a criar, não é? Mas mantém-se uma dúvida residual. Ela é muito pequena, absolutamente ínfima, mas permanece lá, como um espinho cravado no pé, um incômodo escolho que nos impede de ter a certeza absoluta." Baixou a voz, quase falando num sussurro. "E se tudo não passar de um monumental acaso? E se estas circunstâncias todas resultarem de um extraordinário jogo fortuito de espantosas coincidências? Ganhamos múltiplas loterias cósmicas, é certo e incontestável, mas, por muito improvável que isso nos pareça, há sempre a minúscula possibilidade de ter sido tudo um gigantesco acidente, não há?"

"Sim, claro", concordou Tomás. "Essa possibilidade existe."

"E, enquanto essa vaga possibilidade existir, não se pode dizer com toda a segurança que o Princípio Antrópico seja a prova final, pois não? É um poderoso indício, é verdade, mas não é ainda a prova."

"Pois. De fato, não é ainda a prova, não."

"Esta remota possibilidade de ser tudo um monumental acidente andou muito tempo a perturbar o professor Siza. Ele achava que esta desconfortável situação, esta maçadora incerteza marginal, fazia parte das habituais sutilezas de Deus, já descritas

por Einstein. Isto é, tal como os teoremas da Incompletude mostram que não se pode provar a coerência de um sistema matemático, embora as suas afirmações não demonstráveis sejam verdadeiras, esta longínqua possibilidade impedia que ficasse provada, para além de qualquer dúvida, a existência de uma força inteligente e consciente por detrás da arquitectura do universo. Parecia ao professor Siza que Deus se voltava a esconder por entre o jogo de espelhos de uma derradeira subtileza, subtraindo a prova justamente quando estávamos prestes a tocá-la."

"Compreendo."

"Até que, no início deste ano, o professor Siza teve uma epifania."

"Perdão?"

"Fez-se-lhe luz."

"Como assim, fez-se-lhe luz?"

"O professor Siza estava um dia no seu gabinete a calcular o comportamento caótico dos electrões num campo magnético quando, de repente, teve a idéia que, de uma assentada, resolvia a derradeira incerteza e transformava o Princípio Antrópico, não apenas num poderoso indício da existência de Deus, mas na prova final."

Tomás voltou a remexer-se na cadeira. Inclinou-se um tudo-nada para a frente e estreitou os olhos.

"A prova final? Ele conseguiu a prova final?"

Luís Rocha manteve o sorriso suave.

"A prova final radica no problema do determinismo."

"Não entendo."

"Como já lhe disse, Kant escreveu certa vez que há três questões que nunca serão resolvidas: a existência de Deus, a imortalidade e a livre vontade. O professor Siza, no entanto, acreditava que estas questões, para além de serem resolúveis, estavam ligadas entre si." Pigarreou. "O problema da livre vontade é o de saber até que ponto nós somos livres nas nossas decisões. Durante muito tempo pensou-se que éramos, mas as descobertas científicas foram gradualmente limitando o campo da nossa liberdade. Foi-se descobrindo que as nossas decisões, embora pareçam livres, são na verdade condicionadas por um sem-número de fatores. Por exemplo, se eu decido comer, essa decisão foi realmente tomada pela minha consciência ou por uma necessidade biológica do meu corpo? A pouco e pouco começou a perceber-se que as nossas decisões não são verdadeiramente nossas. Tudo o que fazemos corresponde ao que nos impõem as nossas características intrínsecas, como o ADN, a biologia e a química do nosso corpo, para além de outros factores, em interacção dinâmica e complexa com fatores exteriores, como a cultura, a ideologia e todos os múltiplos acontecimentos que ocorrem na nossa vida. Por exemplo, descobriu-se que há pessoas que são tristes, não porque a sua vida seja triste, mas pela simples razão de que o seu corpo não produz seretonina, uma substância que regula o humor. Assim sendo, muitas das ações dessas pessoas deprimidas têm origem nessa sua insuficiência química e não no livre-arbítrio. Está a perceber?"

"Estar, estou", disse Tomás, hesitante. "O meu pai já me tinha falado nisso e confesso que continua a parecer-me um pouco chocante."

"O quê?"

"Essa idéia de que não dispomos de livre vontade, de que o livre-arbítrio não passa de uma

ilusão. Parece que não passamos de uns meros robôs..."

"Talvez, admito que sim", concordou Luís Rocha. "Mas olhe que é o que a ciência de certo modo concluiu. Repare, a matemática é determinista. Dois e dois são sempre quatro. A física é a aplicação da matemática no universo, com a matéria e a energia a obedecerem a leis e forças universais. Quando um planeta gira à volta do Sol ou um electrão à volta do núcleo do átomo, isso não acontece porque lhes apetece, mas porque a isso as leis da física os obrigam. Está claro?"

"Sim, tudo isso é evidente."

"Agora repare. A matéria tende a organizar-se espontaneamente, em obediência às leis do universo. Essa organização implica uma complexificação, não é? Ora, a partir de um determinado limiar em que os átomos se organizam em elementos, o seu estudo deixa de pertencer ao campo da física e transfere-se para a química. Ou seja, a química é a física complexificada. Quando os químicos se começam a complexificar ainda mais, nascem os seres vivos, que se caracterizam pela sua capacidade de se reproduzirem e pelo seu comportamento teleológico, isto é, por agirem em função de um objetivo: a sobrevivência. O que eu quero dizer com isto é que a biologia é a química complexificada. Quando a biologia se torna muito complexa, emerge a inteligência e a consciência, cujos comportamentos, por vezes, parecem bizarros, não obedecendo aparentemente a nenhuma lei. Mas os psicólogos e os psiquiatras já demonstraram que todos os comportamentos têm uma razão de ser, não ocorrem espontaneamente nem por obra e graça do Espírito Santo. Podemos não nos aperceber das suas causas, mas elas existem. Há até experiências documentadas que mostram que o cérebro toma uma decisão de actuar antes de a consciência se aperceber disso. O cérebro toma a decisão e depois informa a consciência dessa decisão, mas isso é feito com tal sutileza que a consciência passa a acreditar que foi ela que tomou a decisão. Isto significa que a psicologia é a biologia complexificada. Está a seguir o meu raciocínio?"

"Sim."

"Muito bem. O que eu estou a tentar dizer com isto tudo é que, quando se procura a raiz mais simples das coisas, verifica-se que a consciência tem por base a biologia, que tem por base a química, que tem por base a física, que tem por base a matemática. Ora, lembro-lhe mais uma vez que um electrão não vira para a direita ou para a esquerda porque lhe apetece, porque exibe livre vontade, mas porque a isso as leis da física o compelem. O comportamento do electrão pode ser indeterminável, devido à sua extrema complexidade caótica, mas está determinado." Pôs a mão no peito. "Como nós somos todos feitos de átomos, organizados de uma forma extraordinariamente complexa pelas leis da física, o nosso comportamento é também determinista. Mas, tal como o electrão, o nosso comportamento é igualmente indeterminável, uma vez que resulta de uma inerente complexidade caótica. Um pouco como o estado do tempo. A meteorologia está determinada mas é indeterminável, devido à complexidade dos factores e ao problema do infinito, e pequenas alterações nas condições iniciais provocam resultados imprevisíveis a prazo. É a velha história do bater de asas de uma borboleta que pode provocar uma tempestade no outro lado do planeta daqui a um tempo. Também os psiquiatras dizem que um acontecimento na infância pode condicionar o comportamento de um indivíduo na idade adulta, não é? E o que é isso senão o efeito borboleta aplicado à escala humana?"

"Estou a perceber."

"O que eu quero com isto dizer é que, embora as nossas decisões pareçam livres, na verdade não são. Muito pelo contrário, todas elas são condicionadas por fatores de cuja influência não temos, na maior parte das vezes, a mínima noção."

"Mas isso é terrível", observou Tomás. "Significa que não somos donos de nós mesmos. Se já está tudo determinado, para que é que nos vamos preocupar em... uh, sei lá, em olhar para os dois lados quando atravessamos uma rua?"

"Você está a confundir determinismo com fatalismo."

"Mas, se formos a ver bem, não são os dois a mesma coisa?"

"Não, não são. De um ponto de vista macrocósmico, tudo está determinado. Mas, do ponto de vista do microcosmos de cada pessoa, nada parece determinado porque ninguém sabe o que vai acontecer a seguir. Há muitos fatores externos que nos obrigam a tomar decisões. Por exemplo, se começa a chover, decidimos abrir o guarda-chuva. Essa decisão foi nossa, embora já estivesse determinada porque, ainda que não o soubéssemos, as leis da física conspiraram para que fosse chover naquele instante e o software incorporado na nossa mente determinou que o guarda-chuva era a resposta adequada àquela situação exterior. Está a perceber? A livre vontade é um conceito do presente. Mas o fato é que não temos possibilidade de alterar o que fizemos no passado, pois não? Está feito. Isso significa que o passado se encontra determinado. Ora, se passado e futuro existem ambos, embora em planos diferentes, o futuro também está determinado."

"O problema mantém-se", insistiu Tomás. "Não passamos de marionetes."

"Não pense assim", disse o físico. "Pense num jogo de futebol."

"Num jogo de futebol?"

"Imagine que você tem gravado o Itália-França da Final do Mundial 2006. Quando o jogo decorre, os jogadores estão a tomar decisões livres, não estão? Pegam na bola e atiram-na para um lado ou para o outro. Só que, ao ver a gravação, sabemos que tudo está determinado. O jogo vai acabar 1-1 e a Itália vai ganhar nos penaltis. Façam os jogadores o que fizerem naquela gravação, o resultado está determinado, nunca o conseguirão alterar. No final do DVD, a Itália ganha. Mais do que isso, todas as ações dos jogadores, que são livres naquele momento, estão já determinadas. Até a cabeçada do Zidane no Materazzi." Sorriu. "Pois a vida é como um jogo gravado. Tomamos decisões livres, mas elas já estão determinadas."

"Estou a perceber, mas isso não me consola", insistiu Tomás. "Feitas as contas, tal significa na mesma que não somos donos de nós próprios."

Luís Rocha manteve os olhos cravados no seu interlocutor.

"Tal significa algo de muito mais importante do que isso, meu caro", sentenciou. "Muito mais."

"Muito mais importante?", admirou-se o historiador. "Em que sentido?"

O físico deixou passar um instante enquanto considerava a melhor maneira de prosseguir a sua explicação.

"Lembra-se do Demônio de Laplace?"

"Uh... mais ou menos."

"Como sabe, a ciência descobriu que todos os acontecimentos têm causas e efeitos, sendo que as causas já são efeitos de um acontecimento anterior e os efeitos se tornam causas de acontecimentos seguintes. Tem isto presente, não tem?"

"Claro."

"Levando às últimas consequências o incessante processo das causas e efeitos, o marquês de Laplace determinou, no século XVIII, que o atual estado do universo é

efeito do seu estado anterior e causa daquele que se lhe seguirá. Se conhecermos todo o estado presente de toda a matéria, energia e leis, até ao mais ínfimo pormenor, conseguiremos calcular todo o passado e todo o futuro. Para recorrer à expressão utilizada pelo próprio Laplace, o futuro e o passado estariam nesse caso presentes aos nossos olhos." Apontou para Tomás. "E agora pergunto eu: qual a consequência desta constatação?"

O historiador suspirou.

"Está tudo determinado."

"Bingo!", exclamou Luís Rocha. "Está tudo determinado. De um certo modo, o passado e o futuro existem. Ora, da mesma maneira que não podemos alterar o passado, também não podemos alterar o futuro, uma vez que ambos são a mesma coisa em tempos diferentes. Isto quer dizer que, se o passado está determinado, então o futuro também está determinado. Percebe? Aliás, esta descoberta foi confirmada pelas teorias da Relatividade, cujas equações são deterministas e estabelecem implicitamente que tudo o que aconteceu e acontecerá se encontra inscrito em toda a informação inicial do universo. Lembre-se que espaço e tempo são diferentes manifestações de uma mesma unidade, um pouco como o yin eo yang, de tal modo que Einstein concebeu o conceito de espaço-tempo. Assim, do mesmo modo que Lisboa e Nova Iorque existem, mas não no mesmo espaço, o passado e o futuro existem, mas não no mesmo tempo. De Lisboa não consigo ver Nova Iorque, da mesma maneira que do passado não consigo ver o futuro, embora ambos existam."

"Hmm-hmm."

"As teorias da Relatividade mostraram, por outro lado, que o tempo decorre de modo diferente em diversos sítios do universo, condicionado pela velocidade da matéria e pela força da gravidade. Os acontecimentos A e B ocorrem em simultâneo num ponto do universo e decorrem desfasadamente noutros lugares, num ponto primeiro o A e depois o B, enquanto num terceiro ponto ocorre primeiro o B e depois o A. Isto quer dizer que, num ponto do universo, o B ainda não ocorreu, mas vai ocorrer. Aconteça o que acontecer, vai ocorrer porque isso está determinado." Inclinou a cabeça, sempre de olhos fixos em Tomás. "E, pergunto-lhe eu agora, quando é que tudo foi determinado?"

"Quando?"

"Sim, quando?"

"Uh... sei lá! No início, suponho eu."

"Nem mais", exclamou Luís Rocha. "Tudo foi determinado no início, no instante em que o universo se formou. A energia e a matéria foram distribuídas de determinada forma e as leis e os valores das constantes foram concebidos de determinada maneira, e isso determinou logo ali a história que toda aquela matéria e energia teriam daí para a frente. Está a perceber?"

"Sim..."

"E não está a ver a relação que tudo isso tem com o Princípio Antrópico?"

Tomás hesitou, procurando a ligação entre as duas coisas. Mas a hesitação durou apenas um breve instante, o momento de inspirar e expirar, porque logo arregalou os olhos e, afogueado, estarrecido, viu enfim a prova completar-se.

"Uh... caramba", balbuciou, na atrapalhação embasbacada de quem vê a verdade emergir como uma luz que encadeia. "Isto... uh... isto é... é incrível."

"O que eu quero dizer é que o fato de estar tudo determinado significa que tudo o que aconteceu, acontece e acontecerá está previsto desde o nascer do tempo. Mesmo esta nossa conversa já estava prevista. É como se nós fôssemos actores num palco colossal, cada um a interpretar o seu papel, em obediência a um monumental guião escrito por um argumentista invisível quando o universo começou." Deixou a ideia assentar. "Está tudo determinado."

"Meu Deus..."

"E é este o argumento que faltava e que, aos olhos do professor Siza, veio transformar o Princípio Antrópico em prova da existência de Deus. O universo foi concebido com um engenho tal que denuncia inteligência e com uma afinação tal que denuncia um propósito. A nossa existência não tem a mínima hipótese de ser acidental pelo simples facto de que tudo está determinado desde o início."

XL

Abandonaram a Biblioteca Joanina lado a lado. A noite caíra sobre Coimbra e uma aragem fresca soprava baixo pelo quase deserto Pátio das Escolas. Tomás estacou num degrau e olhou para o relógio da torre; eram já nove da noite. Havia muito tempo que não comia, mas a angústia de saber que só dispunha de mais onze horas para resolver o enigma roubava-lhe o apetite. É certo que Luís Rocha já lhe desvendara uma significativa parte do mistério, mas faltava-lhe o derradeiro pormenor. A cifra que continha a fórmula de Deus.

"Diga-me uma coisa", murmurou Tomás. "Não faz idéia do que consiste a última mensagem cifrada por Einstein, pois não?"

O físico olhou-o de modo estranho.

"Venha comigo", disse, fazendo um gesto com a mão para o seguir.

Luís Rocha desceu os degraus e virou à esquerda, com Tomás no encalço. Caminharam até à porta seguinte, no edifício situado ao lado da biblioteca. O historiador cruzou o magnífico portal que decorava a porta e, quase sem querer, decerto por deformação de historiador, identificou-lhe logo o estilo manuelino.

"Isto é uma igreja?", interrogou-se.

"É a Capela de São Miguel", revelou o seu anfitrião, arrastando-o para o interior. "Começou a ser erguida no século XVI."

As paredes apresentavam-se cobertas de azulejos azulados e o teto mostrava-se ricamente ornamentado com as armas de Portugal, mas o que dominava a capela era o soberbo órgão barroco incrustado na parede, à direita; tratava-se de um instrumento belíssimo, trabalhado ao pormenor, com anjos sentados no topo a soprar trompetes.

"Por que me trouxe aqui?", quis saber Tomás.

O físico sentou-se na ponta de um banco forrado a couro e sorriu.

"Não acha que faz sentido estarmos na casa de Deus quando estamos a falar de Deus?"

"Mas o Deus que você me apresentou não é o Deus da Bíblia", observou o historiador, fazendo um sinal com a cabeça para a imagem de Cristo crucificado sobre o altar.

"Eu apresentei-lhe Deus, meu caro", retorquiu Luís Rocha. "O resto são detalhes, não acha?"

"Se você o diz..."

"Uns chamam-lhe Deus, outros chamam-lhe Yeovah, outros Allah, outros Brahman, outros Dharmakaya, outros Tao." Colocou a palma da mão ao peito. "Nós, os cientistas, chamamos-lhe universo. Diferentes nomes, diferentes atributos, a mesma essência."

"Estou a ver", comentou o historiador. "Mas isso não resolve o meu problema, pois não?"

"Qual é o seu problema?"

"Em que consiste a última mensagem cifrada por Einstein?"

Luís Rocha deslizou na bancada e fez sinal a Tomás, que permanecia de pé, para se sentar ao seu lado. O historiador fez-lhe a vontade, apesar da angústia que lhe roía a paciência.

"Conhece as matriuskas?", perguntou o físico.

"Quem?"

"As matriuskas."

"São aquelas bonecas russas, não são?"

"Sim. Quando se abre uma, há sempre outra por dentro." Sorriu. "Tal como uma matriuska, a descoberta da segunda via resolveu um enigma, mas revelou um outro. Se Deus existe e concebeu o universo com uma afinação tal que determinou a nossa criação, tal parece indiciar que a nossa existência é o objetivo do universo, não é verdade?"

"É lógico."

"Mas isso não faz sentido, pois não?"

"Acha que não?", admirou-se Tomás. "Para mim faz todo o sentido."

"Faz sentido porque é uma constatação reconfortante", argumentou Luís Rocha. "Afinal de contas, a ciência sempre nos disse que nós não passávamos de uma insignificância à escala do universo, absolutamente irrelevantes na imensidão da existência, não é? Havia físicos que até defendiam que a vida pouco mais era do que uma farsa e que a nossa presença não possuía qualquer utilidade."

"Pelos vistos estavam enganados."

"Pois", assentiu Luís Rocha. "Considerando que o universo foi incrivelmente afinado para criar vida e que isso não é nenhum acidente porque está determinado desde o início do tempo, sim, tenho

de concordar que os meus colegas estavam enganados. E, no entanto, a questão mantém-se: não faz sentido que a nossa existência seja o objetivo do universo."

"Mas por que diz isso?"

"Pela simples razão de que nós aparecemos numa fase relativamente inicial da vida do universo. Se fôssemos o objetivo, apareceríamos no fim, não é? Mas não aparecemos. Aparecemos pouco depois do início. Porquê?"

"Será que Deus estava com pressa em criar-nos?"

"Mas para quê? Para que nos divertíssemos? Para que pudéssemos passar o tempo a ver televisão? Para tomarmos uns copos numa esplanada? Para andarmos

sempre a falar de futebol e de mulheres? Para elas andarem a ler revistas cor-de-rosa e a ver telenovelas? Para quê?"

Tomás encolheu os ombros.

"Sei lá", exclamou. "Mas qual é a relevância dessa questão?"

Luís Rocha cravou os seus olhos castanhos nos verdes de Tomás.

"Porque esta é a questão resolvida pela última mensagem de Einstein."

"Como?"

"A cifra inserida por Einstein em A Fórmula de Deus resolve o problema do propósito da nossa existência."

Tomás meteu a mão ao bolso e retirou o papelinho dobrado que o acompanhava sempre.

Desdobrou a folha e releu a mensagem cifrada.

See sign

!ya ovqo

"Isto?"

"Sim."

"Você está-me a dizer que esta charada resolve o enigma da nossa existência?"

"Sim. Ela revela o objetivo da existência da vida."

O historiador voltou a analisar a mensagem.

"Mas como sabe você isso?"

"Foi o professor Siza que me disse."

"O professor Siza conhecia o segredo?"

"O professor Siza conhecia a pista para o segredo. Ele disse-me que Einstein lhe revelou que esta mensagem cifrada continha o endgame do universo."

"O endgame?"

"É uma expressão muito popular na América. Significa o objetivo final de um jogo."

Tomás abanou a cabeça, tentando entender o que lhe era revelado.

"Desculpe, não estou a perceber", exclamou. "Onde está a tentar chegar?"

O físico fez um gesto largo.

"Olhe para tudo o que nos rodeia", disse. "Aqui neste planeta há vida em toda a parte. Nas planícies e nas montanhas, nos mares e nos rios, entre as pedras e até debaixo da terra. Para onde nos viremos, vemos vida. E, no entanto, sabemos que tudo isto é efêmero, não é?"

"Claro, todos morremos."

"Não é isso o que eu estou a dizer", corrigiu Luís Rocha. "Quando eu digo que é tudo efêmero, o que eu quero dizer é que tudo isto está condenado a desaparecer. O período em que a vida é possível no universo é muito limitado."

"O que quer dizer com isso?"

"O que eu quero dizer é que nada é eterno. O que eu quero dizer é que este período fértil em vida não passa de um pequeno episódio na história do universo."

"Um pequeno episódio? Não entendo..."

"Ouça, a vida na Terra depende da atividade do Sol, não é? Ora bem, o Sol não vai existir até à eternidade. Se fosse um homem, já teria mais de quarenta anos, o que significa que provavelmente já passou mais de metade da sua existência. Todos os dias a nossa estrela está a tornar-se mais luminosa, aquecendo gradualmente o planeta até acabar por destruir toda a biosfera, o que deverá acontecer dentro de mil milhões de anos. Como se isso não bastasse, daqui a quatro ou cinco mil milhões de anos todo o combustível que alimenta a atividade solar irá esgotar-se. O núcleo, num esforço desesperado para manter a produção de energia, deverá encolher-se até que os efeitos quânticos actuem para o estabilizar. Nessa altura, o Sol inchará tanto que se transformará numa estrela gigante vermelha, com a sua superfície a crescer até engolir os planetas interiores."

"Que horror!"

"Pois é", disse o físico. "Mas é melhor ir-se habituando à idéia. Isto vai ficar muito pouco agradável, sabe? A própria Terra acabará por ser engolida pelo Sol, mergulhando naquela fornalha infernal. E, quando todo o combustível solar for consumido, a pressão interna entrará em colapso e o Sol encolherá até ficar reduzido ao atual tamanho da Terra, arrefecendo como uma anã negra. O mesmo processo ocorrerá nas estrelas que se encontram no céu. Uma a uma, todas incharão e todas morrerão, umas encolhendo até se tornarem anãs, outras explodindo em supernovas."

"Mas podem nascer novas estrelas, não é?"

"Vão nascer novas estrelas. O problema é que já nascem cada vez menos estrelas, porque os elementos que as formam estão a desaparecer, ou seja, o hidrogênio primordial está a esgotar-se e os gases começaram a dissipar-se. O pior é que, daqui a alguns milhares de milhões de anos, deixarão de nascer estrelas. Só haverá funerais galácticos. Com a gradual morte das estrelas, as galáxias vão-se tornando cada vez mais escuras até que, um dia, se apagarão todas e o universo se transformará num imenso cemitério, cheio de buracos negros. Mas mesmo os buracos negros irão desaparecer, com o total regresso da matéria à forma de energia. Numa fase muito adiantada, apenas restará radiação."

"Puxa", exclamou Tomás, uma expressão sombria no rosto. "O futuro adivinha-se negro."

"Muito negro", concordou Luís Rocha. "O que levanta um grande problema ao Princípio Antrópico, não acha?"

"Claro. Se o universo está destinado a morrer dessa forma, qual o objetivo da vida? Por que razão Deus afinou a criação do universo para permitir o nascimento da vida se planejava destruí-la logo a seguir? Qual o propósito de tudo isto?"

"Foi justamente isso o que pensou o professor Siza. Para quê criar a vida se a idéia é destruí-la logo a seguir? Para quê tanto trabalho se o seu produto é tão efémero? Qual é, afinal, o endgame?'"

"Pois, esse é um problema sem solução, não é?"

"Não", disse o físico. "Pelo contrário, tem solução."

Tomás arregalou os olhos.

"O quê?", admirou-se. "Tem solução?"

"Sim, o professor Siza encontrou a solução."

"Então conte lá isso, homem", exclamou o historiador, impaciente. "Não me mantenha assim em suspenso!"

"Chama-se o Princípio Antrópico Final e nasce da constatação de que não faz sentido estar tudo organizado de modo a fazer aparecer vida para depois se deixar que ela desapareça dessa maneira. O Princípio Antrópico Final postula que o universo se encontra afinado para provocar o nascimento da vida. Mas não é uma vida qualquer. É a vida inteligente. E, após ter aparecido, a vida inteligente jamais desaparecerá."

O historiador ergueu uma sobrancelha, mantendo a outra cerrada, numa expressão incrédula.

"A vida inteligente jamais desaparecerá?"

"Sim."

"Mas... mas como é isso possível? Não foi você que acabou de dizer que a Terra vai ser destruída?"

"Sim, claro. Isso é inevitável."

"Então como é possível que ela nunca desapareça?"

"Teremos de sair da Terra, está visto."

"Sair da Terra?" Tomás riu-se. "Desculpe lá, mas isto já começa a parecer má ficção científica."

"Acha que sim? E, no entanto, alguns cientistas começam a encarar seriamente esse cenário, sabia?"

O sorriso do historiador desfez-se.

"A sério?"

"Claro. A Terra não tem futuro, vai ser destruída."

"E vamos para onde?"

"Ora! Vamos para outras estrelas, claro."

Tomás abanou a cabeça, baralhado.

"Desculpe, mas, mesmo que assim seja, o que resolve isso?"

"Bem... parece-me óbvio, não é? Se formos para as estrelas, escaparemos à inevitável destruição da Terra."

"E o que nos adianta isso? Não são as estrelas que também vão desaparecer? Não são as galáxias que também se vão apagar? Não é o universo que também vai morrer? Mesmo que consigamos escapar da Terra, estaremos apenas a adiar o inevitável, não lhe parece? Nessas circunstâncias, como é possível postular que a vida inteligente jamais desaparecerá?"

Luís Rocha percorreu com os olhos o altar maneirista da capela, mas a mente encontrava-se bem longe dali, mergulhada algures nos labirintos do pensamento.

"O estudo da sobrevivência e do comportamento da vida no futuro longínquo constituiu-se recentemente como um novo ramo da física", disse, a voz assumindo o tom neutral característico das exposições académicas. "Sabe, as investigações em torno desta questão começaram com a publicação em 1979 de um artigo assinado por Freeman Dyson com o título Time witbout end: Physics and Biology in an Open Universe. Dyson esboçou aí um primeiro esquema, muito incompleto, que viria a ser reformulado por outros cientistas que se interessaram pela mesma questão,

designadamente Steve Frautschi, o qual publicou um outro texto científico sobre o mesmo assunto na revista Science em 1982. Sucederam-se novos estudos em torno deste problema, todos eles assentes inteiramente nas leis da física e na teoria dos computadores."

Tomás manteve uma expressão perplexa.

"Acho tudo isso extraordinário", comentou. "Não fazia a mínima idéia de que tinha aparecido um novo ramo da física dedicado à sobrevivência da vida no futuro longínquo. Se quer que lhe diga, nem vejo como tal seja possível, considerando o assustador cenário que você traçou sobre a inevitável morte das estrelas e das galáxias. Como é possível que a vida sobreviva nessas condições?"

"Quer que eu lhe explique?"

"Faça o favor. Sou todo ouvidos."

"Olhe, vou-lhe dar apenas as linhas gerais, está certo? Os pormenores são demasiado técnicos e parecem-me desnecessários nesta nossa conversa."

"Tudo bem."

"A primeira fase já está a decorrer. Trata-se do desenvolvimento da inteligência artificial. É verdade que a nossa civilização dá ainda os primeiros passos na tecnologia dos computadores, mas a evolução está a ser muito rápida e é possível que, um dia, sejamos capazes de desenvolver tecnologia tão ou mais inteligente do que nós. Aliás, à atual taxa de evolução, os cálculos mostram que os computadores atingirão o nível humano de processamento de informação e capacidade de integração de dados no prazo de um século ou pouco mais. Quando chegar o dia em que atingirem o nosso nível, os computadores adquirirão consciência, conforme, de resto, sugere o teste Turing, não sei se já ouviu falar."

"O meu pai já me mencionou, sim."

"Ora bem, os engenheiros prevêem que, para além de podermos vir a desenvolver computadores tão inteligentes como nós, poderemos também desenvolver robôs que sejam construtores universais. Sabe o que são construtores universais, não sabe?"

"Uh... não."

"Os construtores universais são engenhos que podem construir tudo o que possa ser construído. Por exemplo, uma máquina de uma fábrica de automóveis não é um construtor universal, uma vez que só sabe construir automóveis. Mas os seres humanos são construtores universais, dado que têm a habilidade de construir tudo o que possa ser construído. Ora, os cientistas dão como adquirido que é possível conceber uma máquina que seja um construtor universal. O matemático Von Neumann já mostrou como esses construtores podem ser criados e a NASA diz que é possível fabricá-los em algumas dezenas de anos, desde que haja financiamentos para isso, claro."

"Mas qual a utilidade desses... construtores universais? Servem para nos poupar trabalho, é?"

Luís Rocha fez uma curta pausa, para efeitos dramáticos.

"Servem para garantir a sobrevivência da civilização."

O seu interlocutor cerrou as sobrancelhas, surpreendido.

"Ah é?"

"Ouça, não se esqueça de que a Terra está condenada a morrer. Dentro de mil milhões de anos, o aumento da atividade solar destruirá toda a biosfera. O Princípio Antrópico Final estabelece que, uma vez tendo aparecido, a inteligência jamais desaparecerá do universo. Assim sendo, a inteligência na Terra não tem alternativa: terá de abandonar o berço e espalhar-se pelas estrelas. Os instrumentos desse processo são os computadores e os construtores universais. Parece inevitável que, algures no futuro, os seres humanos terão de enviar construtores universais computadorizados para as estrelas mais próximas. Esses construtores universais terão instruções específicas para colonizarem os sistemas solares que encontrarem e construírem aí novos construtores universais, os quais, por sua vez, serão enviados para as estrelas seguintes, num processo em crescimento exponencial. Isto principiará naturalmente com a exploração das estrelas que nos são mais próximas, como Próxima Centauri e Alfa Centauri, e estender-se-á gradualmente às estrelas seguintes, designadamente Tau Ceti, Epsilon Eridani, Procyon e Sirius numa segunda fase."

"Isso é possível?"

"Alguns cientistas dizem que sim. O processo levará muito tempo, claro. Uns milhares de anos. Mas, se isso é muito tempo à escala humana, não o é à escala universal."

"E quanto custa uma coisa dessas? Imagino que seja uma fortuna..."

"Oh, nem por isso", exclamou o físico. "Os custos são relativamente baixos, sabe? É que basta construir quatro ou cinco destes construtores universais, não é preciso mais. Repare, uma vez chegado a um sistema solar, o construtor universal irá procurar planetas ou asteróides onde poderá extrair os metais e toda a matéria-prima de que necessitar. O robô começará a colonizar esse sistema e a povoá-lo com vida artificial pré-programada por nós ou até com vida humana, uma vez que é possível dar-lhes o nosso código genético para reprodução sempre que as condições encontradas forem adequadas. Para além disso, o robô terá também a missão de fabricar novos construtores universais, que enviará para as estrelas seguintes. A medida que avança, o processo de colonização das estrelas ir-se-á acelerando porque cada vez haverá mais e mais construtores universais. Mesmo que a civilização original desapareça, devido a um qualquer cataclismo, esta civilização continuará a espalhar-se autonomamente pela galáxia, graças aos construtores universais e ao seu programa automático de colonização."

"Mas, afinal, qual o objetivo de tudo isso?"

"Bem, o primeiro objetivo será o de explorar, não é? Queremos saber coisas sobre o universo, um pouco como as explorações que fazemos na Lua e nos planetas do sistema solar. Depois, à medida que a habitabilidade na Terra se tornar mais difícil, a prioridade será encontrar planetas para onde se possa transferir a vida."

"Transferir a vida? Assim como se fosse uma espécie de Arca de Noé galáctica?"

"Isso."

Tomás remexeu-se no banco da capela.

"Ouça lá, não acha que tudo isto assume uns ares assim de... de ficção científica muito fantasiada?"

"Sim, admito que sim. É normal que, agora, tudo pareça uma fantasia. Mas, quando as coisas se tornarem graves cá na Terra, com o aumento da atividade solar e a degradação da biosfera, garanto-lhe que, nessa altura, o problema vai começar a ser

encarado muito a sério, ouviu? O que nos parece hoje ficção científica tornar-se-á amanhã realidade."

O historiador ponderou a idéia.

"Sim, talvez tenha razão."

"Com a proliferação exponencial dos construtores universais, toda a nossa galáxia acabará por ser colonizada. De um pequeno planeta da periferia, a inteligência espalhar-se-á pela Via Láctea."

"E assim a vida escapará à inevitável destruição da Terra."

"Eu não disse isso. Disse que a inteligência se espalhará pela galáxia."

"Não é a mesma coisa?"

"Não necessariamente. A natureza só consegue criar a inteligência através de circunstâncias excepcionais envolvendo os átomos de carbono, a cuja complexa organização nós designamos vida. Mas o carbono só é predominante em estado sólido numa estreita faixa térmica. Nós, seres humanos, estamos a desenvolver uma certa forma de vida através de outros átomos, como o silício, por exemplo. O que os construtores universais vão espalhar pela galáxia será a inteligência artificial contida nos chips dos seus computadores. Não é certo que a vida baseada nos átomos de carbono seja capaz de sobreviver a viagens de milhares de anos entre as estrelas. É possível que isso se faça, não digo que não, mas tal está longe de ser certo, está a perceber? O que temos a certeza, no entanto, é que a inteligência artificial será capaz de o fazer."

"Mas o que você me está a dizer é que a vida está condenada a extinguir-se..."

"Tudo depende do que se define por vida, claro. A vida baseada no átomo de carbono está condenada a extinguir-se, sobre isso não restam quaisquer dúvidas. Mesmo que se consiga fazer essa tal Arca de Noé galáctica e levar a vida tal como a conhecemos para um planeta de Próxima Centauri, por exemplo, o fato é que, um dia, todas as estrelas vão desaparecer, não é? Ora, sem estrelas, a vida baseada no átomo de carbono não é possível."

"Mas isso não é igualmente válido para a inteligência artificial?"

"Não necessariamente. A inteligência artificial não necessita de estrelas para funcionar. Necessita de fontes de energia, como é evidente, mas essas fontes não têm de ser necessariamente as estrelas. Pode ser a força forte contida no núcleo de um átomo, por exemplo. Repare, a inteligência pode encolher-se para espaços muito pequenos, através do recurso à nanotecnologia, e aí precisará de muito menos energia para se manter em funcionamento. Nesse sentido, e se definirmos a vida como um processo complexo de processamento de informação, a vida continuará. A diferença é que o hardware deixa de ser o corpo biológico e passam a ser os chips. Mas, se formos a ver bem, o que faz a vida não é o hardware, pois não? É o software. Eu posso continuar a existir, não num corpo orgânico feito de carbono, mas num corpo metálico, por exemplo. Se já há pessoas que vivem com pernas e coração artificial, por que não se poderá viver com um corpo todo artificial? Se se transferir toda a minha memória e todos os meus processos cognitivos para um computador e me derem umas câmaras para ver o que se passa em redor e um altifalante para falar, eu continuarei a sentir-me eu. Num corpo diferente, é certo, mas serei eu na mesma. Se formos a ver bem, a minha consciência é uma espécie de programa de computador e nada impede que esse programa continue a existir caso eu consiga criar um hardware adequado onde o inserir."

O historiador fez uma careta incrédula.

"Mas, ouça lá, acha que isso é mesmo possível?"

"Claro que é. Repare, esta questão está já a ser estudada por físicos, matemáticos e engenheiros, o que pensa você? E o fato é que eles já concluíram que, por muito extraordinário que tudo isto possa parecer agora, é perfeitamente possível de colocar em prática. Ora, sendo possível, não é difícil de concluir que será colocado em prática." Enfatizou a palavra será. "O postulado do Princípio Antrópico Final assim o exige, para garantir a sobrevivência da inteligência no universo."

"É incrível", exclamou Tomás. "E o que acontecerá quando, mesmo no final, a matéria estiver a desaparecer, convertendo-se em energia?"

O físico mirou o seu interlocutor.

"Bem, nós temos aqui duas situações. Ou o universo acaba no Big Freeze ou acaba no Big Crunch. Para já, o universo parece estar a expandir-se mesmo perto do ponto crítico, o que nos impede de ter a certeza sobre qual o seu destino. Mas, apesar de se ter constatado que a expansão do universo está em aceleração, o professor Siza acreditava que os princípios que observamos em toda a natureza apontam para um cenário de Big Crunch."

"Ah, sim? Porquê?"

"Por duas razões. Em primeiro lugar, porque a aceleração da expansão do universo tem obrigatoriamente de acabar."

"Como sabe isso?"

"Por uma razão muito simples. Há galáxias que se afastam de nós a noventa e cinco por cento da velocidade da luz. Se a aceleração continuasse para sempre, haveria um momento em que a velocidade de expansão seria superior à velocidade da luz, não é? Ora, isso não pode ser. Portanto, a expansão do universo vai ter de abrandar, não há alternativa."

"Hmm", assentiu Tomás. "Mas isso não significa obrigatoriamente inversão de expansão para retração."

"Pois não", concordou o físico. "Mas significa que a aceleração é uma fase que terá de acabar. Daí à retração é um passo, cuja probabilidade decorre de uma constatação simples." Pigarreou. "Repare, se há coisa que nós estamos a verificar sempre que analisamos um sistema é que tudo tem um início e um fim. Mais importante ainda, tudo o que nasce acaba por morrer. As plantas nascem e morrem, os animais nascem e morrem, os ecossistemas nascem e morrem, os planetas nascem e morrem, as estrelas nascem e morrem, as galáxias nascem e morrem. Ora, nós sabemos que o espaço e o tempo nasceram, não é? Nasceram no Big Bang. Assim sendo, e seguindo o princípio de que tudo o que nasce acaba por morrer, também o espaço e o tempo terão de morrer. Porém, o Big Freeze estabelece que, tendo o espaço e o tempo nascido, nunca morrerão, o que viola esse princípio universal. Consequentemente, o Big Crunch é o destino mais provável do universo, uma vez que respeita o princípio de que tudo o que nasce acaba por morrer."

"Estou a perceber", murmurou Tomás. "Isso quer dizer que haverá um momento em que a matéria começa a recuar, é?"

"Não, não. O professor Siza achava que ela não vai recuar."

"Então o que irá acontecer?"

"Como já lhe expliquei, os cientistas acreditam que o universo poderá ser esférico, finito mas sem limites. Se nós conseguíssemos viajar sempre numa determinada direção, provavelmente acabaríamos de volta ao ponto de partida."

"Seríamos uma espécie de Fernão de Magalhães cósmicos."

"Exato. Ora, como as teorias da Relatividade mostram que o espaço e o tempo são diferentes manifestações da mesma coisa, o professor Siza acreditava que, de certo modo, também o tempo é esférico."

"O tempo é esférico? Não estou a perceber..."

"Imagine o seguinte", disse Luís Rocha, simulando uma esfera com as mãos. "Imagine que o tempo é o planeta Terra e que o Big Bang se situa no pólo Norte. Consegue imaginar isso?"

"Sim."

"Imagine que há vários navios que se encontram todos juntos no pólo Norte, o ponto do Big Bang. Um chama-se Via Láctea, outro chama-se Andrômeda, outro chama-se Galáxia M87. De repente, os navios põem-se a viajar todos para sul em direções diferentes. O que é que acontece?"

"Bem... uh... começam a afastar-se uns dos outros."

"Exato. Como a Terra é esférica e os navios estão a afastar-se do pólo Norte, isso significa que se estão a distanciar uns dos outros. Os navios afastam-se tanto que, a certa altura, deixam de se ver uns aos outros, não é?"

"Sim."

"O afastamento continua até chegarem ao equador, o ponto de apogeu. Mas, depois do equador, e porque a Terra é esférica, o espaço começa a encolher e os navios começam a aproximar-se uns dos outros. Até que, já perto do pólo Sul, se voltam a avistar."

"Exato."

"E colidem todos no pólo Sul."

Tomás riu-se.

"Se não tiverem cuidado."

"O professor Siza acreditava que o universo é assim. O espaço-tempo é esférico. Neste momento, e devido ao Big Bang e à expansão possivelmente esférica do espaço e do tempo, a matéria está a afastar-se. As galáxias vão ficando mais distantes umas das outras, até se distanciarem tanto que deixarão de se ver. Ao mesmo tempo vão morrendo aos poucos, transformando-se em matéria inerte. O frio será generalizado. Mas haverá um momento em que, após o apogeu da expansão, o tempo e o espaço começarão a encolher. Isso fará aumentar a temperatura da mesma maneira que um gás em retração aquece. O encolher do espaço-tempo acabará com uma brutal colisão final no pólo Sul do universo, uma espécie de Big Bang ao contrário. O Big Crunch."

"E é possível a vida sobreviver a isso?"

"A vida biológica, assente no átomo de carbono?" Abanou a cabeça. "Não. Essa vida desaparecerá muito antes disso, já lhe disse. Mas o postulado do Princípio Antrópico Final estabelece que a inteligência sobreviverá ao longo da história do universo."

"Mas como?"

"Espalhando-se pelo universo de tal modo que assumirá o controle de todo o processo."

Tomás riu-se de novo.

"Você deve estar a brincar."

"Estou a falar a sério. Muitos físicos acreditam que isto é possível e alguns até já demonstraram como."

"Ouça, você acredita mesmo que a inteligência vinda de uma coisa tão minúscula como a Terra pode assumir o controle de uma coisa tão imensa como o universo?"

"Isso não é tão incrível como pode parecer à primeira vista", argumentou Luís Rocha. "Não se esqueça do que diz a Teoria do Caos. Se uma borboleta pode afetar o clima do planeta, por que não poderá a inteligência afetar o universo?"

"Estamos a falar de coisas diferentes..."

"Estaremos?", interrogou-se o físico. "Tem a certeza?"

"Bem... uh... acho que sim. Apesar de tudo, o universo é muito maior do que a Terra, ou não é?"

"Mas o princípio é o mesmo. Repare, quando a vida apareceu na Terra, há mais de quatro mil milhões de anos, alguma vez alguém diria que aquelas moléculas minúsculas e insignificantes iriam evoluir tanto que acabariam um dia por assumir o controle de todo o planeta? Claro que não. Isso, se fosse dito naquela altura, seria risível. E, no entanto, cá estamos nós a discutir hoje os efeitos da ação humana na Terra. Dizer que a vida tomou o controle do nosso planeta é, nos tempos que

correm, uma perfeita banalidade. Ora, se, partindo de umas meras moléculas, ao fim de mais de quatro mil milhões de anos a vida tomou conta da Terra ao ponto de influenciar a sua evolução, o que impede que, daqui a quarenta mil milhões de anos, a inteligência tome conta de toda a galáxia ao ponto de também influenciar a sua evolução?"

"Hmm... estou a perceber..."

"Os mecanismos através dos quais esse controle é exercido são explicados por vários estudos científicos, os principais conduzidos por Tipler e Barrow, e não vale a pena eu entrar aqui em pormenores sobre a física e a matemática que envolve esse processo. O essencial, no entanto, é que o professor Siza estava convencido de que o postulado do Princípio Antrópico Final é verdadeiro. Ou seja, tendo aparecido no universo, a inteligência jamais desaparecerá. Se, para sobreviver, a inteligência tiver de controlar a matéria e as forças do universo, controlá-las-á."

"E é esse o propósito do universo? Permitir que a inteligência apareça?"

"Não sei se é esse o propósito do universo. Sei, no entanto, que a vida não é o objetivo, mas um passo necessário para permitir o aparecimento da inteligência."

"Estou a ver", suspirou Tomás, absorto nas implicações desta idéia. "Isso é... é incrível."

"É, não é?"

O historiador recostou-se na cadeira, contemplativo, mergulhado num espantado raciocínio. Mas o turbilhão de pensamentos logo foi assaltado por uma irrequieta dúvida e Tomás, emergindo da abstração, voltou-se para o seu interlocutor com o rosto contraído numa careta pensativa.

"Ouça lá, diz você que, uma vez tendo aparecido, a inteligência jamais desaparecerá, não é?"

"Sim, é o que prevê o Princípio Antrópico Final."

"Mas como poderá a inteligência sobreviver ao Big Crunch? Como poderá ela sobreviver ao fim do universo?"

Luís Rocha sorriu.

"A resposta a essa pergunta, meu caro, está inserida na última cifra deixada por Einstein."

"A que está no manuscrito?"

"Sim. É essa fórmula que revela o endgame do universo."

XLI

A folha rabiscada em Teerão apresentava-se já muito maltratada, com as pontas rasgadas e a textura enrugada de tantos maus tratos sofridos nos bolsos dos casacos de Tomás. Mas o estado do papel era irrelevante; aquela não passava de uma qualquer página arrancada de uma resma de A4 do ministério iraniano da Ciência. O que tinha valor, ali, não era a folha, mas as letras rabiscadas; tratava-se, afinal de contas, da única cópia da mensagem que Einstein cifrara por volta de 1955, quando redigiu em Princeton o documento que os seus pupilos mantiveram em segredo e que se encontrava agora escondido algures num qualquer cofre no Irã.

Sentado num gabinete do Departamento de Física da Universidade de Coimbra, Tomás inclinou-se na secretária, a testa apoiada na mão, os olhos congelados na charada, a mente buscando uma estratégia para quebrar aquela cifra. A porta do gabinete abriu-se.

"Jantar", anunciou Luís Rocha, trazendo umas sanduíches e umas garrafinhas de sumo. "Não se trabalha de barriga vazia."

O físico sentou-se junto à secretária e estendeu uma sanduíche e um sumo ao seu convidado.

"O que é isto?", perguntou Tomás, analisando a sanduíche envolta em papel vegetal.

"Sandes de atum. Vendem ali numas máquinas."

O historiador trincou um pedaço e adotou uma expressão aprovadora.

"Hmm", gemeu, rolando os olhos e mastigando a sanduíche. "Já estava com fome."

"Então não havia de estar?", riu-se Luís Rocha, enquanto desembrulhava o seu sanduíche. "São onze da noite, caracas. Já tinha o estômago a dar horas..."

"Onze da noite?"

"Sim, o que pensa você? É tarde."

Sentindo o pânico crescer-lhe pelo estômago, Tomás consultou o relógio e confirmou as horas.

"Eh pá! Já só tenho... nove horas."

"Nove horas? Nove horas para quê?"

"Para decifrar a charada." Pousou o sanduíche sobre a secretária e voltou a sua atenção para a folha amarrotada. "Preciso de trabalhar."

"Calma! Coma primeiro."

"Não posso. Já perdi demasiado tempo."

O historiador regressou ao problema da cifra, embora com a boca cheia de um grande pedaço do sanduíche de atum. O seu colega começou também a comer e arrastou a cadeira para junto de si, de modo a poder igualmente espreitar aquela página amarfanhada.

See sign

!ya ovqo

"Essa é a mensagem cifrada, não é?"

"Sim."

"Como é que se decifra isso?"

"Não sei, teria de ler o documento. Você leu-o?"

"Sim, o professor Siza mostrou-mo."

"E ele deu-lhe alguma pista sobre como o decifrar?"

"Não. Apenas me disse que havia uma relação entre o código de cifra e o nome de Einstein."

Tomás suspirou.

"Pois, foi o que também me disse Tenzing." Coçou a cabeça. "Isso quer dizer que o nome de Einstein pode ser... uh... pode ser a palavra-chave do alfabeto de cifra. Se calhar ele usou uma cifra de César com o seu nome." Pegou na caneta e puxou uma folha branca. "Deixe cá ver."

Gatafunhou o alfabeto de cifra com o nome de Einstein.

"Não estou a perceber", disse Luís Rocha, sem tirar os olhos daquela linha.

"É uma cifra de César com o nome de Einstein à cabeça", explicou Tomás. "Está a ver? A idéia é escrever a palavra-chave no início, neste caso o nome de Einstein, retirando-lhe, no entanto, as letras repetidas, o ein final, e depois meter o resto do alfabeto pela sua ordem normal, embora evitando as letras já usadas na palavra-chave, einst. Está a perceber?"

"Sim. Mas o que se faz agora com isso?"

"Agora? Agora pomos o alfabeto normal debaixo do alfabeto de cifra e vamos ver se as letras correspondem a alguma mensagem."

Escreveu o alfabeto simples debaixo do alfabeto de cifra.

"Vamos agora ver a que corresponde este ya ovqo que se encontra na segunda linha da charada."

Os olhos começaram-lhe a bailar entre as duas linhas do alfabeto. "O y mantém-se y, o a torna-se e, o o fica p, o v mantém-se v, o q torna-se r e o o é p."

Redigiu a solução.

Ficaram os dois a analisar o resultado.

"Ye pvrp?", murmurou Luís Rocha. "O que significa isto?"

"Significa que a solução não é esta", suspirou Tomás. "Significa que temos de procurar outro caminho." Coçou o queixo, pensativo. "Que raio de cifra poderá haver que envolva o nome de Einstein?"

O historiador tentou várias alternativas, todas elas variações em torno do nome de Einstein, mas, pela meia-noite, sentiu-se encurralado num beco sem saída. Não encontrava forma de fazer com que um alfabeto de cifra com aquele nome funcionasse; desesperado e cansado, encostou-se na cadeira e cerrou os olhos.

"Não consigo", murmurou, desanimado. "Por mais que tente, nada dá certo."

"Vai desistir, é?"

Tomás olhou para o físico por um longo instante e, como um boneco subitamente insuflado de energia, endireitou-se depressa e voltou a agarrar-se à folha.

"Não posso", exclamou. "Tenho de continuar a tentar."

"O que tenciona fazer então?"

Era uma boa pergunta. Se as variações em torno do nome de Einstein não funcionavam, o que poderia ele fazer?

"Bem, se calhar é melhor esquecer por momentos esta segunda linha, não é?" Tomás fez uma careta. "Olhe, vamos antes tentar esta." Apontou agora para a primeira linha. "Está a ver isto? Diz see sign, ou seja, veja o sinal." Ergueu a cabeça da folha e perscrutou com atenção o seu interlocutor. "Quando leu o manuscrito, reparou se havia algum sinal estranho lá colocado?"

O físico torceu a boca.

"Que eu saiba, não. Não reparei em nada."

"Então que raio de sinal é este a que se refere o criptograma?"

Ficaram ambos a contemplar aquele see sign.

"Não poderá ser essa frase ela própria um sinal?", perguntou Luís Rocha.

Tomás soergueu o sobrolho.

"A frase ser ela própria o sinal?"

"Esqueça, foi uma idéia disparatada."

"Não, não. Vamos considerá-la." Respirou fundo. "Como é que esta frase poderia ser ela própria um sinal? Bem... só se for um anagrama."

"Um anagrama?"

"Sim, por que não? Deixe cá ver o que acontece se mudarmos a ordem das letras." Voltou à folha e pôs-se a tentar combinações. "Vamos ligar consoantes a vogais. Deixe cá ver. As consoantes são s, g e n, e as vogais são e e i. Vamos começar com o n."

Tentou diferentes combinações usando as letras incluídas nas palavras see sign.

"Não, isto não faz sentido", constatou o criptanalista. "Se calhar é melhor tentarmos começar com o g."

Gisenes

Gesines

Genises

Genesis

Parou.

Mirou a sequência, estupefacto, a boca abrindo-se como um peixe enquanto contemplava, vidrado, a última palavra. Permaneceu um longo momento sem nada conseguir dizer, apenas fixo na palavra que inesperadamente lhe emergiu no papel; até que, como um sonâmbulo, conseguiu enunciar a mensagem oculta naquele anagrama.

"Gênesis."

Passaram a hora seguinte num estado de excitação absoluta, quase frenéticos, às voltas com uma Bíblia que foram apressadamente arrancar às mãos do estremunhado pároco a cuja porta foram bater na Capela de São Miguel. Tomás leu e releu todo o início do Pentateuco, procurando um sinal que aparecesse no texto como um abre-te Sésamo redentor.

"«No princípio, Deus criou os céus e a terra»", leu em voz alta pela terceira vez. "«A terra era informe e vazia. As trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus movia-Se sobre a superfície das águas. Deus disse: 'Faça-se luz'. E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. Deus chamou dia à luz e às trevas noite. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o primeiro dia. Deus disse: 'Haja um firmamento entre...'»"

"Ouça", protestou Luís Rocha, a excitação dando gradualmente lugar ao cansaço. "Você não vai ler isso tudo outra vez, pois não?"

Tomás hesitou.

"Tenho de ler. Se não, como é que encontro o sinal?"

"Mas será que o sinal está mesmo aqui?"

O historiador acenou com a folha amarfanhada das anotações.

"Você não viu a mensagem cifrada por Einstein? See sign dá Gênesis. Que eu saiba, isto só tem uma interpretação. Trata-se de uma mensagem holográfica, em que a cifra e a mensagem cifrada se completam. Não vê? See sign dá Gênesis. No fundo, Einstein estava-nos a dizer: see the sign in Gênesis. Ou, vejam o sinal no Gênesis."

"Mas qual sinal?"

Tomás olhou para o grande volume da Bíblia que tinha aberto sobre a secretária.

"Não sei. É isso que tenho de descobrir, não é?"

"E vai descobrir a ler o Gênesis trezentas vezes?"

"Se tiver de ser", disse Tomás. "Vou ler tantas vezes quantas as necessárias até perceber qual o sinal a que Einstein se estava a referir. Vê alternativa?"

Luís Rocha apontou para a segunda linha da mensagem cifrada.

"A alternativa é tentar decifrar esta última mensagem. Este... uh... !ya ovqo."

"Mas eu não estou a conseguir quebrar essa cifra..."

"Desculpe lá, mas eu acabei de o ver a quebrar a cifra da primeira linha."

"Era um anagrama, uma coisa bem mais fácil."

"Não interessa. Se conseguiu decifrar a primeira linha, vai conseguir decifrar a segunda linha também."

"Ouça, você não está a entender. A segunda linha apresenta um grau de dificuldade infinitamente maior do que a..."

O telemóvel tocou.

Tomás hesitou, considerando a hipótese de o desligar. Precisava absolutamente de se concentrar e quebrar toda a cifra, de modo a desvendar o segredo antes das oito da manhã. Se não o fizesse, Ariana seria recambiada para o Irã e isso ele não podia permitir. Tinha de quebrar a última cifra e precisava de total concentração para isso. Se calhar era melhor desligar o telemóvel.

O telemóvel continuou a tocar.

"Está sim?"

Decidira-se a atender, não seria por isso que se iria desconcentrar, pois não? Além do mais, podia ser Greg com novidades sobre Ariana.

"Professor Noronha?"

Não era Greg.

"Sim, sou eu. Quem fala?"

"Daqui Gouveia, dos hospitais da universidade."

Era o médico do pai.

"Ah, doutor Gouveia. Desde há pouco. Como está?"

"Professor Noronha, precisava que viesse aqui com urgência."

"Aqui, onde? Ao hospital?"

"Sim."

"O que se passa? O meu pai está bem?"

"Não, professor Noronha. O seu pai não está bem."

"Então, doutor? O que se passa?

"Venha cá ter, se fizer o favor."

"O que se passa?" Fez-se um curto silêncio ao telefone.

"O seu pai não passa desta noite."

XLII

Mal apareceu no hospital, Tomás foi de imediato conduzido pela enfermeira de serviço para o quarto onde se encontrava o pai. Passava da uma da manhã e as enfermarias que percorreu apressadamente estavam mergulhadas na escuridão, apenas com as luzes amareladas de um ou dois candeeiros acesas num canto, projetando sombras fantasmagóricas nas paredes; tosses roucas ou secas pontuavam o arfar pesado do agitado sono dos internados.

O doutor Gouveia veio recebê-lo ao corredor e cumprimentou-o com ar circunspecto.

"Ele teve uma crise muito grave", disse o médico, fazendo-lhe sinal para entrar no quarto. "Está agora consciente, mas não sei por quanto mais tempo."

"A minha mãe?"

"Já foi avisada e vem a caminho."

Tomás entrou no quarto e viu os contornos do corpo do pai desenhados por entre o lençol branco, à meia-luz de um candeeiro discreto. O velho professor tinha a cabeça pousada sobre uma enorme almofada e parecia respirar com alguma dificuldade.

O olhar apresentava-se vidrado, mortiço até, mas brilhou tenuamente quando reconheceu o filho.

O recém-chegado beijou-o na testa e, após um instante sem saber o que dizer, puxou uma cadeira e sentou-se ao lado da cama, junto à mesinha-de-cabeceira, incapaz de pronunciar uma palavra. Tomás pegou na mão fraca do pai e sentiu-a fria; apertou-a com ternura, como se assim lhe desse energia e o pudesse revigorar. Manuel Noronha sorriu com fraqueza, mas o suficiente para encorajar o filho a falar-lhe.

"Então pai? Como vai isso?"

O velho matemático inspirou duas vezes antes de juntar forças para responder.

"Já não aguento mais", murmurou. "Não aguento."

Tomás inclinou-se sobre a cama e, esforçando-se por combater as lágrimas, abraçou o pai. Sentiu-o frágil, cansado, como uma folha seca prestes a soltar-se da árvore ao mais leve sopro da invernia.

"Oh, pai..."

O velho afagou com carinho as costas do filho.

"Não te preocupes, Tomás. A vida é assim..."

Tomás levantou a cabeça e olhou o pai.

"Mas o pai não parece assim tão mal..."

"Não te iludas, filho. Estou na última paragem antes da viagem final."

"Tem... tem medo?"

Manuel abanou a cabeça com suavidade.

"Não. Não tenho medo." Arfou. "É estranho, antes tremia de medo, sabes? Medo por não conseguir respirar, por não saber se seria capaz de fazer a próxima inspiração, por não perceber se iria doer. Mas também medo por dar um passo para o desconhecido, por enfrentar a não-existência, por caminhar sozinho nesta estrada sombria." Nova pausa para respirar fundo. "Agora já não tenho medo. Aceito que este é o fim. Aceito."

O filho apertou-lhe a mão com mais força.

"Vai ver que se aguenta. Vai ver."

O velho professor sorriu fracamente.

"Não me aguento, Tomás. Nem vale a pena." Falava como se tivesse acabado a maratona, como se já quase não encontrasse forças para falar, mas, ao mesmo tempo, como se não fosse capaz de deixar de falar, como se tivesse de agarrar a derradeira oportunidade de deitar tudo o que sentia cá para fora. "Sabes, estou-me a despegar das coisas do mundo. Já não quero saber das intrigas da faculdade nem dos disparates dos políticos. Tudo isso deixou de me interessar." Ergueu a mão devagar, em direção da janela. "Prefiro agora ficar aqui a ouvir o grinfar de uma andorinha ou o murmurar das árvores ao vento. Isso diz-me muito mais do que a incompreensível e fútil cacofonia humana."

"Entendo."

Manuel afagou carinhosamente o braço do filho.

"Quero pedir-te desculpa por não ter sido um melhor pai."

"Oh, não diga isso. O pai foi formidável."

"Não fui e sabes que não fui." Arfou. "Fui um pai ausente, sem paciência para ti, mergulhado apenas nas minhas equações e teoremas, nas minhas investigações, no meu mundo."

"Não se preocupe. Sempre tive muito orgulho em si, sabe? É melhor um pai que procura nas equações os segredos do universo do que um pai que não sabe o que procura."

O velho matemático sorriu, encontrava energia onde supunha não a ter.

"Oh, sim. Muita gente não sabe o que procura." Fixou os olhos no teto. "A maior parte das pessoas passa por esta vida como se fosse sonâmbula, percebes? Querem possuir coisas, fazer dinheiro, consumir tudo. As pessoas estão tão inebriadas com o acessório que perdem de vista o essencial. Desejam um novo carro, uma casa maior, umas roupas mais vistosas. Querem perder peso, tentam agarrar a juventude, sonham em impressionar os outros." Respirou fundo, para recuperar o fôlego, e olhou para o filho. "Sabes por que o fazem?"

"Porquê?"

"Porque têm fome de amor. Têm fome de amor e não o encontram. É por isso que se voltam para o acessório. Os carros, as casas, as roupas, as jóias... tudo isso são substitutos. Não têm amor e procuram substitutos." Abanou a cabeça. "Mas isso não resulta. O dinheiro, o poder, a posse de coisas... nada substitui o amor. É por isso que, quando compram um carro, uma casa, uma peça de roupa, a satisfação que sentem é efêmera. Acabaram de comprar mas procuram já um novo carro, uma nova casa, uma nova peça de roupa. Procuram algo que não está ali." Nova pausa para respirar. "Nenhuma dessas coisas traz satisfação duradoura porque nenhuma dessas coisas é verdadeiramente importante. Estão todos com pressa à procura de algo que não encontram. Quando compram o que querem, descobrem que se sentem vazios. É porque o que compraram não era afinal o que queriam. Querem amor, não querem coisas. As coisas não passam de substitutos, de acessórios que mascaram o essencial."

"Mas o pai não foi assim..."

"Assim, como?"

"Assim... sempre a querer comprar coisas, sempre preocupado com o dinheiro."

"Eu andei noutras corridas. Nunca quis ter coisas, é verdade. Mas vivi a minha vida à procura do conhecimento."

"Está a ver? Isso é bem melhor, não?"

"Claro que é melhor. Mas o preço foi negligenciar-te. Não sei se isso foi bom." Arfou de novo. "Sabes, chego à conclusão de que o mais importante é dedicarmo-nos às pessoas. Dedicarmo-nos à família e à comunidade. Só isso nos preenche. Só isso tem significado."

"Mas não encontrou significado no seu trabalho?"

"Claro que sim."

"Está a ver? Valeu a pena."

"Mas o preço foi negligenciar a família..."

"Oh, não faz mal. Eu não me queixo. A mãe não se queixa. Estamos bem e temos orgulho em si."

Voltaram a abraçar-se e, por momentos, o silêncio impôs-se naquele pequeno quarto.

"Nunca percebi por que razão as pessoas não vêem o que me parece óbvio e andam tão ocupadas a fazer coisas irrelevantes. Zangam-se, afligem-se, preocupam-se com o que não tem importância, desgastam-se com o acessório. Foi um pouco por isso que me refugiei na matemática, sabes? Achei que nada era importante a não ser percebermos a essência do mundo que nos rodeia."

"Foi isso o que procurou na matemática?"

"Sim. Andei à procura da essência das coisas. Descubro agora, não sei se com embaraço, que, afinal, andei todo este tempo à procura de Deus." Sorriu. "Através da matemática, andei à procura de Deus."

"E encontrou-O?"

O velho pareceu desfocar os olhos.

"Não sei", acabou por dizer. "Não sei." Suspirou. "Encontrei algo de muito estranho. Não sei se é Deus, mas é algo de... extraordinário."

"O quê? O que encontrou?"

"Encontrei inteligência na concepção do universo. Isso é inegável. O universo está concebido com inteligência. Às vezes descobrimos uma coisa curiosa na matemática, uma qualquer brincadeira que, à primeira vista, parece absolutamente irrelevante. Mais tarde acabamos por constatar que aquela curiosidade numérica desempenha afinal um fundamental papel na estruturação de alguma coisa feita pela natureza."

"Estou a ver."

"O que é mais estranho na natureza é que tudo está ligado. Percebes? Mesmo coisas que parecem absolutamente díspares, sem relação umas com as outras... mesmo essas coisas estão ligadas. Quando raciocinamos, alguns electrões deslocam-se no nosso cérebro. Pois essa alteração ínfima acaba por influenciar, mesmo que minusculamente, a história de todo o universo." Fez um olhar sonhador. "Interrogo-me se nós não somos Deus."

"Como assim? Não percebo..."

"Ouve, Tomás. Deus é tudo. Quando olhas para algo da natureza, estás a ver uma faceta de Deus. Ora, como nós fazemos parte da natureza, nós somos também Deus. Entendes?"

"Estou a ver."

"É como se Deus fosse o nosso corpo e nós fôssemos os neurônios desse corpo." Falava pausadamente, como se cada palavra fosse a última, mas atrás dela vinha outra e outra ainda, o velho matemático descobria forças onde já não as parecia ter. "Imagina os nossos neurônios. Com toda a certeza, cada neurônio não sabe que faz parte da fatia pensante e consciente do meu corpo, pois não? Cada um acha que está separado de mim, que não faz parte de mim, que tem a sua individualidade. E, no entanto, a minha consciência é a soma de todas essas individualidades, as quais, aliás, não são individualidades nenhumas, são antes partes de um todo. Quer dizer, uma célula do meu braço não pensa, é como uma pedra na natureza, não tem consciência. Mas os neurônios no cérebro pensam. Eles, se calhar, encaram-me a mim como se fosse Deus e não se apercebem de que eu sou eles em conjunto. Da mesma maneira, nós, os seres humanos, talvez sejamos os neurônios de Deus e não nos apercebemos disso. Achamos que somos individuais, separados do resto, quando afinal fazemos parte de tudo." Sorriu. "Einstein acreditava que Deus é tudo o que vemos e ainda tudo o que não vemos."

"Como sabe isso?"

"O quê? Que Deus é tudo?"

"Não. Como sabe o que Einstein pensava?"

"Oh, era o Augusto que me contava."

"O professor Siza?"

"Sim, o Augusto." Fez um ar cansado. "Coitado, o que será feito dele?"

Tomás quase lhe revelou o destino do amigo, mas conteve-se a tempo; aquela não era a altura para fazer uma revelação tão chocante. Preferiu antes deixar o pai discorrer sobre o que lhe ia na alma.

"Vocês davam-se muito bem, não é?"

"Quem? Eu e o Augusto?"

"Sim."

"Oh, sim. Falávamos muito. O Augusto acreditava na existência de Deus. Eu fazia o papel do cético, o que era sempre do contra."

"O que lhe dizia ele?"

"Citava muito o seu mestre. Dizia que Einstein isto e Einstein aquilo. O homem era um herói para ele." Voltou a sorrir. "Guardou tudo o que Einstein lhe deu, sabias?"

"Ah é?"

"Tudo." Esboçou um esgar nostálgico. "Quando o Augusto desapareceu, o colaborador dele apareceu-me lá em casa, muito nervoso, e entregou-me um envelope lacrado que era do Augusto. Acho que já te contei isso."

"Sim."

"O rapaz vinha muito nervoso. Dizia que quem quer que fosse que tivesse raptado o Augusto poderia voltar e que ele próprio não se encontrava em segurança. Enfim, via-se que estava em pânico, não é?"

"Calculo."

"O moço andava a distribuir pelos outros professores as coisas do Augusto, para dificultar a tarefa dos supostos sequestradores. Claro que aquilo era um imenso disparate, é evidente que não lhe iria acontecer nada de mal, mas quem é que convencia o rapaz do contrário? O tipo estava totalmente em pânico. De maneira que lá lhe fiquei com o envelope."

"Fez bem."

"Agora vais-te rir. Curioso como sou, deslacrei o envelope e fui ver o que estava lá dentro. Sabes o que era?"

"Não."

"Umas relíquias que o Augusto guardou dos seus tempos de Princeton."

"Ah, sim?"

"Pois. Era uma pequena folha rabiscada por Einstein."

"A sério?"

"É verdade. Umas coisas sem sentido, claro. A folha tinha três alfabetos colocados uns em cima dos outros e, no topo, o nome de Einstein em italiano. Pois, olha, o Augusto até isso tinha guardado, vê lá tu."

"O nome de Einstein em italiano? Não estou a perceber..."

"É verdade, tinha o nome dele em italiano."

"Mas como é o nome de Einstein em italiano? Einsteinini?"

O pai riu-se com fraqueza.

"Não, palerma", disse. "Alberti."

"Como?"

"O primeiro nome de Einstein era Albert, não era? Pois ele escreveu Alberti."

Tomás remexeu-se na cadeira, subitamente afogueado, a excitação a rebentar-lhe no peito.

"Alberti? Tem a certeza de que é isso o que estava lá escrito?"

"Sim, claro. Porquê?"

"Ouça, pai", disse Tomás, inclinando-se sobre o paciente. "Onde está guardado esse envelope?"

"Na primeira gaveta da minha secretária, lá em casa. Porquê?"

O filho fez um esforço para conter a excitação que o assomou. Respirou fundo, controlou a vontade de ir a correr para casa e recostou-se na cadeira.

"Por nada, pai. Por nada."

Manuel olhou para ele com ar desconfiado, estranhando a inesperada alteração do seu estado de espírito.

"Passa-se alguma coisa? Eu disse alguma coisa de extraordinário?"

"Não, não. Está tudo bem."

O pai sentia-se demasiado cansado para insistir. Respirou fundo e olhou de relance para a porta.

"A tua mãe?"

"Já vem a caminho. Deve estar a chegar."

"Trata bem dela, ouviste?"

"Sim, claro. Fique descansado."

"Se um dia tiveres de a pôr num lar, escolhe um lar muito bom."

"Oh, pai. Que raio de conversa..."

"Deixa-me falar."

"Sim."

"Trata sempre bem da tua mãe." Tossiu. "Ajuda-a a viver com dignidade o tempo que lhe resta."

"Não se preocupe."

Manuel parou para recuperar o fôlego. Por instantes só se escutou o seu arfar pesado.

"Há uma certa paz na idéia da morte", sussurrou. "Mas, para nos entregarmos a ela, temos de fazer as pazes com a vida. Percebes? Temos de perdoar aos outros. Para o conseguirmos, porém, precisamos primeiro de nos perdoarmos a nós próprios. Perdoa-te a ti mesmo e depois perdoa aos outros." Mais uma pausa para respirar. "Temos medo da morte porque achamos que não fazemos parte da natureza, que uma coisa somos nós e outra é o universo. Mas tudo na natureza morre. De certo modo, nós somos um universo, e, por isso, nós também morremos." Procurou com a mão a mão do filho e enlaçaram os dedos. "Vou-te contar um segredo. Queres ouvir?"

"Sim."

"O universo é cíclico."

"Como?"

"O Augusto contou-me que os hindus acreditam que tudo no universo é cíclico, até o próprio universo. O universo nasce, vive, morre, entra na não-existência e volta a nascer, num ciclo infinito, num eterno retorno. Tudo é cíclico. Chamam-lhe o dia e a noite de Urahman.'' Arregalou os olhos.

"Sabes que mais?"

"Diga."

O pai sorriu.

"Os hindus têm razão."

Sentiram a porta abrir-se e Tomás viu a mãe entrar. Dona Graça vinha com um sorriso confiante, como se aquela fosse mais uma visita, um novo encontro com o marido em convalescença; mas o filho sabia que era tudo fachada, que por detrás daquele sorriso se escondiam as lágrimas, que por detrás daquela confiança se ocultava o absoluto desespero.

Tomás tomou naquele instante consciência de que este era o derradeiro encontro dos pais, o momento em que se iriam amar pela última vez, restavam-lhes poucos instantes para dizerem adeus e seguirem caminhos diferentes. Não há separação mais dolorosa do que aquela que é para sempre. Sem conseguir mais reter a vaga de emoções que o afogava pela garganta, caiu sobre o pai e agarrou-o com força, abraçou-o e beijou-o com saudade, abriu enfim as comportas do rio de lágrimas que lhe

transbordava pelos olhos e deixou soltar-se a comoção de quem sabe que aquela é a despedida.

Até à eternidade.

XLIII

O ribombar longínquo dos trovões anunciava a lenta aproximação da chuva. Tomás olhou para o céu e contemplou os estratos densos que se amontoavam a baixa altitude, sombrios na base, luminosos no topo; mas tão vastos que pareciam uma cobertura, um enorme e opaco teto que deslizava rente ao solo e por toda a região lançava uma penumbra triste, triste e cinzenta.

O céu preparava-se para chorar.

"Pater noster, qui es in caelis,
Sanctificetur nomen tuum,
Adveniat regnum tuum,
Fiat voluntas tua
Sicut in caelo et in terra."

Os ciprestes, altos e esguios, abanavam ao vento e Tomás estreitou a mãe junto a si quando ouviu o padre, terminada a homilia final, fazer o sinal-da-cruz e entoar o pai-nosso em latim, a voz cavada, profunda. Dona Graça chorava baixo, um lenço rendilhado colado ao nariz, e o filho teve o cuidado de a manter colada ao seu corpo, como se assim lhe dissesse que ficasse descansada, que nada temesse, que ele a protegeria.

O caixão do pai, a madeira de nogueira envernizada brilhando à luz tênue da manhã, encontrava-se pousado sobre a terra úmida, junto à cova aberta no chão, e uma pequena multidão de familiares, amigos, conhecidos ou simples alunos e ex-alunos aglomerava-se em redor, numa formação compacta, escutando em silêncio as palavras solenes entoadas pelo capelão da universidade no cemitério da Conchada.

"Panem nostrum super sub stantialem da nobis hodie;
Et dimitte nobis debita nostra,
Sicut et nos dimíttimus debitóribus nostris;
Et ne inducas nos in tentationem,
Sed libera nos a malo.
Amen."

Um murmúrio ergueu-se na multidão, confirmando aquele amen final, e o padre benzeu o caixão. Os coveiros colocaram-se em posição, ergueram o féretro e desceram-no devagar para a cova. O pranto da mãe tornou-se mais convulsivo e o próprio Tomás

teve dificuldade em controlar as emoções. Viu o pai ser engolido por aquele terrível buraco escuro e nesse instante foi assaltado pela imagem do homem sábio, reservado, fechado no seu escritório a resolver os enigmas do universo, tão grande em vida e agora tão reduzido a nada.

A nada.

Sempre lhe disseram que um homem só se torna homem quando o pai morre; mas Tomás não se sentia mais homem porque o pai ia a enterrar. Ao ver as primeiras pazadas de terra tombar sobre o esquife sentiu-se pequeno, uma criança perdida num mundo hostil, abandonada pelo seu protetor, desamparada do aconchego do homem que sempre olhara como quem olha para uma montanha.

Filas de pessoas vieram apertar-lhe a mão. Vinham trajadas de escuro, o olhar pesado, despenteadas pelo vento agreste, soltando palavras de circunstância, dizendo coisas ponderadas, encorajando-o a ter coragem. Conhecia alguns rostos, eram primos e tios que vieram de longe, ou colegas do pai na universidade; mas a maioria não, tratava-se de gente que nunca vira antes e que viera simplesmente para se despedir do velho professor de matemática.

A saída do cemitério viu a longa limusina negra com a matrícula diplomática estacionada no passeio. Procurou em redor e deparou com homens de escuro, de ridículos óculos de sol naquele dia sombrio, aglomerados em torno de um banco de jardim, de aspecto folgado. Os homens viram-no e endireitaram-se, talvez por respeito, talvez porque se preparassem para algo. Uma figura vestida de azul, de corpo esguio e olhar hipnotizante, destacou-se de entre eles e foi para essa figura de fêmea que a atenção de Tomás se desviou, atraído para aqueles olhos melífluos com a mesma força que um metal é atraído para um íman.

Ariana.

Aproximaram-se devagar e abraçaram-se com força. Tomás acariciou-lhe o cabelo negro, afagou-lhe a pele delicada, beijou-lhe a bochecha fofa e os lábios úmidos, sentiu-lhe as lágrimas quentes colarem-se-lhe ao rosto. Ouviu-a gemer e suspirar, estreitou-a para si e aqueceu-se no calor do seu corpo trêmulo, o volume dos seios comprimiu-se-lhe no peito, as mãos afagaram-lhe as costas e os dedos mergulharam-lhe pelo cabelo.

"Tive saudades tuas", murmurou ele.

"E eu tuas", retorquiu ela, a voz num sopro. "Muitas."

"Estás bem?"

"Sim, estou bem, estou bem."

"Trataram-te bem?"

"Sim." Ela afastou o rosto e olhou-o, apreensiva. "E tu? Como te sentes?"

"Estou bem, não te preocupes."

Tomás sentiu vultos moverem-se em redor, mas não se importou. Naquele instante apenas lhe interessava Ariana, a Ariana que ele finalmente estreitava entre os braços, a Ariana com quem partilhava lágrimas de sal e beijos de chocolate, a Ariana que lhe tremia nos braços, que estremecia de saudade e de emoção.

"Hi, Tomás", disse uma voz familiar. "Desculpe interromper o reencontro."

Era Greg.

"Olá."

"Lamento a morte do seu pai... enfim, as circunstâncias não são fáceis, mas temos um trabalho a fazer, não é?"

Tomás desprendeu-se de Ariana, mas não estendeu a mão ao americano; achava que nada tinha para lhe agradecer nem nada o obrigava a ser delicado depois de tudo o que se passara.

"Sim."

"Como deve calcular, eu corri um grande risco em cancelar o vôo da CIA para Islamabad. Quando você me telefonou com a notícia, já íamos para o aeroporto e tive algum trabalho em convencer Langley de que, se você realmente tinha cumprido a sua parte do negócio, só nos restava cumprir a nossa."

"Do que está você à espera agora?", perguntou Tomás com secura. "Que eu lhe agradeça?"

"Não, não estou à espera de tal coisa", disse Greg, mantendo o ar profissional. "Estou à espera que você me mostre qual a mensagem que Einstein escondeu no manuscrito. O próprio mister Bellamy já me ligou duas vezes para saber a resposta."

As primeiras bátegas começaram a cair; primeiro tímidas, depois insistentes. Tomás olhou em redor, como se procurasse algo. Encontravam-se perto do portão do cemitério e mantinha-se ali ainda muita gente que viera do funeral, a maior parte a abrir com fragor os guarda-chuvas negros e a dispersar-se apressadamente pelo passeio.

"Ouça, não haverá por aqui um lugar discreto onde nos possamos sentar?"

O americano apontou para o enorme Cadillac da sua embaixada, estacionado alguns metros adiante.

"Vamos para ali."

A limusine era espaçosa, com bancos a toda a largura do interior e o centro ocupado por uma pequena mesinha. Tomás e Ariana sentaram-se lado a lado, as costas voltadas para a longa janela lateral por onde as gotas deslizavam como lágrimas perdidas, deixando no vidro um rasto serpenteado. Greg ajeitou-se junto a eles e fechou a porta. Lá fora ficaram os restantes americanos, presumivelmente todos eles seguranças, entregues às bátegas gordas que jorravam do céu em fúria.

"Whiskey?", perguntou o adido da embaixada, levantando uma tampa e revelando um pequeno bar.

"Não, obrigado."

Um estrelejar saracoteado entoava no tejadilho da limusine, era a chuva que caía forte e tamborilava com fragor ao longo do Cadillac. Os dois amantes aconchegaram-se um ao outro, sentindo o calor dos corpos e o conforto do abrigo.

Greg serviu-se de whiskey americano on the rocks e voltou-se para o historiador.

"Então? Onde está a mensagem?"

Tomás mergulhou a mão no bolso do casaco e tirou a folha amarrotada, que exibiu ao adido.

"Está aqui."

Greg espreitou a folha e viu a charada.

"Desculpe, mas o que é isto?"

"É a mensagem cifrada."

"Isso já eu percebi. Mas onde está a mensagem decifrada?"

Tomás apontou para a primeira linha.

"Está a ver este see sign?"

"Sim."

"E um anagrama. Mudando a ordem das letras, descobrimos que see sign se transforma em Gênesis. Ou seja, o que Einstein quis aqui dizer foi: see the sign in Gênesis. Isto é: vejam o sinal no Gênesis."

"O sinal no Gênesis? Qual sinal?"

O criptanalista estreitou os lábios.

"Pois, esse é o problema. Qual sinal?" Apontou para o !ya ovqo da segunda linha. "Esta sequência final deverá dar a resposta a essa pergunta. Não se trata de um anagrama, mas de uma cifra de substituição, o que complica muito mais as coisas porque precisamos de uma chave para a decifrar. Disseram-me que a chave era o nome de Einstein, o que pressupunha uma cifra do estilo da cifra de César. Mas as minhas tentativas para quebrar esta charada, usando uma cifra de César com o nome de Einstein, resultaram infrutíferas."

"E qual foi a tentativa que resultou?"

Tomás fez um ar embaraçado.

"Bem... uh... nenhuma resultou."

"Perdão?"

"Nenhuma resultou."

Greg esboçou uma expressão perplexa.

"Desculpe, mas está a brincar comigo ou quê? Você ainda não quebrou a cifra?"

"Não."

Um rubor de irritação cresceu no rosto do americano.

"Damn it, Tomás! O que me disse você ao telefone, uh? Não foi que tinha conseguido? Uh? Não foi que tinha adquirido a chave?"

"Foi."

"E então? O que estou eu aqui a fazer?"

Tomás sorriu pela primeira vez nesse dia, intimamente satisfeito por ter enervado o seu interlocutor.

"Você está aqui para assistir à quebra da cifra."

Greg pestanejou, baralhado.

"Desculpe, não estou a entender."

"Ouça, eu já adquiri a chave, fique descansado. O problema é que, com a morte do meu pai, não tive ainda tempo nem disposição para quebrar a cifra, percebeu?"

"Ah... okay."

"Vamos decifrá-la agora, está bem?"

"All right."

Tomás tirou um envelope do bolso. Era um sobrescrito velho, amarelado pelo tempo, com um lacre quebrado numa das faces. Meteu os dedos no interior e extraiu uma pequena folha igualmente envelhecida. Um lado da folha tinha a referência Die Gottesformel com a assinatura de Einstein por baixo, e o verso apresentava uma sequência de letras rabiscadas a tinta permanente.

"O que é isto?", perguntou Greg com uma careta.

"É a chave."

"A chave da cifra?"

"Sim." Endireitou-se. "Pelos vistos o que aconteceu foi que Einstein entregou ao professor Siza o manuscrito intitulado Die Gottesformel, com a garantia de que o seu pupilo apenas o tornaria público se conseguisse uma segunda via científica que provasse a existência de Deus. Como é natural, o autor das teorias da Relatividade não se queria cobrir de ridículo, não é? Ele precisava de uma confirmação para o que tinha descoberto na análise relativística dos seis dias da Criação." Apontou para a folha amachucada com as duas linhas cifradas. "Como precaução adicional, cifrou a fórmula de Deus. O problema é que a cifra era complexa e ele receou que nunca viesse a ser quebrada. Colocou então a chave num envelope e lacrou-o, entregando-o ao professor Siza com a garantia de que só o abriria quando descobrisse a segunda via." Acenou com a nota agora retirada do sobrescrito lacrado. "Ora, os tipos do Hezbollah que raptaram o professor e levaram o manuscrito para Teerã desconheciam, como é natural, a existência deste envelope. O colaborador do professor Siza, o professor Luís Rocha, também desconhecia a história por detrás deste sobrescrito, mas sabia que o seu tutor o considerava muito valioso e, com medo que os assaltantes voltassem para o buscar, entregou-o ao meu pai."

"O seu pai tinha isso?"

"Sim, só me apercebi disso na nossa última conversa. O meu pai era muito amigo do professor Siza, de quem foi colega na Universidade de Coimbra, e o professor Luís Rocha achou que, nas mãos do meu pai, o envelope lacrado ficaria em segurança."

"E o seu pai sabia o que isso era?"

"Não, não fazia a mínima idéia. Como é... uh... como era um homem muito curioso, deslacrou o envelope e espreitou o interior." Exibiu a face da folha com a assinatura de Einstein. "Percebeu que se tratava de algo escrito pela mão de Einstein, conforme o prova esta assinatura, mas pensou que não passava de uma mera relíquia, nada de importante."

"I see."

"Foi por um mero acidente que ele me mencionou isto, resolvendo assim o mistério."

"Por mero acidente?", perguntou Greg. "Isso existe?"

Tomás sorriu.

"Tem razão, não há acidentes. Estava predestinado, não é?"

O americano bebeu um trago de whiskey.

"Okay, nice story", exclamou. "E agora?"

"E agora vamos decifrar a mensagem."

"Great"

Tomás apontou para a palavra no topo da folha com a chave.

"Está a ver este nome?"

"Alberti?"

"Sim."

"O que tem ele?"

"É uma idéia inteligente, sabe? Einstein brincou aqui com o seu nome próprio, Albert. Um leigo que veja isto pensa que se trata de uma mera referência italianizada ao seu nome, mas um criptanalista logo percebe que está perante algo bem diferente."

"Ah, sim? O quê?"

"Leon Battista Alberti era um polímata florentino do século XV. Foi uma destacada figura do Renascimento italiano, uma espécie de Leonardo da Vinci em escala pequena, está a ver? Era filósofo, compositor, poeta, arquiteto e pintor, autor da primeira análise científica da perspectiva, mas também de um tratado, veja só, sobre a mosca doméstica." Sorriu. "Foi ele quem concebeu a primeira Fonte Trevi de Roma."

Greg abanou a cabeça e curvou os lábios.

"Nunca ouvi falar."

"Não é importante", disse o criptanalista com um gesto vago. "Um dia, Alberti andava a passear pelos jardins do Vaticano quando encontrou um seu amigo que trabalhava para o Papa. A conversa informal abordou alguns pontos interessantes da criptografia e encorajou Alberti a preparar um ensaio sobre o assunto. Entusiasmado, Alberti propôs uma nova forma de cifra. A sua idéia era utilizar dois alfabetos de cifra, cada letra alternando entre um e outro alfabeto, de modo a confundir os criptanalistas. Foi uma idéia genial, uma vez que implicava que a mesma letra do texto simples não aparecia necessariamente como a mesma letra no alfabeto da cifra, o que dificultava a decifração."

"Não estou a perceber."

Tomás ajeitou a folha com a chave e apontou para as linhas com os alfabetos.

"É fácil", disse. "Na primeira linha encontra-se o alfabeto simples, não é? As duas linhas de baixo são as dos alfabetos de cifra. Imagine que eu quero escrever aacc. A letra do primeiro alfabeto de cifra correspondente ao a é o f e ao c é o b, não é? E no segundo alfabeto de cifra são, respectivamente, as letras g e x. Então, a mensagem aacc, quando cifrada através deste sistema, fica fgbx, está a ver? Alternando-se a mensagem original entre os dois alfabetos, não há repetição de letras, o que dificulta a decifração."

"Ah, entendi."

"O que Einstein nos deu foi a informação de que tinha usado uma cifra de Alberti e mostrou-nos quais as duas sequências corretas dos alfabetos de cifra."

Greg apontou para a segunda linha da mensagem cifrada.

"Se utilizarmos esse método, saberemos qual a mensagem ocultada por este !ya ovqo?"

"Sim, em princípio sim."

"Então do que estamos à espera? Let's do it, pal!"

Tomás pegou na caneta e comparou cada letra aos alfabetos de cifra.

"Ora bem, vamos lá a ver o que significa este !ya ovqo." Suspirou. "O y do primeiro alfabeto de cifra corresponde a um i e o a no segundo alfabeto de cifra

corresponde a um l." Rabiscou as letras. "Hmm... o o dá r e o v dá s. O q é um v e o o é um b."

A frase emergiu no papel.

!il rrsvb

"Não estou a perceber", disse Greg, carregando as sobrancelhas. "Il rsvb"? Mas o que é isto?"

"É a mensagem original cifrada por Einstein", explicou Tomás.

O americano ergueu os olhos e mirou-o com uma expressão interrogativa.

"Mas isto não significa nada..."

"Pois não."

"E então?"

"E então, temos de prosseguir a decifração, não acha?"

"Prosseguir a decifração? Como assim? Isto não está decifrado?"

"É evidente que não", exclamou Tomás. "Como você constatou, il rsvb não significa nada. O que quer dizer que apenas cumprimos um passo da decifração."

"Há mais passos, é?"

"Claro que há." Apontou para a última palavra rabiscada por baixo das linhas com os alfabetos. "Está a ver este nome aqui?"

"Sim. O que tem?"

"Consegue ler?"

Greg inclinou-se sobre o papel.

"At... uh... atbart?"

"Atbash."

"Atbask", repetiu o americano. "O que é isso?"

"O atbask é uma forma tradicional de cifra de substituição hebraica, utilizada para ocultar significados no Antigo Testamento. A idéia é pegar numa letra que está, por exemplo, a três lugares do início do alfabeto e substituí-la pela letra correspondente a três lugares do fim do alfabeto. Assim o c torna-se x, não é? A terceira letra a contar do princípio é substituída pela terceira do fim, e assim sucessivamente."

"Estou a entender."

"Há vários exemplos de atbasb no Antigo Testamento. Em Jeremias aparece por vezes a palavra chechac, começando por duas letras hebraicas shin e por um kaph. Ora, o shin é a penúltima letra do alfabeto hebraico. Substituindo-a pela segunda do alfabeto ficamos com beth. Kaph é a décima segunda letra a contar do fim, pelo que vamos substituí-la pela décima segunda letra a contar do princípio, o lamed. Portanto, o shinshinkaph, que dá chechac, torna-se beth-beth-lamed. Babel. Chechac quer dizer Babel. Entendeu?"

"Sim, é engenhoso."

"Engenhoso e simples."

"Einstein utilizou atbash nesta sua cifra?"

"É o que diz a anotação, não é? Repare. Alberti significa, como é óbvio, a cifra de Alberti, com os correspondentes alfabetos de cifra. Atbash significa que temos agora de procurar as letras simétricas correspondentes a il rsvb, não é?"

"Parece lógico", concordou Greg. "Vamos a isso?"

Tomás cravou os olhos na anotação com !il rsvb e contou a posição de cada letra no alfabeto.

"Ora, o i é a nona do princípio. A nona do fim é... uh... o r. O l é a décima segunda do princípio, o que corresponde a... a... ao o. O r dá... dá i, o s... uh... dá h, o v dá... dá e e o b remete para o... o y."

Apresentou o resultado.

!ro ihey

"O que é isto?", perguntou Greg. "Ro ihey? O que significa isso?"

O criptanalista estreitou os olhos e estudou a mensagem, intrigado.

"Realmente... uh..." gaguejou, mordendo o lábio inferior. "Não sei... não sei o que seja."

"Será uma língua estranha?"

A sugestão fez Tomás arregalar os olhos.

"Pois é óbvio que é", exclamou. "Se é um sinal do Gênesis, tem de ser em hebraico, não é?"

"E você sabe hebraico?"

"Estou a aprender", disse. "Mas já sei o suficiente para perceber que o hebraico se lê da direita para a esquerda e não da esquerda para a direita." Pegou na caneta. "Espere aí, vou pôr à nossa maneira."

Inverteu a sequência das letras.

Yehi or!

"Yehi or!", leu Greg. "O que quer dizer isso?"

Tomás empalideceu.

"Meu Deus! Meu Deus!"

"O que foi?"

"Yehi or! Não está a perceber? Yehi or!"

"Mas o que é isso?"

"See sign Gênesis. Yehi or!" Bateu com o indicador na frase rabiscada no papel. "É este o sinal do Gênesis. Yehi or!"

"Sim, mas o que significa yehi or?"

Tomás olhou para Greg e para Ariana, estupefacto, embasbacado, digerindo a enormidade do que acabara de lhe ser revelado, invadido por um tropel de imagens e sons e palavras e pensamentos que, naquele instante, como que coreografados em

súbita sincronia, como uma sublime melodia que emerge da orquestra mais caótica, se encaixaram uns nos outros e extraíram da treva a verdade mais profunda.

Om.

O om primordial que criou o universo ressoou-lhe na memória pelo coro cavado dos monges tibetanos. Foi ao som penetrante do mantra fundador que se lembrou do permanente bailado de nascimento e morte, de criação e destruição, a divina coreografia incorporada na eterna dança de Shiva; e foi ainda com aquela sílaba sagrada a ecoar-lhe na mente que compreendeu o segredo da Criação, o enigma por detrás do Alfa e para além do Ômega, a equação que faz do universo o universo, o misterioso desígnio de Deus, o surpreendente objetivo da vida, o software inscrito no hardware do cosmos.

O endgame da existência.

Diante de si, rabiscada a caneta, inscrevia-se a fórmula que rompe a não-existência e tudo cria.

Tudo, incluindo o Criador.

"Tomás", insistiu o americano, impaciente, quase abanando o seu interlocutor. "O que diabo significa yehi or?"

O criptanalista olhou para ele e para Ariana, olhou-os com espanto e maravilha, olhou-os como se tivesse despertado de um longo transe e, num sopro tênue, quase temeroso, nomeou enfim a equação mágica, o enunciado a que a inteligência que se espalhar pelo universo terá um dia de recorrer para escapar ao cataclismo do fim dos tempos e começar tudo de novo.

A fórmula de Deus.

"Faça-se luz!"

O rosto de Greg permaneceu inexpressivo, como uma janela fechada que esconde o brilho do dia para lá dela, como uma tela branca que espera o pincel colorido que lhe dará vida.

"Faça-se luz?", murmurou por fim. "Não estou a perceber..."

Tomás inclinou-se para a frente, aproximando o seu rosto excitado da face opaca do americano.

"É esta a prova bíblica da existência de Deus. Faça-se luz!"

O seu interlocutor abanou a cabeça, ainda sem nada compreender.

"Desculpe, mas isso não faz qualquer sentido. Como é que esta expressão prova a existência de Deus?"

O criptanalista suspirou, impaciente.

"Ouça, Greg. A expressão em si não prova a existência de Deus. Ela tem de ser interpretada no contexto das descobertas feitas no campo da ciência, está a perceber? É essa a verdadeira razão pela qual Einstein não quis divulgar o seu manuscrito. Ele sabia que este enunciado bíblico não chegava, era necessária confirmação científica." Recostou-se no assento e arregalou os olhos, num crescente empolgamento. "Essa confirmação já surgiu. Entende? Essa confirmação já surgiu e mostra que a Bíblia, por mais incrível que pareça, encerra verdades científicas profundas. E é nesse sentido que a expressão faça-se luz! prova a existência de Deus."

"Desculpe, mas continuo sem ver essa prova. Explique lá isso melhor."

"Muito bem", exclamou Tomás, massageando o rosto com a ponta dos dedos enquanto reordenava os pensamentos. Inspirou fundo e fitou o seu interlocutor. "A Bíblia diz que o universo começou com uma explosão de luz, não é verdade? Deus disse: faça-se luz! E a luz fez-se."

"Sim."

"Einstein intuiu que este enunciado bíblico era verdadeiro. Anos depois da sua morte, a descoberta da radiação cósmica de fundo veio provar que a hipótese do Big Bang era correta. O universo nasceu de fato de uma espécie de explosão inicial, o que significa que afinal a Bíblia tinha razão: tudo começou quando a luz se fez."

"Sim."

"A questão que se coloca agora é a de determinar quem é a entidade que obrigou a luz a fazer-se."

"Está a falar de Deus..."

"Chame-lhe Deus se quiser, o nome não interessa. O que interessa é o seguinte: o universo começou com o Big Bang e vai acabar com o Big Freeze ou com o Big Crunch. Einstein suspeitava que será com o Big Crunch."

"Que é o Big Bang ao contrário."

"Exato", confirmou Tomás. Voltou a inclinar-se para a frente, irrequieto de excitação. "Agora preste atenção a isto. A revelação do Princípio Antrópico, associada à descoberta de que tudo está determinado desde o início dos tempos, demonstra que sempre houve uma intenção de criar a humanidade. O mistério é saber porquê. Por que razão se criou a humanidade? Qual o seu desígnio? Por que raio andamos aqui? Por que motivo fomos criados?"

"Mistérios insondáveis..."

"Talvez não sejam tão insondáveis quanto isso."

"O que quer você dizer? Há resposta para essas perguntas?"

"Claro que há." Acenou com a folha rabiscada, a linha yehi or! claramente visível sobre o papel. "A resposta está inscrita aqui na fórmula de Deus. Faça-se luz! Einstein concluiu que a humanidade não é o endgame do universo, mas um instrumento para se alcançar o endgame."

"Um instrumento? Não estou a entender."

"Repare na história do universo. A energia gera matéria, a matéria gera vida, a vida gera inteligência." Pausa. "E a inteligência? O que vai ela gerar?"

"Não faço a menor idéia."

"Ao identificar o faça-se luz! com a fórmula divina, Einstein foi o primeiro a responder essa pergunta."

"Ah, sim? E o que concluiu ele?"

"Deus."

"Como?"

"A inteligência gera Deus."

Greg contraiu as sobrancelhas e abanou a cabeça.

"Não sei se estou a acompanhar o seu raciocínio..."

"É muito simples", murmurou Tomás. "A humanidade foi criada para desenvolver uma inteligência ainda mais sofisticada do que a biológica. A inteligência artificial. Os computadores. Daqui a centenas de anos, os computadores serão mais inteligentes do que o homem e, dentro de milhões de anos, estarão habilitados a escapar às alterações cósmicas que ditarão o fim da vida biológica. Os seres vivos baseados no átomo de carbono não serão viáveis daqui a muitos milhões de anos, quando as condições cósmicas se alterarem, mas os seres vivos baseados noutros átomos poderão sê-lo. São os computadores. Eles vão espalhar-se pelos quatro cantos do universo e, colocados em rede daqui a milhares de milhões de anos, tornar-se-ão uma única entidade, onisciente e onipresente. Nascerá o grande computador universal. O problema é que a sua sobrevivência será ameaçada pelo Big Crunch, não é? O grande computador universal ver-se-á então colocado perante este problema: como escapar ao fim do universo? A resposta vai emergir de forma terrível." Fez uma pausa. "Não há escapatória, o fim é inexorável."

"Então acaba-se tudo."

Tomás sorriu, malicioso.

"Não exatamente. Há uma maneira de o grande computador universal garantir que voltará a existir."

O criptanalista fez uma pausa, como se quisesse criar suspense.

"Qual?", quis saber o americano.

"O grande computador universal terá de controlar ao pormenor a forma como o Big Crunch irá ocorrer. Terá de controlar tudo segundo uma fórmula que lhe permita recriar o mesmo universo depois do Big Crunch, de modo a que tudo possa voltar a existir. Tudo, incluindo ele próprio."

"Recriar tudo?"

"Sim. O grande computador universal vai desaparecer com o Big Crunch, mas, entretanto, conceberá uma fórmula que lhe permitirá reaparecer no novo universo. Essa fórmula implicará uma distribuição da energia com um rigor e afinação tais que, evoluindo depois de modo determinista segundo leis e constantes com valores devidamente definidos, permitirá que reapareça no novo universo a matéria, depois a vida e finalmente a inteligência, aplicando assim de novo o Princípio Antrópico."

"E que fórmula será essa?"

Tomás encolheu os ombros.

"Não sabemos, é algo de tão complexo que só uma superinteligência a poderá conceber. Mas a fórmula vai existir e a sua concepção está metaforicamente inscrita na Bíblia."

"Faça-se luz!", sussurrou Greg, os olhos azuis cintilando.

"Nem mais." Tomás sorriu. "Faça-se luz!" Inclinou a cabeça. "A fórmula de Deus."

"Espere um momento", cortou o americano, erguendo as mãos como quem pede um intervalo. "Você está a insinuar que Deus é um computador?"

"Toda a inteligência é computadorizada", devolveu o criptanalista num tom condescendente. "Isso foi uma coisa que eu aprendi com os físicos e os matemáticos." Bateu com o dedo na testa. "Inteligência é computação. Os seres humanos, por exemplo, são uma espécie de computadores biológicos. Uma formiga é um computador biológico simples, nós somos mais complexos. Só isso."

"Essa definição parece-me um pouco forte..."

Tomás encolheu os ombros.

"Ouça, se isso o incomoda não lhe chamemos grande computador universal, está bem? Chamemos-lhe... sei lá, chamemos-lhe... uh... inteligência criadora, grande arquiteto, entidade superior, o que você quiser. Não interessa o nome. O que interessa é que é essa inteligência que está na raiz de tudo."

"Estou a ver."

"Einstein concluiu que o universo existe para criar a inteligência que irá gerar o próximo universo. É esse o software do universo, é esse o endgame da existência. Faça-se luz! é a metáfora bíblica para a fórmula da criação do universo, a fórmula que o grande computador universal irá enunciar quando ocorrer o Big Crunch, a fórmula que provocará um novo Big Bang e tudo irá recriar. Tudo, incluindo Deus. O objetivo último do universo é recriar Deus e nós não passamos de um instrumento desse ato."

Os olhos do americano dançaram entre Tomás e Ariana. Olhou para o rascunho que o criptanalista segurava com intensidade entre os dedos e compreendeu enfim o derradeiro segredo de Einstein — a revelação da existência de Deus, do propósito do universo, do desígnio da humanidade.

"Isso é... é incrível."

Tomás não respondeu. Abriu a porta do carro e espreitou para a rua. Já não chovia; uma aragem fresca acariciou-lhe o rosto, era leve e pura, quase perfumada de tão límpida. Pequenas poças de água espalhavam-se pelo passeio e pela estrada, cristalinas, refletindo como espelhos o céu denso, era como se a chuva tudo tivesse lavado. A manhã pintava-se de azul, serena e melancólica, respirando ao ritmo das bátegas de água que pingavam grossas das folhas e tombavam no solo húmido com estalidos molhados, quase musicais. A luz do sol espraiava-se com bonomia, filtrada suavemente pelas nuvens que se afastavam lá em cima, umas carregadas e pachorrentas, outras pálidas e ligeiras.

O historiador endireitou-se cá fora, deu a mão a Ariana e ajudou-a a sair. Os seguranças americanos, que se tinham refugiado por baixo de um carvalho frondoso e ainda lacrimejante, aproximaram-se e interrogaram Greg com os olhos, como se pedissem instruções. O adido fez-lhes um sinal silencioso com a cabeça, estava tudo bem, e os homens descontraíram.

Antes de se afastar, Tomás voltou-se para a porta da limusina e encarou Greg uma derradeira vez.

"É estranho como durante tanto tempo a humanidade em geral intuiu a verdade intrínseca por detrás do universo", comentou. "Já reparou nisso?"

"O que quer você dizer?"

"Antes de morrer, o meu pai contou-me que os hindus consideram que tudo é cíclico. O universo nasce, vive, morre, entra na não-existência e volta a nascer, num ciclo infinito, num eterno retorno a que chamam a noite e o dia de Brahman. A história hindu da criação do mundo é a do ato pelo qual Deus se torna o mundo, o qual se torna Deus."

"Espantoso."

Tomás sorriu.

"É, não é?" Respirou fundo. "Ele recitou-me também um interessante aforismo de Lao Tzu, um poema taoísta que encerra o segredo do universo. Quer ouvir?"

“Sim.”

Um súbito sopro de vento agitou os carvalhos, agreste e violento, arrancando folhas e vergastando os vultos sombrios que rodeavam a limusina molhada. Parecia agora que o céu uivava, ululando de modo quase sinistro, como se tentasse romper a doce brandura que se instalara depois da chuva, como se ameaçasse desencadear um novo e punitivo dilúvio, como se clamasse vingança por ver arrancado ali o seu mistério mais profundo.

Mas Tomás não se intimidou e recitou o poema como se ainda o escutasse dos lábios trêmulos do pai; recitou-o com fervor, com paixão, com a intensidade de quem sabe que encontrou o caminho e que percorrê-lo é o seu destino.

"No fim do silêncio está a resposta,

No fim dos nossos dias está a morte.

No fim da nossa vida, um novo início."

Um novo início.

Nota final

Quando o astrofísico Brandon Carter propôs, em 1973, o Princípio Antrópico, parte da comunidade científica mergulhou num intenso debate sobre a posição da humanidade no universo e o significado último da sua existência. Pois se o universo está afinado para nos criar, será que temos um papel a desempenhar no universo? Quem concebeu esse papel? E, já agora, que papel será esse?

Foi com Copérnico que os cientistas passaram a acreditar que a existência dos seres humanos é irrelevante para o cosmos em geral, uma idéia que tem dominado o pensamento científico desde então. Mas, na década de 1930, Arthur Eddington e Paul Dirac notaram inesperadas coincidências envolvendo um número de enorme magnitude que começou a aparecer nos mais variados contextos da cosmologia e da física quântica, o estranho 10 elevado a 40.

A revelação de novas coincidências foi-se acumulando com o tempo. Descobriu-se que as constantes da natureza requeriam valores incrivelmente rigorosos para que o universo fosse como é e percebeu-se que a expansão do universo tinha de ser controlada até à mais ínfima ordem de grandeza para produzir o misterioso equilíbrio que possibilita a nossa existência. As descobertas foram-se multiplicando. Compreendeu-se que as estruturas essenciais à vida, como o aparecimento de estrelas parecidas com o Sol ou o processo de produção de carbono, dependiam de uma espantosamente improvável sequência de acidentes consecutivos.

Que significado têm estas descobertas? A primeira constatação é que o universo foi concebido com a afinação adequada para, no mínimo, gerar vida. Mas esta conclusão suscita inevitavelmente um problema filosófico de suprema magnitude — a questão da intencionalidade da criação do universo.

Para contrariar a conclusão óbvia que se pode extrair destas descobertas, muitos cientistas defendem que o nosso universo é apenas um entre milhares de milhões de

universos, cada um com valores diferentes nas suas constantes, o que significa que estarão quase todos desprovidos de vida. Assim sendo, é apenas uma coincidência que o nosso universo esteja afinado para produzir vida —

a esmagadora maioria de universos não tem vida. O problema desta argumentação é que ela não é baseada em nenhuma observação ou descoberta. Nunca ninguém vislumbrou os menores traços da existência de outros universos nem remotos vestígios de diferentes valores das constantes da natureza. Ou seja, a hipótese dos multiuniversos assenta justamente naquilo que a ciência mais critica no pensamento não científico — a fé.

Poder-se-á dizer o mesmo da tese de fundo deste romance? A idéia de um universo cíclico, pulsando ao ritmo de sucessivos Big Bang e Big Crunch, encontra-se inscrita em várias cosmologias místicas, incluindo a hindu, mas, no campo científico, foi pela primeira vez aventada por Alexander Friedmann e desenvolvida separadamente por Thomas Gold e John Wheeler. Esta teoria depende, claro, de uma premissa essencial — a de que o universo não acabará no Big Freeze,

mas no Big Crunch. A observação de uma aceleração da expansão do universo indicia um Big Freeze, mas há bons motivos para acreditar que essa aceleração é temporária e que o Big Crunch permanece viável.

É certo que, neste romance, estamos a levantar uma hipótese ainda mais arrojada, que depende da premissa do universo cíclico mas vai para além dela. Trata-se da possibilidade de o cosmos estar organizado de modo a criar vida, sem que a vida seja um fim em si mesmo, mas um meio para permitir o desenvolvimento da inteligência e da consciência, as quais, por seu turno, se tornariam instrumentos que viabilizariam o endgame último do universo: a criação de Deus. O universo revelar-se-ia então um imenso programa cíclico elaborado pela inteligência do universo anterior com o objetivo de assegurar o seu regresso no universo seguinte.

Embora especulativa, esta possibilidade do universo pulsante bate certo com certas descobertas científicas feitas pelo homem. É verdade que não existe a menor prova de que antes do nosso universo houve outro universo que acabou num Big Crunch. Se existiram outros universos antes do nosso, e isso é possível, o facto é que o Big Bang apagou todas as provas. Os traços do último Ômega foram rasurados pelo nosso Alfa. Mas o facto é que algo provocou o Big Bang. Algo que não sabemos o que é. Estamos então a falar de uma mera possibilidade — mas de uma possibilidade que, embora metafísica, assenta numa hipótese admitida pela física.

Aos que têm dúvidas sobre a base científica desta hipótese, sugiro que consultem a bibliografia a que recorri de modo a sustentar a tese de fundo do romance. Para as questões relacionadas com o Princípio Antrópico e a expansão da inteligência pelo cosmos foram imprescindíveis The Anthropic Cosmological Principie, de John Barrow e Frank Tipler; The Physics of Immortality, de Frank Tipler; The Constants of Nature, de John Barrow; e The Accidental Universe, de Paul Davies. Para as conclusões constantes no imaginário Die Gottesformel, baseei-me em The Science of God, de Gerald Schroeder. Para informação científica geral ou outros pormenores científicos abordados por este romance, destaque para Theories of the Universe, de Gary Moring; Universe, de Martin Rees; The Meaning of Relativity, de Albert Einstein; The Evolution of Physics, de Albert Einstein e Leopold Infeld; The Physical Principies of the Quantum Theory e La nature dans la physique contemporaine, de Werner Heisenberg; Chaos, de James Gleick; The Essence of Chaos, de Edward Lorenz; Introducing Chaos, de Ziauddin Sardar e Iwona Abrams; O Caos e a Harmonia, de Trinh Xuan Thuan; Chaos and Nonlinear Dynamics, de Robert Hilborn; Sync, de Steven Strogatz; The Mind of God e God and the New Physics, de Paul Davies; The Tao of Physics, de Fritjof Capra; Introducing Time, de Craig Callender e Ralph Edney; A Short History of Nearly

Everything, de Bill Bryson; Cinco Equações Que Mudaram o Mundo, de Michael Guillen; e How We Believe, de Michael Shermer.

Agradecimentos a Carlos Fiolhais e João Queiró, professores de Física e de Matemática da Universidade de Coimbra, pela revisão científica deste romance — se algum erro existir, não se deverá decerto a quaisquer falhas suas, mas à minha proverbial teimosia; a Samten, o meu guia no Tibete; ao meu editor, Guilherme Valente, e a toda a equipe da Gradiva, pelo seu empenho e dedicação; e, claro, à Florbela, como sempre a primeira leitora e a principal crítica.

